

BIOGRAFIAS

BIOGRAFIAS

Biografia: descrição ou a história da vida de alguém.

Há muito tempo que o meio espírita brasileiro, os Centros Espíritas e as Federações Espíritas, vem tentando concluir uma obra que reúne as biografias de grandes obreiros da Seara Espírita nacional e internacional.

Atendendo a estas solicitações foi que muitos jornalistas, biógrafos se dispuseram a efetuar esta tarefa neste últimos vinte anos, tais como: Paulo Alves Godoy, Antonio Souza de Lucena, Zêus Wantuil, etc. Mesmo assim, é gritante a falta de informações biográficas de muitos seareiros que desempenharam papel de relevância na Terra.

**Alguns livros surgiram recentemente, os quais
ensejaram a oportunidade de projetar na
posteridade,
os nomes de alguns dos mais salientes militantes
espíritas, no entanto, um elevado número de
outros
obreiros permanece relegado ao esquecimento.
Embora reconhecendo que muitos Espíritos
desencarnados não dão qualquer apreço às
homenagens terrenas, é óbvio que os nossos
pósteros
não podem e não devem ignorar, ainda que de
forma bastante resumida e apagada, a obra por
eles
deixada na Terra, pois muitos deles por aqui
passaram como verdadeiros rasgos de luz a
iluminar
os horizontes do mundo.**

**Alguns órgãos da imprensa espírita, num trabalho
hérculeo, têm procurado pesquisar e difundir
ligeiros dados biográficos de muitos espíritas que
desempenharam tarefas de projeção na
Terra, o que tem contribuído, de algum modo, para
preencher esta lacuna.**

**O militante espírita inicial da Doutrina Espírita
codificada por Allan Kardec, pode sentir-se que
possui
a cruz mais pesada do mundo, mas, ao ler as
biografias destes grandes obreiros poderá
observar**

nelas uma grande lição de vida, pois, ele ficará ao par de todo o sofrimento por eles passado num tempo retrógrada sentindo então, que nos nossos dias a nossa cruz é muito mais leve, que o nosso sofrimento embora achemos exagerado, é muito pouco perto daquele passado por esses obreiros já desencarnados em tempos muito difíceis. Ele deve levantar a cabeça, sentir-se mais propenso a aceitar a sua carga de trabalho com resignação e trabalhar com louvor.

<u>BIOGRAFIA DO CODIFICADOR:</u> <u>ALLAN KARDEC</u>	<u>BIOGRAFIA</u> <u>DE</u> CHICO XAVIER
---	--

<u>Abel Gomes</u>	<u>Abib Isfer</u>
<u>Adelaide Augusta Câmara</u>	<u>Adolfo Bezerra de Men.Cavalcanti</u>
<u>Afonso de Liguori</u>	<u>Agostinho Pereira de Souza</u>

<u>Alexandre Aksakof</u>	<u>Alfred Russel Wallace</u>
<u>Alfred Caetano Munhoz</u>	<u>Alfredo Molinaro</u>
<u>Álvaro Holzmann</u>	<u>Ali Halfeld</u>
<u>Amália Domingos Soler</u>	<u>Amélie Gabrielle Boudet</u>
<u>Anália Franco</u>	<u>Andrew Jackson Davis</u>
<u>Angel Aguarod</u>	<u>Antônio Barbosa da Paixão</u>
<u>Antônio Gonç. da Silva Bатуíra</u>	<u>Antônio Luiz Sayão</u>
<u>Antônio Wantuil de Freitas</u>	<u>Aristides de Souza Spínola</u>
<u>Aristóteles Soares da Rocha</u>	<u>Arthur Conan Doyle</u>
<u>Arthur Lins de Vasconcelos Lopes</u>	<u>Ary Lex</u>
<u>Augusto Militão</u>	<u>Augusto Elias da</u>

<u>Pacheco</u>	<u>Silva</u>
<u>Aurora</u>	<u>Auta de Souza</u>
<u>Barão de Goldenstubbé</u>	<u>Benedita Fernandes</u>
<u>Benedito Godoy Paiva</u>	<u>Benjamin Franklin</u>
<u>Bento de Nursia</u>	<u>Benvindo da Costa Melo</u>
<u>BEZERRA DE MENEZES</u>	<u>Blaise Pascal</u>
<u>Blandina Philippini Ferreira</u>	<u>Cairbar Schutel</u>
<u>Camille Flammarion</u>	<u>Carlos Gomes de Souza Shalders</u>
<u>Carlos Imbassahy</u>	<u>Carlos Juliano Torres Pastorino</u>
<u>Cesare Lombroso</u>	<u>Charles Foster</u>
<u>Charles Richet</u>	<u>Claudino Dias</u>
<u>Clelia Rocha</u>	<u>Corina Novelino</u>

<u>Cornélio Pires</u>	<u>Cosme Mariño</u>
<u>Daniel Dunglas Home</u>	<u>Delphina de Girardin</u>
<u>Deolindo Amorim</u>	<u>Djalma Montenegro de Farias</u>
<u>Dominique François Jean Arago</u>	<u>Edward Irving</u>
<u>Elisabeth D'Espérance</u>	<u>Emanuel Swedenborg</u>
<u>Emídio Brasileiro</u>	
<u>Emma Hardinge Britten</u>	<u>Emmanuel</u>
<u>Enrico Morselli</u>	<u>Epes Sargent</u>
<u>Erasto</u>	<u>Ercole Chiaia</u>
<u>Ernestina Ferreira dos Santos</u>	<u>Ernesto Bozzano</u>
<u>Eugène Auguste A. de Rochas</u>	<u>Eugène Osty</u>

<u>Eunice Sousa Gabbi Weaver</u>	<u>Eurípedes Barsanulfo</u>
<u>Eusápia Paladino</u>	<u>Fausto Lex</u>
<u>Felicité Robert de Lamennais</u>	<u>Fénelon</u>
<u>Fidélis Augusto Alves</u>	<u>Flávio Ferreira da Luz</u>
<u>Florence Cook</u>	<u>Francisco Antônio Bastos</u>
<u>Francisco Cândido Xavier</u>	<u>Francisco de Jassu y Javier</u>
<u>Francisco de Men. D. da Cruz</u>	<u>Francisco L. de Bitt. Sampaio</u>
<u>Francisco Peixoto Lins</u>	<u>Frco. Raim. Ewerton Quadros</u>
<u>Francisco Raitani</u>	<u>Francisco Spinelli</u>
<u>Francisco Valdomiro Lorenz</u>	<u>Francisco Vieira Paim Pamplona</u>
<u>François-René de</u>	<u>Franz Anton Mesmer</u>

<u>Chateubriand</u>	
<u>Frederico Figner</u>	<u>Fredrich William Henry Myers</u>
<u>Gabriel Delanne</u>	<u>Galileu Galilei</u>
<u>George Vale Owen</u>	<u>Giovanni Virginio Schiaparelli</u>
<u>Guaracy Paraná Veira</u>	<u>Gustave Geley</u>
<u>Henri Heine</u>	<u>Henry Slade</u>
<u>Herculano Pires</u>	<u>Honório Melo</u>
<u>Humberto de Campos</u>	<u>Humberto Mariotti</u>
<u>Inácio Bittencourt</u>	<u>Indalício Mendes</u>
<u>Irma de Castro (Meimei)</u>	
<u>Irmãos Davenport</u>	<u>Irmãs Fox</u>
<u>Irmã Scheilla</u>	<u>Irthes Therezinha L.de Andrade</u>

<u>Ivon Costa</u>	<u>Jacques Aboab</u>
<u>James Hervey Hyslop</u>	<u>Jean Baptiste Massillon</u>
<u>Jean Jacques Rousseau</u>	<u>Joana d'Arc</u>
<u>Joana Francisca Soares Costa</u>	<u>João Batista Pereira</u>
<u>João Fusco</u>	<u>João Ghignone</u>
<u>João Huss</u>	<u>João Leão Pitta</u>
<u>João Maria Vianney</u>	<u>João Pedro Schleder</u>
<u>João Pinto de Souza</u>	<u>João Urbano de Assis Rocha</u>
<u>Joaquim Carlos Travassos</u>	<u>Joaquim de Souza Ribeiro</u>
<u>Johan Carl Friedrich Zollner</u>	<u>José Augusto Faure da Rosa</u>
<u>José Freitas Nobre</u>	<u>José Herculano Pires</u>
<u>José Lopes Neto</u>	<u>José Luiz de</u>

	<u>Magalhães</u>
<u>José Noqueira dos Santos</u>	<u>José Pedro de Freitas (Arigó)</u>
<u>José Petitinga</u>	<u>Joseph Oliver Lodge</u>
<u>Judith Xavier Garuzi</u>	<u>Julian Ochorowicz</u>
<u>Julio Abreu Filho</u>	<u>Júlio Luz de Carvalho</u>
<u>Juvencio de A. Figueiredo</u>	<u>Lacordaire</u>
<u>Lamartine Palhano Junior</u>	<u>Lauro Schleder</u>
<u>Lázaro</u>	<u>Lázaro Luiz Zamenhof</u>
<u>Leocádio José Correia</u>	<u>Léon Denis</u>
<u>Leôncio Correia</u>	<u>Leopoldo Cirne</u>
<u>Leopoldo Machado Barbosa</u>	<u>Linda Gazzera</u>

<u>Louis Alphonse Cahagnet</u>	<u>Louis Braille</u>
<u>Louis Pasteur</u>	<u>Luís da C. P. Carreiro Neto</u>
<u>Luiz IX</u>	<u>Luiz di Cristoforo Postiglioni</u>
<u>Luiz Olímpio Guillon Ribeiro</u>	<u>Luiz O. Teles de Menezes</u>
<u>Luiz Picinin</u>	<u>Manoel Fernandes Figueira</u>
<u>Manoel José da C. e Cunha</u>	<u>Manoel J. de Freitas Quintão</u>
<u>Manoel Philomeno de Miranda</u>	<u>Manuel Vianna de Carvalho</u>
<u>Marcolino José Monteiro</u>	<u>Maria Dolores</u>
<u>Maria Ruth Junqueira</u>	<u>Mário Travassos</u>
<u>Miquel Vives y Vives</u>	<u>MIRAMEZ</u>

	<u>Olímpia Belém</u>
<u>Olympio Alves Lisboa</u>	<u>Oswaldo Ferreira de Mello</u>
<u>Paul Gibier</u>	<u>Paulo, o apóstolo</u>
<u>Paulo Alves Godoy</u>	<u>Paulo Tereziano Barros</u>
<u>Pedro de Camargo (Vinícius)</u>	<u>Pedro Franco Barbosa</u>
<u>Pedro Richard</u>	<u>Pierre Gaetan Leymarie</u>
<u>Platão</u>	<u>Rabindranath Tagore</u>
<u>Ramiro Gama</u>	<u>Rita Cerqueira</u>
<u>Robert Dale Owen</u>	<u>Roberto Pedro Michelena</u>
<u>Rolando Mário Romacciotti</u>	<u>Rubens Costa Romanelli</u>
<u>Ruy Holzmann</u>	<u>Ruy Kremer</u>

<u>Samuel Hahnemann</u>	<u>Sanson</u>
<u>Santo Agostinho</u>	<u>Sarah Morais</u>
<u>Sebastião Lasneau</u>	<u>Sebastião Paraná</u>
<u>Sinval Reis</u>	<u>Silvino Canuto Abreu</u>
<u>Sócrates</u>	<u>Umberto Brussolo</u>
<u>Urbano de Assis Xavier</u>	<u>Valentim Lorenzetti</u>
<u>Vicente de Paulo</u>	<u>Vicente M. Nascimento Junior</u>
<u>Victor Ribas Carneiro</u>	<u>William Crookes</u>
<u>William Eller Channing</u>	<u>William Fletcher Barret</u>
<u>William James</u>	<u>William Stainton Moses</u>
<u>William Thomas Stead</u>	<u>Yvonne do Amaral Pereira</u>
<u>Zilda Gama</u>	

**Denizard
Hippolyte-Léon
Rivail:
Allan Kardec**

**Nascido em Lyon, França, no dia 3 de outubro de
1804 e
desencarnado em Paris, no dia 31 de março de
1869.**

Muitas pessoas que se interessam pelo Espiritismo manifestam muitas vezes o pesar de não possuírem senão muito imperfeito conhecimento da biografia de Allan Kardec, e de não saberem onde encontrar, sobre aquele a quem chamamos Mestre, as informações que desejariam conhecer. Pois é para honrar Allan Kardec e festejar a sua memória que nos achamos hoje reunidos, e um mesmo sentimento de veneração e de reconhecimento faz vibrar todos os corações. Em respeito ao fundador da filosofia espírita, permiti-me, no intuito de tentar corresponder a tão legítimo desejo, que vos entretenha alguns momentos com esse Mestre amado, cujos trabalhos são universalmente conhecidos e apreciados, e cuja vida íntima e laboriosa existência são apenas conjeturadas.

Se fácil foi a todos os investigadores conscienciosos inteirarem-se do alto valor e do grande alcance da obra de Allan Kardec pela leitura atenta das suas produções, bem

poucos puderam, pela ausência até hoje de elementos para isso, penetrar na vida do homem íntimo e segui-lo passo a passo no desempenho da sua tarefa, tão grande, tão gloriosa e tão bem preenchida. Não somente a biografia de Allan Kardec é pouco conhecida, senão que ainda está por ser escrita. A inveja e o ciúme semearam sobre ela os mais evidentes erros, as mais grosseiras e as mais imprudentes calúnias. Vou, portanto, esforçar-me por mostrar-vos, com luz mais verdadeira, o grande iniciador de quem nos desvanecemos de ser discípulos. Todos Sabeis que a nossa cidade se pode honrar, a justo título, de ter visto nascer entre seus muros esse pensador tão arrojado quão metódico, esse filósofo sábio, clarividente e profundo, esse trabalhador obstinado cujo labor sacudiu o edifício religioso do Velho Mundo e preparou os novos fundamentos que deveriam servir de base à evolução e à renovação da nossa sociedade caduca, impelindo-a para um ideal mais são, mais elevado, para um adiantamento intelectual e moral seguros.

Foi, com efeito, em Lião, que, a 3 de outubro de 1804, nasceu de antiga família lionesa, com o nome de Rivail, aquele que devia mais tarde ilustrar o nome de Allan Kardec e conquistar para ele tantos títulos à nossa profunda simpatia, ao nosso filial reconhecimento. Eis aqui a esse respeito um documento positivo e oficial: "Aos 12 do vindemiário do ano XIII, auto do nascimento de Denizard Hippolyte-Léon Rivail, nascido ontem às 7 horas da noite, filho de Jean Baptiste-Antoine Rivail, magistrado, juiz, e Jeanne Duhamel, sua esposa residentes em Lião, rua Sala nº. 76. O sexo da criança foi reconhecido como masculino". "Testemunhas maiores: "Syriaque-Frédéric Dittmar, diretor do estabelecimento das águas minerais da rua Sala, e Jean-François Targe, mesma rua Sala, à requisição do médico Pierre Radamel, rua Saint-Dominique nº 78. Feita a leitura, as testemunhas assinaram, assim como o Maire da região do Sul". O presidente do Tribunal. O futuro fundador do

Espiritismo recebeu desde o berço um nome querido e respeitado e todo um passado de virtudes, de honra, de probidade; grande número dos seus antepassados se tinham distinguido na advocacia e na magistratura, por seu talento, saber e escrupulosa probidade.

Parecia que o jovem Rivail devia sonhar, também ele, com os louros e as glórias da sua família. Assim, porém, não foi, porque, desde o começo da sua juventude, ele se sentiu atraído para as ciências e para a filosofia. Rivail Denizard fez em Lião os seus primeiros estudos e completou em seguida a sua bagagem escolar, em Yverdun (Suíça), com o célebre professor Pestalozzi, de quem cedo se tornou um dos mais eminentes discípulos, colaborador inteligente e dedicado. Aplicou-se, de todo o coração, à propaganda do sistema de educação que exerceu tão grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. Muitíssimas vezes, quando Pestalozzi era chamado pelos governos, um pouco de todos os lados, para fundar institutos semelhantes ao de Yverdun, confiava a Denizard Rivail o encargo de o substituir na direção da sua escola.

O discípulo tornado mestre tinha, além de tudo, com os quais legítimos direitos, a capacidade requerida para dar boa conta da tarefa que lhe era confiada. Era bacharel em letras e em ciências e doutor em medicina, tendo feito todos os estudos médicos e defendido brilhantemente sua tese. Linguista insigne, conhecia a fundo e falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol; conhecia também o holandês, e podia facilmente exprimir-se nesta língua. Denizard Rivail era um alto e belo rapaz, de maneiras distintas, humor jovial na intimidade, bom e obsequioso. Tendo-o a conscrição incluído para o serviço militar, ele obteve isenção e, dois depois, veio fundar em Paris, à rua de Sèvres nº. 35, um estabelecimento semelhante ao de Yverdun. Para esse empresa se associara a um dos seus

tios, irmão de sua mãe, o qual era sócio capitalista. No mundo das letras e do ensino, que frequentava em Paris, Denizard Rivail encontrou a senhorita Amélia Boudet, professora com diploma de 1ª. classe.

Pequena, mas bem proporcionada, gentil e graciosa, rica por seus pais e filha única, inteligente e viva, ela soube por seu sorriso e predicados fazer-se notar pelo Sr. Rivail, em quem adivinhou, sob a franca e comunicativa alegria do homem amável, o pensador sábio e profundo, que aliava grande dignidade à mais esmerada urbanidade. O Registro Civil nos informa que: Amélie Gabrielle Boudet, filha de Jean-Louis Boudet, proprietário e antigo tabelião, e de Julie Louise Seigneat de Lacombe, nasceu em Thiais (Sena), aos 2 do Frimário do ano IV (23 de novembro de 1795). A senhorita Amélia Boudet tinha, pois, mais nove anos que o Sr. Rivail, mas na aparência dir-se-ia ter menos dez que ele, quando, em 6 de fevereiro de 1832, se firmou em Paris o contrato de casamento de Hippolyte-Léon Denizard Rivail, diretor do Instituto Técnico à rua de Sèvres (Método de Pestalozzi), filho de Jean-Baptiste Antoine e senhora, Jeanne Duhamel, residentes em Chateau-du-Loir, com Amélie-Gabrielle Boudet, filha de Julien Louis e senhora Julio Louise Seigneat de Lacombe, residente em Paris, 35 rua de Sèvres. O sócio do Sr. Rivail tinha a paixão do jogo; arruinou o sobrinho, perdendo grossas somas em Spa e em Aix-la-Chapelle.

O Sr. Rivail requereu a liquidação do Instituto, de cuja partilha couberam 45.000 francos a cada um deles. Essa soma foi colocada pelo Sr. e Sra. Rivail em casa de um dos seus amigos, negociante, que fez maus negócios e cuja falência nada deixou aos credores. Longe de desanimar com esse duplo revés, o Sr. e Sra. Rivail lançaram-se corajamente ao trabalho. Ele encontrou e pode encarregar-se da contabilidade de três casas, que lhe produziam cerca

de 7.000 francos por ano; e, terminado o seu dia, esse trabalhador infatigável escrevia à noite, ao serão, gramáticas, aritméticas, livros para estudos pedagógicos superiores; traduzia obras inglesas e alemãs e preparava todos os cursos de Levy-Alvarés, frequentados por discípulos de ambos os sexos do faubourg Saint-Germain. Organizou também em sua casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada, de 1835 a 1840, e que eram muito frequentados. Membro de várias sociedades sábias, notadamente da Academia real d'Arras, foi premiado por concurso, em 1831, pela apresentação da sua notável memória: Qual o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades da época? Dentre as suas numerosas obras convém citar, por ordem cronológica: Plano apresentado para o melhoramento da instrução pública, em 1828; em 1829, segundo o método de Pestalozzi, ele publicou, para uso das mães de família e dos professores, o Curso prático e teórico de aritmética; em 1831 fez aparecer a Gramática francesa clássica; em 1846 o Manual dos exames para obtenção dos diplomas de capacidade, soluções racionais das questões e problemas de aritmética e geometria; em 1848 foi publicado o Catecismo gramatical da língua francesa; finalmente em 1849, encontramos o Sr. Rivail professor no Liceu Polimático, regendo as cadeiras de Fisiologia, Astronomia, Química e Física. Em uma obra muito apreciada resume seus cursos, e depois publica: Ditados normais dos exames na Municipalidade e na Sorbona; Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas.

Tendo sido essas diversas obras dotadas pela Universidade de França, e vendendo-se abundantemente, pode o Sr. Rivail conseguir, graças a elas e ao seu assíduo trabalho, uma módesta abastança. Como se pode julgar por esta muito rápida exposição, o Sr. Rivail estava admiravelmente preparado para a rude tarefa que ia ter que desempenhar e

fazer triunfar. Seu nome era conhecido e respeitado, seus trabalhos justamente apreciados, muito antes que ele imortalizasse o nome de Allan Kardec. Prosseguindo em sua carreira pedagógica, o Sr. Rivail poderia viver feliz, honrado e tranquilo, estando a sua fortuna reconstruída pelo trabalho perseverante e pelo brilhante êxito que lhe havia coroado os esforços; mas a sua missão o chamava a uma tarefa mais onerosa, a uma obra maior, e como teremos muitas vezes ocasião de o evidenciar, ele sempre se mostrou a altura da missão gloriosa que lhe estava reservada. Seus pendores, suas aspirações, tê-lo-iam impelido para o misticismo, mas a educação, o juízo reto, a observação metódica, conservaram-no igualmente ao abrigo dos entusiasmos desarrazoados e das negações não justificadas. Foi em 1854 que o Sr. Rivail ouviu pela primeira vez falar nas mesas girantes, a princípio do Sr. Fortier, magnetizador, com o qual mantinha relações, em razão dos seus estudos sobre o Magnetismo.

O Sr. Fortier lhe disse um dia: "Eis aqui uma coisa que é bem mais extraordinária: não somente se faz girar uma mesa, magnetizando-a, mas também se pode fazê-la falar. Interroga-se, e ela responde". -Isso, replicou o Sr. Rivail, é uma outra questão; eu acreditarei quando vir e quando me tiverem provado que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir, e que se pode tornar sonâmbula. Até lá, permita-me que não veja nisso senão uma fábula paa provocar sono. Tal era o princípio de espírito do Sr. Rivail, tal o encontraremos muitas vezes, não negando coisa alguma por 'parti pris', mas pedindo provas e querendo ver e observar para crer; tais nos devemos mostrar sempre no estudo tão atraente das manifestações do Além. Até agora, não vos falei senão do Sr. Rivail, professor emérito, autor pedagógico de renome. Nessa época, porém, da sua vida, de 1854 a 1856, um novo horizonte se rasga para esse pensador profundo, para esse sagaz observador. Então o nome de Rivail se obumbra, para ceder o lugar ao de Allan

Kardec, que a fama levará a todos os cantos do globo, que todos os ecos repetirão e que todos os nossos corações idolatram. Eis aqui como Allan Kardec nos revela as suas dúvidas, as suas hesitações e também a sua primeira iniciação: "Eu me encontrava, pois, no ciclo de um fato inexplicado, contrário, na aparência, às leis da Natureza e que minha razão repelia. Nada tinha ainda visto nem observado; as experiências feitas em presença de pessoas honradas e dignas de fé me firmavam na possibilidade do efeito puramente material; mas a idéia, de uma mesa falante, não me entrava ainda no cérebro." "No ano seguinte - era no começo de 1855 - encontrei o Sr. Carlotti, um amigo de há vinte e cinco anos, que discorreu acerca desses fenômenos durante mais de uma hora, com o entusiasmo que ele punha em todas as idéias novas. O Sr. Carlotti era corso de origem, de natureza ardente e enérgica; eu tinha sempre distinguido nele as qualidades que caracterizavam uma grande e bela alma, mas desconfiava da sua exaltação.

Ele foi o primeiro a falar-me da intervenção dos Espíritos, e contou-me tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencerem, aumentaram as minhas dúvidas. -Você um dia será dos nossos - disse-me ele. -Não digo que não, respondi-lhe eu -; veremos isso mais tarde. "Dai a algum tempo, pelo mês de maio de 1855, estive, em casa da sonâmbula Sra. Roger, como Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaisom, que me falaram desses fenômenos no mesmo sentido que o Sr. Carlotti, mas noutro tom. O Sr. Pâtier era funcionário público, de certa idade, homem muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu-me viva impressão, e, quando ele me convidou para assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaisom, rua Grange-Batelière nº. 18, aceitei com solicitude. A entrevista foi marcada para a

terça-feira de maio, às 8 horas da noite. "Foi aí, pela primeira vez, que testemunhei o fenômeno das mesas girantes, que saltavam e corriam, e isso em condições tais que a dúvida não era possível. "Aí vi também alguns ensaios muitos imperfeitos de escrita medúnica em uma ardósia com o auxílio de uma cesta.

Minhas idéias estavam longe de se haver modificado, mas naquilo havia um fato que devia ter uma causa. Entrevi, sob essas aparentes futilidades e a espécie de divertimento que com esses fenômenos se fazia, alguma coisa de sério e como que a revelação de uma nova lei, que a mim mesmo prometi aprofundar. "A ocasião se me ofereceu e pude observar mais atentamente do que tinha podido fazer. Em um dos serões da Sra. Plainemaison, fiz conhecimento com a família Baudim, que morava então à rua Rochechouart. O Sr. Baudim fez-me oferecimento no sentido de assistir às sessões hebdomadárias que se efetuavam em sua casa, e às quais eu fui, desde esse momento, muito assíduo. "Foi aí que fiz os meus primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda por efeito de revelações que por observação. Apliquei a essa nova ciência como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de quinze a dezesseis anos. Compreendi, desde o princípio, a gravidade da exploração que ia empreender.

Entrevi nesses fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro, a solução do que havia procurado toda a minha vida; era, em uma palavra, uma completa revolução nas idéias e nas crenças;

preciso, portanto, se fazia agir com circunspeção e não levemente, ser positivista e não idealista, para me não deixar arrastar pelas ilusões. "Um dos primeiros resultados das minhas observações foi que os Espíritos, não sendo as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao grau do seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o começo, evitou-me o grave erro de crer na sua infalibilidade e preservou-me de formular teorias prematuras sobre a opinião de um só ou de alguns. "Só o fato da comunicação com os Espíritos, o que quer eles pudessem dizer, provava a existência de um mundo invisível ambiente; era já um ponto capital, um imenso campo franqueado às nossas explorações, a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era conhecer o estado deste mundo e seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Cedo, observei que cada Espírito, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, desvendava-me uma fase desse mundo, exatamente como se chega a conhecer o estado de um país interrogando os habitantes de todas as classes e condições, podendo cada qual nos ensinar alguma coisa e nenhum deles podendo, individualmente, ensinar-nos tudo. Cumpra ao observador formar o conjunto, com o auxílio dos documentos recolhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e confrontados entre si.

Eu, pois, agi com os Espíritos como o teria feito com os homens: eles foram, para mim desde o menor até o mais elevado, meios de colher informações e não reveladores predestinados". A estas informações, colhidas nas Obras Póstumas de Allan Kardec, convém acrescentar que a princípio o Sr. Rivail, longe de ser um entusiasta dessas manifestações e absorvido por outras preocupações, esteve a ponto de abandonar, o que talvez tivesse feito se não fossem as instantes solicitações dos Srs. Carlotti, René

Tailandier, membro da Academia das Ciências, Tiedeman-Manthèse, Sardou, pai e filho, e Didier, editor, que acompanhavam havia cinco anos o estudo desses fenômenos e tinham reunido cinquenta cadernos de comunicações diversas, que não conseguiam pôr em ordem. Conhecendo as vastas e raras aptidões de síntese do Sr. Rivail, esse senhores lhe enviaram os cadernos, pedindo-lhe que deles tomasse conhecimento e os pusesse em termos -, os arranjasse. Este trabalho era árduo e exigia muito tempo, em virtude das lacunas e obscuridades dessa comunicações; e o sábio enciclopedista recusava-se a essa tarefa enfadonha e absorvente, em razão de outros trabalhos. Uma noite seu Espírito protetor, Z, deu-lhe, por um médium, uma comunicação toda pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, ao tempo dos Druidas, viviam juntos nas Gálias. Ele se chamava, então, Allan Kardec, e, como a amizade que lhe havia votado só fazia aumentar, prometia-lhe esse espírito secundá-lo na tarefa muito importante a que ele era chamado, e que facilmente levaria a termo. O Sr. Rivail, pois, lançou-se à obra: tomou os cadernos, anotou-os com cuidado.

Após atenta leitura, suprimiu as repetições e pôs na respectiva ordem cada ditado, cada relatório de sessão; assinalou as lacunas a preencher, as obscuridades a aclarar, e preparou as perguntas necessárias para chegar a esse resultado. "Até então, diz ele próprio, as sessões em casa do Sr. Baudim não tinham nenhum fim determinado; propus-me, aí, fazer resolver os problemas que me interessam sob o ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível. Comparecia a cada sessão com uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas: eram respondidas com precisão, profundidade e de modo lógico. Desde esse momento as reuniões tiveram caráter muito diferente, e, entre os assistentes, encontravam-se pessoas sérias que tomaram vivo interesse

pelo trabalho. Se me acontecia faltar, ficavam as sessões como tolhidas, tendo as questões fúteis perdido o atrativo para o maior número, a princípio eu não tinha em vista senão a minha própria instrução; mais tarde, quando vi que tudo aquilo formava um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina, tive o pensamento de o publicar, para instrução de todos. Foram essas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, fizeram a base de O Livro dos Espíritos". Em 1856, o Sr. Rivail frequentou as reuniões espíritas que realizavam à rua Tiquetone, em casa do Sr. Roustan, com Mlle. Japhet, sonâmbula, que obtinha como médium comunicações muito interessantes, com o auxílio da cesta aguçada; fez examinar por esse médium as comunicações obtidas e postas precedentemente em ordem.

Este trabalho foi efetuado, a princípio, nas sessões ordinárias; mas a pedido dos Espíritos e para que fosse consagrado mais cuidado, mais atenção a esse exame, foi continuado em sessões particulares. "Não me contentei com essa verificação, diz ainda Allan Kardec, que os Espíritos me haviam recomendado. Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, toda vez que se oferecia ocasião, eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais melindrosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram seu concurso a esse trabalho. E foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de O Livro dos Espíritos, a qual apareceu em 18 de abril de 1857. Esse livro era em formato grande, in-4, em duas colunas, uma para as perguntas e outra, em frente, para as respostas. No momento de publicá-lo, o autor ficou muito embaraçado em resolver como o assinaria, se com o seu nome - Denizard-Hyppolyte-Léon Rivail, ou com um pseudônimo.

Sendo o seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar uma confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele adotou o alvitre de o assinar com o nome de "ALLAN KARDEC" que, segundo lhe revelara o guia, ele tivera ao tempo dos Druídas. A obra alcançou tal êxito que a primeira edição foi logo esgotada. Allan Kardec reeditou-a em 1858 sob a forma atual in-12, revista, correta e consideravelmente aumentada. No dia 25 de março de 1856 estava Allan Kardec em seu gabinete de trabalho, em via de compulsar as comunicações e preparar "O Livro dos Espíritos", quando ouviu ressoarem pancadas repetidas no tabique; procurou, sem descobrir, a causa disso, e em seguida tornou a pôr mãos à obra. Sua mulher, entrando cerca das dez horas, ouviu os mesmos ruídos, procuraram, mas sem resultado, de onde podiam eles porvir. Moravam, então, à rua dos Mártires nº. 8, no segundo andar, ao fundo.

"No dia seguinte, sendo dia de sessões em casa do Sr. Boudin, escreve Allan Kardec, contei o fato e pedi a explicação dele. Pergunta: - Ouviste o fato que acabo de narrar; podereis me dizer a causa dessas pancadas que se fizeram ouvir com tanta insistência? Resposta: Era o teu Espírito familiar. P. - Com que fim, vinha ele bater assim? R.- Queria comunicar-se contigo. P.-Poderíeis dizer-me o que queria ele? R.- Podes perguntar a ele mesmo, porque está aqui. P.- Meu Espírito familiar, quem quer que sejais, agradeço-vos terdes vindo visitar-me. Quereis ter a bondade de dizer-me quem sois? R.- Para ti chamar-me-ei a Verdade, e todos os meses, durante um quarto de hora, estarei aqui, à tua disposição. P.- Ontem, quando batestes, enquanto eu trabalhava, tínheis alguma coisa de particular a dizer-me? R.- O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho que fazias; o que escrevias me desagradava e eu queria fazer-te parar. NOTA: O que eu escrevia era

precisamente relativo aos estudos que fazia sobre os Espíritos e suas manifestações.

P.-A vossa desaprovação versava sobre o capítulo que eu escrevia, ou sobre o conjunto do trabalho? R.- Sobre o capítulo de ontem: faço-te juiz dele. Torna a lê-lo esta noite; reconhecer-lhe-ás os erros e os corrigirás. P.-Eu mesmo não estava muito satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje. Está melhor? R.- Está melhor, mas não muito bom. Lê da terceira à trigésima linha e reconhecerás um grave erro. P.- Rasguei o que tinha feito ontem. R.- Não importa. Essa inutilização não impede que subsista o erro. Relê e verás. P.-O nome de Verdade que tomais é uma alusão à verdade que procuro? R.-Talvez, ou, pelo menos, é um guia que te há de auxiliar e proteger. P.-Posso evocar-vos em minha casa? R.-Sim, para que eu te assista pelo pensamento; mas, quanto a respostas escritas em tua casa, não será tão cedo que as poderá obter. P.-Podereis vir mais frequentemente que todos os meses? R.-Sim; mas não prometo senão uma vez por mês, até nova ordem.

P.-Animastes alguma personagem conhecida na Terra?R.- Disse-te que para ti eu era a Verdade, o que da tua parte devia importar discrição; não saberás mais que isto. De volta para casa, Allan Kardec apressou-se a reler o que escrevera e pode verificar o grave erro que com efeito havia cometido. A dilação de um mês, fixada para cada comunicação do Espírito Verdade, raramente foi observada. Ele se manifestou frequentemente a Allan Kardec, mas não em sua casa, onde durante cerca de um ano não pode este receber nenhuma comunicação por médium algum e, cada vez que ele esperava obter alguma coisa, era obstado por uma causa qualquer e imprevista, que a isso se vinha opor. Foi a 30 de abril de 1856, em casa do Sr. Roustan, pela médium Mlle. Japhet, que Allan Kardec recebeu a primeira revelação da missão que tinha a desempenhar. Esse aviso, a

princípio muito vago, foi precisado no dia 12 de junho de 1856, por intermédio de Mlle. Aline C., médium.

A 6 de maio de 1857, a Sra. Cardone, pela inspeção das linhas da mão de Allan Kardec, confirmou as duas comunicações precedentes, que ela ignorava. Finalmente, a 12 de abril de 1860, em casa do Sr. Dehan, sendo intermediário o Sr. Croset, médium, essa missão foi novamente confirmada em uma comunicação espontânea, obtida na ausência de Allan Kardec. Assim também, se deu a respeito do seu pseudônimo. Numerosas comunicações, procedentes dos mais diversos pontos, vieram reafirmar e corroborar a primeira comunicação obtida a esse respeito. Urgido pelos acontecimentos e pelos documentos que tinha em seu poder, Allan Kardec formou, em razão do êxito de "O Livro dos Espíritos**", o projeto de criar um jornal espírita. Havia-se dirigido ao Sr. Tiedeman, para solicitar-lhe o concurso pecuniário, mas este não estava resolvido a tomar parte nessa empresa. Allan Kardec perguntou aos seus guias, no dia 15 de novembro de 1857, por intermédio da Srta. E. Dufaux, o que deveria fazer. Foi-lhe respondido que pusesse a sua idéia em execução e que não se inquietasse com o resto. "Apressei-me em redigir o primeiro número, diz Allan Kardec, e o fiz aparecer no dia 1º. de janeiro de 1858, sem nada dizer a pessoa alguma. Não tinha um único assinante, nem sócio capitalista. Fí-lo, pois, inteiramente por minha conta e risco, e não tive de que me arrepender, porque o êxito ultrapassou a minha expectativa. A partir de 1º. de janeiro, os números se sucederam sem interrupção, e, como o previra o Espírito, esse jornal se me tornou em poderoso auxiliar.**

Reconheci, mais tarde, que era uma felicidade para mim não ter tido um sócio capitalista, porque estava mais livre, enquanto me um estranho interessado teria pretendido impor-me as suas idéias e a sua vontade e poderia

embaraçar-me a marcha. Só, eu não tinha que prestar contas a ninguém, por mais onerosa que, como trabalho, fosse a minha tarefa". E essa tarefa devia ir sempre crescendo em labor e em responsabilidades, em lutas incessantes contra obstáculos, emboscadas, perigos de toda sorte. A medida, porém, que a lide se tornava áspera, esse enérgico trabalhador se elevava, também, à altura dos acontecimentos, que nunca o surpreenderam; e durante onze anos, nessa Revista Espírita, que acabamos de ver como começou tão modestamente, ele afrontou todas as tempestades, todas as emulações, todos os ciúmes que não lhe foram poupados, como ele mesmo relata e como lhe fora anunciado ao ser-lhe revelada a sua missão. Essa comunicação e as reflexões de que as anotou Allan Kardec nos mostram, sob um prisma pouco lisonjeiro, a situação naquela época, mas fazem também ressaltar o grande valor do fundador do Espiritismo e o seu mérito em ter sabido triunfar: Médium, Mlle. Aline C, - 12 de junho de 1856.:

P.-Quais as causas que me poderiam fazer fracassar? Seria a insuficiência das minhas aptidões? R.-Não; mas a missão dos reformadores é cheia de escolhos e perigos; a tua é rude; previno-te, porque é ao mundo inteiro que se trata de agitar e de transformar. Não creias que te seja suficiente publicar um livro, dois livros, dez livros, e fiques tranquilamente em tua casa; não, é preciso te mostrares no conflito; contra ti se açularão terríveis ódios, implacáveis inimigos tramarão a tua perda; estarás exposto à calúnia, à traição, mesmo daqueles que te parecerão mais dedicados, as tuas melhores instruções serão impugnadas e desnaturadas; sucumbirás mais de uma vez ao peso da fadiga; em uma palavra, é uma luta quase constante que terás de sustentar com o sacrifício do teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saúde e mesmo da tua vida, porque tu não viverás muito tempo.

Pois bem. Mais de um recua quando, em lugar de uma vereda florida, não encontra sob seus passos senão espinhos, agudas pedras e serpentes. Para tais missões não basta a inteligência. É preciso de antes de tudo, para agradar a Deus, humildade, modéstia, desinteresse, porque abatem os orgulhosos e os presunçosos. Para lutar contra os homens, é necessário coragem, perseverança e firmeza inquebrantáveis; é preciso, também, ter prudência e tato para conduzir as coisas a propósito e não comprometer-lhes o êxito por medidas ou palavras intespestivas; é preciso, enfim, devotamento, abnegação, e estar pronto para todos os sacrifícios. "Vês que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti Espírito da Verdade".

NOTA: (É Allan Kardec que assim se exprime): "Escrevo esta nota no dia 1º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que esta comunicação me foi dada, e verifico que ela se realizou em todos os pontos, porque experimentei todas as vicissitudes que nela me foram anunciadas. Tenho sido alvo do ódio e do ciúme; têm sido publicados contra mim infames libelos; as minhas melhores instruções tem sido desnaturadas; tenho sido traído por aqueles em quem depositara confiança, e pago com a ingratidão por aqueles a quem tinha prestado serviços. A Sociedade de Paris tem sido um continuo foco de intrigas, urdidadas por aqueles que se diziam a meu favor, e que, mostrando-se amáveis em minha presença, me detratavam na ausência. Disseram que aqueles que adotavam o meu partido eram assalariados por mim com o dinheiro que eu arrecadava do Espiritismo. Não mais tenho conhecido o repouso; mais de uma vez, sucumbi; sob o excesso do trabalho, tem-se-me alterado a saúde e comprometido a vida.

"Entretanto, graças à proteção e à assistência dos bons Espíritos, que sem cessar me têm dado provas manifestas de sua solicitude, sou feliz em reconhecer que não tenho

experimentado um único instante de desfalecimento nem de desânimo, e que tenho constantemente prosseguido na minha tarefa com o mesmo ardor, sem me preocupar com a malevolência de que era alvo. Segundo a comunicação do Espírito Verdade, eu devia contar com tudo isso, e tudo se verificou".

Quando se conhecem todas essas lutas, todas as torpezas de que Allan Kardec foi alvo, quanto ele se engrandece aos nossos olhos e como o seu brilhante triunfo adquire mérito e esplendor! Que se tornaram esses invejosos, esses pigmeus que procuravam obstruir-lhe o caminho? Na maior parte são desconhecidos os seus nomes, ou nenhuma recordação despertam mais: o esquecimento os retomou e sepultou para sempre em suas sombras, enquanto que o de Allan Kardec, o intrépido lutador, o pioneiro ousado, passará à posteridade com a sua auréola de glória tão legitimamente adquirida.

A Sociedade Pariense de Estudos Espíritas foi fundada a 1º de abril de 1858. Até então, as reuniões se realizavam em casa de Allan Kardec, à rua do Mártires, com Mlle. E. Dufaux, como principal médium; o seu salão poderia conter de quinze a vinte pessoas. Cedo, aí reuniu ele mais de trinta. Tornando-se, então, esse local muito acanhado e não querendo onerar Allan Kardec com todos os encargos, alguns dos assistentes se propuseram formar uma sociedade espírita e alugar um outro local em que se efetuassem as reuniões. Mas era preciso, para se poderem reunir, obter o reconhecimento e a autorização da Polícia. O Sr. Dufaux, que conhecia pessoalmente o prefeito de polícia de então, encarregou-se de dar os passos para esse fim, e, graças ao ministro do Interior, o general X, que era favorável às novas idéias, a autorização foi obtida em quinze dias, enquanto que pelo processo ordinário teria exigido meses, sem grande probabilidade de êxito.

"A Sociedade foi, então, regularmente constituída e reunia-se todas as terças-feiras, no local que fora alugado no Palais-Royal, galeria Valois. Aí ficou durante um ano, de 1/04/1858 a 1/04/1859. Não podendo lá permanecer por mais tempo, reunia-se todas as sextas-feiras em um dos salões do restaurante Douix, no Palais-Royal, galeria Montpensier, de 1/04/1859 a 1/04/1860, época em que se instalou em sede própria, à rua e passagem Sant'Ana nº. 59.

Depois de haver dado conta das condições em que se formou a Sociedade e da tarefa que teve a desempenhar, Allan Kardec assim se exprime: "Empreguei em minhas funções, que posso dizer laboriosas, toda a solícitude e toda a dedicação de que era capaz; do ponto de vista administrativo, esforcei-me por manter nas sessões uma ordem rigorosa e por imprimir-lhe um caráter de gravidade, sem o qual o prestígio de assembléia séria teria cedo desaparecido. Agora, que a minha tarefa está terminada e que o impulso está dado, devo inteirar-vos da resolução que tomei, de renunciar de futuro a toda espécie de função na Sociedade, mesmo a de diretor dos estudos; não ambiciono senão um título: o de simples membro titular, com que me sentirei sempre feliz e honrado. O motivo da minha determinação está na multiplicidade dos meus trabalhos, que aumentam todos os dias, pela extensão das minhas outras relações; porque, além daqueles que conheceis, preparo outros trabalhos mais consideráveis, que exigem longos e laboriosos estudos e não absorverão menos de dez anos; ora, os trabalhos da Sociedade não deixam de tomar muito tempo, quer para o preparo, quer para a coordenação e a passagem a limpo.

Reclamam assiduidade muitas vezes prejudicial às minhas ocupações pessoais, pois que se torna indispensável a iniciativa quase exclusiva que me tendes deixado. É a esse motivo, meus senhores, que eu devo o ter tantas vezes

tomado a palavra, lamentando com frequência que os membros eminentemente esclarecidos que possuímos nos privassem das suas luzes. Desde muito tempo alimentava o desejo de demitir-me das minhas funções: manifestei-o de modo muito explícito em diversas ocasiões, quer aqui, quer em particular a muitos dos meus colegas, e especialmente ao Sr. Ledoyen. Tê-lo-ia feito mais cedo, se não fora o temor de produzir uma perturbação na Sociedade. Retirando-me no meado do ano, poderiam acreditar em uma deserção, e era preciso não dar esse prazer aos nossos adversários. Desempenhei, portanto, a minha tarefa até ao fim; hoje, porém, que esses motivos cessaram, apresso-me em vos dar parte da minha resolução, para não embaraçar a escolha que fareis. É justo que cada um tenha a sua parte nos encargos e nas honras."

Apressemo-nos a acrescentar que essa demissão não foi aceita e que Allan Kardec foi reeleito por unanimidade, menos um voto e uma cédula em branco. Diante desse testemunho de simpatia, ele se submeteu e se conservou em suas funções. Em setembro de 1860, Allan Kardec, fez uma viagem de propaganda à nossa região, e eis aqui como ela fez referência na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas: "O Sr. Allan Kardec dá conta do resultado da viagem que acaba de fazer, no interesse do Espiritismo, e felicita-se pela cordialidade do acolhimento que por toda parte encontrou, especialmente em Sens, Mácon, Lião e Saint-Etienne. Observou, em todo lugar em que se demorou, os progressos consideráveis da doutrina; mas o que sobretudo é digno de nota, é que em parte alguma viu que dela se fizesse um divertimento, mas, que, ao contrário, dela se ocupam de modo sério, e que por toda parte lhe compreendem o alcance e as consequências futuras. Há, sem dúvida, muitos adversários, sendo o mais encarniçadoss os inimigos interessados, mas o motejadores diminuem sensivelmente; vendo que os seus sarcasmos não colocam do seu lado os gracejadores, e que auxiliam mais

do que impedem o progresso das novas crenças, começam a compreender que nada ganham com isso e que consomem o seu espírito em pura perda, e assim se calam.

Uma frase muito característica parece ser em toda parte a ordem do dia, e é esta: o Espiritismo está no ar; só por si desenha ela o estado das coisas. Mas, é sobretudo em Lião que são mais notáveis os resultados. Os Espíritas são, aí, numerosos em todas as classes, e na classe operária contam-se por centenas. A Doutrina Espírita tem exercido sobre os operários a mais salutar influência, sob o ponto de vista da ordem, da moral e das idéias religiosas; em resumo, a propagação do Espiritismo marcha com a mais animadora celeridade. No decurso desta viagem, Allan Kardec pronunciou um discurso magistral, no banquete realizado a 19 de setembro de 1860, do qual eis aqui algumas passagens, próprias a nos interessar, a nós que aspiramos a substituir dignamente esses trabalhadores da primeira hora: "A primeira coisa que me impressionou foi o número de adeptos; eu sabia perfeitamente que Lião os contava em grande escala, mas estava longe de imaginar que o número fosse tão considerável, porque é por centenas que eles se contam, e, em pouco tempo - eu o espero -, já se não poderão contar mais. "Se, porém, Lião se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que ainda vale mais. Por toda parte não encontrei senão espíritas sinceros, compreendendo a doutrina sob seu verdadeiro ponto de vista. Há, meus senhores, três categorias de adeptos: uns que limitam a crer na realidade das manifestações e que procuram, antes de tudo, os fenômenos; o Espiritismo é simplesmente para eles uma série de fatos mais ou menos interessantes.

Os segundos vêem outra coisa nele além dos fatos, compreendem o seu alcance filosófico, admiram a moral que deles decorre, mas não a praticam; para eles, a caridade cristã é uma bela máxima, e nada mais. Os

terceiros, finalmente, não se contentam de admirar a moral: praticam-na e aceitam-lhe as consequências. Bem convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, esforçam-se por aproveitar esse certos instantes, para marchar na senda do progresso que lhes traçam os Espíritos, empenhando-se em fazer o bem e em reprimir as suas más inclinações; as suas relações são sempre seguras, porque as suas convicções os afastam de todo pensamento do mal; a caridade é, em toda ocasião, a regra da sua conduta: são esses os verdadeiros espíritas, ou, melhor, os espíritas-cristãos.

"Pois bem, meus senhores, eu vô-lo digo com satisfação: ainda não encontrei, aí, nenhum adepto da primeira categoria; em parte alguma vi que se ocupassem do Espiritismo por mera curiosidade, com frívolos intuitos; por toda parte o fim é grave, as intenções são sérias; e, a crer no que me dizem, há muitos da terceira categoria. Honra, pois, aos espíritas lioneses, por terem, assim, entrado largamente nessa senda progressista, sem a qual o Espiritismo não teria objetivo. Este exemplo não será perdido, terá suas consequências, e não é sem razão - eu o vejo - que os Espíritos me responderam noutro dia, por um dos vossos médiuns mais dedicados, posto que dos mais obscuros, quando eu lhes exprimia a minha surpresa: "Porque te admiras disso? Lião foi a cidade dos mártires; a fé aí é vivaz; ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é a cabeça, Lião será o coração."

Essa opinião de Allan Kardec, sobre os espíritas lioneses de sua época, é para nós uma grande honra, mas deve ser também uma regra de conduta. Devemos esforçar-nos por merecer esses elogios, aprofundando por nossa vez as lições do mestre e, sobretudo, conformando com elas o nosso proceder. Noblesse oblige, diz um adágio; saibamos recordar sempre disso e conservar alto e firme o estandarte do Espiritismo.

Mas, Allan Kardec não se contentava em atirar flores sobre nossos companheiros; dava-lhes, sobretudo, sábios conselhos, sobre os quais, por nossa vez, deveremos meditar.

"Vindo dos Espíritos o ensino, os diferentes grupos, tanto como os indivíduos, se acham sob a influência de certos Espíritos que presidem aos seus trabalhos, ou os dirigem moralmente. Se esses Espíritos não se acham de acordo, a questão está em saber qual é o que merece maior confiança; será, evidentemente, aquele cuja teoria não pode provocar nenhuma objeção séria, em uma palavra, aquele que, em todos os pontos, dá maior número de provas de superioridade. Se tudo nesse ensino é bom, racional, pouco importa o nome que toma o Espírito; e a esse respeito a questão de identidade é inteiramente secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensino peca pelas qualidades essenciais, podeis imediatamente concluir que é um nome apócrifo e que é um Espírito impostor ou galhofeiro. Regra geral: o nome nunca é uma garantia; a única, a verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira por que é ele expresso. Os Espíritos enganadores tudo podem imitar, tudo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento.

"Acontece muitas vezes que, para fazer adotar certas utopias, alguns Espíritos fazem alarde de um falso saber e pensam impô-las, escolhendo no arsenal das palavras técnicas tudo o que pode fascinar aquele que é facilmente crédulo. Eles têm, ainda, um meio mais certo: é afetar as exterioridades da virtude; com o auxílio das grandes palavras - caridade, fraternidade, humildade - esperam fazer passar os mais grosseiros absurdos e é o que acontece muitas vezes, quando se não está precavido. E' preciso, pois, evitar o deixar-se seduzir pelas aparências, tanto da parte dos Espíritos, quanto da dos homens; ora, eu o confesso, aí está uma das maiores dificuldades; mas,

nunca se disse que o Espiritismo fôsse uma ciência fácil; tem seus escolhos que se não podem evitar senão pela experiência. Para escapar à cilada, é preciso, antes de tudo, fugir ao entusiasmo que cega, ao orgulho que leva certos médiuns a acreditarem-se os únicos intérpretes da verdade; é preciso que tudo seja friamente examinado, maduramente pesado, confrontado, e, se desconfiamos do próprio julgamento, o que é muitas vezes mais prudente, é preciso recorrer a outras pessoas, segundo o provérbio: que quatro olhos vêem melhor do que dois. Só um falso amor próprio ou uma obsessão, podem fazer persistir em uma idéia notoriamente falsa e que o bom senso de cada um repele."

Eis os conselhos tão sábios e tão práticos dados por aquele que quiseram fazer passar por um entusiasta, um místico, um alucinado; e essa regra de conduta, estabelecida no começo, ainda não foi invalidada, nem pela observação, nem pelos acontecimentos; é sempre a vereda mais segura, mais prudente, a única a seguir por aqueles que se querem ocupar do Espiritismo.

Allan Kardec trabalhava, então, n'O Livro dos Médiuns, que apareceu na primeira quinzena de Janeiro de 1861, editado pelos Srs. Didier & Cia., livreiros-editores. O mestre expõe a sua razão de ser nos seguintes termos, na Revista Espírita:

"Procuramos neste trabalho, fruto de longa experiência e de laboriosos estudos, esclarecer todas as questões que se prendem à prática das manifestações; etc..contém, de acordo com os Espíritos, a explicação teórica dos diversos fenômenos e condições em que eles se podem produzir; mas a parte concernente ao desenvolvimento e ao exercício da mediunidade foi, sobretudo, de nossa parte, objeto de atenção toda especial.

"O Espiritismo experimental está cercado de muito mais dificuldades do que se acredita geralmente, e os escolhos, que aí se encontram, são numerosos; é o que produz tanta decepção aos que dele se ocupam sem ter a experiência e os conhecimentos necessários. O nosso fim foi acautelar os investigadores contra tais dificuldades, nem sempre isentas de inconveniente para quem quer que se aventure, com imprudência, por esse novo terreno. Não podíamos desprezar um ponto tão capital, e o tratámos com cuidado igual à sua importância."

O Livro dos Médiuns é, ainda, o Vade-mecum de quantos se querem entregar com proveito à prática de Espiritismo experimental; nada apareceu de melhor nem de mais completo nessa ordem de idéias. E' ainda o mais seguro guia de que nos podemos servir para explorar, sem perigo, o terreno da mediunidade .

No ano de 1861, Allan Kardec fêz uma nova viagem espírita a Sens, Mácon e Lião, e verificou que em nossa cidade o Espiritismo atingira a maioria.

"Com efeito, não é mais por centenas, diz ele, que ai se contam os espíritas, como há um ano; é por milhares, ou, para melhor dizer, já se não contam, e pode-se calcular que, seguindo a mesma progressão, dentro de um ano ou dois eles serão mais de trinta mil. O Espiritismo, aí, tem feito adeptos em todas as classes, mas é sobretudo na classe operária que se tem propagado com maior rapidez, e isso não é de admirar: sendo essa classe a que mais sofre, volta-se para o lado que lhe oferece maior consolação. (...)

"Mas, isto não é tudo: o número das metamorfoses morais é, entre os operários, quase tão grande quanto o dos adeptos: hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, lares tornados tranquilos, em uma

palavra, as mais legítimas virtudes cristãs desenvolvidas, e isso pela confiança, d'agora em diante inabalável, que lhes dão as comunicações espíritas, no futuro em que não acreditavam; é uma felicidade para eles assistirem a essas instruções, de que saem reconfortados contra a adversidade; muitos chegam a galgar mais de uma légua, sob qualquer tempo, inverno ou verão, tudo arrostando para não faltarem a uma sessão; é que neles não há a fé vulgar, mas a baseada sobre uma convicção profunda, raciocinada e não, cega."

Por ocasião dessa viagem, um banquete novamente reuniu sob a presidência de Allan Kardec os membros da grande família espírita lionesa. No dia 19 de Setembro de 1860 os coativas eram apenas uns trinta; a 19 de Setembro de 1861 o número era de cento e sessenta, "representando os diferentes grupos, que se consideram todos como membros de uma grande família, entre os quais não existe sombra de ciúme e de rivalidade, o que - diz o Mestre -, temos, de passagem, grande satisfação em registrar. A maioria dos assistentes era composta de operários e toda gente notou a perfeita ordem que não cessou de reinar um só instante. E' que os verdadeiros espíritas põem sua satisfação nas alegrias do coração e não nos prazeres ruidosos."

A 14 de Outubro do mesmo ano encontramos Allan Kardec em Bordéus, onde, como em todas as cidades por que passava, semeava a boa nova e fazia germinar a fé no futuro.

Além das viagens e dos trabalhos de Allan Kardec, esse ano de 1861 permanecerá memorável nos anais do Espiritismo por um fato de tal modo monstruoso que quase parece incrível. Refiro-me ao Auto-de-Fé levado a efeito em Barcelona, e em que foram queimadas pela fogueira dos inquisidores trezentas obras espíritas.

O Sr. Maurício Lachâtre estava nessa época estabelecido como livreiro, em Barcelona, em relações e em comunhão de meias com Allan Kardec. Assim, pediu a este que lhe enviasse certo número de obras espíritas, para as expor à venda e fazer propaganda da nova filosofia.

Essas obras, em número de trezentas aproximadamente, foram expedidas nas condições ordinárias, com uma declaração em ordem do conteúdo das caixas. À sua chegada à Espanha, foram os direitos da alfândega cobrados ao destinatário e arrecadados pelos agentes do governo espanhol; mas a entrega das caixas não se fez: o bispo de Barcelona, tendo julgado esses livros perniciosos à fé católica, fez confiscar a expedição pelo Santo Ofício.

Uma vez que não queriam entregar essas obras ao destinatário, Allan Kardec reclamou a sua devolução; mas a sua reclamação foi de nulo efeito, e o bispo de Barcelona, erigindo-se em policiador da França, fundamentou a sua recusa com a seguinte resposta: "A Igreja Católica é universal, e sendo esses livros contrários à fé Católica, o governo não pode consentir que eles passem a perverter a moral e a religião de outros países."

E não somente esses livros não foram restituídos, mas também os direitos aduaneiros ficaram em poder do fisco espanhol. Allan Kardec poderia promover uma ação diplomática e obrigar o governo espanhol a efetuar o retorno das obras. Os Espíritos, porém, o dissuadiram disso, dizendo que era preferível para a propaganda do Espiritismo deixar essa ignomínia seguir o seu curso.

Renovando os fastos e as fogueiras da Idade Média, o bispo de Barcelona fez queimar em praça pública, pela mão do carrasco, as obras incriminadas.

Eis aqui, a título de documento histórico, o processo verbal dessa infâmia clerical.

"Aos nove dias de Outubro de mil oitocentos e sessenta e um as dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, no lugar em que são executados os criminosos condenados à pena última, por ordem do bispo desta cidade foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

"A Revista Espírita, diretor Allan Kardec; "A Revista Espiritualista, diretor Piérart; "O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec; "O Livro dos Médiuns, pelo mesmo,

"O que é o Espiritismo, pelo mesmo;

"Fragmento de Sonata, ditado pelo Espírito de Mozart;

"Carta de um católico sobre o Espiritismo, pelo Dr Grand;

"A História de Joana d'Arc, por ela mesma ditada a Mlle. Ermance Dufaux;

"A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta, pelo barão de Guldenstubbé.

"Assistiram ao auto de fé:

"Um padre revestido de hábitos sacerdotais, trazendo em uma das mãos a cruz e, na outra uma tocha; "Um tabelião encarregado de redigir o processo verbal do auto de fé;

"O escrevente do tabelião;

"Um empregado superior da administração das alfândegas;

"Três mozos (serventes) da alfândega, encarregados de alimentar o fogo;

"Um agente da alfândega, representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo;

"Uma multidão incalculável aglomerava-se nos passeios e cobria a esplanada em que ardia a fogueira.

"Quando o fogo consumiu os trezentos volumes e brochuras espíritas, o padre e os seus ajudantes se retiraram cobertos pelos apupos e as maldições dos numerosos assistentes, que gritavam: Abaixo a Inquisição!

"Em seguida muitas pessoas se acercaram da fogueira e apanharam cinzas."

Seria diminuir o horror de tais atos, acompanhá-los com a narrativa dos comentários; constatemos somente que ao clarão dessa fogueira o Espiritismo tomou um incremento inesperado em toda a Espanha e, como o haviam os Espíritos previsto, conquistou, aí, um número incalculável de adeptos. Só podemos, pois, como o fez Allan Kardec, alegrar-nos com o grande reclamo que esse ato odioso operou em favor do Espiritismo. A propósito, porém, da propaganda que nós mesmos devemos fazer da nossa filosofia, nunca deveremos esquecer estes conselhos do Mestre (Revista Espírita) 1863, pág. 367) :

"O Espiritismo se dirige aos que não crêem ou que duvidam, e não aos que têm fé e a quem essa fé é suficiente; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisto é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por esse motivo não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas para converter às nossas idéias o clero,

de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os espíritas: acolhei com solicitude os homens de boa vontade; ofereci a luz aos que a procuram, porque com os que crêem não sereis bem sucedidos; não façais violência à fé de ninguém, muito mais quanto ao clero que aos seculares, porque semeareis em campos áridos; ponde a luz em evidência, para que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e deles dai de comer aos que têm fome e não aos que se dizem saciados."

Estes conselhos, como todos os de Allan Kardec, são claros, simples e sobretudo práticos; cumpre que deles nos recordemos e os aproveitemos oportunamente.

O ano de 1862 foi fértil em trabalhos favoráveis à difusão do Espiritismo. No dia 15 de Janeiro apareceu a pequenina e excelente brochura de propaganda: O Espiritismo em sua mais simples expressão. "O fim desta publicação, diz Allan Kardec, é apresentar, em quadro muito resumido, um histórico do Espiritismo e uma idéia suficiente da doutrina dos Espíritos, para permitir ser compreendido o seu fim moral e filosófico. Pela clareza e simplicidade do estilo, procurámos pô-la ao alcance de todas as inteligências. Contamos com o zelo de todos os verdadeiros espíritas, para que lhe auxiliem a propagação." - Este apelo foi ouvido, porque a pequena brochura se espalhou em profusão, devendo muitos a esse excelente trabalho ter compreendido o fim e o alcance do Espiritismo.

Tendo os nossos predecessores no Espiritismo transmitido a Allan Kardec, por ocasião do Ano-Novo, a expressão dos seus sentimentos de gratidão, eis aqui como respondeu o Mestre a esse testemunho de simpatia:

"Meus caros irmãos e amigos de Lião:

"A manifestação coletiva que tivestes a bondade de transmitir-me, por ocasião do ano novo, produziu-me vivíssima satisfação, provando-me que conservastes de mim uma boa recordação; mas, o que me causou maior prazer, nesse ato espontâneo de vossa parte, foi encontrar, entre as numerosas assinaturas que nele figuram, representantes de quase todos os grupos, porque é um sinal da harmonia que reina entre eles. Sou feliz por ver que compreendestes perfeitamente o fim dessa organização, cujos resultados desde já podeis apreciar, porque deve ser agora evidente para vós que uma sociedade única seria quase impossível.

"Agradeço, meus bons amigos, os votos que fazeis por mim; eles me são tanto mais agradáveis quanto sei que partem do coração, e são os que Deus atende. Ficai, pois, satisfeitos, porque Ele os ouve todos os dias, proporcionando-me a extraordinária satisfação no estabelecimento de uma nova doutrina, de ver aquela a que me tenho dedicado engrandecer e prosperar, em minha vida, com uma rapidez maravilhosa; considero um grande favor do céu ser testemunha do bem que ela já produz.

"Esta certeza, de que recebo diàriamente os mais tocantes testemunhos, me paga com usura todos os meus sofrimentos, todas as minhas fadigas; não peço a Deus senão uma graça, e é a de dar-me a força física necessária para ir até ao fim da minha tarefa, que longe se encontra de estar concluída; mas, como quer que suceda, possuirei sempre a maior consolação, pela certeza de que a semente das idéias novas, espalhada agora por toda parte, é imperecível; mais feliz que muitos outros, que não trabalharam senão para o futuro, é-me permitido contemplar os primeiros frutos.

"Se alguma coisa lamento, é que a exiguidade dos meus recursos pessoais me não permita pôr em execução os

planos que concebi para um avanço ainda mais rápido; se Deus, porém, em sua sabedoria, entendeu dispor de modo diferente, legarei esses planos aos nossos sucessores, que, sem dúvida, serão mais felizes. A despeito da escasse dos recursos materiais, o movimento que se opera na opinião ultrapassou toda a expectativa; crede, meus irmãos, que nisso o vosso exemplo não terá sido sem influência. Recebei, portanto, as nossas felicitações pela maneira por que sabeis compreender e praticar a Doutrina.

"No ponto a que hoje chegaram as coisas, e tendo em vista a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados em seu caminho, pode dizer-se que as principais dificuldades estão superadas; ele conquistou o seu lugar e está assente sobre bases que de ora em diante desafiam os esforços dos seus adversários.

"Perguntam como uma doutrina, que torna feliz e melhor, pode ter inimigos; é natural; o estabelecimento das melhores coisas choca sempre interesses, ao começar. Não tem acontecido assim com todas as invenções e descobertas que tem revolucionado a indústria? As que hoje são consideradas como benefícios, sem as quais não se poderia mais passar, não tiveram inimigos obstinados? Toda lei que reprime um abuso não tem contra si todos os que vivem dos abusos? Como quereríeis que uma Doutrina que conduz ao reino da caridade efetiva não fosse combatida por todos os que vivem no egoísmo? E sabeis que são eles numerosos na Terra!

"No começo contaram sepultá-la com a zombaria; hoje vêem que essa arma é impotente e que, sob o fogo dos sarcasmos, ela prosseguiu o seu caminho sem tropeçar. Não acrediteis que se confessem vencidos; não, o interesse material é tenaz. Reconhecendo que é uma potência com que é necessário de hoje em diante conta vão dirigir-lhe assaltos mais sérios, mas que só servirão para melhor

atestar a fraqueza deles. Uns a atacarão diretamente por palavras e atos, e a perseguição até na pessoa dos seus adeptos, que eles se esforçarão por desalentar a poder de embaraços, enquanto que outros, secretamente e por caminhos disfarçados procurarão miná-la surdamente.

"Se um grupo quer estar em condições de ordem, de tranquilidade e de estabilidade, é preciso que nele reine o sentimento fraternal. Todo grupo ou sociedade que se formar, sem ter a caridade por base, não tem vitalidade; enquanto que aqueles que forem fundados de acordo com o verdadeiro espírito da doutrina olhar-se-ão como membros de uma mesma família que, não sendo possível habitarem todos sob o mesmo teto, moram em lugares diferentes. A rivalidade entre eles seria um contra-senso; ela não poderia existir onde reina a verdadeira caridade, porque a caridade não se pode entender de duas maneiras.

"Reconhecei, pois, o verdadeiro espírita na prática da caridade por pensamentos, palavras e obras, e persuadi-vos de quem quer que nutra em sua alma sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de inveja ou de ciúme, mente a si próprio se tem a pretensão de compreender e praticar o Espiritismo.

"O egoísmo e o orgulho matam as sociedades particulares, como matam os povos e a sociedade em geral ... "

Tudo mereceria citação nestes conselhos, tão justos quão práticos; mas é preciso que nos limitemos, em razão do tempo de que podemos dispor.

A pedido dos espíritas de Lião e de Bordéus, Allan Kardec fêz, em Setembro e Outubro, uma longa viagem de propaganda semeando por toda parte a boa nova e prodigalizando conselhos, mas somente aos que lhos

pediam; o convite feito pelos grupos lioneses estava subscrito por quinhentas assinaturas. Uma publicação especial deu conta dessa viagem de mais de seis semanas, durante a qual o Mestre presidiu a mais de cinquenta reuniões em vinte cidades, onde por toda parte foi alvo do mais cordial acolhimento e se sentiu feliz por verificar os imensos progressos do Espiritismo.

A respeito das viagens de Allan Kardec, como certas influências hostis houvessem espalhado o boato de que eram feitas a expensas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sobre cujo orçamento igualmente ele sacava de antemão todos os seus gastos de correspondência e de manutenção, o Mestre rebateu, assim, essa falsidade:

"Muitas pessoas, sobretudo na província, pensaram que as despesas dessas viagens oneravam a Sociedade de Paris; tivemos que desfazer esse erro quando se ofereceu a ocasião; aos que ainda o pudessem partilhar, recordaremos o que afirmámos noutra circunstância (número de Junho de 1862, página 167, Revista Espírita), que a Sociedade se limita a prover às suas despesas correntes e não possui reservas; para que pudesse acumular capital, ser-lhe-ia preciso que tivesse em mira o número; e isto é o que ela não faz nem quer fazer, porque o seu fim não é a especulação e porque o número nada acrescenta à importância dos trabalhos. Sua influência é toda moral e está no carácter de suas reuniões, que dão aos estranhos a idéia de uma assembléia grave e séria; aí está o seu mais poderoso meio de propaganda. Ela, pois, não poderia prover tal despesa. Os gastos de viagem, como todos os que as nossas relações reclamam para o Espiritismo, são tirados dos nossos recursos pessoais e das nossas economias, aumentadas com o produto das nossas obras, sem o qual nos seria impossível prover a todos os encargos, que são para nós a consequência da obra que empreendemos. Isto é dito sem vaidade e unicamente para render homenagem à

verdade, e para edificação daqueles aos quais se afigura que nós capitalizamos."

Em 1862 Allan Kardec fêz também aparecer uma Refutação às críticas contra o Espiritismo, no ponto de vista do materialismo, da ciência e da religião.

Em Abril de 1864 publicou a Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo, com a explicação das máximas morais do Cristo, sua aplicação e sua concordância com o Espiritismo. O título dessa obra foi depois modificado, e é hoje O Evangelho segundo o Espiritismo.

Aproveitando-se da época das férias, Allan Kardec fêz em Setembro de 1864 uma viagem a Antuérpia e a Bruxelas. Expondo aos espíritas belgas o seu modo de ver acerca dos grupos e sociedades Espíritas, recorda o que já havia dito em Lião, em 1861: "Vale mais, portanto, haver em uma cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, em que nenhum se arrogue a supremacia sobre os outros, do que uma única sociedade que a todos reunisse. Esse fracionamento em nada pode prejudicar a unidade dos princípios, desde que a bandeira é uma só e que todos se dirigem para um mesmo fim."

As sociedades numerosas têm sua razão de ser sob o ponto de vista da propaganda; mas, quanto aos estudos sérios e continuados, é preferível constituírem-se grupos íntimos.

No dia 1º de Agosto de 1865, Allan Kardec fêz aparecer uma nova obra - O Céu e o Inferno ou a Justiça divina segundo o Espiritismo, na qual são mencionados numerosos exemplos da situação dos Espíritos, no mundo espiritual e na Terra, e as razões que motivaram essa situação.

Os admiráveis êxitos do Espiritismo, seu desenvolvimento quase incrível, criaram-lhe inúmeros inimigos; e, à proporção que ele se foi engrandecendo, aumentou, também, a tarefa de Allan Kardec. O Mestre possuía uma vontade de ferro, um poder de combatividade extraordinário; era um trabalhador infatigável; de pé, em qualquer estação, desde as 4 horas e meia, respondia a tudo, às polemicas veementes dirigidas contra o Espiritismo, contra ele próprio, às numerosas correspondências que lhe eram dirigidas; atendia à direção da Revista Espírita e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, à organização do Espiritismo e ao preparo das suas obras.

Esse excesso físico e intelectual esgotou-lhe o organismo, e repetidas vezes os Espíritos precisam chamá-lo à ordem, a fim de obrigá-lo a poupar a saúde. Ele, porém, sabe que não deve durar mais que uns dez anos ainda numerosas comunicações o preveniram desse termo e lhe anunciaram mesmo que a sua tarefa não seria concluída senão com nova existência, que sucederia a breve trecho à sua próxima desencarnação; por isso ele não quer perder ocasião alguma de dar ao Espiritismo tudo o que pode, em força e vitalidade.

Em 1867 faz uma curta viagem a Bordéus, Tours e Orleans; em seguida põe novamente mãos à obra, para publicar, em Janeiro de 1868, A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo. E' das mais importantes esta obra, porque constitui, sob o ponto de vista científico, a síntese dos quatro primeiros volumes já publicados.

Allan Kardec ocupa-se, em seguida, de um projeto de organização do Espiritismo, por meio do qual espera imprimir mais vigor, mais ação à filosofia de que se fêz apóstolo, procurando desenvolver-lhe o lado prático e fazer-lhe produzir seus frutos. O objeto constante das suas

preocupações é saber quem o substituirá em sua obra, porque sente que o desenlace está próximo; e a substituição que elabora tem precisamente por fim prover às necessidades futuras da Doutrina Espírita.

Desde os primeiros anos do Espiritismo, Allan Kardec havia comprado, com o produto das suas obras pedagógicas, 2.666 metros quadrados de terreno na avenida Ségur, atrás dos inválidos. Tendo esta compra esgotado os seus recursos, ele contraiu com o Credit Foncier um empréstimo de 50.000 francos para fazer construir nesse terreno seis pequenas casas, com jardim; alimentava a doce esperança de recolher-se a uma delas, na Vila Ségur, e torná-la-ia depois da sua morte asilo a que se pudessem recolher na velhice os defensores indigentes do Espiritismo.

Em 1869 a Sociedade Espírita era reconstituída e tornada sociedade anônima, com o capital de 40.000 francos, dividido em quarenta ações, para a exploração da livraria, da Revista Espírita e das obras de Allan Kardec. A nova sociedade devia instalar-se no dia 1º de Abril, à rua de Lille nº. 7.

Allan Kardec, cujo contrato de arrendamento na passagem Sant' Ana estava quase a terminar, contava retirar-se para a Vila Ségur, a fim de trabalhar mais ativamente nas obras que lhe restavam fazer e cujo plano e documentos se achavam já reunidos. Estava, pois, em todos os preparativos de mudança de domicílio, quando a 31 de março a doença de coração que o minava surdamente pôs termo à sua robusta constituição e, como um raio, o arrebatou à afeição dos seus discípulos. Essa perda foi imensa para o Espiritismo, que via desaparecer o seu fundador e mais poderoso propagandista, e lançou em

profunda consternação todos os que o haviam conhecido e amado.

Hippolyte-Léon-Denizard Rivail - Allan Kardec (faleceu em Paris, rua Sant'Ana, 25 (Galeria Sant'Ana, 59), 2ª. circunscrição e Mairie de la Banque} em 31 de Março de 1869, na idade de 65 anos, sucumbindo da ruptura de um aneurisma.

Unânimes sentimentos acolheram a dolorosa notícia, e numerosíssima concorrência acompanhou ao Père Lachaise, sua derradeira morada, os despojos mortais daquele que fora Allan Kardec, daquele que, através dos tempos, brilhará como um meteoro fulgurante na aurora do Espiritismo.

Quatro orações foram proferidas à beira do túmulo do Mestre: a primeira, pelo Sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; a segunda, pelo Sr. Camilo Flammarion, que não fêz somente um esboço do caráter de Allan Kardec e do papel que cabe aos seus trabalhos no movimento contemporâneo, mas ainda, e sobretudo, um exame da situação das ciências físicas, no ponto de vista do mundo invisível, das forças naturais desconhecidas, da existência da alma e da sua indestrutibilidade. Em seguida, tomou a palavra o Sr. Alexandre Delanne, em nome dos espíritas dos centros afastados; e, depois, o Sr. E. Muner, em nome da família e dos seus amigos, dirigiu ao morto querido os últimos adeuses.

A senhora Allan Kardec tinha 74 anos por ocasião da morte de seu esposo. Sobreviveu-lhe até 1883, ano em que, a 21 de Janeiro, se extinguiu, na idade de 89 anos, sem herdeiros diretos.

Erraria quem acreditasse que, em virtude dos seus trabalhos, Allan Kardec devia ser uma personagem sempre fria e austera. Não era, entretanto, assim. Esse grave filósofo, depois de haver discutido pontos mais difíceis da psicologia e da metafísica transcendental, mostrava-se expansivo, esforçando-se por distrair os convidados que ele frequentemente recebia na Vila Ségur; conservando-se sempre digno e sóbrio em suas expressões, sabia adubá-las com o nosso velho sal gaulês em rasgos de causticante e afetuosa bonomia. Gostava de rir com esse belo riso franco, largo e comunicativo, e possuía um talento todo particular em fazer os outros partilharem do seu bom humor.

Todos os jornais da época se ocuparam da morte de Allan Kardec e procuraram medir-lhe as consequências. Eis aqui, a título de lembrança, o que a esse respeito escrevia o Sr. Pages de Noyez, no Journal de Paris, de 3 de Abril de 1369:

"Aquele que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec, chamava-se Rivail e morreu na idade de 65 anos.

"Vimo-lo deitado num simples colchão, no meio da sala das sessões a que há tantos anos ele presidia; vimo-lo com o semblante calmo como se extinguem aqueles a quem a morte não surpreende e que, tranquilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo da pureza de sua alma sobre o corpo que abandonaram.

"Resignados pela fé em uma vida melhor, e pela convicção da imortalidade da alma, inúmeros discípulos tinham vindo lancar um derradeiro olhar àqueles lábios descorados que, ainda na véspera, lhes falavam a linguagem da Terra, Mas eles recebiam já a consolação de além-túmulo; o Espírito de Allan Kardec veio dizer-lhes quais haviam sido as suas

comoções, quais as suas primeiras impressões, quais, dos que o haviam precedido no além-túmulo, tinham vindo ajudar-lhe a alma a desprender-se da matéria. "Se "o estilo é o homem", aqueles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita.

"A morte de Allan Kardec é notável por uma coincidência estranha. A Sociedade fundada por esse grande vulgarizador do Espiritismo acabava de desaparecer. Abandonado o local, retirado os móveis, nada mais restava de um passado que devia renascer sobre novas bases. No fim da última sessão, o presidente fizera as suas despedidas; preenchida a sua missão, retirava-se da luta cotidiana, para se consagrar inteiramente ao estudo da filosofia espiritualista.

Outros, mais jovens - intrépidos - deveriam continuar a obra e, fortes por sua virilidade, impor a verdade por sua convicção.

"Para que referir os detalhes da morte? Que importa o modo por que se partiu o instrumento, e porque consagrar uma linha a esses fragmentos de ora em diante mergulhados no turbilhão imenso das moléculas? Allan Kardec morreu na sua hora própria. Com ele terminou o prólogo de uma religião vivaz, que, irradiando todos os dias, cedo terá iluminado toda a Humanidade. Ninguém melhor que ele podia conduzir a bom termo essa obra de propaganda, à qual era necessário sacrificar as longas vigílias que alimentam o espírito, a paciência que educa com o correr do tempo, a abnegação que afronta a estultícia do presente, para não ver senão a irradiação do futuro.

"Allan Kardec terá, com suas obras, fundado o dogma pressentido pelas mais antigas sociedades. Seu nome,

apreciado como o de um homem de bem, está há muito tempo vulgarizado pelos que crêem e pelos que receiam. E' difícil praticar o bem sem chocar os interesses estabelecidos. O Espiritismo destrói muitos abusos, reanima muitas consciências doloridas, dando-lhes a certeza da prova e a consolação do futuro.

"Os espíritas choram hoje o amigo que os deixa, porque o nosso entendimento, por assim dizer, material, não se pode submeter a essa ideia de transição" pago, porém, o primeiro tributo a essa inferioridade do nosso organismo, o pensador ergue a cabeça e através desse mundo invisível, que ele sente existir além do túmulo, estende a mão ao amigo, que já não existe, convencido de que o seu Espírito nos protege sempre.

"O presidente da Sociedade Espírita de Paris está morto; mas o número de adeptos cresce todos os dias, e os corajosos, os quais pelo respeito ao Mestre se deixavam ficar no segundo plano, não hesitarão em se evidenciar por bem da grande causa.

"Esta morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não deixa de ser, por isso, um grande fato para a Humanidade. Não é mais o sepulcro de hum homem, é a pedra tumular enchendo esse imenso vácuo que o materialismo cavara aos nossos pés e sobre o qual o Espiritismo esparge as flores da esperança.

Um ponto sobre o qual não atraí a vossa atenção mas que devo assinalar, é a saúde verdadeiramente cristã de Allan Kardec; dele se pode dizer que a mão esquerda ignorou sempre o bem que fazia a direita, e que esta ainda menos conheceu os botes que à outra atiravam aqueles para quem o reconhecimento é um fardo excessivamente pesado. Cartas anônimas, insultos, traições, difamações

sistemáticas, nada foi poupado a esse intrépido lutador, a essa alma grande e varonil que penetrou integralmente na imortalidade.

O despojo mortal de Allan Kardec repousa no Père Lachaise, em Paris, sob modesta lápide erguida pela piedade dos seus discípulos; é aí que se reúnem todos anos, desde 1869, os adeptos que têm guardado fidelidade à memória do Mestre e conservam preciosamente no coração o culto da saudade.

E já que um sentimento análogo nos reúne hoje, repitamos bem alto, minhas senhoras, meus senhores:

Honra! Honra e glória a Allan Kardec!

Henri Sausse.

**FRANCISCO CÂNDIDO
XAVIER - (CHICO XAVIER)**

O maior e mais prolífico médium psicógrafo do mundo em todas as épocas nasceu em Pedro Leopoldo, modesta cidade de Minas Gerais, Brasil, em 2 de abril de 1910. Vive, desde 1959, em Uberaba, no mesmo Estado. Completou o curso primário, apenas. Pais: João Cândido Xavier e Maria João de Deus, desencarnados em 1960 e 1915, respectivamente. Infância difícil; foi caixeiro de armazém e modesto funcionário público, aposentado desde 1958. Em 7 de maio de 1927 participa de sua primeira reunião espírita. Até 1931 recebe muitas poesias e mensagens, várias das quais saíram a público, estampadas à revelia do médium em

jornais e revistas, como de autoria de F. Xavier. Nesse mesmo ano, vê, pela primeira vez, o Espírito Emmanuel, seu inseparável mentor espiritual até hoje.

Desde os 4 anos de idade o menino Chico teve a sua vida assinalada por singulares manifestações. Seu pai chegou, inclusive, a crer que o seu verdadeiro filho havia sido trocado por outro... Aquele seu filho era estranho!... De formação católica, o garoto orava com extrema devoção, conforme lhe ensinara D. Maria João de Deus, a querida mãezinha, que o deixaria órfão aos 5 anos. Dentro de grandes conflitos e extremas dificuldades, o menino ia crescendo, sempre puro e sempre bom, incapaz de uma palavra obscena, de um gesto de desobediência. As "sombras" amigas, porém, não o deixavam... Conversava com a mãezinha desencarnada, ouvia vozes confortadoras. Na escola, sentia a presença delas, auxiliando-o nas tarefas habituais. O certo é que os seus primeiros anos o marcaram profundamente; ele nunca os esqueceu... A necessidade de trabalhar desde cedo para auxiliar nas despesas domésticas foi em sua vida, conforme ele mesmo o diz, uma bênção indefinível.

Sim, a doença também viera precocemente fazer-lhe companhia. Primeiro os pulmões, quando trabalhava na tecelagem; depois os olhos; agora é a angina.

Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) iniciou, publicamente, seu mandato mediúnico em 8 de julho de 1927, em Pedro Leopoldo. Contando 17 anos de idade, recebeu as primeiras páginas mediúnicas. Em noite memorável, os Espíritos deram início a um dos trabalhos mais belos de toda a história da humanidade. Dezesete folhas de papel foram preenchidas, celeremente, versando sobre os deveres do espírita-cristão.

Depoimento de Chico Xavier: (...) "Era uma noite quase gelada e os companheiros que se acomodavam junto à

mesa me seguiram os movimentos do braço, curiosos e comovidos. A sala não era grande, mas, no começo da primeira transmissão de um comunicado do mais Além, por meu intermédio, senti-me fora de meu próprio corpo físico, embora junto dele. No entanto, ao passo que o mensageiro escrevia as dezessete páginas que nos dedicou, minha visão habitual experimentou significativa alteração.

As paredes que nos limitavam o espaço desapareceram. O telhado como que se desfez e, fixando o olhar no alto, podia ver estrelas que tremeluziam no escuro da noite.

Entretanto, relanceando o olhar no ambiente, notei que toda uma assembléia de entidades amigas me fitavam com simpatia e bondade, em cuja expressão adivinhava, por telepatia espontânea, que me encorajavam em silêncio para o trabalho a ser realizado, sobretudo, animando-me para que nada receasse quanto ao caminho a percorrer."

EMMANUEL E DUAS ORIENTAÇÕES PARA O RESTO DA VIDA :
Emmanuel, nos primórdios da mediunidade de Chico Xavier, deu-lhe duas orientações básicas para o trabalho que deveria desempenhar. Fora de qualquer uma delas, tudo seria malogrado. Eis a primeira. - "Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus?"

- Sim, se os bons espíritos não me abandonarem... - respondeu o médium.

- Não será você desamparado - disse-lhe Emmanuel - mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem.

- E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso? - tornou o Chico.

- Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o Serviço... Porque o protetor se calasse o rapaz perguntou:

- Qual é o primeiro? A resposta veio firme: - Disciplina.

- E o segundo? - Disciplina.

- E o terceiro? - Disciplina.

" A segunda mais importante orientação de Emmanuel para o médium é assim lembrada: - "Lembro-me de que num dos primeiros contatos comigo, ele me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec e, disse mais, que, se um dia, ele, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e de Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo.

Em 1932 publica a FEB seu primeiro livro, o famoso "Parnaso de Além-Túmulo"; hoje as obras que psicografou vão a mais de 400. Várias delas estão traduzidas e publicadas em castelhano, esperanto, francês, inglês, japonês, grego, etc.

De moral ilibada, realmente humilde e simples, Chico Xavier jamais auferiu vantagens, de qualquer espécie, da mediunidade. Sua vida privada e pública tem sido objeto de toda especulação possível, na informação falada, escrita e televisionada. Ápodos e críticas ferinas, têm-no colhido de miúdo, sabendo suportá-los com verdadeiro espírito cristão. Viajou com o médium Waldo Vieira aos Estados Unidos e à Europa, onde visitaram a Inglaterra, a França, a Itália, a Espanha e Portugal, sempre a serviço da Doutrina Espírita. Chico Xavier é hoje uma figura de projeção nacional e

internacional, suas entrevistas despertam a atenção de milhares de pessoas, mesmo alheias ao Espiritismo; tem aparecido em programas de TV, respondendo a perguntas as mais diversas, orientando as respostas pelos postulados espíritas.

Já recebeu o título de Cidadão Honorário de várias cidades: Rio Preto, São Bernardo do Campo, Franca, Campinas, Santos, Catanduva, em São Paulo; Uberlândia, Araguari e Belo Horizonte, em Minas Gerais; Campos, no Estado do Rio de Janeiro, etc., etc.

Dos livros que psicografou já se venderam mais de 12 milhões de exemplares, só dos editados pela FEB, em número de 88. "Parnaso de Além-Túmulo", a primeira obra publicada em 1932, provocou (e comprovou) a questão da identificação das produções mediúnicas, pelo pronunciamento espontâneo dos críticos, tais como Humberto de Campos, ainda vivo na época, Agripino Grieco, severo crítico literário, de renome nacional, Zeferino Brasil, poeta gaúcho, Edmundo Lys, cronista, Garcia Júnior, etc. Prefaciando "Parnaso de Além-Túmulo", escreveu Manuel Quintão: "Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Simbolismo, aí se ostentam em louçanias de sons e de cores, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente, a sobrevivência de seus intérpretes.

É ler Casimiro e reviver 'Primaveras'; é recitar Castro Alves e sentir 'Espumas Flutuantes'; é declamar Junqueiro e lembrar a 'Morte de D. João'; é frasear Augusto dos Anjos e evocar 'Eu'." Romances históricos formam a série Romana, de Emmanuel, composta de: "Há 2000 Anos...", "50 Anos Depois", "Ave, Cristo!", "Paulo e Estevão", provocando a elaboração do "Vocabulário Histórico-Geográfico dos Romances de Emmanuel", de Roberto Macedo, estudo elucidativo dos eventos históricos citados nas obras. "Há 2000 Anos..." é o relato da encarnação de Emmanuel à época de Jesus. De Humberto de Campos (Espírito), aparece, em 1938, o profético e discutido "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", uma história de nossa

pátria e dos fatos e ela ligados, em dimensão espiritual. A série André Luiz é reveladora, doutrinária e científica; com obras notáveis e a maioria completa, no tocante à vida depois da desencarnação, obras anteriores, de Swedenborg, A. Jackson Davis, Cahagnet, G. Vale Owen e outros.

Pertencem a essa série: "Nosso Lar", "Os Mensageiros", "Missionários da Luz", "Obreiros da Vida Eterna", "No Mundo Maior", "Agenda Cristã", "Libertação", "Entre a Terra e o Céu", "Nos Domínios da Mediunidade", "Ação e Reação", "Evolução em dois Mundos", "Mecanismos da Mediunidade", "Conduta Espírita", "Sexo e Destino", "Desobsessão", "E a Vida Continua...". De parceria com o médium Waldo Vieira, Chico Xavier psicografou 17 obras.

A extraordinária capacidade mediúnica de Chico Xavier está comprovada pela grande quantidade de autores espirituais, da mais elevada categoria, que por seu intermédio se manifestam. Vários de seus livros foram adaptados para encenação no palco e sob a forma de radionovelas e telenovelas. O dom mediúnico mais conhecido de Francisco Xavier é o psicográfico. Não é, todavia, o único. Tem ele, e as exercita constantemente, outras mediunidades, tais como: psicofonia, vidência, audiência, receitista, e outras.

Sua vida, verdadeiramente apostolar, dedicou-a, o médium, aos sofredores e necessitados, provindos de longínquos lugares, e também aos afazeres medianeiros, pelos quais não aceita, em absoluto, qualquer espécie de paga. Os direitos autorais ele os tem cedido graciosamente a várias Editoras e Casas Espíritas, desde o primeiro livro. Sua vida e sua obra têm sido objeto de numerosas entrevistas radiofônicas e televisadas, e de comentários em jornais e revistas, espíritas ou não, e em livros dos quais podemos citar: o opúsculo intitulado "Pinga-Fogo, Entrevistas", obra publicada pelo Instituto de Difusão Espírita, de Araras; "Trinta Anos com Chico Xavier", de Clóvis Tavares; "No

Mundo de Chico Xavier", de Elias Barbosa; "Lindos Casos de Chico Xavier", de Ramiro Gama; "40 Anos no Mundo da Mediunidade", de Roque Jacinto; "A Psicografia ante os Tribunais", de Miguel Timponi; "Amor e Sabedoria de Emmanuel", de Clóvis Tavares; "Presença de Chico Xavier", de Elias Barbosa; "Chico Xavier Pedo Licença", de Irmão Saulo, pseudônimo de Herculano Pires; "Nosso Amigo Xavier", de Luciano Napoleão; "Chico Xavier, o Santo dos Nossos Dias" e "O Prisioneiro de Cristo", de R. A. Ranieri; "Chico Xavier - Mandato de Amor", da U.E.M.; "As Vidas de Chico Xavier", de Marcel Souto Maior, etc.

O CASO HUMBERTO DE CAMPOS :

Desencarnado em 1934 o festejado escritor brasileiro Humberto de Campos, o Espírito deste iniciou, em 1937, pela mediunidade de Chico Xavier, a transmissão de várias obras de crônicas e reportagens, todas editadas pela Federação Espírita Brasileira, entre as quais sobressai "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho". Eis senão quando, em 1944, a viúva de Humberto de Campos ingressa em juízo, movendo um processo, que se torna célebre, contra a Federação Espírita Brasileira e Francisco Cândido Xavier, no sentido de obter uma declaração, por sentença, de que essa obra mediúnica "é ou não do 'Espírito' de Humberto de Campos", e que em caso afirmativo, se apliquem as sanções previstas em Lei. O assunto causou muita polêmica e, durante um bom tempo, ocupou espaço nos principais periódicos do País. Para que tenhamos uma idéia do que representou o referido processo na divulgação dos postulados espíritas, resumimos aqui alguns dos principais depoimentos da época extraídos da obra do Dr. Miguel Timponi, o principal advogado que trabalhou na defesa do médium e da FEB. Antes, porém, sintamos a beleza das palavras a seguir, enfeixadas no livro A

Psicografia ante os Tribunais: "Entretanto, lá do Nordeste, desse Nordeste de encantamentos e de mistérios, a voz cheia de ternura e de emoção, de uma velhinha santificada pela dor e pelo sofrimento, D. Ana de Campos Veras, extremosa mãe do querido e popular escritor, rompeu o silêncio para ofertar ao médium de Pedro Leopoldo a fotografia do seu próprio filho, com esta expressiva dedicatória: 'Ao Prezado Sr. Francisco Xavier, dedicado intérprete espiritual do meu saudoso Humberto, ofereço com muito afeto esta fotografia, como prova de amizade e gratidão. Da cr^a. at^a. Ana de Campos Veras Parnaíba, 21-5-38.' Conforme se vê da edição de 'O Globo' de 19 de julho de 1944, essa exma. senhora confirma que o estilo é do seu filho e assegura ao redator de 'O Povo' e 'Press Parga': "- Realmente - disse dona Ana Campos - li emocionada as Crônicas de Além-Túmulo, e verifiquei que o estilo é o mesmo de meu filho. Não tenho dúvidas em afirmar isso e não conheço nenhuma explicação científica para esclarecer esse mistério, principalmente se considerarmos que Francisco Xavier é um cidadão de conhecimentos medíocres. Onde a fraude? Na hipótese de o Tribunal reconhecer aquela obra como realmente da autoria de Humberto, é claro que, por justiça, os direitos autorais venham a pertencer à família. No caso, porém, de os juízes decidirem em contrário, acho que os intelectuais patriotas fariam ato de justiça aceitando Francisco Cândido Xavier na Academia Brasileira de Letras... Só um homem muito inteligente, muito culto, e de fino talento literário, poderia ter escrito essa produção, tão identificada com a de meu filho." Na noite de 15 de julho de 1944, quando o processo atingia o clímax, o Espírito Humberto de Campos retorna pelo lápis do médium Chico Xavier, tecendo, no seu estilo inconfundível, uma belíssima e emocionante página sobre o triste problema levantado pela incompreensão humana, página que pode ser devidamente apreciada no livro "A Psicografia ante os Tribunais". Daí por diante, ele passou a

assinar-se, simplesmente, Irmão X, versão evangelizada do Conselheiro XX, como era conhecido nos meios literários quando encarnado. A Autora, D. Catarina Vergolino de Campos, foi julgada carecedora da ação proposta, por sentença de 23 de agosto de 1944, do Dr. João Frederico Mourão Russell, juiz de Direito em exercício na 8ª Vara Cível do antigo Distrito Federal. Tendo ela recorrido dessa sentença, o Tribunal de Apelação do antigo DF manteve-a por seus jurídicos fundamentos, tendo sido relator o saudoso ministro Álvaro Moutinho Ribeiro da Costa.

O AMOR DE CHICO XAVIER POR JESUS :

Depoimento de Chico Xavier: "(...) Deus nos permita a satisfação de continuar sempre trabalhando na Grande Causa d'Ele, Nosso Senhor e Mestre. Desde criança, a figura do Cristo me impressiona. Ao perder minha mãe, aos cinco janeiros de idade, conforme os próprios ensinamentos dela, acreditei n'Ele, na certeza de que Ele me sustentaria. Conduzido a uma casa estranha, na qual conheceria muitas dificuldades para continuar vivendo, lembrava-me d'Ele, na convicção de que Ele era um amigo poderoso e compassivo que me enviaria recursos de resistência e ao ver minha mãe desencarnada pela primeira vez, com o cérebro infantil sem qualquer conhecimento dos conflitos religiosos que dividem a Humanidade, pedi a ela me abençoasse segundo o nosso hábito em família e lembro-me perfeitamente de que perguntei a ela: - Mamãe, foi Jesus que mandou a senhora nos buscar? Ela sorriu e respondeu: - Foi sim, mas Jesus deseja que vocês, os meus filhos espalhados, ainda fiquem me esperando... Aceitei o que ela dizia, embora chorasse, porque a referência a Jesus me tranquilizava. Quando meu pai se casou pela segunda vez e a minha segunda mãe mandou me buscar para junto dela, notando-lhe a bondade natural, indaguei: - Foi Jesus quem enviou a senhora para nos reunir? Ela me disse: - Chico, isso não sei... Mas minha

fé era tamanha que respondi: - Foi Ele sim... Minha mãe, quando me aparece, sempre me fala que Ele mandaria alguém nos buscar para a nossa casa. E Jesus sempre esteve e está em minhas lembranças como um Protetor Poderoso e Bom, não desaparecido, não longe mas sempre perto, não indiferente aos nossos obstáculos humanos, e sim cada vez mais atuante e mais vivo." Não se pode negar o sentimento de veneração que envolve a nobre figura de Ismael, guia espiritual do Brasil. A responsabilidade que detém, na condição de mentor da Federação Espírita Brasileira suscita, da parte da comunidade espírita nacional, um profundo respeito, aliado a um imenso carinho e uma suave ternura. Certa vez, indagaram a Chico Xavier: - Como se processam os encontros, nas esferas resplandecentes da Espiritualidade, de Emmanuel com Ismael? Qual a postura do admirável Espírito do ex-senador romano, diante da também luminosa entidade a quem confiou Jesus os destinos do Brasil? Resposta do médium, curta, serena e firme: - De joelhos!

BREVES DEPOIMENTOS SOBRE O MÉDIUM CHICO XAVIER :

A bibliografia mediúnica, que foi acrescida à literatura espírita, nestes últimos cinquenta anos, nascida do lápis de Chico Xavier - e o espaço não nos permite, sequer, considerações ligeiras sobre suas páginas -, é vultosa, considerável. É qualitativamente admirável. Poderíamos, sem dificuldade, num exame sereno e com absoluta isenção, dividir a obra mediúnica, orientada por Emmanuel, igualmente em fases perfeitamente delineadas, dentro de duas grandes divisões: a primeira, provando a sobrevivência e a imortalidade do espírito - 'Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho' - seguida de uma panorâmica da História universal - 'A Caminho da Luz' e de alguns manuais do maior valor: 'Emmanuel, Dissertações Mediúnicas', 'O Consolador', 'Roteiro', etc. Enfim, muitos estudos interessantes e instrutivos virão, a seu tempo. E a

obra de Francisco Cândido Xavier, criteriosamente traduzida, estará, tempestivamente, à disposição dos leitores do mundo inteiro, juntamente com a de Allan Kardec e da dos autores que cuidaram dos escritos subsidiários e complementares da Codificação. Mas, enquanto isso, e para que tudo ocorra com a tranqüilidade que se almeja na difusão conscienciosa e responsável da Doutrina dos Espíritos, seria de bom alvitre não perder de vista o fato de que Chico Xavier jamais teria obtido êxito, como instrumento do Alto, se não tivesse seguido a rígida disciplina que lhe foi sugerida por Emmanuel, testemunhando e permanecendo na exemplificação do amor ao próximo e do amor a Deus, vivendo o Evangelho.

Francisco Thiesen Presidente da Federação Espírita Brasileira" (Fonte: "Revista Internacional de Espiritismo", número 6, Ano LII, julho de 1977.) "

"..Não me considero à altura para escrever algo sobre o Chico. Dele, dão testemunho (e que testemunho!) as belas obras que semeou e semeia por esse Brasil afora, com reflexos benéficos em diversas nações do mundo. E quando digo 'obras', refiro-me não só à palavra escrita e falada, como também aos seus exemplos de caridade, de perdão, de fé, de humildade, aos seus diálogos fraternos e frutíferos, enfim, à sua multiforme vivência evangélica junto a pobres e ricos, num trabalho diário de edificação e levantamento de espíritos." "Conheço o Chico há bastante tempo. Nos seus livros mediúnicos encontrei forças, luz e paz, e através de suas cartas pude senti-lo e amá-lo bem no fundo do seu ser. Por várias vezes chorei com suas preocupações e sua dor, vivendo-lhe as graves responsabilidades e lamentando a incompreensão dos homens. Mas sempre orei pedindo ao Senhor que não lhe tirasse o pesado fardo dos ombros e, sim, que o ajudasse a carregá-lo. Graças a Deus, o nosso caro Chico tem vencido todas as dificuldades e todos os óbices do caminho, numa

maratona hercúlea que realmente o dignifica aos olhos dos homens e aos olhos do Pai."

(Trechos da carta do Sr. Zêus Wantuil, 3º secretário da Federação Espírita Brasileira, à presidente da União Espírita Mineira) (Fonte: "O Espírita Mineiro", número 172, maio/julho de 1977.)

A PALAVRA DE CHICO XAVIER AO COMPLETAR QUARENTA ANOS DE MEDIUNIDADE :

"Estes quarenta anos de mediunidade passaram para o meu coração como se fossem um sonho bom. Foram quarenta anos de muita alegria, em cujos caminhos, feitos de minutos e de horas, de dias, só encontrei benefícios, felicidades, esperanças, otimismo, encorajamento da parte de todos aqueles que o Senhor me concedeu, dos familiares, irmãos, amigos e companheiros. Quarenta anos de felicidade que agradeço a Deus em vossos corações, porque sinto que Deus me concedeu nos vossos corações, que representam outros muitos corações que estão ausentes de nós. Agora, sinto que Deus me concedeu por vosso intermédio uma vida tocada de alegrias e bênçãos, como eu não poderia receber em nenhum outro setor de trabalho na Humanidade. Beijo-vos, assim, as mãos, os corações. Quanto ao livro, devo dizer que, certa feita, há muitos anos, procurando o contato com o Espírito de nosso benfeitor Emmanuel, ao pé de uma velha represa, na terra que me deu berço na presente encarnação, muitas vezes chegava ao sítio, pela manhã, antes do amanhecer. E quando o dia vinha de novo, fosse com sol, fosse com chuva, lá estava, não muito longe de mim, um pequeno charco. Esse charco, pouco a pouco se encheu de flores, pela misericórdia de Deus, naturalmente. E muitas almas boas, corações queridos, que passavam pelo mesmo caminho em que nós orávamos, colhiam essas flores, e as levavam consigo com

transporte de alegria e encantamento. Enquanto que o charco era sempre o mesmo charco. Naturalmente, esperando também pela misericórdia de Deus, para se transformar em terra proveitosa e mais útil. Creio que nesses momentos, em que ouço as palavras desses corações maravilhosos, que usaram o verbo para comentar o aparecimento desses cem livros, agora cento e dois livros, lembro este quadro que nunca me saiu da memória, para declarar-vos que me sinto na condição do charco que, pela misericórdia de Deus, um dia recebeu essas flores que são os livros, e que pertencem muito mais a vós outros do que a mim. Rogo, assim, a todos os companheiros, que me ajudem através da oração, para que a luta natural da vida possa drenar a terra pantanosa que ainda sou, na intimidade do meu coração, para que eu possa um dia servir a Deus, de conformidade com os deveres que a Sua infinita misericórdia me traçou. E peço, então, permissão, em sinal de agradecimento, já que não tenho palavras para exprimir a minha gratidão. Peço-vos, a todos, licença para encerrar a minha palavra despretensiosa, com a oração que Nosso Senhor Jesus Cristo nos legou.

(Fonte: "O Espírita Mineiro", número 137, abril/maio/junho de 1970.)

NA TAREFA MEDIÚNICA :

"Pergunta - Em seu primeiro encontro com Emmanuel, ele enfatizou muito a disciplina. Teria falado algo mais?

Resposta - Depois de haver salientado a disciplina como elemento indispensável a uma boa tarefa mediúnica, ele me disse: 'Temos algo a realizar.' Repliquei de minha parte qual seria esse algo e o benfeitor esclareceu: 'Trinta livros pra começar!' Considerei, então: como avaliar esta informação se somos uma família sem maiores recursos, além do nosso

próprio trabalho diário, e a publicação de um livro demanda tanto dinheiro!... Já que meu pai lidava com bilhetes de loteria, eu acrescentei: será que meu pai vai tirar a sorte grande? Emmanuel respondeu: 'Nada, nada disso. A maior sorte grande é a do trabalho com a fé viva na Providência de Deus. Os livros chegarão através de caminhos inesperados!' Algum tempo depois, enviando as poesias de 'Parnaso de Além- Túmulo' para um dos diretores da Federação Espírita Brasileira, tive a grata surpresa de ver o livro aceito e publicado, em 1932. A este livro seguiram-se outros e, em 1947, atingimos a marca dos 30 livros. Ficamos muito contentes e perguntei ao amigo espiritual se a tarefa estava terminada. Ele, então, considerou, sorrindo: 'Agora, começaremos uma nova série de trinta volumes!' Em 1958, indaguei-lhe novamente se o trabalho finalizara. Os 60 livros estavam publicados e eu me encontrava quase de mudança para a cidade de Uberaba, onde cheguei a 5 de janeiro de 1959. O grande benfeitor explicou-me, com paciência: 'Você perguntou, em Pedro Leopoldo, se a nossa tarefa estava completa e quero informar a você que os mentores da Vida Maior, perante os quais devo também estar disciplinado, me advertiram que nos cabe chegar ao limite de cem livros.' Fiquei muito admirado e as tarefas prosseguiram. Quando alcançamos o número de 100 volumes publicados, voltei a consultá-lo sobre o termo de nossos compromissos. Ele esclareceu, com bondade: 'Você não deve pensar em agir e trabalhar com tanta pressa. Agora, estou na obrigação de dizer a você que os mentores da Vida Superior, que nos orientam, expediram certa instrução que determina seja a sua atual reencarnação desapropriada, em benefício da divulgação dos princípios espíritas-cristãos, permanecendo a sua existência, do ponto de vista físico, à disposição das entidades espirituais que possam colaborar na execução das mensagens e livros, enquanto o seu corpo se mostre apto para as nossas atividades.' Muito desapontado, perguntei: então devo trabalhar na recepção de mensagens e livros do mundo

espiritual até o fim da minha vida atual? Emmanuel acentuou: 'Sim, não temos outra alternativa!' Naturalmente, impressionado com o que ele dizia, voltei a interrogar: e se eu não quiser, já que a Doutrina Espírita ensina que somos portadores do livre arbítrio para decidir sobre os nossos próprios caminhos? Emmanuel, então, deu um sorriso de benevolência paternal e me cientificou: 'A instrução a que me refiro é semelhante a um decreto de desapropriação, quando lançado por autoridade na Terra. Se você recusar o serviço a que me reporto, segundo creio, os orientadores dessa obra de nos dedicarmos ao Cristianismo Redivivo, de certo que eles terão autoridade bastante para retirar você de seu atual corpo físico!' Quando eu ouvi sua declaração, silencieei para pensar na gravidade do assunto, e continuei trabalhando, sem a menor expectativa de interromper ou dificultar o que passei a chamar de 'Desígnios de Cima.'

(Fonte: "O Espírita Mineiro", número 205, abril/junho de 1988.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS :

Em 1997, Chico Xavier completou 70 anos de incessante atividade mediúnica, da maior significação espiritual, em prol da Humanidade, abrangendo seus mais diversos segmentos. Até a presente data, outubro de 1997, Francisco Cândido Xavier psicografou mais de 400 (quatrocentas) obras mediúnicas, de centenas de autores espirituais, abarcando os mais diversos e diferentes assuntos, entre poesias, romances, contos, crônicas, história geral e do Brasil, ciência, religião, filosofia, literatura infantil, etc.

Dias e noites têm sido por ele ofertados aos seus semelhantes, com sacrifício da própria saúde. Problemas orgânicos acompanharam-lhe a mocidade e a madureza. Hoje, nos abençoados 87 anos de sua vida corporal, as

dificuldades físicas continuam trazendo-lhe problemas. Releva observar que as doenças oculares e as intervenções cirúrgicas jamais o impediram de cumprir, fiel e dignamente, sua missão de amparo aos necessitados. Sua postura é uma só, obedece a uma só diretriz: amor ao próximo, desinteresse ante os bens materiais, preocupação exclusiva e constante com a felicidade do próximo. Ricos e pobres, velhos e crianças, homens e mulheres de todos os níveis sociais têm encontrado, no homem e no médium Chico Xavier, tudo quanto necessitam para o reajuste interior, para o crescimento, em função do conhecimento e da bondade. Francisco Cândido Xavier é um presente do Alto ao século XX, enriquecendo-lhe os valores com a sua vida de exemplar cidadão, com milhares de mensagens psicografias que, em catadupas de paz e luz, amor e esclarecimento, vêm fertilizando o solo planetário, sob a luminar supervisão do Espírito Emmanuel.

A Psicografia ante os Tribunais. / Miguel Timponi. / FEB - 5ª ed., Espiritismo Básico. / Pedro Franco Barbosa. / FEB - 4ª ed., 1995

Abel Gomes

Nascido no dia 30 de dezembro de 1877, Na antiga cidade de Conceição do Turvo, hoje cidade de Salvador Firmino, e desencarnado em Astolfo Dutra, Também no Estado de Minas Gerais, no dia 16 de agosto de 1934.

Descendente de colonizadores portugueses, Abel Gomes se tornou um nome benquisto por todos e aureolado de grande respeito e admiração, projetando-se por todos os Estados brasileiros e mesmo ultrapassando

fronteiras, para atingir países vizinhos. Apesar de ser um homem simples, pobre e doente, impôs-se ao preito dos seus contemporâneos, pois não apenas ensinava, mas dava sempre o exemplo. Como sociólogo e evangelizador ele soube viver os Evangelhos, propiciando o exemplo vivo daquele que, no dizer judicioso de Jesus Cristo, “toma do arado e não olha mais para trás.”

Abel Gomes tornou-se representativa figura do Espiritismo, divulgando os seus preceitos no seio das massas e conseguindo atingir pessoas de todos os níveis sociais. Dentre os livros espíritas que contribuíram para a sua conversão, situa-se “Depois da Morte”, de Léon Denis, entretanto, os profundos estudos por ele encetados fizeram com que adquirisse a fé raciocinada, preconizada por Allan Kardec e, portando essa fé inabalável, dedicou-se de corpo e alma ao serviço das novas idéias que passara a esposar.

Embora fosse pregador, esquivava-se sempre que podia da tribuna, preferindo espargir os seus ensinamentos pela palavra escrita, através de suas próprias produções literárias e poéticas, todas elas aureoladas de grande profundidade moral e espiritual.

Ficou impossibilitado de andar quando tinha apenas 25 anos de idade, pois foi acometido de pertinaz e progressiva paralisia que lhe imobilizou as pernas. Quase cego, nunca se deixou vencer pelas expiações e pelos duros golpes da adversidade. Em sua cadeira de rodas continuou a produzir como poucos, jamais esmoreceu, o seu dinamismo era inquebrantável.

Pobre de bens materiais, jamais alimentou desejos de enriquecer-se com o ouro da Terra, pois não desconhecia que a fortuna material é um bem transitório que Deus coloca nas mãos de suas criaturas.

Exerceu a profissão de contabilista em várias firmas comerciais. Devido à paralisia e dificuldades de locomoção começou a trabalhar em sua própria residência, como alfaiate e fotógrafo. As poucas horas de lazer que lhe restavam, dedicava-as à composição de músicas admiráveis, passando a ensinar as maravilhas do som a um pugilo de artistas-amadores. Também demonstrou nítidas qualidades de teatrólogo.

Embora não se tenha casado, foi pai adotivo de dois rapazes que se tornaram cidadãos prestativos e respeitáveis.

Abel gomes fez parte de um pugilo de pioneiros do Espiritismo em Minas Gerais, entre os quais podemos citar João Ernesto, em Ubá; João Marcelino, na cidade de Pombas; Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento; José Justiniano de Godoy e Jota Lacerda, em Cataguazes; José Alves Ferreira, Antonio Correntino e Franklin Teodoro dos Santos, em Araguari; e outros.

No ano de 1928, em companhia de outros denodados seareiros, fundou o Grupo Espírita Luz e Trabalho, no antigo Porto de Sto. Antonio, instituição que teve vida efêmera. No dia 2 de julho de 1933, coadjuvado por outros doze espíritas, fundou novo Centro Espírita, dando-lhe o nome do primeiro. Após a sua desencarnação essa instituição passou a chamar-se Cabana

Espírita Abel Gomes. Posteriormente, os seus continuadores lançaram à publicidade o jornal “Arauto da Fé” e implantaram a Fundação Espírita Abel Gomes, que passou a amparar 30 crianças.

Exegeta de grandes recursos, Abel Gomes esmerava-se na interpretação de textos bíblicos, impregnando, com os lampejos do espírito que vivifica, vários ensinamentos contidos no Velho e no Novo Testamentos. Frequentemente apelava para os acontecimentos da vida prática, explicando-os à luz da Doutrina Espírita, o mesmo fazendo com as parábolas e ensinamentos de Jesus Cristo. A sua maneira preferida de ensinar era através do exemplo dignificante.

Na qualidade de professor, exerceu o magistério nas cidades de Cataguazes e Vicososa, lecionando português e matemática. Foi um autêntico autodidata, não tendo cursado nenhuma Faculdade e nunca se matriculou num ginásio. A primeira vez em que entrou num desses estabelecimentos, foi para ensinar aquilo que já havia aprendido. Foi um homem dotado de sólida cultura e de incomparável senso humanístico.

Poliglota, dominava bem o português, o francês, o castelhano, o italiano e conhecia razoavelmente o grego e o latim. Foi também um dos pioneiros do Esperanto em nosso país, e consta que foi o primeiro a lançar uma gramática para o ensino desse idioma internacional.

Abel Gomes foi um homem de letra, tendo deixado numerosas obras ocultas no anonimato ou encobertas por pseudônimo (entre os quais o de

Jota Ubirajara). Escreveu obras notáveis entre as quais “Braz Pires”, “A Felicidade”, e “Pérolas Ocultas”. Prestou inestimável colaboração a publicações brasileiras e portuguesas.

Foi um poeta de grandes recursos. O seu gênero era o lírico, deixando extravasar a sua alma em cânticos maravilhosos, abordando problemas humanos, patrióticos e religiosos, esses últimos com fundamento nos sadios ensinamentos da Codificação Kardequiana. No seu magistral poema “A Dor”, traduziu a sua conformação aos ditames do Alto, compenetrado que era das razões dos sofrimentos que o assolavam.

Abel Gomes foi, portanto, um dos mais autênticos espíritas dos últimos tempos e o Espiritismo muito lhe deve pelo seu inestimável trabalho em favor da sua divulgação, principalmente no Estado de Minas Gerais.

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP, 1982. 1ª edição, SP.

Abibe Isfer

Nasceu em 10 de fevereiro de 1896, na antiga capital federal – Rio de Janeiro. Seus pais Jorge Antonio Isfer e Shaid (Rosa) Antonio Isfer transferiram-se para a terra dos pinheirais, instalando-se, inicialmente, na

Rua das Flores, onde hoje funciona a Casa Pernambucana. Por força das circunstâncias, mudaram para o Tietê, interior do Estado, mandando o filho para casa de parente, em Rio Negro (PR), onde fez seus estudos.

Mais tarde, seus pais instalaram-se com casa de comércio em geral, no bairro do Portão (em Curitiba), quando então servindo o exército, com 20 anos, consorciou-se, com Dona Ana Elvira Moletta, de cuja união advieram ao filhos: Leony Isfer, Lizette Isfer, Alice Isfer, Jorge Laerte Isfer, Lysis Isfer (desencarnado), Luyr Isfer e Lício Isfer. Guarda-livros formado dedicou-se, profissionalmente ao comércio, trabalhando, anteriormente (5 anos) como guarda-livros da Cerâmica Klentz, na Fazendinha e, posteriormente, com seu irmão Manoel Antonio Isfer (Marum) organizou uma cerâmica, na Vila Guaíra, que não obteve sucesso pela má qualidade do barro. Em 1938, então na Rua Voluntários da Pátria, 112, instalou-se com escritório no ramo securitário, atividade que exerceu até seus últimos dias. Foi representante de nove seguradoras, entre as quais a Home Insurance Company, na qual granjeou muita confiança e simpatia. Com membros da família pertenceu a Piratininga Cia. de Seguros Gerais e Cia. de Seguros Aliança Brasileira, com escritório na Praça Zacarias, em Curitiba.

No campo espírita, pode-se afirmar que a curiosidade pelas chamadas, na época, “experiências do corpo”, produzidas por sua esposa e amigas, aproximaram-no do Espiritismo.

Sua amantíssima esposa faleceu em 3 de dezembro de 1936, quando a primogênita completava 18 anos e a caçula contava com 3 anos apenas. Esposo dedicado (40 anos apenas, somava de idade) manteria a fidelidade

esponsalícia assumida até o fim da existência terrena, dedicando-se, com extremado carinho e amor, aos filhos queridos, responsabilidades profissionais e à maravilhosa doutrina que abraçou.

Ligou-se à Casa Mãter do Espiritismo em terras paranaenses, à qual durante mais de 4 decênios dedicou expressiva parcela de sua laboriosa vida, tendo sido um dos mais entusiastas e assíduos integrantes de seus órgãos diretivos. Companheiro de João Ghignone, Arthur Lins de Vasconcellos, Honório Melo e tantos outros, esteve presente com os mesmos à frente de todas as iniciativas pertinentes no campo doutrinário, em sua extensa rede de sociedades espíritas que lhe são adesas e, principalmente, ligado estreitamente a todas as obras sociais de natureza variada, como albergues noturnos, hospital psiquiátrico, colégio, creches-lares, etc. Foi, praticamente, membro permanente do Conselho Federativo da F.E.P.

Como vice-presidente, companheiro inseparável de João Ghignone em seus 45 anos de presidência, assumiu o primeiro posto em razão do desencarne do velho companheiro, em 8 de junho de 1978, sendo eleito em seguida para o período de fevereiro de 1979 a janeiro de 1981 para a presidência. Findo o mandato passa a integrar o quadro de Presidentes Honorários, ao lado de Arthur Lins de Vasconcellos.

Entretanto, a sua atividade pontificava no campo da mediunidade, mercê do coração totalmente voltado à caridade. Durante mais de 40 anos compareceu, diariamente, a sessões de receituário, passes e curas no velho casarão da F.E.P., hoje denominada sede histórica. Paralelamente, dava assistência mediúnica aos internos do Hospital Psiquiátrico “Bom Retiro”,

que a solicitavam; pessoalmente, dirigia e dava assistência paternal com carinho e dedicação inextinguível às meninas do Lar Icléia (aos domingos levava as órfãs mesma forma, acompanhava atentamente as creches-lares, orientando as responsáveis pelos mesmos e doando-se às criancinhas. Sua residência estava sempre de portas abertas aos necessitados, não regateava às solicitações de atendimento. Assim como Minas Gerais teve o querido Eurípedes Barsanulfo, o Paraná, o inesquecível Abibe Isfer.

Desencarnou em 9 de abril de 1986.

Adelaide Augusta Câmara

Adelaide Augusta Câmara foi uma das mais devotadas figuras femininas do Espiritismo no Brasil, bem conhecida pelo seu pseudônimo de Aura Celeste.

Encarnou na cidade de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, em 11 de janeiro de 1874, e desencarnou na cidade do Rio de Janeiro, em 24 de outubro de 1944.

Aura Celeste veio para a antiga Capital Federal em janeiro de 1896, graças ao auxílio de alguns militantes do Protestantismo, a cuja religião pertencia, os quais lhe propiciaram a oportunidade de lecionar no Colégio Ram Williams, o que fez com muita proficiência, durante algum tempo, até que organizou em sua própria residência, um curso primário, onde muitos homens ilustres do meio político e social brasileiro aprenderam com ela as primeiras letras.

Foi nesse período de sua vida, no ano de 1898, que começou a sentir as primeiras manifestações de suas faculdades mediúnicas. Nessa época, o grande Bezerra de Menezes dirigia os destinos da Federação Espírita Brasileira, revestido daquela auréola de prestígio e de respeito que crentes e descrentes lhe davam, e o Espiritismo era o assunto de todas as conversas, não só pelos fenômenos e curas mediúnicas, como pela propaganda falada, pelos livros e pela imprensa.

Sob a sábia orientação de Bezerra de Menezes começou a sua notável carreira mediúnica como psicografa, no Centro Espírita Ismael. O grande apóstolo do Espiritismo brasileiro, pela sua conhecida clarividência, prognosticou, certa vez, que Adelaide Câmara, com as prodigiosas faculdades de que era dotada, um dia assombraria crentes e descrentes. E essa profecia de Bezerra não se fez esperar, pois em breve Adelaide Câmara, como médium auditiva, começou a trabalhar na propagação da Doutrina, fazendo conferências e receitando, com tal acerto e exatidão, que o seu nome se irradiou por todo o País.

Com a desencarnação do inolvidável mestre, doutor Bezerra de Menezes, em 1900, Adelaide Câmara aproximou-se do grande seareiro que foi Inácio Bittencourt e, nas sessões do Círculo Espírita “Cáritas”, passou a emprestar o seu concurso magnífico como médium e como propagandista de primeira grandeza.

Contraindo núpcias em 1906, os afazeres do lar, e a educação dos filhos mais tarde, obrigaram-na a afastar-se da propaganda ativa nos Centros, mas, nem por isso, ficou inativa. Nas horas de lazer, entrava em confabulação com os guias espirituais, e pôde receber e produzir páginas admiráveis, que foram dadas à publicidade na obra “Do Além”, em 21 fascículos, e no livro “Orvalho do Céu”.

Foi aí que adotou o pseudônimo de AURA CELESTE, nome com que ficou conhecida no Brasil inteiro.

Em 1920, retorna à tribuna e aos trabalhos mediúnicos, com tal vigor e entusiasmo, que o seu organismo de compleição franzina ressentiu-se um pouco, mas, nem por isso, deixou ela de cumprir com os seus deveres. O Dr. Joaquim Murtinho era o médico espiritual que, por seu intermédio, começou a trabalhar na cura dos enfermos e necessitados, diagnosticando e curando a todos quantos lhe batiam à porta, desenvolvendo-lhe, espontaneamente, diversas faculdades mediúnicas nesse período.

Além das mediunidades de incorporação, audição, vidência, psicográfica, curadora, intuitiva, possuía Adelaide Câmara, ainda, a extraordinária faculdade da bilocação. Muitas curas operou em diferentes lugares do Brasil, a eles se transportando em “desdobramento fluídico”, sendo visível o seu corpo perispirítico, como aconteceu em Juiz de Fora e Corumbá (provadamente constatado), por enfermos que, sob os seus cuidados, a viram aplicar-lhes “passes”.

Poetisa, conferencista, contista, e educadora sobretudo, deixou excelentes obras lítero-doutrinárias, em prosa e verso, assinando-os geralmente com o seu pseudônimo. É assim que deu a público “Vozes d’Alma”, versos; “Sentimentais”, versos; “Aspectos da Alma”, contos; “Palavras Espíritas”, palestras; “Rumo à Verdade” e “Luz do Alto”. Esparsos em revistas e jornais espíritas, há muitas poesias e artigos doutrinários de sua autoria.

O grande jornalista e literato Leal de Souza, referiu-se a Adelaide Câmara como “a grande Musa moderna, a Musa espiritualista”.

Em 1924, teve as suas vistas voltadas para o campo da assistência às crianças órfãs e à velhice desamparada. Centralizou todos os seus esforços no propósito de materializar esse antigo anseio de sua alma. Pouco, entretanto, pôde fazer em quase três anos de lutas. Aconteceu, então, que um confrade, João Carlos de Carvalho, estava angariando donativos e meios para a fundação de uma instituição dessa natureza, e, um dia, faz-lhe entrega da lista de donativos a fim de que Adelaide Câmara arranjasse novos óbolos para tão humanitário fim. Dias depois, João Carvalho desencarna, e ela fica de posse da lista e do dinheiro arrecadado.

Passados alguns meses, o Sr. Lopes, proprietário da Casa Lopes, que andava estudando a Doutrina, mostrou-se interessado na organização de uma instituição de amparo e assistência aos órfãos e Adelaide lhe informa possuir uma lista com alguns donativos para esse fim. A idéia foi recebida com entusiasmo e logo concretizada. Alugaram uma casa em Botafogo e aí foi instalado, no dia 13 de março de 1927, o Asilo Espírita “João Evangelista”, sendo ela a sua primeira diretora. Compareceu a essa festiva

inauguração o doutor Guillon Ribeiro, então 2o. secretário da Federação Espírita Brasileira e representante desta naquela solenidade. Adelaide Câmara, em breves palavras, exprimiu o júbilo de sua alma, afirmando realizado o ideal de toda a sua existência – “ser mãe de órfãos, graça do céu que não trocaria por todo o ouro e todas as grandezas do mundo”.

Dedicou, daí por diante, todo o seu tempo a essa grandiosa obra de caridade, emprestando-lhe as luzes do seu saber e de sua bondade até o dia em que serenamente entregou a alma a Deus.

Com extremosa dedicação, trabalhou Aura Celeste em várias sociedades espíritas beneficentes da cidade do Rio de Janeiro, dando a todas elas o melhor de suas energias e de sua inteligência.

No Asilo Espírita “João Evangelista”, porém, foi onde realizou sua tarefa máxima, não só como competente educadora, mas também como hábil orientadora de inumeráveis jovens que ali receberam, como ainda recebem, instrução intelectual e educação moral.

A vida e a obra de Adelaide Câmara foram uma escada de luz, uma afirmação de fé e humildade, e um perene testemunho de amor. Era a grande educadora que ensinava educando e educava ensinando, pelo exemplo.

Médium sem vaidades, sincera e de honestidade a toda prova, praticava a mediunidade como verdadeiro sacerdote.

Dotada de sólida cultura teria, se quisesse, conquistado fama no mundo das letras. Poetisa de vastos recursos, oradora convincente e natural, senhora de estilo vigoroso e de fulgurante imaginação, tudo deu e tudo fez, com o cabedal que possuía, para o bom nome e o engrandecimento da Doutrina Espírita.

O Asilo Espírita “João Evangelista”, no Rio de Janeiro, aí está ainda, em sede própria, atestando a obra e o devotamento à causa do bem daquela nobre mulher que se chamou Adelaide Augusta Câmara.

Fonte: Grandes Espíritas do Brasil

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti

Nascido na antiga Freguesia do Riacho do Sangue, hoje Solonópole, no Ceará, aos 29 dias do mês de agosto de 1831, e desencarnado no Rio de Janeiro, a 11 de abril de 1900.

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, no ano de 1838, entrou para a escola pública da Vila do Frade, onde em dez meses apenas, preparou-se

suficientemente até onde dava o saber do mestre que lhe dirigia a primeira fase de educação. Bem cedo revelou sua fulgurante inteligência, pois, aos onze anos de idade, iniciava o curso de Humanidades e, aos treze anos, conhecia tão bem o latim que ministrava, a seus companheiros, aulas dessa matéria, substituindo o professor da classe em seus impedimentos.

Seu pai, o capitão das antigas milícias e tenente- coronel da Guarda Nacional, Antônio Bezerra de Menezes, homem severo, de honestidade a toda prova e de ilibado caráter, tinha bens de fortuna em fazendas de criação. Com a política, e por efeito do seu bom coração, que o levou a dar abonos de favor a parentes e amigos, que o procuravam para explorar- lhe os sentimentos de caridade, comprometeu aquela fortuna. Percebendo, porém, que seus débitos igualavam seus haveres, procurou os credores e lhes propôs entregar tudo o que possuía, o que era suficiente para integralizar a dívida. Os credores, todos seus amigos, recusaram a proposta, dizendo- lhe que pagasse como e quando quisesse.

O velho honrado insistiu; porém, não conseguiu demover os credores sobre essa resolução, por isso deliberou tornar-se mero administrador do que fora sua fortuna, não retirando dela senão o que fosse estritamente necessário para a manutenção da sua família, que assim passou da abastança às privações.

Animado do firme propósito de orientar-se pelo caráter íntegro de seu pai, Bezerra de Menezes, com minguada quantia que seus parentes lhe deram, e animado do propósito de sobrepujar todos os óbices, partiu para o Rio de Janeiro a fim de seguir a carreira que sua vocação lhe inspirava: a Medicina.

Em novembro de 1852, ingressou como praticante interno no Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Doutorou-se em 1856 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo a tese "Diagnóstico do Cancro". Nessa altura abandonou o último patronímico, passando a assinar apenas Adolfo Bezerra de Menezes. A 27 de abril de 1857, candidatou-se ao quadro de membros titulares da Academia Imperial de Medicina, com a memória "Algumas Considerações sobre o Cancro encarado pelo lado do Tratamento". O parecer foi lido pelo relator designado, Acadêmico José Pereira Rego, a 11 de maio de 1857, tendo a eleição se efetuado a 18 de maio do mesmo ano e a posse a 1.º de junho. Em 1858 candidatou-se a uma vaga de lente substituto da Secção de Cirurgia da Faculdade de Medicina. Por intercessão do mestre Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, então Cirurgião-Mor do Exército, Bezerra de Menezes foi nomeado seu assistente, no posto de Cirurgião-Tenente.

Eleito vereador municipal pelo Partido Liberal, em 1861, teve sua eleição impugnada pelo chefe conservador, Haddock Lobo, sob a alegação de ser médico militar. Objetivando servir o seu Partido, que necessitava dele a fim de obter maioria na Câmara, resolveu Bezerra de Menezes afastar-se do Exército. Em 1867 foi eleito Deputado Geral, tendo ainda figurado em lista tríplice para uma cadeira no Senado.

Quando político, levantou-se contra ele, a exemplo do que ocorre com todos os políticos honestos, uma torrente de injúrias que cobriu o seu nome de impropérios. Entretanto, a prova da pureza da sua alma deu-se

quando, abandonando a vida pública, foi viver para os pobres, repartindo com os necessitados o pouco que possuía.

Corria sempre ao turgório do pobre, onde houvesse um mal a combater, levando ao aflito o conforto de sua palavra de bondade, o recurso da ciência de médico e o auxílio da sua bolsa minguada e generosa.

Desviado interinamente da atividade política e dedicando-se a empreendimentos empresariais, criou a Companhia de Estrada de Ferro Macaé a Campos, na então província do Rio de Janeiro. Depois, empenhou-se na construção da via férrea de S. Antônio de Pádua, etapa necessária ao seu desejo, não concretizado, de levá-la até o Rio Doce. Era um dos diretores da Companhia Arquetônica que, em 1872, abriu o "Boulevard 28 de Setembro", no então bairro de Vila Isabel, cujo topônimo prestava homenagem à Princesa Isabel. Em 1875, era presidente da Companhia Carril de S. Cristóvão.

Retornando à política, foi eleito vereador em 1876, exercendo o mandato até 1880. Foi ainda presidente da Câmara e Deputado Geral pela Província do Rio de Janeiro, no ano de 1880.

O Dr. Carlos Travassos havia empreendido a primeira tradução das obras de Allan Kardec e levava a bom termo a versão portuguesa de "O Livro dos Espíritos". Logo que esse livro saiu do prelo levou um exemplar ao deputado Bezerra de Menezes, entregando-o com dedicatória. O episódio foi descrito do seguinte modo pelo futuro Médico dos Pobres: "Deu- mo na

cidade e eu morava na Tijuca, a uma hora de viagem de bonde. Embarquei com o livro e, como não tinha distração para a longa viagem, disse comigo: ora, adeus! Não hei de ir para o inferno por ler isto... Depois, é ridículo confessar-me ignorante desta filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas. Pensando assim, abri o livro e preendi-me a ele, como acontecera com a Bíblia. Lia. Mas não encontrava nada que fosse novo para meu Espírito. Entretanto, tudo aquilo era novo para mim!... Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se achava no "O Livro dos Espíritos". Preocupei-me seriamente com este fato maravilhoso e a mim mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente, ou, mesmo como se diz vulgarmente, de nascença".

No dia 16 de agosto de 1886, um auditório de cerca de duas mil pessoas da melhor sociedade enchia a sala de honra da Guarda Velha, na rua da Guarda Velha, atual Avenida 13 de Maio, no Rio de Janeiro, para ouvir em silêncio, emocionado, atônito, a palavra sábia do eminente político, do eminente médico, do eminente cidadão, do eminente católico, Dr. Bezerra de Menezes, que proclamava a sua decidida conversão ao Espiritismo.

Bezerra era um religioso no mais elevado sentido. Sua pena, por isso, desde o primeiro artigo assinado, em janeiro de 1887, foi posta a serviço do aspecto religioso do Espiritismo. Demonstrada a sua capacidade literária no terreno filosófico e religioso, quer pelas réplicas, quer pelos estudos doutrinários, a Comissão de Propaganda da União Espírita do Brasil, incumbiu-o de escrever, aos domingos, no "O Paiz" tradicional órgão da imprensa brasileira, a série de "Estudos Filosóficos", sob o título "O Espiritismo". O Senador Quintino Bocaiúva, diretor daquele jornal de

grande penetração e circulação, "o mais lido do Brasil", tornou-se mesmo simpatizante da Doutrina Espírita.

Os artigos de Max, pseudônimo de Bezerra de Menezes, marcaram a época de ouro da propaganda espírita no Brasil. De novembro de 1886 a dezembro de 1893, escreveu ininterruptamente, ardentemente.

Da bibliografia de Bezerra de Menezes, antes e após a sua conversão do Espiritismo, constam os seguintes trabalhos: "A Escravidão no Brasil e as medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a Nação", "Breves considerações sobre as secas do Norte", "A Casa Assombrada", "A Loucura sob Novo Prisma", "A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica", "Casamento e Mortalha", "Pérola Negra", "Lázaro -- o Leproso", "História de um Sonho", "Evangelho do Futuro". Escreveu ainda várias biografias de homens célebres, como o Visconde do Uruguai, o Visconde de Carvalas, etc. Foi um dos redatores de "A Reforma", órgão liberal da Corte, e redator do jornal "Sentinela da Liberdade".

Bezerra de Menezes tinha a função de médico no mais elevado conceito, por isso, dizia ele: "Um médico não tem o direito de terminar uma refeição, nem de perguntar se é longe ou perto, quando um aflito qualquer lhe bate à porta. O que não acode por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou por ser alta hora da noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe ou no morro, o que sobretudo pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem lhe chora à porta que procure outro -- esse não é médico, é negociante de medicina, que trabalha para recolher capital e juros dos gastos de formatura. Esse é um

desgraçado, que manda para outro o anjo da caridade que lhe veio fazer uma visita e lhe trazia a única espórtula que podia saciar a sede de riqueza do seu Espírito, a única que jamais se perderá nos vaivéns da vida."

Em 1883, reinava um ambiente francamente dispersivo no seio do Espiritismo brasileiro e os que dirigiam os núcleos espíritas do Rio de Janeiro sentiam a necessidade de uma união mais bem estruturada e que, por isso mesmo, se tornasse mais indestrutível.

Os Centros, onde se ministrava a Doutrina, trabalhavam de forma autônoma. Cada um deles exercia a sua atividade em um determinado setor, sem conhecimento das atividades dos demais. Esse sentimento levou-os à fundação da Federação Espírita Brasileira.

Nessa época já existiam muitas sociedades espíritas, porém, as únicas que mantinham a hegemonia de mando eram quatro: a "Acadêmica", a "Fraternidade", a "União Espírita do Brasil" e a "Federação Espírita Brasileira", entretanto, logo surgiram entre elas vivas discórdias.

Sob os auspícios de Bezerra de Menezes, e acatando prescrições das importantes "Instruções" recebidas do plano espiritual pelo médium Frederico Júnior, foi fundado o famoso "Centro Espírita", o que, entretanto, não impediu que Bezerra desse a sua colaboração a todas as outras instituições. O entusiasmo dos espíritas logo se arrefeceu, e o velho seareiro se viu desamparado dos seus companheiros, chegando a ser o único freqüentador do Centro. A cisão era profunda entre os chamados

"místicos" e "científicos", ou seja, espíritas que aceitavam o Espiritismo em seu aspecto religioso, e os que o aceitavam simplesmente pelo lado científico e filosófico.

Em 1893, a convulsão provocada no Brasil pela Revolta da Armada, ocasionou o fechamento de todas as sociedades espíritas ou não. No Natal do mesmo ano Bezerra encerrou a série de "Estudos Filosóficos" que vinha publicando no "O Paiz".

Em 1894, o ambiente mostrou tendências para melhora e o nome de Bezerra de Menezes foi lembrado como o único capaz de unificar o movimento espírita. O infatigável batalhador, com 63 anos de idade, assumiu a presidência da Federação Espírita Brasileira, cargo que ocupou até a sua desencarnação.

Iniciava-se o ano de 1900, e Bezerra de Menezes foi acometido de violento ataque de congestão cerebral, que o prostrou no leito, de onde não mais se levantaria.

Verdadeira romaria de visitantes acorria à sua casa. Ora o rico, ora o pobre, ora o opulento, ora o que nada possuía.

Ninguém desconhecia a luta tremenda em que se debatia a família do grande apóstolo do Espiritismo. Todos conheciam suas dificuldades financeiras, mas ninguém teria a coragem de oferecer fosse o que fosse, de

forma direta. Por isso, os visitantes depositavam suas espórtulas, delicadamente, debaixo do seu travesseiro. No dia seguinte, a pessoa que lhe foi mudar as fronhas, surpreendeu-se por ver ali desde o tostão do pobre até a nota de duzentos mil reis do abastado!...

Ocorrida a sua desencarnação, verdadeira peregrinação demandou sua residência a fim de prestar-lhe a última visita.

No dia 17 de abril, promovido por Leopoldo Cirne, reuniram-se alguns amigos de Bezerra, a fim de chegarem a um acordo sobre a melhor maneira de amparar a sua família, tendo então sido formada uma comissão que funcionou sob a presidência de Quintino Bocaiúva, senador da República, para se promover espetáculos e concertos, em benefício da família daquele que mereceu o cognome de "Kardec Brasileiro".

Digno de registro foi um caso sucedido com o Dr. Bezerra de Menezes, quando ainda era estudante de Medicina. Ele estava em sérias dificuldades financeiras, precisando da quantia de cinqüenta mil réis (antiga moeda brasileira), para pagamento das taxas da Faculdade e para outros gastos indispensáveis em sua habitação, pois o senhorio, sem qualquer contemplação, ameaçava despejá-lo.

Desesperado -- uma das raras vezes em que Bezerra se desesperou na vida - e como não fosse incrédulo, ergueu os olhos ao Alto e apelou a Deus.

Poucos dias após bateram-lhe à porta. Era um moço simpático e de atitudes polidas que pretendia tratar algumas aulas de Matemática. Poucos dias após bateram-lhe à porta. Era um moço simpático e de atitudes polidas que pretendia tratar algumas aulas de Matemática.

Bezerra recusou, a princípio, alegando ser essa matéria a que mais detestava, entretanto, o visitante insistiu e por fim, lembrando-se de sua situação desesperadora, resolveu aceitar.

O moço pretextou então que poderia esbanjar a mesada recebida do pai, pediu licença para efetuar o pagamento de todas as aulas adiantadamente. Após alguma relutância, convencido, acedeu. O moço entregou-lhe então a quantia de cinqüenta mil réis. Combinado o dia e a hora para o início das aulas, o visitante despediu-se, deixando Bezerra muito feliz, pois conseguiu assim pagar o aluguel e as taxas da Faculdade. Procurou livros na biblioteca pública para se preparar na matéria, mas o rapaz nunca mais apareceu.

No ano de 1894, em face das dissensões reinantes no seio do Espiritismo brasileiro, alguns confrades, tendo à frente o Dr. Bittencourt Sampaio, resolveram convidar Bezerra a fim de assumir a presidência da Federação Espírita Brasileira.

Em vista da relutância dele em assumir aquele espinhoso encargo, travou-se a seguinte conversação:

— Querem que eu volte para a Federação. Como vocês sabem aquela velha sociedade está sem presidente e desorientada. Em vez de trabalhos

metódicos sobre Espiritismo ou sobre o Evangelho, vive a discutir teses bizantinas e a alimentar o espírito de hegemonia.

— O trabalhador da vinha, disse Bittencourt Sampaio, é sempre amparado. A Federação pode estar errada na sua propaganda doutrinária, mas possui a Assistência aos Necessitados, que basta por si só para atrair sobre ela as simpatias dos servos do Senhor.

— De acordo. Mas a Assistência aos Necessitados está adotando exclusivamente a Homeopatia no tratamento dos enfermos, terapêutica que eu adoto em meu tratamento pessoal, no de minha família e recomendo aos meus amigos, sem ser, entretanto, médico homeopata. Isto aliás me tem criado sérias dificuldades, tornando-me um médico inútil e deslocado que não crê na medicina oficial e aconselha a dos Espíritos, não tendo assim o direito de exercer a profissão.

— E por que não te tornas médico homeopata? disse Bittencourt.

— Não entendo patavinas de Homeopatia. Uso a dos Espíritos e não a dos médicos.

Nessa altura, o médium Frederico Júnior, incorporando o Espírito de S. Agostinho, deu um aparte:

— Tanto melhor. Ajudar-te-emos com maior facilidade no tratamento dos nossos irmãos.

— Como, bondoso Espírito? Tu me sugeres viver do Espiritismo?

— Não, por certo! Viverás de tua profissão, dando ao teu cliente o fruto do teu saber humano, para isso estudando Homeopatia como te aconselhou nosso companheiro Bittencourt. Nós te ajudaremos de outro modo: Trazendo-te, quando precisares, novos discípulos de Matemática...

Afonso de Liguori

Afonso Maria Antônio João Cosme Damião Miguel Gaspar de Liguori nasceu na casa de fazenda do seu pai em Marinella, perto de Nápoles, numa terça-feira, 27 de setembro de 1696.

Era de família antiga e nobre. Seu pai, Dom José de Liguori foi um oficial naval e Capitão Real de Galés. Sua mãe era descendente de espanhóis.

Era o mais velho de sete crianças e a esperança da sua casa. Brilhante e rápido, fez grandes progressos em todos os tipos de aprendizado. Seu pai o fazia praticar cravo três horas por dia, e na idade de treze anos ele tocava com perfeição de mestre.

Cavalgava e praticava esgrima como recreação. Afirmava não poder se tornar um atirador devido a sua péssima pontaria.

Na sua mocidade tornou-se um aficionado em ópera. Quando subiam as cortinas, ele tirava os óculos para não ver os atores distintamente e assim melhor se extasiar com a música.

Afonso não foi educado em escolas mas sim por tutores, sob o olhar vigilante do seu pai. Aos 16 anos, em 21 de janeiro de 1713 formou-se em Direito, embora o normal fosse graduar-se com 20 anos de idade. Diziam que ele era tão pequeno na época que a toga o engolia, arrancando risos da

platéia. Logo após a sua formatura estudou para os exames da Ordem dos Advogados, e aos 19 anos já praticava a sua profissão na Corte.

Em 8 anos de carreira como advogado, afirma-se que ele jamais perdeu uma causa. Contudo, em 1723, Afonso foi um dos advogados numa ação judicial entre um nobre napolitano e o Grão Duque de Toscana, cuja propriedade valia 500.000 ducados. Após proferir um brilhante discurso de abertura, sentou-se confiante na vitória. Mas, um documento, por ele lido e relido, mas entendido em forma diversa da que foi apresentada pelo seu oponente, no Tribunal, fez com que ele perdesse a causa.

Durante 3 dias ele recusou qualquer tipo de alimento. Depois da tempestade passada, começou a pensar que a humilhação da derrota tinha sido enviada a ele por Deus, para quebrar o seu orgulho e afastá-lo do mundo. Estava seguro que algum sacrifício era necessário, embora não soubesse exatamente qual seria.

Desgostoso, apesar da consternação do pai, resolveu abandonar a carreira de advogado. Para se manter ocupado, passou a visitar doentes em hospitais de incuráveis.

Em agosto de 1723, exatamente durante uma dessas visitas ao Hospital de Incuráveis, subitamente se viu rodeado por uma luz misteriosa e uma voz interior lhe disse: "Deixa o mundo. Dá-me de ti mesmo." Tendo se repetido o fato mais uma vez, Afonso tomou a solene resolução de entrar para o corpo eclesiástico.

Como padre, continuou a trabalhar em um Hospital de Incuráveis, assistiu os condenados à forca, foi amigo dos marginalizados, considerados uma chaga da sociedade em Nápoles.

Numa cidade de cerca de 500 mil habitantes e 15 mil sacerdotes, Afonso se destacou como um homem extraordinário que realizou o seu trabalho em situações difíceis e ingratas. Eram em torno de 40 mil os "desclassificados" em Nápoles e ele passou a realizar "capelas noturnas". Eram reuniões do povo nas ruas e nas praças para o ensino do Evangelho, oração e encontro fraterno.

No púlpito, tinha um estilo inteligente, simples e sincero que enchia os corações com amor e misericórdia. No confessionário, preocupava-se muito mais em atender as criaturas, do que em punir os "criminosos".

Apesar de tudo, se mantinha inquieto. Trazia a intuição de que algo mais deveria ser feito. Foi após um encontro com o povo pobre das montanhas, pastores de ovelhas e cabras, que ele decidiu: iria trabalhar entre os pobres mais pobres.

Junto a um grupo de companheiros, fundou em 09 de novembro de 1732, em Scala, nas proximidades de Nápoles a Congregação Redentorista. Era a sua resposta ao considerado "terceiro mundo", constituído de pobres e abandonados, pois os missionários redentoristas deviam viver no meio dos abandonados, na época, especialmente aqueles das zonas rurais.

Escritor, escreveu 113 obras teológicas, ascéticas, místicas e pastorais que chegaram a atingir 60 edições. Também deixou escritas 1.700 cartas. Para compor a sua obra principal, a Teologia Moral, leu 800 autores, anotando em fichas.

Com um anseio de saber, buscava nas livrarias de Nápoles as mais recentes obras de seu tempo, de forma constante. Homem versátil, foi também poeta, músico e pintor. Como gramático, escreveu regras gramaticais com o objetivo exclusivo de alfabetizar um irmão na Congregação. Trabalhador incansável, serviu como pedreiro na construção da primeira casa de retidos da Congregação.

Com tanto trabalho e dedicação, teve ainda que enfrentar uma insidiosa enfermidade, que fez da sua vida um martírio. Por oito vezes, esteve à morte. Um ataque de febre reumática, no período de maio de 1768 a junho de 1769, terminou por deixá-lo paralisado até o fim dos seus dias. Pelo resto da sua vida física, ele teve que tomar seus alimentos através de tubos.

Mesmo com toda esta problemática, ele somente poderia retornar para sua pequena cela em Nocera, em julho de 1775, dispensado então dos serviços pelo Papa. Foram mais 12 anos de grandes aflições e sofrimentos físicos e morais. Estes últimos, por questões que envolveram a Congregação e que afetaram muito a Afonso.

Aos 91 anos de idade, em 1º de agosto de 1787, ele desencarnou. Reconhecendo seus grandes méritos, a Igreja o resolveu elevar à categoria de "Santo", concedendo-lhe a canonização 49 anos após a sua morte. Em O livro dos médiuns (pt. 2, cap. VII, item 119), o Codificador refere-se a essa canonização antes do tempo prescrito, por ter sido visto Afonso, durante sua vida terrena, em dois lugares diversos, ao mesmo tempo: em sua cela de sacerdote e assistindo o Papa, em processo de desencarnação, no Vaticano, o que passou por milagre.

Na mesma obra, o próprio Afonso, indagado por Kardec, responde às questões de números 1 a 4, a respeito da bi-corporiedade.

Em 1871, o Papa Pio IX lhe conferiu o título de "Doutor da Igreja" e, em 1950, Pio XII o proclamou "Patrono dos Confessores e Professores de Teologia Moral".

Fonte: Harold Castle

Transcribed by Paul T. Crowley

The Catholic Encyclopedia, Volume I

Agostinho Pereira de Souza

Nascido na cidade do Porto, Portugal, aos 28 de novembro de 1889, e desencarnado no Rio de Janeiro, a 12 de outubro de 1955.

Foi um homem bafejado pela fortuna material, bem situado na vida, como justo prêmio ao seu espírito de trabalho, porém, soube empregar bem a sua fortuna, jamais a ela se escravizando, revertendo-a em benefício de seus auxiliares diretos e em obras de benemerência. No campo de suas atividades comerciais, era bastante estimado; tanto pela sua freguesia, como por seus empregados, os quais tornaram-se interessados na firma, recebendo cada um participação nos lucros de acordo com o interesse e a capacidade por eles demonstrados.

Foram seus genitores Manoel Sebastião Pereira de Souza Júnior e Dona Maria Luíza Ramos de Souza. Chegou ao Brasil com 12 anos de idade, em 1901, aportando no Rio de Janeiro disposto a vencer na vida, como efetivamente venceu, sobretudo pelo seu espírito de honestidade, enfrentando árduas lutas, sem jamais esmorecer um só momento.

O seu primeiro emprego foi na Alfaiataria “O Fonseca”, na rua do Ouvidor. Depois passou por várias outras firmas, como: “América-Japão”, “Barbosa Freitas”, “Camisaria Universo”, “Fábrica Confiança”, “O Cysne” e por fim a “Camisaria Brandão”, de onde saiu para fundar a sua própria firma, “O Camiseiro”, em 1º de maio de 1919. Progrediu consideravelmente, chegando a ser uma das maiores firmas no mercado de confecções de camisas no Rio de Janeiro.

Casou-se com Dona Deolinda Veloso de Souza Agostinho, de cujo consórcio nasceram seis filhos. Dona Deolinda era médium de notáveis virtudes,

muito trabalhando em benefício da Doutrina dos Espíritos. Depois de um curto período de insidiosa enfermidade, deixa-o viúvo no dia 12 de outubro de 1954. Foi um grande golpe para Agostinho, que o suportou com aquela paciência nascida na Doutrina Espírita, através do conhecimento da imortalidade da alma. No primeiro aniversário da desencarnação de sua idolatrada esposa, exatamente no dia 12 de outubro de 1955, Agostinho, após rápida enfermidade, teve a ventura de se desprender do corpo físico, na maior serenidade, partindo em busca de sua doce companheira de romagem terrena, numa prova incontestada de que eram realmente almas irmãs.

O desaparecimento de Agostinho do cenário espírita do Rio de Janeiro causou grandes saudades e profunda tristeza entre os seus companheiros de trabalho. Uma perda irreparável pelo grande amor que demonstrava à causa. Espírito humanitário, dedicado ao bem, colaborava em quase todas as obras de assistência à criança e à velhice desamparadas, ajudando indiscriminadamente a quantos dele necessitassem, na razão de suas possibilidades, e usando o critério de observar a necessidade de cada um, para o devido socorro.

Agostinho Pereira de Souza tinha inabalável fé em Jesus. Passou por sérias dificuldades na vida, mas nunca se deixou abater, mesmo diante dos mais difíceis problemas; a sua fé suplantava todas as vicissitudes, certo de que Deus, o magnânimo Pai e Criador de todas as coisas, supre sempre as nossas deficiências, porque tem tudo para nos dar, desde que entremos em sintonia com Ele, através da fé, recomendada por Jesus.

Sua crença na imortalidade da alma era fundamentada na Doutrina Espírita, segundo a Codificação dada a Allan Kardec pelo Espírito Verdade. Jamais Agostinho se afastou dos postulados da Doutrina dos Espíritos. Fez parte do Conselho Superior da Federação Espírita Brasileira, era membro da diretoria do Grupo Espírita “Anthony Léon” da Tijuca, e fez parte da Fundação Marieta Gaio, ao lado de seu fundador Manoel Jorge Gaio. Por sugestão de Leopoldo Machado, depois do sucesso de uma grande promoção em sua casa comercial, procurou a direção da Associação Espírita “Obreiros do Bem”, que na oportunidade pretendia construir um Hospital para Doentes Mentais. Interessou-se pela obra, doou o terreno na Rua Santa Alexandrina, no Rio Comprido, e sob sua presidência, esforço e tenacidade, coadjuvado por uma plêiade de outros dinâmicos companheiros, deu início à construção do Hospital Espírita “Pedro de Alcântara”, uma obra de grande envergadura. Na sua ânsia de servir, Agostinho ainda organizou junto ao Hospital a Casa de Saúde e Maternidade “Santo Agostinho”, em homenagem ao grande Agostinho do Cristianismo, de cuja personalidade herdou o nome. Esse majestoso Hospital, infelizmente, hoje já não ostenta em seu frontispício o nome Espírita; sua direção não é espírita, embora sendo propriedade da Associação Espírita “Obreiros do Bem”. Os diretores e companheiros da Instituição não podem aplicar a terapêutica espírita nos doentes mentais ali internados, conforme o ideal de seu fundador e de toda a sua equipe de trabalhadores. Um médico, ex-diretor do Hospital foi ameaçado de processo, por médicos estagiários, porque aplicava um passe numa criatura obsidiada, ali internada como doente mental, sendo obrigado a abandonar suas funções de diretor do Hospital.

Falar da obra de Agostinho Pereira de Souza é um nunca acabar, pois, não houve uma só realização dentro do terreno espírita no Rio de Janeiro, que o

seu nome não figurasse em primeira linha. Juntamente com Leopoldo Machado, fundou a Hora Espírita Radiofônica na antiga Rádio Transmissora. Foi um dos baluartes na realização do I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, junto a Leopoldo Machado, Lins de Vasconcellos, Carlos Imbassahy e tantos outros. Orador fluente, tomou parte em diversas Semanas Espíritas e no constante “Ide e Pregai”, por todo o antigo Distrito Federal. Escreveu vários opúsculos baseado nos seus conhecimentos doutrinários e muito ajudou Leopoldo Machado na publicação de seus livros.

Coração bondoso, calmo, comedido, temperamento cristão, Agostinho Pereira de Souza, foi reconhecidamente humilde em todas as suas realizações. Seus atos, suas atitudes, seu devotamento à Causa Espírita, seu amor ao Divino Amigo Jesus, levaram-no a sublimes exemplificações, pregando o Evangelho não só por palavras, mas acima de tudo pelo exemplo.

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP, 1982. 1ª edição, SP

Alexandre Aksakof

Este gigante da literatura espírita nasceu em Ripievka, Rússia, no dia 27 de maio de 1832, e desencarnou em 4 de janeiro de 1903. Foi diplomata e conselheiro privado do Imperador Alexandre III, Czar da Rússia.

Começou a estudar os fenômenos espíritas em 1855, quando se encontrava na Alemanha, em missão diplomática.

Foi colaborador de William Crookes nas experiências de materializações do Espírito de Katie King; fez parte da Comissão de Milão para investigação dos fenômenos produzidos por Eusápia Paladino.

Escreveu o livro "Animismo e Espiritismo", que foi publicado em 1890 e traduzido para várias línguas, inclusive para o português.

Homem de ciência e de uma convicção inabalável, jamais temeu a crítica. Dizia ele:

"Não tenho outra coisa a fazer senão afirmar publicamente o que tenho visto, entendido e ouvido."

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Alfred Russel Wallace

Nasceu em 8/01/1823 e desencarnou em 7/11/1913. Foi um dos maiores cientistas que investigaram a sobrevivência e a comunicabilidade dos Espíritos; daí porque Wallace jamais deve ser esquecido.

Em 1865, investigou os fenômenos das mesas girantes ainda tão em voga na Europa; a mediunidade de Mr. Marshall, de Mr. Cuppy e outras, estabelecendo, mais tarde, que os fenômenos espíritas "são inteiramente comprovados tão bem como quaisquer fatos que são provados em outras ciências". Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro.

Alfredo Caetano Munhoz

Saindo da minha humildade, e cedendo aos impulsos da amizade e da admiração que tributo ao grande batalhador sobre cuja individualidade vou tentar escrever algumas palavras, suplico desde já aos leitores que perdoem a ousadia de um neófito nas lides da palavra escrita.

A quatro de fevereiro de 1845 nasceu Alfredo Munhoz, o incansável apóstolo do Espiritismo no Paraná; dedicou-se à vida pública, e sempre honrou os cargos que lhe foram confiados; hoje já com 64 anos de idade, trabalhador pertinaz, continua ainda a prestar seus serviços ao Estado, ocupando o cargo de diretor dos debates do Congresso Estadual.

Filiando-se à nova doutrina que se procurava implantar no Paraná, tornou-se ele um dos mais ardentes e esforçados missionários da Nova Revelação, nas terras paranaenses. Durante dez anos, nas páginas d'A Luz, o seu superior talento mostrou-se em toda a sua pujança; os trabalhos de Alfredo Munhoz nessa revista, que tanto ergueu o Espiritismo, constituem belíssimas produções da literatura das novas doutrinas.

Ele, porém, não se deixa adormecer diante dos louros colhidos: é o Mestre de sempre, infatigável e estudioso; e, se não fora a sua extrema modéstia, ocuparia atualmente um dos primeiros lugares na vanguarda da mentalidade paranaense.

Com estas humildes linhas, o meu único fim é fazer com que não seja uma mentira o que diz o conhecido provérbio latino – Justitia super omnia!

Curitiba, fevereiro de 1906.

Décio DÁltina (in Anuário Espírita da Revista A Doutrina)

Alfredo Molinaro

Nasceu aos 26 de outubro de 1908, no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro e desencarnou em 21 de julho de 1967.

Filho de D. Maria Perrota e Salvador Molinaro, ambos de nacionalidade italiana.

Cedo terminou o curso ginásial, matriculando-se na Escola Militar a 1º de abril de 1927, donde saiu Aspirante em 1932.

A 19 de agosto de 1933 era promovido ao posto de 1º Tenente, casando-se no dia 28 de novembro desse mesmo ano, com a jovem Dulce Costa Ferreira.

De formação católica, a religião de seus pais, porém, não o satisfazia e, ainda como aspirante, procurou freqüentar algumas sessões espíritas a título de curiosidade, levado

por alguns colegas, sem contudo encontrar nada de novo, não era aquilo que procurava.

Em 1938, foi promovido a Capitão; em 1946, a Major; em 1951, a Tenente-Coronel e, finalmente, em 1958, ao posto de Coronel, final de sua carreira militar na ativa. Sua situação, como militar, foi das mais brilhantes e convém notar que a partir do posto de Capitão, todas as suas promoções foram por merecimento. Em 1961, pediu transferência para a reserva, recebendo duas promoções a que tinha direito, foi a General de Divisão e condecorado com as três medalhas por tempo de serviço: bronze, prata e ouro e ainda as medalhas do Pacificador e do Mérito Militar.

Em 1944, começou a freqüentar uma sessão espírita, dirigida por D. Dinorah

Simas Enéias, a famosa médium desenhista, no Grupo Espírita “Casa de Ismael” no bairro da Tijuca. Ali começou a se desenvolver como médium psicógrafo, recebendo várias mensagens que o abalaram profundamente, passando daí a estudar arduamente a Doutrina codificada por Allan Kardec. Inteligência privilegiada e estudioso, entusiasmou-se de tal maneira que não parou mais, lendo com avidez toda a bibliografia espírita e todos os seus autores, aprofundando-se no assunto de que já estava convicto. Com sua maneira prodigiosa de pesquisador, assimilava tudo com a maior facilidade.

Em 1953, foi escolhido e nomeado Chefe da Missão Militar Brasileira no Paraguai, chefiando 15 oficiais de várias armas. Destacou-se pelo seu brilhantismo e entusiasmo e foi agraciado com a medalha da Cavalaria Paraguaia e com a Ordem Nacional del Mérito no grau de Grã-Oficial, quando o comum seria receber apenas o de Comendador.

Em 1947, foi servir em Juiz de Fora no Estado de Minas Gerais e lá começou a freqüentar uma sessão no “Grupo de Efeitos Físicos Hadaget”, observando a seriedade dos trabalhos produzidos por aquele grupo, tornou-se assíduo freqüentador, chegando mais tarde a ser eleito seu Presidente por unanimidade de votos, pelo espírito de trabalho e seu ardor nos estudos ali realizados. No campo da divulgação da Doutrina, salientou-se na luta iniciando um programa de conferências doutrinárias em várias cidades e Estados do Brasil. Seareiro invulgar, pôs o seu cabedal intelectual a serviço da causa, que tanto amou. Participou de numerosas Semanas Espíritas, interessado também no setor da Evangelização da criança e das Mocidades Espíritas, muito contribuiu nesse trabalho. Seu amor pela Doutrina era ilimitado, divulgando-a por todos os meios e formas, quer através da imprensa falada, escrita ou televisionada, quer através do seu verbo fácil, na oratória, na polêmica ou no debate, com grande satisfação colaborava em qualquer atividade onde fosse solicitado, inclusive fazendo-o até financeiramente, custeando viagens de companheiros conferencistas que não dispunham de meios, trazendo-os ou levando-os a outras cidades. Formou biblioteca respeitável com obras raras, ávido de conhecimento e saber, era propagandista do livro espírita e da boa leitura a fim de que todos pudessem ilustrar-se e adquirir conhecimentos.

Espírito combativo, kardequiano intransigente, não admitia que se considerasse Allan Kardec ultrapassado, conhecia toda obra do Mestre profundamente e era capaz de dizer na íntegra qualquer pergunta do “Livro dos Espíritos” ou outra obra qualquer da codificação. Por várias vezes assumiu a tribuna em defesa da Doutrina.

Certa vez um padre católico estava fazendo uma campanha contra o Espiritismo pela Rádio Juiz de Fora e ele, ao tomar conhecimento do fato, foi á Rádio e frente ao microfone refutou com base tudo aquilo que o sacerdote dizia, deixando-o sem argumentos. Elementos do clero de Juiz de Fora queixaram-se ao Comandante da 4ª Região Militar, vindo uma petição contra ele para o Estado-Maior, no Rio, porém, pelo seu conceito e integridade nas fileiras do Exército, quiseram arquivar a parte, no entanto, ele fez questão que prosseguisse, a fim de haver um esclarecimento, a bem da verdade, e poder publicamente defender a Doutrina que esposava, se ela continuasse a ser vilmente desrespeitada como estava sendo feito naquela cidade através de uma estação de Rádio, infelizmente só não o fazendo, pela condição de oficial das Forças Armadas, em face da Constituição Federal, que o impedia dessa defesa pública.

No Rio, juntamente com o Dr. Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, José Alberto Menezes e outros companheiros, enfrentou a televisão para também defender a Doutrina Espírita, atacada pelo Padre Quevedo, que assim encontrou idealistas não menos inteligentes que, à luz da verdade, puseram por terra os seus argumentos. Assim era Molinaro, inteligente, culto, modesto, meditador, porém intransigente na defesa do Espiritismo.

**LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves.
Personagens do Espiritismo. Edições FEESP, 1982. 1ª edição, SP.**

ALVARO HOLZMANN

Nasceu a 23 de janeiro de 1906, na cidade de Ponta grossa, Estado do Paraná, e desencarnou no dia 15 de fevereiro de 1968.

Estudou na mesma cidade com o prof. Padre Lux e o prof. Becker e Silva. Foi também aluno da antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia, daquela cidade.

Sua maior vocação foi para a música, à qual se dedicou sempre. Fez o curso de piano no Conservatório de Música do Rio de Janeiro.

Em Porto Alegre, quando ainda jovem, tomou contato com a Doutrina Espírita e com as obras assistenciais do Albergue Noturno Diaz da Cruz, onde prestou inestimáveis serviços.

Em Ponta Grossa, uniu-se à Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados, exercendo sua presidência por vários anos, onde desenvolveu seu grande trabalho doutrinário. Colaborou na criação de várias obras assistenciais ligadas àquela Sociedade, como o Albergue Noturno, a Associação Protetora do Recém-nascido, o Lar Hercília Vasconcellos, a Comunhão Espírita Cristã e o Lar da Vovozinhas “Balbina Branco”, que foi sempre seu sonho.

Álvaro Holzmann foi chamado por alguém de “Esmoleiro do Bem”, porque renunciou à carreira de musicista para dedicar-se somente aos pobres,

pedindo sempre recursos em toda parte para a manutenção das obras assistenciais ligadas à Sociedade Francisco de Assis.

Levado pelo interesse de orientar as Mocidades Espíritas, dedicou-se, durante alguns anos, a compor músicas e letras baseadas nos textos Evangélicos interpretados à luz do Espiritismo, aproveitando, dessa forma, seu pendor musical. Essas músicas foram compostas com grande carinho, a fim de, não só manter ambiente alegre e sadio nas reuniões dos moços espíritas, como também objetivando fazer com que eles aprendessem a meditar sobre os ensinamentos de Jesus. Compôs cerca de 200 hinos, dos quais alguns foram gravados em discos, sob o título “O Evangelho cantado à luz do Espiritismo” pelas meninas do Coral do Lar “Hercília Vasconcellos”, da cidade de Ponta Grossa.

Álvaro Holzmann não viveu somente para a família: dedicou também sua vida aos pobres, à orientação de Espíritos desencarnados e infelizes. Procurou viver sempre modestamente, aproveitando todos os momentos de sua preciosa existência para realizar o que podia em benefício de seus semelhantes, dando assim, exemplo de verdadeiro espírito

Álvaro Holzmann era filho do venerando e saudoso casal Dona. Maria Joana e Sr. Jacob Holzmann, o valoroso fundador do DIÁRIO DOS CAMPOS, e nasceu nesta cidade no dia 23 de janeiro de 1906. Era casado com dona Juracy Martins Holzmann e deixou os seguintes filhos: Alvaci Holzmann, funcionário do Banco do Brasil, casado com dona Míriam Pacheco Holzmann; Ronaldo Holzmann, casado com dona Neiva Holzmann; dona

Mariasilvia Holzmann Pereira, casada com o Sr. Hermenegildo Pereira Maia e Alvacelia, solteira.

Álvaro Holzmann fez seus estudos em nossa cidade na Escola do saudoso Professor Padre Lux e depois foi aluno do Professor Becker e Silva, posteriormente foi aluno do Colégio Regente Feijó e cursou a antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ponta Grossa.

Mas foi sua vocação para a música, herdada do pai musicista de fina têmpera e de sua mãe, exímia cantora, que definiu a carreira de Álvaro Holzmann. Iniciando seu aprendizado com seu tio, o saudoso e renomado maestro Jorge Holzmann, fundador da Banda Lira dos Campos; Álvaro Holzmann tornou-se um músico e compositor de soberba inspiração e virtuosismo ímpar, destacando-se como pianista exímio. Nessa condição, em sua mocidade, após ter cursado o Conservatório de Música do Rio de Janeiro, foi músico a bordo do navio Bagé, com o qual percorreu grande parte da Europa.

Fixando residência em Ponta Grossa, após seu casamento, dedicou-se ao ensino da música, tendo ingressado no corpo docente do Colégio Regente Feijó durante 30 anos, aposentando-se por deficiência visual, fato que lhe tolheria a continuação da carreira como músico, mas não lhe diminuiu a capacidade e inspiração de compositor nem a sua vocação inata para a assistência social.

Apóstolo da caridade

Jovem ainda, quando residia em Porto Alegre, Álvaro Holzmann tomou contato com a Doutrina Espírita e com as obras assistenciais que eram realizadas no Albergue Noturno Dias da Cruz. Esclarecido pelo Evangelho e sentindo no espírito o impulso irresistível para o bem, iniciou sua longa e exemplar jornada no terreno da beneficência.

Retornando a Ponta Grossa uniu-se à Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados, da qual foi presidente por longos anos, e onde iniciou seu apostolado como verdadeiro seguidor do patrono da casa o humilde e luminoso Francisco de Assis.

Por sua inspiração e com a cooperação inestimável do seu trabalho cristão, surgiram a Associação Protetora do Recém-nascido, o Albergue Noturno, a creche, o lar Hercília de Vasconcellos, a Comunhão Espírita Cristã, o Lar das Vovozinhas Balbina Branco, todos esses departamentos ligados à Casa de Francisco de Assis , além de cooperar sempre na assistência prestada por outras entidades.

Verdadeiro “esmoleiro” do bem, Álvaro Holzmann renunciou à carreira brilhante que poderia ter realizado como concertista e maestro, dedicando-se de corpo e alma ao trabalho de pedir recursos para manter as obras assistenciais. Igualmente, na pregação evangélica e doutrinária sempre teve uma palavra de esclarecimento e consolo para os necessitados.

Alma simples e boa, tornou-se figura popular na cidade pela maneira com que confraternizava com todas as criaturas, procurando minorar os menos felizes.

Seu pendor musical foi inteiramente dedicado a musicar versos seus e de outros autores espíritas, decantando o Evangelho e a Doutrina Espírita em belíssimas composições, muitas delas já gravadas em dois discos elepês que correm o Brasil. Levando a sua mensagem de esperanças, cantada pelas meninas e moças do Coral Hercília de Vasconcellos, que ele organizou e dirigia.

Álvaro Holzmann procurou movimentar no sentido do bem todos os talentos que Deus lhe confiou. Esclarecido pela Doutrina Espírita, soube fazer de sua vida modesta, porém utilíssima, um permanente roteiro de serviço ao próximo. Nenhuma glória humana o seduziu, a não ser a glória de fazer o bem. Para si aceitava apenas um título: "Pedinte".

Esse homem de quem a cidade se despediu ontem, levando até o Cemitério de São José o corpo de carne que lhe serviu de veículo para as tarefas que executou. Seu exemplo permanece luminoso, tal como seu espírito imortal que regressou à Pátria Espiritual com a tranqüilidade daqueles que tudo fizeram para bem viver os preceitos cristãos. Isto lhe basta.

Solidários com o sentimento do povo pontagrossense enviamos à família do maestro Álvaro Holzmann as nossas condolências, alimentando a certeza de

que o nobre exemplo do seu chefe frutificará nos corações daqueles que souberam compreender a grandeza da sua alma e o valor do seu trabalho.

Ali Halfeld

Ali Halfeld nasceu em 18 de março de 1900, em Água Limpa (hoje Coronel Pacheco), Município de Juiz de Fora, Minas Gerais, onde iniciou o Curso Primário com o Prof. Paulo Estelita. Em 1907 mudou-se para a cidade de Juiz de Fora, em companhia de seus pais, senhor Pedro Halfeld e D. Hortênsia de Pinho Halfeld, ali terminando o referido curso. No ano de 1910 sua família o levou para Caxambu, mas, dentro de poucos meses, regressou ele para Juiz de Fora, a fim de continuar os estudos, passando, então, a residir com seu padrinho, o Sr. Cláudio Fernandes. Seu Curso Ginásial foi feito até 1915 no antigo Ginásio Santa Cruz, dos saudosos professores os irmãos Alípio e Oscar Peres.

Em 1916, sendo de família de poucos recursos, não pôde continuar seus estudos. Fez, então, um curso rápido de Comércio e Datilografia, a fim de poder trabalhar, e logo após se empregou como auxiliar de escritório em uma oficina mecânica, do Sr. Francisco Kascher.

No ano de 1918 mudou de emprego, indo trabalhar na Drogeria Americana, que, na ocasião, pertencia ao Sr. Bruno Barbosa, aí permanecendo até Julho de 1921.

Em 1º de Agosto do mesmo ano associou-se com o farmacêutico Francisco Queiroz Caputo, na Farmácia S. Sebastião, localizada à Avenida dos Andradas, esquina com Barão de Cataguases, organizando a firma Caputo & Halfeld, hoje Drogafar S.A., firma na qual permaneceu até a sua desencarnação.

Em 18 de Setembro de 1924 casou-se com D. Carmem Baccara, e do matrimônio nasceram cinco filhos: Kleber, Maurício, Alvair, Ruth e Iclea. Sua esposa foi sempre uma pessoa dedicada, companheira de seus momentos difíceis. Sempre esteve a seu lado, conformando-o e estimulando-o a continuar a luta em todos os seus setores.

Ainda no campo profissional foi, durante muitos anos, Diretor do laboratório Melpoejo Ltda., juntamente ao lado de Francisco Queiroz Caputo e Maria Silveira Alvim.

Tendo abraçado o Espiritismo em decorrência de artigos espíritas que eram escritos no Correio da Manhã por estudiosos da Doutrina, Ali Halfeld foi logo despertado pelo desejo de trabalhar em benefício dos semelhantes.

Auxiliou com entusiasmo e equilíbrio todas as entidades de assistência social que lhe solicitavam ajuda. No setor espírita, devemos mencionar a Fundação João de Freitas, obra de amparo à velhice e à viuvez, que construiu, e para a qual foi eleito presidente em 2 de Fevereiro de 1934, e o Instituto Jesus, destinado ao menor abandonado, que, fundado em 19 de Março de 1944, foi inaugurado em 18 de Setembro de 1955. Eleito presidente na própria assembléia que fundara o Instituto Jesus, Ali Halfeld permaneceu em sua direção até 26 de Março de 1960, quando, por motivo de doença, teve que afastar-se da direção da Entidade.

Grande entusiasta da imprensa espírita, Ali Halfeld colaborou com muito amor junto à Associação de Publicidade Espírita, mantenedora, durante muitos anos, da revista O Médiun. Eleito vice-presidente, em 9 de Agosto de 1937, deu à mesma todo o seu esforço.

Ainda no setor do Espiritismo, entre outras atividades devemos mencionar o estudo que, durante anos a fio, fez da

obra O Livro dos Espíritos, na tribuna da Casa Espírita, assim como o trabalho que escreveu: “O Problema do Menor”, cuja publicação foi feita pelo Jornal Diário Mercantil, em apresentações semanais.

Poucas vezes, é certo, teve ele contato direto com a Federação Espírita Brasileira, mas foi o bastante para se aquilatar a grandeza espiritual que ressumbrava de suas palavras serenas e humildes.

O presidente da FEB, Sr. Wantuil de Freitas, teve a feliz oportunidade de conhecê-lo pessoalmente e até mesmo de visitar em Juiz de Fora, a elogiável obra que é a Fundação João de Freitas.

Embora sempre se ocultando no silêncio e na humildade, não pôde evitar, entretanto, que seu nome, aureolado do respeito, da admiração e da gratidão de toda uma coletividade, transpusesse as fronteiras de Minas Gerais.

Espírito modesto, Ali Halfeld sempre declinou das homenagens que “Manchester mineira” lhe quis tributar. Dizia que a humildade era, a seu ver, uma das virtudes mais difíceis de ser cultivada. No entanto, quem com ele conviveu terá observado que aquela virtude, entre outras, ele a soube muito bem exemplificar.

Ali Halfeld foi também um amigo do setor artístico, tendo ocupado a presidência da Orquestra Filarmônica de Juiz de Fora.

Desencarnou em 13 de Setembro de 1967, após ter “combatido o bom combate”.

**WANTUIL, Zêus. Grandes Espíritas do Brasil. FEB, 1ª edição.
RJ**

AMÁLIA DOMINGOS SOLER

Nascida a 10 de novembro de 1833, da cidade de Sevilha, Espanha, e desencarnada a 29 de abril de 1909.

Foi figura de grande destaque no seio do Espiritismo espanhol, tendo a sua fama ultrapassado mesmo as fronteiras da península ibérica, para atingir os países americanos de fala castelhana. No Brasil ela tornou-se muito conhecida pela sua obra “As memórias do Padre Germano”, verdadeiro repositório de ensinamentos dos mais vivificantes.

Amália não nasceu num lar risonho e sua vida foi entrecortada de dores físicas e morais, entretanto, ela tudo suportou com estoicismo, pois somente os Espíritos fortes sabem vencer os obstáculos, compreendendo que as tribulações da vida terrena são imperativos da lei divina, impostos aos homens pelas suas transgressões cometidas em vidas pretéritas. As adversidades que ela deparou pelo caminho nunca constituíram entraves à sua persistente luta, no sentido de projetar os ensinamentos da Doutrina Espírita na Espanha do século passado. Através de sua luta conseguiu também elevar bem alto o conceito da mulher no campo da divulgação.

Com a idade de dez anos, começou a escrever; aos dezoito já dava à publicidade as suas poesias. No propósito de melhor poder difundir os seus escritos, transferiu-se para Madri. Na Capital espanhola, trabalhou de forma tão intensa que ficou completamente cega.

Debalde procurou consolo no seio das religiões tradicionais. Os dogmas não a satisfaziam. Os conceitos da vida no além-túmulo, apregoados por essas religiões, não preenchiam o imenso vácuo que existia em sua alma.

Um dia, porém, através do periódico “El Critério”, editado pela Federação Espírita Espanhola, tomou conhecimento do Espiritismo. Dali por diante os seus escritos, que apenas expressavam amargura, passaram a constituir uma fonte de consolação. Havia compreendido, afinal, que os sofrimentos experimentados nesta vida, são heranças de faltas cometidas em vidas pretéritas, e que, embora muitas pessoas tenham diante de si horizontes sombrios, devem-se compenetrar que Deus é Pai de misericórdia e de amor, sempre pronto a conceder benesses de luz e dar sustentação às almas alquebrantes. Passou Amália a compreender que o Evangelho de Jesus é, na realidade, uma fonte de água viva que jorra para a vida eterna.

Os cognomes de “poetisa das violetas” e “cantora do Espiritismo” lhe foram outorgados, pois o seu nome projetou-se de tal forma que ela se tornou, de direito e de fato, uma das mais apreciadas poetisas de seu tempo.

Animada de profunda fé em Jesus Cristo e nos benfeitores espirituais, conseguiu um dia recobrar a visão. Eis como ela relata esse importante

acontecimento de sua vida: “Bela manhã, estando em sua casa sentiu repentinamente doloroso e estranho fenômeno: pareceu-me, disse ela, que toda minha cabeça se tinha enchido de neve, tal o frio intenso que senti na mesma. Prestei atenção e acreditei ouvir esta breve palavra: LUZ... LUZ... LUZ... para a minha alma e para os meus olhos; gritei movida por inexplicável impressão: LUZ necessito, meu Deus. E sem saber por que, chorei, não com amargura desconsolada, pelo contrário, aquelas lágrimas pareciam que davam vida. Sem dar conta do que fazia, encaminhei-me para um espelho, numa exclamação de júbilo e de assombro indescritível ao ver meus olhos perfeitamente abertos como há muito não os podia ver, pois que sempre os tinha com as pálpebras caídos, o que me impossibilitava de ver. Havia chegado a hora da minha liberdade? Perguntei em alta voz; julgando que alguém pudesse me responder. Sim, murmurou uma voz longínqua. Louca de contentamento corri para o médico que me disse: Amália, graças a Deus, a partir de amanhã poderás trabalhar, porém, sem excessos.”

Podemos afiançar que o trabalho de Amália Domingo Soler no campo da divulgação do Espiritismo, foi de relevante importância, tendo contribuído decididamente para que a Doutrina dos Espíritos passasse a desfrutar de enorme prestígio naquela nação.

Amália foi uma mulher singular. Era um exemplo vivo de firmeza, de fé e de amor, na defesa dos ideais que esposava. Em novembro de 1878, desenvolveu ingente trabalho no sentido de rebater acusações que eram lançadas contra o Espiritismo pelo cura Manterola, na “A Gazeta de Catalunha”. Nesse propósito ela escreveu uma série de cinquenta e dois artigos.

Fonte: Personagens do Espiritismo. Antonio de Souza Lucena e Paulo Godoy

Amélie Gabrielle Boudet

Madame Rivail (Sra. Allan Kardec) nasceu em Thiais, cidade do menor e mais populoso Departamento francês – o Sena, aos 2 do Primário do ano IV, segundo o Calendário Republicano então vigente na França, e que corresponde a 23 de Novembro de 1795.

Filha de Julien-Louis Boudet, proprietário e antigo tabelião, homem portanto bem colocado na vida, e de Julie-Louise Seignat de Lacombe, recebeu, na pia batismal o nome de Amélie-Gabrielle Boudet.

A menina Amélie, filha única, aliando desde cedo grande vivacidade e forte interesse pelos estudos, não foi um problema para os pais, que, a par de fina educação moral, lhe proporcionaram apurados dotes intelectuais.

Após cursar o colégio primário, estabeleceu-se em Paris com a família, ingressando numa Escola Normal, de onde saiu diplomada em professora de 1a. classe.

Revela-nos o Dr. Canuto de Abreu que a senhorinha Amélie também foi professora de Letras e Belas Artes, trazendo de encarnações passadas a

tendência inata, por assim dizer, para a poesia e o desenho. Culta e inteligente, chegou a dar à luz três obras, assim nomeadas: “Contos Primaveris”, 1825; “Noções de Desenho”, 1826; “O Essencial em Belas Artes”, 1828.

Vivendo em Paris, no mundo das letras e do ensino, quis o Destino que um dia a Srta. Amélie Boudet deparasse com o Professor Hippolyte Denizard Rivail.

De estatura baixa, mas bem proporcionada, de olhos pardos e serenos, gentil e graciosa, vivaz nos gestos e na palavra, denunciando inteligência admirável, Amélie Boudet, aliando ainda a todos esses predicados um sorriso terno e bondoso, logo se fez notar pelo circunspecto Prof. Rivail, em quem reconheceu, de imediato, um homem verdadeiramente superior, culto, polido e reto.

Em 6 de Fevereiro de 1832, firmava-se o contrato de casamento. Amélie Boudet, tinha nove anos mais que o Prof. Rivail, mas tal era a sua jovialidade física e espiritual, que a olhos vistos aparentava a mesma idade do marido. Jamais essa diferença constituiu entrave à felicidade de ambos.

Pouco tempo depois de concluir seus estudos com Pestalozzi, no famoso castelo suíço de Zahringen (Yverdun), o Prof. Rivail fundara em Paris um Instituto Técnico, com orientação baseada nos métodos pestalozzianos. Madame Rivail associou-se ao esposo na afanosa tarefa educacional que ele vinha desempenhando no referido Instituto havia mais de um lustro.

Grandemente louvável era essa iniciativa humana e patriótica do Prof. Rivail, pois, não obstante as leis sucessivas decretadas após a Revolução Francesa em prol do ensino, a instrução pública vivia descurada do Governo, tanto que só em 1833, pela lei Guizot, é que oficial e definitivamente ficaria estabelecido o ensino primário na França.

Em 1835, o casal sofreu doloroso revés. Aquele estabelecimento de ensino foi obrigado a cerrar suas portas e a entrar em liquidação. Possuindo, porém, esposa altamente compreensiva, resignada e corajosa, fácil lhe foi sobrepor-se a esses infaustos acontecimentos. Amparando-se mutuamente, ambos se lançaram a maiores trabalhos. Durante o dia, enquanto Rivail se encarregava da contabilidade de casas comerciais, sua esposa colaborava de alguma forma na preparação dos cursos gratuitos que haviam organizado na própria residência, e que funcionaram de 1835 a 1840.

À noite, novamente juntos, não se davam a descanso justo e merecido, mas improdutivo. O problema da instrução às crianças e aos jovens tornara-se para Prof. Rivail, como o fora para seu mestre Pestalozzi, sempre digno da maior atenção. Por isso, até mesmo as horas da noite ele as dividia para diferentes misteres relacionados com aquele problema, recebendo em todos a cooperação talentosa e espontânea de sua esposa. Além de escrever novas obras de ensino, que, aliás, tiveram grande aceitação, o Prof. Rivail realizava traduções de obras clássicas, preparava para os cursos de Lévi-Alvarès, freqüentados por toda a juventude parisiense do bairro de São Germano, e se dedicava ainda, em dias certos da semana, juntamente

com sua esposa, a professorar as matérias estatuídas para os já referidos cursos gratuitos.

“Aquele que encontrar uma mulher boa, encontrará o bem e achará gozo no Senhor” - disse Salomão. Amélie Boudet era dessas mulheres boas, nobres e puras, e que, despojadas das vaidades mundanas, descobrem no matrimônio missões nobilitantes a serem desempenhadas.

Nos cursos públicos de Matemáticas e Astronomia que o Prof. Rivail bi-semanalmente lecionou, de 1843 a 1848, e aos quais assistiram não só alunos, que também professores, no “Liceu Polimático” que fundou e dirigiu até 1850, não faltou em tempo algum o auxílio eficiente e constante de sua dedicada consorte.

Todas essas realizações e outras mais, a bem do povo, se originaram das palestras costumeiras entre os dois cônjuges, mas, como salientou a Condessa de Ségur, deve-se principalmente à mulher, as inspirações que os homens concretizam. No que toca à Madame Rivail, acreditamos que em muitas ocasiões, além de conselheira, foi ela a inspiradora de vários projetos que o marido pôs em execução. Aliás, é o que nos confirma o Sr. P. J. Leymarie (que com ambos privara) ao declarar que Kardec tinha em grande consideração as opiniões de sua esposa.

Graças principalmente às obras pedagógicas do professor Rivail, adotadas pela própria Universidade de França, e que tiveram sucessivas edições, ele e senhora alcançaram uma posição financeira satisfatória.

O nome Denizard Rivail tornou-se conhecido nos meios cultos e além do mais bastante respeitado. Estava aberto para ele o caminho da riqueza e da glória, no terreno da Pedagogia. Sobrar-lhe-ia, agora, mais tempo para dedicar-se à esposa, que na sua humildade e elevação de espírito jamais reclamara coisa alguma.

A ambos, porém, estava reservada uma missão, grandiosa pela sua importância universal, mas plena de exaustivos trabalhos e dolorosos espinhos.

O primeiro toque de chamada verificou-se em 1854, quando o Prof. Rivail foi atraído para os curiosos fenômenos das “mesas girantes”, então em voga no Mundo todo. Outros convites do Além se seguiram, e vemos, em meados de 1855, na casa da Família Baudin, o Prof. Rivail iniciar os seus primeiros estudos sérios sobre os citados fenômenos, entrevendo, ali, a chave do problema que durante milênios viveu na obscuridade.

Acompanhando o esposo nessas investigações, era de se ver a alegria emotiva com que ela tomava conhecimento dos fatos que descerravam para a Humanidade novos horizontes de felicidade. Após observações e experiências inúmeras, o professor Rivail pôs mãos à maravilhosa obra da Codificação, e é ainda de sua cara consorte, então com 60 anos, que ele recebe todo o apoio moral nesse cometimento. Tornou-se ela verdadeira secretária do esposo, secundando-o nos novos e bem mais árduos

trabalhos que agora lhe tomavam todo o tempo, estimulando-o, incentivando-o no cumprimento de sua missão.

Sem dúvida, os espíritas, muito devemos a Amélie Boudet e estamos de acordo com o que acertadamente escreveu Samuel Smiles: os supremos atos da mulher geralmente permanecem ignorados, não saem à luz da admiração do mundo, porque são feitos na vida privada, longe dos olhos do público, pelo único amor do bem.

O nome de Madame Rivail enfileira-se assim, com muita justiça, entre os de inúmeras mulheres que a História registrou como dedicadas e fiéis colaboradoras dos seus esposos, sem as quais talvez eles não levassem a termo as suas missões. Tais foram, por exemplo, as valorosas esposas de Lavoisier, de Buckland, de Flaxman, de Huber, de Sir William Hamilton, de Stuart Mill, de Faraday, de Tom Hood, de Sir Napier, de Pestalozzi, de Lutero, e de tantos outros homens de gênio. A todas essas Grandes Mulheres, além daquelas muito esquecidas pela História, a Humanidade é devedora eterna!

Lançado O Livro dos Espíritos, da lavra de Allan Kardec, pseudônimo que tomou o Prof. Rivail, este, meses depois, a 1o. de Janeiro de 1858, com o apoio tão somente de sua esposa, deu a lume o primeiro número da “Revue Spirite”, periódico que alcançou mais de um século de existência grandemente benéfica ao Espiritismo.

Havia cerca de seis meses que na residência do casal Rivail, então situada à Rua dos Mártires n. 8, se efetuavam sessões bastante concorridas, exigindo da parte de Madame Rivail uma série de cuidados e atenções, que por vezes a deixavam extenuada. O local chegou a se tornar apertado para o elevado número de pessoas que ali compareciam, de sorte que em Abril de 1858 Allan Kardec fundava, fora do seu lar, a “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos”. Mais uma obra de grave responsabilidade!

Tomar tais iniciativas naquela recuada época, em que o despotismo clerical ainda constituía uma força, não era tarefa para muitos. Havia necessidade de larga dose de devotamento, firmeza de vistas e verdadeiro espírito de sacrifício.

Ao casal Rivail é que coube, apesar de todos os escolhos e perigos que se lhe deparariam em a nova estrada, empreender, com a assistência e proteção do Alto, a maior revolução de idéias de que se teve notícia nos meados do século XIX.

Allan Kardec foi alvo do ódio, da injúria, da calúnia, da inveja, do ciúme e do despeito de inimigos gratuitos, que a todo custo queriam conservar a luz sob o alqueire.

Intrigas, traições, insultos, ingratidões, tudo de mal cercou o ilustre reformador, mas em todos os momentos de provas e dificuldades sempre encontrou, no terno afeto de sua nobre esposa, amparo e consolação,

confirmando-se essas palavras de Simalen: “A mulher é a estrela de bonança nos temporais da vida.”

Com vasta correspondência epistolar, proveniente da França e de vários outros países, não fosse a ajuda de sua esposa nesse setor, sem dúvida não sobraria tempo para Allan Kardec se dedicar ao preparo dos livros da Codificação e de sua revista.

Uma série de viagens (em 1860, 1861, 1862, 1864, etc,) realizou Kardec, percorrendo mais de vinte cidades francesas, além de várias outras da Suíça e da Bélgica, em todas semeando as idéias espíritas. Sua veneranda consorte, sempre que suas forças lhe permitiam, acompanhou-o em muitas dessas viagens, cujas despesas, cumpre informar, corriam por conta do próprio casal. Parafraçando o escritor Carlyle, poder-se-ia dizer que Madame Allan Kardec, pelo espaço de quase quarenta anos, foi a companheira amante e fiel do seu marido, e com seus atos e suas palavras sempre o ajudou em tudo quanto ele empreendeu de digno e de bom.

Aos 31 de Março de 1869, com 65 anos de idade, desencarnava, subitamente, Allan Kardec, quando ultimava os preparativos para a mudança de residência. Foi uma perda irreparável para o mundo espiritista, lançando em consternação a todos quantos o amaram. Madame Allan Kardec, quer partilhara com admirável resignação as decepções e os infortúnios do esposo, agora, com os cabelos nevados pelos seus 74 anos de existência e a alma sublimada pelos ensinamentos dos Espíritos do Senhor, suportaria qualquer realidade mais dura. Ante a partida do querido companheiro para a Espiritualidade, portou-se como verdadeira espírita,

cheia de fé e estoicismo, conquanto, como é natural, abalada no profundo do ser.

No cemitério de Montmartre, onde, com simplicidade, aos 2 de Abril se realizou o sepultamento dos despojos do mestre, comparecia uma multidão de mais de mil pessoas. Discursaram diversos oradores, discípulos dedicados de Kardec, e por último o Sr. E. Muller, que logo no princípio do seu elogio fúnebre ao querido extinto assim se expressou: “Falo em nome de sua viúva, da qual lhe foi companheira fiel e ditosa durante trinta e sete anos de felicidade sem nuvens nem desgostos, daquela que lhe compartilhou as crenças e os trabalhos, as vicissitudes e as alegrias, e que se orgulhava da pureza dos costumes, da honestidade absoluta e do desinteresse sublime do esposo; hoje, sozinha, é ela quem nos dá a todos o exemplo de coragem, de tolerância, do perdão das injúrias e do dever escrupulosamente cumprido.”

Madame Allan Kardec recebeu da França e do estrangeiro, numerosas e efusivas manifestações de simpatia e encorajamento, o que lhe trouxe novas forças para o prosseguimento da obra do seu amado esposo.

Desejando os espiritistas franceses perpetuar num monumento o seu testemunho de profundo reconhecimento à memória do inesquecível mestre, consultaram nesse sentido a viúva, que, sensibilizada com aqueles desejos humanos mas sinceros, anuiu, encarregando desde logo uma comissão para tomar as necessárias providências. Obedecendo a um desenho do Sr. Sebillé, foi então levantado no cemitério do Père-Lachaise um dólmen, constituído de três pedras de granito puro, em posição vertical,

sobre as quais se colocou uma quarta pedra, tabular, ligeiramente inclinada, e pesando seis toneladas. No interior deste dólmen, sobre uma coluna também de pedra, fixou-se um busto, em bronze, de Kardec.

Esta nova morada dos despojos mortais do Codificador foi inaugurada em 31 de Março de 1870 , e nessa ocasião o Sr. Levent, vice-presidente da “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, discursou, a pedido de Madame Allan Kardec, em nome dela e dos amigos.

Cerca de dois meses após o decesso do excelso missionário de Lyon, sua esposa, no desejo louvável de contribuir para a realização dos plano futuros que ele tivera em mente, e de cujas obras, revista e Livraria passou a ser a única proprietária legal, houve por bem, no interesse da Doutrina, conceder todos os anos certa verba para uma “Caixa Geral do Espiritismo”, cujos fundos seriam aplicados na aquisição de propriedades, a fim de que pudessem ser remediadas quaisquer eventualidades futuras.

Outras sábias decisões foram por ela tomadas no sentido de salvaguardar a propaganda do Espiritismo, sendo, por isso, bastante apreciado pelos espíritas de todo o Mundo o seu nobre desinteresse e devotamento.

Apesar de sua avançada idade, Madame Allan Kardec demonstrava um espírito de trabalho fora do comum, fazendo questão de tudo gerir pessoalmente, cuidando de assuntos diversos, que demandariam várias cabeças. Além de comparecer à reuniões, para as quais era convidada, todos os anos presidia à belíssima sessão em que se comemorava o Dia dos

Mortos, e na qual, após vários oradores mostrarem o que em verdade significa a morte à luz do Espiritismo, expressivas comunicações de Espíritos Superiores eram recebidas por diversos médiuns.

Se Madame Allan Kardec – conforme se lê em *Revue Spirite* de 1869 – se entregasse ao seu interesse pessoal, deixando que as coisas andassem por si mesmas e sem preocupação de sua parte, ela facilmente poderia assegurar tranquilidade e repouso à sua velhice. Mas, colocando-se num ponto de vista superior, e guiada, além disso, pela certeza de que Allan Kardec com ela contava para prosseguir, no rumo já traçado, a obra moralizadora que lhe foi objeto de toda a solicitude durante os últimos anos de vida, Madame Allan Kardec não hesitou um só instante. Profundamente convencida da verdade dos ensinamentos espíritas, ela buscou garantir a vitalidade do Espiritismo no futuro, e, conforme ela mesma o disse, melhor não saberia aplicar o tempo que ainda lhe restava na Terra, antes de reunir-se ao esposo.

Esforçando-se por concretizar os planos expostos por Allan Kardec em *“Revue Spirite”* de 1868, ela conseguiu, depois de cuidadosos estudos feitos conjuntamente com alguns dos velhos discípulos de Kardec, fundar a *“Sociedade Anônima do Espiritismo”*.

Destinada à vulgarização do Espiritismo por todos os meios permitidos pelas leis, a referida sociedade tinha, contudo, como fito principal, a continuação da *“Revue Spirite”*, a publicação das obras de Kardec e bem assim de todos os livros que tratassem do Espiritismo.

Graças, pois, à visão, ao empenho, ao devotamento sem limites de Madame Allan Kardec, o Espiritismo cresceu a passos de gigante, não só na França, que também no Mundo todo.

Estafantes eram os afazeres dessa admirável mulher, cuja idade já lhe exigia repouso físico e sossego de espírito. Bem cedo, entretanto, os Céus a socorreram. O Sr. P. G. Leymarie, um dos mais fervorosos discípulos de Kardec desde 1858, médium, homem honesto e trabalhador incansável, assumiu em 1871 a gerência da Revue Spirite e da Livraria, e logo depois, com a renúncia dos companheiros de administração da sociedade anônima, sozinho tomou sob os ombros os pesados encargos da direção. Daí por diante, foi ele o braço direito de Madame Allan Kardec, sempre acatando com respeito as instruções emanadas da venerável anciã, permitindo que ela terminasse seus dias em paz e confiante no progresso contínuo do Espiritismo.

Parecendo muito comercial, aos olhos de alguns espíritas puritanos, o título dado à Sociedade, Madame Allan Kardec, que também nunca simpatizara com esse título, mas que o aceitara por causa de certas conveniências, resolveu, na assembléia geral de 18 de Outubro de 1873, dar-lhe novo nome: “Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec”, satisfazendo com isso a gregos e troianos.

Muito ainda fez essa extraordinária mulher a prol do Espiritismo e de todos quantos lhe pediam um conselho ou uma palavra de consolo, até que em

21 de Janeiro de 1883, às 5 horas da madrugada, docemente, com rara lucidez de espírito, com aquele mesmo gracioso e meigo sorriso que sempre lhe brincava nos lábios, desatou-se dos últimos laços que a prendiam à matéria.

A querida velhinha tinha então 87 anos, e nessa idade, contam os que a conheceram, ainda lia sem precisar de óculos e escrevia ao mesmo tempo corretamente e com letra firme.

Aplicando-lhe as expressões de célebre escritor, pode-se dizer, sem nenhum excesso, que “sua existência inteira foi um poema cheio de coragem, perseverança, caridade e sabedoria”.

Compreensível, pois, era a consternação que atingiu a família espírita em todos os quadrantes do globo. De acordo com o seus próprios desejos, o enterro de Madame Allan Kardec foi simples e espiriticamente realizado, saindo o féretro de sua residência, na Avenida e Vila Ségur n. 39, para o Père-Lachaise, a 12 quilômetros de distância.

Grande multidão, composta de pessoas humildes e de destaque, compareceu em 23 de Janeiro às exéquias junto ao dólmen de Kardec, onde os despojos da velhinha foram inumados e onde todos os anos, até à sua desencarnação, ela compareceu às solenidades de 31 de março.

Na coluna que suporta o busto do Codificador foram depois gravados, à esquerda, esses dizeres em letras maiúsculas: AMÈLIE GABRIELLE BOUDET – VEUVE ALLAN KARDEC – 21 NOVEMBRE 1795 – 21 JANVIER 1883.

No ato do sepultamento falaram os Srs. P.G. Leymarie, em nome de todos os espíritas e da “Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec”, Charles Fauvety, ilustre escritor e presidente da “Sociedade Científica de Estudos Psicológicos”, e bem assim representantes de outras Instituições e amigos, como Gabriel Delanne, Cot, Carrier, J. Camille Chaigneau, poeta e escritor, Lecoq, Georges Cochet, Louis Vignon, que dedicou delicados versos à querida extinta, o Dr. Josset e a distinta escritora, a Sra. Sofia Rosen-Dufaure, todos fazendo sobressair os reais méritos daquela digna sucessora de Kardec. Por fim, com uma prece feita pelo Sr. Warroquier, os presentes se dispersaram em silêncio.

A nota mais tocante daquelas homenagens póstumas foi dada pelo Sr. Lecoq. Leu ele, para alegria de todos, bela comunicação mediúnica de Antonio de Pádua, recebida em 22 de Janeiro, na qual esse iluminado Espírito descrevia a brilhante recepção com que elevados Amigos do Espaço, juntamente com Allan Kardec, acolheram aquele ser bem aventurado.

No improviso do Sr. P.G. Leymarie, este relembrou, em traços rápidos, algo da vida operosa da veneranda extinta, da sua nobreza d'alma, afirmando, entre outras coisas, que a publicação tanto de O Livro dos Espíritos, quanto da Revue Spirite, se deveu em grande parte à firmeza de ânimo, à insistência, à perseverança de Madame Allan Kardec.

Não deixando herdeiros diretos, pois que não teve filhos, por testamento fez ela sua legatária universal a “Sociedade para Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec”. Embora uma parenta sua, já bem idosa, e os filhos desta intentassem anular essas disposições testamentárias, alegando que ela não estava em perfeito juízo, nada, entretanto, conseguiram, pois as provas em contrário foram esmagadoras.

Em 26 de Janeiro de 1883, o conceituado médium parisiense Sr. E. Cordurié recebia espontaneamente uma mensagem assinada pelo Espírito de Madame Allan Kardec, logo seguida de outra, da autoria de seu esposo. Singelas na forma, belas nos conceitos, tinham ainda um sopro de imortalidade e comprovavam que a vida continua...

Anália Emília Franco

Nascida na cidade de Resende Estado do Rio de Janeiro, no dia 1 de fevereiro de 1856, e desencarnada em São Paulo, no dia 13 de janeiro de 1919.

Seu nome de solteira era Anália Emília Franco. Após consorciar-se em matrimônio com Francisco Antônio Bastos, seu nome passou a ser Anália Franco Bastos, entretanto, é mais conhecida por Anália Franco.

Com 16 anos de idade entrou num Concurso de Câmara dessa cidade e logrou aprovação para exercer o cargo de professora primária. Trabalhou como assistente de sua própria mãe durante algum tempo. Anteriormente a 1875 diplomou-se Normalista, em S. Paulo.

Foi após a Lei do Ventre Livre que sua verdadeira vocação se exteriorizou: a vocação literária. Já era por esse tempo notável como literata, jornalista e poetisa, entretanto, chegou ao seu conhecimento que os nascituros de escravas estavam previamente destinados à "Roda" da Santa Casa de Misericórdia. Já perambulavam, mendicantes, pelas estradas e pelas ruas, os negrinhos expulsos das fazendas por impróprios para o trabalho. Não eram, como até então "negociáveis", com seus pais e os adquirentes de cativos davam preferência às escravas que não tinham filhos no ventre. Anália escreveu, apelando para as mulheres fazendeiras. Trocou seu cargo na Capital de São Paulo por outro no Interior, a fim de socorrer as criancinhas necessitadas. Num bairro dum cidade do norte do Estado de S. Paulo conseguiu uma casa para instalar uma escola primária. Uma fazendeira rica lhe cedeu a casa escolar com uma condição, que foi frontalmente repelida por Anália: não deveria haver promiscuidade de crianças brancas e negras. Diante dessa condição humilhante foi recusada a gratuidade do uso da casa, passando a pagar um aluguel. A fazendeira guardou ressentimento à altivez da professora, porém, naquele local Anália inaugurou a sua primeira e original "Casa Maternal". Começou a receber todas as crianças que lhe batiam à porta, levadas por parentes ou apanhadas nas moitas e desvios dos caminhos. A fazendeira, abusando do prestígio político do marido, vendo que a sua casa, embora alugada, se transformara num albergue de negrinhos, resolveu acabar com aquele "escândalo" em sua fazenda. Promoveu diligências junto ao coronel e este

conseguiu facilmente a remoção da professora. Anália foi para a cidade e alugou uma casa velha, pagando de seu bolso o aluguel correspondente à metade do seu ordenado. Como o restante era insuficiente para a alimentação das crianças, não trepidou em ir, pessoalmente, pedir esmolas para a meninada. Partiu de manhã, à pé, levando consigo o grupinho escuro que ela chamava, em seus escritos, de "meus alunos sem mães". Numa folha local anunciou que, ao lado da escola pública, havia um pequeno "abrigo" para as crianças desamparadas. A fama, nem sempre favorável da novel professora, encheu a cidade. A curiosidade popular tomou-se de espanto, num domingo de festa religiosa. Ela apareceu nas ruas com seus "alunos sem mães", em bando precatório. Moça e magra, modesta e altiva, aquela impressionante figura de mulher, que mendigava para filhos de escravas, tornou-se o escândalo do dia. Era uma mulher perigosa, na opinião de muitos. Seu afastamento da cidade principiou a ser objeto de consideração em rodas políticas, nas farmácias. Mas rugiu a seu favor um grupo de abolicionistas e republicanos, contra o grande grupo de católicos, escravocratas e monarquistas.

Com o decorrer do tempo, deixando algumas escolas maternais no Interior, veio para S. Paulo. Aqui entrou brilhantemente para o grupo abolicionista e republicano. Sua missão, porém, não era política. Sua preocupação maior era com as crianças desamparadas, o que a levou a fundar uma revista própria, intitulada "Álbum das Meninas", cujo primeiro número veio a lume a 30 de abril de 1898. O artigo de fundo tinha o título "Às mães e educadoras". Seu prestígio no seio do professorado já era grande quando surgiram a abolição da escravatura e a República. O advento dessa nova era encontrou Anália com dois grandes colégios gratuitos para meninas e meninos. E logo que as leis o permitiram, ela, secundada por vinte senhoras

amigas, fundou o instituto educacional que se denominou "Associação Feminina Beneficente e Instrutiva", no dia 17 de novembro de 1901, com sede no Largo do Arouche, em S. Paulo.

Em seguida criou várias "Escolas Maternais" e "Escolas Elementares", instalando, com inauguração solene a 25 de janeiro de 1902, o "Liceu Feminino", que tinha por finalidade instruir e preparar professoras para a direção daquelas escolas, com o curso de dois anos para as professoras de "Escolas Maternais" e de três anos para as "Escolas Elementares".

Anália Franco publicou numerosos folhetos e opúsculos referentes aos cursos ministrados em suas escolas, tratados especiais sobre a infância, nos quais as professoras encontraram meios de desenvolver as faculdades afetivas e morais das crianças, instruindo-as ao mesmo tempo. O seu opúsculo "O Novo Manual Educativo", era dividido em três partes: Infância, Adolescência e Juventude.

Em 1º de dezembro de 1903, passou a publicar "A Voz Maternal", revista mensal com a apreciável tiragem de 6.000 exemplares, impressos em oficinas próprias.

A Associação Feminina mantinha um Bazar na rua do Rosário n.o. 18, em S. Paulo, para a venda dos artefatos das suas oficinas, e uma sucursal desse estabelecimento na Ladeira do Piques n.o. 23.

Anália Franco mantinha Escolas Reunidas na Capital e Escolas Isoladas no Interior, Escolas Maternais, Creches na Capital e no Interior do Estado, Bibliotecas anexas às escolas, Escolas Profissionais, Arte Tipográfica, Curso de Escrituração Mercantil, Prática de Enfermagem e Arte Dentária, Línguas (francês, italiano, inglês e alemão); Música, Desenho, Pintura, Pedagogia, Costura, Bordados, Flores artificiais e Chapéus, num total de 37 instituições.

Era romancista, escritora, teatróloga e poetisa. Escreveu uma infinidade de livretos para a educação das crianças e para as Escolas, os quais são dignos de serem adotados nas Escolas públicas.

Era espírita fervorosa, revelando sempre inusitado interesse pelas coisas atinentes à Doutrina Espírita.

Produziu a sua vasta cultura três ótimos romances: "A Égide Materna", "A Filha do Artista", e "A Filha Adotiva". Foi autora de numerosas peças teatrais, de diálogos e de várias estrofes, destacando-se "Hino a Deus", "Hino a Ana Nery", "Minha Terra", "Hino a Jesus" e outros.

Em 1911 conseguiu, sem qualquer recurso financeiro, adquirir a "Chácara Paraíso". Eram 75 alqueires de terra, parte em matas e capoeiras e o restante ocupado com benfeitorias diversas, entre as quais um velho solar, ocupado durante longos anos por uma das mais notáveis figuras da História do Brasil: Diogo Antônio Feijó.

Nessa chácara fundou Anália Franco a "Colônia Regeneradora D. Romualdo", aproveitando o casarão, a estrebaria e a antiga senzala, internando ali sob direção feminina, os garotos mais aptos para a Lavoura, a horticultura e outras atividades agropastoris, recolhendo ainda moças desviadas, conseguindo assim regenerar centenas de mulheres.

A vasta sementeira de Anália Franco consistiu em 71 Escolas, 2 albergues, 1 colônia regeneradora para mulheres, 23 asilos para crianças órfãs, 1 Banda Musical Feminina, 1 orquestra, 1 Grupo Dramático, além de oficinas para manufatura de chapéus, flores artificiais, etc., em 24 cidades do Interior e da Capital.

Sua desencarnação ocorreu precisamente quando havia tomado a deliberação de ir ao Rio de Janeiro fundar mais uma instituição, idéia essa concretizada posteriormente pelo seu esposo, que ali fundou o "Asilo Anália Franco".

A obra de Anália Franco foi, incontestavelmente, uma das mais salientes e meritórias da História do Espiritismo.

Andrew Jackson Davis

Andrew Jackson Davis deve figurar entre nós como um dos maiores médiuns da sua época, não só pelos fenômenos que produzia, como também pela sua obra no campo da literatura.

Nasceu no dia 11 de agosto de 1826, nas margens do rio Hudson, nos Estados Unidos da América do Norte, e desencarnou em 1910, com a idade de 84 anos.

Jackson Davis descendia de família humilde. Sua faculdade mediúnica desabrochou quando tinha apenas 17 anos. Primeiro, desenvolveu a audiência. Ouvia vozes que lhe davam bons conselhos. Depois, surgiu a clarividência, tendo notável visão, quando sua mãe morreu. Viu ele uma belíssima região muito brilhante, que supôs fosse o lugar para onde teria ido sua mãe. Mais tarde, manifestou-se outra faculdade muito interessante e muito rara: a de ver e descrever o corpo humano, que se tornava transparente aos seus olhos espirituais. Dizia ele que cada órgão do corpo parecia claro e transparente, mas se tornava escuro quando apresentava enfermidade.

Não é de se admirar que Davis descrevesse a constituição anatômica do ser humano, pois já Hipócrates, o pai da Medicina, dizia: "A alma vê de olhos fechados as afecções sofridas pelo corpo".

Na tarde de 6 de março de 1844, deu-se, com Davis, um dos mais extraordinários fenômenos, o do transporte. Foi ele tomado por uma força estranha que o fez voar da cidade de Poughkeepsie a Catskill, cerca de quarenta milhas de distância.

Naquela época, não se sabia explicar esse fenômeno, porquanto os fatos dessa natureza ainda eram desconhecidos.

Para nós, espíritas, o papel representado por Jackson Davis é de grande importância, pois começou a preparar o terreno para os grandes acontecimentos da Terceira Revelação.

Em suas visões espirituais viu quase tudo o que Swedenborg descreveu sobre o plano espiritual (abramos aqui um parêntese para dizer que, por ocasião do seu transporte às montanhas de Catskill, identificou Galeno e Swedenborg como seus mentores espirituais).

Em seu caderno de notas, encontrou-se a seguinte passagem datada de 31 de março de 1848:

"Esta madrugada, um sopro quente passou pela minha face e ouvi uma voz, suave e forte, a dizer: irmão, um bom trabalho foi começado – olha! surgiu uma demonstração viva. Fiquei pensando o que queria dizer aquela mensagem."

Ao que parece, este aviso fazia menção aos fenômenos de Hydesville, pois foi exatamente nessa data, numa sexta-feira, que se estabeleceu o início da telegrafia espiritual, através da menina Kate Fox.

Angel Aguarod

Angel Aguarod veio à vida terrena em um humilde lar, na vila Ayerbe, província de Huesca, ao norte da Espanha, em 2 de Outubro de 1860, sendo seus pais Dom Juan Aguarod e Dona Juana Torrero. Nascido em um lar católico, sua primeira educação, naturalmente, foi católica, estando ela a cargo de seu tio materno Dom Pablo Torrero, que era cura e pároco da povoação de Novales, da mesma província de Huesca.

Contava 11 anos, quando saiu da Província natal para radicar-se na populosa e ativa Barcelona. Foi nesta cidade que se deu a evolução de seu espírito ávido de progresso. Na buliçosa capital catalã emancipou-se da tutela católica. As idéias de liberdade, igualmente e fraternidade invadiram sua alma, dela tomando conta.

De origem humilde, teve que dar seus primeiros passos, na vida material, no seio da classe operária. Como operário, filiou-se à entidade de sua classe e, aos 17 anos, já ocupava o cargo de secretário geral e delegado da mesma perante o “Centro Federativo de las Sociedades Obreras”, de Barcelona.

Por essa época, 1877, iniciou-se na Capital da Catalunha, por Dom Antônio Tudury y Pons, um movimento em favor do ensino leigo, ao qual aderiu com todo o entusiasmo, fundando, ele mesmo, um colégio que dirigiu e sustentou até o ano de 1905, após o que, veio radicar-se na Argentina.

Para atender e dirigir esse colégio, que recebeu o nome de Sócrates, fez o curso da Escola Normal de Barcelona, freqüentando as aulas noturnas, posto que, durante o dia, precisava ganhar seu sustendo e do sua família.

Foi em 1880 que seu espírito inquieto se interessou pela Doutrina Espírita, dedicando-se plenamente a seu estudo. Seus primeiros passos no terreno do Espiritismo foram dados em “La Cosmopolita”, sociedade formada por elementos genuinamente racionalistas e de tendências liberais e universalistas.

Passou logo para o “Centro Barcelonés de Estudios Psicológicos”, do qual foi um dos fundadores, assim como foi da “ Unión Espiritista Kardeciana” e dos Centros “Socrates” e “Amor y Ciência “, dos quais ocupou a presidência, em vários períodos, tendo atuação destacada .

Pode-se afirmar que até 1905, época em que se mudou para a Argentina, não houve ato jubiloso de propaganda espírita em Espanha no qual não tomasse parte e, em muitos deles, juntamente com Amália Domingo Soler, Belen Serraga de Ferrero, visconde Antônio Torres Solanot, doutor Manuel Sanz Benito, Miguel Vives, Quintin López Gomez, Fabian Palasi e muitos outros pioneiros do movimento espírita espanhol.

Passou a residir na República Argentina, em 1905, e logo começou a trabalhar na “Constancia “ e em “La Fraternidad”. Pouco tempo depois fundou o “Centro Amor y Ciencia” e a “Liga Espiritista Kardeciana de Propaganda”, instituições que presidiu, bem como dirigiu a Escola Dominical que funcionava no Centro Amor y Ciencia. Ainda dirigiu a primitiva revista “El Espiritismo”, que fundou como órgão oficial da Liga. Foi um dos mais destacados conferencistas do quadro organizado pela

“Constancia”, revezando-se na tribuna com Cosme Mariño, Doutor Ovídio Rebaudi, Fransisco Durand e alguns outros luminares da oratória. Percorreu várias vezes o interior da Argentina, fazendo conferências e auxiliando a fundação de centros e sociedades espíritas. Voltou à Espanha e, pouco tempo depois, rumou para o Uruguai, onde permaneceu alguns meses, para, em seguida residir no Paraguai, país no qual se entregou a um trabalho ativo de propaganda. Mas onde seu espírito sofreu rude golpe com a desencarnação trágica de seu neto mais querido, morto num acidente de tráfego.

Por breve tempo tornou à sua pátria natal e, em 1915, voltou à América do Sul, resolvendo residir em Porto Alegre. De chegada ali, incorporou-se à vida ativa espírita brasileira, atuando em várias sociedades e entrando a colaborar na revista “Eternidade”, órgão das Sociedades “Dias da Cruz” e “Allan Kardec”, revista que ele, mais tarde, passou a dirigir até sua última publicação. Na revista referida iniciou uma intensa campanha em prol da união dos espíritas riograndenses, campanha que foi coroada de êxito com a fundação, em 17 de Fevereiro de 1921, na Federação Espírita do Rio Grande do Sul, cujos destinos presidiu até 1927, realizando, durante sua presidência e depois desta, numerosas excursões de propaganda, que deram como resultado a função de novas sociedades e centros de estudo pelo interior do Estado.

Fundador, em 1921, em Porto Alegre, do Grupo “Paz” e, em 1922, da Sociedade “Paz e Amor”, foi eleito seu presidente, cargo que desempenhava ainda por ocasião de sua desencarnação. Aguardando não só desenvolveu suas atividades associativas no campo do Espiritismo, ao qual dedicou sempre seus melhores entusiasmos.

Seu trabalho de publicista espírita foi enorme. Fundou e dirigiu periódicos e revistas tais como “El Espiritismo” , desde 1905 a 1912, em Buenos Aires; “Nueva Era”, em Barcelona; ainda dirigiu “La Unión Espiritista”, também em Barcelona; “Fraternidad “, de Alcoy (Alicante); “La Antorcha del Progreso”, de Badalona; “Eternidade” e “Boletim da Federação Espirita do Rio Grande do Sul”, colaborando em muitas outras, como sejam: “Luz y Unión”, “La Luz del Porvenir”, de Barcelona; “Constancia” e “La Fraternidad” , de Buenos Aires; “Reformador”, do Rio de Janeiro; “El Espiritismo” e “Luz y Vida “, também de Buenos Aires; “Rosendo”, de Cuba, além de uma infinidade de artigos que eram solicitados por outros periódicos da Europa e da América, os quais ele enviava de bom grado sem nunca receber, por tanto labor, retribuição alguma, apesar de, em toda a sua vida, ganhar seu modesto pão cotidiano com seu trabalho em honestas ocupações e empregos, algumas vezes como operário, outras como educador !

Diante de tão grande atividade, quem poderia pensar que ainda lhe sobraria tempo para outros trabalhos, além de suas múltiplas ocupações diárias ?!... Pois ainda conseguia tempo para escrever algumas obras de propaganda e divulgação espírita, tais como “ Los Mensajes de Abuelo Pablo”, “Orientado hacia las Cambres “, “Del Maestro al Discípulo”, “Confidencias Espirituales “, “Grandes y Pequeños Problemas a la Luz de la Nueva Revelación “ (em castelhano), publicada em tradução portuguesa (1932) pela FEB, “Vozes de Além-Túmulo (em português), “La Verdad a los Niños “, obras às quais atribuía origem espiritual, pois Aguarod acreditava possuir a mediunidade intuitiva, meio pelo qual supunha lhe foram ditadas. Deixou, inédita, a importante obra – “O Sermão da Montanha’.

Aos 13 dias do mês de Novembro de 1932, desencarnou, em Porto Alegre, contando a idade de 72 anos, o incansável batalhador da Causa Espírita.

WANTUIL, Zêus. Grandes Espíritas do Brasil. FEB, 1ª edição

Antônio Barbosa da Paixão

Nascido a 09 de março de 1876, em Vila Canudos, no Estado de Alagoas, e desencarnado a 07 de outubro de 1957, aos 81 anos de idade.

Aos vinte anos de idade, viajou para o Rio de Janeiro, disposto a ingressar na então Brigada Militar do Distrito Federal, hoje Polícia Militar do Rio de Janeiro, o que aconteceu um ano depois, no dia 12 de dezembro de 1897. À custa de muito esforço e boa vontade, seis anos mais tarde, em 1903, terminava o curso e era promovido ao posto de Alferes, para as armas de Infantaria e Cavalaria.

Estudioso, inteligente e apaixonado pela vida militar, em apenas 11 anos, ele percorreu os vários postos da Brigada Militar naquela época, tendo sido promovido a Tenente-Coronel aos 38 anos de idade, e com isto se tornou um dos mais jovens oficiais superiores daquela corporação. Nessa oportunidade foi designado para exercer o Comando do Regimento de Cavalaria, localizado no bairro do Estácio, comandando esta Unidade por um período de dezoito anos consecutivos.

O Coronel Antônio Barbosa da Paixão foi um dos mais conceituados oficiais da Polícia. Em 1930, quando se deu a deposição do Presidente Washington Luiz, estava ele no comando do Regimento de Cavalaria, no qual viveu horas angustiantes para manter-se fiel à legalidade governamental, sob o comando do General Carlos Arlindo. Neste episódio cumpriu o seu dever com honradez e conduta cristã até o último momento, mantendo a ordem legal e, por fim, aceitou a nova situação como fato consumado, apresentando suas credenciais ao novo Comandante e Chefe, que resolveu mantê-lo no posto, dado as melhores informações recebidas com referência à sua conduta exemplar.

Em 1933, o Coronel Antônio Barbosa da Paixão requereu a sua reforma, depois de 36 anos de bons serviços prestados àquela briososa corporação. Nos seus assentamentos constavam mais de uma centena de elogios e uma coleção considerável de condecorações. Deixou o serviço ativo, merecendo o respeito e a consideração de todos aqueles que serviram sobre o seu comando. A imprensa da época referiu-se a ele com as notas mais elogiosas possíveis, dizendo da grande e conscienciosa atuação do velho soldado na manutenção da ordem e do respeito mútuo entre o povo e o Governo, com equilíbrio e espírito patriótico. Um matutino carioca terminou uma de suas notas dizendo: “É bem merecido o prêmio que nesta data solene, recebe o bravo Comandante da Polícia Militar do Rio de Janeiro, depois da certeza e da consciência do dever bem cumprido, sem ressentimentos, mágoas, queixas ou críticas.”

O Comandante Barbosa da Paixão, já era espírita desde muito jovem, embora não haja registro relativo à data e ao motivo de sua conversão ao Espiritismo. Consta de uma publicação que “Barbosa da Paixão” mantinha

sob a sua direção um Grupo de Estudos Espíritas no Regimento de Cavalaria e outro Grupo Familiar, para o estudo do Evangelho e prática mediúnica, na sua própria residência. A 1º de setembro de 1917, fundou o Grupo Espírita “Fernandes Pinheiro”, depois de uma comunicação espiritual recebida pela médium Lucila Miranda da Cruz, quando se fazia preces em memória de sua esposa desencarnada recentemente, D. Miquilina da Paixão. Nesta sessão, a médium transmitiu belíssima mensagem de encorajamento ao Comandante Barbosa da Paixão, exortando-o para que fundasse um Grupo Espírita, destinado ao estudo do Espiritismo e à prática da caridade. Solicitando a identidade do Espírito comunicante, este último respondeu que na sua derradeira encarnação na Terra chamara-se Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, desencarnado a 15 de janeiro de 1876. Homenageando esse Espírito o Grupo Espírita que se fundara naquela mesma noite, tomou o seu nome. Posteriormente o Coronel Barbosa da Paixão desejou saber fatos da vida desse Espírito e nisto foi atendido por outra entidade comunicante, a qual revelou detalhes importantes da vida do ex-sacerdote dizendo mais que o Coronel possuía em sua estante um livro de História de sua autoria, o que foi constatado posteriormente.

O velho batalhador, embora bastante idoso, participava da liderança espírita do Distrito Federal. Naquela época, além do “Fernandes Pinheiro”, fazia parte da Liga Espírita do Brasil, da qual foi um dos pioneiros; da Cruzada dos Militares Espíritas, da qual também foi um de seus fundadores, ao lado dos Generais Frutuoso Mendes e Manoel Araripe de Farias; do Almirante Carlos Olímpio Borges de Farias e de tantos outros militares e civis idealistas, além de participar de muitas outras instituições espíritas do antigo Distrito Federal. Esteve à frente de todo movimento espírita realizado nas décadas de 1920/1950, ocupando a tribuna, falando pelo

rádio, escrevendo pela imprensa e publicando várias obras doutrinárias de sua autoria. Viajou por todo o interior do Estado do Rio de Janeiro e Estados vizinhos, a serviço do Espiritismo. Privava a intimidade da liderança espírita da época, contribuindo da melhor forma para que a Doutrina crescesse e multiplicasse em todos os sentidos.

Deolindo Amorim, numa crônica para “O Cruzado”, órgão doutrinário da Cruzada dos Militares Espíritas, dele escreveu o seguinte: “O Coronel Antônio Barbosa da Paixão foi um dos primeiros doutrinadores com quem conversei e de quem, logo depois, me tornei amigo. Tinha por ele uma admiração muito sincera. O que sempre chamava a atenção em suas atitudes, fosse onde fosse, eram justamente dois traços bem acentuados: a elegância e a humildade. Paixão era um homem de educação muito polida, vestia-se corretamente, mantinha uma linha de moderação impecável e era muito humilde.”

Estudou música e, na qualidade de instrumentista, chegou a ser incluído na Banda da Brigada Militar, quando ainda praça, porém, seu objetivo era ser oficial, o que alcançou em pleno êxito. Deixou, no entanto, várias composições de sua autoria, marchas e hinos para a Banda dessa Corporação.

O abnegado seareiro espírita só deixou o movimento doutrinário e muito especialmente a Liga Espírita “Fernandes Pinheiro” (denominação que passou a tomar em 8 de dezembro de 1937, na reforma de seus estatutos), por incapacidade física. Deixou aos pósteros admiráveis exemplos de

humildade e amor à Doutrina Espírita, como ponto de partida para um mundo melhor.

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP, 1982. 1ª edição, SP.

Antônio Gonçalves da Silva - Batuíra

Nascido a 19 de março de 1839, em Portugal, na Freguesia de Águas Santas, hoje integrada no Conselho de Maia, e desencarnado em São Paulo, no dia 22 de janeiro de 1909.

Completada a sua instrução primária, veio para o Brasil, com apenas onze anos de idade, aportando no Rio de Janeiro, a 3 de janeiro de 1850.

Seu nome de origem era Antônio Gonçalves da Silva, entretanto, devido a ser um moço muito ativo, correndo daqui para acolá, a gente da rua o apelidara "o batuíra", o nome que se dava à narceja, ave pernalta, muito ligeira, de vôo rápido, que freqüentava os charcos na várzea formada, no atual Parque D. Pedro II, em S. Paulo, pelos transbordamentos do rio Tamanduateí. Desde então o cognome "Batuíra" foi incorporado ao seu nome.

Batuíra desempenhou uma série de atividades que não cabe registrar nesta concisa biografia, entretanto, podemos afirmar que defendeu calorosamente a idéia da abolição da escravatura no Brasil, quer seja abrigando escravos em sua

casa e conseguindo-lhes a carta de alforria, ou fundando um jornalzinho a fim de colaborar na campanha encetada pelos grandes abolicionistas Luiz Gama, José do Patrocínio, Raul Pompéia, Paulo Ney, Antônio Bento, Rui Barbosa e tantos outros grandes paladinos das idéias liberais.

Homem de costumes simples, alimentando-se apenas de hortaliças, legumes e frutas, plantava no quintal de sua casa tudo aquilo de que necessitava para o seu sustento. Com as economias, adquiriu os então desvalorizados terrenos do Lavapés, em S. Paulo, edificando ali boa casa de residência e, ao lado dela, uma rua particular com pequenas casas que alugava a pessoas necessitadas. O tempo contribuiu para que tudo ali se valorizasse, propiciando a Bатуíra apreciáveis recursos financeiros. A rua particular deveria ser mais tarde a Rua Espírita, que ainda lá está.

Tomando conhecimento das altamente consoladoras verdades do Espiritismo, integrou-se resolutamente nessa causa, procurando pautar seus atos nos moldes dos preceitos evangélicos. Identificou-se de tal maneira com os postulados espíritas e evangélicos que, ao contrário do "moço rico" da narrativa evangélica, como que procurando dar uma demonstração eloqüente da sua comunhão com os preceitos legados por Jesus Cristo, despreendeu-se de tudo quanto tinha e pôs-se a seguir as suas pegadas. Distribuiu o seu tesouro na Terra, para entrar de posse daquele outro tesouro do Céu.

Tornou-se um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil. Fundou o "Grupo Espírita Verdade e Luz", onde, no dia 6 de abril de 1890, diante de enorme assembléia, dava início a uma série de explicações sobre "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

Nessa oportunidade deixara de circular a única publicação espírita da época, intitulada "Espiritualismo Experimental" redigida desde setembro de 1886, por Santos Cruz Junior. Sentindo a lacuna deixada por essa interrupção, Batuíra adquiriu uma pequena tipografia, a que denominou "Tipografia Espírita", iniciando a 20 de maio de 1890, a publicação de um quinzenário de quatro páginas com o nome "Verdade e Luz", posteriormente transformado em revista e do qual foi o diretor- responsável até a data de sua desencarnação. A tiragem desse periódico era das mais elevadas, pois de 2 ou 3 mil exemplares, conseguiu chegar até 15 mil, quantidade fabulosa naquela época, quando nem os jornais diários ultrapassavam a casa dos 3 mil exemplares. Nessa tarefa gloriosa e ingente Batuíra despendeu sua velhice. Era de vê-lo, trôpego, de grandes óculos, debruçado nos cavaletes da pequena tipografia, catando, com os dedos trêmulos, letras no fundo dos caixotins.

Para a manutenção dessa publicação, Batuíra despendeu somas respeitáveis, já que as assinaturas somavam quantia irrisória. Por volta de 1902 foi levado a vender uma série de casas situadas na Rua Espírita e na Rua dos Lavapés, a fim de equilibrar suas finanças.

Não era apenas esse periódico que pesava nas finanças de Batuíra. Espírito animado de grande bondade, coração aberto a todas as desventuras, dividia também com os necessitados o fruto de suas economias. Na sua casa a caridade se manifestava em tudo: jamais o socorro foi negado a alguém, jamais uma pessoa saiu dali sem ser devidamente amparada, havendo mesmo muitas afirmativas de que "um bando de aleijados vivia com ele". Quem ali chegasse, tinha cama, mesa e um cobertor.

Certa vez um desses homens que viviam sob o seu amparo, furtou-lhe um relógio de ouro e corrente do mesmo metal.

Houve uma denúncia e ameaças de prisão. A esposa de Bатуíra lamentou-se, dizendo: "é o único objeto bom que lhe resta". Bатуíra, porém, impediu que se tomasse qualquer medida, afirmando: "Deixai-o, quem sabe precisa mais do que eu".

Bатуíra casou-se em primeiras núpcias com Da. Brandina Maria de Jesus, de quem teve um filho, Joaquim Gonçalves Bатуíra, que veio a desencarnar depois de homem feito e casado. Em segundas núpcias, casou-se com Da. Maria das Dores Coutinho e Silva; desse casamento teve um filho, que desencarnou repentinamente com doze anos de idade. Posteriormente adotou uma criança retardada mental e parálitica, a qual conviveu em sua companhia desde 1888.

Figura bastante popular em S. Paulo, Bатуíra tornou-se querido de todos, tendo vários órgãos da imprensa leiga registrado a sua desencarnação e apologado a sua figura exponencial de homem caridoso e dedicado aos sofredores.

Antonio Luiz Sayão

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 12 de abril de 1829 e retornou à Espiritualidade no dia 31 de março de 1903, próximo a completar 74 anos de idade.

Pioneiríssimo trabalhador do Espiritismo no Rio de Janeiro, quiçá do Brasil, foi um dos fundadores do Grupo dos Humildes, depois Grupo Ismael da Federação Espírita Brasileira, do qual foi diretor. Sayão tornou-se espírita no ano de 1878 e como autêntico trabalhador e colaborador de Jesus e Ismael, começou de imediato nas atividades, destacando-se entre os grandes pioneiros do Espiritismo. Foi o Grupo Ismael, verdadeira fortaleza

moral, que levantou o ânimo dos trabalhadores da FEB e conseguiu fazê-la a Casa Mãter do Espiritismo no Brasil, arregimentando homens da envergadura moral de Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes, Ewerton Quadros, Dias da Cruz e tantos outros baluartes da Boa Nova.

A vida de Sayão foi um exemplo de amor e trabalho. Escritor, Jornalista, Pregador, dedicado à assistência aos necessitados e itimorato propagador da Doutrina. Nesse ano se comemora o seu 150º aniversário de nascimento na Terra.

Anuário Espírita – 1979

Antônio Wantuil de Freitas

Estamos comemorando o centenário de nascimento de Antônio Wantuil de Freitas, que foi Presidente da Federação Espírita Brasileira durante vinte e sete anos consecutivos, encarnado a 23 de outubro de 1895 na cidade do Patrocínio do Muriaé (MG), filho do Capitão Joaquim Olinto de Freitas e de D. Virgínia Maria de Freitas, e desencarnado aos 11 de março de 1974, no Rio de Janeiro (RJ).

Foi de muita luta a sua vida, pois ficara órfão de pai aos 5 anos de idade, e de mãe, aos 22, mas graças à ajuda dos irmãos pôde diplomar-se em Farmácia em 1913, na então famosa Escola de Farmácia e Odontologia d' "O Granbery", de Juiz de Fora (MG). Após dirigir farmácias em várias

idades mineiras, veio para o Rio de Janeiro em 1924, aí se instalando como farmacêutico-industrial.

Casou em 1919 com D. Zilfa Fernandes de Freitas, com quem teve sete filhos, e sobre a qual externou este agradecimento: “(...) sua valiosa cooperação muito contribuiu para o meu encorajamento nos momentos difíceis da vida.”

Leitor assíduo de tudo que dissesse respeito a religiões e filosofias, nelas buscava, em vão, a doutrina que realmente atendesse aos seus mais recônditos anseios, tornando-se até mesmo meio cético de tudo, até que em 1932, convidado por um velho amigo para assistir a uma sessão espírita, aí presenciou tantos fatos inexplicáveis que ele resolveu estudar o Espiritismo, fazendo-o meses e meses seguidos, através de incansável leitura de um sem-número de obras espíritas, entre nacionais e estrangeiras. Surgiu, ao mesmo tempo, no seu próprio lar, uma série de fenômenos mediúnicos, de indiscutível força comprobatória da teoria haurida nos livros. Tomou-se, então, um espírita convicto.

Ainda em 1932, ingressou como sócio remido da Federação Espírita Brasileira. Já em 1933 participava como delegado de uma Associação Espírita do Rio de Janeiro no Conselho Federativo da FEB. Eleito sócio efetivo em 1936, Guillon Ribeiro, então Presidente da Casa-Máter, vendo nele um espírita de vasto cabedal de conhecimentos doutrinários, muito ativo e possuidor de lúcida inteligência, convidou-o às eleições de 9 de agosto de 1936, sendo eleito e empossado no cargo de Gerente de REFORMADOR, onde ficou até 1943, quando ascendeu à presidência da

Casa de Ismael, neste posto permanecendo até 22 de agosto de 1970, ininterruptamente reeleito todos os anos, quase sempre por unanimidade.

As realizações de Antônio Wantuil de Freitas dentro do Espiritismo são de uma riqueza extraordinária. Sua enorme capacidade de trabalho, aliada a invejável descortino intelectual, fê-lo uma das mais destacadas figuras no Movimento Espírita nacional, um verdadeiro líder, no mais alto sentido.

Em eruditas e substanciosas conferências pronunciadas da tribuna da FEB; em esboços escritos, sob variados temas, estampados em REFORMADOR com seu próprio nome ou sob mais de uma dezena de pseudônimos; em livros, opúsculos, folhetos editados pela FEB, Wantuil sempre se revelou unia personalidade forte, intransigente na defesa da verdade, de grande discernimento e de um raciocínio rápido e decisivo.

Em 13 de junho de 1939, ele, sozinho, defendeu o Espiritismo na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da qual era sócio, contra acirrada campanha movida por alguns dos seus membros, que até dirigiram moções de desagrado ao Presidente da República e ao Ministro da Justiça. O aconteci-do foi amplamente noticiado por importantes jornais da época, que elogiaram a atitude desassombrada daquele ousado desconhecido.

Outro fato que repercutiu na imprensa de então e demonstrou uma vez mais a coragem, o destemor, a impavidez do Presidente Wantuil de Freitas passou-se no Governo de Getúlio Vargas, entre 1941 e 1945. Recrudescia, nesses anos, mediante Portarias do Chefe de Polícia, um clima de

cerceamento, de perseguição às Sociedades Espíritas, inclusive com o fechamento, no Rio de Janeiro, de todas elas (também a Federação Espírita Brasileira), tendo sido criado até mesmo um cadastro policial para o fichamento dos dirigentes espíritas. Tais absurdos levaram uma comissão febianana, em março de 1945, à presença do chefe de Polícia, Ministro João Alberto. Wantuil foi o porta-voz intemorato na defesa dos direitos do Espiritismo, conseguindo derrubar as in-felizes Portarias que impediam às Instituições Espíritas o direito de se organizarem e funcionar livremente, como a Constituição prescrevia. Antes disso, certa feita Wantuil teve de comparecer ao Ministério da Justiça, onde seria interrogado por um verdadeiro tribunal, composto de um General, de um Almirante e do próprio Ministro. Ele não se intimidou. Falou o que tinha para falar e, em dado momento, se não fora a intervenção conciliatória do Ministro, Wantuil seria preso pelo Almirante (REFORMADOR, 1948, pag. 191).

Entretanto, ainda pendiam sobre a cabeça dos espíritos os artigos 282 e 284 do Código Penal, podendo ser aplicados a qualquer hora e a bel-prazer das autoridades públicas. Wantuil não aceitava isto, e, a 16 de julho de 1945, estava frente a frente com o Presidente da República, Getúlio Vargas, em audiência no Palácio do Catete. Da conversa que manteve, sanadas as incompreensões, resultou um clima menos inflexível para com os adeptos do Espiritismo e, se não fora a deposição de Getúlio, em outubro de 1945, talvez caíssem por terra os tais famigerados artigos do Código Penal.

Wantuil de Freitas foi diretor de REFORMADOR durante os vinte e sete anos de sua presidência, levando esse órgão da Federação a uma tiragem recorde, naquele tempo, de 40.000 exemplares, tiragem que ele alcançou

graças a uma es-colha ponderada de todos os artigos, submetidos a uma revisão rigorosa, seja quanto ao fundo, seja quanto à forma.

Em 1946 criou o Departamento Editorial da FEB, no bairro de S. Cristóvão, iniciando a construção de prédios que formariam a “Cidade do Livro”, como ele denominou o conjunto das edificações. Em 1948 (9 de setembro) começaram a funcionar ali as máquinas impressoras, “dando início ao período áureo da divulgação do livro e à incrementação da propaganda em geral”. Só esse empreendimento seria suficiente para consagrar-lhe a memória ao agradecimento de todos os espíritos.

Outro acontecimento, de importância vital no Movimento Espírita brasileiro, foi a realização, a 5 de outubro de 1949, da Grande Conferência Espírita no Rio de Janeiro, de que resultou a Ata de Unificação, pouco depois denominada “Pacto Áureo”. Wantuil foi o autor dos dezoito itens com que se lavrou essa Ata. Entre suas disposições estava a criação do Conselho Federativo Nacional, oficialmente instalado em 1º de janeiro de 1950, que continua a pautar suas atividades dentro do que disse Leopoldo Machado: “Unidade de ação para maior expansão e esplendor da Doutrina que a todos nos irmana.” Desde a sua instalação até 1º de agosto de 1970 Wantuil presidiu-lhe as então reuniões mensais, com dedicação e sabedoria, com paciência, bom ânimo e firmeza.

A ele se devem os únicos quatro selos postais espíritos emitidos no Mundo, tendo o primeiro, de grande tiragem, sobre o Centenário da Codificação do Espiritismo, em 1957, alcançado retumbância internacional, através da imprensa e dos mais importantes meios filatélicos do Planeta. Para

conseguir esse selo, Wantuil chegou a ir pessoalmente ao Diretor Geral dos Correios e ao próprio Ministro das Comunicações.

Em 1944 surgiu o rumoroso “caso Humberto de Campos”, em que a viúva do escritor promoveu em Juízo uma ação declaratória contra a Federação Espírita Brasileira e Francisco Cândido Xavier. Wantuil imediatamente se pôs em ação, coordenou um grupo de valiosos colaboradores para ajudarem o patrono da causa, Dr. Miguel Timponi, na defesa, que ficou pronta em pouco mais de dez dias e fez parte do livro - “A Psicografia ante os Tribunais”. Poucos sabem que durante esse período Wantuil varou noites adentro no exame de toda a matéria que lhe chegava às mãos, alterando, acrescentando, suprimindo, sugerindo, para que a peça contestatória fosse jurídica e doutrinariamente uma obra impecável.

Graças aos esforços do Presidente Wantuil, assessorado por dedicados companheiros como Antônio Fernandes Soares, nasceu a sede da Federação Espírita Brasileira em Brasília (DF), num terreno doado pela Novacap, com escritura assinada, em 1965. A partir de 1984, a sede central da Federação transferiu-se para Brasília, ficando no Rio de Janeiro sua sede seccional.

Vários outros episódios em que Wantuil tomou parte relevante estão arrolados no histórico do Espiritismo no Brasil, conquanto alguns só sejam conhecidos de reduzido número de espíritas.(*)

“Deve-se a Wantuil, com seu largo tirocínio administrativo e impressionante intuição dos acontecimentos futuros, a sólida estrutura montada na FEB para servir à Doutrina e ao Movimento”, assim se expressou o atual Presidente Juvanir Borges de Souza.

Cinco dias antes de sua desencarnação, Bittencourt Sampaio, pelo médium Olímpio Giffoni, declarava:

“Podemos afirmar-vos que bem poucos deram tanto em favor da causa espírita: sua dedicação transformou-se em renúncia do homem comum, para tão-somente cuidar da Casa de Ismael.”

E pela médium Maria Cecília Paiva, um dia após a desencarnação de Wantuil, assim finalizava Bezerra de Menezes uma mensagem:

“Possa o nosso irmão Wantuil ser lembrado como o discípulo fiel do Senhor, abençoado por suas mãos generosas e divinas.”

Aristides de Souza Spínola

Aristides de Souza Spínola nasceu em Caetité (Bahia), a 29 de Agosto de 1850, e Faleceu no Rio de Janeiro aos 9 de Julho de 1925.

Filho do Cel. Francisco de Souza Spínola, que foi deputado geral em três legislaturas, e de D. Constança Pereira de Souza Spínola. Esta família ilustre e de prestígio na Bahia criou o filho dentro de rígidos princípios morais, fazendo-lhe ver o valor de um nome honrado.

Bem cedo, o menino revelou-se altamente curioso de tudo que lhe chegasse aos sentidos, elaborando, às vezes, perguntas bastante embaraçosas e que demonstravam a viva inteligência de que era dotado.

No ano de 1871, bacharelou-se em Direito, após cursar brilhantemente a Faculdade de Direito do Recife. A sua aplicação e assiduidade foram tais, que durante os cinco anos do curso acadêmico não teve uma única falta ! Abriu, em seguida, a banca de advogado em sua terra natal. Fez, por essa época, diversas excursões pelo interior da Bahia e, particularmente, pelo vale do S. Francisco, com o fim de estudar as localidades e colher notas para os seus estudos históricos.

Bem moço ainda, entrou na carreira política, tendo sido eleito, em 1878, deputado provincial pela Bahia. Por indicação do Dr. Aristides César Spínola Zama, seu primo, foi nomeado, de 1879 a 1880, Presidente da Província (Estado) de Goiás, tendo ouvido do imperador D. Pedro II, quando a este foi agradecer a nomeação, elogiosas referências aos predicados morais e intelectuais de que já havia dado provas.

Em 1881, na primeira legislatura de eleição direta, representou a sua terra na Assembléia Geral do Império. Ganhando prestígio sempre crescente

ante o eleitorado baiano, foi reeleito deputado geral nas legislaturas de 1885 e de 1886 a 1889, sendo que nesta última fora eleito na vaga aberta pela morte de Pedro Carneiro da Silva.

Ao ser proclamada a República, em 1889, ocupava ele, o mais jovem dos deputados, o cargo de 1º Secretário da Câmara. No regime republicano, depois de haver pleiteado, por duas vezes, a eleição de deputado federal, só conseguiu ser reconhecido para a de 1909-1911, dando-se neste último ano o seu afastamento definitivo da política, para se consagrar exclusivamente à advocacia e ao estudo e meditação da Doutrina Espírita, que já o contava de há muito entre seus adeptos mais fervorosos, sinceros e esclarecidos.

Foi em 1905 que Aristides Spínola ingressou na Federação Espírita Brasileira, convidado pelo então Diretor na Assistência aos Necessitados, Pedro Ricardo.

Eleito para o cargo de vice-presidente, na do Dr. Geminiano Brazil de Oliveira Góis, outro espírita ilustre e fiel, Aristides Spínola desenvolveu naquela Casa toda uma atividade polimorfa e intensa, a ela se dedicando durante vinte e um anos seguidos, amado por todos os companheiros que com ele privaram.

Na vice-presidência da FEB permaneceu de 1905 a 1913. Presidente em 1914 e em 1916 e 1917, voltando a exercer o cargo de vice-presidente em 1920 e 1921. Ocupou, de novo, de 1922 a 1924, a direção da Casa, sendo

eleito, em 1925, para a vice-presidência, cargo que desempenhou até à data de sua desencarnação, ocorrida aos 9 de Julho do mesmo ano.

Foi, assim, presidente da Federação Espírita Brasileira durante seis anos e vice-presidente onze anos e meio. Nunca, porém, solicitou ou disputou nenhum desses cargos, ou qualquer outro da Diretoria da Federação, fazendo questão unicamente de prestar-lhe seus serviços, fosse de que maneira fosse, pronto, declarou-o mais de uma vez, humilde e modesto como de fato sempre foi, a ocupar o de porteiro se só neste o julgassem apto a servir.

E dado lhe foi satisfazer amplamente a esse desejo seu, porquanto, desde o primeiro dia em que se incorporou à caravana dos que na Federação laboravam, relevantes e ininterruptos serviços lhe prestou, seja como membro da sua administração, seja fora de qualquer cargo administrativo.

O que ele queria era trabalhar. E trabalhou sempre, e muito, e trabalhou bem.

Dentre esses serviços merecem destacados os que teve ensejo de dispensar-lhe como advogado, de todas as vezes em que o Espiritismo se viu alvejado pela ciência oficial, sob a forma de perseguições aos médiuns, por exercício ilegal da medicina.

Como jornalista de irrecusável mérito, Aristides Spínola colaborou em vários jornais . No “Diário da Bahia” escreveu as narrativas de algumas de suas excursões realizadas na juventude. Com o pseudônimo Buxton, defendeu, em “A Pedidos” do “Jornal do Comércio “, do Rio, o Ministério Dantas. Foi um dos fundadores, em 1891, do “Jornal do Brasil”, onde teve a seu cargo a parte política. Antes, pertencera à redação de um diário, cremos que a “Gazeta da Tarde “, que fora empastelado em 1897, achando-se Aristides Spínola no edifício do jornal quando essa violência se consumou.

Além de alguns escritos inéditos e muitos outros estampados em periódicos espíritas e leigos, são de sua pena, entre outras, as seguintes obras: “Presidência do Barão Homem de Melo. Excursões administrativas”, Bahia 1879; “Relatórios sobre a administração da Província de Goiás, 1879-1880 (2 vols.); “Estudo sobre os índios que habitam as margens do rio Araguaia”, memória em que estuda os índios carajás e que se acha anexa ao relatório da exploração desse rio pelo engenheiro J. R. de Moraes Jardim, Rio, 1880; “Orçamento do Ministério da Agricultura”, discurso proferido na sessão da Câmara dos Srs. Deputados, em 13 de Julho de 1882, Rio, 1882; “Elemento Servil”, Discursos proferidos em sessões da Câmara, de 22 de Junho e 4 de Junho de 1883, Rio, 1883. Em 1889, deu a público uma tese que apresentou no Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, versando sobre direitos do comerciante no exercício de sua profissão. Sob os auspícios da Federação Espírita Brasileira, foi editada, em 1902, a tradução que Spínola fez da obra do Dr. E. Gyel: “Ensaio de revista geral e da interpretação sintética do Espiritismo”. Em 1915, com o título “Caridade perseguida”, fez imprimir um memorial de recurso criminal.

Sólida erudição espírita, teológica e jurídica projetaram-lhe o nome dentro e fora do campo espírita sendo-lhe admirados o critério e a ponderação com que resolvia os problemas administrativos, bem como o espírito evangélico e conciliador nos mais delicados e controvertidos assuntos.

WANTUIL, Zêus. Grandes Espíritas do Brasil. FEB, 1ª edição. RJ

Aristóteles Soares da Rocha

Nascido na cidade de Barra Mansa, Estado do Rio de Janeiro, a 10 de junho de 1880, e desencarnado em São Paulo, a 9 de junho de 1972.

Filho de Joaquim Soares da Rocha e de D. Arlinda Amélia Franco da Rocha, era viúvo de D. Hercília de Carvalho Rocha, de cujo matrimônio teve sete filhos. Em Segunda núpcias, era casado com D. Maria do Carmo Solomon Rocha.

Foi vereador e Delegado de Polícia na cidade de Dourados, tendo também exercido funções correlatas em algumas cidades do interior do Estado de São Paulo.

Suas atividades no seio do Espiritismo tiveram início no ano de 1910, fundando com o auxílio de outros amigos e de sua irmã Clélia Soares Rocha, conhecida pioneira espírita, o Lar Anália Franco, em São Manoel, Estado de São Paulo.

Nos trinta últimos anos de sua vida era sempre requisitado pelos auditórios espíritas, onde suas palavras, sempre apreciadas, tinham o mérito de cativar os presentes, comovendo-os, e ele próprio dificilmente conseguindo sopitar as lágrimas que lhe brotavam dos olhos.

Espírito animado de profundos sentimentos de caridade, não regateava auxílio àqueles que o procuravam em busca de uma palavra amiga, de um gesto fraternal ou de uma ação. Muitas pessoas aflitas se beneficiaram com suas palavras esclarecedoras e cheias de bondade.

Tomou parte em muitos conclaves espíritas que se realizaram no Estado de São Paulo, e se fazia presente em todos os grandes acontecimentos que envolviam a Doutrina dos Espíritos

Apesar de sua idade avançada, nos últimos anos de sua existência terrena, percorreu inúmeras cidades brasileiras, principalmente as capitais dos Estados, proferindo palestras e visitando instituições espíritas.

Homem de ilibado caráter, Aristóteles Soares Rocha deve se constituir em paradigma para aqueles que geralmente arrefecem em meio à jornada, que se sentem demasiadamente idosos para desempenhar tarefas no seio da Doutrina. Com 92 anos de idade ele ainda se sentia animado de verdadeiro idealismo, servindo à causa espírita até os últimos instantes de sua profícua vida terrena.

Não era menor o seu esforço no campo da assistência social, tendo contribuído decididamente para a fundação de um Lar para Meninos, no município de Santa Isabel, nas proximidades da capital paulista, o que fez coadjuvado por outros companheiros de ideal.

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP, 1982. 1ª edição, SP.

Arthur Conan Doyle

Segundo escreveu o saudoso Prof. José Herculano Pires, prefaciando a obra de Arthur Conan Doyle, "História do Espiritismo", é um nome conhecido e lido no mundo inteiro. Dotado Conan Doyle de fértil imaginação, comunicabilidade natural de seu estilo, a espontaneidade de suas criações tornaram-no um escritor apreciado e amado por todos os povos. Em nosso país a série Sherlock Holmes, a série Ficção Histórica e a série Contos e Novelas Fantásticas aqui estão para comprovar a afirmação feita em favor do extraordinário escritor. Entretanto, é bom que se diga que ele não apenas se destacou naquelas linhas compostas com três séries, pois além de historiador, pregou o uso de métodos científicos na pesquisa policial, destacou-se também como um lúcido escritor espírita em todo o mundo, revelando notável compreensão do problema espírita in-totum (como ciência, filosofia e religião). Então, além daquelas séries enumeradas no início destas considerações existem mais duas séries: a de História e a do Espiritismo.

Ao ser lançada a primeira edição da obra "História do Espiritismo", a revista inglesa "Light" destacou o equilíbrio e a imparcialidade com que o assunto foi abordado. Uma extensa Nota assinada por D.N.G. destacou que os críticos haviam sido "agradavelmente surpreendidos", porque Conan Doyle, conhecido como ardoroso propagandista do Espiritismo, fora de uma imparcialidade a toda prova. E o articulista da revista "Light" continuava: "Uma obra de história, escrita com preconceitos favoráveis ou contrários, seria, pelo menos, antiartística, pecado jamais cometido pelo autor de - The White Company -, em nenhum de seus trabalhos".

O próprio Autor define aquele critério ao falar do desejo de contribuir para que o Espiritismo tivesse sua história e o objetivo da obra não era o de fazer propaganda de suas convicções, mas o de historiar o movimento espírita. Daí, colocar-se imparcial e serenamente como observador dos fatos que se desenrolam aos seus olhos, através do tempo e do espaço. (Ipsis litteris).

Reconhecendo a magnitude e amplitude do trabalho que se propôs realizar pediu auxílio a outras pessoas e encontrou em Mrs. Leslie Curnow uma dedicada e eficiente colaboradora e com essa ajuda prosseguiu investigações até concluir a obra. Reconheceu não haver realizado um trabalho completo porque não dispunha de recursos necessários e tempo, mas, com satisfação verificou que fez o que era possível no momento, diante da enorme extensão e complexidade do assunto, além das condições de dificuldades do próprio movimento espírita da época.

Arthur Conan Doyle nasceu em 22 de maio de 1859, em Edimburgo, faleceu em 7 de julho de 1930, em Cowborough (Sussex), após viver 71 anos bem proveitosos. Em junho de 1887 escreveu uma carta ao Editor da revista "Light" explicando as razões de haver se convertido ao Espiritismo.

Tal carta foi publicada na edição de 2 de julho de 1887 da referida revista e republicada na edição de 27 de agosto de 1927. Em 15 de julho de 1929 a "Revista Internacional do Espiritismo", de Matão, São Paulo, dirigida por Cairbar Schutel, publicou no Brasil a primeira tradução integral daquela carta, documento importante, onde o jovem médico em 1887 revelava ampla compreensão do Espiritismo e a importância da Mensagem que a Doutrina trazia para o mundo inteiro.

Conan Doyle ainda escreveu um pequeno livro traduzido por Guillon Ribeiro e sob o título "A Nova Revelação", que descreve em detalhes como se deu sua conversão. Outras obras doutrinárias de grande mérito, revelando perfeito entendimento do problema religioso do Espiritismo, afirmando a condição essencialmente psíquica da religião espírita, "A Religião Psíquica".

A doutrina da reencarnação determinou o aparecimento de uma divergência entre aquilo que se estabeleceu chamar Espiritismo Latino e Espiritismo Anglo-Saxão. Estes, particularmente os ingleses e americanos, embora aceitassem a Doutrina Espírita não admitiam o Princípio Reencarnacionista e tal motivou os ataques e críticas ao Espiritismo. Embora a resistência mantida na Inglaterra e nos Estados Unidos contra o Princípio Reencarnacionista, Conan Doyle e outros espíritas americanos e ingleses, de renome, admitiam a reencarnação.

Na obra "A Nova Revelação", Conan Doyle declara que "muitos estudiosos têm sido atraídos ao Espiritismo, uns pelo aspecto religioso, outros pelo científico, mas, até agora ninguém tentou estabelecer a exata relação que existe entre os dois aspectos do problema". Tal foi escrito entre 1927 e 1928, sessenta anos após a desencarnação de Kardec. Sabemos que Kardec definiu e solucionou aquele problema ao apresentar o Espiritismo como Doutrina sob

tríplice aspecto: filosófica, científica e religiosa. E Conan Doyle identificava-se com o pensamento de Kardec, aguardando que a codificação kardeciana aparecesse, sem perceber que ela já existia e estava ao seu lado, para lá do Canal da Mancha.

Arthur Conan Doyle,

Artur Lins de Vasconcelos Lopes

Nascido a 27 de março de 1891, na cidade de Teixeira, Estado da Paraíba, e desencarnado em São Paulo, no dia 21 de março de 1952. Seu sepultamento ocorreu na cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná.

O Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes foi expressiva figura do Espiritismo brasileiro.

Franco e combativo, jovial e sereno, sincero e leal, bom e caridoso, fazia dessas virtudes uma coisa rotineira em sua vida de relação, sem jamais ostentá-la no convívio com seus companheiros de ideal.

Foi presidente da "Coligação Nacional Pró-Estado Leigo", instituição republicana fundada em 17 de maio de 1931, a qual desenvolveu ingente trabalho em favor da separação entre a Igreja e o Estado, principalmente por ocasião dos trabalhos constituintes que culminaram com a promulgação da nova Constituição Brasileira, no ano de 1946, tendo enviado numerosas ações cívicas de grande profundidade nos anos subseqüentes.

O esforço de Lins de Vasconcelos em favor do conagraçamento dos espíritas do Brasil foi dos mais

salientes, contribuindo de forma decisiva para o advento do Pacto Áureo de unificação dos espíritas do Brasil, no dia 5 de outubro de 1949. A ele se deve apreciável parcela dos trabalhos encetados nos anos de 1947 a 1952, em favor de um maior entrelaçamento entre os espíritas em nosso país.

Do jornal "Mundo Espírita", que se edita em Curitiba, extraímos os seguintes dados biográficos desse grande vulto do Espiritismo brasileiro:

"A batalha travada por Lins de Vasconcelos foi ingente, árdua e heróica.

Nascido numa região áspera, princípio geográfico da caatinga, entre Paraíba e Pernambuco, era natural que Artur Lins trouxesse no Espírito a agressividade do berço agreste. Lutando, todavia, contra o meio, aprimorando qualidades, resistindo aos meios desonestos de ganho, foi abrindo um caminho limpo para a vida. Ainda na adolescência, Lins deixou a Paraíba para residir no Rio de Janeiro. Na antiga Capital Federal a demora foi curta.

Imaturo, com aquela ânsia de aventuras próprias da idade, e também ávido de conhecimento, Lins partiu para o sul do país, fixando-se em Curitiba. Constituiu família; formou-se em agronomia; fez concurso para cartorário. Sua vida seguiu firme. Tornou-se espírita, integrando-se totalmente na doutrina. Em 1926 houve grave incidente entre o governo do Estado e elementos liberais, por questões religiosas. É que o governo estadual, sem autorização da Assembléia, presenteara terrenos e dinheiro do patrimônio público ao clero. Pequeno número de cidadãos protestou contra o ato indébito do governo. Entre eles estava Lins de Vasconcelos. Este defendeu, de forma corajosa, perante o governo, que os princípios tutelares da democracia são inderrogáveis ainda ao arbítrio dos governadores. Aquela

posição destemida de Lins na questão dos bispados acarretou-lhe demissão do cargo. Vencera o fanatismo religioso; sobrepunha-se a intolerância ao direito intangível de um democrata. E sobrava razão a Lins: o governo não podia dar ao clero, de mão beijada, terrenos e dinheiro do Estado.

Uma vez demitido, Lins não se deixou abater pela sanha intolerante. Colocou suas energias na indústria. Venceu. Tornou-se milionário. Mas o dinheiro que amealhava facilmente como ele próprio dizia -- era um depósito que lhe fazia Deus para o distribuir aos pobres, através do Espiritismo. Fez-se banqueiro dos desafortunados!

Era simples e sem vaidades. O que mais se admirava em Artur era o triunfo do seu Espírito sobre uma das mais terríveis provas a que uma criatura pode submeter-se: a riqueza! Rico, mais do que rico, opulento, Lins de Vasconcelos venceu galhardamente o fascínio do ouro, esmagou o poderio que a fortuna traz, afogou no nascedouro os gozos efêmeros que o dinheiro carrega. A moeda que lhe vinha dos negócios era destinada às creches, a orfanatos, a albergues, a sanatórios, a escolas, a revistas e a jornais doutrinários.

Há lindos lances, de puro Cristianismo, na vida de Artur Lins de Vasconcelos, mas relatá-los seria, por certo ferir a humildade do nosso querido irmão desencarnado. Basta chamar-lhe: Banqueiro dos Pobres! É um título magnífico que milhões e milhões de desencarnados gostariam de possuir. Arthur Lins de Vasconcelos obteve esse título em vida, abençoado por milhares de bocas!

Lins de Vasconcelos não se empolgou com seus sucessos mundanos. Fez, isso sim, da riqueza material, instrumento para a realização do Bem. Foi bom, vestindo os desnudos,

dando de comer aos esfomeados, instrução e educação aos que dessa assistência precisavam.

Tendo desencarnado em S. Paulo, seu corpo foi para Curitiba--cidade que tanto amou -- e em cujo solo desejava que sua matéria repousasse no dia que o Pai o chamasse. Seu pedido foi satisfeito. Assim, no Jardim em frente ao Pavilhão Administrativo do Sanatório Bom Retiro, no bairro do Pilarzinho, em Curitiba, encimado por uma pedra simples, mas que revela bom gosto, na qual há uma placa de bronze com expressiva inscrição, foi inumado o corpo do querido companheiro de ideal espírita, aquele que tantas lutas sustentou ante a incompreensão dos homens, para que a Doutrina dos Espíritos demonstrasse ser capaz de transformar as criaturas desajustadas em seres com capacidade para amar o próximo, assim como Jesus nos amou.

A Federação Espírita do Paraná, que tantos benefícios recebeu de Lins de Vasconcelos, prestou-lhe ultimamente significativa homenagem, dando seu respeitável e inesquecível nome ao educandário que naquele bairro mantém, no momento, funcionando com o curso ginásial, o Instituto "Lins de Vasconcelos".

Ary Lex

Dr. Ary Lex veio a falecer com 85 anos, a 29 de junho de 2001, vítima de câncer fulminante, após mais de sessenta anos de serviços prestados ao Espiritismo.

Filho de Fausto Lex, de descendência alemã também fervoroso militante espírita, e Lúcia Garrido Lex. Foi casado com Acácia Munhoz Lex e teve os filhos Sérgio, Lineu e

Roberto. Nas lides doutrinárias desempenhou muitas funções importantes: conselheiro da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP) de 1942 até seu desencarne, conselheiro da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) desde 1947, ex-presidente do Instituto Espírita de Educação (IEE) e da Associação Médico-Espírita de São Paulo (AMESP).

Profissionalmente Ary Lex formou-se em medicina e aposentou-se como diretor executivo do Hospital das Clínicas e Assistente de sua Clínica Cirúrgica.

Foi professor titular de Biologia Educacional e Biologia I da Universidade Mackenzie por 15 anos. Nessas áreas escreveu Biologia Educacional (com 20 edições) e Hérnias, adotado em faculdades de medicina de todo o país.

Como orador e escritor espírita foi sempre intransigente defensor dos princípios doutrinários, não se recusando às polêmicas quando se tratava de defender suas idéias de pureza da doutrina.

Escreveu muitos artigos na imprensa espírita e publicou as seguintes obras: Pureza Doutrinária, Do sistema nervoso à mediunidade, 60 anos de Espiritismo no Estado de São Paulo (nossa vivência), tendo ainda participado em vários boletins da AMESP.

Eduardo carvalho Monteiro

Fonte: Anuário Espírita 2002 - IDE

Augusto Militão Pacheco

Nascido no dia 13 de junho de 1866 e desencarnado em São Paulo, a 7 de julho de 1954.

Muito deve o Espiritismo ao Dr. Augusto Militão Pacheco, pelo testemunho que deu da Doutrina dos Espíritos. Animado de uma fé imorredoura na vida espiritual conseguiu prelibar, através da existência transitória do corpo, a vida imortal do Espírito imperecível.

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no ano de 1904, Militão Pacheco foi nesse mesmo ano convidado a ir ao Estado do Maranhão a fim de ajudar a debelar um surto de peste bubônica que grassava naquela região do norte do Brasil. Apesar de não contar com qualquer espécie de hospital de isolamento nem com condições adequadas para o combate àquela enfermidade contagiosa, dirigiu-se para lá em companhia do diretor do Hospital de Isolamento de S. Paulo, dois médicos mineiros e mais um outro, conseguindo marcante sucesso na tarefa. Nessa altura foi convidado para ser diretor do Serviço Sanitário do Estado do Maranhão pelo período de dois anos. Para lá transferiu-se com sua esposa e três filhos, porém, renunciou após oito meses de atividades intensas, por não ver atendidas as suas reivindicações, imprescindíveis para o bom andamento dos serviços.

Nos primeiros anos do presente século (não nos foi possível comprovar se em 1901 ou 1902), comparecendo a uma sessão espírita, ali lembrou-se de sua filhinha desencarnada com apenas 52 dias de vida e formulou ardente solicitação mental para que ela viesse beijá-lo. Sem que tivesse qualquer conhecimento do desejo que alimentava, os médiuns videntes que ali estavam presentes, decorridos alguns minutos descreveram que o Espírito da menina havia se dirigido ao pai e ali estava cobrindo-o de beijos. Esse testemunho foi o suficiente para que Militão Pacheco se convertesse ao Espiritismo.

Um outro fato veio mudar o rumo de sua vida, Sua esposa sofria, há alguns anos, de pertinaz enfermidade e, para curá-la havia ele esgotado todos os recursos que a medicina alopática lhe havia proporcionado. Visitando a família do Juiz de Direito, de Campinas, ela teve ali uma das suas crises. A esposa do juiz pediu permissão para recomendar-lhe um remédio homeopático. O remédio foi comprado e o tratamento iniciado. Após essa ocorrência ela teve apenas duas ameaças de crise e o mal desapareceu por completo. O Dr. Pacheco, que vinha exercendo a medicina alopática há cinco anos, procurou o único médico homeopata existente em Campinas, iniciando assim um estudo profundo sobre a homeopatia, para o que conseguiu alguns livros a título de empréstimo. Dali por diante deixou por completo de praticar a medicina alopática.

No dia 23 de julho de 1896, através de decreto assinado pelo então presidente do Estado de S. Paulo, Jorge Tibiriçá e por Gustavo de Oliveira Godoy, Militão Pacheco foi nomeado, em comissão, para exercer o cargo de inspetor sanitário do Estado, cargo no qual foi efetivado a 26 de setembro do mesmo ano, exercendo-o até 1920, quando se aposentou.

Durante mais de meio século, o Dr. Pacheco exerceu na capital paulista o apostolado da Medicina. E dizemos apostolado porque foi notável médico no sentido cordial, humanitário, prestativo, dedicando-se inteiramente à tarefa de auxiliar o seu próximo, conseguindo desta forma realizar gigantesco trabalho de assistência individual e coletiva como poucos conseguiram realizar na Terra. O prestigioso jornal "Diário de S. Paulo", em sua edição de 27 de junho de 1944, publicou extensa reportagem sobre as festividades comemorativas do cinquentenário de formatura e de exercício de profissão do Dr. Augusto Militão Pacheco. Através de numerosos discursos proferidos na oportunidade, pudemos conhecer verdadeiros rasgos de

generosidade e de amor, partidos da figura inconfundível daquele que tinha em alta conta a dignidade humana e o sacerdócio da Medicina.

Foi sempre de incomparável bondade no tratamento de todos os seus incontáveis clientes, retornando ao mundo espiritual abençoado por milhares de corações, legando aos homens uma vida que se constituiu em verdadeiro modelo de virtude, um exemplo incomparável de beleza moral, emanada de um caráter reto e de uma decisão inquebrantável. Muitas pessoas que não podiam pagar consultas, eram atendidas com igual dedicação e não raras voltavam com o auxílio financeiro para a aquisição dos remédios prescritos por aquelas mãos abençoadas. No terreno filosófico, conquanto fosse grande admirador de geniais pensadores de várias escolas, pois era um cidadão independente e portador de invejável cultura intelectual e científica, nunca negou a sua incondicional dedicação à Doutrina Espírita, tornando-se um dos espíritas mais respeitáveis e dignos em nosso Estado e mesmo no Brasil. Médico essencialmente homeopata, honrou e dignificou a medicina hahnemaniana, tendo consagrado ao Espiritismo o melhor de sua nobilitante e proveitosa existência. Era na realidade autêntica fonte inesgotável destinada a suavizar as dores do corpo e minorar os sofrimentos da alma.

Em julho de 1936, quando se cogitou da fundação da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, foi um dos elementos que mais propugnaram para essa realização. A reunião convocada para apreciar a redação final dos estatutos sociais e proceder à eleição da primeira diretoria, foi por ele presidida, passando a figurar como um dos seus sócios fundadores e sido eleito vice- presidente da primeira diretoria constituída. Durante muitos anos foi presidente da Associação Espírita São Pedro e São Paulo, uma das mais prestigiosas instituições espíritas de seu tempo, a qual posteriormente veio a se integrar na Federação.

Augusto Elias da Silva

Elias da Silva reencarnou na terra portuguesa em 1848[1], justamente no ano em que uma onda de renovação espiritual, como fogo em palha seca, se irradiaria de Hydesville para o mundo todo.

Estava ele destinado, qual aconteceu a inúmeros ilustres compatriotas do outro lado do Atlântico, a grandiosos empreendimentos na terra irmã brasileira. Para aqui se transportavam intuitivamente, ou levados pelo misterioso acaso, a fim de atenderem às solicitações da Espiritualidade.

Assim, veio para o Brasil, desembarcando na Guanabara em data que não nos foi possível descobrir, o humilde fotógrafo profissional Augusto Elias da Silva, que consigo trazia um coração generoso e simples, e um cérebro esclarecido, resoluto e empreendedor.

Ismael lhe reservava, nestas paragens brasileiras, alta missão, pelo saber capaz de levá-la a bom termo, com denodo e perseverança.

Quanto às razões que conduziram Elias a aderir aos princípios espiritistas, transcreveremos a seguir as suas palavras textuais, publicadas em "Reformador " de 1-9-1891, e que dizem o que a respeito conseguiríamos saber:

“Em 1881, fui convidado a assistir a uma sessão na sala da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, à rua da Alfândega n.º 120. As minhas convicções nesta época eram as do mais lato indiferentismo religioso, não tendo a menor parcela de dúvida sobre a não existência da alma. Não admitindo os fenômenos das diversas religiões, só via nelas agrupamentos de ociosos e amigos de dominar, explorando a ignorância das massas, geralmente supersticiosas e inclinadas ao sobrenatural.

Foi-me aconselhado a leitura das obras do imortal Kardec. Pela leitura, despertou-se-me o desejo de verificar experimentalmente as teorias que ia bebendo, e comecei a freqüentar as sessões dos grupos e sociedades então existentes, onde gradativamente fui recebendo as provas mais robustas da manifestação dos que eu chamava mortos”.

Estudando com ardor as obras de Kardec e todas as demais que adquiria para aumentar seus conhecimentos acerca da Doutrina que lhe abria um mundo de luminosas e até então veladas verdades, em pouco tempo Elias traduzia seu entusiasmo e sua vontade de servir à Causa, tornando-se ativo membro da Comissão Confraternizadora da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Fundou, a seguir, o “Grupo Espírita Menezes “, nome dado em homenagem a Antônio Carlos de Mendonça Furtado de Menezes, que fora diretor da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, e cujo bondoso Espírito, desencarnado em 11 de Dezembro de 1879, dirigia então os trabalhos do referido Grupo. Esta Sociedade muitos benefícios espalhou, e em 1885 fundiu-se à Federação Espírita Brasileira, para a qual se transferiram os seus sócios.

Fundar e conservar um órgão de propaganda espírita, na Corte do Brasil, era, naquela época, de forma a entibiar o ânimo dos espíritas mais resolutos. Todas as baterias do Catolicismo estavam assestadas contra o Espiritismo. Dos púlpitos brasileiros, principalmente dos da Capital, choviam anátemas sobre os espíritas, os novos hereges que cumpria abater. Datada de 15 de Junho de 1882, fora distribuída ao Episcopado brasileiro uma Pastoral do Bispo da Diocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro, na qual o Antigo Testamento era astuciosamente citado para contraditar as comunicações mediúnicas, e tão anticristão e violento era o zelo daquele prelado, que com naturalidade escreveu, referindo-se aos espíritas: “Devemos odiar por dever de consciência”.

Amparado e incentivado dentro do lar por duas almas boas e valorosas, sua sogra, D. Maria Baldina da Conceição Batista e sua esposa, D. Matilde Elias da Silva, de quem teve um filho também chamado Augusto, ambas espíritas convictas, Elias lançou o REFORMADOR em 21 de Janeiro de 1883[2], com os recursos tirados do seu próprio bolso, situando a redação e oficinas em seu atelier fotográfico à então rua da Carioca, 120 – 2º andar (ex-São Francisco de Assis) onde também residia com sua família.

Até 1º de Fevereiro de 1888, “Reformador “ teve sua secretaria e tesouraria à rua da Carioca, 120, 2º andar, no local de residência e trabalho de Elias. Havendo, por essa época, necessidade de mais espaço para o desenvolvimento daquela publicação, a Diretoria resolveu instalar a seção do “Reformador “no prédio n.º 17 (depois n.º 25) da então rua do Clube Ginástico, hoje Silva Jardim, para onde também se transferiu a Federação Espírita Brasileira, que se achava à rua do Hospício (hoje Buenos Aires), n.º 102.

Em 27 de Dezembro de 1883[3] aquele infatigável lidador reuniu em sua residência, como sempre o fazia semanalmente, os companheiros que mais de perto o auxiliavam no “Reformador”. Eram doze individualidades ao todo, um quarto das quais pertencia ao sexo feminino, “como a indicar” - conforme escreveu o saudoso Dr. Guillon Ribeiro - “quão importante viria a ser a parte que caberia à mulher na obra, que então se encetava, de evangelização”.

Nessa memorável noite de 27, firmava-se entre os presentes o ideal de fundar-se uma Sociedade nova, que federasse todos os Grupos através de “um programa equilibrado ou misto” e que difundisse por todos os meios o Espiritismo, principalmente pela imprensa e pelo livro.

No primeiro dia de Janeiro de 1884, uma terça-feira, reunidos na residência de Elias da Silva (rua da Carioca, 120, 2º andar) alguns espíritas de fé e arrojo, entre os quais além da sogra e da esposa do chefe da casa, os Srs. Francisco Raimundo Ewerton Quadros, Manuel Fernandes Figueira, Francisco Antônio Xavier Pinheiro, João Francisco da Silveira Pinto, Romualdo Nunes Vitório, Pedro da Nóbrega, José Agostinho Marques Porto, era definitivamente instalada a FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA .

No princípio, as reuniões ordinárias da Diretoria, às quais compareciam também alguns sócios fundadores mais chegados à Sociedade, realizavam-se na residência de Elias, e só a partir de 17 de Dezembro de 1886 passaram a ser efetuadas na casa de Santos Moreira, numa sala gentilmente por ele

cedida, já que Elias estava prestes a ausentar-se da Corte. Ainda por esse motivo é que Elias, reeleito para o cargo de tesoureiro em 2-1-1885 e 5-1-1886, pedia aos amigos, em fins de 1886, não o incluíssem na chapa para a eleição da nova Diretoria de 1887. Foi então substituído nas funções da Tesouraria pelo seu velho companheiro F. A. Xavier Pinheiro, mas o “Reformador “ continuou ainda à rua da Carioca, 120. O nome de Elias, que mui raramente deixava de figurar nas Atas das sessões, não mais apareceu depois de 31 de Dezembro de 1886.

Retornando ao Rio de Janeiro, Elias volta a ocupar o cargo de tesoureiro, nas eleições de 2-3-1888. Foi este o último ano em que exerceu funções diretas na Diretoria, por sua própria deliberação. Mas isto não impediu que ele continuasse a freqüentar as sessões da FEB, ombro a ombro com os antigos companheiros de lides doutrinárias, com eles estudando um sem número de questões e problemas relacionados a pontos de Doutrina e à orientação geral do Espiritismo em nossa terra , além do que propagava da tribuna os princípios espiríticos. Pode-se dizer que, quase até ao fim da vida terrena de Elias, a Federação Espírita Brasileira foi para ele o seu segundo lar, lar a que dedicou todo o seu amor e trabalho Elias residia ainda naquela mesma casa (agora sob o n.º 114) em que fora fundada a Federação. Minado o seu organismo pela tuberculose pulmonar[4], aguardava ele sobre uma cama a hora em que passaria desta vida.

No dia 18 de Dezembro de 1903 cessaram, afinal, os derradeiros esforços vitais do conceituado fotógrafo.

Aurora A. de Los Santos de Silveira

Aurora A. de Los Santos de Silveira, pioneira espírita uruguaia, nasceu no dia 28 de agosto de 1890 e desencarnou no dia 10 de agosto de 1969, em Montevideú.

Espiritismo uruguaio muito deve a essa mulher idealista, que através do seu exemplo e dedicação contribuiu para fazer germinar, naquela nação, a semente generosa da Doutrina dos Espíritos.

Sofrendo as agruras de prisões e da separação dos filhos revelou a sua fibra de missionária, não deixando jamais o desempenho de uma tarefa apostólica que a impulsionava, e que culminou com a fundação de uma instituição espírita que também se tornou a pioneira naquela pátria irmã.

Filha de José Fabrício dos Santos, brasileiro, e Petrona Tejera, espanhola, Aurora morava no Departamento da Rivera, na República Oriental do Uruguai, motivo que a levou a cursar apenas um ano da escola primária. Sua vida foi repleta de dificuldades e sacrifícios junto a seus familiares, nos afazeres da agricultura. Desde pequena se revelaram nela fenômenos mediúnicos de vidência, que seus pais procuravam reprimir, por desconhecer sua verdadeira causa e por temerem que ela enveredasse pelo caminho da loucura.

Foi mãe extremosa de 7 filhos, em dois matrimônios. Em 1933 desencarnou o seu segundo esposo, Gervásio Si1veira, deixando-a na maior penúria com absoluta falta de recursos, o que a levou, juntamente com seus filhos, a passar por angustiosa fase.

Nesses momentos de grandes aflições, conheceu uma senhora de nome Valentina, que lhe deu alguns folhetos e revistas espíritas. A leitura dessas publicações atuou como verdadeiro bálsamo, preenchendo uma grande lacuna naquele Espírito bondoso e abnegado.

Cheia de fé e esperança, Aurora começou a levar os seus filhos a pequenos Centros Espíritas que existiam nas cidades de Rivera e Livramento, na fronteira entre o Brasil e Uruguai, sentindo-se daí por diante bastante aliviada em suas angústias, dedicando-se à leitura de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec.

No dia 5 de julho de 1935, transferiu seu domicílio para a capital uruguaia, em busca de melhores condições econômicas, passando a trabalhar como costureira.

Em Montevidéu, certo dia, estando muito cansada e aflita, pediu a seu filho Baltazar que lesse o único livro espírita que possuía, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", ocasião em que se manifestou um espírito que, diante do assombro do moço, apenas disse: "Não temais, venho para ajudar-vos", solicitando que procurassem reunir três ou quatro pessoas, quando então voltaria.

Ao despertar, Aurora inteirou-se daquela solicitação e, no dia seguinte promoveu a reunião, segundo a vontade expressa pelo espírito comunicante, que deu o nome de "Bon Ajou".

Após a realização dessa sessão, Aurora teve desabrochada a sua mediunidade, passando a fazer curas assombrosas de cegos, paráliticos, cancerosos e de uma série de pessoas desenganadas pela medicina oficial. Sua fama se espargiu e doentes vinham de todos os lugares em busca da cura.

Nessa época o Espiritismo no Uruguai era praticamente desconhecido e Aurora foi acusada de exercício ilegal da Medicina, sendo presa e recolhida a uma prisão de mulheres, onde permaneceu durante 6 meses. Seus filhos foram parar nos mais diversos lugares, inclusive em orfanatos.

Terminada a sentença, abandonou a prisão, debilitada e abatida, porém isso não impediu que dentro de poucos dias voltasse ao mesmo lugar, reiniciando o seu trabalho apostólico, ajudando os seus irmãos mais necessitados e lutando pela divulgação dos ideais espíritas.

Após grandes lutas conseguiu ver realizado o seu sonho, obtendo personalidade jurídica para uma instituição que fundou, o "Centro Evangélico Espiritual Hacia la Verdad", sociedade beneficente cuja inauguração ocorreu em 31 de maio de 1944, e cuja sede própria foi levantada em 1950, na Avenida General Flores, 4.689, em Montevideú.

Tudo isso através do seu esforço, coadjuvado por um livro e um Espírito amigo.

Os dados acima foram obtidos por intermédio de Baltazar Silveira, filho da grande pioneira, entretanto, a título de subsídios biográficos, transcreveremos abaixo o que o erudito escritor e orador brasileiro, Newton Boechat, escreveu sobre essa notável batalhadora, em outubro de 1966, quando ela ainda estava entre nós:

"D. Aurora de los Santos de Silveira, pioneira no Movimento Espírita Uruguaio, médium notável e destemida, hoje repousando das lutas de antanho, quando era vigoroso seu organismo físico. Enfrentou, vezes inúmeras, o cárcere, a perseguição, os ataques de adversários terríveis, para evidenciar a Mensagem Espírita: o "Hacia la Verdad", é o fruto de seus labores em função do Bem, obtendo, finalmente, personalidade jurídica desde 1944.

A venerada sra., junto à lareira da residência de Canellones, muito nos contou das lutas de outrora, com seus ardís e embargos, mas que não lhe puderam frustrar a perseverança.

Hoje, o "Hacia la Verdad" é organização respeitável, com centenas de sócios, em sede confortável de 200 butacas (poltronas) e preciosa biblioteca. Seu auditorium lembra o da "Confederação Espírita João Evangelista" da Penha, no Rio de Janeiro.

D. Aurora, quando mais tarde for escrita a Historia do Espiritismo Uruguaio, em seus pródromos, aparecerá como inesquecível criatura que, quase só, não poupou esforços na hora do testemunho.

Ela é lá o que o Dr. Bezerra, Sayão, Bittencourt, Caírbar, Eurípedes, Lins, Olímpio Teles, Petitinga, Batuíra e tantos outros que já desencarnaram, foram aqui.

Nós, espiritistas brasileiros, devemos envolver o nome de d. Aurora de los Santos Silveira, em nosso carinhoso respeito. Que no silêncio de sua residência em Canellones, meditando nas lutas sublimes de outros tempos, junto à lareira amiga e ao chimarrão de que tanto gosta, receba o rocío de nossas irradiações".

Auta de Souza

"Auta de Souza nasceu em Macaíba, pequena cidade do Rio Grande do Norte, em 12 de setembro de 1876; educou-se no colégio "São Vicente de Paula", em Pernambuco, sob a direção de religiosas francesas; e faleceu em 7 de fevereiro de 1901, na cidade de Natal. Uma biografia simples como os seus versos e o seu coração...

Ela não conheceu os obstáculos que encheram de tormento a existência de Marcelline Desborde-Valmore. Desde muito cedo, porém, sentiu todo o horror da morte. Aos quatorze anos, quando lhe apareceram os primeiros sintomas do mal que a vitimou, não havia senão sombras em seu espírito; era já órfã de pai e mãe, tendo assistido ao espetáculo inesquecível do

aniquilamento de um irmão devorado pelas chamas, numa noite de assombro.

Assim, desde a infância, o destino lhe apareceu como um enigma sem a possibilidade de outra decifração que o luto.

Salvaram-na do desespero a fé religiosa e o resignado exemplo da ignorada heroína para quem escreveu o soneto A minha Avó, publicado neste volume.

Horto é, pois, a história de uma grande dor. Formou-o a autora recordando, sentindo, penando.

Em casa, o luto sucessivo; no colégio, as litanias da Igreja; mais tarde, no campo, onde passou o melhor tempo da atormentada existência, a paisagem triste do sertão nos longos meses de seca, a compaixão pelos humildes, cuja miséria tanto a comovia, a saudade dos diversos lugares em que esteve em busca de melhoras aos padecimentos físicos...

Tudo isso concorreu muitíssimo para agravar a maravilhosa sensibilidade, de seu temperamento de mulher; e essa sensibilidade, à medida que a doença aumentava, se ia tornando mais profunda, fazendo de um ser fragílimo o intérprete de inúmeros corações desolados.

A primeira edição do Horto, publicada em 1900, esgotou-se em dois meses. O livro foi recebido com elogios pela melhor crítica do país; leram-no os intelectuais com avidez; mas a verdadeira consagração veio do povo, que se apoderou dele com devoto carinho, passando a repetir muitos de seus versos ao pé dos berços, nos lares pobres e, até, nas igrejas, sob a forma de “benditos” anônimos.

Auta, sem pensar e sem querer, reproduzira a lápis, na chaise longue onde a prostrara a doença, as emoções mais íntimas de nossa gente: encontrará no próprio sofrimento a expressão exata do sofrimento alheio.

E antes de finir-se ouviu da boca de centenas de infelizes muitos dos versos que traçara com os olhos lacrimosos, não raro para esquecer o desgosto de se sentir vencida em plena mocidade.

Não teve cultura literária vasta.

Recordando cenas da meninice, vejo-a neste momento, aos oito anos, curvada sobre as páginas da História de Carlos Magno, outrora muito popular nas fazendas do Norte, livro cheio de façanhas inverossímeis, sem medida, sem arte, escrito no pior dos estilos, - mas delicioso para quem o conheceu na infância.

Lia-o Auta no campo, os olhos ingenuamente maravilhados, para o mais ingênuo dos auditórios, composto de mulheres do povo e de velhos

escravos, todos filhos d'esse formoso sertão que exerceu em seu espírito tão salutar influência.

Depois, chegou a vez das Primaveras, de Casimiro de Abreu.

Um pouco mais tarde, no colégio, não leu outra coisa que os compêndios de estudo e as obras de prêmio, de feição religiosa e sentimental.

Nesse tempo, o seu livro predileto foi um romance profundamente triste, Tebsima, episódio lendário da primeira Cruzada.

Ao sair do internato, onde aprendera bem as línguas francesa e inglesa e adquirira boas noções de música e de desenho, começou a ler alguns autores brasileiros, especialmente Gonçalves Dias e Luiz Murat.

Estes dois grandes sonhadores, porém, não tiveram ação decisiva sobre seu espírito. Não sei mesmo como ela, que detestava a feitura clássica de certos estilos, podia ler com satisfação crescente o poeta dos Tymbiras. Nunca me explicou também o motivo por que os versos tumultuosos de Luiz Murat constituíam verdadeiro encanto para a sua alma tão meiga, tão cheia de religiosa ternura.

Nos últimos anos, as horas que podia dispensar ao convívio dos autores, consagrava-as aos místicos, a Th. de Kempis, a Lamartine, a S. Theresa de Jesus. A estes, associava Marco Aurélio, cujos Pensamentos muito

concorreram para aumentar a tolerância e a simpatia com que encarava os seres e as cousas.

Tal é a história da sua formação intelectual.

Pode-se, entretanto, dizer sem exagero que o sofrimento foi o seu melhor guia.

A influência das Irmãs de “São Vicente de Paula” é visível em todo o livro.

O próprio estilo, simples e claro desde as primeiras poesias, parece-me um produto do esforço das mestras que lhe corrigiram os temas escolares, com o bom senso e a medida dos franceses.

Mas, sem a dor que lhe requintou a fé, Auta certamente não teria encontrado a forma com que deu cor e relevo às visões de seu misticismo. Assim, o Horto, em vez de uma coleção didática de salmos católicos, encerra, com a tristeza de um pobre ser cruelmente ferido pelo destino, perturbado em face do mistério da vida, a queixa universal do sofrimento humano.

Nos últimos versos, nota-se a estranha serenidade espiritual a que chegou nos derradeiros dias, inspirando aos que a visitavam a mais religiosa veneração.

Via-se-lhe, então, a alma através os olhos brilhantes sem torturas, sem lágrimas.

Naquele corpo desfeito, tão leve que uma criança pudera conduzir, havia agora um coração resignado de mártir, sentindo profundamente o nada da vida, mas sem horror à morte. Realizaram-se o seu desejo:

“Não vês? Minh’alma é como a pena branca

“Que o vento amigo da poeira arranca

“E vai com ela assim, de ramo em ramo,

“Para um ninho gentil de gaturamo...

“Leva-me, ó coração, como esta pena

“De dor em dor até à paz serena.”

A tormenta se desfizera ao pé do túmulo; e do naufrágio em que se abismou esta singular existência, resta o Horto, livro de uma santa."

HENRIQUE CASTRICIANO

Paris, 4 de Agosto de 1910.

(Extraída da 3ª edição do livro HORTO, 1936)

Auta de Souza

do livro Auta de Souza

Nasceu em Macaíba, então Arraial, depois cidade do Rio Grande do Norte a 12 de setembro de 1876, era magrinha, calada, de pele clara, um moreno doce à vista como veludo ao tato. Era filha de ELOI CASTRICIANO DE SOUZA, desencarnado aos 38 anos de idade e de Dona HENRIQUETA RODRIGUES DE SOUZA, desencarnada aos 27 anos, ambos tuberculosos. Antes dela ter completado 3 anos ficou órfã de mãe e aos 4 anos de pai. A sua existência, na terra foi assinalada por sofrimentos acerbos. Muito cedo conheceu a orfandade e ainda menina, aos dez anos, assistiu a morte de seu querido irmão IRINEU LEÃO RODRIGUES DE SOUZA, vitimado pelo fogo produzido pela explosão de um lampião de querosene, na noite de 16 de fevereiro de 1887.

Auta de Souza e seus quatro irmãos foram criados em Recife no velho sobrado do Arraial, na grande chácara, pela avó materna Dona SILVINA MARIA DA CONCEIÇÃO DE PAULA RODRIGUES, vulgarmente chamada Dindinha e seu esposo FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES, que desencarnou quando Auta tinha 6 anos.

Antes dos 12 anos, foi matriculada no Colégio São Vicente de Paulo, no bairro da Estância, onde recebeu carinhosa acolhida por parte das religiosas francesas que o dirigiam e lhe ofereceram primorosa educação: Literatura,

Inglês, Música, Desenho e aprendeu a dominar também o Francês, o que lhe permitiu ler no original: Lamartine, Victor Hugo, Chateaubriand, Fénelon.

De 1888 a 1890, a jovem Auta estuda, recita, verseja, ajuda as irmãs do Colégio, aprimora a beleza de sua fé, na leitura constante do Evangelho.

Aos 14 anos, ainda no Educandário Estância, em 1890, manifestaram-se os primeiros sintomas da enfermidade que lhe roubou, em plena juventude, o viço e foi a causa de sua morte, ocorrida na madrugada de 7 de fevereiro de 1901 - Quinta-feira à uma hora e quinze minutos, na cidade de Natal, exatamente com 24 anos, 4 meses e 26 dias de idade. Os médicos nada puderam fazer e Dindinha retornou com todos para a terra Norte-Rio Grandense. Ei-los todos em Macaíba. Foi sepultada no cemitério do Alecrim e em 1906, seus restos mortais foram trasladados para o jazigo da família, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Macaíba, sua terra natal.

O forte sentimento religioso e mesmo a doença não impediram de ter uma vida absolutamente normal em sociedade.

Era católica, mas não submissa ao clero. Ela não se macerou, não sarjou de cilícios a pele, não jejuou e jamais se enclastou. Era comunicativa, alegre, social. A religiosidade dela era profunda, sincera, medular, mas não ascética, mortificante, mística. Seu amor por Jesus Cristo, ao Anjo da Guarda, não a distanciaram de todos os sonhos das donzelas: Amor, lar, missão maternal. Com 16 anos, ao revelar o seu invulgar talento poético, enamorou-se do jovem Promotor Público de Macaíba, João Leopoldo da

Silva Loureiro, com a duração apenas de um ano e poucos meses. Dotada de aguda sensibilidade e imaginação ardente dedicava ao namorado amor profundo, mas a tuberculose progredia e seus irmãos convenceram-na a renunciar. A separação foi cruel, mas apenas para Auta. O Promotor não demonstrou a menor reação.... É verdade que gostava de ouvi-la nas festas caseiras a declamar com sua belíssima voz envolvente, aveludada e com ela dançar quadrilhas, polcas e valsas, mas não era o homem indicado para amar uma alma tão delicada e sonhadora como Auta de Souza. Faltava-lhe o refinamento espiritual para perceber o sentimento que extravasava através dos olhos meigos da grande Poetisa.

Essa sucessão de golpes dolorosos, marcou profundamente sua alma de mulher, caracterizada por uma pureza cristalina, uma fé ardente e um profundo sentimento de compaixão pelos humildes, cuja miséria tanto a comovia. Era vista lendo para as crianças pobres, para humildes mulheres do povo ou velhos escravos, as páginas simples e ingênuas da "História de Carlos Mágnio", brochura que corria os sertões, escrita ao gosto popular da época.

A orfandade da Poetisa ainda criança, o desencarne trágico de seu irmão, a moléstia contagiosa e a frustração no amor, esses quatro fatores amalgamados à forte religiosidade de Auta, levaram-na a compor uma obra poética singular na História da Literatura Brasileira "Horto", seu único livro, é um cântico de dor, mas, também, de fé cristã. A primeira edição do Horto saiu do prelo em 20 de Junho de 1900.

O sofrimento veio burilar a sua inata sensibilidade, que transbordou em versos comovidos e ternos, ora ardentes, ora tristes, lavrados à sombra da enfermidade, no cenário desolador do sertão de sua terra.

Em 14 de novembro de 1936, houve a instalação da Academia Norte-Rio Grandense de Letras, com a poltrona XX, dedicada a Auta de Souza.

Livre do corpo, totalmente desgastado pela enfermidade, Auta de Souza, irradiando luz própria, lúcida e gloriosa alçou vôo em direção à Espiritualidade Maior. Mas a compaixão que sempre sentira pelos sofredores fez com que a poetisa em companhia de outros Espíritos caridosos, visitasse, constantemente a crosta da terra. Foi através de Chico Xavier, que ela, pela primeira vez revelou sua identidade, transmitindo suas poesias enfeixadas em 1932, na primeira edição do "PARNASO DE ALÉM TÚMULO", lançado pela Federação Espírita Brasileira.

Em sua existência física, Auta de Souza foi a AVE CATIVA que cantou seu anseio de liberdade; o coração resignado que buscou no Cristo o consolo das bem-aventuranças prometidas aos aflitos da terra. Além do túmulo, é o pássaro liberto e feliz que, tornado ao ninho dos antigos infortúnios, vem trazer aos homens a mensagem de bondade e esperança, o apelo à FÉ e a CARIDADE, indicando o rumo certo para a conquista da verdadeira vida.

A Campanha de Fraternidade Auta de Souza, idealizada pelo companheiro Nympho de Paula Corrêa e aprovada em 3 de fevereiro de 1953, pelo Departamento de Assistência Social da Federação Espírita do Estado de São

Paulo, então dirigido pelo saudoso confrade José Gonçalves Pereira, é uma bela homenagem à nossa querida Poetisa, AUTA DE SOUZA.

Barão de Goldenstubbé

Dedicou-se mais às experiências da escrita direta, na França. Escreveu o livro intitulado "La Réalité des Spirites et de leurs Manifestations" (A Realidade dos Espíritos e de suas Manifestações).

Em poucos anos de trabalhos experimentais, o Barão obteve um número considerável de escrita direta, algumas obtidas sem o auxílio de lápis, papel ou ardósia. Os próprios espíritos comunicantes transportavam o material necessário para a obtenção das mensagens.

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Benedita Fernandes

Benedita Fernandes nasceu aos 27/6/1883 em Campos Novos de Cunha (SP) e desencarnou em Araçatuba aos 9/10/1947.

O ingresso de Benedita Fernandes nas ações espíritas foi muito peculiar. Portadora de atroz obsessão, autêntica subjugação, Benedita perdeu o contacto com a família e perambulava sem rumo.

Certa feita, causava tantos incômodos à população que foi recolhida à Cadeia Pública da cidade de Penápolis. Àquela época não existiam hospitais ou atendimentos para tal fim.

O carcereiro Padial e depois o sr. Marcheze deram assistência à mulher doente, principalmente com passes. Ela recobrou a consciência e resolveu rumar para Araçatuba.

Como gratidão pelo benefício, a mulher simples, negra e semi-analfabeta, juntamente com outras lavadeiras começou a erguer casinhas de madeira no então Bairro Dona Ida (hoje Santana), nos idos de 1927.

Benedita transformou-se em pioneira da assistência social espírita em toda a região Noroeste do Estado de São Paulo, ao fundar a Associação das Senhoras Cristãs, aos 6/3/1932, em Araçatuba. Como esta obra originou o Sanatório; ela é também, provavelmente, uma das pioneiras dos Hospitais Psiquiátricos Espíritas.

A reunião para fundação da Associação ocorreu nas dependências do Centro Espírita “Paz, Amor e Caridade”, no mesmo bairro. Entre os presentes, destacamos o pioneiro do movimento espírita araçatubense, o sr. Gedeão Fernandes de Miranda.

A ação assistencial se desdobrou com inauguração do prédio próprio em 1933. Por exigência dos órgãos governamentais, o trabalho foi desdobrado em duas ações específicas, de atendimento a doentes mentais e a crianças órfãs e carentes. Assim, surgia a “Casa da Criança” e o Asilo “Dr. Jaime de Oliveira”. Estas instituições foram, respectivamente, desativada e transformado em Sanatório que homenageia Benedita, nos anos 50, após a desencarnação da fundadora.

Benedita Fernandes também oferecia uma classe de aula em convênio com a Prefeitura Municipal e mantinha um albergue noturno.

Além da obra assistencial atuou como médium, principalmente passista, e deixou muitos exemplos nobilitantes. Inclusive Benedita Fernandes atendeu, com passes, a nossa bisavó materna.

Benedita Fernandes tornou-se igualmente uma das pioneiras do atual movimento de unificação dos espíritas quando fundou aos 30/8/1940 a União Espírita Regional da Noroeste, sendo eleita sua presidente. Todavia, este movimento, na realidade, somente vicejou com a fundação da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, em 1947.

Assim, Benedita atuava no movimento espírita da cidade, fazia visitas e campanhas na região. Mantinha correspondência com Cairbar Schutel, que sempre publicava notícias sobre o trabalho dela no histórico jornal "O Clarim". Era visitada por lideranças expressivas como João Leão Pitta e por Leopoldo Machado. Inclusive a este acompanhou até uma histórica confraternização espírita na cidade de Cruzeiro, SP. O pioneiro dr. Tomaz Novelino (de Franca, SP) também se refere a reunião que participou com Benedita, a propósito de doentes mentais.

Emília Santos, igualmente biografada, e muitos líderes da época foram colaboradores de Benedita. Ela contava com o apoio de autoridades municipais e estaduais, dos espíritas, da maçonaria e do povo em geral.

Há muitos episódios enobrecedores sobre sua dedicação à causa do bem, entremeados da interação com a comunidade.

Atualmente, suas antigas obras restringem-se ao Sanatório “Benedita Fernandes”. Como homenagem, a rua do Sanatório, no Bairro Santana, também tem seu nome. Temos localizado inúmeras instituições espíritas de São Paulo e de outros Estados que têm seu nome designando instituições espíritas ou departamento delas.

Um fato que contribuiu para divulgar o trabalho de Benedita Fernandes, foi uma mensagem psicografada por Francisco Xavier, intitulada “Num Domingo de Calor”, assinada por Hilário Silva, e publicada pelo “Anuário Espírita 1964” (IDE).

Comentamos essa mensagem nos nossos livros “Dama da Caridade” e “Chico Xavier – o homem e a obra”:

“Benedita Fernandes, abnegada fundadora da Associação das Senhoras Espíritas Cristãs, de Araçatuba, no Estado de São Paulo, foi convidada para uma reunião de damas consagradas à caridade, para exame de vários problemas ligados a obras de assistência. E porque se dedicava, particularmente, aos obsidiados e doentes mentais, não pode esquivar-se.

Entretanto, a presença da conhecida missionária causava espécie.

O domingo era de imenso calor e Benedita ostentava compacto mantô de lã, apenas compreensível em tempo de frio.

– Mania! – cochichava alguém, à pequena distância.

– De tanto lidar com malucos, a pobre espírita enlouqueceu... – dizia elegante senhora à companheira de poltrona, em tom confidencial.

– Isso é pura vaidade, – falou outra – ela quer parecer diferente.

– Caso de obsessão! – certa amiga lembrou em voz baixa.

– Benedita, porém, opinava nos temas propostos, cheia de compreensão e de amor.

Em meio aos trabalhos, contudo, por notar agitações na assembléia, a presidente alegou que Benedita suava por todos os poros, e, em razão disso, rogou a ela que tirasse o mantô por gentileza.

Benedita Fernandes, embora constrangida, obedeceu com humildade e só aí as damas presentes puderam ver que a mulher admirável, que sustentava em Araçatuba dezenas de enfermos, com o suor do próprio rosto, envergava singelo vestido de chitão com remendos enormes.

Hilário Silva

Nos anos 70 e 80, Divaldo Pereira Franco psicografou várias mensagens de autoria de Benedita Fernandes. Algumas foram psicografadas por Divaldo, durante visita a Araçatuba. Estas estão incluídas em livros do mesmo médium.

Por ocasião do cinquentenário de suas obras lançamos um livro sobre Benedita – “Dama da Caridade”, inicialmente

editado pela então União Municipal Espírita de Araçatuba, onde reunimos informações sobre a vida e a obra da notável obreira, bem como as mensagens espirituais dela ou alusivas a ela.

Extraído Do Livro "Obra De Vultos",

Antonio Cesar Perri de Carvalho Editado Pela Use Regional De Araçatuba, 1ª Edição, 1999.

Benedito Godoy Paiva

Nascido em São Paulo no dia 19 de abril de 1885, e desencarnado na mesma cidade, aos 17 de maio de 1962.

Durante mais de vinte e cinco anos, um orador era invariavelmente requisitado para a maior parte das festividades de cunho espírita realizadas em São Paulo.

Sua palavra tinha o mérito de atrair numerosa assistência, pois, além de abalizado conferencista, possuía um estilo todo peculiar de proferir suas locuções, iniciando-as com um conto, um apólogo ou uma anedota de cunho singelo, que preparava os espíritos dos presentes, predispondo-os à assimilação dos ensinamentos contidos no tema que iria ser abordado.

Por isso dizia ele: "Em nossa longa peregrinação pelas tribunas espíritas, pelas estações de rádio e pela imprensa espírita, a falar sobre o Evangelho de Jesus, sempre fizemos o possível para não enfastiar os ouvintes ou os

leitores com longas e pesadas dissertações sobre a Doutrina Espírita, achando preferível prender-lhes a atenção por meio de outro processo, qual o de buscar na vida prática fatos ou exemplos elucidativos dos temas abordados, ainda que por vezes pecando contra a sisudez de alguns confrades pouco amantes de literatura desse gênero. Para se trazer uma assistência atenta, nada melhor do que entremear a palestra com a narração de fatos interessantes e por vezes cômicos da vida de sociedade, elucidativos do tema a ser abordado.

Nenhum mal há nisso, para a propaganda e compreensão da Doutrina Espírita. O espírita deve ser alegre e nunca um indivíduo avesso ao riso, às alegrias sãs, aos divertimentos inofensivos, nunca devendo imitar aqueles frades da Ordem do Silêncio que, proibidos de falar, só podiam dizer ao se encontrarem: "Irmão! Lembra-te da morte!"

Esse emérito espírita chamava-se Benedito Godoy Paiva. Foi um homem de ilibado caráter, franco e leal, dotado de invejável operosidade. Anteriormente ao ano de 1941, pertenceu ao quadro diretivo da União Federativa Espírita Paulista, ali desenvolvendo intenso trabalho de divulgação da Doutrina Espírita, fazendo-o através da imprensa e do rádio.

Nesse mesmo ano passou a prestar serviços no corpo de colaboradores da Federação Espírita do Estado de São Paulo, onde teve grande destaque e exerceu numerosas atividades, pois, além de orador oficial, foi diretor do Departamento Cultural e Social e membro do Conselho Deliberativo, ajudando Pedro de Camargo, Vinícius, a instituir as Tertúlias Evangélicas substituindo-o em seus impedimentos todos os domingos de manhã. Colaborou decididamente na fundação da Escola de Aprendizes do

Evangelho e de outros cursos ministrados por aquela instituição, assessorando os trabalhos de preparação de apostilas e livros para os aludidos cursos.

Em 1947 tomou parte saliente na fundação da União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo, formando a Comissão da Redação Final das deliberações do I Congresso Espírita do Estado de São Paulo e integrando o primeiro Conselho Deliberativo daquela entidade.

Os dados biográficos que se seguem foram obtidos da Profa. Zilda de Paiva Barbosa, uma das filhas daquele grande seareiro.

Benedito Godoy Paiva enviuvou duas vezes, deixando sete filhos, netos e bisnetos. Aos 16 anos de idade, após ter feito o Curso Ginásial no Externato Molina, estudou e completou os cursos de geometria, matemática e de língua inglesa, ingressando então como funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana, em 1901. Entretanto, fez ainda o curso de Contador na Academia de Comércio do Brasil, a qual freqüentou à noite, passando depois a trabalhar em horas extras como guarda-livros, a fim de equilibrar a economia do lar.

Aposentou-se após 46 anos de serviço naquela ferrovia, deixando uma grande folha de inestimáveis serviços a ela prestados, com toda dedicação e eficiência.

Fez carreira brilhante de praticante a assessor administrativo, chegando a Chefe do Escritório do Tráfego e Chefe Geral do Expediente do Departamento dos Transportes, onde recebeu elogios em sua folha corrida.

Tomou parte em inquéritos administrativos e em outras comissões que lhe foram confiadas, por conhecer profundamente todos os regulamentos e ordens expedidas pelas administrações anteriores.

Foi jornalista, colaborando na imprensa religiosa e profana, sendo redator de uma das colunas do "Diário de São Paulo".

Como poeta e charadista colaborou em "Nossa Estrada", revista cujo nome foi sugerido por ele e aceito por votação por todo o pessoal da Sorocabana.

Era músico. Executava cerca de seis instrumentos, porém, a sua predileção era pela flauta. Compôs diversas músicas e foi seresteiro. Fazia serenatas sob as janelas, nos tempos da velha São Paulo.

Freqüentou a Igreja Evangélica, onde era organista e regente do coro.

Na ata de fundação da 3ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo o seu nome consta, em primeiro lugar, como fundador.

Conhecia profundamente as Escrituras e dos Evangelhos tirou ensinamentos sublimes que o nortearam em toda a sua vida, tão útil à família e à Humanidade.

Convertendo-se ao Espiritismo, tomou parte inicialmente na União Federativa e posteriormente na Federação Espírita do Estado de São Paulo, deixando a Igreja Presbiteriana de onde solicitou afastamento, escrevendo uma carta ao seu grande amigo, Rev. Dr. Seth Ferraz, pastor da 3a. Igreja, expondo os motivos que o levavam a se afastar do seio daquela comunidade, uma vez que os ensinamentos da Igreja condenam o Espiritismo, doutrina baseada na reencarnação e na evolução dos Espíritos.

Foi uma nova fase em sua vida. Dedicou-se inteiramente à Doutrina Espírita.

Fez inúmeras conferências, cujos auditórios eram repletos quando ele ocupava a tribuna.

Baseado nessas conferências editou o livro "Quando o Evangelho diz Não!"

Publicou diversos folhetos, entre eles "Quais os que entrarão no céu" e "A Verdade vos Libertará".

Escreveu poesias diversas: "A Reencarnação", "Saudades do Marido", "As Três Cruzes", "A Mulher Pecadora", "O Júízo Final", "O Bom Samaritano",

"Salvação pela Fé", "O Sonho da Princesa" e, com Cid Franco, escreveu o poema "Avatar".

Revisou "A Grande Síntese", livro mediúnico de Pietro Ubaldi e, em parceria com Emílio Manso Vieira, escreveu o "Manual do Dirigente de Sessões Espíritas".

No dia de sua desencarnação, à sua cabeceira estiveram presentes três representantes de correntes religiosas: um pastor evangélico, um bispo da Igreja Católica Brasileira e um membro da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Todos lhe tributaram adeus com o mesmo carinho.

Benjamin Franklin

Ele foi chamado por Mirabeau, o líder revolucionário francês, como o filósofo que mais fez para estender os direitos do homem sobre toda a Terra.

Foi impressor e autor, filósofo e homem de estado, cientista e inventor. Em suma, foi um dos homens mais importantes que o continente americano produziu. De caráter simples, tinha uma personalidade agradável e um senso de humor delicioso.

Quando jovem, tinha um físico de atleta, algo que não podemos verificar pois os retratos conhecidos já o apresentam quando homem de estado. Seu

olhar era sereno , afetuoso, destacando-se seus grandes olhos cinzentos e uma boca grande, com expressão de bom humor, no rosto amplo.

Benjamin Franklin nasceu em Bóston, em 1706, como o 15º filho entre 17, de um pobre fabricante de velas. Frequentou a escola pouco mais de um ano, pois cedo o pai o pôs a trabalhar. Quase tudo o que sabia aprendeu à custa de esforço próprio, por si mesmo: ciência, filosofia, línguas. Falava o latim, francês, alemão, espanhol e italiano.

Aos 12 anos, já era aprendiz na oficina do irmão, que era impressor. Aos 17, escrevia artigos anonimamente e os colocava, à noite, por baixo da porta para que fossem publicados pelo irmão. Nesse mesmo ano, foi a Nova York e começou a trabalhar numa editora. Depois, estabeleceu _ se por conta própria. Fundou um jornal e uma revista.

Aos 42 anos, já conseguira juntar uma pequena fortuna. A partir daí, dedicou outros 40 anos de sua vida a serviço da pátria. Foi designado para missões diplomáticas , por duas vezes, na Inglaterra e uma na França.

Como político, foi o primeiro a pensar nos Estados Unidos como uma única nação e inventou um sistema de governos estaduais unidos sob uma única autoridade, 20 anos antes da guerra da Independência Americana.

Como cientista e inventor, foi o primeiro a identificar os pólos negativo e positivo da eletricidade. A ele devemos as palavras e os conceitos de

bateria, carga elétrica, condensador e condutor. Inventou o pára-raios, uma mão mecânica para levantar objetos situados em lugares altos e o tamborete de cozinha que se transforma em escada.

Aos 78 anos de idade, inventou a bânção dos óculos bifocais. Como músico, tocava harpa, violão e violino e escreveu sobre os problemas da composição musical.

Foi o primeiro a estudar os efeitos da água sobre o casco de um navio durante a navegação, convertendo-se no pai da hidrodinâmica. Também, foi o primeiro a descobrir que o tecido escuro retém o calor. Os europeus levaram cem anos para seguir seu conselho e levar roupa branca para os trópicos.

Organizou a Sociedade Filosófica Americana , a primeira associação científica dos Estados Unidos. Criou a primeira corporação de polícia profissional e o primeiro serviço de bombeiros voluntários. Também deu impulso à Sociedade Abolicionista e, na qualidade de diretor-geral dos Correios, melhorou o serviço nacional e internacional, com a Inglaterra.

Foi, possivelmente, o escritor mais popular no mundo de língua inglesa, com sua Autobiografia, Édito do Rei da Prússia, Regras pelas quais um grande Império pode se tornar pequeno, O almanaque do pobre Richard e um livro sobre os fenômenos elétricos, que foi traduzido para vários idiomas.

Ele pregava a alegria do trabalho e praticava o que pregava. Tinha um cuidado especial com as descobertas de outros, insistindo para que a autoria fosse sempre atribuída aos autores corretos. Em muitas ocasiões, retirava seus trabalhos se outro pesquisador tivesse descoberto alguma coisa parecida com eles.

Acreditava que podia se melhorar o próprio caráter se a criatura se impusesse uma disciplina firme. "É uma arte que tem de ser estudada, como a pintura e a música", dizia.

Quando jovem, fez uma lista das qualidades dignas de se admirar e se propôs a persegui-las: ia ser moderado no comer, evitaria a tagarelice, seria sistemático nos negócios, terminaria qualquer tarefa que começasse, seria sincero, trataria os outros com justiça, suportaria as injustiças com paciência, evitaria as extravagâncias, não deixaria que as pequenas coisas o afetassem.

Organizou um pequeno livro para si, separando uma página para cada virtude, a fim de dedicar uma semana de atenção a cada uma delas, de forma seqüencial.

Ao desencarnar, no ano de 1790, aos 84 anos, foi encontrado o epitáfio que ele mesmo escrevera, para si, nos dias da mocidade: "O corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a capa de um livro velho ao qual tivessem arrancado as páginas e tirado as letras e o ouro, jaz aqui, comida para os vermes. Mas o trabalho não terá sido totalmente perdido; porque, segundo

ele crê, aparecerá mais uma vez, numa edição nova e mais perfeita, corrigida e aumentada por seu Autor."

Para ele, dois anos antes, escrevera George Washington: "Se os desejos unidos de um povo livre, apoiado pelas preces fervorosas de todos os amigos da ciência e da humanidade, pudessem aliviar o corpo das dores e enfermidades, logo ficaria bom. Se ser venerado por sua benevolência, admirado por seu talento, estimado por seu patriotismo, amado por sua filantropia puder satisfazer a mente humana, terá o agradável consolo de saber que não viveu em vão. O senhor será recordado com respeito, veneração e afeto por este seu sincero amigo e mais obediente e seguro servidor."

Benjamin Franklin, entre outros espíritos , assina "Prolegômenos" em "O livro dos espíritos", demonstrando fazer parte daqueles que se fizeram presentes ao trabalho extraordinário da Codificação da Doutrina Espírita.

Fonte: Grandes vidas, grandes obras (Seleções do Reader's Digest) , 1968.

Bento de Nursia

Os dias eram assustadores. Os chamados bárbaros, povos do Norte, estão chegando às portas de Roma. Em Núrsia (Itália Central), cada viajante que chega com notícias é recebido com alvoroço. O povo se comprime para ouvir as novas, cada vez mais alarmantes.

Corre o ano de 480. Sob esse clima é que nasce o menino Bento, filho de uma das mais ricas famílias do lugar. Seu nascimento passa quase despercebido, ante a inquietação que vive o povoado.

Seu pai tem grandes planos para ele. Em pleno ocaso da civilização romana, em plena juventude, Bento é encaminhado a Roma, para o estudo de Humanidades. O pai almeja-o funcionário com carreira brilhante. Estuda gramática, retórica, que abre caminho ao cursus honorum que proporciona poder, honra e boas relações aos jovens de sangue romano e regular fortuna.

Bento se cansa com rapidez desse ambiente, onde os romanos desprezam os que consideram “bárbaros”. Aos 18 anos, observando a declarada guerra entre duas facções religiosas pelo trono papal, desilude-se do estudo, da ciência e busca um refúgio para se isolar, desejando servir a Deus.

Penetra no vale de Subiáco e, encontrando um monge de nome Romano, toma de um simples hábito de frade e adentra uma caverna, aberta na rocha. Durante três anos, alimentado pelo pão que lhe oferta Romano, através de um cesto que baixava com uma corda, vive Bento isolado.

Até que um dia, enfrentando os penhascos, um sacerdote encontrou Bento. Compartilham a refeição, conversam longamente. Após sua partida, Bento se põe a pensar: ele havia descoberto uma nova forma de viver a religião, sem suprimir os prazeres serenos da amizade.

Cogita assim, fundar uma comunidade religiosa. Enquanto amadurece a idéia, monges o buscam e pedem-lhe para ser seu Abade, próximo de Vicovaro. Eles viviam como anacoretas, isto é, cada qual por conta própria, reunindo-se somente para rezar e comer e desejam ser orientados por Bento, que conta, então, 30 anos de idade.

Ele somente aceita, depois de muita insistência. Logo, por estabelecer regras rígidas de disciplina, eles atentariam contra sua vida. Sem rancor, rogando a Deus para que os abençoe, ele retorna a Subiáco, onde orienta os que ali se reuniam na construção de doze mosteiros espalhados por vales e colinas.

Subiáco se transforma em um centro para aprendizado e espiritualidade. Um frade de nome Florêncio, invejoso da tarefa que desenvolve Bento e suas comunidades, tenta minar-lhe o trabalho, difamando-o. Não o conseguindo, envia-lhe um pão envenenado, “em nome da paz e da caridade.”

Salvando-se do novo atentado à sua vida, Bento resolve abandonar a região. Com cerca de 50 anos, decide aplicar os frutos da sua experiência. Em Monte Cassino, funda uma comunidade onde se alia à penitência, o trabalho, a oração e a alegria.

Alguns monges o seguem e ele organiza o mosteiro. Um lugar aprazível, cuja construção se baseia fundamentalmente na velha casa de campo romana. Tudo nela deve revelar o ideal monástico: satisfazer às exigências

da oração e da vida comum; dar hospitalidade aos refugiados; dispor de locais para as tarefas indispensáveis.

As regras são rígidas. Os monges se levantam às duas da madrugada. As primeiras horas são para a oração e o ofício da aurora. Depois, uma hora de leitura e meditação. A horta, o campo, as demais atividades no mosteiro lhes tomarão oito horas. Depois da ceia da noite, um pouco mais de oração e vigília, antes de se recolherem aos leitos.

Monte Cassino foi uma revolução em termos de comunidade religiosa, dando início ao monasterismo ocidental.

Numa época em que as facilidades concedidas pelos imperadores, a convivência com o poder e as conversões em massa, por vezes superficiais, traziam o afrouxamento da religiosidade, o afastamento do mundo parecia ser uma condição mais favorável para se chegar à prática religiosa.

Os últimos dias de Bento são repletos de pressentimentos. Prediz a própria morte. Também vaticinou que o Mosteiro de Monte Cassino seria destruído, o que ocorreu 30 anos depois, durante uma invasão lombarda.

Seis dias antes da sua morte, Bento mandou que fosse aberta a sepultura, ao lado do túmulo de sua irmã, Escolástica (considerada Santa pela Igreja Católica), por quem tinha grande apreço. No dia 21 de março de 547, acometido de febres, enquanto orava no altar, expirou.

Em O Livro dos Médiuns, cap. XXXI, item V, assinando-se São Bento, escreve: “ É bela e santa a vossa Doutrina. (...) A estrada que vos está aberta é grande e majestosa. Feliz daquele que chegar ao porto.(...)”

No ano de 1964, a 24 de outubro, o Papa Paulo VI o proclamou Patrono principal da Europa, por ter sido “mensageiro de paz, operador da unidade, mestre de civilização e, sobretudo, exemplo de fé e iniciador da vida monástica no Ocidente.”

Na arte litúrgica ele é mostrado como um monge carregando uma cópia da sua Regra ou lendo um livro.

Benvindo da Costa Melo

Na madrugada do dia 12 de março de 2001, desencarnou, em Fortaleza, o confrade e amigo Benvindo Melo.

Natural de Guanambi, Bahia, nasceu a 31 de julho de 1927, sendo seus pais João do Carmo Melo e Belarmina Costa Melo. Casou-se com Maria Conceição Ferraz Melo, nascendo da união os filhos Luis Olímpio, Adonai, Rosa Virgínia, Valéria e Adolfo. Era bacharel em Direito e Auditor Fiscal da Receita Federal aposentado.

Sua iniciação no Espiritismo ocorreu em 1953 na Bahia. Em entrevista informou: “na cidade de Feira de Santana, no Grupo Espírita Emmanuel, onde fui convidado a entrar, houve uma comunicação mediúnica por meu

intermédio. Desde então, dediquei-me ao estudo da Doutrina Espírita e à militância dentro do Movimento Espírita”. Benvindo idealizou e fundou, em 1973, o Clube do Livro Espírita de Fortaleza (CLEF), que deu outra feição ao desenvolvimento do espiritismo em Fortaleza, pois tomou-se o principal centro de distribuição do livro espírita da cidade e em todo o Estado, repercutindo, inclusive, fora do Ceará.

A partir da criação do CLEF, Benvindo intensificou seu ritmo de trabalho. Ao lado de Ary Bezerra Leite fundou, em 1974, a Comunhão Espírita Cearense, resultado da fusão do Centro Espírita Meimei e do Centro Espírita Cearense. Foi um dos mais apreciados expositores do célebre curso básico de Espiritismo.

Fundou, em 1976, a Mocidade Espírita Joanna de Ângelis. Em 1990, com a fundação da Federação Espírita do Estado do Ceará, foi eleito seu presidente. Em novembro de 1996, por sua iniciativa, a Comunhão Espírita Cearense deixou de existir, cedendo seu espaço físico, na Rua Princesa Isabel, 255, para a sede definitiva da Federação. Sob o patrocínio do CLEF, publicou, de 1976 a 1983, a coluna semanal Fortaleza Espírita, no jornal Tribuna do Ceará, que recebeu a colaboração de alguns articulistas. Em 1988, a referida coluna foi transformada em órgão de circulação mensal do CLEF. Com a fundação da FEEC, o periódico circulou, a partir de 1992, com a denominação de Ceará Espírita, hoje órgão informativo da Federação.

Idealizou o Museu e o Pólo de Divulgação Espírita Bezerra de Menezes, no exato local onde nasceu o Médico dos Pobres, na cidade de Jaguaratama.

Benvindo entra para a História do Espiritismo no Ceará como um de seus mais admiráveis personagens.

(Luciano Klein Filho, Gazeta Espírita, Fortaleza, CE, 03/04/2001).

Blaise Pascal

Certo dia, um menino de 10 anos bateu com uma colher num prato e escutou atentamente o som, que continuou a vibrar por algum tempo, parando, no entanto, quando o pequeno pôs a mão sobre o prato.

Com certeza, em muitos lugares do mundo, outros tantos garotos terão feito o mesmo e observado o fenômeno. Mas, só um gênio como Blaise Pascal resolveu investigar o mistério e escreveu um tratado sobre o som: "Traité des sons".

Nascido aos 19 de junho de 1623, em Clermont Ferrand (Auvergne), cedo demonstrou a sua genialidade. Certo dia, o pai o encontrou a riscar, com um pedaço de giz, "rodas e barras" no soalho do seu quarto. Rodas e barras eram na verdade os círculos e as linhas retas da Geometria, traduzidos na linguagem infantil.

Logo mais provaria que a soma dos ângulos de um triângulo perfaz dois retos, resolvendo num passatempo, o 32º teorema de Euclides, cujo nome ignorava.

Na adolescência, aos 16 anos, escreveu um Tratado sobre as secções dos cones "Traité des sections coniques", um problema de alta Geometria, que assombrou o mundo profissional da época. O próprio Descartes, ao lê-lo, se recusou a acreditar tivesse sido escrito por um jovem dessa idade.

Dois anos mais tarde, construiu o jovem matemático uma máquina de contar, com o principal objetivo de aliviar seu pai dos complicados cálculos que necessitava fazer na sua lida com as finanças do Município.

Numa época em que não estavam aperfeiçoadas as tábuas logarítmicas, este engenho prestou grandes serviços aos que se ocupavam com a aritmética e mereceu numerosas reproduções.

Oportunamente, Pascal presenteou com uma dessas máquinas ao célebre Condé e a Rainha Cristina da Suécia, quando ela esteve na França. Mais tarde, entre seus 23 e 25 anos, interessou-se pelos estudos da Física, escrevendo sobre o "espaço vazio": "Nouvelles experiences touchant le vide".

Foi também nesta época que o pai de Blaise sofreu um acidente e, por permanecer longo período na cama, teve a lhe servir de enfermeiros dois

fervorosos discípulos de Cornélio Jansênio que, ao se despedirem, deixando Etienne Pascal curado, deixaram toda a família Pascal profundamente impressionada com o ideal religioso.

Em outubro de 1654, estando Blaise Pascal a passear de carruagem por uma ponte, assustaram-se os cavalos, tendo dois deles se precipitado da ponte, após rompidos os arreios. Os outros, com a carruagem ficaram suspensos sobre o abismo, salvando a vida do cientista. Dizem alguns de seus biógrafos que este fato lhe teria produzido um violento abalo, fazendo-o se dedicar às questões religiosas.

Contudo, depois de sua morte foi encontrado, cosido no forro de sua vestimenta, um bilhete datado de 23 a 24 de novembro de 1654, em que ele relata uma espécie de êxtase que teria experimentado, e demonstra um desejo ardente de se consagrar às coisas espirituais.

Escrevendo suas "Cartas Provinciais", Pascal apresenta a verdadeira Igreja do Cristo não circunscrita a uma determinada organização eclesiástica, menos ainda a determinados homens de um certo período, representando casualmente a Igreja, mesmo porque, falíveis os homens, insegura seria a fé. Em 1657, suas "Cartas", dezoito ao todo, foram relacionadas no Index, da Igreja. São consideradas um dos maiores monumentos da literatura francesa e o atestado de uma grande sinceridade cristã.

A respeito, pronunciou-se Pascal: "Roma condenou as minhas Cartas; mas o que nelas condenei está condenado no céu _ apelo para o teu tribunal, Senhor Jesus!"

Relata que pediu a Deus 10 anos de saúde para poder escrever sua apologia do Cristianismo, que o mundo viria a conhecer com o nome de "Pensées", contudo, confessa, Deus lhe deu quatro anos de enfermidade.

Nessa Apologia, ele apresenta Cristo não como o "Senhor morto" de tantos cristãos, mas o Cristo vivo, sempre-vivo, aquele Cristo que segue com os homens, todos os dias.

Amar era para ele a melhor forma de crer, a "razão do coração que a razão ignora". Deus é, antes de tudo o Sumo Bem, o alvo do amor, e ele afirmava não poder crer senão num Deus que pudesse amar sinceramente. A mensagem para a humanidade de sua época, para os melhores homens do século, foi uma mensagem de vasta, profunda e panorâmica espiritualidade cristã. Uma espiritualidade que brilha em todas as páginas do Evangelho, a espiritualidade do Cristo.

Tal espiritualidade transcende das suas mensagens, inseridas pelo Codificador em O Evangelho Segundo o Espiritismo: a primeira, datada de 1860, recebida em Genebra, que alude à verdadeira propriedade e a segunda, do ano 1862, de Sens, da qual destacamos especialmente: "(...) Se os homens se amassem com mútuo amor, mais bem praticada seria a caridade;(...) " e , logo adiante, "(...) esforçai-vos por não atentar nos que

vos olham com desdém e deixai a Deus o encargo de fazer toda a justiça, a Deus que todos os dias separa, no seu reino, o joio do trigo."

Não menos oportunas as observações em sua mensagem "Sobre os médiuns" (O livro dos médiuns, cap. XXXI, item XIII) de excelente atualidade para os dias que estamos vivendo, onde a mediunidade tem sido levada, muita vez, à conta de exclusiva projeção pessoal e destaque social: "Que, dentre vós, o médium que não se sinta com forças para perseverar no ensino espírita, se abstenha; porquanto, não fazendo proveitosa a luz que ilumina, será menos escusável do que outro qualquer e terá que expiar a sua cegueira."

Sua morte se deu a 19 de agosto de 1662, aos 39 anos, em Paris, sendo que os dois últimos anos de sua vida foram de intenso sofrimento. A enfermidade que o tomou lhe furtou qualquer possibilidade de esforços físicos e intelectuais.

Fonte: ROHDEN, Huberto. Pascal, São Paulo, 1956.

Blandina Philippini Ferreira

Blandina Philippini Ferreira, Nasceu em 02 de junho de 1903, no bairro da Casa Amarela em Recife, e desencarnou no dia 23 de maio de 1974, em Recife, Pernambuco.

Era filha de Xavier Alexandre Philippini, de nacionalidade francesa e Dona Maria Germana Gomes Philippini, brasileira. Era viúva do grande líder espírita pernambucano Fernando Gomes Ferreira, de cujo matrimônio teve apenas uma filha, criando no entanto seis enteados do primeiro casamento de seu esposo; todos os seus descendentes são simpatizantes da Doutrina Espírita.

De família tradicionalmente católica, Blandina Philippini tomou contato com a Doutrina em 1921, pela leitura de “O Livro dos Espíritos”. Consciente das verdades contidas na magistral obra, resolveu aprofundar-se no conhecimento doutrinário, lendo os demais livros da Codificação e de vários autores e, ao mesmo tempo, iniciou-se na prática, freqüentando o Grupo Espírita Bittencourt Sampaio, revelando tanto interesse pela causa, que logo foi chamada a fazer parte da sua diretoria sendo eleita Vice-Presidente e no ano seguinte Presidente do Grupo. Iniciou-se no serviço de palestras, impondo-se por seu verbo encantador, dominando auditórios, com sua voz vibrante e ao mesmo tempo comovedora; falava das belezas do Evangelho de Jesus ou de temas doutrinários com a mesma candura.

A Federação Espírita Pernambucana foi buscá-la para o seu quadro de oradores, confiando-lhe o setor evangélico, tarefa que exerceu por mais de 40 anos consecutivos. Fundou inúmeras instituições, entre as quais a Sociedade Espírita “Mensageiros do Bem”, da qual foi Presidente até a data da sua desencarnação. Foi uma das fundadoras a “Casa dos Espíritos de Pernambuco”, sendo a sua primeira Secretária no Conselho Deliberativo. Fundou também a “União Espírita da Torre”. Teve grande atuação na “Comissão Estadual de Espiritismo”, onde ocupou vários cargos, sendo a primeira Presidente da Ala Feminina, eleita em 1º de setembro de 1950 e,

quando da sua desencarnação, ocupava a 1ª Vice-Presidência. Foi uma das grandes animadoras do movimento espírita pernambucano, participando de acontecimentos de relevo entre os quais a “Semana da Mulher Espírita Pernambucana”, com encerramento no Teatro Santa Isabel e presença de autoridades civis e militares, confrades de todo o Estado e Estados vizinhos, tomando parte ativa nessas semanas, seareiras como Elisabeth Dantas (Niná), Nércia Tavares, Judith Siqueira Braz e tantos outros valores femininos de Recife, onde a mulher caminha no Espiritismo passo a passo com os homens.

Integrou a equipe de colaboradores de vários cursos intensivos de Espiritismo, promovidos pela “Comissão Estadual de Espiritismo”, que tem a adesão de mais de uma centena de Instituições Espíritas em todo o Estado de Pernambuco. Em entrevista recente, para o Museu Espírita do Estado do Rio de Janeiro, declarou que entre todos os acontecimentos espíritas do Estado, sua melhor recordação era a comemoração do Primeiro Centenário do Espiritismo, realizado no parque Treze de Maio, em 18 de abril de 1957, promovido pela “Comissão Estadual de Espiritismo”.

Colaborou muito na imprensa espírita pernambucana e de todo o Nordeste, dentre eles “Raios de Luz”, “A Verdade”, “Paraíba Espírita”, e outros.

Gostava imensamente de poesias e de declamar em reuniões festivas. Sua inspiração surgia quase sempre no silêncio das madrugadas, deixando em sua bagagem belos poemas e sonetos. Em sua juventude trabalhou em Teatro Estudantil, adorava música clássica, apesar de Ter apenas noções teóricas de música.

Tornou-se oradora muito solicitada para Congressos, Semanas Espíritas, Simpósios e reuniões festivas. Foi grande animadora da Mocidade Espírita e da Escola Espírita de Evangelização para Crianças. Declarou que a Mocidade Espírita, que tantos frutos tem produzido por esse Brasil imenso deve ser incentivada ao máximo, porque é a esperança de um mundo mais dos moços. Centenas de Instituições Espíritas estão hoje sob a direção dos moços de ontem. A Mocidade Espírita criada pela visão extraordinária do professor Leopoldo Machado, que teve a sua fase áurea em 1948, quando da realização no Rio de Janeiro, do Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, no qual estava representado todo o País, abriu as portas da Doutrina aos jovens , integrando-os nos trabalhos do Centro Espírita, proporcionando-lhes o gosto pelo estudo doutrinário e o incentivo pela tribuna espírita, ombro a ombro, lado a lado, com os mais experimentados, sobretudo no campo assistencial.

Médium inspirada, se transfigurava na tribuna, ao distribuir as blandícias do Evangelho de Jesus. No contato com os menos felizes, exerceu moderadamente a beneficência num terreno muito difícil que é o da pobreza envergonhada, levando a fé, a coragem e o desejo de viver, a muitos que se julgavam abandonados pela sorte, e que encontravam nela o apoio seguro. Blandina Philippini, pela sua cultura doutrinária, e pelo seu grande amor à Doutrina sobretudo pela sua humildade, deu causa a muitas conversões ao Espiritismo. No transcurso de sua existência terrena, de quase três quartos de século distribuiu luz e amor aos seus semelhantes.

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP, 1982.

Cairbar de Souza Schutel

No dealbar do século XX, quando eram ensaiados os primeiros passos no grandioso programa de divulgação do Espiritismo, e quando a Doutrina dos Espíritos era vista como uma novidade que vinha abalar os conceitos até então prevalentes sobre a imortalidade da alma e a comunicabilidade dos Espíritos, dentre os pioneiros da época, surgiu um vulto que se destacou de forma inusitada, fazendo com que a difusão da nova Doutrina tivesse uma penetração até então desconhecida.

O nome desse seareiro era Caírbar de Souza Schutel, nome esse que se impôs, em pouco tempo, ao respeito e consideração de todos. Ele jamais esmoreceu no propósito de fazer com que a nova revelação, que vinha fazer o mundo descortinar novos horizontes e prometia restaurar, na Terra, as primícias dos ensinamentos legados por Jesus Cristo quase vinte séculos antes, pudesse conquistar os corações dos homens, implantando-se na face do nosso planeta como uma nova força cujo objetivo básico era de extirpar o fantasma do materialismo avassalador.

Biografar um vulto dessa estirpe não é fácil tarefa, uma vez que as suas atividades não conheciam limitações nem eram bitoladas por conveniências de grupos ou de pessoas. Conseqüentemente, tudo aquilo que se disser sobre Caírbar Schutel não passa de uma sùmula muito apagada de uma vida cheia de lutas, de percalços e sobretudo de ardente idealismo.

Caírbar de Souza Schutel, aos nove anos de idade, ficava orfão de pai e, seis meses após, de mãe. Seu avô, Dr. Henrique Schutel, interessou-se pela sua educação, matriculando-o no Colégio Nacional, depois Colégio D. Pedro II, onde estudou durante dois anos.

Animado de novos propósitos, abandonou os estudos e a casa do avô, passando a trabalhar como prático em farmácia, o que fez com que, aos 17 anos de idade já se tornasse respeitável profissional desse ramo. Nessa época abandonou a antiga Capital Federal e rumou para o Estado de S. Paulo, onde se localizou primeiramente em Piracicaba e logo após em Araraquara e Matão. Esta última cidade era então um lugarejo muito singelo, com poucas casas e dependendo quase que exclusivamente do comércio de Araraquara, a cujo município pertencia.

Nessa humilde cidade, Caírbar Schutel acalentou o propósito de servir à coletividade, o que fez com que batalhasse arduamente para que Matão subisse à categoria de Município. Conseguindo colimar esse desiderato, foi eleito seu primeiro Prefeito. Homem dotado de ilibado caráter, de ampla visão e de grande humildade, conseguiu conquistar os corações de todos. Na política não enfrentava obstáculos. Deve-se a ele a edificação do prédio da Câmara Municipal, o que fez com seus próprios recursos financeiros.

A política, no entanto, não era o seu objetivo, por isso, tão logo ele teve a sua Estrada de Damasco, representada pela sua conversão ao Espiritismo,

abandonou esse campo, passando a dedicar-se inteiramente à nova Doutrina.

Conheceu o Espiritismo através de Manoel Pereira do Prado, mais conhecido por Manoel Calixto, que na época era um dos poucos e o mais destacado espírita do lugar. Embora não sendo profundo conhecedor dos princípios básicos da Codificação Kardequiana, Manoel Calixto conseguiu impressionar o futuro apóstolo, com uma mensagem mediúnica de elevado cunho espiritual, recebida por seu intermédio.

Em seguida a esse episódio, Caíbar integrou-se no conhecimento das obras fundamentais da Doutrina Espírita e, tão logo se sentiu compenetrado daquilo que ela ensina, fundou, no dia 15 de julho de 1904, o primeiro núcleo espírita da cidade e da zona, denominando-o "Centro Espírita Amantes da Pobreza".

Não satisfeito com essa arrojada realização, no mês de agosto de 1905, lançou a primeira edição do jornal "O Clarim", órgão esse que vem circulando desde então e que se constituiu, de direito e de fato, num dos mais tradicionais e respeitáveis veículos da imprensa espírita.

Numa época quando pontificava verdadeira intolerância religiosa e quando o Espiritismo e outras religiões sofriam o impacto da ação exercida pela religião majoritária, Caíbar Schutel também teve o seu Calvário: um sacerdote reacionário e profundamente intolerante, resolveu promover gestões no sentido de fechar as portas do Centro Espírita, usando como

arma artilosa uma campanha persistente no sentido de fazer com que a farmácia de Caíbar fosse boicotada pelo povo.

Com o apoio do delegado de polícia, conseguiu deste a ordem para o fechamento do Centro onde se difundia o Espiritismo. Caíbar Schutel, no entanto, não era dos que se intimidam e, contra o padre e o delegado, levantou a barreira da sua autoridade moral e da sua coragem. A ordem do delegado não foi respeitada por atentar contra a letra da Constituição Federal de 1891, e o valoroso espírita foi à praça pública protestar contra tamanho desrespeito. O padre, não tolerando aquela manifestação promovida por Caíbar, também promoveu uma passeata de desagravo. Outros sacerdotes, nessa época, já estavam em Matão, apregoando a necessidade de se manter o "herético" circunscrito, de nada se adquirirem sua farmácia, e, sobretudo proibindo a todos a freqüência ao Centro Espírita.

Em face da tremenda pressão exercida, Caíbar anunciou quealaria ao povo em praça pública, refutando ponto por ponto todas as acusações gratuitas que lhe eram atribuídas pelos sacerdotes. O delegado proibiu-o de falar. Caíbar não acatou a proibição do delegado e, estribando-se na Constituição, dirigiu-se para a praça pública, falando aos poucos que, não temendo as represálias do padre, tiveram a coragem de lá comparecer. Este, por sua vez, expressou a idéia de que, se a liberalíssima Constituição brasileira permitia esse direito a Caíbar, a Igreja de forma alguma consentiria e, aliciando um grupo de homens fanatizados, marchou para a praça pública, cantando hinos e cantorias fúnebres, portando, além disso, vários tipos de armas. O objetivo da procissão noturna era de abafar a voz do orador e atemorizar o povo.

Essa barulhenta manifestação provocou a repulsa de algumas pessoas cultas da cidade, as quais, dirigindo-se à praça, pediram a aquiescência do orador para, de público, manifestarem a desaprovação àquelas manifestações e responsabilizando o padre pelas conseqüências danosas daquele desrespeito à Carta Magna, afirmando que o orador tinha todo o direito de falar e de se defender. Diante dessa reação, o padre ficou assombrado e decidiu dispersar os acompanhantes, o que possibilitou a Caírbar prosseguir na defesa dos seus direitos e dos seus ideais.

Caírbar sabia ser amigo até dos seus próprios inimigos. Sempre inspirava simpatia e respeito. Sempre feliz no seu receituário, tornou-se, dentro em pouco, o Médico dos Pobres e o Pai da Pobreza, de Matão. Além de prescrever o medicamento, ele o dava gratuitamente aos necessitados. Sua residência tomou-se um refúgio para os pobres da cidade. Muitas pessoas eram socorridas pela sua generosidade. Muitos recebiam socorros da mais variada espécie, em víveres, em roupas e sobretudo assistência espiritual.

O sentimento de amor ao próximo teve nele incomparável paradigma. Estava sempre solícito e pronto para socorrer um enfermo ou um obsediado. Atos de renúncia e de desapego eram comuns em sua vida. Sua residência chegou a ser transformada em hospital de emergência para doentes mentais e obsediados. Em vista do crescente número de enfermos, em 1912 alugou uma casa mais ampla, na qual tratava com maiores recursos e com mais liberdade todos aqueles que apelavam para a sua ajuda fraternal.

No dia 15 de fevereiro de 1925, lançou o primeiro número da "Revista Internacional de Espiritismo", órgão que desde então vem circulando sem solução de continuidade.

Quando foi rasgada a Constituição ultra-liberal de 1891, Caírbar Schutel foi à praça pública apoiando a Coligação Nacional Pró- Estado Leigo, entidade fundada no Rio de Janeiro pelo Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes. Nesse propósito combateu sistematicamente a pretensão, esposada por alguns grupos, de se introduzir o ensino religioso obrigatório nas escolas. Certa vez programou uma reunião num cinema de cidade vizinha para abordar esse tema. Na hora aprazada ali estavam apenas alguns dos seus amigos, dentre eles José da Costa Filho e João Leão Pitta. Caírbar não se perturbou. Mandou comprar meia dúzia de foguetes e soltou-os à porta do cinema. Daí a 20 minutos o recinto estava repleto.

Foi pioneiro no lançamento de programa espírita pelo rádio, pois em 1936 inaugurou, pela PRD- 4 -- Rádio Cultura de Araraquara, uma série de palestras que mais tarde publicou num volume de 206 páginas. Como jornalista escreveu muito. Durante muito tempo manteve uma secção de crônicas e reportagens no "Correio Paulistano" e na "Platéia", antigos órgãos da imprensa leiga.

Sua bibliografia é bastante vasta, dela destacamos as seguintes obras: "Espiritismo e Protestantismo", "Histeria e Fenômenos Psíquicos", "O Diabo e a Igreja", "Médiuns e Mediunidade", "Gênese da Alma", "Materialismo e Espiritismo", "Fatos Espíritas e as Forças X", "Parábolas e Ensinos de Jesus", "O Espírito do Cristianismo", "A Vida no Outro Mundo", "Vida e Atos dos

Apóstolos", "Conferências Radiofônicas", "Cartas a Esmo" e "Interpretação Sintética do Apocalipse".

Fundou também a Empresa Editora "O Clarim", que passou a editar livros de outros autores. Caírbar Schutel foi um homem de fé, orador convincente, trabalhador infatigável, dinâmico, realizador e portador dos mais vivificantes exemplos de virtude cristã.

NICOLAS CAMILLE FLAMMARION

Nicolas Camille Flammarion nasceu em 26 de fevereiro de 1842 e era filho de comerciantes, que moravam em Montigni-Le-Roi, na França. Por insistência dos pais, Flammarion era proibido de brincar com as crianças de seu bairro e foi direcionado aos estudos desde muito pequeno. Aos seus 5 anos ele já sabia ler, escrever e iniciava seus estudos em Gramática e Aritmética. Aos 9 anos estudava Latim na cidade de Langres e já possuía uma biblioteca particular de 50 volumes.

Posteriormente, entrou numa escola católica, onde vislumbrou-se com a Astronomia, pois que o vigário Lassale lhe falava muito sobre a beleza da ciência e a grandeza da Astronomia, como também ensinava sobre a Oratória e o Novo Testamento.

Etienne Jules, pai de Flammarion, presenteou-lhe certa vez com um livro de Cosmografia que obtinha os sistemas de Ptolomeu, Copérnico e TychoBrahe, um livro que o ajudou muito em seus estudos.

Em 1856 a família Flammarion teve que se mudar para Paris, por enfrentar uma epidemia de cólera na cidade natal e também por dificuldades financeiras. O jovem Camille já com 14 anos começou então a trabalhar por 15 horas como auxiliar de gravador e estudava aos domingos, freqüentando cursos gratuitos na Associação Politécnica de Paris. Sua dedicação aos estudos era espantosa. Toda noite ele juntamente com uma pequena vela ao lado de sua cama no chão frio, lia e relia seus livros. No ano seguinte ele concluiu seu livro com 500 páginas e ilustrado com 150 desenhos; com o nome de Cosmogonia Universal: estudo do mundo primitivo.

Como pagamento, Camille recebia um lugar para dormir e comida. Além de comer mal e dormir numa cama muito dura, o trabalho como aprendiz de gravador era bastante rígido.

Na Escola de Monges de Saint Roch, Flammarion decidiu fundar a Academia da Juventude, com apenas 16 anos, proferindo palestra de abertura sobre A Maravilha da Natureza. Posteriormente, numa missa, Flammarion desmaia em frente a todos na Igreja; provavelmente em decorrência de tanta dedicação ao serviço e a má alimentação. Esse desmaio, no entanto, foi providencial, pois que o Dr. Edouard Fomié ao visitá-lo em seus aposentos, encontrou alguns dos textos do livro ainda não publicado Cosmologia Universal. O Dr. Edouard se surpreende com a capacidade do jovem Camille e lhe promete colocá-lo no Observatório Nacional como aprendiz de Astronomia.

No Observatório de Paris, o Diretor Leverrier recebeu Camille com muita desconfiança e também não aceitava o fato de que o menino de 16 anos possuía tantos conhecimentos e capacidade intelectual de grandes cientistas. A facilidade que tinha de escrever, a sua capacidade intelectual e todo seu conhecimento sobre Astronomia demonstram que realmente se tratava de um Espírito antigo com grandes conhecimentos e aprendizados, voltado à uma missão aqui na Terra.

Em 1861 Camille descobre em uma livraria O Livro dos Espíritos. De pronto ele compra o livro e o devora. O Livro dos Espíritos colabora muito para o livro que ele já estava escrevendo intitulado A Pluralidade dos Mundos Habitados. Ele procura por Allan Kardec e acaba por conhecer a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Logo após, Kardec o convida a participar das reuniões mediúnicas, com o passar do tempo Camille desenvolve a sua psicografia; recebendo mensagens do ilustre Galileu Galilei. Muitas destas mensagens estão postadas no livro A Gênese e são também comentadas por Allan Kardec nas edições da Revista Espírita.

Allan Kardec demonstra muita admiração pelo jovem Camille que, tendo um pouco mais que dezoito anos já colaborava com a Codificação Espírita e demonstrava grande ascensão espiritual e intelectual.

No decorrer dos anos, Camille foi se tornando um célebre cientista e muito conhecido em Paris e no mundo. Sua atividade junto ao Espiritismo foi até o

fim de seus dias, proferindo palestras, programando Congressos. Foi ele quem fez também o lindo discurso de homenagem a Allan Kardec no dia do seu sepultamento.

Seus livros científicos: Pluralidade dos Mundos Habitados (1861), seguido-se Viagem extática às regiões lunares, Os mundos imaginários e os mundos reais (1865), As maravilhas celestes (obra popular de divulgação da astronomia), Estudos e leituras sobre astronomia (1867), Viagens aéreas (1867), Galerie Astronomique (1867), Contemplações científicas (coletânea de escritos publicados nas revistas Siecle, Magasin Pittoresque e Cosmos - I 870), A atmosfera (1871), Astronomia Popular (1880), O mundo antes da criação do homem (1885), Os cometas, as estrelas e os planetas (1886), Astronomia para amadores (1904) e Raio e trovão (1906) .

Seus livros espíritas comentados na Revista Espírita: A Pluralidade dos Mundos Habitados (1863), Os Espíritos e o Espiritismo (1860) Fontenelle e os Espíritos Batedores. (1864) Lúmen - relato Extraterrestre (1867). Lúmen. (1 867) Deus na Natureza. (1867) O Homem antes da História - Ancianidade da Raça Humana. (1867) O Espiritismo e a Ciência. (1869).

Carlos Fernandes Jr

Carlos Gomes de Souza Shalders

Nascido no dia 3 de outubro de 1863 e desencarnado em São Paulo, no dia 10 de dezembro de 1963, com 100 anos de idade.

O professor Shalders fez seus estudos preliminares na Inglaterra, estudando mais tarde na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Formado, veio para S. Paulo, ingressando na Companhia Mojiana de Estradas de Ferro, da qual foi um dos pioneiros, dirigindo a construção do ramal de Moji- Mirim a Sapucaia.

Contribuiu para a fundação da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, da qual foi catedrático de Complementos de Matemática e Álgebra Superior, lecionando nessa cadeira desde a fundação da Escola, a 15 de fevereiro de 1894, até a sua aposentadoria, em 1934. Foi também diretor dessa mesma Escola, nos anos de 1931- 32, num período bastante difícil.

Pelos seus eminentes serviços, o prof. Shalders foi distinguido com o título de doutor "Honoris Causa" e de "Professor Emérito", no dia 13 de maio de 1949, pela Universidade de S. Paulo.

Durante muitos anos foi vice-presidente e membro do Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, dirigindo concomitantemente o seu departamento de pesquisas psíquicas. Foi o primeiro presidente da Associação Cristã de Moços, de S. Paulo.

Foi um dos mais autênticos espíritas dos nossos dias. Em matéria de fé racional e tranqüilidade de espírito, assemelhava-se a Caírbar Schutel e Militão Pacheco. Encarava o Espiritismo como doutrina para ser vivida e não apenas difundida. Foi um verdadeiro exemplificador dos deveres de

cristão, encarando-os com absoluta seriedade. No tocante ao cumprimento das obrigações do homem, afirmava sempre: "Não há deveres pequenos, todos são iguais". Apesar de plenamente convicto, não se apaixonava pelos fenômenos e nem pelos Espíritos a ponto de lhes devotar fé cega; colocava-os na ordem das coisas naturais e sérias.

Grande conhecedor dos assuntos bíblicos, porém desde a sua militância no Protestantismo divergia de muitos deles. Procurando estudar esses problemas à luz do Espiritismo, nele encontrou soluções para velhas indagações.

Até aos 95 anos de idade, era sistemática a presença do prof. Shalders, aos domingos, na Federação Espírita do Estado de S. Paulo, onde ia ouvir as palestras evangélicas, tendo ele próprio proferido diversas. Como era de uma pontualidade impecável, preocupava-se muito com as pessoas que entravam após o início da conferência. Algumas vezes, no instante de ser iniciada a palestra, subia à tribuna e fazia observações severas ao público com referência à observância do horário. Dedicava a máxima atenção às palestras e, quando o tema era controvertido, não muito do seu agrado, por encontrar nelas divergências doutrinárias, no dia seguinte estava ele na casa do conferencista com uma série de argumentos, mostrando incoerências e protestando evangelicamente contra aquilo que não aceitava. Por mais respeitável que fosse o expositor, por mais autoridade que desfrutasse na matéria, não escapava ao interrogatório, às deduções e ao crivo da razão, sempre clara, apresentadas de maneira evangélica e da mais apurada ética de educação.

Já ultrapassava a casa dos 90 anos de idade, quando ainda trabalhava na São Paulo Light. Nessa época publicou um livro intitulado "Uma Análise Crítica da Bíblia", no qual expôs com uma lucidez extraordinária, as suas idéias e o seu raciocínio tratando de um assunto tão árido. Com 96 anos de idade, para não ficar sem fazer nada, realizando o seu desejo de fazer o bem, empreendia, uma vez por semana, uma peregrinação juntamente com um grupo de confrades, visitando doentes, ministrando-lhes passes e proferindo palavras de conforto espiritual.

Era profundo respeitador de Jesus Cristo e não permitia que sua personalidade fosse mal entendida ou que alguém achasse nele motivos de piedade. Certa vez a Federação Espírita do Estado de S. Paulo recebeu, de presente, um enorme e artístico quadro do Mestre, com as chagas abertas nas mãos e nos pés. O quadro foi colocado no salão de conferências daquela instituição. Porém, dentro de poucos dias foi dali retirado devido aos insistentes protestos do Prof. Shalders, nessa época vice-presidente da Casa. O fato causou estranheza a muitos freqüentadores, os quais não concordaram com a retirada do quadro. Mas prevaleceu o bom-senso.

O transcurso do seu centenário de existência (estando ele ainda entre nós), foi comemorado pela Escola Politécnica de S. Paulo, pela Associação dos Antigos Alunos da Escola Politécnica e pelo Instituto de Engenharia de S. Paulo, tendo havido uma sessão solene da congregação, com a instalação do retrato do prof. Shalders, procedendo também a uma cerimônia de inauguração do medalhão de bronze, com placa alusiva à data, no Departamento de Matemática da Escola Politécnica, na cidade Universitária, em S. Paulo, placa essa ofertada pelos ex-alunos da primeira

escola superior criada pelo governo do Estado de S. Paulo, logo após a proclamação da Republica.

A passagem do prof. Shalders, pela Terra, foi um centenário de exemplos vivos num preparo eficiente para o reencontro com os amigos do Plano Maior. A demonstração da sua humildade e submissão aos desígnios de Deus, eram fatores predominantes em sua inconfundível personalidade.

No Departamento de Metapsíquica da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, exerceu atividades incomparáveis, interessando-se profundamente pelos fenômenos, sem contudo ficar a eles escravizado, porque sabia dar-lhes o valor e o apreço que mereciam, compreendendo que o aspecto mais importante da **Doutrina Espírita é o de evangelizar o homem, conduzindo-o no roteiro da reforma interior.**

Carlos Imbassahy

Nascido em 9 de setembro de 1884, doutor Carlos Imbassahy enfrentou galhardamente a passagem do século vivendo até 1969, quando desencarnou antes de completar seus 85 anos de existência bem vivida.

Em 1901 era um jovem advogado que militava nos meios forenses, tendo sido nomeado por concurso público Promotor Público na comarca de Andaraí, uma cidade interiorana do seu estado natal, a Bahia.

A vida forense não lhe sorriu e, como conta, no livro Memórias Pitorescas do Meu Pai, o doutor Imbassahy se deparou com um Juiz ciumento, achando que todos cobiçavam sua distinta consorte (ou sem sorte) e mais os políticos da região, todos armados e determinando a conduta dos demais.

Não podendo cumprir sua função, foi obrigado a largar a magistratura, vindo para o Rio de Janeiro, onde, ainda por concurso, ingressou na carreira de Estatístico do Ministério da Fazenda.

Foi aí que conheceu Amaral Ornelas, o grande poeta espírita, com o qual fez amizade e teve seus primeiros contatos com o estudo doutrinário.

Não vamos repetir aqui o que o livro de suas memórias, já citado, narra.

Por esta época, já dedicado à literatura, havia escrito seu primeiro romance, intitulado Leviana e que era um pouco da sua própria história com a fantasia do literato, juntado outros fatos ao enredo, a fim de criar a trama romântica.

Como ainda não era espírita, o autor imprimiu no livro a sua já configurada tendência para o conhecimento dos estudos referentes à doutrina codificada por Kardec.

Assas curioso tal fato e, posteriormente, ele próprio, já desencarnado, veio complementar a obra, dando-lhe as explicações espirituais que envolviam a trama. A segunda edição deste romance sairá com este apêndice literário mediúnico.

Acumulando com as suas funções de funcionário público, o Dr. Imbassahy também exercia a profissão de jornalista, chegando a ser o Redator-chefe e Diretor da Revista da Estrada de Ferro, além de trabalhar na redação de jornais diários do Rio de Janeiro.

Foi assim que acabou sendo convidado para se tornar redator da revista O Reformador publicada pela Federação Espírita Brasileira (FEB), ocupando o cargo de secretário durante longos anos.

Junto com seu amigo Amaral Ornelas e com Bernardino Oliva da Fonseca Filho, o Bebê, grande médium psicógrafo, fundaram os três um Centro Espírita em cuja presidência os mesmos se alternavam.

Todavia, suas atribuições não impediam que participasse ativamente do movimento espírita onde foi lançado como orador pelo próprio Ornelas.

Adotou um estilo novo de expor, procurando alternar os ensinamentos doutrinários com assuntos leves e até mesmo jocosos que fossem capazes de atrair a atenção dos seus ouvintes. Com isso, aos poucos, foi criando

Escola, apesar de combatido pelos mais austeros líderes do movimento espírita.

Mesmo, pertencente à direção da revista editada pela FEB, ele ainda não tinha tido conhecimento dos trabalhos de J. B. Roustaing sobre o docetismo cristão que este autor tentara implantar no meio espírita de França e que a FEB resolvera seguir.

Foi quando um padre, em Juiz de Fora, resolveu atacar o Espiritismo. Os companheiros de Doutrina acharam por bem pedir socorro à casa máter, isto é, à FEB que, para atendê-los, indicou o Dr. Imbassahy. Este deveria comparecer àquela cidade, dita manchester mineira, para rebater as acusações do membro eclesiástico da Igreja.

Na hora em que embarcou, por ferrovia, para a aludida cidade, um dos diretores, para ajudá-lo, entrega-lhe os volumes traduzidos pela própria FEB, da obra de Roustaing, dizendo-lhe:

- Imbassahy: aqui você encontrará tudo o que precisa par acabar com o padre!

E o enviado para combater o eclesiástico em Juiz de Fora aproveitou a viagem para estudar a obra que ainda não conhecia. Começou a lê-la. Sua razão, evidentemente, fê-lo estarrecer-se do conteúdo - ao qual considerou absurdo - daquela obra que tinha em mãos.

O principal tópico dos debates seria a ressurreição de Lázaro e quando Dr. Imbassahy leu as explicações dadas pela comunicação mediúnica à Sr.^a Collignon, ficou horrorizado, pensando no fiasco que faria se apresentasse aquilo como argumento para debate.

Foi seu primeiro contato e sua primeira decepção com Roustaing.

Segundo ele, sua grande sorte foi a de que o Padre, no dia do debate, resolveu se ausentar da cidade e ele, “magnanimamente”, preferiu não abordar os temas em foco.

Como era muito amigo dos diretores da FEB, suas atribuições ante a revista, como jornalista, não sofreram qualquer abalo.

Os tempos se passam e desencarna o presidente Guillon Ribeiro. Elegem para substituí-lo um jovem militante roustainguista que tinha outra visão da Doutrina e que achava fundamental que todos os participantes dos cargos diretivos da Federação Espírita Brasileira fossem não apenas adeptos, mas militantes professos do roustainguismo. E, com isso, Dr. Imbassahy, praticamente, foi excluído do seu cargo e afastado, a bem da comunidade, do movimento federacionista.

Mas, à essa altura, seu lastro doutrinário e sua fama de escritor já lhe haviam coroado a carreira literária. Foi dessa forma que seus novos livros

encontraram uma série de editores fora do contexto febiano para serem publicados.

E sua bagagem foi enriquecida com excelentes livros cujas edições esgotadas mereciam nova republicação.

Afastado da FEB, passou a ser um dos grandes expoentes, ao lado de seu querido amigo e conterrâneo Leopoldo Machado, o baluarte dos movimentos espíritas que não tinham apoio daquela entidade.

Assim foi orador oficial do Congresso Sul-americano de Espiritismo realizado no Rio de Janeiro, participou de todos os congressos de Escritores e Jornalistas Espíritas realizados no Brasil, até seu desencarne, incrementou o movimento de jovens e teve importante participação junto ao I (e único) Congresso Brasileiro de Mocidades Espíritas, enfim, destacou-se sobretudo pelo apoio que sempre deu às Semanas Espíritas e a quaisquer atividades doutrinárias que tivessem como escopo a difusão do Espiritismo.

Junto com sua esposa, participou do Teatro Espírita, encenando esquetes e pequenas peças ou entreatos durante Semanas Espíritas, escrevendo, até, uma comédia intitulada Firma Roscof e Cia, incentivando os jovens espíritas à arte pura e sadia, enfim, como literato, como jornalista e como expositor doutrinário, realizou uma obra gigantesca que, sem dúvida, deixou um marco indelével em nosso século 20.

São inúmeros os casos pitorescos de sua vida, contados em livro e que merecem ser lidos por todos. Além de divertir, mostra a verve de um grande baluarte da Doutrina que soube aliar a difusão doutrinária com a arte, com sabedoria.

Dr. Alberto de Souza Rocha e o filho do Dr. Carlos reuniram numa obra uma série de documentos do Dr. Imbassahy que ainda não veio a lume porque nosso querido companheiro Alberto desencarnou antes de completar seu trabalho. São acervos do arquivo pessoal do grande escritor, com cartas particulares, inclusive uma endereçada a Wantuil de Freitas quando presidia a FEB que é um libelo terrível contra o roustaingismo.

Não poderia falar do Dr. Imbassahy sem fazer uma especial referência à sua esposa, dona Maria, médium de excelentes predicados e que era seu braço forte, no incentivo e em tudo mais que uma companheira dedicada e apaixonada pode fazer por seu marido.

Discorrer sobre o casal, seria escrever outro livro.

Dona Maria também era uma excelente comediante, só que nunca se dedicou à profissão, senão, participando ao lado do esposo em suas apresentações cênicas no meio espírita. Faziam um par impagável e juntaram-se ao Olympio Campos, outro excelente ator que, depois de crescido, órfão de pais, elegeu o casal para ser seus novos genitores. Os três juntos faziam as cenas de humor nas Semanas Espíritas de que

participavam, mostrando que a arte sadia também tem lugar dentro do movimento espírita.

O casal Imbassahy teve um único filho, o Carlos, meu marido e por quem se redobravam em cuidados, coisa comum de pais que têm filho único.

O neném, o menino, o rapaz, o adulto, o pai dos seus netos, para eles, era uma eterna criança. Tais os desvelos e cuidados que tinham, aliados à preocupação natural em tais casos.

Casaram-se tarde. Quando o filho nasceu já tinham idade suficiente para conhecerem a vida, contudo, um filho é sempre um filho.

Dr. Imbassahy teve uma vida de glórias. De um comportamento espiritual exemplar, nunca faltou àqueles que lhe pediam ajuda. Certa vez, um pobre camundongo, fugindo à fúria dos seus perseguidores, procurando abrigo sob o salto de seu sapato, não foi denunciado, porque Dr. Imbassahy não teve coragem de delatar o roedor que procurou salvação junto a ele.

Foram inúmeros e sinceros os seus amigos. São casos altamente pitorescos os que envolvem o seu relacionamento com eles. Coisas curiosas que recomendam a leitura das suas memórias.

Finalmente, aos 84 anos, foi acometido de uma leucose aguda que, em pouco mais de seis meses, levou-o à sepultura. Seu enterro (04-08-69),

concorridíssimo, deixou uma lacuna dentro do movimento espírita. E, até hoje, ainda não se encontrou um substituto à altura para seu lugar.

Carmem Imbassahy

Carlos Juliano Torres Pastorino

Carlos Juliano Torres Pastorino nasceu em 4 de novembro de 1910. Desde criança demonstrou inusitada inteligência e vocação para a vida eclesiástica. Em 1924 recebeu os diplomas de Geografia, Corografia, Cosmografia e de Bacharel em Português, do Colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro. Viajou para Roma a fim de cursar o seminário, onde, em 1929, foi diplomado pelo Cardeal Basílio Pompili, para a Ordem Menor de Tonsura. Formou-se em Filosofia e Teologia no ano de 1932, sendo ordenado sacerdote em 1934.

Abandonou a vida eclesiástica da Igreja Católica Romana quando, em 1937, aguardava promoção para diácono. Surpreendeu-se com a recusa do Papa Pio XII em receber o Mahatma Gandhi em seu tradicional traje branco. O Colégio Cardinalício exigia que o grande líder da Índia vestisse casaca, para não quebrar a tradição das entrevistas dos Chefes de Estado. O Professor Pastorino, diante dessa recusa, imaginou que se Jesus visitasse o Vaticano, não se entrevistaria com o Papa, pois vestia-se de forma similar a Gandhi.

Regressou ao Brasil, onde desenvolveu intensa atividade pedagógica.

Torres Pastorino foi homem de cultura extraordinária. Escritor, jornalista, teatrólogo, radialista, historiador, filólogo, professor, poliglota, poeta e compositor. Falava fluentemente vários idiomas, legando-nos imensa obra cultural, com numerosos livros didáticos. Traduziu obras de vários autores ingleses, franceses, espanhóis, italianos, clássicos latinos e gregos.

Recebeu vários prêmios, registros e medalhas em reconhecimento aos serviços prestados na área da cultura. Foi professor de Latim e Grego, de Psicologia, Lógica e História da Filosofia. Como jornalista atuou intensamente tanto em jornais como em associações de jornalistas e artistas.

Quando, em 31 de maio de 1950, terminava a leitura de “O Livro dos Espíritos”, declarou-se espírita, data que guardava com muito carinho. Passou a freqüentar o Centro Espírita Júlio César, no Grajaú, o qual foi sua escola inicial de Espiritismo.

Fundou o “Grupo de Estudos Spiritus”, onde nasceu o “Lar Fabiano de Cristo”, o boletim “SEI” (Serviço Espírita de Informação), a “CAPEMI”, a “Livraria e Editora Sabedoria” e a “Revista Sabedoria”. Desta forma, prestou relevantes serviços à Doutrina, no terreno cultural.

O Professor Torres Pastorino realizou muitas palestras em vários Estados. Participou ativamente de Congressos, Simpósios, Cursos e tantos outros eventos. Foi o Vice-Presidente do VI Congresso de Jornalistas e Escritores, de 1976, em Brasília, e um dos fundadores da Associação Brasileira de

Jornalistas e Escritores Espíritas (ABRAJEE); fez-se sócio de inúmeras instituições espíritas e colaborou com a imprensa espírita nacional e do exterior.

De sua vasta bibliografia espiritualista, destacam-se “Minutos de Sabedoria”, que bate todos os recordes de vendagem, “Sabedoria do Evangelho” e “Técnicas da Mediunidade”.

A grande aspiração do Professor Pastorino era criar uma Universidade Livre, para ensinar Sabedoria. Em 1973 recebeu, por doação do Dr. Miguel Luzz, um terreno em Brasília, onde iniciou as obras da Universidade. Já com algumas dependências construídas, chegou a realizar vários cursos, estando a sua Biblioteca em pleno funcionamento, com seus 8.000 volumes, todos voltados para a cultura geral e o bem-estar da Humanidade.

O Professor Carlos Juliano Torres Pastorino desencarnou em 13 de junho de 1980, em Brasília - DF.

Fonte: Personagens do Espiritismo, de Antonio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy – Edições

Cesare Lombroso

Nasceu em 6 novembro de 1835 e desencarnou em 19 de outubro de 1909.

Cientista universalmente conhecido pelos importantes trabalhos realizados no campo jurídico, desde muito cedo dedicou-se às letras.

Aos doze anos de idade, escreveu a obra intitulada "Grandeza e Decadência de Roma", que teve grande repercussão nos meios intelectuais de então.

Sobre a obra de Mazolo, grande psicólogo italiano, escreveu um artigo, que foi publicado num dos jornais italianos. Mazolo leu esse artigo e convidou Lombroso para ir à sua casa, pois desejava conhecer o novo escritor. Diante do menino, que contava apenas quatorze anos, ficou surpreendido, dada a sua inteligência precoce.

Lombroso converteu-se ao Espiritismo depois de haver realizado experiências sobre a mediunidade de Eusápia Paladino, que lhe fora apresentada pelo professor Chiaia, de Nápoles.

Em uma das sessões com esta médium, assistiu à materialização do Espírito de sua própria mãe.

Daí por diante, Lombroso não teve dúvidas quanto à sobrevivência e a comunicabilidade dos Espíritos.

Escreveu várias obras, tanto no campo da Medicina, quanto no da Filosofia.

Dentre elas, destacam-se a notável monografia "Antropologia Criminal", "L'Uomo di Gênio", "L'Uomo Delinquente", além de outras sobre psicologia e psiquiatria.

Sobre o Espiritismo, não podemos deixar de citar a "Pesquisa Sobre os Fenômenos Hipnóticos e Espíritas", através da qual relata todas as experiências realizadas, não só com Eusápia Paladino, como também com outros médiuns de efeitos físicos, como Elizabeth D'Esperance e Politi.

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro.

Lombroso foi um dos maiores médicos criminalistas do século passado. Nasceu em Verona no dia 18 de novembro. Graduou-se em Medicina em Pavia, em 1858, onde recebeu grande influência do anatomista Panizza. Um ano depois de graduar-se em medicina obtém o diploma de cirurgia em Gênova. Aprimou seus conhecimentos em Viena com o clínico Skoda, e em Pádua com o médico Paolo Marzolo, cuja formação positivista haveria de exercer uma profunda influência sobre ele.

Aos vinte anos, com "A Loucura de Cardano", Lombroso já delineia os assuntos que vão torná-lo famoso: o contraste entre o gênio do homem e as teorias sobre a natureza degenerativa. Como oficial-médico escreve, em 1859, "Memória sobre as Feridas e as Amputações por Armas de Fogo", ainda hoje considerado um dos trabalhos mais originais da literatura

médica italiana. A seguir é atraído, na Calábria, pelos problemas antropológicos e étnicos da região.

Em 1862, em Pavia, inicia um curso de psiquiatria e no ano seguinte transforma-o em curso de "clínica das doenças mentais e de antropologia". Suas freqüentes visitas ao hospital de doentes mentais, onde assiste gratuitamente pacientes, permitem-lhe aprofundar o estudo das relações entre gênio e neurose. "As idéias dos maiores pensadores arrebentam de improviso, desenrolam-se involuntariamente como os atos compulsivos dos maníacos", escreveu. No Congresso Internacional de Antropologia realizado em Milão, várias críticas foram levantadas contra a posição de Lombroso, mas foi reconhecido o seu pioneirismo na terapia com os doentes mentais: abrandamento racional do tratamento (até então intolerante), introdução de trabalho manual, conversações com gente de fora, diversões coletivas, diários escritos e impressos pelos próprios pacientes. Era um método novo, hoje empregado pela psicoterapia.

Em 1864, Lombroso ficou internacionalmente conhecido graças ao seu comentadíssimo livro "Gênio e Loucura", traduzido em vários idiomas e que exerce influência até hoje. Em 1867, escreve "Ações dos Astros e dos Cometas sobre a Mente Humana" e no ano seguinte "Relações entre a Idade, as Posições da Lua e os Acessos das Alienações Mentais", trabalhos recebidos com muitas reservas pelos demais cientistas do ramo. Psiquiatra e diretor do manicômio de Pádua nos anos de 1871 a 1876, Lombroso coleta dados suficientes para suas teorias. Do exame de centenas de doentes mentais e criminosos, ele chega à conclusão de que o criminoso é formado por alguma tendência básica inerente ao seu destino, e que as "sementes de uma natureza criminal" podem ser muitas vezes identificadas

na criança. Acreditava, ainda, que o meio social, aliado às influências astrais, preparasse para a ação criminosos indivíduos cuja natureza fosse anti-social. Em 1876, ele vence o concurso para a cátedra de Higiene e Medicina Legal da Universidade de Turim e neste mesmo ano publica "O Homem Delinqüente", obra muito discutida na época.

Em 1882, em seu opúsculo "Estudo sobre o Hipnotismo", ele ridicularizava as manifestações espíritas mas, convidado pelo prof. Morselli a estudar melhor o assunto, participou de sessões com a médium Eusápia Palladino, convencendo-se da veracidade incontestável dos fatos. As pesquisas que fez com essa médium encontram-se no livro da sua autoria "Hipnotismo e Mediunidade".

As obras de Cesar Lombroso trouxeram-lhe fama, acenderam polêmicas e influenciaram muitos legisladores e escritores. Quando vai a Moscou, é em 1897, como participante do Congresso Psiquiátrico, conhece Tolstói, que sabia muito bem das suas idéias acerca do gênio e da loucura. Escritores como Emile Zola e Anatole France também sofreram sua influência. Entre os médicos, merece destaque Kraepelin, um dos maiores classificadores de doenças mentais, que sob a influência de Lombroso escreve acerca da abolição das penas. Legisladores de muitos países, inspirados em suas obras, propõem reformas das leis penais.

Lombroso, sempre fiel ao método experimental, legou aos espíritas um excelente acervo de esclarecimentos sobre a mediunidade e o vasto campo fenomenológico. Homem profundamente honesto defendeu a veracidade

do Espiritismo até a sua morte, noticiada com destaque em todo mundo, no dia 19 de outubro de 1909.

Era o final da missão, que no seu caso, iniciada pelo avesso, da posição de ridículo para a de defensor sincero, haveria de fortalecer o movimento espírita pela sua própria inclusão em meio a seus pesquisadores e defensores.

Deus tem muitos caminhos para os homens. Para Lombroso, o caminho foi refazer o próprio caminho, ou seja, sedimentar aquilo que ele, por desconhecimento da realidade agredira, ao formular conceitos equivocados sobre o Espiritismo, retratando-se intimamente e publicamente a posteriori através do imenso trabalho que realizou.

Cesare Lombroso foi um professor universitário e criminologista italiano, nascido a 6 de novembro de 1835, em Verona. Tornou-se mundialmente famoso por seus estudos e teorias no campo da caracterologia, ou a relação entre características físicas e mentais.

Lombroso tentou relacionar certas características físicas, tais como o tamanho da mandíbula, à psicopatologia criminal, ou a tendência inata de indivíduos sociopatas e com comportamento criminal. Assim, a abordagem de Lombroso é descendente direta da frenologia, criada pelo físico alemão Franz Joseph Gall no começo do século IX e estreitamente relacionada a outros campos da caracterologia e fisionomia (estudo das propriedades mentais a partir da fisionomia do indivíduo). Sua teoria foi cientificamente

desacreditada, mas Lombroso tinha em mente chamar a atenção para a importância de estudos científicos da mente criminosa, um campo que se tornou conhecido como antropologia criminal.

Lombroso estudou na Universidade de Pádua, Viena, e Paris e foi posteriormente (1862-1876) professor de psiquiatria na Universidade de Pavia e medicina forense e higiene (1876), psiquiatria (1896) e antropologia criminal (1906) na Universidade de Turim. Foi também diretor de um asilo mental em Pesaro, Itália.

A principal idéia de Lombroso foi parcialmente inspirada pelos estudos genéticos e evolutivos no final do século IX, e propõe que certos criminosos têm evidências físicas de um "atavismo" (reaparição de características que foram apresentadas somente em ascendentes distantes) de tipo hereditário, remanescente de estágios mais primitivos da evolução humana. Estas anomalias, denominadas de estigmas por Lombroso, poderiam ser expressadas em termos de formas anormais ou dimensões do crânio e mandíbula, assimetrias na face, etc, mas também de outras partes do corpo. Posteriormente, estas associações foram consideradas altamente inconsistentes ou completamente inexistentes, e as teorias baseadas na causa ambiental da criminalidade se tornaram dominantes.

Apesar da natureza inconsistente destas teorias, Lombroso foi muito influente na Europa (e também no Brasil) entre criminologistas e juristas. Entre seus livros estão: L'Uomo Delinquente (1876; "O Homem Criminoso") e Le Crime, Causes et Remèdes (1899; O Crime, Suas Causas e Soluções).

Lombroso morreu em 19 de outubro de 1909, em Turim, Itália.

Charles Foster

Desde épocas remotas, têm surgido na Terra médiuns dotados das mais variadas faculdades, dependendo da aptidão orgânica de cada um deles. E Charles Foster se inclui no rol daqueles que mais se notabilizaram pela importância do trabalho realizado.

Além de clarividente de grande poder, possuía, Foster, a interessante e raríssima faculdade de exibir na pele, principalmente no antebraço, as iniciais dos nomes dos Espíritos que se comunicavam com ele. Esse fenômeno foi severamente examinado por várias figuras de renome internacional, que não puseram dúvida alguma quanto à veracidade do fato.

Mas, não foram somente a vidência e as letras que se manifestaram em Foster: mantinha ele, também, conversação com entidades desencarnadas, como ocorreu com Cervantes, Camões, Virgílio e outros.

Conta-nos Mr. George C. Barlett, autor da obra "The Salem Seer" (O Vidente de Salem) que, certa feita, quando se encontrava nos aposentos de Foster, foi por ele acordado, às duas horas da madrugada, dizendo "George, quer fazer o favor de acender o gás? Eu não posso dormir: o quarto está cheio da família de Adams e parece que estão escrevendo seus nomes em mim".

Com efeito, Mr. Adams o havia procurado durante o dia anterior para uma consulta, tendo Foster, através da vidência, observado que muitos Espíritos ficaram em sua companhia.

E continuando o relato, Mr. Barlett conclui, dizendo: "E com grande admiração minha, a lista de nomes da família Adams estava gravada em seu corpo. Conteí onze nomes diferentes: um estava gravado na testa, outros nas costas".

Temos notícia de que esse tipo de fenômeno tem se verificado, constantemente, nas mãos e nos pés das beatas, o que parece ter muita semelhança com o dom das letras que Foster apresentava sobre a pele.

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Charles Richet

Nasceu em Paris em 25 de agosto de 1850; aos 37 anos de idade foi nomeado lente catedrático de Filosofia da Faculdade de Medicina de Paris.

Richet, no campo científico, foi um verdadeiro gênio: além de fisiologista de renome internacional, foi o descobridor da soroterapia.

Depois de se ocupar com os fenômenos chamados supra-normais, porém deixando de lado a parte doutrinária oriunda destes, criou a Metapsíquica, que definiu como sendo uma "ciência que tem por objeto fenômenos mecânicos ou psicológicos, devido a forças que parecem inteligentes, ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana".

Suas principais obras são: "Tratado de Metapsíquica", "A Grande Esperança", "O Sexto Sentido", "A Porta do Mistério", "O Homem e a Inteligência", além de outras de caráter científico.

Richet desencarnou em Paris em 4 de dezembro de 1935

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carne

Claudino Dias

Nascido em Coimbra, Portugal, no dia 5 de novembro de 1860, e desencarnado em Barra do Piraí, Estado do Rio de Janeiro, a 31 de dezembro de 1935.

No último quartel do século passado, era um verdadeiro arrojo as pessoas se declararem espíritas, principalmente nas cidades interioranas, onde invariavelmente prevalecia intensa intolerância religiosa.

Na cidade de Barra do Piraí, um cidadão português de nome Claudino Dias, filho de João Dias e Tereza Quaresma Dias, professava o Protestantismo com grande dedicação, entretanto, ao ouvir freqüentemente os pastores de sua igreja atacarem o Espiritismo, uma idéia nova que havia surgido na cidade, ele interessou-se pelo estudo dessa Doutrina, animado do propósito de também passar a combater a religião que os seus mentores religiosos apregoavam ser herética.

Após alguns estudos, notou, no entanto, que os ensinamentos do Espiritismo preenchiam a ânsia de conhecimento do seu Espírito e satisfaziam velhas indagações que pululavam em seu intelecto, por isso, em vez de se tornar um detrator do Espiritismo, abraçou-o com convicção, aliando-se a Manoel Chaves, um dos poucos espíritas existentes na cidade, estabelecendo assim um sistema de estudo sistemático das obras que constituíam a base angular da Doutrina dos Espíritos. Em 1886, Claudino Dias já era um espírita dos mais convictos.

Logo tiveram conhecimento da existência de um médium de nome Izarias Soares Rodrigues e, coadjuvado por ele, deram início à realização de sessões práticas de Espiritismo, a primeira delas acontecida na véspera do chamado dia de São João, motivo pelo qual resolveram fundar a primeira instituição espírita da cidade, dando-lhe o nome de Grupo Espírita São João.

Dessa instituição surgiram os primeiros focos de divulgação do Espiritismo, os quais, graças ao dinamismo e operosidade de Claudino Dias, logo se propalaram a outras cidades da circunvizinhança.

O nome do Grupo Espírita São João foi mantido até 27 de julho de 1894, quando foi alterado para Grupo Espírita Filhos da Verdade. Esse segundo nome prevaleceu até 10 de abril de 1904, quando, por deliberação de nova assembléia geral foi substituído por Grêmio Espírita de Propaganda. No dia 17 de junho de 1906, em sua sede foi fundado o Colégio Ismael, destinado aos filhos dos associados e às crianças carentes de ambos os sexos. Em 7 de setembro de 1908, foi ali inaugurado também o Albergue São João Batista, uma das primeiras instituições espíritas desse gênero, no Brasil.

Finalmente, a 3 de maio de 1914, por deliberação de nova assembléia, o nome da instituição foi, pela Quarta vez, mudado para Grêmio Espírita de Beneficência, nome que conserva até o dia de hoje. Foi inaugurada ampla sede própria que também abrigou o Colégio e o Albergue. Por ocasião da gripe espanhola de 1918, que causou tantas vítimas, as instalações do Grêmio foram cedidas para o atendimento dos pacientes, acometidos por aquela insidiosa enfermidade. Fora da sua sede foram inaugurados, em 1920, o Asilo Santo Agostinho, para a velhice desamparada, e, em 1927, o Hospital de Pronto Socorro, posteriormente cedido para a Prefeitura Municipal da cidade.

Claudino Dias tornou-se, pois, de direito e de fato, um dos mais autênticos desbravadores espíritas da região. Seu nome, aureolado de respeito e admiração tornou-se fonte de referência para todos que quisessem falar sobre os grandes seareiros espíritas. A sua ação foi incessante, pois ele jamais esmoreceu um dia que fosse, levantando bem alto a bandeira do Espiritismo, fazendo com que a Doutrina se tornasse admirada por todos e

que a obra espírita se destacasse como expressão de que pode ser feito onde existe o idealismo e a firme disposição para o trabalho.

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP, 1982. 1ª edição, SP.

Clelia Rocha

Foi educada como interna do Colégio Bom Conselho, na cidade de Taubaté, completando sua educação na cidade de Piracicaba, onde recebeu o diploma de professora primária. Lecionou durante vários anos no Colégio das Freiras, da cidade de São Carlos. De família tradicionalmente católica, Clélia Rocha logo demonstrou repugnância pelos dogmas da religião de seus pais, o que aconteceu logo em sua primeira infância, originando-lhe sérios castigos no Colégio interno, onde passou a ser considerada criança rebelde.

Em Piracicaba ainda quando estudante, conheceu um jovem médico, com quem acertou casamento. Entretanto, o rapaz desencarnou repentinamente, frustrando todo o seu sonho de menina moça, que nunca mais pensou no casamento, dedicando toda sua vida ao magistério e ao amparo da criança órfã e desvalida. Um dia deliberou abrir um estabelecimento de ensino na cidade de Dourados, para a alfabetização de adultos que não tivessem condições de freqüentar aulas no período diurno, mantendo-o por algum tempo e fornecendo gratuitamente o material de ensino para todos aqueles que não o pudessem adquirir.

Nessa época a grande missionária Anália Franco fez uma visita à cidade e, vendo o sacrifício inenarrável pelo qual passava a jovem professora, convidou-a a fazer parte da sua equipe de trabalho, prontificando-se a ajudá-la no que lhe fosse possível. Dessa época em diante, tornaram-se grandes amigas e mútuas colaboradoras. Fundaram uma Creche para as mães pobres daquela redondeza e um abrigo para órfãos.

Anália Franco depositava irrestrita confiança no trabalho de Clélia Rocha. Numa das suas cartas chegou mesmo a afirmar: "Você é a diretora que mais assimilou os nossos ideais e muito tem produzido. Se todas as demais cooperadoras fizessem como você, muito realizaríamos".

Em fins de 1918, Anália Franco fundou um Asilo na cidade de Uberaba, em Minas Gerais, e convidou Clélia Rocha para ser sua diretora. Logo após, no dia 13 de janeiro de 1919, Anália desencarnou em S. Paulo, não podendo concretizar a obra. Clélia, fiel à sua memória, respeitando a sua última vontade, deliberou transferir-se para Uberaba, com todas as suas pupilas, fundando mais tarde naquela cidade um Colégio com 18 pensionistas, para manter as suas 72 alunas internas. Diante de sua obra assistencial pleiteou por várias vezes subvenções municipais, estaduais e federais, nunca conseguindo ressonância para as suas petições, pois, pelo fato de ser espírita, intensa perseguição lhe foi movida pelos sacerdotes locais. Como Anália Franco, organizou um Conjunto Litero-Artístico e Musical, com as próprias pupilas e demandou as cidades do interior dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, conseguindo meios de subsistência para manter o seu estabelecimento, tendo para tanto alcançado algum êxito. Fiel à memória

de Anália Franco, tudo fez para que os ideais por ela esposados fossem mantidos em toda a sua plenitude, conduzindo-se sempre com verdadeiro espírito de abnegação e sacrifício, atestando sempre a sua grandeza espiritual.

Fundou com suas pupilas maiores de 16 anos a Liga Feminina Operárias do Bem, objetivando a formação de novas equipes de cooperadoras que pudessem mais tarde dar continuidade ao seu grandioso trabalho assistencial. Em 1924 transferiu-se para a cidade de São Manoel, no Estado de S. Paulo, onde conheceu Amando Simões, rico fazendeiro da região, espírito bem formado e coração generoso que, conhecendo as suas grandes dificuldades e estóica coragem, resolveu ajudá-la, fazendo a doação de um prédio e parte de seu terreno para que ali Clélia pudesse instalar o seu estabelecimento educacional. Graças ao prestígio desse abnegado confrade, contou logo com o concurso de parte da população e a simpatia da Câmara Municipal, podendo desta forma ampliar a sua obra beneficente. Acolheu no "Lar de Anália Franco" dezenas de crianças órfãs e ali realizou numerosos casamentos de suas ex-educandas, entregando-as ao mister de donas de casas, reintegradas na sociedade, para servirem como esposas e como mães.

Em 1930, na época do Natal, fundou a "Creche Berço de Ouro", destinada a receber as criancinhas, mantendo-a com todo o carinho de sua alma.

Era espírita fervorosa e muito se interessava pelos assuntos doutrinários. Como Anália foi literata, jornalista, poetisa, escritora, teatróloga, musicista e professora de línguas. Escreveu várias peças para teatro; dramas,

comédias e enquetes de sua autoria foram encenadas com muito êxito no Grupo Teatral. Apresentou ainda muitas poesias e composições musicais. Exímia professora de trabalhos manuais, ministrava aulas de flores artificiais, pinturas, bordados, arte culinária e música, preparando suas filhas adotivas para tornar-se prendadas donas de casa do futuro.

Na intimidade era chamada "Mãe Lili", por todas as suas filhas adotivas. Deu o seu próprio nome a muitas delas, quando enjeitadas na "Creche Berço de Ouro" e não apareciam os parentes. Tendo que regularizar os seus registros civis, não hesitava jamais, registrava-as com o seu próprio nome.

Fundou o jornal literário "Lírio Branco" e o "Mensageiro do Órfão" hoje "Mensageiro do Lar", órgão de divulgação do Espiritismo, que continua a ser editado nas oficinas gráficas do Lar Anália Franco, na cidade de S. Manoel.

Clélia Rocha foi, portanto, uma missionária na verdadeira acepção da palavra, pertencendo à plêiade de valorosas mulheres espíritas do mesmo nível de Anália Franco, Olímpia Belém, Aura Celeste, Eurídice Panar, Abigail Lima e tantas outras.

(Subsídios fornecidos por Antônio de Souza Lucena)

Corina Novelino

Nascida na cidade de Delfinópolis Estado de Minas Gerais, no dia 12 de agosto de 1912, e desencarnada em Sacramento, naquele mesmo Estado, no dia 10 de fevereiro de 1980.

Filha do casal José Gonçalves Novelino e Josefina de Melo Novelino, nasceu na pequena cidade de Delfinópolis, onde passou muito pouco de sua infância, pois ainda jovem ficou órfã de pai e mãe, passando a residir com um casal que lhe dispensou todo o amor e carinho.

A tarefa desenvolvida por Corina Novelino, na cidade de Sacramento, foi das mais relevantes, o que fez com que se tornasse uma das figuras mais estimadas na cidade. Desde muito jovem revelou-se um Espírito caritativo, com profundos rasgos de desprendimento, disposto a dar tudo de si em favor dos seus semelhantes.

Com apenas vinte anos de idade, foi convidada por uma denodata seareira chamada Maria Modesto Cravo, para ajudá-la a administrar um Lar de Crianças, na cidade mineira de Uberaba. Indecisa sobre o convite procurou orientação do médium Francisco Cândido Xavier, então residente em Pedro Leopoldo. Devido ao elevado número de pessoas que procurava o médium, não conseguiu entrevistar-se com ele. Porém, grande foi a sua surpresa quando foi por ele chamada, recebendo de suas mãos bela mensagem assinada pelo Espírito de Eurípedes Barsanulfo, na qual, entre outras coisas, ele dizia: "Corina, você é minha última esperança em Sacramento".

Diante do imperativo da mensagem, declinou do convite de Mana Modesta e decidiu-se pela permanência em Sacramento, onde fundou o Clube das Maezinhas, composto de mães caridosas que se dispunham a fazer roupinhas para crianças necessitadas, as quais eram distribuídas semanalmente.

No limiar do ano de 1950, deliberou fundar um Lar para crianças abandonadas. Porém, além de faltar-lhe os meios necessários, não sabia onde nem como implantar essa instituição. A maior rifa realizada em Sacramento propiciou-lhe os meios necessários para adquirir uma casa e ali inaugurar o "Lar de Eurípedes".

Aplicava o seu ordenado na manutenção do Lar. Entretanto, o número de crianças aumentava e os recursos tomavam-se assim cada vez mais escassos. A casa havia também se tornado pequena.

Animada de decisão inquebrantável, e contando com a ajuda do Alto, decidiu-se a edificar um novo "Lar de Eurípedes". O povo de Sacramento e de regiões vizinhas cooperou no empreendimento e, dentro em pouco, surgiu o novo prédio, onde foram amparadas mais de 100 crianças e onde a seareira abnegada passou a ser a "mãe Corina". Devido à insuficiência de recursos para a sua manutenção, pois o estabelecimento era mantido quase completamente com o salário de Corina Novelino, houve apelos e o Lar foi reconhecido como órgão de utilidade pública, passando então de internato para semi-internato. Ali as crianças passam o dia, recebendo alimentação, vestuário e educação intelectual e religiosa.

Escritora de grandes recursos que era, Corina escreveu os livros "Escuta, meu filho", cuja renda foi revertida inteiramente à manutenção do Lar. Mais recentemente, em 1979, escreveu a obra "Eurípedes, o homem e a missão", dando início aos atos comemorativos do centenário de nascimento daquele grande vulto do Espiritismo. Prestou colaboração em outros órgãos de divulgação do Espiritismo, notadamente no "Anuário Espírita", editado em Araras, e uma revista editada em Portugal.

Foi na realidade uma vida bem vivida, repleta de rasgos de generosidade, de amor e de dedicação aos seus semelhantes. A sua desencarnação representou irreparável perda para a comunidade sacramentana, um grande vazio se fez na cidade, tão grande quanto a tristeza dos que perderam o calor, a ternura e a dedicação de uma amiga.

Foram as seguintes as palavras do Presidente da Câmara Municipal de Sacramento, por ocasião do sepultamento do seu corpo físico: "Que o pavilhão de Sacramento cubra o seu ataúde numa demonstração de homenagem maior que o Poder Público presta aos seus grandes filhos. Aqui a gratidão de todo um povo que reconheceu no seu labor humilde e silencioso a "Mãe Corina" de todos. Com o auxílio de suas mãos não foram poucas as vezes que testemunhamos o seu amor, no próprio esquecimento de si mesma, chamando para si a responsabilidade dessa enorme tarefa de promoção do próximo. Foi a Mãe Corina dos pobres, dos sofredores, dos órfãos, dos loucos, dos necessitados, dos abandonados, dos miseráveis... Mãe Corina de todos nós, nosso eterno e imorredouro Muito Obrigado".

Cornélio Pires

Cornélio Pires nasceu na cidade de Tietê, Estado de São Paulo, no dia 13 de julho de 1884, e a sua desencarnação aconteceu na cidade de S. Paulo, no dia 17 de fevereiro de 1958.

Homem de personalidade inconfundível, tornou-se figura popular e de bastante destaque em todo o Brasil, graças ao trabalho, por ele encetado, de viajar pelas cidades do Interior do Estado de S. Paulo e outros Estados, estreando na condição de caipira humorista.

Em sua juventude aspirava participar de um concurso de admissão numa Faculdade de Farmácia. Animado desse propósito viajou de Tietê para S. Paulo, a fim de se inscrever como candidato a um desses concursos, porém, apesar do seu desempenho não logrou êxito nesse seu intento.

Tomou então a deliberação de dedicar-se ao jornalismo, passando a trabalhar na redação do jornal O Comércio de São Paulo, em cujo cargo desenvolveu um aprendizado bastante estafante. Posteriormente passou a exercer atividades nos jornais O São Paulo e O Estado de São Paulo, tradicional órgão da imprensa paulista, onde desempenhou a função de revisor e, finalmente, no ano de 1914, passou a dar a sua contribuição ao órgão O Pirralho.

Numerosos escritores teceram comentários sobre a personalidade de Cornélio Pires e, para ilustração, passemos a citar Joffre Martins Veiga, que

em seu trabalho A Vida Pitoresca de Cornélio Pires, escreveu “ Ninguém amou tanto a sua gente como Cornélio Pires; ninguém se preocupou tanto com seus semelhantes como esse homem, que foi, antes de tudo, um Bom”. O famoso poeta Martins Fontes, por sua vez, escrevendo sobre ele, afirmou: “é um bandeirante puro, um artista incansável, enobrecedor da Pátria e enriquecedor da língua”.

Admirado também pelo grande jornalista Amadeu Amaral, este deu-lhe a sugestão de tornasse um dos maiores divulgadores do folclore brasileiro.

Pelos idos de 1910, Cornélio Pires lançou o livro Musa Caipira, obra que foi largamente saudada pela crítica, graças ao seu conteúdo tipicamente brasileiro. Sílvio Romero tornou-se um dos seus mais salientes críticos, comentando da seguinte forma o lançamento dessa obra: “ Apreciei imensamente o chiste, a cor local, a graça, a espontaneidade de suas produções que, além do seu valor intrínseco, são um ótimo documento para o estudo dos brasileirismos da nossa linguagem”.

No início do presente século, Cornélio Pires começou a freqüentar a Igreja Presbiteriana, entretanto não conseguiu conciliar os ensinamentos dessa religião com o seu modo de pensar. Ele não admitia a existência das penas eternas e de um Deus que desse preferência aos seguidores de determinadas religiões. O demasiado apego aos formalismos da letra, na interpretação dos textos evangélicos fez com que ele quase descambasse para o materialismo.

Nessa época ele desconhecia o que era Espiritismo, entretanto, durante as suas viagens ao Interior, aconteceram com ele vários fenômenos mediúnicos, inclusive algumas comunicações do Espírito Emilio de Menezes, as quais muito o impressionaram. Como conseqüência ele passou a estudar obras espíritas principalmente as de Allan Kardec, Leon Denis, Albert de Rochas e alguns livros psicografados pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Dali por diante integrou-se decididamente no Espiritismo, interessando-se muito pelos fenômenos de efeitos físicos. Nos anos de 1944 a 1947 ele escreveu os livros Coisas do Outro Mundo e Onde estás, ó morte?, tendo desencarnado quando escrevia Coletânea Espírita.

De sua vasta bibliografia destacamos: Musa Caipira, Versos Velhos, Cenas e Paisagens de minha Terra, Monturo, Quem conta um conto, Conversas ao Pé do Fogo, Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho - O Queima Campo, Tragédia Cabocla, Patacoadas, Seleta Caipira, Almanaque do Saci, Mixórdias, Meu Samburá, Samba e Cateretês, Tarrafas, Chorando e Rindo, De Roupas Nova, Só Rindo, Ta no Bocó, Quem conta um Conto e outros Contos..., Enciclopédia de anedotas e Curiosidades, além dos dois livros espíritas acima citados.

Num de seus escritos sobre o Espiritismo, dizia ele: “ O Espiritismo, mais cedo ou mais tarde, fará aos católicos romanos, aos protestantes e aos adeptos de outros credos, a caridade de robustecer-lhes a Fé, com os fatos que provam a imortalidade da Alma, que se transforma em Espírito ao deixar o invólucro material” e mais adiante “ O Espiritismo nos proporciona

a FÉ RACIOCINADA, nos arrebatava ao jugo do dogma e nos ensina a compreender DEUS como Ele é”.

Pouco antes da sua desencarnação, Cornélio Pires, demonstrando que havia assimilado o preceito de Jesus Cristo: “ Amai ao próximo como a ti mesmo”, voltou para a cidade do Tietê e ali comprou uma chácara, onde fundou a “ Granja de Jesus”, lar destinado a crianças desamparadas. Infelizmente ele não chegou a ver a conclusão da obra.

Cornélio Pires chegou a organizar o “ Teatro Ambulante Cornélio Pires” perambulando de cidade em cidade, sendo aplaudido por toda a população brasileira por onde passava. Esse intento foi concretizado após ter abandonado a carreira jornalística.

O presente trabalho representa uma apagada biografia desse batalhador infatigável, que desenvolveu na Terra uma tarefa altamente meritória.

Personagens do Espiritismo de Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy Edições FEESP, S.Paulo, SP

Cosme Mariño

Nascido em Buenos Aires, República Argentina, no dia 27 de setembro de 1847, e desencarnado no dia 18 de agosto de 1927, tendo sido um dos mais destacados propagadores espíritas naquela nação.

Seus pais foram comerciantes modestos e honrados, foi educado dentro dos princípios da igreja católica e se sentiu atraído para o sacerdócio, no qual vislumbrou a possibilidade de exercer a sua propensão inata de servidor da Humanidade.

Fez o curso superior de teologia, convencendo-se logo após de que a sua vocação não estava circunscrita aos estreitos dogmas da religião dominante. Abandonou, portanto, a carreira iniciada e ingressou na Faculdade de Direito, tendo em seguida interrompido também esse curso para entrar na carreira jornalística, onde junto com José C. Paz fundou o grande diário portenho: "La Prensa", do qual foi diretor em 1896. Em 1871, tomou parte ativa na heróica "Comissão Popular", constituída com o objetivo nobilitante de combater a epidemia de febre amarela que flagelava os seus concidadãos, e embora tivesse sido contaminado pelo mal, conseguiu restabelecer-se, tendo posteriormente merecido do povo de Buenos Aires a condecoração da Cruz de Ferro e a impressão de 5.000 retratos com a inscrição: "O povo a Cosme Mariño -- Epidemia de 1871". No evento a Municipalidade de Buenos Aires também lhe outorgou oficialmente a medalha de ouro, como prêmio aos seus nobres serviços.

Em 1872, Mariño dedicou-se de corpo e alma no afã de promover o Comitê de Ajuda ao Chile, durante a epidemia de varíola. Na qualidade de secretário desse comitê teve o ensejo de, juntamente com outros abnegados, enviar meio milhão de pesos, arrecadados em subscrição pública. A Municipalidade de Santiago do Chile também lhe conferiu uma medalha de ouro como gratidão pela sua generosidade.

Foi Cosme Mariño fundador da Sociedade Protetora de Inválidos, conseguindo, graças à sua incessante atividade, construir o Edifício dos Inválidos. Transferindo sua residência para a cidade de Dolores, na província de Buenos Aires, no ano de 1874 foi designado membro honorário da Comissão de Justiça, membro titular do Conselho Escolar e Presidente da Comissão do Hospital de Dolores.

Nessa cidade teve o apóstolo a oportunidade de assistir a algumas sessões espíritas, convertendo-se a essa Doutrina. Daí por diante, revelou-se um verdadeiro paladino da Terceira Revelação. Em 1879 ingressou nos quadros da "Sociedad Constância", tendo em 1881 tomado parte em sua direção. Em 1882 tornou-se diretor da revista "Constância", pioneira dos periódicos espíritas na Argentina. Em 1883 foi eleito presidente dessa instituição, desenvolvendo ali vasto programa de atividade.

No desempenho de sua tarefa jornalística viu-se obrigado a sustentar acirradas polêmicas com alguns clérigos que viam no Espiritismo um constante obstáculo à manutenção do domínio da fé cega, e também com alguns cientistas que viam no Espiritismo tão-somente loucura, fraude e sugestão.

Alguns jesuítas que publicaram artigos e opúsculos contrários ao Espiritismo, mereceram de Mariño a mais ampla refutação, que pulverizou todas as argumentações. No dia 3 de abril de 1892, foi vítima de um atentado por parte de uma fanática de nome Dolores González, que lhe disparou um tiro. Felizmente o fato não teve maiores conseqüências.

A vida desse singular personagem foi toda ela entrecortada de gestos nobres e altruísticos, e não cabe nesta ligeira sùmula biogràfica enumerar todos os fatos ocorridos em sua existêcia, contudo, devemos acrescentar que Cosme Mariño foi autor brilhante, tendo escrito vários livros; foi inspirador de várias campanhas, destacando-se uma em favor da aquisição de livros espíritas para serem revendidos a menor custo; outra em favor do reconhecimento da Sociedade "Constância" como personalidade jurídica; e mais as seguintes: formação de uma comissão permanente para auxílios funerários a indigentes, preparação de enfermeiros através de cursos adequados, fundação da Confederação Espiritista Argentina, para cuja concretização colaborou intensamente Antônio Ugarte e outros, organização da Sociedade Protetora da Criança Desvalida; ação em favor da abolição da pena de morte na Argentina, campanha contra os falsos médiuns e exploradores do Espiritismo, e finalmente, em 1925, a inauguração do "Asilo I Centenário".

Foi justamente cognominado "Kardec Argentino", pois ele representa para os espíritas platinos o mesmo que Bezerra de Menezes representa para o Brasil, e o mesmo que a tríade "Kardec- Denis- Delanne" representa para a França.

Em outubro de 1947, escrevia Ismael Gomes Braga sobre Cosme Mariño: "A luta contra os preconceitos materialistas e o fanatismo religioso somente pode ser levada a bom término por Espíritos muito superiores à massa humana que habita nosso planeta. O missionário que se encarna para defender uma idéia nova contra erros arraigados durante milênios, para

forçar a Humanidade a dar um passo mais no caminho do progresso, não pode ser um espírito comum, porque falharia antes do fim da jornada, espantado pelos ataques de toda classe de adversários que surgem das trevas, furiosos, defendendo suas tradições, que julgam sagradas e seus interesses, que consideram divinos.

A luta do missionário argentino foi mais prolongada e mais violenta que a de Kardec, que trabalhou pelo Espiritismo durante 14 anos, mas Cosme Mariño teve que lutar meio século para conquistar e consolidar as posições que nos legou. Foi agredido não somente por palavra e por escrito, senão também por arma de fogo: uma fanática religiosa tentou assassiná-lo a tiros; sem embargo, nada o fez desanimar, nada o intimidou, porque foi um grande Missionário consciente do seu poder, certo do valor imenso da idéia que defendia com risco da própria vida. A superioridade de Cosme Mariño se revelava em toda sua vida e lhe conferia um prestígio social que lhe dava autoridade para pregar essa grande revolução espiritual que é o Espiritismo."

Daniel Dunglas Home

O MAIOR MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS DO SÉCULO XIX

"O Senhor Daniel Dunglas Home nasceu em 15 de março de 1833, perto de Edimbourg (Escócia). Tem, pois, hoje, 24 anos (artigo escrito por Allan Kardec em fevereiro de 1858). Descende da antiga e nobre família dos Douglas da Escócia, outrora soberana. É um jovem de talhe mediano, louro, cuja fisionomia melancólica nada tem de excêntrico; é de compleição muito delicada, de costumes simples e suaves, de um caráter afável e benevolente

sobre o qual o contato das grandezas não lançou nem arrogância e nem ostentação. Dotado de uma excessiva modéstia, jamais exibiu a sua maravilhosa faculdade, jamais falou de si mesmo, e se, na expansão da intimidade, conta coisas que lhe são pessoais,, é com simplicidade, e jamais com a ênfase própria das pessoas com as quais a malevolência procura compará-lo. Vários fatos íntimos, que são do nosso conhecimento pessoal, provam nele nobres sentimentos e uma grande elevação de alma; nós o constatamos com tanto maior prazer quanto se conhece a influência das disposições morais sobre a natureza das manifestações.

O Senhor Home é um médium do gênero daqueles que produzem manifestações ostensivas, sem excluir, por isso, as comunicações inteligentes; mas as suas predisposições naturais lhe dão, para as primeiras, uma aptidão mais especial. Sob a sua influência, os mais estranhos ruídos se fazem ouvir, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, se erguem, se transportam de um lugar a outro através do espaço, instrumentos de música fazem ouvir sons melódiosos, seres do mundo extra-corpóreo aparecem, falam, escrevem e, freqüentemente, vos abraçam até causar dor. Ele mesmo foi visto, várias vezes, em presença de testemunhas oculares, elevado sem sustentação a vários metros de altura.

Do que nos foi ensinado sobre a classe dos Espíritos que produzem, em geral, essas espécies de manifestações, não seria preciso disso concluir que o Sr. Home não está em relação senão com a classe íntima do mundo espírita. Seu caráter e as qualidades morais que o distinguem, devem, ao contrário, granjear-lhe a simpatia dos Espíritos Superiores; ele não é, para esses últimos, senão um instrumento destinado a abrir os olhos dos cegos por meios enérgicos, sem estar, por isso, privado de comunicações de uma

ordem mais elevada. É uma missão que aceitou; missão que não está isenta nem de tribulações e nem de perigos, mas que cumpre com resignação e perseverança, sob a égide do Espírito de sua mãe, seu verdadeiro anjo guardião.

A causa das manifestações do senhor Home é inata nele; sua alma, que parece não prender-se ao corpo senão por fracos laços, tem mais afinidade pelo mundo espírita do que pelo mundo corpóreo; por isso ela se prepara sem esforços, e entra, mais facilmente que em outros, em comunicação com os seres invisíveis. Essa faculdade se revelou nele desde a mais tenra infância. Com a idade de seis meses, seu berço se balançava inteiramente sozinho, na ausência de sua babá, e mudava de lugar. Nos seus primeiros anos, era tão débil que tinha dificuldade para se sustentar, sentado sobre um tapete, os brinquedos que não podia alcançar, vinham, eles mesmos, colocar-se ao seu alcance. Com três anos teve as suas primeiras visões, mas não lhes conservou a lembrança. Tinha nove anos quando sua família foi se fixar nos Estados Unidos; aí os mesmos fenômenos continuaram com uma intensidade crescente, à medida que avançava em idade, mas a sua reputação, como médium, não se estabeleceu senão em 1850, por volta da época em que as manifestações espíritas começaram a se tornar populares nesse país. Em 1854, veio para a Itália, nós o dissemos, por sua saúde; espanta Florença e Roma com verdadeiros prodígios. Convertido à fé católica, nessa última cidade, tomou a obrigação de romper as suas relações com o mundo dos Espíritos. Durante um ano, com efeito, seu poder oculto parece tê-lo abandonado; mas como esse poder estava acima de sua vontade, a cabo desse tempo, assim como lhe havia anunciado o Espírito de sua mãe, as manifestações se produziram com uma nova energia. Sua missão estava traçada; deveria distinguir-se entre aqueles que

a Providência escolheu para nos revelar, por sinais patentes, a força que domina todas as grandezas humanas.

Para o senhor Home, os fenômenos se manifestam, algumas vezes, espontaneamente, no momento em que menos são esperados. O fato seguinte, tomado entre mil, disso é uma prova. Desde há mais de quinze dias, o senhor Home não tinha podido obter nenhuma manifestação, quando, estando a almoçar na casa de um dos seus amigos, com duas ou três pessoas do seu conhecimento, os golpes se fazem súbito ouvir nas paredes, nos móveis e no teto. Parece, disse, que voltaram. O senhor Home, nesse momento, estava sentado no sofá com um amigo. Um doméstico trás a bandeja de chá e se apressa em colocá-la sobre a mesa, situada no meio do salão; esta, embora fosse pesava, se eleva subitamente e se destaca do solo em 20 a 30 centímetros de altura, como se tivesse sido atraída pela bandeja; apavorado, o criado deixa-a escapar, e a mesa, de pulo, se atira em direção do sofá e vem cair diante do senhor Home e seu amigo, sem que nada do que estava em cima tivesse se desarrumado. Esse fato, sem contradita, não é o mais curioso daqueles que teríamos a relatar, mas apresenta essa particularidade, digna de nota, de ter se produzido espontaneamente, sem provocação, num círculo íntimo, onde nenhum dos assistentes, cem vezes testemunhas de fatos semelhantes, tinha necessidade de novos testemunhos; seguramente, não era o caso para o Senhor Home de mostrar as suas habilidades, se habilidades havia.” (1)

Outras manifestações:

O que distingue Daniel Douglas Home é sua mediunidade excepcional. Enquanto outros médiuns obtém golpes leves, ou o deslocamento insignificante de uma mesa, sob a influência do senhor Home os ruídos, os mais retumbantes, se fazem ouvir, e todo o mobiliário de um quarto pode ser revirado, os móveis montando uns sobre os outros.

Igualmente os objetos inertes, ele próprio é elevado até o teto (levitação), depois desce do mesmo modo, muitas vezes sem que disso se aperceba.

De todas as manifestações produzidas pelo Sr. Home, a mais extraordinária é a das aparições, segundo análise de Allan Kardec. Do mesmo modo sons se produzem no ar ou instrumentos de música tocam sozinhos.

“Seguramente, se alguém fosse capaz de vencer a incredulidade por efeitos materiais, este seria o senhor Home. Nenhum médium produziu um conjunto de fenômenos mais surpreendentes, nem em melhores condições de honestidade.” (2)

O senhor Home realizou várias experiências perante o Imperador Napoleão II. Durante essas experiências, obteve-se uma prova concreta da assinatura de Napoleão Bonaparte, com a presença da Imperatriz Eugênia, cujo fato aumentou grandemente sua fama.

Jamais esse excepcional médium mercadejou seus preciosos dons mediúnicos. Teve inúmeras oportunidades, mas sempre se recusou. Dizia

ele: “Fui mandado em missão. Essa missão é demonstrar a imortalidade. Nunca recebi dinheiro por isso e jamais receberei.”

Como todo o médium, o senhor Home foi caluniado e ferido em sua dignidade, mas nunca lhe faltou, nas horas mais difíceis, o amparo de seus mentores espirituais.

Narração de Allan Kardec - Revista Espírita de 1858, mês de fevereiro.

Delphine de Girardin

Nasceu Delphine Gay em Aix-La-Chapelle em 26 de janeiro de 1804, o mesmo ano do Codificador e desencarnou na capital francesa em 29 de junho de 1855.

Foi poetisa que freqüentou os salões de Mme Récamier. Casou-se com Émile de Girardin, jornalista e político francês, passando então a ser conhecida como sra. Émile de Girardin.

Ela mesma se tornou jornalista, após o casamento em 1831, escrevendo no jornal La Presse no período de 1836 a 1848, sob o pseudônimo de visconde de Launay, interessantes crônicas da sociedade do tempo de Luís Filipe. Essas crônicas ficaram conhecidas como cartas parisienses.

Publicou também romances, tragédias e comédias. Era, positivamente, grande médium inspirada.

Personalidade muito conhecida no meio poético, freqüentando os salões literários onde se reuniam as celebridades do momento, muito natural que ela tomasse contato com as mesas girantes.

Desde o primeiro contato com as mesas ela se convenceu da veracidade das manifestações. Teve oportunidade de se encontrar com o professor Rivail pessoalmente. Possivelmente, em alguma das reuniões que ele freqüentava, nas suas pesquisas em torno dos fenômenos que assombravam Paris.

Amiga pessoal de Victor Hugo, os acontecimentos políticos do ano de 1851 e o exílio de seus amigos a marcaram de forma cruel.

Fiel à amizade ela decidiu levar conforto moral aos pobres proscritos. Lançou-se ao mar e em 6 de setembro de 1853 desembarcou em Jersey, uma pequena ilha de 116 quilômetros quadrados.

O cansaço a tomava por inteiro. A viagem foi excessivamente fatigante. Diga-se de passagem: ela já se encontrava doente. O câncer a devorava.

Dinâmica, contudo, ela não se deixava abater em demasia. Um pouco triste e melancólica, mas igualmente feliz por rever seus amigos, ela reencontrou Victor Hugo e a família.

À hora do jantar, narrou as notícias de Paris, no intuito de trazer um pouco da pátria para os exilados. Com entusiasmo se referiu às mesas girantes. Na pequena ilha de Jersey algumas tentativas tinham sido feitas, sem sucesso.

Delphine, sem aguardar a sobremesa, saiu em busca de uma mesa pequena, redonda. As sessões foram longas e cansativas. Parecem não ter tido sucesso nos primeiros cinco dias.

Victor Hugo, cético, aderiu às reuniões somente para não desgostar a amiga. Finalmente, no domingo, 11 de setembro, a concentração, o silêncio foram recompensados. Uma comunicação aconteceu. Uma comunicação que mudaria os rumos da vida do grande poeta francês. Quem se comunicou, através da mesa foi nada mais, nada menos que sua filha Leopoldine. Sua amada filha, morta durante a lua-de-mel, afogada em um lago, num passeio de barco com o marido.

Em "O Evangelho segundo o espiritismo" o espírito de Delphine de Girardin assina a mensagem "A desgraça real" no capítulo V (Bem aventurados os aflitos), item 24.

DEOLINDO AMORIM

Nasceu a 23 de janeiro de 1906, na velha Bahia Desencarnou a 24 de abril de 1984, no Rio de Janeiro Seu corpo foi sepultado no Cemitério de São João Batista. Cerca de 750 pessoas compareceram aos funerais. O Dr. Américo de Oliveira Borges, presidenta da ABRAJEE, exaltou e ressaltou saltou a figura ímpar do homem, do espírita e do Amigo que regressava c Espiritualidade.

Deolindo Amorim fez do Rio de Janeiro o grande ce leiro da cultura do país centro de irradiação da Doutrina Espírita. Deixou a todos nós uma lacuna dificilmente preenchível e uma saudade imorredoura.

Suas obras espíritas merecem lidas e relidas. Citaremos algumas: "Espiritismo e Criminologia"; "O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas"; "O Espiritismo e os Problemas Humanos"; "O Espiritismo à Luz da Crítica"; "Africanismo e Espiritismo".

Colaborou no "Jornal do Comércio" e praticamente em toda a imprensa espírita do país.

Era jornalista, escritor, erudito conferencista, sócio remido da ABI, Presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil e presidente de honra da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas.

Deolindo Amorim privou da amizade de grandes vultos do Espiritismo no Brasil e no exterior, como, por exemplo, Carlos Imbassahy, Leopoldo Machado, Herculano Pires, Leôncio Correia e Humberto Mariotti.

Foi um dos mais ardorosos defensores das obras codificadas por Allan Kardec e profundo admirador de Léon Denis.

Levou o Espiritismo ao meio universitário, proferindo bela conferência no Instituto Pinel da Universidade do Brasil, focalizando o tema: "O Suicídio á luz do Espiritismo".

Conseguiu que se instalasse o Primeiro Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas.

Agia sempre e invariavelmente de forma conciliadora, ponderada, não atacando ninguém, expondo o Espiritismo sem deformações, extasiando a todos com sua didática exemplar.

Embora enfermo, bastante debilitado ante a enfermidade que o acometia, não interrompeu totalmente, nos últimos meses, suas atividades de jornalista e grande conferencista.

Deixou viúva sua amável companheira Delta dos Santos Amorim e três filhos

Rogamos ao Senhor Jesus Cristo que o abençoe na sua gloriosa jornada no Plano incorpóreo, onde passa a pontificar como dos mais capazes e operosos servidores do Mestre Jesus no caminho para a Eternidade!

O Espírita Fluminense

Djalma Montenegro de Farias

Nascido no dia 09 de outubro de 1900, em Recife, filho de conceituado educador, prof. Delmiro Sérgio de Farias e sra. Maria Leopoldina Montenegro de Farias, contraiu matrimônio em 22/12/1928 com a sra. Dulce Lira de Farias. Desse casamento não houve filhos.

Fez os estudos preparatórios no Ginásio Pernambucano, atual Colégio Estadual de Pernambuco e colou grau de professor aos 20 anos, pela Escola Normal Oficial. Foi professor da Escola de Agronomia. Coursou o 1º ano da Faculdade de Medicina, não tendo concluído o curso devido ao desaparecimento de seu pai, assim como pelo seu estado de saúde. Djalma Farias ingressou na Prefeitura do Recife, por concurso, alcançando a primeira colocação.

Possuindo o título de contador, graças aos seus esforços e conhecimentos, chegou ao cargo de contador dessa repartição. Na gestão do prefeito Dr. Novais Filho, desempenhou, em comissão, o cargo de diretor da Fazenda e, quando da renúncia do prof. José dos Anjos, exerceu, interinamente, a

função de prefeito da Capital. Era sócio efetivo da Associação de Imprensa de Pernambuco.

Maçon, fez parte da Loja “Segredo e Amor da Ordem”, onde foi vice-tesoureiro, Venerável e Orador. Convertido à Doutrina Espírita muito jovem, dedicou-se ao estudo do Espiritismo com tal valor que dentro em pouco iniciava o seu apostolado na tribuna e na Imprensa. Espírita perquiridor, estudioso, fez uma apreciável cultura geral, adentrando-se na arte de bem escrever, tendo ocupado com realce uma cadeira do Cenáculo Pernambucano de Letras.

Realizou conferências em outros Estados e sua voz era acatada na Federação Espírita Brasileira. Colaborou na revista “A Verdade”, editada pela Federação Espírita Pernambucana; manteve uma coluna espírita no jornal “Diário da Noite” e a revista “Reformador” sempre contou com sua preciosa cooperação. Foi, ainda, colaborador assíduo da Imprensa “Vida Espírita”, no Diário da Noite, do Recife. Foi presidente do Instituto Espírita João Evangelista e da Federação Espírita Pernambucana, fundando em 23/10/1947 a Comissão Estadual de Espiritismo, CEE, da qual foi o seu primeiro presidente. Foi também um dos fundadores da Casa dos Espíritos de Pernambuco.

Aderiu em todos os sentidos ao célebre “Pacto Áureo” de 05/10/1949. Dias após, em visita à Liga Espírita do Brasil, posteriormente Liga Espírita do Estado da Guanabara e hoje Federação Espírita do Rio de Janeiro - proferiu também uma vibrante palestra, em meio a qual perdeu a voz - era o espectro da moléstia que o advertia da sua imprudência, mas, num esforço

extraordinário, conseguiu imprimir forças à matéria que não mais podia acompanhar a eloqüência do seu verbo. Finalizou, contudo, essa sua alocução, que seria a última proferida por esse íntegro apóstolo do Espiritismo, entre aplausos da assistência. Membro da “Liga Estadual Pro Estado Leigo”, participou dos vários movimentos pela manutenção do Pensamento Livre, sob a ação da Coligação Nacional. Em 1943, publicou precioso opúsculo sob o título “Ensaio Sobre e Reencarnação” (recentemente relançado pelo Grupo Espírita Djalma Farias), desenvolvendo esse complexo quanto importante tema, com o poder de uma clarividência de Mestre.

Reconhecendo-lhe os méritos como cidadão e espírita, duas ruas existem em Pernambuco (na Capital e na cidade de Moreno) com o seu nome, assim como dois Centros Espíritas o têm como patrono e orientador espiritual, fazendo-lhe referência expressa em suas denominações (Grupo Espírita Djalma Farias, em Recife, e Centro Espírita Nove de Outubro, em Moreno). Djalma Farias foi um marco do Espiritismo em Pernambuco e seu nome e sua obra ultrapassam os limites do seu Estado. Em 6 de maio de 1950, em Recife, desencarnou, aos 49 anos de idade, o grande trabalhador da Seara de Jesus, abnegado divulgador do Espiritismo - Professor Djalma Montenegro de Farias.

“Grandes Espíritas do Brasil”, de Zeus Wantuil, editado pela Federação Espírita Brasileira

Dominique François Jean Arago

Sua mensagem se encontra inserida no item 8, do capítulo XVIII, da quinta obra da Codificação, sob o item Sinais dos tempos.

Nele se reconhece o físico e astrônomo que foi Dominique François Jean Arago, também matemático. De família de profundas convicções republicanas, seu nascimento data de 26 de fevereiro de 1786, em Estagel, França, perto de Perpignan, tendo ali dado início aos seus estudos. Tal mente brilhante logo se transferiria para a Escola Politécnica de Paris.

Aos 19 anos, foi nomeado Secretário do Observatório de Paris (construído em 1667, pelo arquiteto Claude Perrault, e que é considerado o mais antigo Observatório em atividade, no mundo) e mais tarde seu Diretor. Aos 23 anos, era Professor de Geometria Analítica na Escola Politécnica de Paris e até a idade de 44 anos dedicou-se exclusivamente à Ciência.

Com Biot (Jean-Baptiste, físico e astrônomo francês, nascido em Paris), completou a medida de um arco do meridiano terrestre. Confirmou, de forma experimental, a teoria ondulatória da luz. Descobriu (1820) os fenômenos relativos ao magnetismo rotatório, demonstrando a relação entre as auroras boreais e as variações magnéticas.

Descobriu, junto com Fresnel (Augustin-Jean, físico e engenheiro francês, nascido em Broglie), a polarização cromática da luz, a polarização rotatória e as leis sobre a interferência da luz polarizada.

Suas obras completas, em 13 volumes, foram publicadas após a sua morte, no período de 1854 a 1862. É considerado um grande encorajador dos jovens para a Ciência, tendo sido defensor da reforma do ensino, da liberdade de imprensa e das ciências aplicadas.

Consta que, no ano de 1825, ele foi ganhador da Medalha de Copley (Monsieur Geoffrey

Copley) da Sociedade Real de Londres, considerada a recompensa maior ofertada por

aquela Sociedade à descoberta ou trabalho científico de grande importância ou contribuição para a Ciência.

Casou-se aos 25 anos e foi pai por três vezes.

Politicamente, foi ativo pela causa republicana, desempenhando cargos políticos no governo. Já em 1830, foi eleito deputado pelo Departamento dos Pirineus Orientais e mais tarde por Paris.

Foi Ministro da Marinha e depois Ministro da Guerra, no Governo temporário que tomou o poder após a Revolução de 1848, tendo apresentado inúmeras reformas. Na qualidade de Ministro, promulgou o decreto de abolição da escravatura nas colônias francesas.

A França lhe dedicou um selo, nominando-o como físico e político. Desencarnado em 2 de outubro de 1853, em Paris, tem seu corpo depositado no Cemitério de Père Lachaise, na capital francesa.

Quem batalhou pela Ciência e pela melhor ordem social, bem se revela nas letras que o Codificador inseriu em A Gênese: "A efervescência que por vezes se manifesta em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é coisa fortuita, nem resultado de um capricho; tem sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, inconsciente a princípio, não passando de vago desejo, de aspiração indefinida por alguma coisa melhor, de certa necessidade de mudança, traduz-se por uma surda agitação, depois por atos que levam às revoluções sociais, que, acreditai-o, também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, pois que tudo se encadeia."

Na Espiritualidade, com a visão mais abrangente, ainda conclui: "Quando se vos diz que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra tem que se elevar na hierarquia dos mundos, nada de místico vejais nessas palavras; vede, ao contrário, a execução de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais se quebra toda a má-vontade humana."

1. Enciclopédia Mirador Internacional. vol. 3.

Edward Irving

Edward (1792-1834) foi um escocês nascido em Annan, Dumfries, em 4 de agosto de 1792. Teve uma juventude dura, estudou na universidade de

Edinburgh e exerceu o magistério durante alguns anos. Sendo de físico avantajado, mas de alma nobre, deu prioridade ao burilamento espiritual, aplicando-se como cura, cargo no qual adquiriu, no trato com os homens, o conhecimento com as classes mais pobres.

Uma pequena igreja escocesa em Matton Garden, em Londres, tinha perdido o seu pároco e se achava numa situação crítica, tanto espiritual como financeiramente. Aí, Irving, com a sua eloquência sonora e luminosas explicações do Evangelho, começou a atrair a atenção e, subitamente, a rua humilde nas manhãs de domingo, ficava pilhada de carruagens, e alguns dos mais notáveis homens de Londres, bem como senhoras acotovelavam-se dentro do pequeno templo.

Em 1827, ele foi removido para uma igreja maior em Regent Square, com capacidade para duas mil pessoas e onde havia grande interesse em suas pregações. Muito trabalhador, lutava continuamente para satisfazer as necessidades dos mais humildes, sempre pronto, dia e noite, no cumprimento do seu dever. Em 1828, publicou um volume de sermões intitulado "The doctrine of the incarnation opened" e, em 1830, "The Orthodox and Catholic doctrine of our lord's human nature". Ambos geraram grandes controvérsias e forte oposição das autoridades de sua igreja. Mas um obstáculo maior se achava na sua frente.

Havia uma lenda de que os dons espirituais dos primeiros dias reapareceriam antes do fim do mundo, e entre eles estava o esquecido dom das línguas. No oeste da Escócia começaram a surgir alguns fenômenos, e um emissário foi mandado pela igreja de Irving para

investigar e relatar o caso. Verificou-se que a coisa era exata. As pessoas tinham boa reputação e as estranhas línguas em que falavam eram ouvidas e suas manifestações eram acompanhadas por milagres de cura e outros sinais.

Os fiéis esperavam ansiosos novos acontecimentos. Estes não se fizeram esperar, irromperam na própria igreja de Irving. Foi em julho de 1831 que correu o boato de que certos membros da congregação tinham sido tomados de maneira estranha em suas próprias residências e que discretas manifestações ocorriam na sacristia e outros recintos fechados.

O pastor e seus conselheiros estavam perplexos, sem saber se uma demonstração pública iria ser tolerada. O caso resolveu-se por si mesmo: em outubro do mesmo ano, o prosaico serviço da Igreja da Escócia foi subitamente interrompido pelos gritos de possesos, tanto no serviço matinal, quanto no da noite. A sensação foi considerável e os jornais do dia apareceram cheios de comentários, que estavam longe de ser favoráveis e respeitosos. Os gritos vinham de homens e de mulheres e, no primeiro caso, se reduziam a ruídos que tanto eram meros grunidos quanto linguagem inteiramente desconhecida. Entretanto, em breve, palavras em inglês foram adicionadas aos estranhos ruídos. Em geral eram jaculatórias e preces. Alguns desses ensinamentos não se acomodavam à ortodoxia e, assim, foram considerados obra do diabo. Não havia desenvolvimento: havia o caos. Alguns sensitivos condenavam os outros como heréticos. Levantava-se voz contra voz. O pior de tudo é que alguns "oradores" se convenceram de que seus discursos eram diabólicos. A unidade da Igreja de Irving não resistiu a esse golpe. Houve uma grande cisão e o prédio foi reclamado pelos administradores.

Excomungado em 1833, Irving e os partidários que lhe ficaram fiéis andaram a procura de um novo local, e vieram encontrá-lo na sala usada por Robert Owen, o socialista, filantropo e livre pensador, destinado, vinte anos mais tarde, a ser um dos pioneiros conversos do Espiritismo. Aí, Irving reuniu os fiéis e reorganizou a sua igreja, com o seu anjo, seus presbíteros, seus diáconos, suas línguas e profecias, na melhor reconstituição da primitiva igreja cristã jamais realizada. Todavia, as discussões com teólogos teimosos e recalcitrantes membros de seu rebanho, acabaram por abater a sua alma ardente e devotada. O gigante escocês começou a definhar. As faces tornaram-se cavadas e pálidas. Os olhos brilhavam de febre fatal que o consumia. E assim, trabalhando até o fim, tendo os lábios as palavras "Se eu morrer, morrerei com o Senhor" a sua alma passou para o mundo da luz no dia 7 de dezembro de 1834, em Glasgow.

A boa vontade de Irving não foi suficiente para deixar claro a origem e a finalidade dos fatos mediúnicos com os quais conviveu. Mas muitos assistiram o seu esforço e deixaram-se tocar pelo sopro renovador das idéias novas seguindo a trilha segura, embora áspera, das claridades espirituais, onde ele foi vanguardeiro.

Elisabeth D'Espérance

Elisabeth D'Espérance nasceu em 1849 e desencarnou em 1918. Foi médium de grande projeção, tendo servido de instrumento para as pesquisas encetadas por muitos sábios da época.

Quando ainda mocinha, apareceu em público, através da apresentação de T. P. Barkas, em New Castle. Barkas organizou uma extensa lista de perguntas referentes aos mais variados setores da ciência, que foram respondidas, rapidamente, pela médium, em inglês, alemão e até mesmo em latim.

Madame D'Espérance, que possuía educação de classe média, quando caía em transe mediúnico, externava admiráveis conhecimentos científicos, muitas vezes abordando assuntos completamente desconhecidos daqueles que a interrogavam. Nesse estado, desenhava na mais completa escuridão. Mr. Barkas, referindo-se às sessões realizadas com ela, disse: - "Deve ser geralmente admitido que ninguém pode, por um esforço normal, responder com detalhes, a perguntas críticas obscuras em muitos setores difíceis da ciência com que não se é familiarizado. Além disso, deve-se admitir-se que ninguém pode ver normalmente e desenhá-lo com minuciosa precisão em completa obscuridade; que ninguém pode, por meios normais de visão, ler o conteúdo de uma carta fechada, no escuro; que ninguém, que ignore a língua alemã, possa escrever com rapidez e exatidão longas comunicações em alemão. Entretanto, todos esses fenômenos foram verificados com essa médium e são tão acreditados quanto as ocorrências normais da vida diária."

Madame D'Espérance publicou um livro intitulado "Shadow Land", traduzido para o português com o nome "No País das Sombras" (FEB), através do qual relata seus dons mediúnicos. Diz ela que, na sua infância, brincava com Espíritos de crianças, como se estes fossem crianças reais.

Mais tarde lhe foi acrescentada a faculdade de materialização, pois ela fornecia, em abundância, o fluido chamado “ectoplasma”, que serve para a produção desse fenômeno.

Seu guia espiritual era uma bela moça árabe, que dava o nome de Yolanda. Esse Espírito se materializava constantemente, dada a perfeita afinidade que tinha com a médium. Ela podia ver a forma materializada, conforme descreve em seu livro No País das Sombras.

Muitos outros casos de materialização de objetos foram constatados, entre eles o caso de vinte e sete rosas, descrito por Mr. William Oxley, editor da obra “Angelic Revelation”, e mais uma planta rara (lírio dourado), em flor. Disse ele sobre o fato: - “Eu tinha fotografado a planta -Ixora Crocata - na manhã seguinte, depois do que trouxe para casa e a coloquei na minha estufa, aos cuidados do jardineiro. Ela viveu três meses, depois murchou”.

Foram também obtidos, graças a preciosa faculdade dessa médium, moldagens em parafina, de mãos e de pés, com punhos e tornozelos que, dada a estreiteza dessas partes, não podiam permitir a saída dos membros, a não ser por sua desmaterialização.

Como a maioria dos médiuns de prova, Madame D’Espérance também sofreu muito durante o cumprimento de sua espinhosa missão.

Em um dos trabalhos de materialização realizado na Escandinávia, O Espírito Yolanda foi agarrado por um pesquisador menos avisado, com o intuito de desmascaramento, tendo a médium sofrido grande choque traumático que lhe produziu sério desequilíbrio orgânico, prostrando-a de cama.

E, para encerrar, citemos um trecho do último capítulo do seu livro, que diz: - “Os que vierem depois de mim talvez venham a sofrer quanto eu tenho sofrido pela ignorância das leis de Deus. Quando o mundo for mais sábio do que no passado, é possível que os que tomarem as tarefas na nova geração não tenham que lutar, como lutei, contra o fanatismo estreito e os julgamentos duros dos adversários.”

Emanuel Von Swedenborg

Arthur Conan Doyle a ele se referiu como a maior e mais alta inteligência humana. Em verdade, Emanuel von Swedenborg, nascido em Estocolmo a 29 de janeiro de 1688, filho de um bispo da Igreja luterana sueca, viveu na austera atmosfera evangélica alguns anos de sua vida. Foi profundo estudioso da Bíblia.

Estudou em Upsala e visitou a Alemanha, a França, a Holanda e a Inglaterra, a fim de ampliar seus extensos conhecimentos de matemática, mecânica, astronomia, geologia, mineralogia.

Aos 22 anos publicou um volume de versos latinos e aos 28 foi nomeado assessor de minas do governo sueco. Versátil, tanto quanto Leonardo da Vinci, criou engenhos mecânicos para transportar barcos por terra, analisou a economia da moeda corrente, a produção e o custo do álcool, a aplicação do sistema decimal, a relação entre importações e exportações e a economia nacional.

Próximo aos 30 anos, voltou-se para a paleontologia, a geologia, o estudo dos fósseis e chegou a desenvolver uma avançada teoria sobre a expansão nebular, para explicar a origem do sistema solar. Dedicou-se também aos estudos da Medicina e da Fisiologia. Era hábil em latim, grego, inglês, além de sua língua pátria e chegou a estudar hebraico, a fim de empreender uma reinterpretação do Velho e do Novo Testamento.

A primeira parte de sua vida foi notadamente voltada para o intelecto. Contudo, embora ainda menino tivesse visões, foi em abril de 1744 que se iniciou uma nova etapa, a da investigação em busca de conhecimentos sobre a alma humana relacionada com Deus e o universo numa estrutura da idéia cristã.

Conforme suas palavras, "...o mundo dos Espíritos, do céu e do inferno, abriu-se convincentemente para mim, e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Desde então diariamente o Senhor abria os olhos de meu Espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e Espíritos."

Considerado como um dos precursores das idéias espíritas, em suas obras "Céu e Inferno", "A nova Jerusalém" e "Arcana Caelestia" descreveu o processo da morte e o mundo do além, detalhando sua estrutura. Falou de casas onde viviam famílias, templos onde praticavam o culto, auditórios onde se reuniam para fins sociais. Descreveu várias esferas, representando os graus de luminosidade e de felicidade dos espíritos. Afirmou não existirem anjos e demônios, mas simplesmente seres humanos, saídos da carne e em estado retardatário, ou altamente desenvolvidos. Descartou a possibilidade da existência de penas eternas.

A afirmação de contatos com os espíritos e suas experiências psíquicas, inclusive de dupla vista, atraíram amigos e lhe conquistaram adversários. Suas visões à distância foram detalhadamente investigadas, como a ocorrida no dia 19 de julho de 1759, na cidade de Göteborg, a 480 km. da capital sueca. Naquela tarde, Swedenborg jantou com a família de William Castell, juntamente com mais umas 15 pessoas e descreveu, pálido e alarmado, o incêndio que irrompera às 3 horas daquela tarde e foi dominado às 8 horas da noite, a uma distância de três portas de sua própria casa. Este dia era um sábado e somente na terça-feira, uma mensagem real confirmou os fatos, inclusive o detalhe de ter sido dominado às 8 horas da noite.

Esse homem notável, enérgico quando rapaz e amável na velhice, era bondoso e sereno. Prático, trabalhador, era de estatura alta, delgado, de olhos azuis, apresentando-se sempre impecável com sua peruca até os ombros, roupas escuras, calções curtos, fivelas nos sapatos e bengala.

Desencarnando em 29 de março de 1772, em Londres, cidade onde viveu muitos anos e onde se deu a eclosão da sua mediunidade, apresentar-se-ia 72 anos mais tarde, numa tarde de março de 1844, a um jovem de nome Andrew Jackson Davis, como um de seus mentores, junto ao espírito Galeno, passando a assessorá-lo em sua jornada mediúnica.

Na Codificação, seu nome figura em Prolegômenos, atestando a sua participação efetiva, como membro da equipe do Espírito de Verdade, contribuindo para a instalação da Terceira Revelação junto aos homens.
Relação de suas obras

1734 Opera Philosophica et Mineralia

1740/41 Oeconomia Regni Animalis

1744 Regnum Animale

1749-58 Arcana Coelestia

1758 De Equo Albo in Apocalypsi

1758 De Nova Hierosolyma

1758 De Coelo et Inferno

1769 Apocalypsis Revelata

1769 Summaria Expositio Doctrinae Novae Ecclesia

1771 Vera Christiana Religio

EMÍDIO BRASILEIRO

Emídio Silva Falcão Brasileiro (Irará, Bahia, Brasil, 19 de fevereiro de 1962) é um escritor, advogado, professor universitário, orador e conferencista brasileiro.

É filho primogênito de João Falcão de Albuquerque Brasileiro, farmacêutico, nascido em 1932 e falecido em 1990, e de Jenucy Silva Falcão Brasileiro, enfermeira, nascida em 1942, e irmão de Maria Aparecida, Maria Swely e Antônio Marcos Brasileiro.

Viveu sua infância na Bahia, quando sempre se interessou por assuntos religiosos. Em 1971, conheceu o Espiritismo e participou das atividades do Centro Espírita A Caminho da Luz da cidade de Irará, fundado em 19 de Janeiro de 1948 por José Raphael Carvalho, Elysio Sant'anna e Aristóteles Peixinho.

Em 1978, foi residir em Salvador, onde participou das atividades do Centro Espírita Caminho da Redenção e da Mansão do Caminho.

Em 1982, concluiu o curso de técnico em eletrônica na Escola Técnica Federal da Bahia (hoje CEFET) e, em dezembro do mesmo ano, ingressou, por meio de concurso público, na Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), onde trabalhou na função de técnico em telecomunicações até 1989.

A partir de 1985, inicia a divulgação do Espiritismo no Brasil e no exterior.

Em 1986, transferiu-se, pela Embratel, para Goiânia com o propósito de completar os seus estudos, porque em Salvador não havia a oportunidade de conciliar o trabalho com os estudos devido as sucessivas viagens profissionais.

A partir de 1987, em Goiânia, inicia as suas carreiras de escritor, com livros espíritas e didáticos, de jurista, no magistério superior e na advocacia, e de pesquisador na área de comportamento humano, tornando-se conhecido e respeitado por muitas instituições espíritas, instituições de ensino superior e veículos de comunicação do Brasil e do exterior.

Em 1990, casou com Marislei Brasileiro, com quem tem um casal de filhos, Vinícius e Jenucy, várias obras e pesquisas científicas elaboradas, trabalhos doutrinários e de natureza filantrópica.

É graduado em Direito pela Universidade Federal de Goiás, advogado, com especialização em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (Rio de Janeiro), mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa), doutoramento em Direito pela Universidade Autônoma de Lisboa.

É o responsável pela maior pesquisa sobre comportamento sexual da população brasileira (1994), que deu origem a diversos livros sobre a

temática. Sob a influência deste trabalho, a Assembléia Legislativa do Estado de Goiás instituiu a Educação Sexual nas escolas estaduais de Goiás, como disciplina fundamental ou como tema obrigatório na grade de Ciências. Também essa pesquisa é citada e reconhecida por instituições internacionais e universidades estrangeiras.

Em 2008, concluiu a maior pesquisa no Brasil a respeito do comportamento emocional da população brasileira. Essa pesquisa mobilizou alguns deputados da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás a viabilizar um projeto de lei que institua a Educação Emocional nas escolas estaduais a partir de 2010.

Em sua tese de doutoramento, elaborada na Universidade Autónoma de Lisboa, defende, fazendo uma analogia com a Física e com as leis de Isaac Newton, que assim como existe uma Lei de ação e reação na mecânica também existiria uma lei de ação e reação no Direito Natural.

Exercendo a atividade de professor universitário, ministra aulas de Direito em diversas faculdades em Goiás. Como orador e professor de retórica, ministra cursos de oratória para profissionais de diversas áreas. Como palestrante, ofereceu mais de 3000 conferências em congressos, simpósios, cursos, oficinas, encontros e seminários em diversas instituições governamentais e não governamentais, acadêmicas e religiosas, especialmente em instituições espíritas.

É autor de várias obras espíritas e didáticas. É também especialista em pesquisas sobre a vida de Jesus. É o idealizador e fundador da primeira academia espírita de letras: a Academia Espírita de Letras do Estado de Goiás. Idealizou o dia estadual do Espírita para o estado de Goiás, sendo a data 18 de abril, em comemoração ao lançamento de O Livro dos Espíritos de Allan Kardec. É membro fundador da Academia Goianiense de Letras, na qual foi o primeiro presidente. É também membro da Academia de Letras de Aparecida de Goiânia. É membro das entidades culturais: União Brasileira de Escritores, Associação Goiana de Imprensa, dentre outras. É articulista em jornais e revistas, sempre atuante no sentido de promover a cultura no estado de Goiás e no Brasil.

Brasileiro escreveu livros de cunho espírita publicados pela AB Editora e pela editora Boa Nova:

1988 - Um dia em Jerusalém

1992 - A Caminho do deserto

1996 - Sexo, problemas e soluções

1999 - O sexo nosso de cada dia

1999 - A outra face do sexo

2000 - O Livro dos Evangelhos

2001 - Sabedoria

2001 - Educação Sexual

2002 - 400 maneiras de ser emocionalmente inteligente

2006 - Introdução ao Direito Penal

2008 - Sexualidade, cinema e deficiência

2009 - Educação Emocional

Algumas das Homenagens

2009 - Cidadão Silvaniense

2006 - Grande-Oficial da Ordem do Mérito Anhangüera

2005 - Cidadão Goianiense

2005 - Medalha do Mérito Legislativo Pedro Ludovico Teixeira concedida pela Assembléia Legislativa do Estado de Goiás

2005 - Membro Efetivo da Academia Espírita de Letras do Estado de Goiás

2005 - Membro Efetivo da Academia Goianiense de Letras, Cadeira 1

2004 - Cidadão Goiano, Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, Lei estadual Nº. 15.013 de 01.12.2004

Fonte: Wikipédia.(Clerus)

Emma Hardinge Britten

Desencarnada em 1889.

Nenhuma história do Espiritismo seria completa sem referências a essa notável escritora, que foi denominada Apóstolo Paulo feminino do movimento espírita. Ela era uma mocinha inglesa que havia ido para Nova Iorque com uma empresa de teatro e tinha permanecido nos Estados Unidos, onde viveu em companhia de sua mãe. De educação protestante, repelia com energia qualquer aproximação com os espíritas, entretanto, no

ano de 1856, foi novamente posta em contato com o Espiritismo, quando teve provas irrefutáveis das verdades por ele apregoadas. Logo descobriu que era, também ela, poderosa médium, podendo-se afirmar que um dos casos mais bem documentados, e que alcançou notável sensacionalismo, foi a sua informação de que o navio "Pacific" tinha naufragado no Atlântico médio, perecendo todos os passageiros. Após essa revelação ela foi perseguida pela companhia proprietária do navio, por haver repetido o que lhe havia dito o Espírito de uma das vítimas da catástrofe. Verificou-se posteriormente que a sua informação mediúnica era verdadeira, pois o navio havia realmente naufragado e nunca mais apareceu.

Em 1866 voltou ela para a Inglaterra, onde desenvolveu intensas atividades, produzindo duas grandes obras: "Moderno Espiritualismo Americano" e "Milagres do Século Dezenove", livros esses que representaram interessantes pesquisas, unidas a um raciocínio claro e lógico. No ano de 1870 casou-se com o Dr. Britten, espírita tão devotado quanto ela. Tudo indica que foi uma união realmente feliz.

Em 1878 foram à Austrália e Nova Zelândia, na qualidade de missionários do Espiritismo, ali demorando muitos anos e fundando numerosas sociedades. Quando na Austrália, ela escreveu: "Fé, Fatos e Fraudes da História Religiosa", livro que ainda hoje exerce relativa influência.

Entre outros monumentos de sua autoria, Emma Hardinge Britten fundou "Os Dois Mundos", de Manchester, órgão que ainda atualmente desfruta de grande circulação, representando um veículo publicitário de grande penetração em todo o mundo.

Ernesto Bozzano, um dos maiores escritores espíritas, profundo investigador, homem de ciência, polemista emérito, cuja obra honra e engrandece a Doutrina Espírita, em notável depoimento escrito para a revista "La Luz Del Porvenir", relatou que o livro "Moderno Espiritualismo Americano", lhe foi muito proveitoso no período de sua conversão ao Espiritismo.

A obra de Emma Harding Britten, nos primórdios do Espiritismo, foi das mais relevantes, devendo-se a ela grande número de conversões, inclusive de pessoas de grande projeção na época.

A sua desencarnação aconteceu no ano de 1889.

Emmanuel

Emmanuel, exatamente assim, com dois "m" se encontra grafado o nome do espírito, no original francês "L'évangile selon le spiritisme", em mensagem datada de Paris, em 1861 e inserida no cap. XI, item 11 da citada obra, intitulada "O egoísmo".

O nome ficou mais conhecido, entre os espíritas brasileiros, pela psicografia do médium mineiro Francisco Cândido Xavier. Segundo ele, foi no ano de 1931 que, pela primeira vez, numa das reuniões habituais do Centro Espírita, se fez presente o bondoso espírito Emmanuel.

Descreve Chico: "Via-lhe os traços fisionômicos de homem idoso, sentindo minha alma envolvida na suavidade de sua presença, mas o que mais me impressionava era que a generosa entidade se fazia visível para mim, dentro de reflexos luminosos que tinham a forma de uma cruz."

Convidado a se identificar, apresentou alguns traços de suas vidas anteriores, dizendo-se ter sido senador romano, descendente da orgulhosa "gens Cornelia" e, também sacerdote, tendo vivido inclusive no Brasil.

De 24 de outubro de 1938 a 9 de fevereiro de 1939, Emmanuel transmitiu ao médium mineiro as suas impressões, dando-nos a conhecer o orgulhoso patricio romano Públio Lentulus Cornelius, em vida pregressa Públio Lentulus Sura, e que culminou no romance extraordinário : Há dois mil anos.

Públio é o homem orgulhoso, mas também nobre. Roma é o seu mundo e por ele batalha. Não admite a corrupção, mostrando, desde então, o seu caráter íntegro. Intransigente, sofre durante anos, a suspeita de ter sido traído pela esposa a quem ama. Para ela, nos anos da mocidade, compusera os mais belos versos: "Alma gêmea da minha alma/ Flor de luz da minha vida/ Sublime estrela caída/ Das belezas da amplidão..." e, mais adiante: "És meu tesouro infinito/ Juro-te eterna aliança/ Porque eu sou tua esperança/ Como és todo o meu amor!"

Tem a oportunidade de se encontrar pessoalmente com Jesus, mas entre a opção de ser servo de Jesus ou servo do mundo, escolhe a segunda.

Não é por outro motivo que escreve, ao início da citada obra mediúnica: "Para mim essas recordações têm sido muito suaves, mas também muito amargas. Suaves pela lembrança das lembranças amigas, mas profundamente dolorosas, considerando o meu coração empedernido, que não soube aproveitar o minuto radioso que soa no relógio da minha vida de Espírita, há dois mil anos."

Desencarnou em Pompéia, no ano de 79, vítima das lavas do vulcão Vesúvio, cego e já voltado aos princípios de Jesus.

Cincoenta anos depois, no ano de 131, ei-lo já de retorno ao palco do mundo. Nascido em Éfeso, de origem judia, foi escravizado por ilustres romanos que o conduziram ao antigo país de seus ascendentes. Nos seus 45 anos presumíveis, Nestório mostra no porte israelita, um orgulho silencioso e inconformado. Apartado do filho, que também fora escravizado, tornaria a encontrá-lo durante uma pregação nas catacumbas onde ele, Nestório, tinha a responsabilidade da palavra. Cristão desde os dias da infância, é preso e, após um período no cárcere, por manter-se fiel a Jesus, é condenado à morte.

Junto com o filho, Ciro, e mais uma vintena de cristãos, num fim de tarde, foi conduzido ao centro da arena do famoso circo romano, situado entre as colinas do Célio e do Aventino, na capital do Império. Atado a um poste por grossas cordas presas por elos de bronze, esquelético, munido somente de uma tanga que lhe cobria a cintura, até os rins, teve o corpo varado por

flechas envenenadas. Com os demais, ante o martírio, canta, dirigindo os olhos para o Céu e, no mundo espiritual, é recebido pelo seu amor, Livia.

Pelo ano 217, peregrina na Terra outra vez. Moço, podemos encontrá-lo nas vestes de Quinto Varro, patrício romano, apaixonado cultor dos ideais de liberdade.

Afervorado a Jesus, sente confranger-lhe a alma a ignorância e a miséria com que as classes privilegiadas de Roma mantinham a multidão.

O pensamento do Cristo, ele sente, paira acima da Terra e, por mais lute a aristocracia romana, Varro não ignora que um mundo novo se formava sobre as ruínas do velho.

Vítima de uma conspiração para matá-lo, durante uma viagem marítima, toma a identidade de um velho pregador de Lyon, de nome Corvino. Transforma-se em Irmão Corvino, o moço e se torna jardineiro. Condenado à decapitação, tem sua execução sustada após o terceiro golpe, sendo-lhe concedida a morte lenta, no cárcere.

Onze anos após, renasce e toma o nome de Quinto Celso. Desde a meninice, iniciado na arte da leitura, revela-se um prodígio de memória e discernimento.

Francamente cristão, sofreu o martírio no circo, amarrado a um poste untado com substância resinosa ao qual é ateadado fogo. Era um adolescente de mais ou menos 14 anos.

Sua derradeira reencarnação se deu a 18 de outubro de 1517 em Sanfins, Entre-Douro-e-Minho, em Portugal, com o nome de Manoel da Nóbrega, ao tempo do reinado de D. Manoel I, o Venturoso.

Inteligência privilegiada, ingressou na Universidade de Salamanca, Espanha, aos 17 anos. Aos 21, está na faculdade de Cânones da Universidade, onde freqüenta as aulas de direito canônico e de filosofia, recebendo a láurea doutoral em 14 de junho de 1541.

Vindo ao Brasil, foi ele quem estudou e escolheu o local para a fundação da cidade de São Paulo, a 25 de janeiro de 1554. A data escolhida, tida como o dia da Conversão do apóstolo Paulo, pretende-se seja uma homenagem do universitário Manoel da Nóbrega ao universitário Paulo de Tarso .

O historiador paulista Tito Lívio Ferreira, encerra sua obra "Nóbrega e Anchieta em São Paulo de Piratininga" descrevendo: "Padre Manoel da Nóbrega fundara o Colégio do Rio de Janeiro. Dirige-o com o entusiasmo de sempre. Aos 16 de outubro de 1570, visita amigos e principais moradores. Despede-se de todos, porque está, informa, de partida para a sua Pátria. Os amigos estranham-lhe os gestos. Perguntam-lhe para onde vai. Ele aponta para o Céu.

No dia seguinte, já não se levanta. Recebe a Extrema Unção. Na manhã de 18 de outubro de 1570, no próprio dia de seu aniversário, quando completava 53 anos, com 21 anos ininterruptos de serviços ao Brasil, cujos alicerces construiu, morre o fundador de São Paulo.

E as últimas palavras de Manoel da Nóbrega são: ` Eu vos dou graças, meu Deus, Fortaleza minha, Refúgio meu, que marcastes de antemão este dia para a minha morte, e me destes a perseverança na minha religião até esta hora.'

E morreu sem saber que havia sido nomeado, pela segunda vez, Provincial da Companhia de Jesus no Brasil: a terra de sua vida, paixão e morte."

A título de curiosidade, encontramos registros que o deputado Freitas Nobre, já desencarnado na atualidade, declarou, em programa televisivo da TV Tupi de São Paulo), na noite de 27 para 28 de julho de 1971, que ao escrever um livro sobre Anchieta, teve a oportunidade de encontrar e fotografar uma assinatura de Manuel da Nóbrega, como E. Manuel.

Assim, o E inicial do nome do mentor de Francisco Cândido Xavier se deveria à abreviatura de Ermano, o que, segundo ele, autorizaria a que o nome fosse grafado Emanuel, um "m" somente e pronunciado com acentuação oxítona.

Ave Cristo - Francisco Cândido Xavier/Emmanuel

EMMANUEL - O ESPÍRITO DE LUZ

Não há dúvida de que o Mundo Espiritual e os seres que nele habitam trabalham para nosso crescimento moral e ético, sempre que possível repassando suas mensagens para a humanidade por meio de inúmeros médiuns. E, sem dúvida, todos fazem seu trabalho de acordo com os planos traçados na espiritualidade superior.

No entanto, sempre existem aqueles que se destacam, seja por suas mensagens, sejam por atingirem o coração das pessoas de uma forma diferenciada. E um desses espíritos iluminados que conseguiu conquistar corações e mentes de forma especial foi Emmanuel.

Por muitos anos, Emmanuel foi uma das principais entidades do mundo espiritual a se comunicar por meio da psicografia de Chico Xavier.

Ele deixou inúmeras mensagens de paz, amor e compreensão, além de estudos profundos a respeito do papel do Espiritismo em nosso mundo, e do papel do ser humano no sentido de transformar nosso planeta num lugar melhor para todos.

O nome de Emmanuel está definitivamente associado ao de Chico Xavier e, certamente, a algumas das mensagens mais importantes, profundas e lindas do Espiritismo. Durante anos, o espírito Emmanuel se manifestou por meio do médium mineiro, que desencarnou em 2002, propiciando

informações fundamentais sobre a reencarnação, além de mensagens que ajudaram milhões de pessoas a encontrar seu caminho na vida. Além do que, foi o guia espiritual de Xavier, sempre fornecendo instruções e mensagens reconfortantes, indicando com segurança o rumo que sua vida deveria seguir.

Segundo o próprio Chico Xavier, os contatos com o espírito começaram em 1931. Na época, Chico estava psicografando seu primeiro livro, Parnaso de Além-Túmulo. As menções a esse primeiro contato são contraditórias: uns dizem que o contato ocorreu quando o médium participava de uma de suas reuniões habituais; outros, que foi quando ele se encontrava nas proximidades de um açude. De qualquer forma, foi um contato visual muito forte, de modo que Chico chegou a descrever perfeitamente seu semblante. "Via-lhe os traços fisionômicos de homem idoso", escreveu, "sentindo minha alma envolvida na suavidade de sua presença. Mas o que mais me impressionava era que a generosa entidade se fazia visível para mim, dentro de reflexos luminosos que tinham a forma de uma cruz. Às minhas perguntas naturais, respondeu o bondoso guia: descansa! Quando te sentires mais forte, pretendo colaborar igualmente na difusão da filosofia espiritualista. Tenho seguido sempre os teus passos e só hoje me vê, na tua existência de agora, mas os nossos espíritos se encontram unidos pelos laços mais santos da vida, e o sentimento afetivo que me impele para teu coração tem suas raízes na noite profunda dos séculos".

A questão central em torno desse encontro que provocou tantas transformações no Espiritismo, é que Emmanuel perguntou a Chico se ele estava, de fato, disposto a trabalhar mediunicamente, com Jesus. A resposta, afirmativa, fez com que Emmanuel lhe dissesse que, a partir de então, deveria ter em mente que o serviço que se aproximava lhe exigiria

uma disciplina fora do comum, e uma dedicação total ao trabalho, ao estudo e um esforço contínuo em direção ao bem. Certamente, a escolha não foi por acaso, uma vez que Chico Xavier é, certamente, um dos maiores exemplos de dedicação e amor ao próximo na história da mediunidade mundial.

Inicialmente, o próprio Chico não sabia quem era exatamente o espírito com quem estava se comunicando, uma vez que Emmanuel não se identificou, dizendo apenas ter sido - em sua última passagem como encarnado - um padre católico, que desencarnou no Brasil; diz-se que esse era o padre Manoel da Nóbrega. Quando a revelação finalmente lhe foi fornecida, ficamos sabendo que Emmanuel tinha vivido no tempo de Jesus Cristo, quando era conhecido como Publius Lentulus, e sua imagem foi associada à do senador romano Lentulus.

Em 1939, a Federação Espírita Brasileira publicou o livro Há Dois Mil Anos, psicografado por Chico Xavier, e que traz a autobiografia de Publius Lentulus Cornelius. A história subsequente das encarnações de Emmanuel surgiu com a publicação, em 1940, do livro 50 Anos Depois/ também pela FEB.

Na época em que era senador romano, Lentulus era casado com Lívia, com quem teve uma filha chamada Flávia. O romano era totalmente dedicado à sua atuação no Senado, interessando-se apenas pela política. A esposa seguia os costumes mais moderados da sociedade. "Desde os primeiros tempos do Império", escreveu Emmanuel, "a mulher romana havia-se entregado à dissipação e ao luxo excessivo, em detrimento das obrigações

santificadoras do lar e da família". Lívia, no entanto, estava entre aquelas que se orgulhavam do padrão das antigas virtudes familiares. Já a filha deles, Flávia, sofria com a lepra, uma doença bastante comum na época e considerada sem cura.

Mas as coisas começaram a mudar quando Lentulus foi mandado para Jerusalém, onde os ensinamentos de Jesus já começavam a se tornar comentados e conhecidos por todos. Quando foi para a cidade de Cafarnaum, atendeu o pedido de sua filha, cuja saúde piorava cada vez mais, e levou-a ao encontro do profeta de Nazaré, que lá se encontrava. O momento do encontro trouxe grande emoção ao senador romano, que choorou e sentiu-se incapaz de falar. Jesus lhe disse: "Depois de longos anos de desvio do bom caminho, pelo sendal dos erros clamorosos, encontras, hoje, um ponto de referência para a regeneração de toda a tua vida".

E disse ainda muito mais, até que Publius sentiu um torpor tomar conta de seu corpo, despertando algum tempo depois. Ao retornar à sua casa, viu que sua filha tinha sido curada. Lívia disse ao marido que, em determinado momento, a pequena Flávia sentiu o contato de mãos carinhosas em sua frente e, em seguida, sentou-se em seu leito, com uma nova energia circulando em seu organismo. Ainda assim, Lentulus se recusou a reconhecer em Jesus o autor da cura milagrosa da filha.

Ao final de sua vida, Lentulus se retirou para sua residência em Pompéia, e só então começou a entender plenamente os ensinamentos que Jesus lhe transmitira naquele encontro em Cafarnaum. O ex-senador morreu no ano

79 - quando o Vesúvio entrou em erupção e soterrou Pompéia - e desencarnou com o coração concentrado em Jesus.

O TÍTULO DO LIVRO 50 ANOS

Depois se refere ao período de tempo passado entre a morte de Lentulus em Pompéia e sua encarnação seguinte. O senador retornou ao mundo material como o escravo Nestório, justamente o tipo de homem que o senador tanto prejudicou antes de perceber a verdade das palavras de Jesus.

Nascido na Grécia, mas de origem judia, Nestório tinha grande cultura e, depois de ter sido escravizado, foi comprado por uma família rica de Roma, passando a trabalhar como professor. Ele também era cristão e, segundo conta a história psicografada, participou das pregações evangélicas do apóstolo João Evangelista, em Éfeso. Foi preso por participar das reuniões secretas de cristãos realizadas nas catacumbas das cidades, e foi condenado à morte violenta.

Reencarnou novamente, por volta do ano 217, como Quinto Varro, romano seguidor dos ensinamentos de Jesus e defensor dos ideais de liberdade. Revoltou-se contra as condições em que as classes menos privilegiadas de Roma tinham de viver, mas percebeu que um novo mundo estava para surgir. Assumiu a identidade de Irmão Corvino ao saber de uma conspiração para matá-lo. Quando finalmente foi preso, foi condenado à decapitação, mas a pena foi suspensa e ele morreu lentamente na prisão. Sua

encarnação seguinte ocorreu onze anos após, com o nome de Quinto Celso, que também sofreu o martírio no circo, morrendo queimado aos quatorze anos.

Uma das encarnações muito comentadas de Emmanuel foi como o Padre Manoel da Nóbrega, figura importante na história do Brasil. No entanto, ele apenas revelou ter sido de fato o padre Manoel da Nóbrega numa sessão realizada em 1949. Parte da mensagem psicografada dizia: "O trabalho de cristianização, irradiado sob novos aspectos do Brasil, não é novidade para nós. Eu havia abandonado o corpo físico em dolorosos compromissos no século XV, na Península, onde nos devotávamos ao 'crê ou morre', quando compreendi a grandeza do País que nos acolhe agora. Tinha meu espírito entediado de mandar e querer sem o Cristo. As experiências do dinheiro e da autoridade me haviam deixado a alma em profunda exaustão. Quinze séculos haviam decorrido sem que eu pudesse imolarme por amor do Cordeiro Divino, como o fizera, um dia, em Roma, a companheira do coração. Vi a floresta perder-se de vista e o patrimônio extenso entregue ao desperdício, exigindo o retorno à humanidade civilizada e, entendendo as dificuldades do silvícola reelegado à própria sorte. Nos azares e aventuras da terra dadivosa que parecia sem fim, aceitei a sotaina, de novo, e por Padre Nóbrega conheci de perto as angústias dos simples e as aflições dos degredados. Intentava o sacrifício pessoal para esquecer o fastígio mundano e o desencanto de mim mesmo, todavia, quis o senhor que, desde então, o serviço americano e, muito particularmente, o serviço ao Brasil não me saísse do coração. A tarefa evangelizadora continua. A permuta de nomes não importa. Cremos no reino Divino e pugnamos pela ordem cristã. Desde que conheçamos a governança e a tutela de Cristo, o nome de quem ensina ou de quem faz não altera o programa".

Reencarnado na vila portuguesa de Sanfins, em 18 de outubro de 1517, o padre ficou conhecido como "o primeiro apóstolo do Brasil", para onde veio em 1549, na companhia de Tomé de Souza. Ele desencarnou em 1570 e renasceu cinquenta anos depois, na Espanha, onde foi o padre Damiano, que lutou contra os mercadores de escravos.

Era inevitável que aqueles que não reconhecem a mediunidade de Chico Xavier, ou até mesmo a noção da reencarnação, levantassem dúvidas quanto à veracidade dos relatos e mensagens obtidas pelo médium mineiro. Entretanto, costuma-se citar como prova de que Publius Lentulus realmente existiu e conheceu Jesus uma carta que teria sido encontrada nos arquivos do Duque Cesari, de Roma - documento que, segundo se diz, faz parte da biblioteca da Ordem dos Lazaristas de Roma. Segundo se diz, trata-se de uma inscrição feita em folha de cobre, encontrada no interior de um vaso de mármore. A carta teria sido escrita por Publius Lentulus - senador romano, governador da Judéia, e predecessor de Pôncio Pilatos - e endereçada ao imperador romano Tibério César. Nela, a pedido do imperador, que desejava saber de quem se tratava essa pessoa de quem tanto se falava, Lentulus descreve Jesus.

O texto da carta que vem sendo divulgado diz: "Sabendo que desejas conhecer quanto vou narrar, existe nos nossos tempos um homem, o qual vive atualmente de grandes virtudes, chamado Jesus, que pelo povo é inculcado o profeta da verdade, e os seus discípulos dizem que é o filho de Deus, criador do céu e da terra e de todas as coisas que nela se acham e que nela tenham estado. Em verdade, ó César, cada dia se ouvem coisas

maravilhosas desse Jesus: ressuscita os mortos, cura os enfermos, em uma só palavra. É um homem de justa estatura e é muito belo no aspecto. Há tanta majestade em seu rosto, que aqueles que o vêem são forçados a amá-lo ou temê-lo. Tem os cabelos da cor da amêndoa bem madura; são distendidos até as orelhas, e das orelhas até as espáduas, são da cor da terra, porém mais reluzentes. Tem no meio de sua fronte uma linha separando os cabelos, na forma em uso pelos nazarenos. O seu rosto é cheio, o aspecto é muito sereno. Nenhuma ruga ou mancha se vê em sua face, de uma cor moderada. O nariz e a boca são irrepreensíveis. A barba é espessa, mas semelhante aos cabelos, não muito longa, separada pelo meio. Seu olhar é muito afetuoso e grave; tem os olhos expressivos e claros. O que surpreende é que resplandecem no seu rosto como os raios do sol, porém ninguém pode olhar fixo o seu semblante, porque quando resplande, apavora, e quando ameniza, faz chorar.

Faz-se amar e é alegre com gravidade. Diz-se que nunca ninguém o viu rir, mas, antes, chorar. Tem os braços e as mãos muito belos. Na palestra, contenta muito, mas o faz raramente e, quando dele se aproxima, verifica-se que é muito modesto na presença e na pessoa. É o mais belo homem que se possa imaginar, muito semelhante à sua mãe, a qual é de uma rara beleza, não se tendo jamais visto por estas partes uma mulher tão bela. Porém, se a Majestade Tua, ó Cesar, deseja vê-lo, como no aviso passado escreveste, dá-me ordens, que não faltarei de mandá-lo o mais depressa possível. De letras, faz-se admirar de toda a cidade de Jerusalém; ele sabe todas as ciências e nunca estudou nada. Ele caminha descalço e sem coisa alguma na cabeça. Muitos se riem, vendo-o assim, porém em sua presença, falando com ele, tremem e admiram. Dizem que um tal homem nunca fora ouvido por estas partes. Em verdade, segundo me dizem os hebreus, não se

ouviram, jamais, tais conselhos, de grande doutrina, como ensina este Jesus. Muitos judeus o têm como divino e muitos me querelam, afirmando que é contra a lei de Tua Majestade. Eu sou grandemente molestado por estes malignos hebreus. Diz-se que este Jesus nunca fez mal a quem quer que seja, mas, ao contrário, aqueles que o conhecem e com ele têm praticado, afirmam ter dele recebido grandes benefícios e saúde, porém à tua obediência estou prontíssimo: aquilo que Tua Majestade ordenar será cumprido. Vale, da Majestade Tua, fidelíssimo e obrigadíssimo. Publius Lentulus, presidente da Judéia".

É verdade que nem todos, espíritas ou não, concordam que essa suposta carta realmente exista ou que ela tenha sido escrita pelo Publius Lentulus ao qual Emmanuel se referiu. Na verdade, não se tem notícias mais concretas sobre a descoberta dessa carta, ou mesmo sobre qualquer análise ou datação histórica do suposto documento.

Para o Espiritismo, o mais importante é o que se encontra nas mensagens que Emmanuel deixou para todos, por meio das psicografias de Chico Xavier, e que têm trazido tantas idéias positivas para a humanidade.

Gilberto Schoereder - Revista Espiritismo e Ciência

Enrico Morselli

Especialista em doenças nervosas e mentais, professor da Universidade de Gênova, escreveu a obra intitulada "Psicologia e Espiritismo", na qual relata os fatos por ele observados com a notável médium Eusápia Paladino.

Antes de se converter ao Espiritismo, Enrico Morselli fora cético e materialista obstinado. Publicou, ainda, "Hipótese Espírita e Teoria Científica".

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Epes Sargent

Epes Sargent nasceu no estado americano de Massachusetts em 27 de setembro de 1813 e desencarnou em 30 de dezembro de 1880. Sua vida apresenta muitos pontos de semelhança com a de Allan Kardec, nascido nove anos antes. Ambos produziram excelentes livros didáticos; defenderam com heróica bravura, até o fim de suas vidas, o Espiritismo nascente; diminuíram todas as atividades da vida para tratarem principalmente do novo ideal; foram casados e não tiveram filhos; escreviam com muita clareza, ao alcance de todas as pessoas; dominavam línguas de importância mundial e foram contemporâneos. Estes e outros pormenores revelam que desempenharam o papel de missionários da mesma obra de transformação do mundo materialista em mundo espiritualista, e deixaram livros que cumpre reimprimir sempre até que realizem seu glorioso destino: a conversão da humanidade.

Epes destacou-se como fecundo escritor, sobressaindo-se com marca de genialidade nos inúmeros jornais em que trabalhou, oferecendo ao público milhares de artigos, cujos temas de tão variados, fizeram longas incursões pelos caminhos da filosofia, da moral e da ciência com talentosa fertilidade.

Escreveu narrativas, comédias, tragédias, dramas, e obras primas da poesia tais como Canções do Mar e outros poemas que arrancou elogios dos mais famosos críticos literários americanos. No plano educacional, ele contribuiu sobremaneira, escrevendo obras didáticas para estudante e até para professores, o que lhe conferiu o título de educador emérito, sendo o seu nome citado nos mais longínquos rincões da América. Não havia escola nos Estados Unidos onde o seu nome não figurasse como autor a ser lido e comentado, contribuindo assim para a formação intelectual e o enriquecimento moral da juventude de seu país. Homem de conhecimentos diversificados, dotado de polivalência cultural, não lhe faltavam pedidos para a composição de versos apropriados para ocasiões especiais, principalmente para representações teatrais. De 1852 a 1856 editou em numerosos livros as vidas e produções de célebres poetas ingleses entre eles Thomas Hood, Rogers, Collins, Thomas Campbell, Thomas Gray e Goldsmith, além de traduzir para o seu idioma importantes obras literárias.

Nos últimos 30 anos de sua existência, Sargent veio a interessar-se pelo Espiritismo, estudando-o contínua e profundamente, dedicando muito de suas energias em procurar absorver toda a sabedoria que esta doutrina encerra. Cético a princípio, assistiu a inúmeras experiências e realizando-as igualmente por conta própria, não demorou a convencer-se da veracidade dos fenômenos observados, passando a defender a nova realidade que lhe transformara o intelecto dotando-o agora de uma aura brilhante, fruto do seu entusiasmo e vontade firme. Pensador profundo, espírito indagador e emancipado de preconceitos científicos ou religiosos é soube extrair de fatos a que observou, uma bela e grandiosa filosofia espírita da vida universal e dos destinos do homem, em particular. Sua inteligência e sua

pena materializando belas páginas sobre a consistência do Espiritismo invadiram os maiores periódicos americanos.

Em contínua comunicação com líderes espiritistas de sua pátria e de toda Europa, Epes Sargent mantinha-se informado da evolução teórica do Espiritismo, bem como das pesquisas que homens sérios efetuavam iniciando o soterramento da velha era do materialismo. Em plena atividade literária, Epes contraiu uma afecção pulmonar da qual nunca mais se recuperaria. Nos últimos dois anos de sua vida, seu estado orgânico debilitou-se com o surgimento de um câncer na boca, que lhe impedia a manifestação oral sem contudo neutralizar-lhe as atividades intelectuais concentradas na elaboração da fase final do seu último trabalho: Bases Científicas do Espiritismo. Em 1880 a doença lhe absorveu as últimas reservas de forças vitais. Estava concluída a grandiosa obra da sua vida que jamais seria esquecida.

Nascido no dia 27 de setembro de 1813, na cidade de Gloucester, Massachusetts, Estados Unidos, e desencarnado a 30 de dezembro de 1880. Era filho do mestre de navios Epes Sargent e de Hannah Dane Coffin, e pertencia à linhagem de William Sargent, a quem o governo havia concedido a posse de terras na região de Gloucester, no ano de 1678. Seus ancestrais foram John Winthrop e Joseph Dudley, antigos governantes da colônia inglesa de Massachusetts.

Transferindo seu domicílio de Gloucester para Roxbury, nas vizinhanças de Boston, no ano de 1818, o genitor de Epes Sargent ali se dedicou ao comércio, no que não foi muito feliz, retornando à sua antiga cidade, onde se dedicou novamente à pesca.

Esse descontrole financeiro, no entanto, não afetou o acultramento dos filhos, principalmente por ver em Epes Sargent um jovem superdotado, de inteligência. Por isso matriculou-o na "Escola Latina de Boston" onde ele revelou invulgar tendência para a literatura, tendo-se graduado em 1829. Nessa época visitou a Rússia em companhia de seu pai.

Atingindo a idade dos trinta anos, fez parte do corpo redatorial de importantes periódicos editados na época. Posteriormente tornou-se correspondente político do "Boston Daily Atlas", em Washington.

Na capital norte-americana teve a oportunidade de contrair a amizade de numerosos políticos, especialmente de membros do Partido Liberal Whig, aproveitando o ensejo para ,publicar, em 1842, o seu notável livro "A Vida e os Serviços Públicos de Henry Clay". Logo a seguir lançou a obra "A Noiva de Gênova" e a tragédia "Velasco", escrita também em 1837 e lançada em 1839.

Nessa época partiu para Nova Iorque, onde permaneceu durante oito anos, trabalhando no celebre jornal "The New York Mirror", fazendo parte, logo a seguir, do "The New World" e do "New Monthly Magazine". Não demorou

muito e lançou o seu próprio jornal "Sargent's New Monthly Standard", que teve vida efêmera.

Retornando a Boston, em 1847, participou do corpo redatorial de numerosos órgãos publicitários, dentre eles o "Boston Evening Transcript", "The School Monthly", "The Knickerbocker Magazine" e "The Atlantic Monthly". Justamente no ano que regressou a Boston, deu à publicidade o seu melhor volume de versos, intitulado "Canções do Mar, com outros Poemas".

Sargent casou-se a 10 de maio de 1848, com Elisabeth W. Weld, de Roxbury, não tendo tido descendentes diretos.

As suas atividades no campo educacional foram de grande relevância. Escreveu uma quantidade apreciável de obras destinadas a estudantes e professores, tendo mesmo sido catalogado como educador emérito, tornando-se famoso em toda a América do Norte, na segunda metade do século passado. A sua obra "The Standard Speaker", publicada em Filadélfia no ano de 1852, alcançou mais de sessenta edições. De 1852 a 1873 escreveu numerosos compêndios e manuais de Instrução, os quais foram largamente adotados nos colégios e escolas dos Estados Unidos. Paralelamente publicou, no ano de 1858, outra coleção de "Poemas", com 300 páginas e, em 1870, a narrativa em versos, com o título "The Women who dared", sem contar outras obras de inquestionável valor.

Em 1859 traduziu e publicou no jornal "The Press ", o escrito de Tomás Celano, notável escritor franciscano, sob o título "Dies Irae". A poesia e a música dessa "prosa", cantada nas cerimônias fúnebres, é de grandeza solene e caráter dramático.

Além do elevado número de obras por ele divulgadas, deve-se acrescentar que muitos dos seus escritos foram publicados anonimamente, deixando por isso de serem registrados em enciclopédias.

Nos últimos vinte ou trinta anos de sua fértil existência; Epes Sargent se interessou pelo Espiritismo, estudando-o profundamente após ter sido um dos que combateram e repudiaram os fenômenos insólitos ocorridos em Hydesville e Rochester, através da mediunidade das famosas irmãs Fox.

Manteve correspondência epistolar com numerosos dirigentes espíritas dos Estados Unidos e da Europa. Escreveu numerosos artigos para os órgãos que então se ocupavam da matéria. Foram também de sua autoria as seguintes obras versando sobre Espiritismo: "Revelações do Grande Mistério Moderno Pranchetas, com teorias sobre as mesmas" (Boston, 1869), "Prancheta, ou o Desespero da Ciência face ao Espiritismo" (Boston e Londres, 1869), "A Prova Palpável da Imortalidade (Boston, 1875). Nessa última obra ele descreve os fenômenos de materialização e tece comentários, analisando o Espiritismo face à Teologia, à Moral e à Religião. Finalmente escreveu a obra que se tornou seu canto de cisne "Bases Científicas do Espiritismo" (Boston, 1880), precioso tratado sobre o aspecto científico da doutrina.

Em 1868 havia contraído uma afecção brônquica de que nunca mais ficou livre. No ano de 1872 visitou a Europa, permanecendo algum tempo no sul da França. Como que pressentindo o seu próximo desenlace, pois sua saúde se agravava continuamente, trabalhou dia e noite no afã de terminar "The Scientific Basis of Spiritualism". Finalmente foi acometido de um câncer na boca, o qual logo se propagou, impedindo sua manifestação oral e debilitando sua saúde. No dia 30 de dezembro de 1880 seu Espírito partiu rumo à pátria espiritual, consciente de ter desempenhado uma obra de inegável valor e grande profundidade.

Epes Sargent foi um homem de talento fora do comum. Sua operosidade foi das mais intensas, tendo mesmo merecido de Edgar Allen Poe, que havia tomado conhecimento dos seus escritos anteriormente a 1849, as seguintes palavras: É um dos mais preeminentes membros da extensíssima família Americana - a dos homens de engenho, talento e tato.

O jornal "Boston Evening Transcript", comentando o seu decesso, escreveu: "Qualquer assunto, quando descrito pela sua pena, adquiria uma forma admiravelmente original, como se fora uma nova criação."

Em obra "Bases Científicas do Espiritismo", escreveu ele: "O Espiritismo baseia-se em fatos bem estabelecidos, não só do passado, até onde a História pode alcançar, como do presente. Eles são encontrados em todas as épocas, mas sem uma explicação, apreciando-os englobadamente, porque os atribuíam a faculdades super-humanas ou supramateriais,

exercidas inconsciente e anormalmente pelos chamados "instrumentos humanos", ou por seres invisíveis, manifestando-se inteligentes e capazes de vencer obstáculos materiais, não superáveis por qualquer processo físico da Ciência."

Revista O Semeador – Abril de 1981

2 - EPES SARGENT - TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Epes Sargent, personalidade multiface, foi jornalista, poeta, dramaturgo, novelista, educador, editor e, principalmente na última fase de sua vida, brilhante advogado do Espiritismo.

Nasceu, no dia 27 de Setembro de 1813, no Estado americano de Massachusetts, na cidade de Gloucester, um dos maiores portos de pesca do Mundo. Filho do mestre-de-navio Epes Sargent e de Hannah. Dane Coffin, sua segunda esposa, pertencia à sexta geração de uma família americana descendente de William Sargent, a quem o Governo fizera concessões de terras, em Gloucester, no ano de 1678.

Entre os outros seus primeiros ancestrais, do século XVII, sobressaíram os nomes de John Winthrop e Joseph Dudley, que foram governadores da antiga colônia inglesa de Massachusetts.

O irmão mais velho do nosso biografado, John Osborne Sargent (1811-1891), destacou-se como jornalista e advogado.

Removido, em 1818, de Gloucester para Roxbury (Povoação anexada à cidade de Boston em 1868, sendo hoje um distrito da mesma), o pai de Epes Sargent resolveu ser comerciante em Boston. Todavia, este novo modo de vida foi para ele um desastre, o que o obrigou, pouco mais tarde, a retornar ao mar. Apesar desses reveses, não descurou da educação e instrução dos filhos. Observando em Epes Sargent uma inteligência precoce e ávida de saber, fê-lo entrar, em 1823, para a "Boston Latin School", escola fundada em 1635, hoje a mais antiga dos Estados Unidos. Logo o menino se revelou um aluno talentoso e esforçado, com fortes inclinações para todos os ramos da literatura. Graduou-se em 1829, ano em que interrompeu o seu curso por alguns meses a fim de acompanhar o pai numa viagem à Rússia. "The Literary Journal", publicado pelos estudantes da "Boston Latin School", estampou vários extratos de suas cartas remetidas de São Petersburgo (hoje Leningrado), os quais eram lidos com grande interesse.

Há uma persistente, porém não confirmada tradição - segundo diz um dos seus biógrafos - de que Epes Sargent frequentou o "Harvard College" por um certo período, pois há escritos seus no "Collegian", periódico estudantil dessa Universidade, e no qual seu irmão colaborou, juntamente com o poeta e ensaísta Oliver Wendell Holmes e outros.

Naquela época, a cidade de Boston constituía o principal centro literário dos Estados Unidos, sendo conhecida como a "Atenas da América", importância que conservou até fins do século XIX.

É nesse ambiente de inteligência e cultura que o jovem Sargent desenvolveu suas inatas qualidades de escritor, rapidamente ascendendo na admiração e no respeito da intelectualidade de Boston,

No terceiro decênio de sua existência, pertenceu ao corpo redatorial de importantes periódicos da época, como o "Parley's Magazine", que, dirigido por S. G. Goodrich, foi o principal anuário juvenil daqueles tempos, muito tendo contribuído na divulgação de escritos para a infância; "The New England Magazine"; "Boston Daily Advertiser" e "The Token", espécie de anuário literário ilustrado, de grande popularidade, também editado por Goodrich, de 1827 a 1842, e em cujas páginas colaboraram vários escritores, entre eles N. P. Willis, Longfellow, Catarina Sedgwick, Lídia Francis Child, O maior romancista norte-americano do século XIX, Nathaniel Hawthorne, ali estampou, em primeira mão, muitos dos seus contos.

Por algum tempo desempenhou as funções de correspondente político, em Washington, do "Boston Daily Atlas", folha na qual entrara como redator-chefe aos vinte e um anos de idade.

Na Capital estadunidense, formou muitas relações políticas, especialmente no partido liberal Whig. Como fruto dessas relações, surgiria mais tarde, em 1842, seu notável livro - "The Life and Public Services of Henry Clay" (várias edições posteriores, e, a partir de 1852, com acréscimos de Horace Greeley, jornalista de fama nacional), obra que é, segundo o próprio Henry Clay, a

melhor e a mais autêntica memória até então publicada a respeito de sua vida.

Foi em 1837 que apareceu a primeira produção literária de Epes Sargent, escrita aos 23 anos de idade. Era um drama poético em cinco atos, intitulado - "The Bride of Genoa". Seguiu-se a tragédia "Velasco" escrita em 1837 e dada à luz em 1839, cuja ação se passa na Espanha do século XI. Ambas estiveram em cena, com êxito, no Teatro Tremont, de Boston, e, subsequentemente, em Nova Orleães e Nova Iorque. "Cheia de beleza como um poema", no dizer de Allan Poe, a última peça apresentou no papel de heroína a Srta. Ellen Tree, uma das melhores atrizes do célebre Teatro de Covent-Garden, e foi, tanto quanto o permitiu a sua encenação, bastante aplaudida, alcançando popularidade nos palcos americanos e até mesmo nos ingleses.

Decênios mais tarde, Arthur Hobson Quinn, doutor em Filosofia e decano da Universidade de Pensilvânia, ao escrever sobre as primícias do teatro americano, não deixou de referir-se ao talento dramático de Sargent.

Em 1839, ele partiu para Nova Iorque, onde permaneceu por oito anos, trabalhando no conceituado jornal "The New York Mirror", com um dos seus fundadores, o jornalista e poeta George Pope Morris; no "New Monthly Magazine"; no "The New World", brilhante folha literária, como editor assistente, ao lado do poeta Park Benjamin, seu fundador; e no seu próprio jornal - "Sargent's New Monthly Standard", que só conseguiu manter-se durante o primeiro semestre de 1843.

Em Nova Iorque deu a público, além de "Velasco", várias outras produções de sua autoria, a saber: "Wealth and Worth, or, Which makes the Man?" (1840); "What's to be done?, The Will and the Way" (1841); "The Life and Public Services of Henry Clay" (1842); "Fletwood; or, The Stain of Birth" (1845), sua novela romântica de maior procura.

Na cidade nova-iorquina ele se tornou membro de destaque do "Union Club" e veio a ser um dos fundadores do "New York Club", que adquiriu certo prestígio na época. O primeiro clube supra-referido, fundado em 1836, ainda sobrevive, e todos os seus sócios pertencem a tradicionais famílias americanas, podendo-se ali ver os Van Cortlands, os Van Rensselaers, os Livingtons, os Suydams, os Griswolds, etc.

Retornando a Boston em 1847, deste ano até 1853 foi o editor responsável do "Boston Evening Transcript", o primeiro jornal norte-americano propriamente popular, fundado em 1830. "The School Monthly" convidou-o, em 1858, para o seu corpo de redatores. E a contribuição literária e jornalística de Epes Sargent se estendeu ainda a muitos outros periódicos, entre os quais "The Knickerbocker Magazine" e "The Atlantic Monthly", muito lidos na época. O último, fundado em 1857 pelo poeta James Russell Lowell, estampou trabalhos de grandes figuras literárias de Boston, como Longfellow, Emerson, Hawthorne, Holmes, etc. Foi importante órgão do pensamento nacional e universal de Nova Inglaterra. "The Knickerbocker", um dos primeiros magazines populares de Nova Iorque, apareceu em 1833. Ficou célebre na história do jornalismo americano "The Knickerbocker Gallery", um gift-book (as publicações descritas como anuários literários e

livros-para-presente variavam em muitos aspectos mas, eras presenteados e não vendidos) publicado, em 1855, em benefício do seu editor, o poeta Charles Fenno Hoffman. Abrilhamaram as páginas desse livro os trabalhos dos colaboradores do magazine: Epes Sargent, Washington Irving, Henry W. Longfellow, Oliver Wendell Holmes, William Cullen Bryant, James Russell Lowell, N. P. Willis, T. W. Parsons, J. C. Saxe, Park Benjamin, Rufus W. Criswold, C. F. Briggs e muitos outros famosos escritores da época.

Justamente no ano que voltou para Boston, deu a público o seu melhor volume de versos - "Songs of the sea, with other Poems" (2ª edição em 1849), em grande parte baseado em aventuras ocorridas durante uma viagem a Cuba. Essa obra arrancou elogios de Henry Theodore Tuckerman, Edwin Percy Whipple e Poe, famosos críticos e literatos americanos.

Edgard Allan Poe, em seu trabalho - "The Literati", impresso, em meados de 1846, no "Godey's Lady's Book", declarou que Shells and Sea-Weeds, uma série de poemas constantes naquela obra, era, em sua opinião, "o melhor trabalho em verso do autor, e evidencia uma sutil imaginação, com penetrante apreciação da beleza no cenário natural". Apesar de outros poemas da mesma obra terem real mérito, alcançou grande popularidade, sendo lembrado até hoje, o canto A Life on the Ocean Wave, que chegou a ser musicado pelo famoso cantor e cancionista inglês Henry Russell, cuja bagagem musical se eleva a oitocentas composições, tendo sido uma das mais populares a que musicalizou com a letra de Sargent.

Composições menos líricas, como, por exemplo, The Missing Ship, publicada no "Knickerbocker", A Night Storm at Sect, A Galm, The Gale,

Tropical Weather, foram igualmente consideradas excelentes por Allan Poe. A balada The Light of the Light-House é outra produção de Sargent enaltecida pelo famoso poeta de "O Corvo".

Escritor fértil e talentoso, Sargent, ainda em 1847, publica, em dois volumes, a interessante narrativa, "American Adventure by Land and Sea", seguida, dez anos depois, de outra no mesmo estilo, intitulada "Arctic Adventures by Sea and Land", em cujas páginas descreve, com aquela fluência que lhe era característica, desde as primeiras viagens às terras árticas até as últimas expedições que saíram à procura do célebre almirante e explorador Sir John Franklin.

A 10 de Maio de 1848, casa-se com Elizabeth W. Weld, de Roxbury, não tendo tido descendentes diretos.

A comédia satírica "Change makes change" e a tragédia em cinco atos "The Priestess", ambas editadas em Nova York que, no ano de 1854, foram representadas com êxito nos Estados Unidos e no exterior.

No plano educacional é significativa a contribuição de Sargent. Muitas obras didáticas de sua autoria, para estudantes e até mesmo para professores, tiveram ampla acolhida e consagraram-no como educador emérito, sendo o seu nome conhecido em quase toda a América, na segunda metade do século XIX. Entre outras, e afora as que não lhe levaram o nome, citam-se estas: "The standard speaker" (Filadélfia, 1852), que teve dezenas de edições, mais de sessenta; "Selections in Poetry, for exercises at School and

Home" (Filadélfia, 1852); "The first-class standard reader, for public and private schools" (Nova Iorque, 1854).

Essa série de compêndios e manuais de instrução foram largamente adotados nos colégios e nas escolas estadunidenses. Lisongeiro e bem maior renome veio juntar-se ao que já angariara com os seus apreciados livros de versos, de aventuras, novelas e outras miscelâneas, e com seus trabalhos editoriais. E embora várias de suas produções não tenham tido uma importância duradoura, ele foi, na verdade - conforme acentua um dos seus biógrafos -, "uma força a prol do bem e um líder da educação nos seus dias".

Certo escritor, contemporâneo de Sargent nos seus tempos de mocidade, disse que "ele era um homem de pequena estatura. guapo e elegante, vestido com apuro, a girar uma fina bengala preta polida, parecendo a personificação do bom ânimo", retrato que está mais ou menos de acordo com o que dele traçou Poe em "The Literati", crítico este que escreveu mais isto: "Suas maneiras são distintíssimas."

Em 1858 apareceu outra coleção de "Poems", com 300 páginas, e, em 1870, a narrativa em versos intitulada "The Woman who dared",

Quanto à sua extensa novela "Peculiar; a tale of the great transition" (Nova Iorque, 1863; Londres, 1864, com prefácio de William Howitt), que apresenta quadros das transformações sociais no sul dos Estados Unidos, durante os primeiros anos da Guerra da Secessão, o escritor Francis William

Newman, professor de Latim na University College de Londres. e de Literatura Clássica no New College de Manchester, elogiou-a, dizendo que as personagens são ali como que reveladas fotograficamente. Nova edição apareceu em 1892 com o título - "Peculiar, a hero of the southern rebellion" .

A vida de Sargent era bastante ativa e aos seus múltiplos afazeres se somavam os constantes pedidos que lhe faziam, de versos apropriados para ocasiões especiais, principalmente para representações teatrais. E Samuel Griswold Goodrich, famoso escritor norte-americano, menciona-o em suas "Recollections of a Lifetime" (1856, 11, pág. 275) como um dos que o ajudaram na preparação de vários livros da famosa série Peter Parley. Com este pseudônimo, Goodrich trouxe a público cerca de cem volumes para as crianças, e que vieram atender às necessidades educacionais do seu tempo, sendo vendidos aos milhões de exemplares.

Conhecendo bem os problemas do ensino e os métodos didáticos para um melhor aproveitamento do estudante, de vez em quando ele prelecionava, satisfazendo, assim, a solicitações que lhe eram dirigidas.

De 1852 a 1865, editou, em numerosos livros, as vidas e algumas produções de célebres poetas ingleses, entre eles Thomas Hood, Rogers, Collins, Thomas Campbell, Thomas Gray e Goldsmith. Editou ainda: "Select Works of Benjamin Franklin", com autobiografia, memória e notas (Filadélfia, 1863); "Works of Horace und James Smith" (Nova Iorque, 1857); «The Modern Standard Drama" (15 volumes, 1846-58); "The Mariner's Library", com muitas edições; "Harper's Cyclopaedia of British and American Poetry",

só aparecida póstumamente, em 1881; bem como outras obras de interesse cultural, fato que levou Allan Poe a dizer, em seu escrito "A Chapter on Autography", que, "como editor, Sargent também se distinguiu", acrescentando logo a seguir: "Ele é um cavalheiro de bom gosto e grande talento" (He is a gentleman of taste and high talent).

Sargent traduziu "Dies Irae", de Tomás de Celano, notável escritor franciscano falecido em 1255. A poesia e a música dessa "prosa", cantada nas missas dos mortos, são, segundo os entendidos, de uma grandeza solene e de caráter profundamente dramático.

A referida tradução para o inglês foi publicada com destaque no jornal «The Press» (Filadélfia, 27 de Outubro de 1859) pelo seu ilustre redator literário e crítico dramático Robert Shelton Mackenzie.

Outras obras lhe são ainda devidas, como: "The Critic Criticised: a Reply to a Review of Webster's Orthographiell System in the Demoeratie Review for March, 1856" (Boston, 1856); "Original Dialogues" (1861); "The 'Wonders on the Artic World" (Filadélfia, 1873), um relato de todas as pesquisas e descobertas nas regiões polares do Norte. E são vários os escritos de sua autoria, publicados anonimamente, e que as enciclopédias deixaram de registrar.

Nos últimos vinte ou trinta anos de sua existência, Epes Sargent se interessou pelo Espiritismo, estudou-o contínua e profundamente, dedicando-lhe muito de suas energias e de seu talento. E, entretanto, foi

ele um dos cépticos que em 1848 ridicularizou os fenômenos tiptológicos de Rochester, acoimando seus autores de embusteiros. Assistindo, porém, a inúmeras experiências e realizando-as igualmente por conta própria, ele não tardou a convencer-se da realidade dos fenômenos espíritas, na defesa dos quais saiu valentemente em campo. Mas não ficou aí. Pensador profundo. espírito indagador e emancipado de prejuízos científicos ou religiosos, soube brilhantemente extrair dos fatos objetivos uma bela e grandiosa filosofia espírita da vida universal e dos destinos do homem, em particular.

Esteve em correspondência com líderes espiritistas de sua pátria e da Europa, e escreveu, além de muitos artigos para quase todos os periódicos que, nos Estados Unidos e na Inglaterra. se ocupavam do assunto, - "Revelationll of the Great Modern Mystery, Planchette, with theories respetting it" (Boston, 1869), com 28 páginas; "Planchette; or, The Despair of Science: an Account of Modern Spiritualism" (Boston e Londres, 1869), com 404 páginas, obra que faz um amplo relato do Modern Spiritualism, seus fenômenos e as diversas teorias que lhe dizem respeito, acrescido de uma vista geral do Espiritismo na França; "The Proof Palpable of Immortality" (Boston, 1875), com 238 páginas, obra que apresenta uma descrição dos fenômenos de materialização, bem assim comentários sobre o Espiritismo em face da Teologia, da Moral e da Religião; e "The Scientific Basis of Spiritualism" (Boston, 1880), com 372 páginas, obra que no dizer do Prof. C. Moutonnier, da École des Hautes Études Commerciales, de Paris, "é um dos tratados mais completos e mais convincentes que já foram publicados sobre esse tema, e que ficará como um monumento digno de passar à posteridade" .

Escritos com muito saber e com aquela "facilidade" que Poe assinalou na obra literária de Sargent, todos os três últimos livros tiveram inúmeras edições nos Estados Unidos, e por eles se pode inferir o desenvolvimento das idéias do Autor acerca do assunto e a sua atitude serena e científica ante os fatos.

"The Scientific Basis of Spiritualism", que ora se publica em português, em 2ª edição, sob o título - "Bases Científicas do Espiritismo", foi, em verdade, o canto de cisne do eminente escritor norte-americano.

Cerca de doze anos antes, contraíra uma afecção bronquial de que nunca mais se recuperaria. Em 1872 visitou a Europa, passando algum tempo no sul da França. Nos últimos dois anos de vida, sua saúde piorou com uma complicação de doenças. Como que adivinhando o fim próximo, ele redobrava de esforços, dia e noite, na preparação final do livro acima mencionado. Surge-lhe agora na boca um câncer dolorosíssimo. Ràpidamente, a terrível doença lhe vai impedindo a manifestação oral e consumindo as energias, até que, a 30 de Dezembro de 1880, lhe absorve as derradeiras forças vitais. Estava, porém, concluída a grandiosa obra de sua vida, e que nunca ficará esquecida. Prefaciando-a, escreveu com toda a convicção: "O Espiritismo já não é o desespero da Ciência, como o classificara eu no frontispício da minha primeira obra sobre esse assunto. Seus direitos a um reconhecimento científico, da parte dos observadores inteligentes, já não podem ser postos em dúvida."

Transpondo as fronteiras da Pátria espiritual, certamente o receberam, com júbilo, os muitos amigos que o respeitavam e admiravam e que na Terra

foram destacadas figuras das Letras, do Jornalismo e da Política americana, entre eles Henry Clay, Daniel Webster, John C. Calhoun, William Campbell Preston, Samuel Goodrich, Horace Greeley, Park Benjamin e tantos outros. Talvez presente a esta festa de recepção estivesse o próprio Allan Poe, que, desencarnado em 1849, apenas pôde apreciar parte da produção intelectual de Epes Sargent, suficiente, porém, para lhe permitir reconhecer a inteligência promissora do jovem escritor, que aos trinta anos de idade recebia esta referência elogiosa do grande poeta e crítico: "Numa palavra, ele é um das mais proeminentes membros de uma extensíssima Família Americana - a dos homens de engenho, talento e tato."

O jornal ("Boston Evening Transcript", ao traçar-lhe o necrológio, falou de suas raras aptidões jornalísticas, de sua facilidade e precisão. na escrever e do seu excelente senso crítico. "Qualquer assunto, quando, descrito pela sua pena, adquiria uma forma admiravelmente original, como se fora uma nova criação."

Espírito sereno e simples, não era, porém, homem que permanecesse impassível ante a erro ou qualquer coisa que despertasse justa indignação. Nestas circunstâncias, dizia o jornal supramencionado: "tornava-se um antagonista difícil de ser vencido". A força e a virilidade de seus dotes intelectuais, a par de uma linha de conduta nobre e leal, permitiram-lhe triunfar em várias controvérsias, sem que sua memória - conforme assinalou a "Boston Evening Transcript" - se manchasse com malquerenças ou ódios.

A vida de Epes Sargent apresenta muitos pontos de semelhança com a de Allan Kardec, nascido nove anos antes. Ambos produziram excelentes livros didáticos; defenderam com heróica bravura, até ao fim de suas vidas, o Espiritismo nascente; diminuíram todas as outras atividades da vida para tratarem principalmente do novo ideal; foram casados e não deixaram filhos: escreviam com muita clareza, ao alcance de toda a gente; dispunham de línguas de importância mundial; foram contemporâneos.

Com as conquistas da Ciência e da Técnica, o Materialismo vai-se tornando um Moloc sempre mais apavorante para toda a Humanidade e não está longe o dia em que todos os homens o detestem, temam e busquem salvação no Espiritualismo, voltem a estudar essa grande literatura dos cem anos mais recentes, sempre confirmada por fatos novos. O refúgio do homem em Deus será o que fatalmente há-de-ocorrer. FEB

Erasto

Com o respeitável nome de Erasto, cujas comunicações traziam sempre o "cunho incontestável de profundidade e lógica", como disse o próprio Codificador, encontramos duas personalidades, em momentos diferentes da História da Humanidade.

A primeira, afirmativa do próprio Codificador, é de que ele seria discípulo de Paulo de Tarso (O livro dos médiuns, cap. V, item 98). A afirmativa tem procedência. Na segunda epístola a Timóteo, escrita quando prisioneiro em Roma, relata o Apóstolo dos Gentios: "Erasto ficou em Corinto." (IV,20). Segundo consta na epístola aos Romanos, na saudação final, este mesmo

Erasto tinha cargo na cidade, pois se encontra no cap. 16, vers. 23: "Saúda-vos Erasto, tesoureiro da cidade".

Em Atos dos Apóstolos (XIX,22) lemos que Paulo enviou à Macedônia "...dois dos que lhe assistiam, Timóteo e Erasto..." , enquanto ele próprio, Paulo, permaneceu na Ásia. Interessante observar a proximidade dos dois discípulos de Paulo, pois em O Livro dos Médiuns, cap. XIX, encontramos longa mensagem assinada por ambos, a respeito do papel do médium nas comunicações (item 225). Juntos no século I da era cristã, juntos na tarefa da Codificação.

Ainda em O livro dos médiuns são de sua lavra os itens 98, cap. V, algumas respostas a perguntas constantes no item 99, itens 196 e 197 do cap. XVI, itens 230 do cap. XX, onde se encontra a célebre frase: "Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea." Finalmente, na comunicação de nº XXVII. Em O Evangelho segundo o espiritismo, lê-se várias mensagens assinadas por Erasto. A primeira se encontra no cap. I, item 11, a segunda no cap. XX, item 4 e se intitula: Missão dos espíritas, trazendo a assinatura de Erasto, anjo da guarda do médium, aditando oportunamente o Codificador de que o médium seria o sr. d'Ambel.

As demais compõem os itens 9 (Caracteres do verdadeiro profeta) e 10 (Os falsos profetas da erraticidade), ambas datadas de 1862, sendo que na última é o próprio espírito que se identifica como "discípulo de São Paulo", o que igualmente faz no cap. I, item 11 de O evangelho segundo o espiritismo e cap. XXXI, nº XXVII de O livro dos médiuns.

A outra referência a esse espírito se encontra na Revista Espírita, ano de 1869, da Edicel, no índice Biobibliográfico, onde é apresentado como tendo sido Thomaz Liber, dito Erasto, médico, filósofo e teólogo alemão, nascido em 1524 e morrido em 1583. Foi professor de Medicina em Heidelberg e de Moral, em Basiléia.

No campo da Teologia, combateu o poder temporal da Igreja e se opôs à disciplina calvinista e à ordem presbiteriana. Sua posição lhe valeu uma excomunhão, sob suspeita de heresia, sendo reabilitado algum tempo depois.

Suas teorias tiveram muitos partidários, sobretudo na Inglaterra. Legou somas consideráveis aos estudantes pobres, sendo especialmente respeitado por seus gestos de benemerência.

De qualquer forma, o que resta incontestável, segundo Kardec, é que "...era um Espírito superior, que se revelou mediante comunicações de ordem elevadíssima..."(O livro dos médiuns, cap. XIX, item 225)

O que importa realmente é a tarefa desenvolvida à época de Paulo de Tarso e ao tempo de Kardec, por um espírito.

Encarnado, o seu grande trabalho pela divulgação das idéias nascentes do Cristianismo, em um ambiente quase sempre hostil. Desencarnado,

ombreado com tantas outras entidades espirituais, apresentando elucidações precisas em favor da Codificação da Doutrina Espírita, respondendo a questões de vital importância para uma também doutrina nascente, a Terceira Revelação, o Consolador prometido por Jesus.

Revista Reformador (FEB) de outubro 1993 - Um espírito chamado Erasto

Ercole Chiaia

O Dr. Ercole Chiaia, que faleceu em 1905, era também um devoto trabalhador e propagandista, a quem muitos homens notáveis da Europa devem seus primeiros conhecimentos sobre fenômenos psíquicos. Entre outros citam-se Lombroso, o Professor Bianchi, da Universidade de Nápoles, Schiaparelli, Fournoy, o Professor Porro, da Universidade de Gênova e o Coronel de Rochas. Dêle escreveu Lombroso:

"Tendes razão para venerar profundamente a memória de Ercole Chiaia. Num país onde há tamanho horror ao que é novo, é necessária uma grande coragem e uma nobre alma para se tornar apóstolo de uma teoria que defronta o ridículo; e o fazer com aquela tenacidade, aquela energia que sempre caracterizaram Chiaia. É a êle que muitos devem - inclusive eu - o privilégio de ver um mundo novo, aberto à investigação psíquica - e isto pelo único meio que existe para convencer homens de cultura, isto é, pela observação direta."

Sardou, Richet e Morselli renderam tributo ao trabalho de Chiaia (6).

(6) "Annals of Psychical Science", Vol. II (1905), págs.261-262.

Chiaia fêz um importante trabalho orientando Lombroso, o eminente alienista, na investigação do assunto. Depois de suas primeiras experiências com Eusapia Palladino, em março de 1891, escreveu Lombroso: "Sinto-me bastante envergonhado e pesaroso por me haver oposto com tanta tenacidade à possibilidade dos chamados fatos espíritas."

Inicialmente apenas aceitava os fatos e se opunha à teoria a êles associada. Mas já essa aceitação parcial causou sensação na Itália em todo o mundo. Aksakof escreveu ao Dr. Chiaia: "Glória a Lombroso por suas nobres palavras! Glória a você, por sua dedicação!"

O professor Chiaia, de Nápoles, também obteve materializações de espíritos por meio da médium Eusábia Paladino. Não satisfeito de fotografar Espíritos, quis conservar uma lembrança ainda mais comprobativa: a própria forma da aparição. Para isso, imaginou a disposição seguinte: Tomando um prato cheio de farinha, pediu que o Espírito aí imprimisse o seu rosto, a sua mão: o resultado foi conseguido, mas um tanto confuso por causa da friabilidade da substância empregada. Então, teve ele a idéia de utilizar-se da argila dos escultores, e perguntou se o Espírito poderia alí moldar uma cabeça. A vista da resposta afirmativa, a argila foi posta numa mesa coberta com um véu. A sala achava-se em obscuridade quase completa; mas, as cinco pessoas que assistiam à experiência seguraram às mãos uma às outras e, por acréscimo de

prudência, tocaram também mutuamente os pés. Assinalando o Espírito a sua presença, pediu-se-lhe que produzisse o efeito desejado, no que ele consentiu, e, depois de três minutos, declarou que estava terminado.

Abriram-se as janelas e viu-se, então, a massa de argila cavada ou, melhor, comprimida e prestes a receber gesso. A moldagem apresentou uma bela cabeça de homem sem barba, com expressão de grande melancolia. Um escultor, a quem a mostraram, declarou que lhe seria preciso um dia de trabalho para reproduzir em relevo tal obra. A figura estava coberta por um véu, cujas malhas se viam distintamente no gesso e que tinham grande analogia com um tecido de fio. Não correspondia a nenhuma das fazendas que se achavam, então, na sala ou que algumas das pessoas presentes trouxessem em seu vestuário.

Essas experiências reproduziram-se muitas vezes e a modulação deu sempre resultado análogo ao pedido feito, com maior ou menor grau de exatidão e nitidez. Pedia-se ora a frente ou o perfil de um rosto, ora a mão de um homem ou de uma criança, e, em quase todas as vezes, isso foi satisfeito. (15)

"Revue Spirite", ano de 1887

Ernestina Ferreira dos Santos

Nasceu no dia 1º de janeiro de 1879, no Rio de Janeiro; e desencarnou no dia 16 de novembro de 1953, na mesma cidade.

Era filha de Aristides Gonçalves Ferreira e D. Augusta Dias Ferreira

Pequenina perdeu o seu pai, ficando aos cuidados de sua boa e dedicada genitora, que lhe deu esmerada educação. Muito franzina, de saúde delicada, aos cinco anos de idade foi acometida de forte dor na perna esquerda; era o início de porose óssea, que lhe desarticulou o quadril. Depois de uma série de operações dolorosíssimas, teve que amputar a cabeça do fêmur, ficando com uma perna mais curta, valendo-lhe anos de intenso martírio; suas dores eram tamanhas que só se podia penetrar no seu quarto nas pontas dos pés, para evitar-lhe perturbações.

Assim, chegou à juventude nesse martírio constante. Rebelou-se com a religião de seus pais, o catolicismo professado por toda a família. Argumentava então: “Eu sinto eu Deus existe, porém não como O apresentam. Porque eu que nunca fiz mal a ninguém, sofro tanto, enquanto tanta gente perversa tem saúde e vive feliz?” O seu avô, que lhe queria muito bem, ficava horrorizado com esse seu pensamento, dizendo: “Vamos rezar, gente, que nossa Nenê está sendo tentada pelo diabo”.

Sua mãe, professora, viúva, pobre e cheia de filhos, foi transferida para Jacarepaguá. Lá conheceu um casal de fazendeiros, pais de nove filhos, casando-se um deles com sua filha mais velha, daí nascendo um romance de outro filho do casal, com Ernestina, sem esperança de se realizar o enlace em virtude da precariedade de seu estado de saúde.

Ignácio Barbosa dos Santos, dois anos mais velho que Ernestina, apaixonou-se pela sua candura. Era de índole boa e amorosa e passou a ser seu par constante, acompanhando-a sem desanimar, apesar de sua enfermidade e de seu estado de fraqueza. Com 17 anos, tendo sofrido sete operações na perna, andava com dificuldade, com dores atrozes. Mesmo assim, ambos se sentiam cada vez mais apaixonados. Por certo eram espíritos compromissados que se reencontravam.

Devido à sua enfermidade, foi levada a procurar um curador de nome Eduardo Silva, em São Paulo, o qual, embora não sendo espirita, era dotado de faculdades mediúnicas. Nessa época um primo seu presenteou-a com um exemplar de “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

No decurso da viagem ela leu o livro e sentiu que um novo horizonte se descortinou a seus olhos. Nessa época, quando Eduardo Silva impôs suas mãos sobre ela, fez com que sentisse grande melhora em seu estado físico; no hotel ela notou que suas vestes estavam molhadas com uma secreção. Com novas aplicações de passes, suas dores desapareceram por completo.

Sentindo-se curada, dois anos depois consentiu no casamento, tornando-se esposa e mãe. O seu esposo tornou-se enfermeiro desvelado, com profundo sentimento de proteção para o seu defeito físico.

Anos depois de casados, a moléstia tornou a manifestar-se. O médico aconselhou uma intervenção cirúrgica, porém, surgiu em seu caminho um cidadão que professava o Espiritismo, o qual lhe sugeriu a aplicação de

passes, recomendação que ela recebeu com intensa alegria. Nessa época teve a oportunidade de desenvolver a sua mediunidade, dando passividade a um Espírito de nome Ester que, remontando às vidas pretéritas, revelou-lhe as causas do seu sofrimento. Logo em seguida o médico constatou que ela estava radicalmente curada.

Integrando-se no Espiritismo, ela e seu esposo fundaram no próprio lar o “Grupo Espírita Cultivadores da Verdade”, que funcionou algum tempo sob a direção do Sr. Serrão, um amigo da família, tendo posteriormente assumido a sua direção o famoso médium Inácio Bittencourt.

Foi então criado o “Pão dos Pobres”, uma forma de assistência aos necessitados, tendo Ernestina muitas vezes subido os morros, com a ajuda de um garoto, a fim de praticar a sua tarefa assistencial.

Nessa época o seu esposo sofreu um revés financeiro, tendo que liquidar a sua firma. Ernestina fez um concurso na Escola Normal, diplomando-se professora, passando a ajudar o esposo, até que a vida do casal se normalizasse.

A sua aspiração primacial consistia em fundar uma casa para abrigar crianças desamparadas, porém não via possibilidades para isso, pois as disponibilidades eram diminutas; as pessoas que freqüentavam o Grupo eram bastante modestas e pobres. Teresa de Jesus, que se comunicava por seu intermédio, anunciava que, daquela pequenina associação de Pão aos

Necessitados, se desenvolveria grande Casa de Caridade, em futuro muito próximo.

No dia 31 de dezembro de 1918, tudo estava pronto para a distribuição no dia seguinte: os pacotes de gêneros, os cortes de fazenda, roupinhas, brinquedos e até dinheiro em envelope, quando alguém bate à porta, entregando uma lista com a importância de novecentos e trinta mil réis, uma fortuna naquela época. Que fazer com aquele dinheiro todo? Pensou Ernestina, e guardou-o para posterior deliberação. No dia seguinte, 1º de janeiro de 1919, fez-se a distribuição habitual. Era Quarta-feira e, naquela noite, realizou-se a sessão. No final, como de costume veio a comunicação de Teresa de Jesus, dizendo: “O dinheiro que entrou à última hora é a semente para a Casa de Caridade que venho anunciando. Será para as criancinhas mais pobres que encontrardes. Trabalhai, que eu vos ajudarei”.

A alegria foi geral. No mesmo instante, lavrou-se a ata da fundação e os presentes inscreveram-se como sócios fundadores. A primeira diretoria do Abrigo “Teresa de Jesus” ficou assim constituída: Presidente, Ignácio Bittencourt; Vice-Presidente, Raul Salgado Zenha; Diretora, Ernestina F. dos Santos; Vice-Diretor, Manoel Santos; Tesoureiro, Antônio Batista Coelho; Vice-Tesoureiro, Samuel Caldas; Secretário, Octávio Pereira Legey; Vice-Secretário, Alexandre Dyott Fontenelle; e Procurador, João Esberard.

A sua abnegação e o seu espírito de trabalho, junto às crianças e aos necessitados, sua alma caridosa e sua bondade personificada valeram-lhe, em 1951, o Diploma e a Medalha de “Honra ao Mérito”, outorgados pela Rádio Nacional, num programa dirigido pelo Dr. Paulo Roberto, destinado a

agraciar aqueles que se sobressaíssem pelos benefícios prestados em causas humanitárias.

Não desejamos santificar ninguém, não é esse o nosso objetivo ao desvendar essas grandes vidas, porém mostrá-las como exemplo de abnegação aos pósteros, dizendo-lhes: que mesmo nesta época, em que imperam a maldade e a corrupção, nem tudo está perdido, grandes almas salientam-se pela doçura de sentimentos e força moral, como verdadeiros discípulos de Cristo.

Sua desencarnação deixou à sua retaguarda um rastro de luz, seguido por um punhado de companheiros que, até hoje, sustentam e haverão de sustentar sempre a Casa de “Teresa de Jesus”, instituição modelar no Estado do Rio de Janeiro.

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

ERNESTO BOZANO

Nasceu em 9/01/1862, em Gênova, Itália e desencarnou em 24/06/1943, na mesma localidade. Professor da Universidade de Turim, foi, antes de se converter ao Espiritismo, materialista, céptico, positivista.

Pesquisador profundo e meticuloso, escreveu mais de trinta e cinco obras, todas de caráter científico. Organizador de estudo experimental, com o valioso concurso de 76 médiuns. Elaborou nove monografias inconclusas. Essa a folha de serviço de um dos mais eruditos pensadores e cientistas italianos. Seu nome: Ernesto Bozzano.

Numa época em que o Positivismo empolgava muitas consciências, Bozzano demonstrava-lhe nítida inclinação. Dos postulados positivistas gravitou para uma forma intransigente de materialismo, o que o levou a proclamar mais tarde: Fui um positivista-materialista a tal ponto convencido, que me parecia impossível pudessem existir pessoas cultas, dotadas normalmente de sentido comum, que pudessem crer na existência e sobrevivência da alma.

O fato de representantes da Ciência oficial levarem a sério a possibilidade da transmissão de pensamento entre pessoas que vivem em continentes diferentes, a aparição de fantasmas e a existência das chamadas casas mal-assombradas escandalizava Bozzano.

Somente após ler diversas outras obras é que Ernesto Bozzano resolveu dedicar-se com afinco e verdadeiro fervor ao estudo aprofundado dos fenômenos espíritas, fazendo-o através das obras de Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Paul Gibier, William Crookes, Alexander Aksakof e outros.

Como medida inicial para um estudo profundo, Bozzano organizou um grupo experimental, do qual participaram muitos professores da Universidade de Gênova.

No decurso de cinco anos consecutivos, graças ao intenso trabalho desenvolvido, esse pequeno grupo propiciou vasto material à imprensa italiana e, ultrapassando as fronteiras, chegou a vários países. Havia-se obtido a realização de quase todos os fenômenos, culminando com a materialização de seis Espíritos, de forma bastante visível, e com a mais rígida comprovação.

Dentre as mais de trinta e cinco obras escritas, citamos “A Crise da Morte”, A Hipótese Espírita e as teorias Científicas”, “Animismo ou Espiritismo”, “Comunicações Mediúnicas entre Vivos”, “Pensamento e Vontade”, “Fenômeno de Transfiguração”, “Metapsíquica Humana”, “Os Enigmas da Psicometria”, “Fenômenos de Talestesia”, etc.

O seu devotamento ao trabalho fez com que se tornasse, de direito e de fato, um dos mais salientes pesquisadores dos fenômenos espíritos, impondo-se pela projeção do seu nome e pelo acendrado amor que dedicou à causa que havia esposado e que havia defendido com todas as forças de sua convicção inabalável.

Um fato novo veio contribuir para robustecer a sua crença no Espiritismo. A desencarnação de sua mãe, em julho de 1912, serviu de ponte para demonstração da sobrevivência da alma. Bozzano realizava nessa época

sessões semanais com um reduzido grupo e com a participação de famosa médium. Realizando uma sessão na data em que se dava o transcurso do primeiro ano da desencarnação de sua genitora, a médium escreveu umas palavras num pedaço de papel, as quais, depois de lidas por Bozzano o deixara assombrado. Ali estavam escritos os dois últimos versos do epitáfio que naquele mesmo dia ele havia deixado no túmulo de sua mãe.

Eugène Auguste Albert de Rochas

Nasceu em 20 de maio de 1837 e desencarnou em 2 de setembro de 1914. Foi engenheiro, coronel do Exército e Administrador da Escola Politécnica de Paris.

Por meio de passes longitudinais, aplicados em alguns sensitivos, De Rochas conseguia provocar, nesses pacientes, a regressão da memória, fazendo com que eles se lembrassem, com toda precisão, de fatos ocorridos em várias encarnações passadas.

Essas experiências são bastante conhecidas. O autor assistiu a um trabalho de hipnose, no qual o operador, através de passes, provocou a regressão da memória de um sensitivo até os primeiros meses de sua existência, progredindo, depois. Quando na idade de dez ou doze anos, aproximadamente, apresentava todas as características próprias dessa idade.

De Rochas publicou várias obras, dentre elas "As Vidas Sucessivas", através da qual expõe esses fatos pormemorizados.

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Eugêne Osty

Foi médico neurologista de fama internacional. Exerceu, por muito tempo, a diretoria do Instituto Metapsíquico da França.

Além de notável médico, realizou importantes trabalhos de pesquisas no campo experimental da fenomenologia espírita, tendo declarado, em sua obra "La Connaissance Supranormale", o seguinte:

"Impõe-se a evidência de que estamos diante de um foco dínamo-psíquico, donde emanam manifestações de ilimitado poder. Além do consciente, encontra-se a propriedade de transformar a matéria viva, de torná-la amorfa, de exteriorizá-la e de fazer dela novas formas vivas. Além do consciente, encontra-se a propriedade de perceber o imperceptível, de conhecer o ignorado.

Desconhecem-se, ainda, limitadamente, no fundo do ser humano, os atributos de que os filósofos ornaram o conceito divino – potência criadora, fora do tempo e do espaço. E ninguém está autorizado a

presumir o que a investigação precisa, metódica, progressiva, poderá ainda descobrir."

Como se vê, o Dr. Osty foi um dos que mais se preocuparam com a pesquisa dos fenômenos espíritas abordando-os sob o aspecto puramente científico.

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Eunice Sousa Gabi Weaver

Eunice Sousa Gabi Weaver, nasceu numa fazenda de café, na cidade de São Manoel interior de São Paulo, em 19/09/1902, filha de Henrique Gabbi - carpinteiro, natural da província de Reggio Emilia, Itália - e de Leopoldina Gabbi - natural de Piracicaba/SP. Sua vida foi totalmente dedicada aos portadores do mal de hansen e suas famílias.

Era portadora de beleza particular, impressionava pela altivez sem imposição, pela decisão sem arrogância e pela simplicidade repassada de nobreza. Sua mãe, de origem suíça, falava muitas línguas, imprimia hábitos de estudo e princípios morais austeros. Eram muito amigas, e quando ela morreu moravam em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Foi estudar em São Paulo e, durante as férias na fazenda, ocorreu este fato.

" Começo de século, São Paulo, fazenda de café, próspera. No terreiro, vagaroso como numa procissão, vem entrando um bando em farrapos, os rostos ocultos. São mendigos, doentes, associados na miséria, no abandono da vida, que apanham agasalhos e alimentos deixados na porteira. As crianças da Casa Grande são levadas para dentro, às pressas, portas fechadas, cortinas corridas. Uma das meninas se esconde. Súbito, uma mulher abandona o grupo e aproxima-se. Há nela um vago ar aristocrático, restos de nobreza, voz serena, escondida na sombra do grande chapéu de palha, não se vê o rosto: - "Sou Rosa! Mesmo que não se lembrem de mim, quero agradecer. Meus pais dizem que me suicidei, é melhor assim, seria segregada; joguei minha roupa no rio, pensaram que me afoguei. Casei-me com aquele homem. Nessa vida de cigano é melhor ser um só". Rosa Fernandes fora uma linda jovem, filha de vizinhos, que se tornou cobiçada donzela e que a todos encantava, mas que havia, a algum tempo, desaparecido. Esta moça tinha contraído lepra nos tempos de colégio."

Nunca mais Eunice esqueceria os "Olhos de Rosa", e a partir deste episódio, começava o seu trabalho em benefício dos nossos irmãos chegados, como a Grande Servidora do Bem. Ela talvez não tenha feito nada por Rosa Fernandes, mas o fez por muitas "Rosas" que desabrochavam dos seios de hansenianos, e que por enfermidade de seus pais não podiam permanecer com eles.

Em 1927, reencontrou Charles Anderson Weaver, que havia sido seu professor de latim. Dirigia o Colégio Granbery, havia enviuvado e tratava da edição de seu livro, em São Paulo. Eunice ficou fascinada por sua cultura, inteligência, bondade e brilhantismo de idéias. Quando se

casaram foram morar em Juiz de Fora, onde lecionou História e Geografia. Foi mais do que um simples matrimônio, antes um encontro de almas mutuamente dedicadas, que se reuniram para um sublime ministério de amor e solidariedade humana.

Em seguida, Dr. Weaver foi convidado pela Universidade de Nova Iorque, a dirigir uma universidade flutuante, a bordo de um luxuoso transatlântico, que fazia uma longa viagem, para melhor formação de seus alunos em volta do mundo. Aceitando o honroso convite, partiu do Rio de Janeiro, acompanhado pela esposa em inesquecível cruzeiro de cultura e amor.

Eunice aproveitou para estudar jornalismo, sociologia e filosofia oriental visitando 42 países. Mais tarde, estudou na Columbia University e fez curso de Serviço Social na Universidade de Carolina do Norte (EUA).

Como repórter, trabalhou durante a viagem, viveu um dia inteiro num templo budista, foi até o Himalaia de jumento e entrevistou durante quatro horas Mahatma Ghandi, um dos fatos mais emocionantes de sua vida - "Foi o homem mais próximo de Jesus Cristo que conheci".

Por onde andaram, ela procurou conhecer de perto o problema da lepra, o que em relação a ela se havia feito e o quanto restava por se fazer. Estagiou em numerosos leprosários: nas ilhas Sandwich (no Pacífico Sul), no Egito, na China, no Japão e na Índia. Em todo lugar recolhia material de experiência para o ministério redentor a que iria se entregar totalmente.

De volta ao Brasil, em Juiz de Fora, começou a fazer a campanha de assistência aos leprosos. Foi fundada a Sociedade de Assistência aos Lázaros, pois, em Minas Gerais, nesta época, o problema da lepra era terrível: o trem passava de madrugada, o vagão de segunda classe cheio de doentes encaminhados ao único leprosário em Belo Horizonte, o Santa Isabel; e ela levava à estação, roupas, cobertores e refeições. A recomendação era sempre a mesma: "Dona Eunice, tome conta de nossos filhos, não os deixe passar fome, não permita que fiquem doentes com esta terrível moléstia". Aquilo ficava em seus ouvidos. Sabia que a lepra não era hereditária, e a primeira campanha foi organizar preventório, mais tarde, transformados em educandários, com a preocupação de educar crianças sem recalques, fazendo-as participar da comunidade em condições normais.

Em 1935, com muita coragem, conseguiu convencer o Presidente Getúlio Vargas a ajudar oficialmente a obra, que lhe prometeu dar o dobro do que ela conseguisse junto a sociedade civil. Naquela época, a classe política se esquivava do assunto pois acreditavam que a causa da lepra não daria frutos políticos. Após esse acordo, Eunice passou a viajar por todo o Brasil, lançando a campanha da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

Uma das passagens mais interessantes durante as construções dos Educandários se deu no Amazonas. Eunice estava no canteiro de obras da futura instituição que iria abrigar os filhos dos hansenianos daquela região quando, de repente, um bando de jagunços aparece e tenta impedir a obra sob a alegação que não queriam um leprosário no local, pois na região não existia lepra. Eunice então, sugeriu ao líder dos

jagunços que subissem o rio onde, em poucas horas ela lhe mostraria algum leproso, caso contrário, não construiria o Educandário. Nesse instante, pegaram um barco e subiram o rio. Após várias horas percorrendo o referido rio, nenhum leproso foi encontrado.

Os jagunços, com sua costumeira arrogância e cheios de si por terem conseguido impedir a construção do leprosário, resolveram dar a questão por encerrada. Entretanto, num determinado momento, Eunice vendo uma choupana, disse: "Pare, aqui tem lepra!" Ao descerem do barco concluíram que dentro da choupana haviam mais de trinta leprosos. O líder dos jagunços, atônito com o fato ocorrido, abandonou as suas funções de jagunço e passou a ajudar na construção do Educandário. Surgia naquele momento o primeiro coordenador do Educandário de Manaus.

Dona Eunice Weaver esteve presente, também, em memoráveis labores assistenciais, criando e ajudando obras meritórias surgidas no Brasil, como verdadeira sacerdotisa da fraternidade. Foi a primeira mulher a receber, no Brasil, a Ordem Nacional do Mérito, no grau de Comendador, em Novembro de 1950, e também o troféu internacional "Damien-Dutton" (pela primeira vez outorgado a uma pessoa da América do Sul). Publicou a "Vida de Florence Nightingale", "A Enfermeira" e "A História Maravilhosa da Vida". Representou o nosso país em inúmeros congressos mundiais sobre a doença, organizou serviços contra a lepra no Paraguai, Cuba, México, Guatemala, Costa Rica e Venezuela. Em 1960, Eunice Weaver recebeu o título de Cidadã Carioca ao completar 25 anos na direção da Federação e, em 11/09/1965, por indicação do vereador Pedro de Castro, recebeu o título de Cidadã Honorária de Juiz de Fora. Em

Outubro de 1967, foi para a ONU como delegada brasileira no 12º Congresso Mundial.

Sofreu, entretanto, incompreensões e experimentou amarguras sem fim. Corajosa e arrebatada, possuía elevado caráter, que a permitiu manter-se lutando tenazmente em defesa dos seus "filhos", enfrentando dificuldades compreensíveis e situações complexas, nunca lhe faltando, porém, os auxílios da misericórdia do Senhor, e em hora alguma foi escasso o socorro do céu!

Apesar das dificuldades naturais, no mais, tudo eram felicidades e contínuas alegrias. Mas, a batalhadora Eunice Weaver perde inesperadamente o esposo, rompendo-se o elo de luz que lhe sustentava o equilíbrio no labor de consolação e de misericórdia. Na ausência do sempre solícito esposo, a jornada a sós lhe é mais difícil. Amigos leais buscaram animá-la, confortando-a e encorajando-a para a luta, mas a ausência física do idolatrado companheiro, pungia fortemente.

Entretanto, em 1959, uma de suas amigas a levou até Pedro Leopoldo para conhecer o médium Chico Xavier e, a mensagem de paz e otimismo transmitida pelo médium, lhe deu forças para continuar. Ela, agora sentia que seu marido não a abandonara. E, com garra, voltou a enfrentar todas as tarefas que a vida lhe impusera. Ora era a luta por verbas sempre escassas e difíceis, adiante, os serviços administrativos fatigantes. As viagens contínuas e exaustivas, continuavam sustentadas pelo amor, feito de renúncia pelos menos favorecidos - "Os filhos do Calvário"-,

marchando em direção do amanhã ajudada por centenas de mulheres valorosas que ainda prosseguem inspiradas no seu imorredouro exemplo.

Sempre trabalhando, faleceu em 9 de Dezembro de 1969, aos 67 anos, como sempre vivera: dedicada ao próximo. Terminando de discutir compromissos com o Governo do Rio Grande do Sul, ela voltava feliz na expectativa de melhores dias para aqueles a quem considerava os seus de coração, quando foi subitamente chamada para a Vida Espiritual. Transladado seu corpo ao Rio de Janeiro, lá foi velado na Igreja Metodista e sepultada no Cemitério dos Ingleses, ao lado do seu idolatrado esposo.

Seu trabalho missionário, entretanto, cresceu e prossegue no ministério do socorro e apoio aos hansenianos e suas famílias.

"Gigante como Eunice Weaver não morre; é como a vela: Se gasta no afã de servir, iluminando o caminho de alguém". Rev. Manoel H. da SilvaMário Albino Martins - Coordenador do Educandário Carlos Chagas

Eunice Weaver foi uma das mulheres mais brilhantes do país, dedicando-se toda a vida aos cuidados aos hansenianos. Era detentora do título "A Servidora do Bem".

Eunice Sousa Gabi Weaver nasceu em 1904 em uma fazenda de café de São Manoel, SP e recebeu educação rígida, de princípios morais austeros, por parte de sua mãe, de origem suíça. Era muito bela e impressionava

pela altivez sem imposição, pela decisão sem arrogância e pela simplicidade com nobreza, segundo contam pessoas que conviveram com ela.

Casou-se em 1927 com Charles Anderson Weaver, diretor do Colégio Granbery. Acompanhando o marido, visitou 42 países e estudou Jornalismo, Sociologia, Serviço Social e Filosofia Oriental. Interessou-se pelo problema da lepra e, de volta ao Brasil, fundou em Juiz de Fora a Sociedade de Assistência aos Lázarus.

Todas as madrugadas ela ia para a estação ferroviária dar assistência durante o embarque de leprosos que eram encaminhados ao leprosário de Belo Horizonte. Para cuidar dos filhos dos leprosos – a doença não é hereditária – Eunice Weaver fundou o Educandário Carlos Chagas. Faleceu em 1969.

Eurípidés Barsanulfo

Logo cedo manifestou-se nele profunda inteligência e senso de responsabilidade, acervo conquistado naturalmente nas experiências de vidas pretéritas.

Era ainda bem moço, porém muito estudioso e com tendências para o ensino, por isso foi incumbido pelo seu mestre-escola de ensinar aos próprios companheiros de aula. Respeitável representante político de sua comunidade, tornou-se secretário da Irmandade de São Vicente de Paula, tendo participado ativamente da fundação do jornal "Gazeta de

Sacramento" e do "Liceu Sacramentano". Logo viu-se guindado à posição natural de líder, por sua segura orientação quanto aos verdadeiros valores da vida.

Através de informações prestadas por um dos seus tios, tomou conhecimento da existência dos fenômenos espíritas e das obras da Codificação Kardequiana. Diante dos fatos voltou totalmente suas atividades para a nova Doutrina, pesquisando por todos os meios e maneiras, até desfazer totalmente suas dúvidas. Despertado e convicto, converteu-se sem delongas e sem esmorecimentos, identificando-se plenamente com os novos ideais, numa atitude sincera e própria de sua personalidade, procurou o vigário da Igreja matriz onde prestava sua colaboração, colocando à disposição do mesmo o cargo de secretário da Irmandade.

Repercutiu estrondosamente tal acontecimento entre os habitantes da cidade e entre membros de sua própria família. Em poucos dias começou a sofrer as conseqüências de sua atitude incompreendida.

Persistiu lecionando e entre as matérias incluiu o ensino do Espiritismo, provocando reação em muitas pessoas da cidade, sendo procurado pelos pais dos alunos, que chegaram a oferecer-lhe dinheiro para que voltasse atrás quanto à nova matéria e, ante sua recusa, os alunos foram retirados um a um.

Sob pressões de toda ordem e impiedosas perseguições, Eurípedes sofreu forte traumatismo, retirando-se para tratamento e recuperação em uma cidade vizinha, época em que nele desabrocharam várias faculdades mediúnicas, em especial a de cura, despertando-o para a vida missionária. Um dos primeiros casos de cura ocorreu justamente com sua própria mãe que, restabelecida, se tornou valiosa assessora em seus trabalhos.

A produção de vários fenômenos fez com que fossem atraídas para Sacramento centenas de pessoas de outras paragens, abrigando-se nos hotéis e pensões, e até mesmo em casas de famílias, pois a todos Barsanulfo atendia e ninguém saía sem algum proveito, no mínimo o lenitivo da fé e a esperança renovada e, quando merecido, o benefício da cura, através de bondosos Benfeitores Espirituais.

Auxiliava a todos, sem distinção de classe, credo ou cor e, onde se fizesse necessária a sua presença, lá estava ele, houvesse ou não condições materiais. Jamais esmorecia e, humildemente, seguia seu caminho cheio de percalços, porém animado do mais vivo idealismo. Logo sentiu a necessidade de divulgar o Espiritismo, aumentando o número dos seus seguidores. Para isso fundou o "Grupo Espírita Esperança e Caridade", no ano de 1905, tarefa na qual foi apoiado pelos seus irmãos e alguns amigos, passando a desenvolver trabalhos interessantes, tanto no campo doutrinário, como nas atividades de assistência social.

Certa ocasião caiu em transe em meio dos alunos, no decorrer de uma aula. Voltando a si, descreveu a reunião havida em Versailles, França, logo

após a I Guerra Mundial, dando os nomes dos participantes e a hora exata da reunião quando foi assinado o célebre tratado.

Em 10. de abril de 1907, fundou o Colégio Allan Kardec, que se tornou verdadeiro marco no campo do ensino. Esse instituto de ensino passou a ser conhecido em todo o Brasil, tendo funcionado ininterruptamente desde a sua inauguração, com a média de 100 a 200 alunos, até o dia 18 de outubro, quando foi obrigado a cerrar suas portas por algum tempo, devido à grande epidemia de gripe espanhola que assolou nosso país.

Seu trabalho ficou tão conhecido que, ao abrirem-se as inscrições para matrículas, as mesmas se encerravam no mesmo dia, tal a procura de alunos, obrigando um colégio da mesma região, dirigido por freiras da Ordem de S. Francisco, a encerrar suas atividades por falta de freqüentadores.

Liderado a pulso forte, com diretriz segura, robustecia-se o movimento espírita na região e esse fato incomodava sobremaneira o clero católico, passando este, inicialmente de forma velada e logo após, declaradamente, a desenvolver uma campanha difamatória envolvendo o digno missionário e a doutrina de libertação, que foi galhardamente defendida por Eurípedes, através das colunas do jornal "Alavanca", discorrendo principalmente sobre o tema: "Deus não é Jesus e Jesus não é Deus", com argumentação abalizada e incontestável, determinando fragorosa derrota dos seus opositores que, diante de um gigante que não conhecia esmorecimento na luta, mandaram vir de Campinas, Estado de S. Paulo, o reverendo Feliciano Yague, famoso por suas pregações e

conhecimentos, convencidos de que com suas argumentações e convicções infringiriam o golpe derradeiro no Espiritismo.

Foi assim que o referido padre desafiou Eurípedes para uma polêmica em praça pública, aceita e combinada em termos que foi respeitada pelo conhecido apóstolo do bem.

No dia marcado o padre iniciou suas observações, insultando o Espiritismo e os espíritas, "doutrina do demônio e seus adeptos, loucos passíveis das penas eternas", numa demonstração de falso zelo religioso, dando assim testemunho público do ódio, mostrando sua alma repleta de intolerância e de sectarismo. A multidão que se mantinha respeitosa e confiante na réplica do defensor do Espiritismo, antevia a derrota dos ofensores, pela própria fragilidade dos seus argumentos vazios e inconsistentes.

O missionário sublime, aguardou serenamente sua oportunidade, iniciando sua parte com uma prece sincera, humilde e bela, implorando paz e tranqüilidade para uns e luz para outros, tornando o ambiente propício para inspiração e assistência do plano maior e em seguida iniciou a defesa dos princípios nos quais se alicerçavam seus ensinamentos.

Com delicadeza, com lógica, dando vazão à sua inteligência, descortinou os desvirtuamentos doutrinários apregoados pelo Reverendo, reduzindo-o à insignificância dos seus poucos conhecimentos, corroborado pela manifestação alegre e ruidosa da multidão que desde o princípio confiou

naquele que facilmente demonstrava a lógica dos ensinamentos apregoados pelo Espiritismo.

Ao terminar a famosa polêmica e reconhecendo o estado de alma do Reverendo, Eurípedes aproximou-se dele e abraçou-o fraternalmente e sinceramente, como sinceros eram seus pensamentos e suas atitudes.

Barsanulfo seguiu com dedicação as máximas de Jesus Cristo até o último instante de sua vida terrena, por ocasião da pavorosa epidemia de gripe que assolou o mundo em 1918, ceifando vidas, espalhando lágrimas e aflição, redobrando o trabalho do grande missionário, que a previra muito antes de invadir o continente americano, sempre falando na gravidade da situação que ela acarretaria.

Manifestada em nosso continente, veio encontrá-lo à cabeceira de seus enfermos, auxiliando centenas de famílias pobres. Havia chegado ao término de sua missão terrena. Esgotado pelo esforço despendido, desencarnou no dia 1º de novembro de 1918, às 18 horas, rodeado de parentes, amigos e discípulos. Sacramento em peso, em verdadeira romaria, acompanhou-lhe o corpo material até a sepultura, sentindo que ele ressurgia para uma vida mais elevada e mais sublime.

Eusápia Paladino

Eusápia Paladino foi a primeira médium de efeitos físicos a ser submetida a experiências pelos cientistas da época, tais como César Lombroso, Alexandre Aksakof, Charles Richet e muitos outros.

Nasceu em Nápoles, Itália, em 31 de janeiro de 1854, e desencarnou em 1918, com a idade de sessenta e quatro anos.

Sua mãe morrerá quando ela nasceu e o pai quando ela alcançou a idade de doze anos.

As primeiras manifestações de sua mediunidade consistiram no movimento e levitação de objetos, quando ainda muito jovem, pois contava apenas quatorze anos. Esses fenômenos eram espontâneos e se verificavam na casa de um amigo com quem ela morava. Somente aos vinte e três anos é que, graças a um espírita convicto, Signor Damiani, ela conheceu o Espiritismo.

Por volta do ano 1888 é que Eusápia tornou-se conhecida no mundo científico em virtude de uma carta do Prof. Ércole Chiaia enviada ao criminalista César Lombroso, relatando detalhadamente as experiências já realizadas por ele com a médium, carta essa publicada no jornal "Il Fanfulla dela Domênica".

Entre outras coisas, dizia o missivista:

"A doente é uma mulherzinha de modestíssima condição social, com cerca de trinta anos, robusta, iletrada e cujo passado, porque vulgaríssimo, não merece esquadrinhado; que nada apresenta de notável, a não ser as pupilas de fascinante brilho e essa potencialidade, que os criminalistas diriam irresistível."

Em outro trecho da carta , dizia:

"Quando quiserdes, essa mulherzinha será capaz de, encerrada numa sala, divertir durante horas, por meio de surpreendentes fenômenos, todo um grupo de curiosos mais ou menos céticos, ou mais ou menos acomodaticios".

Através dessa carta, convidava, também, o célebre alienista, a investigar, diretamente, os fenômenos por ele constatados na médium.

Três anos mais tarde, em 1891, Lombroso aceitou o convite, realizando, com Eusápia, uma série de sessões. Esses trabalhos foram seguidos pela Comissão de Milão, integrada pelos professores Schiaparelli, diretor do Observatório de Milão; Gerosa,

Catedrático de física; Ermacora, Doutor em Filosofia, de Munique, e o prof. Charles Richet, da Universidade de Paris. Além dessas sessões, muitas outras foram realizadas, com a presença de homens de ciência, não só da Europa, como também da América.

Lombroso, diante da evidência dos fatos, converteu-se ao Espiritismo, tendo declarado:

"Estou cheio de confusão e lamento haver combatido, com tanta persistência, a possibilidade dos fatos chamados espíritas."

A conversão de Lombroso deveu-se também ao fato de o Espírito de sua mãe haver-se materializado em uma das sessões realizadas com Eusápia.

Antes de encerrarmos esta ligeira exposição sobre a preciosa mediunidade de Eusápia Paladino, convém citarmos um trecho do relatório apresentado pela Comissão de Milão que diz:

"É impossível dizer o número de vezes que uma mão apareceu e foi tocada por um de nós. Basta dizer que a dúvida já não era possível. Realmente, era uma mão viva que víamos e tocávamos, enquanto,

ao mesmo tempo, o busto e os braços da médium estavam visíveis e suas mãos eram seguras pelos que achavam a seu lado."

Como se vê, a Comissão que ofereceu este relatório era constituída por homens de ciência, o que não deixa dúvida quanto à veracidade dos fenômenos por eles constatados.

O prof. Charles Richet, em 1894, também realizou várias sessões experimentais em sua própria casa, obtendo levitações parciais e completas da mesa, além de outros fenômenos de efeitos físicos.

Sir Oliver Lodge, prof. de Filosofia Natural do Colégio de Bedford, Catedrático de Física da Universidade de Liverpool, Reitor da Universidade de Birmingham, e que foi, também, por longos anos, presidente da Associação Britânica de Cientistas, após as experiências realizadas com Eusápia, apresentou um relatório à Sociedade de Pesquisas da Inglaterra, dizendo, entre outras coisas, o seguinte:

"qualquer pessoa, sem invencível preconceito, que tenha tido a mesma experiência, terá chegado à mesma larga conclusão, isto é, que atualmente acontecem coisas consideradas impossíveis... O resultado de minha experiência é convencer-me de que certos fenômenos geralmente considerados anormais, pertencem à ordem

natural e, como um corolário disto, que esses fenômenos devem ser investigados e verificados por pessoas e sociedades interessadas no conhecimento da natureza".

Eis aí, em linhas gerais, o que foi a excepcional mediunidade de Eusápia Paladino, figura de destaque na história do Espiritismo, que veio à Terra para cumprir a sublime missão de demonstrar a sobrevivência do Espírito, após a desencarnação.

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor

Fausto Lex

Nascido em Amparo, Estado de São Paulo, no dia 18 de dezembro de 1878, e desencarnado em São Paulo, Capital, no dia 11 de agosto de 1950.

Era filho do Dr. Mathias Lex e Dona Belisária Pinto Lex. Formou-se no Ginásio do Estado, na capital paulista, a 7 de janeiro de 1902. Permaneceu em São Paulo lecionando em alguns ginásios e trabalhando na Seção de História Natural do Museu Paulista. Aprendeu muito sobre nossos índios e a língua tupi.

Casou-se a 12 de janeiro de 1907, com Dona Lúcia Garrido Lex. Menos de um ano após o casamento, mudou-se para Barretos, boca de sertão, onde foi lecionar na escola isolada, única no local.

Após quatro anos, foi criado o Grupo Escolar de Barretos, onde lecionou durante 8 anos. Como professor, além da dedicação aos alunos, usava métodos didáticos eficientes, fazendo excursões os arredores da cidade, durante as quais ensinava aos alunos noções de Botânica, Zoologia e Geologia.

Fausto Lex dedicava-se também ao desenho, à pintura e aos esportes. Fundou, juntamente com outros intelectuais da cidade, o Grêmio Recreativo de Barretos, que até hoje existe. Artistas de renome internacional eram convidados a se apresentarem nas reuniões do Grêmio.

Em 1920, foi convidado a dirigir o Grupo Escolar de Tatuí. A seguir, foi Delegado Regional do Ensino em Araraquara e São Carlos. Em 1922, publicou “A Pesca”- obra pioneira no gênero e apreciadíssima pelos pescadores. Em 1925, foi nomeado diretor da Escola Normal. Em março de 1932, transferiu-se para Piracicaba, onde se aposentou, como Diretor da Escola Normal, em 1937. Em todas as escolas por onde passou, sua presença foi marcante, como educador emérito, que se dedicava integralmente a seus afazeres, com entusiasmo inusitado. Enérgico, mas amigo dos alunos, fazia-se estimar por todos. Sempre estimulou os esportes entre os normalistas, principalmente o “bola-ao-cesto.

Fausto Lex não ficou inativo após aposentar-se. Dedicava-se às letras, escrevendo para os jornais artigos sobre educação, língua Tupi, astronomia. Proferiu conferências sobre astronomia no Clube de Engenharia, revendo conceitos errôneos, dos livros didáticos da época. Publicou inúmeras poesias de sua autoria e pintou vários quadros a óleo.

Foi nessa época que começou a dedicar-se mais a fundo ao Espiritismo. Até então, vinha argumentando e convencendo individualmente inúmeros educadores, tendo convertido ao Espiritismo numerosos professores das Escolas pelas quais passou. Após a aposentadoria, começou a freqüentar a União Federativa Espírita Paulista em São Paulo, vindo a pertencer à diretoria da antiga Rádio Piratininga, onde procedia à análise e correção de todas as conferências a serem irradiadas. Era muito chegado ao Prof. Pedro de Camargo (Vinícius), convivendo com ele estreitamente. Ambos sempre sonharam uma obra educacional espírita na Capital e envidaram esforços nesse sentido. Em 1949, criado o Instituto Espírita de Educação, do qual Vinícius se tornou Presidente, Fausto Lex passou a fazer parte do Conselho

Foi, também, membro do Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado de São Paulo durante vários anos.

Colaborou nas revistas “O Revelador”, “O Semeador” e em outros órgãos da imprensa espírita. Embora fosse ótimo professor, não tinha o Dom da oratória e jamais fez conferências espíritas.

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Félicité Robert de Lamennais

Nascido em uma família burguesa, em 19 de junho de 1782, em Saint-Malo, na França, foi brilhante escritor, tornando-se uma figura influente e controversa na história da Igreja francesa.

Com seu irmão Jean, concebeu a idéia de reviver o Catolicismo Romano como uma chave para a regeneração social. Chegaram a esboçar um programa de reforma em sua obra : Reflexões do estado da Igreja..., no ano de 1808.

Cinco anos mais tarde, no auge do conflito entre Napoleão e o Papado, os irmãos produziram uma defesa do Ultramontanismo (Doutrina e política dos católicos franceses que buscavam inspiração na Cúria Romana, defendendo a autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina). Este livro valeu a Lamennais um

conflito com o Imperador, ocasionando sua fuga para a Inglaterra, rapidamente, no ano de 1815.

Um ano depois, com seus 34 anos de idade, Lamennais retorna a Paris e é ordenado padre. Escritor fluente, político e filósofo, ele se esforçava para combinar a política liberal com o Catolicismo Romano, depois da Revolução Francesa. Por isso, já em 1817 publicou "Ensaio sobre a indiferença em matéria de religião considerada em suas relações com a ordem política e civil", além de uma tradução da "Imitação de Jesus Cristo". O Ensaio lhe valeu fama imediata.

Nele, Lamennais argumentava a respeito da necessidade da religião, baseando seus apelos na autoridade da tradição e a razão geral da Humanidade, em vez do individualismo do julgamento privado. Embora advogasse o Ultramontanismo na esfera religiosa, em suas crenças políticas era um liberal que advogava a separação do Estado da Igreja, a liberdade de consciência, educação e imprensa.

Depois da revolução de julho, em 1830, Lamennais, junto com Henri Lacordaire (Os expoentes da Codificação XVIII) e Charles de Montalembert, além de um grupo entusiástico de escritores do Catolicismo Romano Liberal, fundou o jornal "L'Avenir". Neste jornal diário, defendia Lamennais os princípios democráticos, a

separação da Igreja do Estado, criando embaraços para si tanto com a hierarquia eclesiástica francesa quanto com o governo do rei Luís Felipe.

O Papa Gregório XVI desautorizou as opiniões de Lamennais na Encíclica Mirari vos, em agosto de 1831. A partir de então, Lamennais passa a atacar o Papado e as monarquias européias, escrevendo o famoso poema "Palavras de um crente", condenado na Encíclica papal Singulari vos, em julho de 1834. O resultado foi a exclusão de Lamennais da Igreja.

Incansável, ele se devotou à causa do povo, colocando sua caneta a serviço do republicanismo e do socialismo. Escreveu trabalhos como "O Livro do Povo "(1838) , "Os afazeres de Roma" e "Esboço de uma Filosofia". Chegou a ser condenado à prisão mas, já em 1848 foi eleito para a Assembléia Nacional, aposentando-se em 1851.

Por ocasião de sua morte, em Paris, em 27 de fevereiro de 1854, não desejando se reconciliar com a Igreja, foi sepultado em uma cova de indigente.

No Mundo Espiritual, não permaneceu ocioso, eis que em O Livro dos Espíritos, na pergunta de número 1009, se encontra uma mensagem de sua lavra, ilustrando a resposta. Nela, revela os

traços da sua fé, concitando as criaturas a aproximar-se do bom pastor e do Pai Criador, combatendo com vigor a crença das penas eternas.

Na mensagem que assina em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XI, item 15, ele se revela o ser compassivo, que conclama as criaturas a obedecer a voz do coração, oferecendo, se for necessário, a própria pela vida de um malfeitor.

Fénelon, Este é o nome literário de François de Salignac de la Mothe, prelado e escritor francês que nasceu no castelo de Fénelon, em Périgord, a 6 de agosto de 1651.

Ordenou-se sacerdote em 1675 e passou a dirigir uma instituição que tinha por objetivo reeducar as jovens protestantes convertidas ao catolicismo. Foi enviado pelo rei, na qualidade de missionário às regiões de Aunis e Saintonge.

Seu Tratado da educação das jovens, que veio à luz em 1687, obra dedicada às filhas do duque de Beauvillier, lhe valeu a nomeação de preceptor do duque de Bourgogne. Aos 42 anos é eleito acadêmico e aos 44 já é arcebispo de Cambrai.

A partir da publicação de sua obra Explicação das máximas dos santos, em 1697, passam a declinar as graças oficiais. Dois anos

mais tarde, a Santa Sé condena a obra e ele é privado de seus títulos e pensões.

Também cai em desgraça perante Luís XIV que descobre críticas a seu governo no romance pedagógico de Fénelon “As aventuras de Telêmaco”, no mesmo ano de 1699. Mesmo no exílio de sua diocese, ele não pára de publicar. E no período de 1700 a 1712 publica Fábulas e Diálogos dos mortos, este último escrito para o duque de Bourgogne.

Deixa transparecer suas esperanças de uma reforma política em O exame de consciência de um rei, enquanto seu apego à Antigüidade clássica transparece em Cartas sobre as ocupações da Academia francesa. 7 de janeiro de 1715 assinala a data da sua morte, ocorrida em Cambrai.

Fénelon figura na Codificação, em vários momentos, podendo ser citados: O livro dos espíritos, onde assina Prolegômenos, junto a uma plêiade de luminares espirituais. Igualmente a resposta à questão de nº 917 é de sua especial responsabilidade.

Em O evangelho segundo o espiritismo apresenta-se em vários momentos, discursando acerca da terceira revelação e da revolução moral do homem (cap. I, 10); o homem de bem e os tormentos

voluntários (cap. V, 22,23; a lei de amor (cap. XI, 9); o ódio (cap. XII, 10) e emprego da riqueza (cap. XVI, 13).

Em O livro dos médiuns figura no capítulo das Dissertações Espíritas (cap. XXXI, 2ª parte, itens XXI e XXII) desenvolvendo aspectos acerca de reuniões espíritas e a multiplicidade dos grupos espíritas.

Importante assinalar que os destaques assinalados são os que o espírito assina seu nome, devendo se considerar que deve, como os demais responsáveis espirituais pela Codificação ter estado presente em muitos outros momentos, dando seu especial contributo, eis que foi convidado pelo Espírito de Verdade a compor sua equipe, em tão grandioso empreendimento.

Fontes: 01.Enciclopédia Mirador Internacional – vol. 10.

Fidelis Augusto Alves

Fidélis Alves foi poeta e orador de inspiração privilegiada. Suas composições, lítero-doutrinárias, de elevado conteúdo moral revelam na espontaneidade do sentimento, a pureza de um coração sensível e bom.

Nascido em São Fidélis, Estado do Rio de Janeiro, em 29 de abril de 1881, aqui chegou em 1921. Foi comerciante, contador e exerceu os cargos de Tesoureiro e Secretário da Prefeitura, eventualmente substituindo ao Prefeito.

Espírita dedicado e atuante, regressou ao mundo espiritual em 12 de maio de 1960, e de lá nos envia a poesia que publicamos, como homenagem de carinhosa saudade à terra que tanto amou.

Abaixo, poesia de autoria do espírito Fidelis Alves, psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na sessão de 24/11/1971, no Centro Espírita “Caminho da Redenção”, em Salvador-BA.

Canto de Saudade

Torrão amado! Paisagens

Onde passei minha vida,

A verde terra querida,

Que não esqueço jamais...

Teus lindos campos infindos,

As glebas férteis vermelhas,

Pitorescas vias e quelhas

Horizontes, os pinhais!

Recordo os pardos em volta,

As belas noites de lua,

O frio cortante na rua

E o fulgor das tuas estrelas!...

Noutro lugar nunca vi.

Serras, cascatas formosas,

Lírios, mirtos: tuas rosas,

Bendita sejas, por tê-las!

Rememoro a ingênua estória

Das pombas da fundação

Guiadas por santa mão

Para os teus solos felizes.

Qual se programasse Deus

Bênçãos de paz e de amores,

Mesclando raças e cores,

Filhos de novos matizes.

As ladeiras e baixadas,

As praças tranqüilas, nobres

Onde dormitam os pobres

E pipilam os pardais ...

Muita coisa está mudada,

Foram-se as velhas gralhas

Agricultores sem falhas

Que semeavam demais...

Lembro a vida que eu fruía

Vejo teus céus chamuscados

Graças aos campos queimados,

Sofro saudades de ti.

Fora do corpo, esse amigo

Que me conduzia a pé.

Ao recanto, em Nazaré

E ao tranqüilo Tibagi!...

Quando eu puder retornar

Desde agora a Deus eu peço,

Quero ajudar teu progresso,

Fazer tudo quanto possa,

Participar da alegria

De construir teu futuro

Espírita-cristão, juro!

Terra amada! Ponta Grossa!

Flávio Ferreira da Luz

Nascido em 18 de Agosto de 1887 na Rua Comendador Araújo, em Curitiba, Capital do Estado do Paraná, onde hoje é a sede da Sociedade Thalia. Faleceu em 20/03/1954. Foram seus pais José Ferreira da Luz e Bertholina Pereira da Luz. Em 1905 matriculou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tendo concluído o curso de Bacharel em Direito em 1909. Contraiu núpcias em 19 de Abril de 1910 com a senhorita Sarah Lopes, que passou a assinar-se Sarah Lopes Luz . Desse casamento houveram cinco filhos: Cid, Clotilde, José, Ruy e Laura. Sucedeu seu genitor como titular do Cartório de Registro de Imóveis do 1º Distrito da Capital.

Foi, em companhia de Nilo Cairo, que era seu concunhado, um dos idealizadores e fundador da atual Universidade do Paraná. Foi

pioneiro da radiofonia no Paraná e um dos fundadores da Rádio Clube Paranaense – a nossa PRB-2.

Ainda muito jovem, já se dedicava as pesquisas no campo do Espiritismo. Em 18-07-915, era incluído nos quadros da Federação Espírita do Paraná, como membro da Comissão Central e já em 14 de Janeiro de 1917 era eleito Presidente, sendo reeleito para os anos de 1918, 1919, 1920 e 1921. Em 1920 participou da primeira comissão organizadora do Hospital Espírita. Sua vida foi por longos anos, dedicada, além da família, às mais diversas atividades sociais e à Causa da Doutrina Espírita.

Companheiro inseparável das atividades Espíritas de Arthur Lins de Vasconcellos, esteve ao seu lado até o ano de 1930. Sua folha de serviços prestados à Federação Espírita do Paraná é uma das mais repletas de dedicação. Assim é que, tendo deixado a Presidência em 1922, a ela voltou em 16 de janeiro de 1927, depois de ter exercido o Cargo de Secretário Geral de 20 de Janeiro de 1923 a Janeiro de 1926. Foi Diretor da Revista de Espiritualismo, onde o brilho de sua pena e o fulgor de sua inteligência, ao lado de seus conhecimentos doutrinários, marcaram estupenda contribuição à divulgação da Doutrina Espírita. Em 1926 foi eleito 1º Vice-Presidente e em 16 de janeiro de 1927 volta à Presidência.

Antes porém, de retornar a Presidência, foi, no ano de 1925, na qualidade de Diretor da Revista Espiritualista e Secretário da Federação, subscritor de um telegrama de protesto dirigido aos poderes públicos, contra a tramitação na Assembléia Legislativa do Paraná, de um projeto de Lei, mandando o Governo do Estado doar à Igreja Católica, para instalação de dois Bispados, de uma gleba de centenas de alqueires de terras pertencentes ao patrimônio do Estado.

Florence Cook

Os primeiros pormenores da vida de Florence são fornecidos por ela própria, em carta dirigida a Mr. Harrison em maio de 1872. Diz a carta: "Tenho 16 anos de idade. Desde a minha infância vejo os espíritos e ouço-os falar. Tinha o costume de sentar-me a sós e conversar com eles. Eles me cercavam e eu os tomava por pessoas vivas. Como ninguém os via nem ouvia, meus pais procuraram inculcar em mim a idéia de que tudo era produto de minha imaginação. Todavia não conseguiram modificar o meu modo de pensar a respeito do assunto e foi assim que passei a ser considerada como uma menina excêntrica.

Na primavera de 1870 fui convidada a visitar uma amiga de colégio. Ela me perguntou se eu já ouvira falar de Espiritismo, acrescentado que seus pais e ela se reuniam em torno de uma mesa. Nessa

situação obtinham certos movimentos; disse que, se eu consentisse, ainda naquela tarde ensaiariam uma experiência comigo".

Miss Cook pediu permissão a sua mãe e, em seguida, realizaram a primeira sessão, obtendo-se a comunicação de um espírito que se dizia ter sido a sua tia. Mais tarde, quando a jovem ficou em pé junto a mesa, esta se ergueu a uma altura de 4 pés. Miss Cook dá continuidade ao seu relato: "Na segunda sessão os espíritos nos deram provas de identidade, mas não chegamos a ficar de todo convencidas. Por fim, recebemos por tipologia, uma comunicação orientando-nos para que deixássemos o aposento em penumbra. Eles me ergueriam e dariam comigo volta à sala. Não consegui conter o riso. Aquilo não era possível.

Entretanto, decidiu-se apagar a luz. Apesar disso, a claridade que entrava pela janela não deixou a sala inteiramente às escuras. De imediato senti que alguém me tirava da cadeira, e, no instante seguinte, fui erguida até o teto, fato que todas as pessoas presentes na sala puderam ver. Sob meu espanto, transportaram-me sobre as cabeças dos assistentes, até que fui posta sobre uma mesa existente no extremo da sala. Minha mãe indagou se podíamos obter esse fenômeno. A mesa respondeu que sim, visto que eu era médium.

Reunimo-nos em nossa casa. Os espíritos quebraram a nossa mesa e duas cadeiras, fazendo ainda outros estragos. Em vista disso, resolvemos que, de modo algum tornaríamos a realizar sessões. Então os espíritos começaram a nos atormentar, atirando sobre mim livros e outros objetos; as cadeiras passeavam sozinhas pela sala, a mesa se erguia violentamente, enquanto fazíamos as refeições, e fortes ruídos eram ouvidos durante a noite, fazendo-nos estremecer de medo. Por fim nos vimos obrigadas a nos reunirmos em torno da mesa e a tentar um diálogo com eles.

Os espíritos disseram que fôssemos a Navarino Street, 74" onde existia uma sociedade espírita. O endereço estava certo. Lá encontramos Mr. Thomas Blyton que nos convidou a assistir a uma sessão onde entrei em transe e, por incorporação, uma entidade disse aos meus pais que, se contássemos com o auxílio de Mr. Herne e Mr. Williams, obteríamos comunicações de valor. Reunimo-nos várias vezes e, finalmente, obtivemos os fenômenos prometidos. O espírito que dirigiu a sessão disse chamar-se Katie King".

No dia 21 de abril de 1872, em sessão organizada para estudos de sua mediunidade, conforme ata publicada no "The Spiritualist", ouviu-se um bater de vidros da janela sem que ninguém descobrisse a causa. Então ouviu-se a voz de um espírito que disse: "Mr. Cook, é preciso que façais desobstruir o canal da calha, se desejais evitar

que os alicerces da casa sofram". Surpresos, os presentes procederam a exame imediato, havendo a confirmação do que fora dito. No dia seguinte, em outra sessão, o espírito Katie King se materializou parcialmente pela primeira vez. Katie mostrou-se na abertura da cortina e falou durante alguns minutos, ocasião em que os presentes puderam acompanhar o movimento de seus lábios.

Florence Cook foi a primeira médium entre os médiuns ingleses a obter materializações integrais em plena luz. Com o avanço das experiências, Florence, que antes, nas materializações parciais permanecia consciente, passou a cair em transe à medida que Katie King ia adquirindo domínio da situação e conseguindo-se mostrar mais perfeitamente. Seu rosto a princípio dava a impressão de ser oco por trás. Mais tarde preencheu-se, os crepes ectoplásmicos se tornaram menos abundantes e, um ano depois, ela já conseguia caminhar do lado de fora da cabine. Quando lhe pediram para se deixar fotografar à luz de flashes, observou-se que a sua semelhança com Florence era muito grande.

Era um problema, e, para provar que era um ser distinto de Miss. Cook, ela alterou a cor de sua face para tons de chocolate e azeviche. Em uma experiência feita logo em seguida, a médium foi amarrada apertadamente pelos assistentes no interior do gabinete. Depois foi observada toda uma gradação de diferenças entre ela e a médium. Estava reservado a Sir William Crookes fornecer as provas

definitivas de que Katie King tinha uma existência à parte da de Miss Cook.

É preciso consignar que foi a própria Florence quem procurou o professor Crookes a fim de solicitar-lhe que investigasse a sua mediunidade. Eis como ela narra o episódio: "Fui à casa de Mr. Crookes sem dizer nada aos meus pais nem aos meus amigos. Ofereci-me como um sacrifício voluntário perante a sua incredulidade. Pouco antes se dera o desagradável incidente com Mr. Volckman. Os que não conheciam o fenômeno dirigiam palavras cruéis contra mim. Mr. Crookes fizera um comentário que me atormentava e foi por isso que me decidi a ir procurá-lo. Ele me recebeu e eu lhe disse: -- Já que acreditais que sou uma impostora, se quiserdes virei submeter-me a experiências em vossa própria casa. Vossa esposa poder vestir-me como quiserdes e deixarei convosco o que tiver trazido.

Podereis vigiar-me como vos aprouver; submeter-me-ei às experiências que desejardes, de modo que vos contenteis em todos os sentidos. Só imponho uma condição: se verificardes que sou agente de uma mistificação, denunciarei-me publicamente; mas se vos certificardes de que os fenômenos são reais e de que eu mais não sou que o instrumento de forças invisíveis, isso direis ao público de modo que todo o mundo tome conhecimento da verdade.

William Crookes aceitou o repto, disso resultando um dos mais tumultuosos e dramáticos episódios da História do Espiritismo.

Após da despedida do espírito Katie King, a mediunidade de Miss Florence foi utilizada por outra entidade que dizia chamar-se Marie, a qual, por mostrar-se cantando e dançando, foi denominada Marie, a dançarina. Em 1899, atendendo a um convite da Sphiny Society, de Berlim, Miss Cook já então Mrs. Corner pelo casamento, assentiu em realizar algumas sessões, nas quais Marie se materializou e produziu fenômenos sensacionais. Por essa altura Florence já se havia casado, em 1874, com um cavalheiro chamado Elgie Corner e vivia em Usk, no País de Gales, onde teve vários filhos.

Em 1904, William Crookes recebeu uma carta, datada de 24 de abril, na qual era-lhe comunicado o falecimento de Mrs. Corner. Ele respondeu expressando viva simpatia e declarando ainda que a vida post-mortem muito devia, quanto à sua certeza, à mediunidade da antiga Miss Florence Cook. Com esse episódio se encerra uma vida que conheceu tanto sensacionalismo quanto o das grandes atrizes da atualidade. A Doutrina Espírita deve eterna gratidão à menina de 15 anos, que, sacrificando sua juventude nos laboratórios dos sábios, prestou os mais relevantes serviços à comprovação científica da imortal obra de Allan Kardec.

Francisco Antônio Bastos

Nascido em São Paulo, no dia 6 de janeiro de 1850 e desencarnado no dia 19 de agosto de 1929, com a idade de 79 anos.

Muito jovem dedicou-se aos trabalhos altruísticos ao lado da grande missionária Anália Franco, fazendo as escritas fiscais de mais de 70 obras assistenciais por ela fundadas no Estado de São Paulo, abrangendo Escolas Maternais, Escolas Elementares, Albergues Noturnos, Colônia Regeneradora, vinte e três lares para crianças abandonadas e um Patronato Agrícola.

A convivência de Anália Franco e Francisco Antônio Bastos no trabalho cristão e espírita da assistência social era tão antigo que, no ano de 1906, apesar de ambos terem mais de 50 anos de idade, resolveram casar-se, unindo assim os seus esforços para que a obra não viesse a sofrer solução de continuidade.

No decurso da I Guerra Mundial profunda crise avassalou as instituições mantidas pelo casal, devido aos cortes nas subvenções oficiais e outros auxílios recebidos da população. Essa situação de emergência fez com que o casal promovesse extensa excursão artística pelas cidades do interior do Estado, levando a "Banda Musical Feminina Regente Feijó", composta por suas educandas e por um Grupo Dramático formado pelas participantes da "Colônia

Regeneradora D. Romualdo". Deste modo foram conseguidos os recursos necessários para a manutenção daquelas instituições: duzentos e trinta contos de réis, pequena fortuna naquela época.

Anália Franco, que após o seu consórcio acrescentou ao seu nome o sobrenome Bastos, imortalizou-se como figura máxima de mulher dedicada e bondosa, conseguindo projetar seu nome em todo o Brasil, dado o seu trabalho infatigável e entrecortado de idealismo. Francisco Antônio Bastos foi o seu assessor mais dedicado, desde os primórdios do seu trabalho, apagando-se na humildade e dando os mais vivos testemunhos na singular prova de amor espiritual, que o ligava àquela renomada seareira.

Após a desencarnação de Anália, ocorrida no dia 13 de janeiro de 1919, como prova de sua dedicação e afeto, fundou o "Asilo de Órfãos Anália Franco", na cidade mineira de Juiz de Fora, fato ocorrido em junho desse mesmo ano, tudo com o objetivo de perseverar na difusão dos benefícios que sua esposa se acostumara a realizar e dos quais o seu magnânimo coração era vasto celeiro.

Na cidade de Juiz de Fora sofreu a incompreensão da população. Encontrou na cidade a mais tenaz resistência, pois dada a sua condição de espírita, esbarrou com a intolerância religiosa ali prevalecente. O povo somente acatava solicitações feitas pela religião majoritária. Batalhador infatigável, sofreu toda a sorte de

perseguições, inspiradas pelo pároco da igreja local, vendo-se finalmente na dura contingência de transferir a sede da instituição para o Rio de Janeiro, onde se instalou em maio de 1922, no bairro do Méier. Com a ajuda de um grupo dedicado de auxiliares, conseguiu receber o apoio irrestrito de muitos, e sem qualquer espírito de hegemonia, elevou a simpática instituição a uma situação bastante privilegiada.

Com o decorrer do tempo conseguiu adquirir bela e acolhedora casa na Rua da Figueira, hoje Avenida Marechal Rondon, no bairro do Rocha, onde a instituição se consolidou de forma definitiva.

É digno de registro que a fundação do Lar dos Órfãos em Juiz de Fora, como salutar exemplo de desprendimento desse grande apóstolo da caridade, deve-se inteiramente ao montepio legado por sua esposa, na importância de dezesseis contos de réis que, num gesto liberal muito do seu feitio, doou à instituição, fazendo questão que essa doação constasse de uma das atas de sua diretoria, lavrada em fins de 1922.

Francisco Antônio Bastos era intemorato empreendedor de obras sociais, deixando entrever o seu espírito sonhador, arguto e realizador, assessorando Anália Franco na disseminação de numerosas obras assistenciais que passaram a constituir uma das mais monumentais realizações da época.

Contagiado pelo espírito de luta de sua companheira desencarnada, ele adquiriu a virtude de tudo vencer sem esmorecimento. Organizou numerosas instituições espíritas onde atuou como dirigente; editou duas revistas: "Nova Revelação" e "Natalício de Jesus", tornando-se o seu redator-chefe, órgãos esses que pertenciam à Colônia Regeneradora D. Romualdo. Sua incrível operosidade, espírito de sacrifício, energia e perseverança no bem, traduziram-se em autênticas conquistas espirituais. Foi também dedicado trabalhador no campo da difusão doutrinária do Espiritismo, proferindo conferências e encetando tarefas de diversos matizes. Foi verdadeiro "pai" para as crianças abrigadas no "Anália Franco", as quais o estimavam e respeitavam sobremaneira, dispensando-lhe carinho e gratidão.

Seu regresso ao plano espiritual foi precedido de insidiosa enfermidade que o prendeu ao leito por vários dias. O venerando velhinho de longas barbas e grande coração foi autêntico seguidor de Jesus Cristo, pois tudo o que fez ele, aprendeu a fazê-lo nas páginas dos Evangelhos, assim como os consoladores ensinamentos que sabia espargir, ele os assimilou nas obras básicas da Doutrina Espírita.

Antônio de Souza Lucena

Francisco Cândido Xavier

O maior e mais prolífico médium psicógrafo do mundo em todas as épocas nasceu em Pedro Leopoldo, modesta cidade de Minas Gerais, Brasil, em 2 de abril de 1910. Vive, desde 1959, em Uberaba, no mesmo Estado. Completou o curso primário, apenas. Pais: João Cândido Xavier e Maria João de Deus, desencarnados em 1960 e 1915, respectivamente. Infância difícil; foi caixeiro de armazém e modesto funcionário público, aposentado desde 1958. Em 7 de maio de 1927 participa de sua primeira reunião espírita. Até 1931 recebe muitas poesias e mensagens, várias das quais saíram a público, estampadas à revelia do médium em jornais e revistas, como de autoria de F. Xavier. Nesse mesmo ano, vê, pela primeira vez, o Espírito Emmanuel, seu inseparável mentor espiritual até hoje.

Desde os 4 anos de idade o menino Chico teve a sua vida assinalada por singulares manifestações. Seu pai chegou, inclusive, a crer que o seu verdadeiro filho havia sido trocado por outro... Aquele seu filho era estranho!... De formação católica, o garoto orava com extrema devoção, conforme lhe ensinara D. Maria João de Deus, a querida mãezinha, que o deixaria órfão aos 5 anos. Dentro de grandes conflitos e extremas dificuldades, o menino ia crescendo, sempre puro e sempre bom, incapaz de uma palavra obscena, de um gesto de desobediência. As "sombras" amigas, porém, não o deixavam... Conversava com a mãezinha desencarnada, ouvia vozes confortadoras. Na escola, sentia a presença delas, auxiliando-o nas

tarefas habituais. O certo é que os seus primeiros anos o marcaram profundamente; ele nunca os esqueceu... A necessidade de trabalhar desde cedo para auxiliar nas despesas domésticas foi em sua vida, conforme ele mesmo o diz, uma bênção indefinível.

Sim, a doença também viera precocemente fazer-lhe companhia. Primeiro os pulmões, quando trabalhava na tecelagem; depois os olhos; agora é a angina.

Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) iniciou, publicamente, seu mandato mediúnico em 8 de julho de 1927, em Pedro Leopoldo. Contando 17 anos de idade, recebeu as primeiras páginas mediúnicas. Em noite memorável, os Espíritos deram início a um dos trabalhos mais belos de toda a história da humanidade. Dezesete folhas de papel foram preenchidas, celeremente, versando sobre os deveres do espírita-cristão.

Depoimento de Chico Xavier: (...) "Era uma noite quase gelada e os companheiros que se acomodavam junto à mesa me seguiram os movimentos do braço, curiosos e comovidos. A sala não era grande, mas, no começo da primeira transmissão de um comunicado do mais Além, por meu intermédio, senti-me fora de meu próprio corpo físico, embora junto dele. No entanto, ao passo que o mensageiro escrevia as dezesete páginas que nos dedicou, minha visão habitual experimentou significativa alteração.

As paredes que nos limitavam o espaço desapareceram. O telhado como que se desfez e, fixando o olhar no alto, podia ver estrelas que tremeluziam no escuro da noite. Entretanto, relanceando o olhar no ambiente, notei que toda uma assembléia de entidades amigas me fitavam com simpatia e bondade, em cuja expressão adivinhava, por telepatia espontânea, que me encorajavam em silêncio para o trabalho a ser realizado, sobretudo, animando-me para que nada receasse quanto ao caminho a percorrer."

EMMANUEL E DUAS ORIENTAÇÕES PARA O RESTO DA VIDA :
Emmanuel, nos primórdios da mediunidade de Chico Xavier, deu-lhe duas orientações básicas para o trabalho que deveria desempenhar. Fora de qualquer uma delas, tudo seria malogrado. Eis a primeira. - "Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus?"

- Sim, se os bons espíritos não me abandonarem... -respondeu o médium.

- Não será você desamparado - disse-lhe Emmanuel - mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem.

- E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso? - tornou o Chico.

- Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o Serviço... Porque o protetor se calasse o rapaz perguntou:

- Qual é o primeiro? A resposta veio firme: - Disciplina.

- E o segundo? - Disciplina.

- E o terceiro? - Disciplina.

" A segunda mais importante orientação de Emmanuel para o médium é assim lembrada: - "Lembro-me de que num dos primeiros contatos comigo, ele me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec e, disse mais, que, se um dia, ele, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e de Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo.

Em 1932 publica a FEB seu primeiro livro, o famoso "Parnaso de Além-Túmulo"; hoje as obras que psicografou vão a mais de 400.

Várias delas estão traduzidas e publicadas em castelhano, esperanto, francês, inglês, japonês, grego, etc.

De moral ilibada, realmente humilde e simples, Chico Xavier jamais auferiu vantagens, de qualquer espécie, da mediunidade. Sua vida privada e pública tem sido objeto de toda especulação possível, na informação falada, escrita e televisionada. Ápodos e críticas ferinas, têm-no colhido de miúdo, sabendo suportá-los com verdadeiro espírito cristão.

Viajou com o médium Waldo Vieira aos Estados Unidos e à Europa, onde visitaram a Inglaterra, a França, a Itália, a Espanha e Portugal, sempre a serviço da Doutrina Espírita.

Chico Xavier é hoje uma figura de projeção nacional e internacional, suas entrevistas despertam a atenção de milhares de pessoas, mesmo alheias ao Espiritismo; tem aparecido em programas de TV, respondendo a perguntas as mais diversas, orientando as respostas pelos postulados espíritas.

Já recebeu o título de Cidadão Honorário de várias cidades: Rio Preto, São Bernardo do Campo, Franca, Campinas, Santos, Catanduva, em São Paulo; Uberlândia, Araguari e Belo Horizonte, em Minas Gerais; Campos, no Estado do Rio de Janeiro, etc., etc.

Dos livros que psicografou já se venderam mais de 12 milhões de exemplares, só dos editados pela FEB, em número de 88. "Parnaso de Além-Túmulo", a primeira obra publicada em 1932, provocou (e comprovou) a questão da identificação das produções mediúnicas, pelo pronunciamento espontâneo dos críticos, tais como Humberto

de Campos, ainda vivo na época, Agripino Grieco, severo crítico literário, de renome nacional, Zeferino Brasil, poeta gaúcho, Edmundo Lys, cronista, Garcia Júnior, etc. Prefaciando "Parnaso de Além-Túmulo", escreveu Manuel Quintão: "Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Simbolismo, aí se ostentam em louçanias de sons e de cores, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente, a sobrevivência de seus intérpretes.

É ler Casimiro e reviver 'Primaveras'; é recitar Castro Alves e sentir 'Espumas Flutuantes'; é declamar Junqueiro e lembrar a 'Morte de D. João'; é frasear Augusto dos Anjos e evocar 'Eu'." Romances históricos formam a série Romana, de Emmanuel, composta de: "Há 2000 Anos...", "50 Anos Depois", "Ave, Cristo!", "Paulo e Estevão", provocando a elaboração do "Vocabulário Histórico-Geográfico dos Romances de Emmanuel", de Roberto Macedo, estudo elucidativo dos eventos históricos citados nas obras. "Há 2000 Anos..." é o relato da encarnação de Emmanuel à época de Jesus. De Humberto de Campos (Espírito), aparece, em 1938, o profético e discutido "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", uma história de nossa pátria e dos fatos e ela ligados, em dimensão espiritual. A série André Luiz é reveladora, doutrinária e científica; com obras notáveis e a maioria completa, no tocante à vida depois da desencarnação, obras anteriores, de Swedenborg, A. Jackson Davis, Cahagnet, G. Vale Owen e outros.

Pertencem a essa série: "Nosso Lar", "Os Mensageiros", "Missionários da Luz", "Obreiros da Vida Eterna", "No Mundo

Maior", "Agenda Cristã", "Libertação", "Entre a Terra e o Céu", "Nos Domínios da Mediunidade", "Ação e Reação", "Evolução em dois Mundos", "Mecanismos da Mediunidade", "Conduta Espírita", "Sexo e Destino", "Desobsessão", "E a Vida Continua...". De parceria com o médium Waldo Vieira, Chico Xavier psicografou 17 obras.

A extraordinária capacidade mediúnica de Chico Xavier está comprovada pela grande quantidade de autores espirituais, da mais elevada categoria, que por seu intermédio se manifestam. Vários de seus livros foram adaptados para encenação no palco e sob a forma de radionovelas e telenovelas. O dom mediúnico mais conhecido de Francisco Xavier é o psicográfico. Não é, todavia, o único. Tem ele, e as exercita constantemente, outras mediunidades, tais como: psicofonia, vidência, audiência, receitista, e outras.

Sua vida, verdadeiramente apostolar, dedicou-a, o médium, aos sofredores e necessitados, provindos de longínquos lugares, e também aos afazeres medianeiros, pelos quais não aceita, em absoluto, qualquer espécie de paga. Os direitos autorais ele os tem cedido graciosamente a várias Editoras e Casas Espíritas, desde o primeiro livro. Sua vida e sua obra têm sido objeto de numerosas entrevistas radiofônicas e televisadas, e de comentários em jornais e revistas, espíritas ou não, e em livros dos quais podemos citar: o opúsculo intitulado "Pinga-Fogo, Entrevistas", obra publicada pelo

Instituto de Difusão Espírita, de Araras; "Trinta Anos com Chico Xavier", de Clóvis Tavares; "No Mundo de Chico Xavier", de Elias Barbosa; "Lindos Casos de Chico Xavier", de Ramiro Gama; "40 Anos no Mundo da Mediunidade", de Roque Jacinto; "A Psicografia ante os Tribunais", de Miguel Timponi; "Amor e Sabedoria de Emmanuel", de Clóvis Tavares; "Presença de Chico Xavier", de Elias Barbosa; "Chico Xavier Pede Licença", de Irmão Saulo, pseudônimo de Herculano Pires; "Nosso Amigo Xavier", de Luciano Napoleão; "Chico Xavier, o Santo dos Nossos Dias" e "O Prisioneiro de Cristo", de R. A. Ranieri; "Chico Xavier - Mandato de Amor", da U.E.M.; "As Vidas de Chico Xavier", de Marcel Souto Maior, etc.

O CASO HUMBERTO DE CAMPOS :

Desencarnado em 1934 o festejado escritor brasileiro Humberto de Campos, o Espírito deste iniciou, em 1937, pela mediunidade de Chico Xavier, a transmissão de várias obras de crônicas e reportagens, todas editadas pela Federação Espírita Brasileira, entre as quais sobressai "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho". Eis senão quando, em 1944, a viúva de Humberto de Campos ingressa em juízo, movendo um processo, que se torna célebre, contra a Federação Espírita Brasileira e Francisco Cândido Xavier, no sentido de obter uma declaração, por sentença, de que essa obra mediúnica "é ou não do 'Espírito' de Humberto de Campos", e que em caso afirmativo, se apliquem as sanções previstas em Lei. O

assunto causou muita polêmica e, durante um bom tempo, ocupou espaço nos principais periódicos do País. Para que tenhamos uma idéia do que representou o referido processo na divulgação dos postulados espíritas, resumimos aqui alguns dos principais depoimentos da época extraídos da obra do Dr. Miguel Timponi, o principal advogado que trabalhou na defesa do médium e da FEB. Antes, porém, sintamos a beleza das palavras a seguir, enfeixadas no livro *A Psicografia ante os Tribunais*: "Entretanto, lá do Nordeste, desse Nordeste de encantamentos e de mistérios, a voz cheia de ternura e de emoção, de uma velhinha santificada pela dor e pelo sofrimento, D. Ana de Campos Veras, extremosa mãe do querido e popular escritor, rompeu o silêncio para ofertar ao médium de Pedro Leopoldo a fotografia do seu próprio filho, com esta expressiva dedicatória: 'Ao Prezado Sr. Francisco Xavier, dedicado intérprete espiritual do meu saudoso Humberto, ofereço com muito afeto esta fotografia, como prova de amizade e gratidão. Da cr^a. at^a. Ana de Campos Veras Parnaíba, 21-5-38.' Conforme se vê da edição de 'O Globo' de 19 de julho de 1944, essa exma. senhora confirma que o estilo é do seu filho e assegura ao redator de 'O Povo' e 'Press Parga': '- Realmente - disse dona Ana Campos - li emocionada as Crônicas de Além-Túmulo, e verifiquei que o estilo é o mesmo de meu filho. Não tenho dúvidas em afirmar isso e não conheço nenhuma explicação científica para esclarecer esse mistério, principalmente se considerarmos que Francisco Xavier é um cidadão de conhecimentos medíocres. Onde a fraude? Na hipótese de o Tribunal reconhecer aquela obra como realmente da autoria de Humberto, é claro que, por justiça, os direitos autorais

venham a pertencer à família. No caso, porém, de os juízes decidirem em contrário, acho que os intelectuais patriotas fariam ato de justiça aceitando Francisco Cândido Xavier na Academia Brasileira de Letras... Só um homem muito inteligente, muito culto, e de fino talento literário, poderia ter escrito essa produção, tão identificada com a de meu filho." Na noite de 15 de julho de 1944, quando o processo atingia o clímax, o Espírito Humberto de Campos retorna pelo lápis do médium Chico Xavier, tecendo, no seu estilo inconfundível, uma belíssima e emocionante página sobre o triste problema levantado pela incompreensão humana, página que pode ser devidamente apreciada no livro "A Psicografia ante os Tribunais". Daí por diante, ele passou a assinar-se, simplesmente, Irmão X, versão evangelizada do Conselheiro XX, como era conhecido nos meios literários quando encarnado. A Autora, D. Catarina Vergolino de Campos, foi julgada carecedora da ação proposta, por sentença de 23 de agosto de 1944, do Dr. João Frederico Mourão Russell, juiz de Direito em exercício na 8ª Vara Cível do antigo Distrito Federal. Tendo ela recorrido dessa sentença, o Tribunal de Apelação do antigo DF manteve-a por seus jurídicos fundamentos, tendo sido relator o saudoso ministro Álvaro Moutinho Ribeiro da Costa.

O AMOR DE CHICO XAVIER POR JESUS :

Depoimento de Chico Xavier: "(...) Deus nos permita a satisfação de continuar sempre trabalhando na Grande Causa d'Ele, Nosso Senhor e Mestre. Desde criança, a figura do Cristo me impressiona. Ao perder minha mãe, aos cinco janeiros de idade, conforme os próprios ensinamentos dela, acreditei n'Ele, na certeza de que Ele me sustentaria. Conduzido a uma casa estranha, na qual conheceria muitas dificuldades para continuar vivendo, lembrava-me d'Ele, na convicção de que Ele era um amigo poderoso e compassivo que me enviaria recursos de resistência e ao ver minha mãe desencarnada pela primeira vez, com o cérebro infantil sem qualquer conhecimento dos conflitos religiosos que dividem a Humanidade, pedi a ela me abençoasse segundo o nosso hábito em família e lembro-me perfeitamente de que perguntei a ela: - Mamãe, foi Jesus que mandou a senhora nos buscar? Ela sorriu e respondeu: - Foi sim, mas Jesus deseja que vocês, os meus filhos espalhados, ainda fiquem me esperando... Aceitei o que ela dizia, embora chorasse, porque a referência a Jesus me tranquilizava. Quando meu pai se casou pela segunda vez e a minha segunda mãe mandou me buscar para junto dela, notando-lhe a bondade natural, indaguei: - Foi Jesus quem enviou a senhora para nos reunir? Ela me disse: - Chico, isso não sei... Mas minha fé era tamanha que respondi: - Foi Ele sim... Minha mãe, quando me aparece, sempre me fala que Ele mandaria alguém nos buscar para a nossa casa. E Jesus sempre esteve e está em minhas lembranças como um Protetor Poderoso e Bom, não desaparecido, não longe mas sempre perto, não indiferente aos nossos obstáculos humanos, e sim cada vez mais atuante e mais vivo." Não se pode negar o sentimento de

veneração que envolve a nobre figura de Ismael, guia espiritual do Brasil. A responsabilidade que detém, na condição de mentor da Federação Espírita Brasileira suscita, da parte da comunidade espírita nacional, um profundo respeito, aliado a um imenso carinho e uma suave ternura. Certa vez, indagaram a Chico Xavier: - Como se processam os encontros, nas esferas resplandecentes da Espiritualidade, de Emmanuel com Ismael? Qual a postura do admirável Espírito do ex-senador romano, diante da também luminosa entidade a quem confiou Jesus os destinos do Brasil? Resposta do médium, curta, serena e firme: - De joelhos!

BREVES DEPOIMENTOS SOBRE O MÉDIUM CHICO XAVIER :

A bibliografia mediúnica, que foi acrescida à literatura espírita, nestes últimos cinqüenta anos, nascida do lápis de Chico Xavier - e o espaço não nos permite, sequer, considerações ligeiras sobre suas páginas -, é vultosa, considerável. É qualitativamente admirável. Poderíamos, sem dificuldade, num exame sereno e com absoluta isenção, dividir a obra mediúnica, orientada por Emmanuel, igualmente em fases perfeitamente delineadas, dentro de duas grandes divisões: a primeira, provando a sobrevivência e a imortalidade do espírito - 'Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho' - seguida de uma panorâmica da História universal - 'A Caminho da Luz' e de alguns manuais do maior valor: 'Emmanuel, Dissertações Mediúnicas', 'O Consolador', 'Roteiro', etc. Enfim,

muitos estudos interessantes e instrutivos virão, a seu tempo. E a obra de Francisco Cândido Xavier, criteriosamente traduzida, estará, tempestivamente, à disposição dos leitores do mundo inteiro, juntamente com a de Allan Kardec e da dos autores que cuidaram dos escritos subsidiários e complementares da Codificação. Mas, enquanto isso, e para que tudo ocorra com a tranqüilidade que se almeja na difusão conscienciosa e responsável da Doutrina dos Espíritos, seria de bom alvitre não perder de vista o fato de que Chico Xavier jamais teria obtido êxito, como instrumento do Alto, se não tivesse seguido a rígida disciplina que lhe foi sugerida por Emmanuel, testemunhando e permanecendo na exemplificação do amor ao próximo e do amor a Deus, vivendo o Evangelho.

Francisco Thiesen Presidente da Federação Espírita Brasileira"
(Fonte: "Revista Internacional de Espiritismo", número 6, Ano LII, julho de 1977.) "

"..Não me considero à altura para escrever algo sobre o Chico. Dele, dão testemunho (e que testemunho!) as belas obras que semeou e semeia por esse Brasil afora, com reflexos benéficos em diversas nações do mundo. E quando digo 'obras', refiro-me não só à palavra escrita e falada, como também aos seus exemplos de caridade, de perdão, de fé, de humildade, aos seus diálogos fraternos e frutíferos, enfim, à sua multiforme vivência evangélica junto a

pobres e ricos, num trabalho diário de edificação e levantamento de espíritos." "Conheço o Chico há bastante tempo. Nos seus livros mediúnicos encontrei forças, luz e paz, e através de suas cartas pude senti-lo e amá-lo bem no fundo do seu ser. Por várias vezes chorei com suas preocupações e sua dor, vivendo-lhe as graves responsabilidades e lamentando a incompreensão dos homens. Mas sempre orei pedindo ao Senhor que não lhe tirasse o pesado fardo dos ombros e, sim, que o ajudasse a carregá-lo. Graças a Deus, o nosso caro Chico tem vencido todas as dificuldades e todos os óbices do caminho, numa maratona hercúlea que realmente o dignifica aos olhos dos homens e aos olhos do Pai."

(Trechos da carta do Sr. Zêus Wantuil, 3º secretário da Federação Espírita Brasileira, à presidente da União Espírita Mineira) (Fonte: "O Espírita Mineiro", número 172, maio/julho de 1977.)

A PALAVRA DE CHICO XAVIER AO COMPLETAR QUARENTA ANOS DE MEDIUNIDADE :

"Estes quarenta anos de mediunidade passaram para o meu coração como se fossem um sonho bom. Foram quarenta anos de muita alegria, em cujos caminhos, feitos de minutos e de horas, de dias, só encontrei benefícios, felicidades, esperanças, otimismo, encorajamento da parte de todos aqueles que o Senhor me concedeu, dos familiares, irmãos, amigos e companheiros.

Quarenta anos de felicidade que agradeço a Deus em vossos corações, porque sinto que Deus me concedeu nos vossos corações, que representam outros muitos corações que estão ausentes de nós. Agora, sinto que Deus me concedeu por vosso intermédio uma vida tocada de alegrias e bênçãos, como eu não poderia receber em nenhum outro setor de trabalho na Humanidade. Beijo-vos, assim, as mãos, os corações. Quanto ao livro, devo dizer que, certa feita, há muitos anos, procurando o contato com o Espírito de nosso benfeitor Emmanuel, ao pé de uma velha represa, na terra que me deu berço na presente encarnação, muitas vezes chegava ao sítio, pela manhã, antes do amanhecer. E quando o dia vinha de novo, fosse com sol, fosse com chuva, lá estava, não muito longe de mim, um pequeno charco. Esse charco, pouco a pouco se encheu de flores, pela misericórdia de Deus, naturalmente. E muitas almas boas, corações queridos, que passavam pelo mesmo caminho em que nós orávamos, colhiam essas flores, e as levavam consigo com transporte de alegria e encantamento. Enquanto que o charco era sempre o mesmo charco. Naturalmente, esperando também pela misericórdia de Deus, para se transformar em terra proveitosa e mais útil. Creio que nesses momentos, em que ouço as palavras desses corações maravilhosos, que usaram o verbo para comentar o aparecimento desses cem livros, agora cento e dois livros, lembro este quadro que nunca me saiu da memória, para declarar-vos que me sinto na condição do charco que, pela misericórdia de Deus, um dia recebeu essas flores que são os livros, e que pertencem muito mais a vós outros do que a mim. Rogo, assim, a todos os companheiros, que me ajudem através da oração, para que a luta

natural da vida possa drenar a terra pantanosa que ainda sou, na intimidade do meu coração, para que eu possa um dia servir a Deus, de conformidade com os deveres que a Sua infinita misericórdia me traçou. E peço, então, permissão, em sinal de agradecimento, já que não tenho palavras para exprimir a minha gratidão. Peço-vos, a todos, licença para encerrar a minha palavra despretensiosa, com a oração que Nosso Senhor Jesus Cristo nos legou.

(Fonte: "O Espírita Mineiro", número 137, abril/maio/junho de 1970.)

NA TAREFA MEDIÚNICA :

"Pergunta - Em seu primeiro encontro com Emmanuel, ele enfatizou muito a disciplina. Teria falado algo mais?

Resposta - Depois de haver salientado a disciplina como elemento indispensável a uma boa tarefa mediúnica, ele me disse: 'Temos algo a realizar.' Repliquei de minha parte qual seria esse algo e o benfeitor esclareceu: 'Trinta livros pra começar!' Considerei, então: como avaliar esta informação se somos uma família sem maiores recursos, além do nosso próprio trabalho diário, e a publicação de um livro demanda tanto dinheiro!... Já que meu pai lidava com bilhetes de loteria, eu acrescentei: será que meu pai vai tirar a sorte

grande? Emmanuel respondeu: 'Nada, nada disso. A maior sorte grande é a do trabalho com a fé viva na Providência de Deus. Os livros chegarão através de caminhos inesperados!' Algum tempo depois, enviando as poesias de 'Parnaso de Além- Túmulo' para um dos diretores da Federação Espírita Brasileira, tive a grata surpresa de ver o livro aceito e publicado, em 1932. A este livro seguiram-se outros e, em 1947, atingimos a marca dos 30 livros. Ficamos muito contentes e perguntei ao amigo espiritual se a tarefa estava terminada. Ele, então, considerou, sorrindo: 'Agora, começaremos uma nova série de trinta volumes!' Em 1958, indaguei-lhe novamente se o trabalho finalizara. Os 60 livros estavam publicados e eu me encontrava quase de mudança para a cidade de Uberaba, onde cheguei a 5 de janeiro de 1959. O grande benfeitor explicou-me, com paciência: 'Você perguntou, em Pedro Leopoldo, se a nossa tarefa estava completa e quero informar a você que os mentores da Vida Maior, perante os quais devo também estar disciplinado, me advertiram que nos cabe chegar ao limite de cem livros.' Fiquei muito admirado e as tarefas prosseguiram. Quando alcançamos o número de 100 volumes publicados, voltei a consultá-lo sobre o termo de nossos compromissos. Ele esclareceu, com bondade: 'Você não deve pensar em agir e trabalhar com tanta pressa. Agora, estou na obrigação de dizer a você que os mentores da Vida Superior, que nos orientam, expediram certa instrução que determina seja a sua atual reencarnação desapropriada, em benefício da divulgação dos princípios espíritas-cristãos, permanecendo a sua existência, do ponto de vista físico, à disposição das entidades espirituais que possam colaborar na

execução das mensagens e livros, enquanto o seu corpo se mostre apto para as nossas atividades.' Muito desapontado, perguntei: então devo trabalhar na recepção de mensagens e livros do mundo espiritual até o fim da minha vida atual? Emmanuel acentuou: 'Sim, não temos outra alternativa!' Naturalmente, impressionado com o que ele dizia, voltei a interrogar: e se eu não quiser, já que a Doutrina Espírita ensina que somos portadores do livre arbítrio para decidir sobre os nossos próprios caminhos? Emmanuel, então, deu um sorriso de benevolência paternal e me explicou: 'A instrução a que me refiro é semelhante a um decreto de desapropriação, quando lançado por autoridade na Terra. Se você recusar o serviço a que me reporto, segundo creio, os orientadores dessa obra de nos dedicarmos ao Cristianismo Redivivo, de certo que eles terão autoridade bastante para retirar você de seu atual corpo físico!' Quando eu ouvi sua declaração, silencieei para pensar na gravidade do assunto, e continuo trabalhando, sem a menor expectativa de interromper ou dificultar o que passei a chamar de 'Desígnios de Cima.'

(Fonte: "O Espírita Mineiro", número 205, abril/junho de 1988.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS :

Em 1997, Chico Xavier completou 70 anos de incessante atividade mediúnica, da maior significação espiritual, em prol da

Humanidade, abrangendo seus mais diversos segmentos. Até a presente data, outubro de 1997, Francisco Cândido Xavier psicografou mais de 400 (quatrocentas) obras mediúnicas, de centenas de autores espirituais, abarcando os mais diversos e diferentes assuntos, entre poesias, romances, contos, crônicas, história geral e do Brasil, ciência, religião, filosofia, literatura infantil, etc.

Dias e noites têm sido por ele ofertados aos seus semelhantes, com sacrifício da própria saúde. Problemas orgânicos acompanharam-lhe a mocidade e a madureza. Hoje, nos abençoados 87 anos de sua vida corporal, as dificuldades físicas continuam trazendo-lhe problemas. Releva observar que as doenças oculares e as intervenções cirúrgicas jamais o impediram de cumprir, fiel e dignamente, sua missão de amparo aos necessitados. Sua postura é uma só, obedece a uma só diretriz: amor ao próximo, desinteresse ante os bens materiais, preocupação exclusiva e constante com a felicidade do próximo. Ricos e pobres, velhos e crianças, homens e mulheres de todos os níveis sociais têm encontrado, no homem e no médium Chico Xavier, tudo quanto necessitam para o reajuste interior, para o crescimento, em função do conhecimento e da bondade. Francisco Cândido Xavier é um presente do Alto ao século XX, enriquecendo-lhe os valores com a sua vida de exemplar cidadão, com milhares de mensagens psicografias que, em catadupas de paz e luz, amor e esclarecimento, vêm fertilizando o solo planetário, sob a luminar supervisão do Espírito Emmanuel.

**A Psicografia ante os Tribunais. / Miguel Timponi. / FEB - 5ª ed.,
Espiritismo Básico. / Pedro Franco Barbosa. / FEB - 4ª ed., 1995**

Francisco Xavier

O dia 7 de abril de 1506 assinala a data do nascimento de Francisco de Jassu y Javier, no Castelo dos Javier, perto de Pamplona, na Espanha.

Aos 19 anos foi a Paris para estudar, ali permanecendo até seus 28 anos. Com Inácio de Loyola e mais cinco seguidores, fez o voto de caridade e pobreza, no dia 15 de agosto de 1534, do qual se originou a fundação da Companhia de Jesus.

Sendo ordenado padre 3 anos mais tarde, ao contrário de Inácio de Loyola, que permaneceu na Europa, foi enviado ao Extremo Oriente.

A serviço da monarquia portuguesa fez de Goa, na Índia, o centro de difusão do seu apostolado. Sua obra rendeu frutos no Ceilão, nas ilhas do sudeste da Ásia e no Japão.

Quando viajava para iniciar uma nova etapa missionária na China, morreu nas costas do país, aos 46 anos de idade, a 3 de dezembro de 1552, sem poder desembarcar no continente.

Ficou conhecido como o Apóstolo da Índia. O valor desse jesuíta está em sua atitude pioneira de apostolado junto aos povos asiáticos. Os jesuítas detêm o mérito de terem sido nas colônias de Espanha e Portugal o único centro de cultura e um exemplo missionário nos séculos XVI e XVII.

É no capítulo "Amai os vossos inimigos" em O Evangelho segundo o espiritismo que Francisco Xavier disserta a respeito do duelo, afirmando que "Quando a caridade regular a conduta dos homens, eles conformarão seus atos e palavras a esta máxima: `Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam.' "

Da sua desencarnação à mensagem, ditada em Bordéus, em 1861, estabelece-se um período de 309 anos.

Fonte: Enciclopédia Mirador Internacional, vol. 15

Francisco de Menezes dias da Cruz

Francisco de Menezes Dias da Cruz, natural da cidade do Rio de Janeiro, filho de antecedente de igual nome (chefe do Partido Liberal no Rio e professor da Faculdade de Medicina) e de D. Rosa de Lima Dias da Cruz, nasceu a 27 de Fevereiro de 1853. Foi professor de Matemática no Colégio Pinheiro, no qual concluíra o curso de humanidades. Era, nessa época, aluno da Escola de Medicina, durante a qual contraiu núpcias com a Exma. Sra. D. Adelaide Pinheiro Dias da Cruz. Ao formar-se em Medicina, perdeu o pai, que havia sido ferido à baioneta na Igreja do Sacramento. Foi bibliotecário durante dez anos da Câmara Municipal, sendo demitido ao ser proclamada a República, sob a falsa imputação de monarquista. Presidiu o Curso Hahnemaniano e o Instituto Hahnemaniano do Brasil.

Possuidor de enorme clínica, o Dr. Dias da Cruz não fugia aos deveres da caridade, dando, assim expansão aos seus sentimentos humanitários. Homem de grande e invulgar cultura, deixou riquíssima biblioteca. Estudioso desde a infância, preocupou-se com a ciência homeopática e, mais tarde, diante de provas irrefutáveis tornou-se espírita dos mais caridosos e evangélicos. É interessante relatar, ainda que superficialmente, a maneira por que se verificou sua conversão. Tendo chegado ao seu conhecimento que o espírito de seu genitor desenvolvia largo programa de caridade, através de médiuns receitistas, decidiu ele, homem austero e cultor da

verdade, ir à Federação Espírita Brasileira para observar e apurar quanto de real pudesse haver em torno da informação recebida.

Iniciada a reunião com a prece habitual, passou-se ao estudo doutrinário. Até então nada ocorrera suscetível de lhe permitir aceitar a sessão das manifestações atribuídas ao espírito de seu pai. Já estava propenso a acreditar em mistificação, quando, à mesa que dirigia os trabalhos, um médium demonstrou haver caído em transe. Era, afinal, a tão desejada manifestação que inesperadamente se realizava. Através do médium, o Espírito do primeiro Dr. Dias da Cruz pediu que chamassem seu filho, que ali se encontrava no meio dos assistentes. Surpreso, este se aproximou, incrédulo. A um dado momento, porém, seu genitor disse-lhe:

--- Você se lembra daquele fato que ocorreu conosco, na praça tal ?

E, a seguir, revelou uma ocorrência só de ambos conhecida, Diante disso, o Doutor Dias da Cruz (filho) sentiu chegada a hora de se render à inelutável evidência. Ninguém o conhecia naquela assembléia e o fato referido pelo espírito era absolutamente desconhecido de toda a sua família, pois somente os dois dele haviam tido o conhecimento.

Percebeu, então, que ao seu caráter íntegro e probo só havia um caminho: aceitar a veracidade da manifestação espírita de seu genitor. E fê-lo sem constrangimento, com a simplicidade natural das almas puras. Pôs-se a estudar o Espiritismo, enfronhou-se na interpretação dos textos doutrinários e passou a ser, daí por diante, um novo e valoroso servidor do Cristo nas fileiras dos seguidores de Kardec.

Em 1885, pronuncia na Federação Espírita Brasileira a sua primeira conferência, e desde então participou de várias comissões importantes de defesa do Espiritismo (1890, 1892 e 1893) .

Em 1890, em substituição ao Dr. Bezerra de Menezes, foi, então, o Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, que anteriormente ocupava a vice-presidência, eleito presidente da Federação Espírita Brasileira, cargo que exerceu com devotamento até os primeiros dias de 1895, quando foi substituído, temporariamente, por Júlio César de Menezes, o “Kardec brasileiro”, seu colega de profissão e amigo.

Sob a sua presidência foram iniciados os trabalhos de socorro material e espiritual da Assistência aos Necessitados, que até hoje constituem o cerne dos serviços cristãos prestados pela Federação Espírita Brasileira . Muitos foram os delicados companheiros que o ajudaram nessa obra grandiosa, mantida e desenvolvida com o

maior carinho pela Casa de Ismael, sendo justo salientarmos, de passagem, o nome do confrade Bernardino Cardoso, o qual lhe entregava mensalmente a quantia de um conto de réis. Elevada importância para aqueles tempos (mais de 300 dólares), a fim de que fosse distribuída com os pobres de sua clínica, sob a condição de lhe não revelar o nome.

Em 1896, por proposta de Bezerra de Menezes, e em atenção aos abnegados serviços prestados à Federação Espírita Brasileira, foi Dias da Cruz aclamado presidente honorário da mesma.

Dirigiu o Reformador durante o período da sua presidência e escreveu inúmeros artigos doutrinários e de polêmica com assinatura modesta de “ Um espírita “. É também autor do livro “O Professor Lombroso e o Espiritismo “.

Foi quem primeiro tentou, em 1891, adquirir um prédio próprio para a FEB e montar oficina tipográfica para a impressão do “Reformador” e de obras espíritas em geral.

Este segundo Dias da Cruz foi, portanto, vice-presidente e presidente da Federação durante muitos anos, desencarnando na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de Setembro de 1937, na avançada

idade de 84 anos. Gloriosa ancianidade essa, atingida após proveitoso dispêndio de energias em favor do próximo.

Em 1900, o Dr. Dias da Cruz reorganiza, ressuscita o “Instituto Hahnemaniano do Brasil”, que havia sido criado em 1878 pelo mais afamado médico homeopatia do Império, o Dr. Saturnino Soares de Meireles, seu primeiro presidente. Dias da Cruz alugou no centro da cidade, à rua da Quitanda n.º 59, uma casa para seu consultório, e neste reinstalou o Instituto Hahnemaniano do Brasil. Por alguns anos os membros do Instituto ali se reuniram, datando dessa época um novo ciclo de grandes atividades e realizações.

Após a morte do Dr. Joaquim Murтинho, subiu à presidência do Instituto, por um ano, o Dr. Teodoro Gomes. Substituiu-o o Dr. Licínio Cardoso, sob a vice-presidência do Dr. Dias da Cruz. Esse foi o período áureo da Homeopatia no Brasil, e frisa um historiador que ao Dr. Dias da Cruz cabe grande parcela das glórias que o Instituto conquistou durante a presidência do Dr. Licínio Cardoso.

Os “Anais de Medicina Homeopática”, cuja publicação fora interrompida em 1884, reapareceram em Janeiro de 1901, devido aos esforços do “mais puro dos homeopatas brasileiros”, o Dr. Dias da Cruz, que arrancou a revista do Instituto do túmulo onde jazia, dando-lhe lugar honroso entre as publicações periódicas sobre Medicina. Dela foi ele redator de 1901 a 1902, e de 1906 a 1910.

Ficou célebre a polêmica (1900-1901) entre o doutor Dias da Cruz e o Dr. Nuno de Andrade, Diretor Geral de Saúde Pública, médico alopata e acirrado inimigo da Homeopatia, o qual acabou por ser exonerado do cargo que ocupava.

Fundada em 1912, a Faculdade Hahnemaniana (posteriormente denominada Escola de Medicina e Cirurgia, com sede atual à rua Frei Caneca), Dias da Cruz colaborou na organização dos programas de ensino do novel estabelecimento, no qual lecionou a cadeira da Farmacologia e, mais tarde, a 1ª cadeira de Matéria Médica, constituindo-se em verdadeiro mestre de toda uma nova geração.

Dias da Cruz foi por muitos anos o orador oficial do Instituto. Sua eloquência e seu saber impressionavam a todos. Quando da inauguração do Hospital Hahnemaniano, em 1916, discursou brilhantemente em nome do Instituto, ante numerosa e ilustrada assistência, presentes Licínio Cardoso, Carlos Maximiliano, Ministro da Justiça, o Barão de Brasília Machado, Presidente do Conselho Superior do Ensino, o Dr. Paulo de Frontin, Diretor da Escola Politécnica, e representantes do Presidente da República e de Ministérios em geral.

Em 1926, o Dr. Licínio Cardoso pede demissão da presidência do Instituto, sendo eleito, para substituí-lo, o Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz. Este exerceu o cargo de Presidente efetivo até 29 de Janeiro de 1930. Nesse dia, reunido o Instituto em sessão extraordinária, foi aclamado presidente-perpétuo o Dr. Dias da Cruz, após este haver renunciado, por motivo de saúde, ao cargo de Presidente para o qual acabava de ser reeleito. “Sua aclamação” - escreveu um historiador - “foi um direito conquistado por seu valor mora, sua capacidade intelectual e, sobretudo, por firmeza de suas convicções homeopáticas”.

De 25 a 30 de Setembro de 1926 foi realizado o 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia, sob a presidência do Dr. Dias da Cruz. Propagandista dos mais convictos e autorizados, possuidor de excelente cultura médica, mestre reconhecido pela sua proficiência, com vasta clínica em que abundaram notabilíssimas curas, constituiu ele, por mais um século, “um dos grandes marcos no progresso da Homeopatia no Brasil”. “Não erramos afirmando”- escreveu o Dr. José Emíldio Rodrigues Galhardo - “ser o Dr. Dias da Cruz, entre os homeopatas brasileiros, aquele que maiores e mais perfeitos conhecimentos tem da doutrina hahnemaniana”.

Dizem os seus contemporâneos que o cumprimento do dever era quase que sagrado para o Dr. Dias da Cruz. Como professor, jamais deixou de comparecer à hora certa em suas aulas. Como clínico no

Hospital Hahnemaniano, não se fazia esperar pelos doentes . Eis em síntese, a brilhante personalidade daquele que dignificou o Espiritismo e a Homeopatia no Brasil.

WANTUIL, Zêus. Grandes Espíritas do Brasil. FEB, 1ª edição. RJ

Francisco Leite de Bittencourt Sampaio

Francisco Leite de Bittencourt Sampaio nasceu em Laranjeiras (SE) dia 11 de fevereiro de 1834 e desencarnou no Rio de Janeiro a 10 de outubro de 1895.

Foi jurisconsulto, magistrado, político, alto funcionário público, jornalista, literato, renomado poeta lírico e excelente médium espírita.

Militante na política, filiou-se ao partido liberal. Foi eleito deputado para a Assembléia Geral Legislativa nas legislaturas 1864-1866 e 1867-1870. Neste último período foi Presidente do Espírito Santo, nomeado por carta imperial.

Em 1870 abraçou as idéias republicanas. Com Saldanha da Gama, Quintino Bocaiúva e outros assinou o célebre manifesto de 03 de

dezembro de 1870, importantíssimo documento histórico. Foi um dos fundadores do Partido Republicano.

Jornalista, colaborou em diversos órgãos de imprensa no Rio e em S. Paulo. Não só era reputado pelo brilho de seus artigos mas também grandemente respeitado pela elevação, sinceridade e firmeza com que sustentava e defendia os seus ideais.

Foi o primeiro administrador da biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Autor de diversas obras em prosa e verso, foi considerado por Sylvio Romero e João Ribeiro o primeiro dos autores líricos brasileiros, logo depois de Gonçalves Dias.

Entre suas obras merece destaque "A Divina Epopéia de João Evangelista". Trata-se de uma reprodução do Evangelho de João, em versos decassílabos, de rara beleza e grandiosidade.

Como espírita, desenvolveu sua mediunidade de receitista no "Grupo Confúcio", no Rio de Janeiro.

Em 1876 fundou a "Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade".

Antônio Luís Saião, convertido ao Espiritismo graças à mediunidade curadora de Bittencourt Sampaio, fundou o "Grupo Ismael". Ali Bittencourt Sampaio recebeu belas e instrutivas mensagens de Espíritos Superiores.

Quando desencarnou José Bonifácio, o "Moço", Bittencourt Sampaio dedicou-lhe os seguintes versos:

**Sim! Ele entrou, de bênçãos radiantes,
Pelo portão de luz da eternidade,
Qual águia que dos céus na imensidade,
Livre revoa, tão de nós distante!**

Depois de sua desencarnação, através do médium Frederico Júnior, Bittencourt Sampaio escreveu "Jesus perante a Cristandade", "De Jesus para as Crianças" e "Do Calvário ao Apocalipse".

No livro mediúnico "Voltei", o Irmão Jacob, através do médium Francisco Cândido Xavier, revela que Bittencourt Sampaio colabora nos planos superiores da Espiritualidade, na supervisão do Espiritismo evangélico no Brasil.

Fonte: Livro Personagens do Espiritismo, de Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy.

Francisco Peixoto Lins (Peixotinho)

Nasceu na cidade de Pacatuba, Estado do Ceará, no dia 1º de fevereiro de 1905, desencarnando na cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro, 16 de junho de 1966.

Seus pais foram Miguel Peixoto Lins e Joana Alves Peixoto. Bem cedo ficou órfão de pai e mãe e passou a conviver com seus tios maternos, em Fortaleza, Estado do Ceará, onde fez o curso primário. Em seguida matriculou-se no Seminário Católico, de acordo com o desejo de seus tios, que desejavam vê-lo seguir a carreira eclesiástica. No Seminário sofreu várias penas disciplinares por manifestar a seus educadores dúvidas sobre os dogmas da Igreja. Observando as desigualdades humanas, tanto no campo físico como no social, ficou em dúvida no tocante à paternidade e bondade de Deus. Se todos eram seus filhos, por que tantas diversidades? Indagava. Por que razões insondáveis uns nascem fisicamente perfeitos e outros deformados? Uns portadores de virtudes angelicais e outros acometidos de mau caráter? Dizia então: “Se Deus existe, não é esse ser unilateral de que fala a religião católica.” Desejava saber e inquiria os seus confessores, os

quais, diante das indagações arrojadas do menino, usavam o castigo e a penitência como corretivo.

Aos 14 anos de idade desistiu do Seminário e, com a permissão dos tios, transferiu-se para o Estado do Amazonas, em busca de melhores dias, enfrentando os trabalhos árduos dos seringais. Ali trabalhou cerca de dois anos, resolvendo voltar para Fortaleza. Nessa fase de sua vida, nele se manifestaram os primeiros indícios de sua extraordinária mediunidade, sob a forma de terrível obsessão. Envolvido por espíritos menos esclarecidos, era tomado de estranha força física, tornando-se capaz de lutar e vencer vários homens, apesar de Ter menos de 18 anos e ser fisicamente franzino. Esse estado anômalo acontecia a toda hora e Peixotinho, temendo conseqüências mais graves, deliberou não mais sair de casa. Ali ficou acometido de nova influência dos espíritos trevosos, ficando desprendido do corpo cerca de 20 horas, num estado cataléptico, quase chegando a ser sepultado vivo, pois seus familiares o tinham dado como desencarnado.

Depois desse episódio, sofreu uma paralisia que o prostrou num leito de dor durante seis meses. Nessa fase, um dos seus vizinhos, membro de uma sociedade espírita de Fortaleza, movido de íntima compaixão pelos seus sofrimentos, solicitou permissão à sua família, para prestar-lhe socorro espiritual, com passes e preces. Ninguém em sua casa tinha conhecimento do Espiritismo e seus

familiares também não atinavam com o verdadeiro estado do paciente, uma vez que o tratamento médico a que se submetia não lhe dava qualquer esperança de restabelecimento. O seu vizinho iniciou o tratamento com o Evangelho no Lar, aplicando-lhe passes e dando-lhe a beber água fluida. A fim de distrair-se, Peixotinho começou a ler alguns romances espíritas e posteriormente as obras da Codificação Kardequiana. Em menos de um mês apresentava sensível melhora em seu estado físico e progressivamente foi libertando-se da falsa enfermidade.

Logo que conseguiu andar, passou a freqüentar o Centro Espírita onde militava o grande tribuno Vianna de Carvalho, que na época estava prestando serviço ao Exército Nacional em Fortaleza. A terrível obsessão foi a sua Estrada de Damasco. O conhecimento da lei da reencarnação veio equacionar os velhos problemas que atormentavam a sua mente, dirimindo todas as dúvidas que o Seminário não conseguira desfazer. Passou assim a compreender a incomensurável bondade de Deus, dando a mesma oportunidade a todos os seus filhos na caminhada rumo à redenção espiritual.

Orientado pelo major Vianna de Carvalho, Peixotinho iniciou o seu desenvolvimento mediúnico. Tornou-se um dos mais famosos médiuns de materializações e efeitos físicos. Por seu intermédio produziram-se as famosas materializações luminosas e uma série

dos mais peculiares fenômenos, tudo dentro da maior seriedade e nos moldes preceituados pela Doutrina Espírita.

Em 1926, foi convocado para o serviço militar e transferido para o Rio de Janeiro, sendo incluído em um batalhão do exército, na cidade fluminense de Macaé. Ali se dedicou com amor à prática do Espiritismo e, com um grupo de abnegados companheiros, fundou o Centro Espírita Pedro, instituição que por muito tempo se tornou a sua oficina de trabalho.

Em 1933, consorciou-se com Benedita Vieira Fernandes, de cujo matrimônio tiveram vários filhos. Por força da sua carreira militar, foi transferido várias vezes, servindo em Imbituba, Santa Catarina; Santos, São Paulo; no antigo Distrito Federal e em Campos, Rio de Janeiro. Onde chegava, procurava logo servir à causa espírita.

No ano de 1945, na cidade do Rio de Janeiro, encontrou-se com vários confrades, dentre eles Antônio Alves Ferreira, velho companheiro no Grupo Espírita Pedro, de Macaé. Nessa época passou a freqüentar o Culto Cristão no Lar, realizado sistematicamente na residência daquele confrade. Posteriormente, unindo-se a Jacques Aboab e Amadeu Santos, resolveram fundar o Grupo Espírita André Luiz, que inicialmente funcionou na Rua Moncorvo Filho, 27, onde se produziram, pela sua mediunidade, as mais belas sessões de materializações luminosas, as quais

ensejaram ao Dr. Rafael Ranieri a oportunidade de lançar um livro com esse mesmo título. Peixotinho prestava também o seu valioso concurso como médium receitista e curador.

No ano de 1948, encontrando-se pela primeira vez com o médium Francisco Cândido Xavier, na cidade de Pedro Leopoldo, teve a oportunidade de propiciar aos confrades daquela cidade, belíssimas sessões de materializações e assistência aos enfermos.

Em 1949 foi transferido definitivamente para a cidade de Campos, onde participou dos trabalhos do Grupo Joana D'Arc. Fundou também o Grupo Espírita Araci, em homenagem ao seu guia espiritual.

Peixotinho sofria de broncopneumonia, enfermidade que lhe causava muitos dissabores, porém ele suportava tudo com estoicismo, o mesmo podendo-se dizer das calúnias de que foi vítima, como são vítimas todos os médiuns sérios que se colocam a serviço do Evangelho de Jesus, dando de graça o que de graça recebem.

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Francisco Raimundo Ewerton Quadros

Entre os trabalhadores da primeira hora, no Espiritismo do Brasil, o Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros ocupa lugar de justificada saliência, em virtude da valiosa colaboração que prestou à ingente obra de disseminação e explanação da doutrina codificada por Allan Kardec.

Homem de grande envergadura moral, possuidor de sólida e generalizada cultura, doutor em engenharia e figura de prestígio na sociedade e no Exército nacionais, tendo sucedido ao General Franklin do Rego Cavalcanti de Albuquerque Barros na presidência do Clube Militar, exatamente no governo de Prudente de Moraes, o marechal Ewerton Quadros, não obstante tudo isso, não se deixou fascinar pelas ambições da vida material.

Espírito ativo e familiarizado com estudos profundos, escreveu numerosos trabalhos de cunho filosófico, os quais constituem inequívoco atestado do seu valor intelectual. De costumes austeros, mas de visão larga, não tardou fosse atraído pelo Espiritismo, dele se tornando, desde 1872, dos mais probos e autorizados propagandistas, pelo verbo e pela pena, ajudado pelas várias mediunidades que possuía, principalmente a da vidência, o que maior força imprimia às suas já alicerçadas convicções doutrinárias.

Ele mesmo, através das páginas de “Reformador”, contou uma série de notabilíssimos fenômenos devidos aos seus dons mediúnicos, os quais nele se manifestavam desde a idade de oito anos.

Em março de 1873, desenvolveu-se-lhe a psicografia, e, em pouco tempo, começou a produzir trabalhos admiráveis. Experimentando a sua nova faculdade mediúnica, no sentido de comprovar a não participação do seu próprio Espírito nas comunicações, obteve, certa vez, que um Espírito evocado por um seu amigo se manifestasse, a este respondendo a perguntas mentais, sobre História. Ao ser criada a Federação Espírita Brasileira, foi ele eleito seu primeiro presidente, cargo que ocupou até 1888, quando cedeu o posto ao Dr. Bezerra de Menezes, cujo nome havia sido sufragado para esse fim.

Francisco Raimundo Ewerton Quadros mostrou-se à altura de sua missão. Cultivou sempre com acendrado carinho as virtudes cristãs, servindo ao Espiritismo e à Federação Espírita Brasileira, com a superioridade e firmeza dos verdadeiros crentes. Foi legítimo semeador das verdades evangélicas, pregando-as pelo exemplo constante e pela palavra.

Jamais ocultou, a quem quer que fosse, as suas convicções. Serviu à fé espírita com ilimitado devotamento, deixando, ao retornar à vida espiritual, o testemunho seguro do trabalhador que bem cumpriu

seus deveres, como sói acontecer com todos aqueles que se propõem seguir a consoladora doutrina do Cristo.

Ewerton Quadros nasceu na capital do Maranhão, em 17 de outubro de 1841, e faleceu no Rio de Janeiro aos 20 de novembro de 1919. Seu pai, Capitão honorário Francisco Raimundo Quadros, desencarnado no referido Estado do norte brasileiro, em 1874, criou outros filhos, entre eles um futuro oficial da Armada, falecido em Montevidéu, também em 1874.

Órfão de mãe em tenra idade, Ewerton Quadros foi criado por sua tia e madrinha, que partiu para o Além em 1868.

Fez na terra natal, com o maior brilhantismo, o seu curso de humanidades e, em princípios de 1860, rumou para o Rio. Aí, mal saído da Escola Militar, em 1864, como Alfares-aluno adido ap 1o. Batalhão de Artilharia a pé, segue a reunir-se às forças invasoras da Republica Oriental, o que lhe valeu as medalha C.O. Daí avança para o Paraguai, de onde volta, em 1870, como Capitão, Cavaleiro da Ordem da Rosa, da Ordem de Cristo e da Ordem de S. Bento de Aviz, e fazendo jus à medalha geral da Campanha do Paraguai com o passador de prata e o número 5(P-5), bem como à medalha Argentina, concedida pelo governo dessa República, e à medalha(oval) de Paissandu.

Desempenhou. Depois, e até 1872, várias funções nos Comandos Militares do Pará e Amazonas, sempre louvado em ordens regimentais “pelas nobres qualidades que o distinguem como militar disciplinado e severo cumpridor de seus deveres, pelos bons serviços que prestou com dedicação, zelo, inteligência e sisudez que o caracteriza”.

Forma-se em Engenharia pela Escola Central da Corte(atual Escola Politécnica), toma grau de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas em 3/7/1874, e vai trabalhar um lustro no Rio Grande do Sul, como Ajudante da Comissão de Engenharia Militar naquele Estado sulino.

Espírita desde 1872, conforme já falamos, logo começou a colaborar na propaganda da Doutrina Espírita, tendo sido um dos fundadores, em 7 de junho de 1881, do Grupo Espírita Humildade e Fraternidade, no Rio. Este Grupo, desdobramento do Grupo Espírita Fraternidade, que se instalara aos 21 de março de 1880, compunha-se de “algumas pessoas ilustradas que se consagravam ao estudo sério da doutrina espírita”.

Seus primeiros escritos espíritas saíram publicados na “Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade”, periódico fundado

em Janeiro de 1881, o segundo órgão espírita surgido no Rio de Janeiro. O primeiro trabalho de Ewerton Quadros ali apareceu nos meses de agosto e setembro de 1881. Era um erudito estudo sobre “O Magnetismo na Criação”. Seguiu-se a este, em Fevereiro de 1882, bela poesia de sua autoria, em dezesseis estrofes de quatro versos, intitulada – “O Redivivo”.

E em seu número de Julho de 1882, a referida Revista estampava primorosa e edificante página poética recebida, através da mediunidade de Ewerton Quadros, aos 18 de junho de 1880. Intitulava-se “Morrer é deixar a ilusão pela verdade”, e fora assinada com as iniciais A.A.

Participou ativamente da fundação da Federação Espírita Brasileira, e foi eleito seu primeiro presidente (1884-1888). Nesse tempo era ele Major do Estado Maior de Artilharia do Exército. Em 1888, deu à FEB sede independente, pois que até então funcionava na residência de um que outro confrade. É assim que a FEB ficou instalada no sobrado do prédio número 17 da Rua Clube Ginástico Português, depois Rua Silva Jardim.

Ewerton Quadros realizou, além de outras, duas eruditas conferências no salão da Guarda Velha, na Rua Guarda Velha (atual Av. 13 de Maio), enfileirando-se entre os que abrilhantaram aquele

memorável ciclo de conferências públicas, de larga repercussão, patrocinadas pela FEB.

Colaborou no “Reformador” e em outros órgãos da imprensa espírita até os derradeiros meses de sua vida terrena. Alguns meses antes de falecer, doou à FEB, da qual era presidente honorário desde 1891, muitos exemplares do seu livro “Os Astros”, para com o produto de sua venda socorrer os pobres da Assistência aos Necessitados.

Possuía Ewerton Quadros incontestável cultura e vasta erudição, sendo amplos os seus conhecimentos de Astronomia, História Natural e História Universal. Seus artigos em prosa eram às vezes assinados com o pseudônimo Freq. Revelou-se igualmente como poeta, publicando de vez em quando suas produções nos periódicos espíritas.

Deixou em numerosos escritos e em várias obras o fruto de suas meditações iluminadas pelo Espiritismo. São de sua lavra: “História dos Povos da Antiguidade”, escrita sob o ponto de vista espírita, até a vinda do Messias,etc.; “Os Astros”, estudos da Criação; Conferência sobre “O Espiritismo”, seu lugar na classificação das ciências, etc.; “As Manifestações do Sentimento Religioso Através dos Tempos”; “Catecismo Espírita”, dedicado às meninas; etc.

Logo que saiu o primeiro livro acima citado, a Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, de fevereiro de 1882, deu dele ciência ao público leitor, dizendo a seguir:

“O Sr. Dr. Quadros é mais um trabalhador incansável e corajoso que se apresenta na arena da propaganda, como demonstra o importante volume que acaba de publicar, cujo assunto só por si é recomendação para os estudiosos, abona o autor, e dá testemunho da perseverança com que se dedica aos trabalhos espíritos.”

Traduziu muitos artigos, bem como obras, do francês e do inglês, sobressaindo entre estas últimas “O Fenômeno Espírita”, de Gabriel Delanne; “Bases Científicas do Espiritismo”, de Epes Sargent; “Região em Litígio entre este mundo e o outro”, de Robert Dale Owen.

Cristão sincero, depressa compreendeu a necessidade de vulgarizar a notável obra mediúnica coordenada e publicada em França por J.B. Roustaing – “Os Quatro Evangelhos”. Atirou-se a árdua tarefa com entusiasmo e, em 1883, terminou a sua tradução, que foi a primeira em língua portuguesa. “Reformador” começou a publicá-la em 15 de janeiro de 1898, só o fazendo parcialmente.

Em 1900, saiu, editada pela FEB, a 1a. edição da referida obra, em três volumes, traduzida, ao que parece, pelo Sr. Henrique Vieira de Castro(cf. “Reformador”, 1921,pg.443). Em fins de 1918, a Federação Espírita Brasileira cogitou em reeditar a referida obra de Roustaing, agora na tradução do dr. Guillon Ribeiro, para isso tendo encetado uma campanha. Pois bem, Ewerton Quadros formou-se, imediatamente entre os primeiros subscritores dessa edição, que saiu em 1920.

Tomou parte nas conferências escolares que em fins do século passado se realizavam anualmente no Liceu de São Cristóvão. Discorria, então, para os alunos, sobre assuntos ligados à Astronomia.De 1880 a 1887 participou de várias e importantes atividades no Exército, inclusive num projeto de uma estrada que ligasse a Corte às Províncias do Paraná, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, bem assim na confecção de plantas de dezenas de cidades do Rio Grande do Sul, com planos defensivos e memórias descritivas.

Em 1889 é comissionado pelo governo central nos sertões de Goiás, daí porque não fora reeleito para a presidência da FEB. E, depois disso, andou por várias regiões brasileiras, em comissões científicas e militares, tendo trabalhado, por exemplo, junto à comissão militar(que também chefiou) encarregada da linha telegráfica entre Uberaba e Cuiabá, cujos trabalhos de observação e exploração ele

publicou numa Memória. Esta Memória terminava com um vocabulário comparado, do português com as línguas indígenas: guarani, caiuí, coroado e xavante.

Ewerton Quadros prestou ao País relevantes serviços, tendo exercido cargos de elevada responsabilidade, recebendo várias medalhas de mérito científico e militar.

Não foi o sétimo presidente do Clube Militar, conforme assinala a “Revista do Clube Militar” de abril de 1940,pág.22. Pesquisas por nós realizadas em extensa documentação, inclusive nas Atas das Assembléias Gerais do referido clube, patenteiam ter sido Ewerton Quadros o sexto presidente(1895-1896), eleito em sucessão ao Gen. Franklin do Rego Cavalcanti de Albuquerque Barros. O jornal “O Paíz” põe por terra qualquer dúvida que ainda possa subsistir. Em seu número de 30 de abril de 1895, ele relacionou os membros da nova diretoria do Clube Militar, eleitos no dia anterior.

Ewerton Quadros foi, também, diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, Comandante da Escola Militar do Rio de Janeiro(1894-95), então localizada na Praia Vermelha, e lente da Escola Politécnica. Agraciado pelo governo do Marechal Deodoro com a Ordem de Avis, no grau de Oficial. Constituiu-se num dos mais esforçados auxiliares do Marechal Floriano Peixoto durante a revolta de 1893-1894, tendo sido Comandante do 5o. Distrito

Militar, Comandante-em-Chefe das forças em operações no Paraná, Comandante das Fortalezas de São João e da Laje. Reformado no posto de Marechal, por Decreto de 4 de julho de 1895.

Por volta de 1908, dirigiu, com outros diretores, a “Liga de Propaganda das Ciências Psico-Físicas”, que se ocupava dos fenômenos regidos por forças supranormais.

Além da notável cultura filosófica e científica que demonstrou possuir, era ele senhor de riqueza bem maior e mais apreciável – a do coração, a dos sentimentos cristãos. Suportou, sereno e resignado, todos os golpes da calúnia, da intriga e do sarcasmo com que tentaram empanar-lhe o brilho da trajetória terrena.

A causa do Espiritismo no Brasil teve nele uma das mais fortes colunas. Com a sua pena culta, com a sua palavra esclarecida e autorizada, com seu exemplo de cidadão reto e honrado, foi um dos maiores propagandistas a serviço da Doutrina Espírita.

Francisco Raitani

Neste ano (1997), comemora-se o centenário de nascimento de Francisco Raitani, terceiro ocupante da cadeira número 6 da Academia Paranaense de Letras. Nasceu na cidade de Rio Grande,

Rio Grande do Sul, no dia 23 de setembro de 1897, Filho de Felício Raitani e Vicência Comena Raitani.

Fez o curso básico em Curitiba, cidade na qual se enraizou, pois a ela chegou aos cinco anos de idade. Exerceu, primordialmente, o magistério, níveis secundário e superior. No Instituto de Educação dedicou-se à disciplina de História Geral e do Brasil; na Faculdade de Ciências Econômicas lecionou Prática Jurídica e na Faculdade de Direito tornou-se auxiliar de ensino de Direito Civil, Comercial e do Trabalho. Jornalista nos idos de 1950, exerceu as funções de redator-chefe do jornal O Dia e, na Gazeta do Povo, manteve durante longo tempo uma coluna intitulada Gazeta Jurídica. No jornal Mundo Espírita exerceu as funções de co-redator-chefe, escrevendo, ao mesmo tempo, a coluna Nossa Crônica. Foi nomeado, em 1924, auxiliar da Procuradoria Fiscal da Prefeitura Municipal de Curitiba. Em seguida, delegado de Polícia de Costumes. Advogado do Estado, atingiu o ápice da carreira de subconsultor do Quadro da Consultoria Geral do Estado. Foi um dos fundadores da Associação dos Servidores Públicos do Paraná.

A Associação dos Magistrados do Paraná concedeu-lhe o primeiro título de Sócio Honorário. Manteve constante atividade intelectual. Sua obra máxima, em dois volumes, Prática de Processo Civil, publicada pela Editora Saraiva (e que já completou o cinquentenário, desde a primeira edição) vem sendo atualizada ano

a ano por seus descendentes, recebida sempre com a maior atenção pelos estudantes e profissionais do Direito. Tornou-se figura notável nas letras jurídicas. Viveu na modéstia, como advogado e professor, jamais se deixando embair pelas ambições materiais.

Bastante conhecido pela obra realizada, recebeu, ainda em vida, muitas homenagens de reconhecimento. Francisco Raitani, dentre as atividades exercidas, em 12 de janeiro de 1936, foi incluído no Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Paraná, tornando-se efetivo em abril do mesmo ano. Participou, durante mais de 30 anos, não só do Conselho Deliberativo, como ofereceu o brilho de sua inteligência em todas as ocasiões em que foi chamado a contribuir, especialmente, nas reuniões inter-estaduais, onde se estudavam, através de congressos, seminários, simpósios, encontros ou eventos outros de natureza doutrinário-federativa, os interesses da Doutrina.

Representou a Federação Espírita do Paraná em diversas ocasiões, com elevados propósitos, revelando conhecimento profundo da Doutrina Espírita e das questões administrativas que envolviam o movimento espírita de unificação. Expositor consciente, convicto e profundo conhecedor, sabia transmitir, com clareza, os princípios básicos do Espiritismo, em seu tríplice aspecto. Médiun atuante, recebia, pela psicografia, mensagens assinadas por respeitáveis espíritos.

Foi co-redator do jornal "Mundo Espírita", assinando a coluna "Nossa Crônica" por longos anos, desde que Lins de Vasconcellos transferiu sua redação do Rio de Janeiro para Curitiba, tornando-o órgão doutrinário da Federação Espírita do Paraná, em 1953.

Autor de programa de lições do Evangelho à Luz da Doutrina Espírita, destinado às crianças, aprovado durante o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, realizado em São Paulo, em 11 de julho de 1948, ocasião em que, juntamente com João Ghignone e Abibe Isfer, representou o Paraná naquele conclave. Em 1949, foi designado para participar do Congresso de Educadores Espíritas, realizado em São Paulo, representando o Paraná.

Em 3 de outubro de 1949, ao lado de João Ghignone, participou do Congresso Pan-americano, no Rio de Janeiro, representando o Paraná, marcando presença na reunião que ensejou a assinatura do "Pacto-Áureo", na sede da Federação Espírita Brasileira, no dia 5 de outubro do mesmo mês, que se constituiu no grande marco de unificação dos espíritas brasileiros e a criação do Conselho Federativo Nacional, cujo primeiro representante do Paraná foi o Dr. Lins de Vasconcellos.

Em outubro de 1951 participou do 2º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, juntamente com seus companheiros de Diretoria da FEP, João Ghignone, Abibe Isfer e Honório Melo, com destacada atuação em prol do fortalecimento e ampliação do Pacto-Áureo e aprimoramento do processo federativo-doutrinário.

Em 1957, juntamente com João Ghignone, Maria da Paz Ribeiro, Maura Barcellos, Lucy Terezinha Lurenço e Renê Rizental, participou do 1º Congresso de Orientação de Escolas de Evangelização, em Juiz de Fora-MG, ocasião em que a delegação do Paraná visitou Francisco Cândido Xavier (em Pedro Leopoldo) e José Pedro de Freitas (Arigó), em Congonhas.

Em 1961, nos dias 19 e 25 de janeiro, em Curitiba, integrou uma equipe de coordenação do Encontro de Federativas Estaduais do Sul, evento este que contou com representações dos Estados de Minas Gerais, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, bem como do Vice-Presidente da Federação Espírita Brasileira, Dr. Armando de Assis. Fizeram parte da referida comissão mais os seguintes confrades, entre outros: João Ghignone, Abibe Isfer, Maria da Paz Ribeiro, Honório Melo, Walter do Amaral e Carlos Gambus.

Em 1962, nos dias 20 e 21 de abril, integrou uma comissão de estudos no simpósio Centro-Sulino - que tratou de assuntos de

interesse geral para o movimento espírita, versando sobre os temas: Doutrina, Unificação, Educação, Mocidade Espírita e Assistência Social, juntamente com os confrades Lauro Schleder, Honório Melo, Walter do Amaral, Lucio Kafka, Adolfo Ricks Junior, Maria da Paz Ribeiro e Otavio Ulisséia.

Em 20 de junho de 1960, fez parte da comissão que elaborou o documento "Nova Organização Federativa - Normas e Instruções", para uso das entidades do quadro federativo da FEP, nomeada pelo Conselho Deliberativo. Desencarnou em 13 de maio de 1971.

Em 16 de maio de 1971, o Conselho Deliberativo da FEP, reunido, prestou-lhe sentida homenagem, conforme carta enviada à sua esposa, Sra. Alzira Brito Raitani, assinada pelo Presidente da Federação, João Ghignone, datada de 19 de maio do mesmo ano.

"(...) Ficamos nós, da equipe de "Mundo Espírita", sem a presença física de um companheiro sempre querido: FRANCISCO RAITANI. Seu exemplo de firmeza, dignidade e amor à causa espírita, ficará com todos nós, como incentivo, refletindo nas páginas do valoroso jornal a que ele pertenceu. O velho Raitani, como nós o chamávamos, às vezes, era um jurista, professor de Direito, jornalista vigoroso, polemista, mas sobretudo um homem de bem, companheiro leal, um espírita de afirmações. Não fazia praça do seu saber, mas era também um professor que também ensinou pelas

atitudes, além da cultura jurídica. Quem o via de perto, com aparência um tanto prussiana, alto, sisudo, tinha a impressão de um tipo fechado, de pouca conversa. No entanto era, na realidade, um homem de alma aberta e de inteligência arejada. Fizemos excursão pelo interior do Paraná... Faz alguns anos, e ele já andava doente, mas a chama do ideal nunca se apagou naquela alma forte. (...)" Assim se expressou seu grande companheiro e amigo Deolindo Amorim.

"(...) Esse o Raitani a quem - na hora suprema em que seu corpo material baixa à campa, e seu vigoroso e esclarecido espírito alça vôo pelo infinito em fora - nós, seus irmãos e amigos da Federação Espírita do Paraná, do seu Conselho Deliberativo e da redação e oficinas de "Mundo Espírita", tributamos esta pequenina mas expressiva homenagem. E o adeus de agora, já a ceder lugar a saudade que fica... O Raitani bem o merece.

Pesquisa: José Virgílio Góes Texto: Elza Maran da Silva

Francisco Spinelli

Chegado ao Brasil em 1911, vindo da Itália, natural de Nápoles onde nasceu em 1893, fixou residência, inicialmente em Vacaria - RS, fixando-se posteriormente em Bom Jesus - RS.

Como funcionário do Banco do Estado do Rio Grande do Sul e Prefeitura da cidade, ingressou no Espiritismo. Foi presidente do Centro Espírita Amor de Jesus e colaborador de Marcirio Cardoso de Oliveira na implantação e divulgação da doutrina de Kardec, na região serrana.

Grande orador e dotado de dinamismo invulgar, formou a Caravana de Divulgação que, em companhia de seu amigo Marcirio e do médium Jurê Varella e outros companheiros de doutrina, percorriam nos fins de semana os povoados dos campos de “Cima da Serra”, fundando núcleos familiares e disseminando a leitura das obras espíritas que conduziam em cargueiros sob o lombo de mulas.

Foi numa dessas incursões que na localidade Princesa dos Campo - RS, na residência do agrimensor Vicente Acylino de Oliveira, fundou o Centro Espírita Alunos do Bem, denominação que o irmão Vicente, ao mudar residência para Caxias do Sul, com outros conterrâneos que também vieram, fundaram obra espírita com a mesma denominação e que hoje edita este jornal.

Spinelli, por exigência profissional transferiu-se para a Capital em junho de 1946, passando desde então a integrar-se através de colaboração a várias sociedades espíritas de Porto Alegre, não

tardando a ser eleito Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul e do movimento nacional.

E já de início, criou a Caravana da Fraternidade, percorrendo vários estados do país na propaganda da unificação da prática espírita, que culminou com a assinatura do Pacto Áureo, onde na qualidade de relator das conclusões do Congresso, desempenhou a incumbência com brilhantismo e competência, possibilitando a finalização do ato, em 05 de outubro de 1949, na Casa de Ismael, no Rio de Janeiro.

Na presidência da FERGS, incentivou as comemorações do centenário dos fenômenos de Hudeswille, confirmação da realidade medianímica que deu início a Codificação.

Criou a comissão para disseminar os Departamentos de Evangelização da Infância e da Juventude. Instituiu na FERGS o programa: “Em cada Centro Espírita uma Livraria”, hoje vitorioso idéia semeadora de luzes e conhecimento doutrinário.

Desencarnou em Porto Alegre em 07/08/1955. Nossa casa espírita fundada sob sua inspiração e Marcirio Cardoso, que até esta data sempre contou com suas mensagens orientadoras, pede ao Criador

Divino que o ilumine e lhe conserve o ânimo missionário a serviço da obra de Ismael.

Boletim Harmonia - Abril/Maio e Junho de 2000

Francisco Valdomiro Lorenz

Às 13 horas de 24 de Maio de 1957, na cidade de Dom Feliciano (RS), regressou à Pátria espiritual o nosso venerado Irmão, nascido na pequena aldeia de Zbislav, perto da cidade de Tcháslav, na Boêmia, no dia 24 de Dezembro de 1872, mas que adquiriu cidadania brasileira e aqui viveu como cidadão utilíssimo durante 64 anos de sua preciosa existência.

Filho de pais muito pobres, sem recursos para estudar nem meios de comprar livros, a imensa cultura de Lorenz não poderia ser compreendida sem a doutrina das encarnações sucessivas e da mediunidade superior. Ele chegou a possuir bem oitenta idiomas diferentes, do Ocidente e do Oriente, antigos e modernos, inclusive o velho sânscrito, do qual fez a maravilhosa tradução de “Bhagvad-Gitá”, em versos no mesmo ritmo original. Seu conhecimento da língua do antigo Egito lhe permitiu preparar um livro pasmoso para nossa Federação, intitulado --- “A Voz do Antigo Egito”.

Seu primeiro livro sobre Esperanto foi publicado na Boêmia, em 1890, com o título “Plena Lernolibro de Esperanto por Aeoĵoj”. Logo depois de publicar esse compêndio, teve que deixar a pátria, onde suas idéias religiosas de espírita e seu ideal de política democrática eram coisas proibidas pelo Governo Imperial, católico e reacionário. Para comemorar o jubileu de ouro desse livro, os amigos do poeta fundaram em Santos (SP), no ano de 1940, o “Grupo Esperantista Francisco Valdomiro Lorenz”.

No Brasil, foi habitar em Dom Feliciano, no município de Encruzilhada do Sul, Rio Grande do Sul, onde tinha conhecidos. Vivendo num pequeno lugar, sem relações nos grandes centros, ser-lhe-ia impossível publicar um livro sobre Esperanto. Realmente, entre seu primeiro livro e o segundo decorreram 51 anos. Nesse meio tempo, escreveu em jornais e revistas e, em 1929, deu a público a importante obra - “Iniciação Lingüística”, que lhe granjeou grande autoridade a respeito de assuntos lingüísticos.

Só quando a FEB criou sua seção de edições em Esperanto, em 1937, abriu-se uma Editora para recomeçar ele sua missão espírita-esperantista. Publicou-se então, em 1941, a coletânea de poemas traduzidos de 40 línguas diferentes, com o título “Diverskolora Bukedeto”; em 1942, sua tradução de “Bhagvad-Gitá”. Em 1944, apareceu a primeira coleção de poemas mediúnicos em Esperanto, com o título “Voæoj de Poetoj el la Spirita Mondo”, formado em

grande parte por poesias recebidas pelo próprio Lorenz como médium, e outras por ele traduzidas de “Parnaso de Além-Túmulo”. O valor literário desse livro foi posto em relevo por “La Nica Literatura Revuo” , em seu número 5, de 1956, que transcreveu do livro dois poemets como modelo de bela poesia.

Refez e permitiu fosse publicado sob seu respeitado nome o livro didático “Esperanto sem Mestre “, editado pela Federação Espírita Brasileira e que já conta inúmeras edições.

Sua última obra de Esperanto foi a “Antologio de Brazilaj Poetoj “, cujo manuscrito foi preparado a pedido da Liga Brasileira de Esperanto.

Em português publicou muitos livros interessantes

A vida intelectual de Lorenz revelou desde a infância um Espírito de Alta Esfera, mas não só intelectualmente, foi um ideal que todos teremos que lutar por alcançar; moralmente, foi também um modelo e deu exemplos que viverão na lembrança das gerações.

Lorenz nunca poderá se esquecido.

Três dias antes da partida, um de nossos amigos recebeu do Rádio-Roma um pedido de notas biográficas para uma homenagem que o Rádio oficial da Itália lhe iria prestar, pelo fato de ser ele então o mais antigo esperantista vivo.

Esses dados foram logo remetidos por via aérea para o Sr. Luigi Minnaja, que dirigia o programa de Esperanto naquela grande estação de rádio. A revista oficial da Universala Esperanto-Asocio publicou, em seu número de Maio, que Lorenz era esperantista desde 1887, por isso a Rádio-Roma lhe prestaria aquela homenagem. Antes, porém, de ser irradiado o programa, já se havia transformado em homenagem póstuma.

WANTUIL, Zêus. Grandes Espíritos do Brasil. FEB, 1ª edição. RJ

Francisco Vieira Paim Pamplona

Francisco Vieira Paim Pamplona, nasceu no dia 8 de fevereiro de 1872, no Morro do Paim, de propriedade de seu pai, que deu o nome ao lugar, em Sampaio (Guanabara) e, depois, a uma rua no mesmo bairro.

Nas terras cariocas passou sua existência, tornando-se espírita e ganhando o respeito de quantos tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Seus contemporâneos retratam-no como homem de tenacidade inquebrável, fruto talvez da disciplina de sua vida e de sua educação, desenvolvida na Marinha Brasileira.

Nos últimos anos de sua vida, caracterizada por um esforço intenso de servir, Paim Pamplona orgulhava-se de ter o seu nome como o nº 1 no quadro dos sócios vivos da Federação Espírita Brasileira. Era o mais antigo de todos e, igualmente, um dos mais dedicados a ela.

Ignora-se de que maneira se fez espírita, todavia o fato de ter começado a freqüentar a FEB ainda quando era um jovem Guarda-Marinha, permite ajuizar que adquiriu a convicção espírita em sua primeira mocidade. Considerando sagrados os seus deveres, desde os mínimos aos máximos, não foi de espantar a sua ininterrupta ascensão na Marinha, até alcançar o posto máximo, isto é, o de Almirante. A alta patente, entretanto, não afetou o seu espírito de humildade modelar, a sua generosidade singela e espontânea, que passava quase despercebida num mundo onde se alardeia muito e em que a exemplificação autêntica se torna escassa.

Jamais se impacientava, nunca se aborrecia nem punha em evidência sua autoridade, sua energia acima do vulgar.

Além de suas funções na Marinha, foi professor no Colégio Militar, como lente de Geografia; fundou e dirigiu, no Engenho Novo, o "Colégio Nacional". Nos trabalhos doutrinários exerceu com abnegação as mais diversas funções. Na Federação Espírita Brasileira, foi chamado a prestar serviços em muitos postos, inclusive ao de Presidente nos exercícios de 1927 e 1928. Posteriormente, membro, nesta mesma casa, do Conselho Fiscal e do Conselho Superior, funções que exerceu até à desencarnação.

Foi Presidente, por vários anos, do Asilo de órfãos "Anália Franco", e continuou sempre como membro do seu conselho administrativo. Era também, membro do conselho da Maternidade "Casa da Mãe Pobre". Em sua longa carreira doutrinária, ensinava através do exemplo. Não era visto à frente dos espíritas, mas sempre em meio dos espíritas Seu nome não aparecia nos jornais e são escassos os informes a respeito de sua vida. Sua voz não se ouvia nas tribunas. É mérito educador, criou em 1923, com o Dr. Eurico da Cunha Rabelo, diretor do Instituto Rabelo, o Colégio Maria de Nazaré, no qual se usaram de métodos racionais e naturais, consoante os mais modernos processos pedagógicos, e sob orientação espírita, observando-se, porém, a mais completa tolerância religiosa.

Esse estabelecimento de ensino, destinado apenas a meninas, funcionou por algum tempo à rua Ibituruna, na Guanabara.

Em 4 de março 1955, em sua residência à Avenida Maracanã, n.º 411, desencarnou com 83 anos de idade, o Almirante Reformado Francisco Vieira Paim Pamplona, deixando viúva a senhora D. Eleusina Paim Pamplona, mais conhecida, carinhosamente, pelo nome de Biosa, com quem foi casado durante 57 anos, bem como três filhos e três filhas: O Coronel Silvio Paim Pamplona, srs. Arnaldo Paim Pamplona, alto funcionário Federal Darcy Paim Pamplona, engenheiro mecânico, e sras. Elza, Milza e Marina, todas casadas e numerosos netos.

O velho instrumento de suas atividades materiais foi sepultado no Cemitério de S. Francisco Xavier, em 5 de março de 1955. O Professor Newton de Barros fez o seu elogio fúnebre em discurso vibrante, apresentando as despedidas dos servidores do Espiritismo ao seu modelar companheiro.

Diante de um público das mais versas expressão de crença e descrença, aquela despedida se tornou edificante propaganda do ideal espírita que orientou a vida de Paim Pamplona. Assim desapareceu da superfície da Terra um homem que, em 83 anos de existência, ocupando posições de comando, exercendo autoridade, nunca teve um desafeto.

Revista Internacional de Espiritismo – Março de 1972.

François-René de Chateaubriand

"Eu pressentira, mau grado a prejuízos de infância e de educação, mau grado ao culto da lembrança, a época atual. Sou feliz por isso(...)" , é como se expressa Chateaubriand na mensagem, inserida em O Livro dos médiuns, 2. parte, cap. XXXI, item II.

Com certeza, estaria a pensar nas próprias reformas que ele presenciara e vivera no seu período de vida física, findo em 4 de julho de 1848, na capital francesa.

Ele conheceu o exílio e a glória, provações e homenagens, o desprezo e o poder. Político e escritor, participou de grandes momentos da História, que registrou em sua obra Recordações de além-túmulo, publicada em forma seriada, em Paris, de 21 de outubro de 1848 a 3 de julho de 1850, portanto depois de sua morte.

Escrita após a revolução de 1830, num período de completo isolamento, a obra apresenta uma galeria brilhante de personalidades da época, de dimensões históricas, políticas, sociais e literárias, cimentando o prestígio permanente de Chateaubriand na literatura francesa.

"Da primeira à última página das Mémoires sente-se a presença do autor, com as suas fraquezas, a sua coragem, o seu orgulho, a sua grande força de escritor"¹ , tanto quanto o difícil caminho de um aristocrata e intelectual após a Revolução.

Esse mágico do verbo e infatigável viajor dos séculos, nasceu François René, visconde de Chateaubriand, no dia 4 de setembro de 1768, em Saint-Malo, último filho de uma família católica. Frequentou o Colégio, engajou-se no Exército, frequentou a corte e a sociedade de Paris. Espírito irrequieto e aventureiro, embarcou para a América do Norte aos 23 anos, tendo percorrido vastas regiões de florestas virgens e estabelecido contatos com tribos indígenas.

Seu retorno à Europa se deu imediatamente após saber da fuga e prisão do rei Luís XVI, em Varennes. Diante da queda da monarquia, alistou-se no exército dos príncipes emigrados, que combatiam as forças revolucionárias. Ferido no cerco de Thionville, refugiou-se na Inglaterra em 1793, onde se sustentou dando lições de francês e fazendo traduções.

Trabalhou ali numa epopéia indígena publicada em 1826, Os Natchez. Sua primeira obra, contudo, Ensaio histórico, político e

moral sobre as revoluções antigas e modernas, consideradas em suas relações com a Revolução Francesa, viria a lume em 1797.

Também é na capital londrina que ele reconquista sua fé perdida, inicia sua obra de apologia da religião cristã e resolve dedicar seu gênio literário à defesa e reestauração das crenças religiosas, que a Revolução havia abalado.

Retornou à França em 1800 e em 1801 publicou um episódio retirado de Os Natchez, Atala, ou Os amores de dois selvagens no deserto. Ali, a jovem Atala salva o herói e prefere a morte ao casamento com Chactas, a fim de não ferir um voto que fizera à Virgem Maria.

Quatro anos depois, outro episódio seria publicado: René, onde se evidencia sua qualidade de discípulo de Rousseau, pintando através do seu personagem, o retorno do homem civilizado à Natureza. É um combate à lassidão, à impotência dos 'tempos modernos', com significação moral.

Uma apologia da fé cristã, publicada em 1802 é sua obra mais famosa: O espírito do cristianismo, com a qual ele conquista Napoleão, que desejava oficializar a religião católica como religião

do Estado. Nela se encontra emoção religiosa e poesia, consagrando o escritor como uma espécie de guia espiritual de sua época.

Em tributo de gratidão, Napoleão o nomeia secretário da Embaixada em Roma e depois ministro no cantão suíço de Valais, em 1804. Nesse ano, a 21 de março, a execução do duque de Enghien desperta os sentimentos monárquicos adormecidos em Chateaubriand. Ele se demite da carreira diplomática e se encerra numa oposição prudente, mas tenaz, ao imperador, apesar de todas as tentativas daquele para o reconquistar.

Eleito para a Academia Francesa de Letras, é impedido de pronunciar seu discurso de posse, considerado abertamente provocador. Mais tarde, em 1811 publicou um panfleto contra Napoleão e em 1816 define seu ideal político, defendendo a tese de que o rei deve reinar, mas não governar.

Após a ruptura com Napoleão, já célebre em toda a Europa, Chateaubriand medita em coroar exitosamente a sua obra de apologista da religião cristã, através de uma epopéia de seus mártires. Viaja a Jerusalém e no retorno, publica Os mártires ou O triunfo da religião cristã, e depois Itinerário de Paris a Jerusalém..., Vida de Rancé (relato da vida do Reformador da Ordem dos Trapistas no século XVII).

Chateaubriand firmou-se como um dos grandes precursores do Romantismo, pelo conteúdo das emoções variadas de sua obra, pela intensidade e poder dos muitos momentos exemplares do seu estilo.

Enciclopédia Mirador Internacional, vol. 5.

Franz Anton Mesmer

Mesmer foi o médico austríaco criador da teoria do magnetismo animal conhecido pelo nome de mesmerismo. Nasceu a 23 de maio em Iznang, uma pequena vila perto do Lago Constance. Estudou teologia em Ingolstadt e formou-se em medicina na Universidade de Viena. Provido de recursos, dedicou-se a longos estudos científicos, chegando a dominar os conhecimentos de seu tempo, época de acentuado orgulho intelectual e ceticismo. Era um trabalhador incansável, calmo, paciente e ainda um exímio músico.

Em 1775, após muitas experiências, Mesmer reconhece que pode curar mediante a aplicação de suas mãos. Acredita que dela desprende um fluido que alcança o doente; declara: "De todos os corpos da Natureza, é o próprio homem que com maior eficácia atua sobre o homem". A doença seria apenas uma desarmonia no

equilíbrio da criatura, opina ele. Mesmer, que nada cobrava pelos tratamentos, preferia cuidar de distúrbios ligados ao sistema nervoso. Além da imposição das mãos sobre os doentes, para estender o benefício a maior número de pessoas, magnetizava água, pratos, cama, etc., cujo contato submetia os enfermos.

Mesmer praticou durante anos o seu método de tratamento em Viena e em Paris, com evidente êxito, mas acabou expulso de ambas as cidades pela inveja e incompreensão de muitos. Depois de cinco tentativas para conseguir exame judicioso do seu método de curar, pelas academias, é que publica, em 1779, a "Dissertação sobre a descoberta do magnetismo animal", na qual afirma que este é uma ciência com princípios e regras, embora ainda pouco conhecida. A sua popularidade prosseguiu por muitos anos, mas outros médicos o taxavam de impostor e charlatão. Em 1784, o governo francês nomeou uma comissão de médicos e cientistas para investigar suas atividades. Benjamin Franklin foi um dos membros dessa comissão, que acabou por constatar a veracidade das curas, porém as atribuíram não ao magnetismo animal, mas a outras causas fisiológicas desconhecidas.

Concentrado no alívio à dor, Mesmer não chegou a perceber a existência do sonambulismo artificial, que seu ilustre e generoso discípulo, conde Maxime Puységur, descobre (inclusive a

clarividência a ele associada), o qual se desenvolve durante o transe magnéticos em certas pessoas.

Em 1792, Mesmer vê-se forçado a retirar-se de Paris, vilipendiado, e instala-se em pequena cidade suíça, onde vive durante 20 anos sempre servindo aos necessitados e sem nunca desanimar nem se queixar. Em 1812, já aos 78 anos, a Academia de Ciências de Berlim convida-o para prestar esclarecimentos, pois pretendia investigar a fundo o magnetismo. Era tarde; ele recusa o convite. A Academia encarrega o Prof. Wolfart de entrevistá-lo. O depoimento desse professor é um dos mais belos a respeito do caridoso médico:

"Encontrei-o dedicando-se ao hospital por ele mesmo escolhido. Acrescente-se a isso um tesouro de conhecimentos reais em todos os ramos da Ciência, tais como dificilmente acumula um sábio, uma bondade imensa de coração que se revela em todo o seu ser, em suas palavras e ações, e uma força maravilhosa de sugestão sobre os enfermos."No início de 1814, ele regressou para Iznang, sua terra natal, onde permaneceria os seus últimos dias até falecer em 05/03/1815.

Assim foi Mesmer. Durante anos semeou a cura de enfermos doando de seu próprio fluido vital em atitude digna daqueles que sacrificam-se por amor ao seu trabalho e a seus irmãos. Suas teorias atravessaram décadas e seu exemplo figura luminoso entre os

missionários que sob o açoite das críticas descabidas e as agressões da calúnia, passam incólume escudado pelo dever retamente desempenhado. Seu nome jamais se desligar do vocábulo "fluido" e sua vida valiosa pelos frutos que gerou, jamais ser esquecida por aqueles cuja honestidade de propósitos for o ornamento de seus espíritos. A sua obra foi decisiva para demonstrar a realidade da imposição das mãos como meio de alívio aos sofrimentos, tal como a utilizavam os primeiros cristãos antigamente e os espíritas atualmente.

Frederico Fígnier

Israelita de nascimento, viveu no lar paterno os preconceitos de sua raça contra o Carpinteiro de Nazaré . Na verdade, porém, Fígnier, como muitos outros judeus, não tinha religião alguma.

Foi no Brasil e quando já negociante próspero, com seu estabelecimento comercial e industrial no Rio de Janeiro e uma sucursal em São Paulo, que Fígnier foi chamado a conhecer a verdade. Nos últimos anos do século passado ou nos primeiros deste século, Fígnier travou relações de amizade com Pedro Sayão, filho do saudoso doutrinador Antônio Luís Sayão, pai da célebre cantora Bidu Sayão. Pedro Sayão, durante cerca de dois anos, lhe freqüentava a loja e palestrava sobre Espiritismo e Cristianismo, sem que Fígnier se impressionasse muito pelo assunto; porém, numa de suas visitas ao seu estabelecimento de São Paulo, Fígnier

ouviu a dolorosa história de um seu empregado, cuja esposa se achava gravemente enferma e necessitada de melindrosa intervenção cirúrgica. Ao regressar ao Rio, Fígner pediu a Pedro Sayão lhe obtivesse receita para cura da enferma de São Paulo. Veio a receita e a cura da doente, sem intervenção alguma dos médicos. Foi esse fato que inclinou Fígner a favor do Espiritismo.

Já impressionado com a cura da doente mediante uma receita mediúnica, Fígner foi procurado em sua loja por um pobre, pai de família desempregado, em penosa situação econômica. Ouviu-lhe o relato de suas aflições, deu-lhe um pouco de dinheiro e disse-lhe que voltasse oito dias mais tarde. Ao sair o necessitado, pela primeira vez na vida Fígner fez um pedido ao Carpinteiro de Nazaré : “Se é como dizem os cristãos que Tu tens poder, ajuda a esse pobre pai de família; arranja-lhe trabalho e meios de vida!”

Oito dias mais tarde, voltava o homem com o sorriso dos felizes e lhe narrava: “Já estou trabalhando e brevemente virei restituir seu dinheiro, Sr. Fígner. Fui procurado por uma pessoa que me convidou para um emprego inteiramente inesperado“. Fígner se entusiasmou e repetiu semelhantes pedidos, com resultados sempre positivos. Em vez de pedir a Jesus, passou a pedir a Maria e igualmente os resultados não se faziam esperar. Encheu-se de fé que transporta montanhas e estudou com entusiasmo o Espiritismo e o Cristianismo. Passou a consagrar sua vida ao serviço dos outros.

Não se sabe ao certo quando se deu essa conversão, mas em 1903 já se encontram vestígios das atividades espíritas de Fígner na Federação Espírita Brasileira. Por ocasião da gripe “espanhola”, em 1918, com 14 doentes em seu próprio lar e ele mesmo adoentado e febril, passava os dias inteiros na Federação, atendendo a doentes e necessitados que lá iam, em avalanches, buscar recursos para situações aflitivas.

Sua vida normal durante longos anos consistia em ir de manhã e a tarde à Federação tomar ditados de receitas de diversos médiuns, chegando a tomar 150 a 200 receitas por dia e a dar passes em numerosos doentes. Levantava-se às cinco horas da manhã e, antes de ir à loja, ia à Federação, de onde só saía quando terminava esse serviço de tomar ditados de receitas. Às quatro horas da tarde lá estava de novo para orar e dar passes em doentes. E curava mesmo os enfermos, pois que seus “fregueses”, como ele lhes chamava na intimidade, cresciam sempre de números.

Como propagandista da Doutrina, manteve sempre uma seção no “Correio da Manhã” que era lida no País todo. Em 1921 polemicou com o Padre Florêncio Dubois pela “Folha do Norte”, do Pará. Promoveu a publicação de muitos livros, custeando as edições. Foi à Inglaterra visitar o célebre “Circle of Crew”, onde o médium Willy

Hope obtinha as famosas fotografias de extras; visitou, então, Sir Arthur Conan Doyle e outros grandes vultos do Espiritismo inglês.

Em 1920 perdeu a filha primogênita, e sua esposa ficou inconsolável. Ouvindo ele falar da médium de materialização D. Ana Prado, de Belém do Pará, decidiu-se a partir para o Norte. No dia 1º de Abril de 1921, embarcou com toda a família. O que sucedeu naquelas sessões acha-se relatado no livro do Dr. Nogueira de Faria, intitulado O Trabalho dos Mortos, pela senhora D. Esther Fígner, esposa de Frederico Fígner, a qual, apenas regressando das sessões e assistida por sua filha Leontina, escrevia relato minucioso de tudo que ocorrera. Frederico Fígner nasceu na madrugada de 2 de Dezembro de 1866, na casa humilde de n.º 37 da rua Teynska, em Milevsko, perto de Tabor, Tchecoslováquia, então Boêmia e parte do Império austro-húngaro.

Era, portanto, compatriota de outro missionário que como ele vinha cumprir sua tarefa no Brasil, durante longa existência como brasileiro, entre os melhores, Francisco Valdomiro Lorenz, nascido em Zbislav, perto de Tcháslav, e chegado ao Brasil dois anos depois de Fígner. Ambos vinham da Pátria dos grandes mártires do Cristianismo, João Huss e Jerônimo de Praga, divulgar aqui os ideais superiores que conduziram os dois heróis aos tormentos da Inquisição. Fígner e Lorenz gravitaram para a Federação Espírita Brasileira que era muito jovem quando eles chegaram ao Brasil.

Fígner venceu galhardamente a escorregadiça e perigosa prova da riqueza, Lorenz venceu com igual bravura os tormentos da pobreza e se tornou um dos mais cultos esperantistas do mundo, com várias obras publicadas.

Filho de pais pobres, Fígner tinha que imigrar para o Novo Mundo, como faziam os jovens da Europa Central, naquele tempo. Aos treze anos sai do lar paterno e vai para a cidade de Bechim aprender um ofício. Em 1882, aos 16 anos, deixa definitivamente a terra natal. Parte com sua maleta de emigrante par Bremershafen, de onde, a bordo do vapor “Elbe” (como passageiro de terceira classe) , ruma para os Estados Unidos só levando dinheiro para a travessia. Contava Fígner um pormenor interessante dessa viagem . Sua mãe fizera e lhe dera para a viagem uma trança de pão doce. Chegando a bordo, nota que a alimentação de terceira classe é absolutamente insuportável. Divide então o seu pão doce, de sorte a bastar para todo tempo da travessia que durou 14 dias. Foi essa a sua única alimentação durante duas semanas.

Levava como modelo de conduta a tenacidade dos pais. Era o exemplo a imitar para vencer na vida. Uma tempestade violenta foi o único incidente da travessia, mas foi-lhe rude a luta para adquirir estabilidade econômica de sorte a manter-se e ajudar os pais e irmãos. Estados Unidos, México, América Central e, finalmente, América do Sul, foram seus campos de luta econômica. No Brasil,

esse filho de Israel encontrou sua Canaã . Estabeleceu-se, prosperou, conheceu uma jovem de peregrinas virtudes e alma de artista, D. Esther de Freitas Reys, filha de família ilustre.

Em 1897, Frederico Fígnier e D. Esther de Freitas Reys fundavam, pelo matrimônio, seu lar feliz. Recebia ele o prêmio de suas grandes lutas de trinta anos, mas não sonhava repouso, que não era ideal de seu caráter vibrante. Desse feliz enlace nasceram seis filhos: Rachel, Aluízio, Gabriel, desaparecidos do mundo antes do venerado genitor; Leonilda, Helena e Lélia, muito devotados ao seu velho pai.

O serviço de Fígnier nas obras de assistência e no trabalho profissional afastava-o muito do lar, mas isso não prejudicava o cultivo de um afeto extremo entre pai e filhos. Amavam-se com ardor e respeitavam reciprocamente as idéias e crenças particulares de cada um. Ainda nos últimos dias de sua vida, distribuía ele principescamente donativos por instituições e pessoas pobres de sua amizade, guiando-se pelo coração e nem sempre pelo cérebro, e só respeitando a fortuna das filhas.

Trabalhou e serviu abnegadamente até que a enfermidade o prendeu ao leito, poucos dias antes da partida. Completou oitenta anos em 2 de Dezembro de 1946, e em 19 de Janeiro de 1947, às 20 horas, partiu para o mundo espiritual, deixando abertos caminhos de luz sobre a Terra que pisara por tanto tempo.

Ao funeral compareceu uma multidão de amigos e admiradores. Diante da câmara mortuária, o Presidente da Federação pronunciou palavras de despedida e o Vice-Presidente fez uma prece. Ao descer o ataúde ao jazigo, no Cemitério de São Francisco Xavier, falaram com sentimento os Drs. Miranda Ludolf, Lins de Vasconcellos e o Capitão Silva Pinto.

A Federação Espírita Brasileira, após a morte de Fígner, publicou-lhe alguns dos escritos no livro intitulado - “Crônicas Espíritas “.

WANTUIL, Zêus. Grandes Espíritas do Brasil.

Fredrich William Henry Myers

Nascido em Keswick (Cumberland), Inglaterra, a 6 de fevereiro de 1843, e desencarnado em Roma, Itália, a 17 de janeiro de 1901.

Fredrich William Henry Myers, mais conhecido por Fredrich Myers, foi erudito literato inglês, famoso pelos seus escritos notáveis e estudos sobre os fenômenos espíritas.

Educou-se no Colégio da Trindade, de Cambridge, e, após ter colimado uma série apreciável de triunfos, foi nomeado professor do mesmo instituto de ensino e, em 1872, inspetor de todas as

escolas do Distrito. Nessa época já havia publicado um poema intitulado "São Paulo". Nos anos de 1870 e 1872 lançou mais dois volumes de poesias. Em 1883 publicou seus "Ensaio Clássicos e Modernos" (Essays Classical and Modern), obra que alcançou notável valor literário.

No ano de 1882, após vários ensaios, estudos e discussões, figurou, em primeiro lugar, na lista dos fundadores da "Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres", tornando-se o porta-voz da mesma sociedade, dando sua contribuição valiosa na revisão da magistral obra "Fantasma dos Vivos" (1886), cuja introdução escreveu. De sua autoria é ainda a obra "A Ciência e a Vida Futura".

Posteriormente à sua desencarnação foi publicado seu livro "Human Personality and its Survival of Bodily Death", vertido para o português com o título "A Personalidade Humana" obra que constituiu, de direito e de fato, preciosa contribuição no campo das investigações psíquicas e que foi qualificada pelo saábio William James como a primeira tentativa de se considerar os fenômenos de alucinação, hipnotismo, automatismo e dupla personalidade como partes de um só todo.

A sua obra "A Personalidade Humana" foi dedicada a Henry Sidgwick e a Edmond Gurney, constituindo um repositório de fulgurantes ensinamentos. Nessas Myers proclama que "assim

como Sócrates fez descer a Filosofia do Céu para a Terra, o médium Emmanuel Swedenborg foi quem levantou a Filosofia da Terra para o Céu".

O Espiritismo muito deve a Fredrich Myers pelo interesse que sempre demonstrou pelas pesquisas dos fenômenos psíquicos e pelo idealismo que o norteou, procurando convencer muita gente mediante um trabalho metódico e de divulgação das verdades espíritas, através de obras que tiveram o mérito de sensibilizar muitas pessoas de notória influência, dentre elas "Sir" Arthur Conan Doyle, o genial criador de "Sherlock Holmes", que chegou a afirmar num dos seus relatos que a obra de Fredrich Myers "A Personalidade Humana" foi aquela que mais o impressionou, contribuindo decisivamente para a sua conversão ao Espiritismo.

Em sua obra "História do Espiritismo", Conan Doyle presta testemunho sobre Myers, asseverando: "A Fé que F. W. H. Myers havia perdido no Cristianismo foi restaurada pelo Espiritismo". Em seu livro "A Fé Final", diz ele: "Não posso, num sentido profundo, contrastar a minha crença atual com o Cristianismo. Considero-a antes um desenvolvimento científico da atitude e do ensino do Cristo".

Fredrich Myers foi, como decorrência, um dos mais eruditos pesquisadores do século passado e sua contribuição em favor da divulgação dos postulados espíritas foi das mais apreciáveis.

Gabriel Delanne

Nasceu no dia 23 de março de 1857, exatamente no ano em que Kardec publicava a 1.^a edição de "O Livro dos Espíritos".

Seu pai, Alexandre Delanne, era espírita e amicíssimo de Kardec, motivo porque foi ele grandemente influenciado pela idéia. Sua mãe trabalhou como médium, cooperando com o mestre de Lyon na Codificação.

Delanne foi um dos maiores propagadores da sobrevivência e comunicabilidade dos Espíritos.

Afirma ele:

"A inteligência que se manifesta não emana dos operadores; ela declara ser aquele cujo nome declina. Não vemos porque se obstinaria em negar sua existência. Vamos, agora, acumular as provas da existência dos Espíritos, e elas irão se revestindo de um caráter cada vez mais forte, por forma que nenhuma denegação

será capaz de combater a evidência da intervenção dos Espíritos nessas novas manifestações."

Publicou "O Espiritismo Perante a Ciência", "O Fenômeno Espírita", "A Evolução Anímica", "Pesquisas sobre a Mediunidade", "As Aparições Materializadas de Vivos e Mortos", além de outras obras de cunho científico.

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Galileu Galilei

"Pelas belas noites estreladas e sem luar, toda gente há contemplado essa faixa esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade a outra e que os antigos cognominaram de Via-Láctea, por motivo da sua aparência leitosa.(...)

É desta forma poética que inicia o item 32 de o capítulo VI de A Gênese que, conforme nota de rodapé assinala que foi "textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título _ Estudos uranográficos, e assinadas GALILEU" , servindo como médium Camille Flammarion.

Reencontramos no capítulo aludido o mesmo entusiasmo do Galileu estudioso que um dia tomou do telescópio que construía e que encurtava trinta e três vezes a distância do objeto, a quem ele chamou "Velho Descobridor", e virando-o para o céu, viu saltar-lhe aos olhos o maior dos espetáculos acessíveis à vista dos homens: o panorama extraordinário do Infinito, com suas estradas iluminadas por inumeráveis sóis. Naquela noite memorável, Galileu extasiado verificou que o que parecia simplesmente, a olho nu, um véu nebuloso, era uma faixa de estrelas, com inúmeras outras espiando, curiosas, por entre elas. Nascia, então, a Astronomia moderna.

Foi aos 17 anos que Galileu Galilei, nascido a 18 de fevereiro de 1564, em Pisa, na Itália, teve sua atenção desperta para o lampadário da abóbada da Catedral de sua cidade natal. Alguém o puxara para um lado a fim de acendê-lo e tendo-o largado, o lampadário oscilou em silêncio sobre a cabeça dos fiéis, descrevendo arcos que aos poucos foram se tornando mais curtos.

Galileu esqueceu de orar, esqueceu dos propósitos que o haviam conduzido à Igreja e com espírito de observação, mediu o tempo de cada oscilação pelo seu próprio pulso.

Sua família chegou a perder a paciência com o rapazote, tantas foram as experiências que ele fez a partir de então com pêndulos, suspendendo-os nas traves do teto e nos ramos das árvores. O

resultado foi a invenção de um pêndulo que se podia sincronizar com o pulso humano e que os médicos passaram a adotar para medir as pulsações dos doentes.

Por insistência do pai, foi estudar Medicina na Universidade de Pisa, depois de ter fracassado como ajudante na loja da família. Foi também seu pai que, amante da música, o ensinou a tocar alaúde e órgão. Galileu chegou a ganhar notoriedade como pintor.

Estudando sozinho, descobriu Arquimedes, o maior de todos os matemáticos e filósofos gregos, e a partir daí, inventou uma balança hidrostática. Teve a coragem de refutar Aristóteles provando não só que os corpos, independente de seu peso, caem com uma velocidade que se vai acelerando, como também que a aceleração da queda é uniforme.

Deu à Física um conceito novo, o da inércia , ou seja, a tendência que têm os corpos a ficar em repouso, ou, quando em movimento, a continuar se deslocando em linha reta, na mesma velocidade, a não ser que uma força externa exerça sobre eles alguma ação.

Aos 24 anos era professor de Matemática na Universidade de Pisa, cargo que perdeu por defender suas idéias. Sofreu perseguições, diminuíram-lhe o salário e ele acabou por se demitir.

Em 1592 a República de Veneza o convidou a ensinar na Universidade de Pádua. Durante 18 anos, com um ordenado que podia ser considerado bom, e num ambiente de liberdade intelectual, Galileu inventou uma régua para cálculos, um transferidor, desenhou fortificações e máquinas para o cerco das cidades e pontes.

Eram tantos os seus alunos que ele era obrigado a ensinar ao ar livre. Finalmente, a Inquisição estendeu o seu ignorante braço e proibiu Galileu de ensinar as suas teorias, porque os movimentos celestiais revelados pelas lentes do seu telescópio e sua inteligência eram contrários às Escrituras.

Durante 16 anos ele se submeteu. Então, decidiu dar à luz os seus Diálogos sobre os Sistemas Principais, um debate entre as teorias de Ptolomeu e de Copérnico.

O Papa Urbano VIII viu sua própria caricatura em um dos personagens e Galileu recebeu ordem de suspender a venda do livro, que, contudo, já se espalhara por toda a Europa.

Aos 70 anos, sofrendo de hérnia dupla e palpitações cardíacas, Galileu compareceu frente à banca examinadora de cardeais, em

Roma. Ameaçaram-no das maiores torturas e, ao fim de 4 meses, ele foi obrigado a se ajoelhar e ler em voz alta, a refutação das idéias de Copérnico.

Seu livro foi incluído no Índex e ele, condenado à prisão perpétua. Graças à intercessão do Duque de Toscana, saiu da masmorra onde estava apodrecendo e ficou detido até sua morte, oito anos depois, em sua casa, sempre espionado.

Mesmo assim, sábios do Mundo inteiro iam à sua casa em massa. Com a luz dos olhos diminuindo e com risco de sua própria vida, o grande gênio se permitiu escrever e entregar, para publicação em países onde reinasse a liberdade de pensamento, fragmentos do livro Diálogos sobre duas novas ciências, obra que o torna o fundador da Física experimental.

No ano em que nascia Isaac Newton, 1642, Galileu expirou, cego e prisioneiro. Os penetrantes olhos azuis daquela águia acorrentada fechavam-se para o mundo físico, a fim de que seus olhos espirituais pudessem perscrutar com total liberdade a majestade das leis naturais, liberto das superstições da sua época.

Com certeza, por isso contribui tão maravilhosamente na quinta obra da Codificação, encerrando o capítulo discorrendo a respeito

da diversidade dos mundos, apresentando-os como "... pedrarias variegadas de um imenso mosaico, as diversificadas flores de admirável parque."

Parque onde ele dizia ele, Deus se revela a cada instante e que as criaturas humanas poderemos enxergar através da luneta da ciência, que "não pode deixar de progredir."

Grandes vidas, grandes obras (Seleções do Reader's Digest) , 1968.
KARDEC, Allan. A gênese. Rio de Janeiro, 1986.

George Vale Owen

Célebre médium inglês desencarnado a 9 de março de 1931.

Um jornalista inglês que, na década de 1920, se atrevesse a tratar temas espíritas devia possuir muita perspicácia e muita coragem, sustentados por uma autoridade indiscutível.

Esse jornalista foi Lord Northcliffe, que o fez publicando nada menos que os escritos recebidos mediunicamente pelo famoso médium britânico Rev. George Vale Owen. As publicações do "Correio Semanal", contendo tais escritos despertaram inusitado interesse, tanto na Inglaterra como em outros países, o que aliás

redundou num ataque sistemático por parte das Igrejas, que movimentaram todos os seus recursos materiais com o objetivo de minorar os "catastróficos efeitos" que estavam produzindo em todas as camadas da sociedade os escritos de Vale Owen.

Quem era George Vale Owen, que deste modo alterava a calma natural de todos e produzia semelhante impacto nas arraigadas convicções religiosas do conservador povo britânico?

Vale Owen era um sacerdote, membro de poderosa ramificação religiosa que havia monopolizado o sentimento de religiosidade dos povos da Inglaterra e de outras nações. Nessa altura dos acontecimentos ele já estava trabalhando nas lides espíritas e havia-se integrado entre os homens de renome que deram grandes passos no sentido de implantar as idéias espíritas naquele país.

Os problemas relacionados com o Espírito, despertaram em Owen a intenção de fazer com que um novo conceito de Deus se tornasse acessível às criaturas humanas, conceito esse despojado de dogmas, de ritos, de fanatismo e de obscurantismo. Animado desse propósito foi buscar na carreira eclesiástica um meio mais rápido e eficiente de colocar-se em contacto com as almas daqueles que desejavam encaminhar-se para uma vida melhor e mais segura, no além-túmulo.

Aconteceu a Vale Owen o que sucede geralmente com muitas pessoas dotadas de poderosa vocação: distanciou-se do roteiro palmilhado por sacerdotes sectaristas. O seu objetivo foi então o de procurar desesperadamente a verdade, o único caminho que conduz a Deus.

Owen conseguiu chegar ao sacerdócio solidamente alicerçado nos princípios filosóficos e científicos, os quais lhe propiciaram profunda perspicácia no sentido de adentrar o âmago de todas as questões que reclamam a atenção da mente humana.

Realizou seus primeiros estudos no famoso "Colégio da Rainha", passando em seguida ao Instituto Midland, onde atingiram os mais elevados graus os seus conhecimentos científicos e religiosos. Ordenou-se sacerdote em Liverpool, quando tinha apenas 24 anos de idade, tendo sido designado para desempenhar o seu ministério no humilde curato de Seaford. Ele era um homem humilde, embora atrás dessa humildade cristã ocultasse uma fortaleza de ânimo e um Espírito sempre predisposto para a luta. Devido a essa humildade e apesar de sua sólida formação espiritual, jamais logrou alcançar um lugar proeminente no seio do clero ou qualquer projeção dentro de sua Igreja.

Os desígnios de Deus, no entanto, eram outros, e nos humildes curatos de Seaford, de Pairfields e de S. Mateus, bem como nos subúrbios de Liverpool e mais tarde nas cercanias de Oxford, dedicou-se com verdadeiro devotamento ao seu ministério, e quanto mais se sentia perto de Deus, mais ficava abalado em sua situação de sacerdote.

No propósito de buscar um contacto mais íntimo com o mundo espiritual lembrou-se do "Batei e abrir-se-vos-á" dos ensinamentos evangélicos e, com isso viu desabrochar a sua mediunidade, graças à interferência de sua mãe, desencarnada em 1909, e que começou a dar suas primeiras manifestações em 1913. A princípio ele relutou em aceitar a realidade dos fatos, dado o seu excessivo apego à verdade. Não tardou muito em ter as provas mais convincentes, o que fez com que se convertesse inteiramente ao Espiritismo.

As mensagens recebidas foram condensadas em quatro livros. Nessa época começou a receber mensagens de um Espírito que se intitulava "Astriel" mensagens essas eivadas da mais profunda filosofia. Sua primeira obra, "Os baixos Campos do Céu" e, logo a seguir, "Os Altos Campos do Céu", tiveram notável repercussão. A fase seguinte foi a publicação do livro "Os Mistérios do Céu", inspirada por um Espírito que se subscrevia "Leader". Espírito esse que assumiu um controle único sobre todas as comunicações dadas

posteriormente e cujo nome ele próprio mudou para "Ariel", formando o quarto e último livro "Os Batalhões do Céu".

Os prólogos das obras de Vale Owen foram elaborados por "Sir" Arthur Conan Doyle, o genial criador de Sherlock Holmes, o que demonstra o elevado sentido das comunicações recebidas do plano espiritual. Num desses prólogos dizia o famoso escritor inglês: "Com que segurança se afirma que Deus fechou as fontes da inspiração há 2000 anos. Não é infinitamente mais razoável dizer-se que um Deus vivente continua demonstrando sua força vivente e que novas ajudas e novos conhecimentos continuam a ser por ele derramados para impulsionar a evolução dos homens?"

Lord Northcliffe tinha sérias e profundas inquietudes espiritualistas que em nenhum momento foram sufocadas por sua imensa fortuna material. Ele descobriu Vale Owen e por isso pôs sua fortuna e influência no afã de divulgar as obras do famoso médium, não receando jamais colocar em jogo o seu prestígio e a sua fortuna, na realização de uma obra que ele considerava extraordinária e mesmo absurda e atrevida para a época. Ele era um periodista de nervos fortes, de coração e de vocação, que jamais titubeou em publicar o que era atualidade e realidade, mesmo que isso viesse a redundar num abalo do seu prestígio de diretor de uma cadeia enorme de jornais diários.

Lord Northcliffe afirmou ainda, referindo-se a Owen: "Encontrei-me frente a um homem dotado de grande sinceridade e de uma convicção inabalável; era possuidor de grandes dotes espirituais e quando lhe ofereci grossa quantia em dinheiro para a publicação de suas obras, ele a recusou, solicitando apenas o suficiente para uma modesta publicação de seus livros".

Essas obras poderiam dar a Vale Owen imensa fortuna, dado o interesse que elas despertaram; poderiam ter dado ao médium facilidades para deixar o pobre quarto onde habitava em Oxford, podendo ainda, com esse dinheiro, aspirar a uma paróquia mais respeitável, entretanto, tudo foi recusado por ele e esse dinheiro foi investido por Lord Northcliffe em obras filantrópicas.

Os trabalhos do médium, publicados no "Correio Semanal", fizeram com que esse periódico atingisse tiragens surpreendentes. Suas obras são conhecidas na Inglaterra por "Escrituras de Owen". Sabe-se que a versão de seus livros para o vernáculo seria sob o título "A Vida Além do Véu".

O êxito colimado por ele no campo espírita acarretou-lhe a perda da sua paróquia, pois a ela teve que renunciar, perdendo a fonte de onde tirava o necessário para o seu sustento. Nesse evento ele proclamou: "Muitos são os que podem ser vigários de Oxford,

porém não são muitos os que podem fazer o meu trabalho de propaganda".

Aos 53 anos de idade George Vale Owen iniciou sua tarefa de divulgação do Espiritismo. Dirigiu-se aos Estados Unidos da América onde ele já estava bem difundido, fazendo ali muitas prédicas, grangeando grande número de amigos e discípulos, tendo posteriormente regressado à Inglaterra, onde proferiu mais de 150 conferências, esgotando todos os seus recursos materiais e ficando quase na indigência.

"Sir" Arthur Conan Doyle, seu grande amigo, saiu em seu auxílio e encabeçou uma coleta com o nome de "Caixa de Vale Owen", que se encheu prontamente, porém o médium não fez dela qualquer uso.

Em 1931 foi acometido de grave enfermidade, porém, prosseguiu na tarefa de propaganda sem dar demonstrações das horríveis dores que o acometiam. No dia 9 de março desse mesmo ano veio a desencarnar.

Giovanni Virginio Schiaparelli

Giovanni Virginio Schiaparelli, nasceu em 14/03/1835 e veio a falecer em 10/05/1910.

Giovanni Virginio Schiaparelli nacque a Savigliano nel 1835 e morì a Milano nel 1910.

Fu astronomo, matematico, storico e umanista. Cultore delle lingue, studiò il tedesco, il latino, il greco, il sanscrito e l'arabo.

Lavorò all' Osservatorio di Brera per 40 anni, coprendo l'incarico di direttore per 38 anni.

Eseguì ricerche di grande importanza su Marte osservando i famosi "canali", che successivamente vennero riconosciuti come illusioni ottiche, rifiutandone egli tuttavia facili interpretazioni non basate su prove concrete.

Egli stesso ne cambiò la denominazione, definendoli più tardi "linee".

Fu il fondatore dell' areografia (geografia marziana): prima di lui lo studio della superficie di Marte si era limitato ad un disegno libero dell'immagine osservata, mentre egli impostò l'osservazione su rigorose misure micrometriche, stabilendo una rete di punti fondamentali nella quale rappresentò la superficie del pianeta.

Determinò il periodo di rotazione di Marte, compì studi su Venere, Mercurio e sulle stelle doppie studiandone 1100 nell'arco di 11000 osservazioni.

Importanti furono i suoi studi sulle comete che lo portarono a comprendere l'esistenza di una forza repulsiva proveniente dal sole e agente sulle loro code. Spiegò correttamente la periodicità degli

sciame meteorici come dovuta alla dissoluzione delle comete, applicando in particolare la teoria alle Perseidi (stelle cadenti di S.Lorenzo).

Scoprì il pianetino Esperia.

Si occupò di statistica stellare e di storia dell'astronomia, di geofisica , geodesia e matematica.

Il contributo di Schiaparelli alla storia dell'astronomia è eccezionale essendo egli in grado di attingere alle fonti originali nelle antiche lingue del mondo ellenico, ebrai

GUARACY PARANÁ VIEIRA

GUARACY PARANÁ VIEIRA. Nasceu em Paulo Frontin, então município de Mallet, Estado do Paraná, no dia 4 de agosto de 1918. Foram seus pais Maurílio Fabrício Vieira e Nicolina Granier Lins Vieira.

Cursou o primário no Grupo Escolar Balduino Cardoso, em Porto União, Santa Catarina. Curso Complementar, no Colégio Santos Anjos, Porto União, Santa Catarina. Curso Ginasial, no Ginásio Santa Cruz, de Castro, Paraná, e no Colégio Iguacú, em Curitiba, Paraná. Desencarnou aos 72 anos de idade, no dia 18 de junho de 1991, na Santa Casa de Misericórdia, em Curitiba, Paraná, onde se encontrava internado em tratamento médico.

Era casado há 48 anos com dona Célia Madalosso Vieira e dessa união vieram os filhos Alcione, solteira; Armando, casado com Margarida de Andrade Vieira e pai de quatro filhos; Alberto, casado com Márcia Zan Madalosso Vieira e pai de um filho; Josélia, casada com Dante Luis Ricci Jacob e mãe de dois filhos; e Flávio, casado com Silvana Weinhardt de Oliveira Madalosso Vieira e pai de dois filhos. Guaracy deixou longa ficha de atividades no campo profissional e da Doutrina Espírita, religião que ele abraçou muito cedo e da qual se tornou um líder seguro e respeitado em Ponta Grossa e em todo o Paraná. Ainda menino começou a trabalhar em ofícios os mais diversos para ajudar no sustento de sua família.

O profissional: ingressou no 13º Regimento de Infantaria, em 1937, de onde saiu no posto de 2º Sargento. Posteriormente, trabalhou na Comissão de Estrada de Rodagem CER-1, de onde se transferiu para a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. No serviço público municipal desempenhou várias e importantes funções, dentre as quais se destacam a de Fiscal Geral, Chefe da Seção Mecanizada, Diretor de Gabinete e da Secretaria, Diretor da Biblioteca Pública Municipal e Diretor do Departamento de Educação e Cultura, cargo equivalente ao de Secretário Municipal.

Em 1966 foi nomeado Secretário da então Faculdade Estadual de Farmácia e Bioquímica de Ponta Grossa. Em 1970, com a criação da

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Fundação que ele ajudou a organizar, foi nomeado Secretário Geral da Universidade, sendo seu primeiro funcionário. A partir de 1980, em virtude da nova estrutura da Entidade, assumiu a função de Chefe da Secretaria da Reitoria, cargo que ocupou até sua desencarnação.

O jornalista: sua primeira atividade na imprensa foi na redação e depois na direção do jornal espírita Voz da Espiritualidade, mantido pela União da Mocidade Espírita Cristã de Ponta Grossa, da qual ele participava desde a fundação em 1948. Em 1949 ingressou como amador na equipe de Rádio e Teatro da Rádio Clube Pontagrossense, onde, posteriormente, redigiu e apresentou programas variados. A partir de 1951, passou a colaborar na redação do Grande Jornal Falado H.M. (Hermes Macedo S/A) e a escrever a crônica Bom dia, ouvintes para a abertura da emissora.

Em 1952, com a reformulação dos programas noticiosos da Rádio Clube, começou a redigir a crônica Perfis da Cidade, que era apresentada pelo saudoso Barros Júnior e que passou a ser transcrita diariamente no jornal Diário dos Campos. Nesse jornal, Guaracy atuou como redator de 1958 a 1959 e, mais tarde, de 1963 a 1964, foi secretário de redação, mantendo a coluna Um homem dentro da vida, que focalizava os homens de maior destaque na vida da cidade, por serem em relação a esta os agentes diretos do progresso. Era também responsável pela crônica O assunto é Diário.

Foi ainda secretário de redação do jornal Itapejara, do Centro Cultural Euclides da Cunha, e sócio correspondente do Centro de Letras do Paraná. Na década de 80, transferiu-se para a Rádio Difusora de Ponta Grossa com o Perfis da Cidade, mas muito envolvido com as atividades profissionais e religiosas, viu-se obrigado a deixar de escrever sua tradicional crônica diária.

O religioso: movido por problemas de saúde, recém-casado, foi encontrar no Espiritismo o lenitivo para seu problema. Convencido pelo fenômeno mediúnico e pelo estudo, tornou-se espírita a partir de 1946, tendo ingressado na Sociedade Espírita Paz e Amor a Jesus, onde exerceu vários cargos. Passou depois a colaborar na Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados, da qual, à época da de sua desencarnação, era vice-presidente e diretor do Departamento Doutrinário.

Participou da Fundação da Mansão Bezerra de Menezes, onde foi Conselheiro, da Casa Transitória Fabiana de Jesus e da Organização Espírita Cristã Irmã Scheilla, além de incentivar e colaborar com outras instituições espíritas. Foi, por diversas vezes, presidente da União Regional Espírita – 2ª Região, da qual atualmente era diretor doutrinário.

Atuava, também, na Federação Espírita do Paraná, onde exercia os cargos de 2º vice-presidente e conselheiro. Viajou por quase todo o Paraná realizando palestras, participando de cursos e reuniões, levando sua abalizada experiência.

Guaracy foi um homem modesto, simples, compreensivo, cuja palavra sempre amiga cativava todos aqueles que dele se aproximassem. Nunca teve ambições, achando sempre bom e suficiente o que possuía. Embora procurasse se manter no anonimato, foi alvo de muitas homenagens, tendo recebido diplomas, medalhas, títulos de cidadão pontagrossense e outras menções de mérito.

Seu retorno ao Mundo Espiritual ensejou, por iniciativa de pessoas que o admiravam, a realização de várias homenagens, como mensagens e crônicas que conseguiram, mediante a revelação de um perfil de homem íntegro e caridoso, expressar exatamente o que ele foi e o exemplo que deixou.

Gustave Geley

cientista e profundo psiquista, nasceu a 14 de julho de 1924 e faleceu em virtude de um desastre de avião, quando viajava de Varsóvia a Paris. Era médico em Nancy, tendo abandonado a carreira para dedicar-se ao estudo dos fenômenos metapsíquicos.

Fundou o Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, do qual foi diretor. Fez inúmeras experiências sobre materializações, notadamente na obtenção de moldagens em gesso de mãos ectoplásmicas.

Na sua obra "Do Inconsciente ao Consciente", diz ele: "Para o homem suficientemente evoluído, a morte faz romper o círculo restrito no qual a vida material tinha encerrado uma consciência que transbordava – círculo da profissão, círculo da família, círculo da Pátria. O ser se encontra transportado além das lembranças habituais, dos amores e dos ódios, das paixões e de hábitos... Na cadeia das existências uma vida terrena não tem mais importância relativa que um dia no curso dessa existência."

Fonte: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro.

Geley nasceu em Nancy, na França. Formado em Medicina pela Faculdade de Lyon, clinicou até 1918 em Annecy, onde alcançou grande reputação. Interessando-se pelos fenômenos paranormais, realizou muitos estudos que ficaram registrados em anais científicos da época. Realizou notáveis investigações em 1916 com a médium Eva Carrière. Em 1919 assumiu a direção do Instituto Metapsíquico Internacional, onde obteve fenômenos extraordinários com o médium polonês de materializações Franck Kluski. Em 1922 e 1923 promoveu outra série notável de sessões de ectoplasmia, com o

médium Jean Guzik, do que resultou o histórico "Manifesto dos 34", assinado por eminentes homens de ciência, médicos, escritores e peritos da polícia. De 1921 a 1923 realizou, quer em Varsóvia, quer em Paris, experiências com o médium polonês Stephan Ossoviecki.

Publicou várias obras, destacando-se: Ensaio, 1897; O Ser Subconsciente, 1899; Monismo Idealista e Palingenesia, 1912; A Chamada Fisiologia Supranormal e os Fenômenos de Ideoplasia, 1918; Do Inconsciente ao Consciente, 1919; A Ectoplasma e a Clarividência, 1924. Nesta última obra o Autor anuncia um volume complementar intitulado "Gênese e Significado dos Fenômenos Metapsíquicos", que não chegou a ser publicado em virtude do acidente em que faleceu aos 49 anos.

O seu primeiro trabalho, em ordem cronológica, é um resumo da doutrina espírita, que ele organizou para seu próprio uso, ou, como disse, para fixar suas próprias idéias a respeito do Espiritismo. Tão bom ficou, que alguns amigos convenceram-no a publicá-lo sob a forma de um ensaio. A boa ordenação das idéias ele adquirira anteriormente quando foi atraído pelo Positivismo de Augusto Comte, que exerceu profunda influência na sua formação intelectual.

No livro "O Ser Subconsciente", cujo título não é outra coisa senão o perispírito, o Dr. Geley talvez desejasse emprestar uma

terminologia mais neutra, que pudesse interessar o homem de ciência de seu tempo. A substância que compõe o ser subconsciente é "homogênea, inacessível aos sentidos normais, imponderável, capaz de atravessar obstáculos materiais, suscetível de ser projetada parcialmente, bem longe da pessoa". Por outro lado "é visível aos sensitivos em estado de hipnose". "O ser subconsciente exteriorizável - diz ele - é o produto sintético duma série de consciências sucessivas que se fundem nele e que pouco a pouco o constituem". E assim, com essa terminologia, o livro faz uma síntese explicativa dos fenômenos obscuros da psicologia normal e anormal.

Na obra "Do Inconsciente ao Consciente" o autor desenvolve com profundidade o problema da evolução, analisando, através de um estudo crítico, as teorias clássicas da evolução através dos pensamentos de Darwin, de Lamarck e de Bergson. Em linguagem sempre simples, precisa e inequívoca, encontram-se conclusões como: "Tudo se passa em Biologia como se o ser físico fosse essencialmente constituído por uma substância primordial única da qual as formações orgânicas não são mais que simples representações." A leitura integral ajuda a compreensão, numa síntese mais completa e mais vasta, da evolução coletiva e individual.

Nos dois livros acima descritos, o Dr. Geley limitou-se praticamente à derrubada das doutrinas evolucionistas e psicológicas de seu tempo e à meticulosa montagem de seu sistema de concepções. Suas conclusões, sendo as mesmas da doutrina espírita, deram lugar ao aparecimento de críticos de sua obra para declarar que o grande médico, respeitável por todos os títulos, tinha concebido uma teoria muito complexa, de muito largo alcance, até mesmo revolucionária, porém baseada em "fatos insuficientemente estudados e estabelecidos". Daí a razão de "Ectoplasma e Clarividência". Querem fatos? Pois aí os têm. E foram tão abundantes e tão bem documentados que as conclusões filosóficas tiveram de ser transferidas para um outro livro.

Assim foi a vida desse luminar da ciência que, antes de ser racional era lúcido o bastante para não cultivar superstições. Foi um gênio que fez bom uso do seu tempo, dedicando-o na aquisição de valores para o seu espírito e no enriquecimento da Ciência. Desencarnou num acidente de avião, quando regressava a Paris, após haver assistido, em Varsóvia, a várias sessões com Franck Kluski. Retirado dos destroços, ainda segurava a valise que continha fragmentos de moldes em parafina obtidos nas sessões. O avião era especial e fora fretado por Geley, por que o piloto da linha Varsóvia-Paris se negara a transportar a valise por conter objetos "diabólicos e maléficos".

Nasceu em Nancy, na França, em 1865. Formado em medicina pela Faculdade de Lyon, clinicou até 1918 em Annecy, onde alcançou grande reputação. Interessando-se pelos fenômenos paranormais, a respeito deles publicou, em 1897, um “Ensaio de revisão geral e de interpretação sintética do Espiritismo”. Suas melhores investigações, porém, datam de 1916, com a médium Eva C. (Carrière). Mme. Bisson colaborou também nesses trabalhos. Em 1919 assumiu a direção do Instituto Metapsíquico Internacional, onde obteve fenômenos extraordinários com o médium polonês de materializações Franck Kluski. Em 1922 e 1923 promoveu outra série notável de sessões de ectoplasmia, com o médium Jean Guzik, do que resultou o histórico “Manifesto dos 34”, assinado por eminentes homens de ciência, médicos, escritores e peritos da polícia. (A rigor, o Manifesto tinha 35 e não 34 assinaturas, o que se deveu a um erro tipográfico).

De 1921 a 1923 realizou, quer em Varsóvia, quer em Paris, experiências irrefutáveis com o médium polonês Stephan Ossowiecki. A obra experimental e filosófica de Geley acha-se contida nos seguintes livros, além do “Ensaio” acima citado: “O Ser Subconsciente”, Paris, 1899; “Monismo Idealista e Palingenesia”, Annecy, 1912; “A Chamada Fisiologia Supranormal e os Fenômenos de Ideoplastia”, Paris, 1918; “Do Inconsciente ao Consciente”, Paris, 1919; “A Ectoplasmia e a Clarividência”, Paris, 1924. Geley desencarnou num acidente de avião, em 1924, quando regressava a Paris, após haver assistido, em Varsóvia, a várias sessões com

Franck Kluski. Retirado dos destroços, ainda segurava sua valise, na qual se continham fragmentos de moldes em parafina. O avião era especial e fora fretado por Geley, porque o piloto da linha Varsóvia-Paris se negara a transportar a valise por conter objetos “diabólicos e maléfic”.

“Reformador”, de novembro de 1971.

Henri Heine

Seu nome em alemão era Heinrich Heine. Assina a mensagem inserida em O Evangelho segundo o espiritismo, no item 3 do capítulo XX, intitulada "Os últimos serão os primeiros".

Nasceu em Düsseldorf em 13 de dezembro de 1797, de família judaica. Seu destino era o comércio e por isso foi encaminhado pelo pai a um tio banqueiro em Hamburgo. Logo verificou-se que ele não tinha dom para a atividade e o tio o remeteu a Bonn, a fim de estudar direito. Mas o jovem Harry como era chamado então, interessou-se pelos assuntos literários e abraçou os cursos de literatura.

Berlim foi seu ambiente mais propício, permitindo-lhe freqüentar os salões literários e seguir a filosofia política de Hegel. Poeta e jornalista, ficou famoso pelos poemas e livros de viagens.

Desgostoso pelo clima anti-semita do país, emigrou para Paris no ano de 1831.

Ali se tornaria correspondente de grandes jornais alemães. Foi um dos mais inquietos e polêmicos jornalistas de seu tempo. Para o Jornal Geral de Augsburg descrevia quadros da vida francesa, sendo seus temas constantes o parlamento, a imprensa, o mundo artístico, o teatro e a música.

Sua influência foi enorme dentro e fora da Alemanha. Na segunda metade do século XIX todos os poetas alemães pareciam heinianos.

Sua poesia é de um lirismo melancólico de início. Seus poemas sentimentais são cheios de infelicidade e lamentações amorosas. Alguns poemas de amor conquistaram fama universal, sendo depois musicados por Schubert , Schumann e muitos outros compositores.

Escreveu poemas dedicados ao mar, em versos livres. E por fim, a poesia política, tangendo versos que retratavam situações da época como Os Tecelões, poema inspirado pela greve dos tecelões esfomeados da Silésia.

Como prosador é considerado um dos mais ágeis da literatura de língua alemã, em qualquer tempo. Suas obras mais ambiciosas são A escola romântica e Sobre a história da religião e da filosofia na Alemanha. Nesse último, Heine parece querer completar o livro de Mme de Stäel sobre a Alemanha, tentando mostrar aos franceses o pensamento estético e filosófico do seu país. Nele está estampada a profecia de um despertar revolucionário da consciência alemã e, sobretudo, a crença do poeta na importância universal do pensamento de Hegel.

Sofreu dificuldades financeiras, enfrentou conflitos políticos e a doença acabou por vitimá-lo. Sofreu uma paralisia que o conduziu à morte em 17 de fevereiro de 1856, em Paris.

A mensagem que se encontra em O Evangelho segundo o espiritismo é datada de 1863, também em Paris.

Henry Slade

Henry Slade, célebre médium das escritas nas lousas, foi exibido publicamente na América durante 15 anos. Em 1876 ele foi à Inglaterra, passando antes pela Rússia, a pedido da Sra. Blavatsky e do Coronel Olcowt, escolhido que fora como médium notável, para fazer experiências sobre a veracidade dos fenômenos espíritas.

Slade foi submetido a testes durante várias semanas por uma comissão de cépticos que em seu relatório terminou por concluir: "Eram escritas mensagens nas faces internas de duas lousas, por vezes amarradas e seladas juntas, quando postas sobre uma mesa, à vista de todos; acima das cabeças de membros da comissão; presas à parte inferior do tampo da mesa; ou, ainda, nas mãos de um membro da comissão, sem que o médium tocasse.

Logo após a sua chegada a Londres, Slade começou a fazer sessões com imediato sucesso. Não só a escrita era obtida de modo evidente, sob fiscalização e com lousas dos próprios assistentes, mas a levitação de objetos e a materialização de mãos foi observada sob intensa luz do dia. O redator do The Spiritual Magazine escreveu: "Não hesitamos em dizer que o Mr. Slade é o mais notável médium dos tempos modernos". Tais sessões ocorriam durante o dia, a qualquer hora, em seus aposentos de pensão. Cobrava 20 shillings por sessão e preferia que apenas uma pessoa a assistisse. Assim que o visitante sentava começavam os incidentes e terminava em cerca de 15 minutos. Com Slade não havia preocupação com as condições ambientais e a observação dos fenômenos satisfazia inteiramente aos assistentes. Com ele tudo era rápido e preciso, pois os operadores invisíveis sabiam exatamente o que iam fazer em cada ocasião e o faziam com presteza e precisão.

A primeira sessão de Slade na Inglaterra foi realizada a 15 de julho de 1876. Em plena luz do dia o médium e os dois assistentes ocuparam os 3 lados de uma mesa comum de cerca de 3 pés de lado. Slade pôs um pedacinho de lápis, mais ou menos do tamanho de um grão de trigo, sobre uma ardósia e segurou esta por um canto com uma das mãos, encostando-a no tampo por baixo da mesa. Ouvia-se a escrita na lousa e, examinada, verificou-se que uma curta mensagem fora escrita. Enquanto isso acontecia, as 4 mãos dos assistentes e a mão livre de Slade eram agarradas no centro da mesa. A cadeira vazia no quarto lado da mesa uma vez pulou no ar, batendo o assento na borda inferior da mesma. Duas vezes uma mão com a aparência de vida passou em frente a Mr. Blackburn (eminente espiritista), enquanto ambas as mãos de Slade eram observadas.

O médium segurou um acordeon de baixo da mesa e, enquanto se via claramente a outra mão sobre a mesa, foi tocada a "Home sweet home". Finalmente os presentes levantaram as mãos cerca de 30 centímetros acima da mesa e esta ergueu-se até, tocar as suas mãos. Em uma outra sessão no mesmo dia uma cadeira ergueu-se cerca de um metro e vinte, quando ninguém a tocava e, quando Slade tinha uma mão no espaldar da cadeira de Blackburn, a mesma elevou-se cerca de meio metro acima do solo. Durante 6 semanas Slade deixou Londres curiosa e agitada, até que um fato lamentável viria a interromper seus trabalhos.

No começo de setembro de 1876 o professor Ray Lankester, com o Dr. Donkin tiveram duas sessões com Slade e, na segunda, tomando uma lousa, encontraram-na escrita, quando se pensava que nada tivesse sido produzido. Ele era absolutamente inexperiente em pesquisas psíquicas, do contrário saberia que é impossível dizer o momento exato em que se dá a escrita nessas sessões. Ocasionalmente uma folha inteira parecia precipitada num instante, enquanto de outras vezes o autor ouvia claramente o ruído do lápis, linha por linha. Para Ray Lankester, entretanto, pareceu um caso típico de fraude e ele escreveu uma carta a The Times denunciando Slade e o perseguiu por tomar dinheiro de modo fraudulento. Foram publicadas cartas em resposta

Lankester pelo Dr. Alfred Wallace, pelo prof. Barrett e outros. O Dr. Wallace chamou atenção para o fato de que o relato do Dr. Lankester daquilo que acontecera era extremamente diferente do que lhe ocorreu durante a sua visita ao médium, bem como o registro das experiências de Serjeant Cox, do Dr. Carter Blake e muitos outros, de modo que o podia considerar como um notável exemplo da teoria do Dr. Carpenter, sobre as idéias preconcebidas. Diz ele: "O professor Lankester foi com a firme convicção de que tudo que ia assistir era impostura e, assim, pensa que viu imposturas".

Apesar do testemunho de muitos admiradores e também de cientistas já conhecedores da problemática mediúnica, o julgamento de Slade se deu na Corte de Polícia de Bow Street. A acusação esteve a cargo de Mr. George Lewis e a defesa foi feita por Mr. Munton. As provas sobre a autenticidade da mediunidade de Slade foram dadas pelo Dr. Alfred Wallace, por Serjeant Cox, pelo Dr. George Wild e outros, mas só 4 testemunhas foram permitidas. O magistrado classificou a prova testemunhal como "esmagadora" dada a evidência dos fenômenos, mas no julgamento excluiu tudo, exceto a acusação de Lankester e de seu amigo Dr. Donkin, dizendo que era obrigado a basear a sua decisão em "interferências deduzidas dos conhecidos fatos naturais". Uma declaração feita pelo conhecido mágico Maskelyne de que a mesa usada por Slade era preparada para truques, foi desmascarada pelo testemunho do carpinteiro que a tinha feito. Apesar disso, Slade foi condenado nos termos da lei contra a vagabundagem a três meses de prisão com trabalhos forçados. Os espíritas mostraram muita energia na defesa de Slade. Protestos, memoriais a ministros, Fundos de Defesa, solicitação à Câmara dos Comuns e até cópias de protesto foram enviadas à rainha. Houve apelo e ele foi solto sob fiança. Slade, cuja saúde ficou seriamente afetada com a prisão, deixou a Inglaterra dois dias depois.

Passado o episódio, após sessões de êxito em Haya, Slade foi a Berlim onde despertou o mais vivo interesse. Dizia-se que ele não sabia alemão, mas apareceram mensagens nessa língua sobre as

lousas e escritas em caracteres do século XV. O Berliner Fremdenblatt publicou o seguinte: "Desde a chegada de Mr. Slade ao Hotel Kronprinz, uma grande parte do mundo culto de Berlim vem sofrendo de uma epidemia que podemos chamar de febre espírita". Slade começou por converter o proprietário do hotel, usando suas próprias lousas e mesas. O chefe de Polícia e muitas pessoas eminentes de Berlim testemunharam a veracidade dos fenômenos espíritas, persuadidas da ausência de fraudes.

Seguiu-se uma visita à Dinamarca e em dezembro começaram as históricas sessões com o professor Zollner, em Leipzig. Um relato completo encontra-se na obra de Zollner, "Física Transcendental". Nessas experiências estiveram outros homens de ciência, inclusive William Edward Weber, professor de Física; o prof. Scheibner, ilustre matemático; Gustave Theodore Fechner, professor de Física e eminente filósofo naturalista, todos perfeitamente convencidos da realidade dos fatos observados, inclusive de que não havia impostura ou prestidigitação. Entre os fenômenos contavam-se os nós dados em uma corda sem fim, o rompimento das cortinas do leito do prof. Zollner, o desaparecimento e imediato aparecimento de uma pequena mesa, descendo do teto em plena luz, notando-se a aparente imobilidade de Slade durante essas ocorrências.

Na Rússia, depois de uma série de êxitos nas sessões de São Petersburgo, Slade retornou a Londres por alguns dias e então

dirigiu-se à Austrália. Um interessante relato do seu trabalho nesse último país foi o livro de James Curtis "The Rustlings in the Golden City". Então voltou à América. Em 1885 compareceu perante a Comissão Seybert, em Filadélfia, e em 1887 visitou novamente a Inglaterra sob o nome de Dr. Wilson. Na maioria de suas sessões Slade demonstrou possuir clarividência e as mãos materializadas eram coisa familiar. Na Austrália, onde as condições psíquicas eram boas, obteve materializações mais amplas.

Slade foi um médium perseguido pelos detratores do Espiritismo. Com tantos testemunhos memoráveis, com o excesso de provas materiais de sua honestidade, mesmo com a ostensividade exagerada dos componentes invisíveis, demonstrando inequívocas provas de suas existências e atuações, muitos por pura inveja, despeito ou mesmo maldade, o atacavam em sua honra. Mas, preconceito e ignorância são armas usuais no cotidiano dos fanáticos, dos acomodados e dos presunçosos. Armas frágeis, pois a ciência com o seu avanço contínuo as derreterão no ardente fogo da comprovação dos fatos espíritas.

HERCULANO PIRES

**UM DOS MAIS IMPORTANTES E RESPEITADOS DIVULGADORES DA
DOCTRINA**

**ESPÍRITA SEMPRE DEFENDEU A FIDELIDADE COM A CODIFICAÇÃO
DE KARDEC**

Difícil definir em poucas linhas todos os papéis desempenhados por Herculano Pires. Em seus 65 anos de vida, foi jornalista, professor de filosofia, escritor, crítico literário, poeta e um fiel divulgador da doutrina espírita.

Nasceu na cidade de Avaré, interior do estado de São Paulo, em 25 de setembro de 1914, filho do farmacêutico José Pires Correia e da pianista Bonina Amaral Simonetti Pires.

Desabrochou sua vocação literária desde menino, escrevendo aos 9 anos seu primeiro soneto, um decassílabo sobre o Largo São João, em sua cidade natal. Aos 16 anos, publicou o primeiro livro de contos, chamado Sonhos Azuis, e desde então não parou mais de escrever. Aliás, conta-se que essa era sua grande paixão - colocar no papel idéias e pensamentos, transformando sílabas em jogo de palavras rimadas. Daí seus poemas publicados em diversos órgãos da imprensa, elogiados por grandes nomes da literatura, como Érico Veríssimo e Sérgio Milliet. Tamanho foi seu reconhecimento poético, que Mário Gracioti o incluiu entre os colaboradores permanentes da seção literária de A Razão, publicando um poema de sua autoria todo domingo.

Casou-se em dezembro de 1938 com Maria Virginia Ferraz Pires, evangelizadora infantil do centro onde realizou sua primeira conferência espírita. Tiveram quatro filhos: Herculano Ferraz Pires, Helena Pires Bolonetti, Heloísa Ferraz Pires e Helenilda Ferraz Pires de Castro.

Mudou-se para Marília em 1940, onde adquiriu o jornal Diário Paulista, órgão que dirigiu durante seis anos. Em 1946 veio morar em São Paulo e lançou seu primeiro romance, O Caminho do Meio, que mereceu críticas elogiosas de Afonso Schmidt, Geraldo Vieira e Wilson Martins.

Sua trajetória foi vasta em cargos de destaque e atividades ligadas à literatura. Colaborou em diversos jornais e revistas do Rio de Janeiro e São Paulo, publicou oitenta livros de filosofia, ensaios, histórias, psicologia, pedagogia, parapsicologia, romances e espiritismo, diversos desses em parceria com Chico Xavier.

Mestre em Filosofia

Herculano Pires se graduou em filosofia pela USP no ano de 1958, e tempos depois, tornou-se mestre em filosofia da educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara e membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia. Não parou por aí, foi

presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, fundador do Clube dos Jornalistas Espíritas e presidente do Instituto Paulista de Parapsicologia de São Paulo.

Além de sua importante contribuição para a vida acadêmica e cultural do país, não poupou esforços também na divulgação da doutrina espírita, desde que tornou-se espírita, aos 22 anos de idade. Traduziu cuidadosamente as obras da Codificação de Kardec, traduções doadas à diversas editoras espíritas no Brasil, Portugal, Argentina e Espanha.

"A PUREZA DAS INTENÇÕES DOS MÉDIUNS E COORDENADORES DAS REUNIÕES DESOBSESSIVAS É A ÚNICA POSSÍVEL GARANTIA DA EFICÁCIA DA ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA"

Publicou muitas obras de peso, sempre seguindo uma linha de pensamento racional, entre elas; O Espírito e o Tempo, Agonia das Religiões, Curso Dinâmico de Espiritismo (O Grande Desconhecido), Pedagogia Espírita e Mediunidade - Vida e Comunicação, Barrabás, que recebeu um prêmio do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, constituindo o primeiro volume da Trilogia Caminhos do Espírito. Publicou em 1975, Lázaro e com o romance Madalena concluiu a Trilogia. Desencarnou aos sessenta e cinco anos, no dia nove de março de 1979, devido a um enfarto fulminante. Segundo

relato de seu filho Herculano Ferraz Pires, nesse dia ocorreu um fato muito interessante. "Estavam realizando uma reunião mediúnica, na garagem de nossa casa, e embora sua morte ainda não tivesse sido confirmada pelos médicos, pois ele havia dado entrada no pronto socorro de um hospital, um médium ainda em treinamento recebeu uma mensagem psicografada de dois Espíritos. O primeiro anunciava a chegada de Herculano Pires no mundo espiritual e a outra de sua própria autoria, escrevendo para seus familiares e amigos".

Antes de sua partida, Herculano deixou vários originais escritos, os quais vêm sendo publicados pela Editora Paidéia, dirigida atualmente pela família. Herculano Ferraz Pires relata como foi a trajetória de vida de Herculano Pires, um dos jornalistas e divulgadores da doutrina espírita mais respeitados do Brasil. "A vida ao lado de meu pai foi repleta de momentos marcantes, difícil destacar um em especial. Quem teve oportunidade de conviver com ele, sabe que era um espírito que transmitia calma e confiança no futuro".

Como foi Herculano como pai, pessoa e jornalista?

Herculano Pires sempre foi a mesma pessoa em todos os aspectos, quer seja como pai, como cidadão ou como profissional. Sua grande virtude foi a sinceridade, que era cultivada com base nas verdades

da doutrina espírita. Sempre foi o meu melhor amigo. Quando o procurava para receber conselhos sobre um problema sério, ele sempre me acalmava e mostrava que todas as dificuldades podem ser superadas, mas lembrando que as responsabilidades assumidas não podem ser negligenciadas. Como profissional, além do reconhecimento do seu valor pelos seus empregadores, foi eleito presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, em 1957, o que prova como era respeitado pelos colegas de profissão.

Como era sua personalidade?

Tinha um belo senso de humor, a certeza de que o nosso verdadeiro mundo é o espiritual e que estamos apenas de passagem pela Terra para nos aperfeiçoarmos. Sempre nos lembrava que a lei da reencarnação nos mostra o quanto seríamos ignorantes ao criarmos qualquer tipo de preconceito, pois sabemos que a cada instante de nossa existência eterna estamos ocupando uma posição diferente, em uma nova encarnação, na sociedade dos homens.

Quais foram os principais meios de comunicação nos quais trabalhou?

Trabalhou em vários jornais e teve programa no rádio, porém esses programas não eram remunerados, visando apenas à divulgação da doutrina. Quanto à televisão, apenas teve participações como convidado, sendo exceção o caso da novela de Ivani Ribeiro A Viagem, na extinta TV Tupi, quando foi assessor para assuntos doutrinários, a convite da própria autora, por indicação de Chico Xavier.

Como foi a infância de seu pai, segundo seus relatos?

Segundo Jorge Rizzini registrou, no livro José Herculano Pires, O Apóstolo de Kardec, o próprio Herculano escreveu, em um de seus diários, a seguinte frase: "Tive uma infância com problemas de saúde que me acompanhariam por toda a vida. Mas a terra de Avaré e as águas do Rio Novo me fortaleceram."

E a fundação do Centro Espírita Cairbar Schutel?

Desde que me entendo por gente, me lembro das reuniões de estudos e reuniões mediúnicas realizadas em casa, por meu pai. Quando mudamos para a R. dr. Bacellar, que possuía uma ampla garagem, as reuniões passaram a ter uma frequência semanal e abertas para o público. Um certo dia, minha filha, que tinha aproximadamente oito anos, chegou na sala de jantar com um

envelope que havia encontrado na caixa do correio e entregou ao meu pai. Estávamos reunidos com alguns amigos, e ao abrir o envelope, foi encontrado um volume de dinheiro, com um bilhete que dizia mais ou menos assim:

"Para vocês organizarem a creche que pretendem, assinado, um amigo". A partir desse momento meu pai achou que era necessário ser criado, juridicamente, um Grupo de Estudos Espíritas, e assim surgiu o Grupo Espírita Cairbar Schutel, que hoje tem sede própria na Rua Pinto Ferras, 70 - Vila Mariana, e realiza reuniões de estudos e mediúnicas, abertas ao público, nas quartas e sextas-feiras, às 20h30, e nos sábados, às 14h. Existe um trabalho de assistência a gestantes carentes, que é coordenado pela minha tia Maria de Lourdes.

Ele ajudou algum outro centro espírita a ser fundado?

Em 1936 Herculano Pires foi eleito presidente do primeiro Centro Espírita, que dois amigos seus fundaram, na cidadezinha de Cerqueira Cesar. Além disso ele realizava palestras em vários centros, por todo o Brasil.

Havia algum lugar ou horário para escrever?

Escrevia em qualquer horário, bastava ter um tempo disponível. Quando se aposentou, passou a escrever mais durante a noite, entrando pela madrugada. Seu escritório de trabalho era seu próprio quarto, onde também se encontrava sua biblioteca.

Deixe-nos uma mensagem.

Herculano Pires, como dizia Chico Xavier, foi quem mais se aprofundou e compreendeu a obra de Kardec. Faz parte dos espíritas que mais se preocuparam com a divulgação da doutrina, sem permitir que novidades, sem nenhum critério científico, fossem consideradas pertencentes a ela. Ele sempre deixou bem claro que, se acreditamos nas verdades espíritas não podemos nos omitir quando encontramos situações que possam provocar distorções na obra de Kardec.

O jornalista e escritor Jorge Rizzini foi amigo, companheiro de profissão e confidente de Herculano Pires durante trinta anos. Jorge também presidiu o Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, criou a primeira revista infanto-juvenil espírita (Kardequinho), e a primeira filmoteca espírita nacional. Psicografou quarenta e quatro poetas, entre eles, Castro Alves e Monteiro Lobato.

Jorge e Herculano se conheceram no ano de 1952, em São Paulo, na tradicional e atualmente extinta Livraria Teixeira, ponto de encontro de intelectuais da época. "Eu tinha vinte e oito anos e ele trinta e oito. Um fato curioso que nascemos ambos no dia 25 de setembro, ele em 1914, durante a primeira grande guerra e eu dez anos depois, no período da revolução de 1924. Mas, segundo relatos espirituais, nossa amizade tem razões em vidas anteriores, desde o tempo da Roma imperial, quando trabalhamos secretamente em favor do triunfo das idéias revolucionárias de Cristo", conta.

O vínculo de amizade e companherismo foi tão grande entre ambos, que Jorge Rizzini publicou o livro José Herculano Pires, O Apóstolo de Kardec, pela editora Paidéia.

Como definiria Herculano Pires?

Foi o que podemos chamar de "homem múltiplo". Filósofo, educador, jornalista, escritor, parapsicólogo, romancista, poeta, e fiel tradutor de Allan Kardec. Sua inteligência superior iluminada pelo espiritismo e aliada a uma cultura humanística, brilhou com grande magnitude. As dezenas de livros doutrinários que escreveu, inclusive em parceria com Chico Xavier, são fundamentais para o perfeito conhecimento do espiritismo, e, devo acrescentar, alguns de seus romances são autênticas obras-primas.

Tem conhecimento de como Herculano Pires tornou-se espírita?

Até os quinze anos de idade era católico, mas desiludiu-se com o clero porque não respondia satisfatoriamente às suas perguntas. E buscou-as na teosofia, em vão. Já estava aceitando o materialismo, quando lhe caiu nas mãos um exemplar de O Livro dos Espíritos.

Eis o que ele nos narrou o que ocorreu: "Eu não queria saber do espiritismo, que por minha formação, considerava superstioso. Em 1936, quando tinha 22 anos de idade, meu saudoso amigo Dadício de Oliveira Baulet me desafiou a ler O Livro dos Espíritos". Esse foi o ponto de partida.

Para Herculano, o que significa ser espírita?

Disse ele em entrevista concedida ao Diário de São Paulo, em junho de 1952: 'É sempre transformar os princípios doutrinários em norma viva de conduta, para todos os instantes de nossa curta existência na Terra. Praticar o espiritismo não apenas no recinto dos centros ou no convívio dos confrades, mas em toda parte em que nos encontrarmos na rua, no trabalho, no lar, na solidão dos próprios pensamentos".

Ele participou do movimento espírita durante décadas. Como foi seu início?

Atuou como líder quarenta e três anos consecutivos.

Foi o primeiro presidente do centro espírita Humberto de Campos, na cidade de Cerqueira César. Recordemos que Herculano contava apenas com vinte e dois anos de idade, mas já era jornalista e escritor.

Quem publicou o primeiro trabalho jornalístico de cunho espírita de Herculano?

Ele tinha vinte e quatro anos, quando remeteu o primeiro artigo de cunho espírita ao inesquecível Cairbar Schutel, que encantado, publicou na Revista Internacional de Espiritismo. Desde então, nunca mais parou de escrever na imprensa espírita e fazer palestras.

Como foi a fundação e atuação do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo?

Herculano Pires fundou o clube em 1948. Participaram inclusive escritores e grandes profissionais da imprensa da época. Faziam parte: Pedro Granja, Júlio Abreu Filho, Odilon Negrão, entre outros. A ação do clube não se limitava ao movimento espírita brasileiro. Chegou até mesmo a protestar contra o governo do ditador Perón, por obrigar os médiuns argentinos a se registrarem no Departamento de Psicopatologia, com fichário de exames psiquiátricos, como se fossem doentes mentais. Protesto este amplamente noticiado pela grande imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro. Enfrentava também opositores do espiritismo e denunciava os confrades que mistificavam dentro do movimento doutrinário.

Érika Silveira - Revista Cristã de Espiritismo

Honório Melo

No dia 8 de setembro de 1989 desencarnava Honório Melo. Exerceu a presidência da Federação Espírita do Paraná, de 1979 a 1983. Foi seu 3º Vice-Presidente de 1949 a 1952 e 2º Vice-Presidente de 1972 a 1978. Ao longo de mais de meio século de dedicação ao movimento espírita esteve sempre ao lado de outros grandes trabalhadores, tais como Lins de Vasconcellos, Francisco Raitani, João Ghignone, Lauro Schleder e Abibe Isfer.

Em 11 de julho de 1937 passou a compor o Conselho Federativo da Federação Espírita do Paraná, como representante da Sociedade Espírita Os Mensageiros da Paz. Em 15 de janeiro de 1938 foi designado Secretário Geral da FEP pelo então Presidente João Ghignone. Em 23 de janeiro de 1939 deixou o cargo de Secretário Geral e passou a compor a Comissão de Direção e Fiscalização de Entidades Filiadas, em conjunto com Lauro Schleder, João Pina, Ernesto Carlberg Filho e João Hartman.

Em 2 de abril de 1938 propôs o nome de Hercília de Vasconcellos para o pavilhão feminino do denominado Sanatório Bom Retiro. Foi eleito membro efetivo do Conselho Federativo em 12 de outubro de 1941. Em 11 de janeiro de 1943 foi designado para Diretor do Departamento de Propaganda da FEP. Participou como um dos organizadores do Congresso Espírita Paraná - Santa Catarina, em 1945, tendo inclusive apresentado uma tese.

Como se comemora os cinquenta anos do Pacto Áureo, no corrente ano, é interessante ressaltar a repercussão do mesmo no Conselho Federativo da FEP. Na reunião do Conselho Federativo de 9/10/1949, com a presença de Francisco Raitani que havia retornado do Rio de Janeiro onde, com João Ghignone e Lins de Vasconcellos participara da assinatura da ata da FEB que passou a ser conhecida como Pacto Áureo, o Conselheiro Honório Melo,

dizendo do regozijo de tão auspicioso fato, propôs que se enviasse telegrama à FEB, a Arthur Lins de Vasconcellos Lopes e a João Ghignone que haviam permanecido no Rio de Janeiro, no seguinte teor: "Federação Espírita do Paraná, por seu Conselho Federativo reunido hoje dia nove, tomando conhecimento deliberação consubstanciada ata reunião Diretores Federação Espírita Brasileira e várias Federações e Uniões âmbito estadual, realizada dia cinco corrente mês sede essa Federação, com satisfação ratifica ditas deliberações assinadas pelo presidente João Ghignone, mesmo tempo manifesta desejo aderir a essa Federação para o que solicita instruções. Outrossim Federação Espírita Paraná congratula-se com Família Espírita Brasileira pela feliz inspiração que tiveram os responsáveis pelo desenvolvimento do Espiritismo no Brasil. Assinado Abibe Isfer, vice-presidente em Exercício. "

Em 24/9/1950 foi instalada a Comissão de Assistência e Difusão Doutrinária, sendo Honório Melo escolhido Secretário da referida comissão, nela permanecendo por quatro anos.No período de 10/3/55 a 13/5/1958 esteve afastado do Conselho Deliberativo, mas continuou a colaborar nos Departamentos da FEP.

Em 1958 foi designado diretor do Departamento de Mocidades, tendo antes sido Orientador da União da Mocidade Espírita de Curitiba, UMEC, por mais de cinco anos. Nas reuniões dessa mocidade, que foi muito ativa por mais de dez anos, ele participava,

na parte introdutória, a cada quinze dias, fazendo exposições sobre o Livro dos Espíritos. Foi Secretário do Conselho Deliberativo, por vários anos, desde 1961. Em 1965 teve atuação preponderante na criação das Uniões Regionais Espíritas.

Foi delegado do Paraná em vários congressos espíritas, e inúmeras vezes representante da FEP no Conselho Federativo Nacional, onde sua opinião sempre era ouvida e respeitada. Era conhecido e amigo dos presidentes das Federações e Uniões Espíritas de todos os Estados. Melo, como era mais conhecido, era firme na defesa dos aspectos doutrinários e ao mesmo tempo pessoa alegre que contagiava pela sua conversa franca.

Além de suas atividades na Federação Espírita do Paraná, foi trabalhador atuante e também Presidente da Sociedade Espírita Os Mensageiros da Paz e do Centro Espírita Leocádio José Correia, bem como palestrante em outras casas Espíritas do Estado.

Já quando estava enfermo e acamado, em 1989, recebeu a visita de Divaldo Franco, que lhe transmitiu um passe. Ao vê-lo Melo disse: "quanta honra para um pobre marquês", expressão que usava quando recebia algum elogio ou homenagem.

Especificamente para com este periódico, a sua participação como diretor - de novembro de 1977 a janeiro de 1979 - foi uma das mais profícuas, além de ter sido um dos mais ardorosos batalhadores para que o mesmo viesse para Curitiba, trazido do Rio de Janeiro pelas mãos de Lins de Vasconcellos, e pudesse chegar até os dias de hoje, com edições regulares e ininterruptas.

Deixou de sua lavra dois opúsculos versando sobre a Federação: 'Federação Espírita do Paraná, 77 anos - seus Presidentes' e "Ensaio Histórico da Federação Espírita do Paraná em seus oitenta anos".

No período de mais de quarenta anos em que João Ghignone permaneceu no cargo de Presidente da FEP, destacam-se Abibe Isfer que, além de suas atividades de médium, era o impulsionador das construções realizadas nesse período e Melo que estava voltado para a dinamização do movimento espírita do Estado. Com certeza Honório Melo continua colaborando com o movimento Espírita do plano em que se encontra.

Jornal Mundo Espírita de Setembro/1999.

Foi mais de meio século de dedicação ao Movimento Espírita do Paraná através da Federação Espírita, pois desde 1937 esteve vinculado ao conselho desta instituição, inicialmente como

representante do Centro Espírita “Os Mensageiros da Paz”, depois – em 1941 – como membro efetivo.

Ao longo desse tempo, ombreado com outros grandes trabalhadores, tais como: Lins de Vasconcellos, Francisco Raittani, João Ghignone e Abibe Isfer, desempenhou as mais variadas funções administrativas e doutrinárias: 1938 – Secretário Geral da FEP, 1941 – ingresso no Conselho;

1942 – Diretor do Departamento de Divulgação, tendo iniciado a publicação de jornal noticioso e doutrinário: “Boletim Espírita”; 1949 – 3º Vice Presidente da FEP; 1952 – Secretário do Jornal “Mundo Espírita”; 1965 – Secretário Geral do Conselho Diretor; 1972 – Secretário Geral da FEP; 1974 – 2º Vice-Presidente; 1979 – 1º Vice Presidente; 1981 – Presidente da FEP.

Foi coordenador da área de infância e mocidade, delegado do Paraná em vários congressos espíritas, representante da FEP em vários outros eventos de importância, inclusive foi um dos ativistas do Pacto Áureo.

Divulgador infatigável da mensagem espírita, venceu os inúmeros obstáculos de então: falta de estradas, deficiência de meio de transporte, intolerância religiosa, etc., e fez-se figura das mais

solicitadas pelos Centros Espíritas do interior do Estado como orador.

Especificamente para com este periódico, a sua participação como diretor – 30/11/1977 a 31/01/1979 – foi das mais profícuas, além de Ter sido ele um dos mais ardorosos batalhadores para que o mesmo viesse para Curitiba, trazido do Rio de Janeiro pelas mãos de Lins de Vasconcellos, e pudesse chegar até os dias de hoje, com edições regulares e ininterruptas.

Voz das mais ouvidas no Conselho Federativo Estadual, manteve-se firme nas lides diárias, mesmo tendo avançado a casa dos mais de oitenta janeiros, guardando uma capacidade mnemônica prodigiosa, ao ponto de ser cognominado – entre os mais íntimos – de “arquivo ambulante”, oferecendo detalhes, minudências das ocorrências que os registros oficiais não dispunham.

Deixou de sua lavra a publicação de dois opúsculos versando sobre a Federação: Federação Espirita do Paraná, 77 anos – seus Presidentes”; “Ensaio Histórico da Federação Espirita do Paraná, em seus oitenta anos”.

Assim foi Honório Melo, membro da FEP, um trabalhador infatigável e fiel. 08 de setembro de 1989 – a data da sua

desencarnação. Os corações amigos aqui rendem preitos de gratidão pelo ensejo do convívio, oportunidade em que muitas lições nobres edificantes puderam colher ao seu lado.

Auguramos que você possa – caro amigo – beneficiar-se dos bons frutos dos seus excelentes feitos, já que “a cada um segundo as suas obras”. As suas realizações já estão registradas nos anais da história do Movimento Espírita do Paraná.

Humberto de Campos

Humberto de Campos nasceu na pequena localidade de Piritiba, no Maranhão, em 1886. Foi menino pobre. Estudou com esforço e sacrifício. Ficou órfão de pai aos 5 anos de idade. Sua infância foi marcada pela miséria. Em sua "Memórias", ele conta alguns episódios que lhe deixaram sulcos profundos na alma.

Tempo depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, então Capital da República, onde se tornou famoso. Brilhante jornalista e cronista perfeito, suas páginas foram "colunas" em todos os jornais importantes do País. Dedicou-se inteiramente à arte de escrever, e por isso eram poucos os recursos financeiros. A certa altura da sua vida, quando minguadas se fizeram as economias, teve a idéia de mudar de estilo.

Adotando o pseudônimo de Conselheiro XX, escreveu uma crônica chistosa a respeito da figura eminente da época - Medeiros e Albuquerque-, que se tornou assim motivo de riso, da zombaria e da chacota dos cariocas por vários dias. O Conselheiro, sibilino e mordaz, feriu fundo o orgulho e a vaidade de Medeiros, colocando na boca do povo os argumentos que todos desejavam assacar contra Albuquerque. O sucesso foi total.

Tendo feito, por experiência, aquela crônica, de um momento para outro se viu na contingência de manter o estilo e escrever mais, pois seus leitores multiplicaram, chovendo cartas às redações dos jornais, solicitando novas matérias do Conselheiro XX. Além de manter o estilo, Humberto se foi aprofundando no mesmo, tornando-se para alguns, na época, quase imortal, saciando o paladar de toda uma mentalidade que desejava mais liberdade de expressão e mais explicitude na abordagem dos problemas humanos e sociais.

Quando adoeceu, modificou completamente o estilo. Sepultou o Conselheiro XX, e das cinzas, qual Fênix luminosa, nasceu outro Humberto, cheio de piedade, compreensão e entendimento para com as fraquezas e sofrimentos do seu semelhante.

A alma sofredora do País buscou avidamente Humberto de Campos e dele recebeu consolação e esperança. Eram cartas de dor e

desespero que chegavam às suas mãos, pedindo socorro e auxílio. E ele, tocado nas fibras mais sensíveis do coração, a todas respondia, em crônicas, pelos jornais, atingindo milhares de leitores em circunstâncias idênticas de provações e lágrimas.

Fez-se amado por todo o Brasil, especialmente na Bahia e São Paulo. Seus padecimentos, contudo, aumentavam dia-a-dia. Parcialmente cego e submetendo-se a várias cirurgias, morando em pensão, sem o calor da família, sua vida era, em si mesma, um quadro de dor e sofrimento. Não desesperava, porém, e continuava escrevendo para consolo de muitos corações.

A 5 de dezembro de 1934, desencarnou. Partiu levando da Terra amargas decepções. Jamais o Maranhão, sua terra natal, o aceitou. Seus conterrâneos chegaram mesmo a hostilizá-lo. Três meses apenas de desencarnado, retornou do Além, através do jovem médium Chico Xavier, este, com 24 anos de idade somente, e começou a escrever, sacudindo o País inteiro com suas crônicas de além-túmulo.

O fato abalou a opinião pública. Os jornais do Rio de Janeiro e outros estados estamparam suas mensagens, despertando a atenção de toda gente. Os jornalheiros gritavam. Extra, extra! Mensagens de Humberto de Campos, depois de morto! E o povo lia com sofreguidão...

Agripino Grieco e outros críticos literários famosos examinaram atenciosamente a produção de Humberto, agora no Além. E atestaram a autenticidade do estilo. "Só podia ser Humberto de Campos!" - afirmaram eles. Começou então uma fase nova para o Espiritismo no Brasil. Chico Xavier e a Federação Espírita Brasileira ganharam notoriedade. Vários livros foram publicados.

Aconteceu o inesperado. Os familiares de Humberto moveram uma ação judicial contra a FEB, exigindo os direitos autorais do morto! Tal foi a celeuma, que o histórico de tudo isto está hoje registrado num livro cujo título é "A Psicografia ante os Tribunais", escrito por Dr. Miguel Timponi.

A Federação ganhou a causa. Humberto, constrangido, ausentou-se por largo período e, quando retornou a escrever, usou o pseudônimo de Irmão X. Nas duas fases do Além, grafou 12 obras pelo médium Chico Xavier. "Crônicas de Além-Túmulo", "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", "Boa Nova", "Novas Mensagens", "Luz Acima", "Contos e Apólogos" e outros foram livros que escreveu para deleite de muitas almas.

Nas primeiras mensagens temos um Humberto bem humano, com características próprias do intelectual do mundo. Logo depois, ele

se vai espiritualizando, sutilizando as idéias e expressões, tornando-se então o escritor espiritual predileto de milhares. Os que lerem suas obras de antes, e de depois, de morto, poderão constatar a realidade do fenômeno espírita e a autenticidade da mediunidade de Chico Xavier.

Fonte: Revista REFLEXÕES Edição n.º 5 - Maio de 1999 - Fernandópolis - SP - Brasil. José B. Campos (www.universoespirita.org.br)

Humberto Mariotti

Humberto Mariotti (1905-1982), poeta, escritor, jornalista, conferencista e intelectual espírita portenho. Foi presidente da Confederação Espírita Argentina de 1935/1937 e 1963/1967, da Sociedad Victor Hugo por várias gestões e diretor da revista de cultura espírita "La Idea". Esteve, junto com Manuel S. Porteiro, no Congresso Espírita Internacional de Barcelona (1934). Foi também vice-presidente da Confederação Espírita Pan-Americana (Cepa) em duas gestões. Escreveu vários livros e inúmeros artigos na imprensa espírita brasileira, portuguesa e argentina.

Em 10/07/1982, em Buenos Aires, Argentina, desencarna Humberto Mariotti, escritor, poeta, jornalista, expositor e filósofo espírita; nascido em Záratec, Argentina, em 11/06/1905.

Obras: Dialéctica y Metapsíquica; Parapsicología y Materialismo Histórico; El Alma de los Animales a Luz de la Filosofía Espirita; En Torno al Pensamiento Filosófico de J. Herculano Pires; Victor Hugo, el Poeta del Más Allá; Los Ideais Espiritas en la Sociedad Moderna; Vida y Pensamiento de Manuel Porteiro.

Inácio Bittencourt

Nascido a 19 de abril de 1862, na Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores, Freguesia da Sé de Angra do Heroísmo em Portugal, e desencarnado no Rio de Janeiro a 18 de fevereiro de 1943.

Em plena juventude, emigrou para o Brasil, sem alimentar idéia de enriquecimento, mas buscando um ideal que sua intuição afirmava poder encontrar em sua segunda pátria.

Sem qualquer proteção ou amparo, desembarcou no Rio de Janeiro, sozinho e com irrisória quantia no bolso. Entretanto, já era um jovem de caráter sério e de grandes dotes morais.

Inácio Bittencourt foi um desses abnegados, que só se alegravam com a alegria do seu semelhante. Por isso foi aquinhoado com a mediunidade natural, que geralmente depende da evolução

espiritual do indivíduo. Ela surgiu espontaneamente, sem qualquer esforço de planejamento, como um imperativo da essência de sua alma boa e sempre disposta à prática do bem.

Aos vinte anos de idade inteirou-se da verdade espírita. Bastante enfermo e desesperançado, foi levado à presença de um médium chamado Cordeiro, residente na Rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro, e, graças ao auxílio espiritual recebido, teve a sua saúde completamente restabelecida. Inconformado com a rapidez da cura, voltou e indagou do médium: "Não sendo o senhor médico, não indagando quais eram os meus padecimentos e não me tendo auscultado ou apalpado qualquer um dos órgãos, como pôde curar-me?"

E a resposta veio incontinenti: Leia "O Evangelho Segundo o Espiritismo" e "O Livro dos Espíritos". Medite bastante e neles encontrará a resposta para a sua indagação".

Bittencourt seguiu o conselho e, desde logo, com grande surpresa e naturalidade, se apresentaram nele algumas faculdades mediúnicas. Descortinando novos horizontes, rompido o véu que impedia que conhecesse novas verdades, integrou-se resolutamente na tarefa de divulgação evangélica e de assistência espiritual aos mais necessitados.

Bem cedo, com trinta anos de idade, sua personalidade alcançou grande destaque nos meios espíritas e mesmo fora deles. Poderia ter alcançado culminância na política, desde que aceitasse a indicação de seu nome para uma chapa de deputado, uma vez que era apoiado por vários senadores da República. Sua vitória na eleição não sofreria dúvida. Porém, sempre humilde, fugindo aos movimentos alheios à caridade, preferiu viver no seu mundo, no qual reinava a figura exponencial e amorosa de Jesus Cristo.

Fundou a 1.o. de maio de 1912, e dirigiu-o durante mais de trinta anos, o semanário "Aurora", que se tornou conhecido e apreciado veículo de divulgação doutrinária. Sob sua presidência foi fundado em 1919 o "Abrigo Tereza de Jesus", tradicional obra assistencial até hoje em pleno funcionamento, com larga soma de benefícios a crianças desamparadas, de ambos os sexos.

Fundou o Centro Cáritas, juntamente com Samuel Caldas e Viana de Carvalho, presidindo-o até a data da sua desencarnação. Tomou parte ativa na fundação da "União Espírita Suburbana" e do "Asilo Legião do Bem", que acolhe vozinhas desamparadas. Durante alguns anos exerceu também a Vice-Presidência da Federação Espírita Brasileira, presidiu o "Centro Humildade e Fé", onde nasceu a "Tribuna Espírita", por ele dirigida durante alguns anos.

A mediunidade receitista e curadora de Inácio Bittencourt mereceu diversas opiniões. Algumas vezes chegou a ser processado "por exercício ilegal da medicina", mas sempre foi absolvido. Em 1923 houve um acórdão importante do Supremo Tribunal Federal, a respeito.

Certa vez, no Centro Cáritas, ao ensejo de uma prece, ouviram-se na sala, de forma bastante nítida, acordes de um violino. O artista invisível executava estranha e belíssima melodia, envolvendo a todos em profunda emoção.

Bittencourt, então, salientou que aquela audição representava magnânima manifestação da graça de Jesus Cristo, permitindo que chegasse ao grupo o de que mais ele necessitava, para compreender a ressonância de uma prece sincera no plano divino.

Manifestações dessa natureza não eram raras no Centro Cáritas, possibilitando sempre vibrações amorosas dos encarnados, protegidas pelos Mentores Espirituais, de maneira que essas forças ali chegavam para as sensibilizantes demonstrações de afeto e carinho.

Não foi somente como médium receitista e curador que Inácio Bittencourt grangeou a notoriedade, a estima e a admiração de

todos, mas igualmente como médium apto a receber do Alto maravilhosa inspiração que, durante larga fase do seu mediunato, se manifestou notória e admirável, sempre que ele assomava às tribunas doutrinárias, principalmente à da Federação Espírita Brasileira, a cujas sessões de estudos comparecia com bastante assiduidade.

Embora não fosse dotado de cultura acadêmica, escrevia artigos doutrinários de forma surpreendente, e fazia uso da palavra em auditórios espíritas de forma bastante eloqüente. O simples fato de dirigir um jornal de grande penetração como o foi "Aurora", demonstra a fibra e o valor desse seareiro incomparável e incansável.

Com 80 anos de idade, retornou à pátria espiritual, após lenta agonia. Dias antes da sua desencarnação, com a coragem e a serenidade de um justo, ditara para os seus familiares os termos do convite para os seus funerais: "A família Inácio Bittencourt comunica o seu falecimento. A pedido do morto, dispensam-se flores". Dona Rosa, sua bondosa companheira, ponderou: "Você amontoou flores na vida terrena, e essas flores virão agora engalanar a sua vida espiritual". O velho seareiro, dando, mais uma vez, prova admirável da capacidade de transigência do seu Espírito altamente evoluído, aquiesceu: "Está bem. Concordo com você e aceito as flores. Elas significarão a simpatia e o afeto de bondosos

amigos para com o meu Espírito. Mas desejo que se transformem na derradeira homenagem que presto a você, nesta encarnação, ofertando-lhas logo após recebê-las. Nosso filho Israel se encarregará de proceder à oferenda".

Inácio Bittencourt foi um exemplo vivo de virtudes santificantes. A todos os golpes de malquerença e a todos os gestos de ofensa, sempre replicava com sorriso e perdão. Soube sempre ser tolerante e compreensivo para com aqueles que o criticavam. Levou sempre a assistência material e espiritual a todos aqueles que dela necessitavam, fazendo com que sua ação fecunda e benfazeja se baseasse sempre nos lídimos preceitos evangélicos, pois, como poucos, ele soube viver e praticar os ensinamentos do Meigo Rabi da Galiléia.

Falando com clareza e simplicidade, esforçou-se sempre em desvendar, para os seus semelhantes, o véu que oculta as verdades eternas que os homens chamam de mistérios divinos. Caminhou sempre sem protestos ou lamentações. Que a vida bem vivida desse grande propagador do Espiritismo possa nos servir de bússola a fim de nos orientar nos momentos de vacilações e de tribulações.

As curas operadas através da mediunidade de Inácio Bittencourt foram das mais marcantes. Inúmeros casos, que eram considerados perdidos pela medicina oficial, foram resolvidos pela sua

interferência, tornando-se assim um ponto de convergência para os sofreadores de todos os matizes.

Artur Silva Araújo

INDALÍCIO MENDES

Em Leopoldina, Minas Gerais, em 23 de maio de 1901, nascia Indalício Hildegárdio Mendes. Filho de Maria Lídia da Rocha Mendes e Cristóvão José Mendes, teve como irmãos Otília, Iremarco e Dulcina.

Gêmeo de sete meses, foi criado nos primeiros dias de vida em uma caixa de sapatos, envolto por algodão, para que sobrevivesse. Seu irmão não teve a mesma sorte. Com aparência franzina, muito claro, de olhos muito azuis, sua saúde sempre inspirava cuidados, que eram tratados com desvelo, primeiro por sua mãe, depois por sua dedicada esposa.

Com um mês de vida, Indalício veio com sua família para o Rio de Janeiro. Foram morar no bairro de São Cristóvão.

Autodidata, cursou até o ginásial, quando começou a trabalhar para ajudar a família, empregando-se na firma White Martins, onde criou o logotipo "estrela verde", usado até hoje. Fez carreira, chegando à posição de Diretor da Seção de Propaganda, e de lá saiu apenas para se aposentar.

Desde pequeno apresentava gosto pela leitura, que o acompanhou por toda a vida, resultando disso uma invejável ilustração e aprofundada cultura, abrangendo os mais variados ramos e temas do conhecimento humano. Versado em línguas estrangeiras, lia com facilidade obras em inglês, francês, italiano e espanhol.

Em sua biblioteca de centenas de livros, deixou nas margens dos mesmos preciosos comentários e observações, que enriquecem os textos.

Indalício conheceu Nadir, sua esposa, no Rio de Janeiro. Foi em 1925, no dia 24 de dezembro, na igreja de São Salvador, em Campos, que receberam a benção nupcial. Desta união nasceram Myrian Neide e Spencer Luiz, que lhes deram sete netos e quatro bisnetos.

Foi depois de uma pneumonia, na década de 40, que começou sua busca espiritual. Luís Fernandes da Silva Quadros, tio de sua esposa

e membro da Federação Espírita Brasileira, convidou-o a conhecer a doutrina e a Casa de Ismael, despertando-o para o caminho novo que surgia. Indalício passara anteriormente pelas idéias materialistas, marxistas e simpáticas a Herbert Spencer, de que teve a inspiração para dar o nome a seu filho.

Na Casa Mãter, dedicou-se principalmente ao estudo das obras da Codificação de Allan Kardec, e "Os Quatro Evangelhos", de Roustaing. Em 1943, foi empossado como Secretário de "O Reformador", revista oficial da FEB. Foi com o Artigo de fundo "Libertação pelo Evangelho", publicado em março de 1944, que Indalício iniciou sua colaboração em "O Reformador". Mais de seiscentos artigos se sucederam ao longo de 32 anos.

Deu também sua colaboração durante quatro anos na Comissão de Assistência da FEB, sendo ali companheiro de trabalho de Luís Quadros.

Em 1953 entrou para o Conselho Federativo Nacional, como representante da Federação Espírita Paraibana e em 1956 foi eleito membro efetivo do Conselho Superior da FEB.

Indalício Mendes foi autor do "árduo" estudo comparativo das obras literárias de Humberto de Campos - Homem - e Humberto de

Campos - Espírito, conforme consta em "Duas Palavras", do livro "A Psicografia ante os Tribunais". Este trabalho reuniu toda a documentação necessária à defesa de Chico Xavier e da FEB, entregue a Miguel Timponi.

Em 1975 foi eleito Vice-Presidente da FEB mas, daí por diante, suas forças começaram a declinar e sua presença era solicitada ao lado de sua dedicada esposa. Deixou o Conselho Federativo Nacional, o qual servira por 23 anos. Foi desativando aos poucos, deixando a vice-presidência em 1978. Mas, até a sua desencarnação, permaneceu como redator de "O Reformador" e Assessor da Presidência.

De sua personalidade, lembramos a alegria. Tinha o humor incrível que caracteriza os homens de gênio. Gostava de ouvir música. Nas reuniões familiares, dançava e até sapateava, sempre sob o sorriso amigo da esposa Nadir, que o acompanhava, formando um casal exemplar.

Esportivo, na mocidade chegou a lutar box. Tinha o pescoço um pouco inclinado, dizia ele, por ter recebido um golpe desastrado.

Admirava o futebol, e sobre esse assunto assinou durante muitos anos uma coluna intitulada "Pra ler no bonde", no "Diário de

Notícias", utilizando o pseudônimo de "José Brígido". Foi membro da diretoria do Fluminense Futebol Clube, no cargo de 2º Secretário.

Voz fraca, quase inaudível, foi pela escrita que fez a divulgação de seu conhecimento. De sua pena saíram contos, alguns de inspiração oriental; versos; tinha sempre palavras escritas para lembrar alguma ocasião como aniversários, casamentos, etc... e gostava de presentear com livros que levavam sempre dedicatórias gentis e doutrinárias. Usou vários pseudônimos: "José Brígido", já citado; "Túlio Tupinambá", "Vinélius Di Marco", "Boanerges da Rocha", "Tasso Porciúncula", "I. Salústio", "Percival Antunes", "Tibúrcio Barreto", "Jesuíno Macedo Jr.", "A. Pereira", "Tobias Mirco", "Gonçalo Francoso", "Damasceno", "X.Z" e outros.

Trabalhou em vários jornais, dentre eles "A Gazeta de São Paulo", "A Tribuna da Imprensa", "O Rio Esportivo" e "O Diário de Notícias", do qual foi um dos fundadores ao lado do jornalista Orlando Dantas, em 1930. Tornou-se jornalista profissional, tendo ocupado na ABI, Associação Brasileira de Imprensa, o cargo de Diretor do Setor de Relações Sociais e Humanas, do Departamento de Assistência Social.

Somado a tantas atividades, exerceu o cargo de Assistente de Plenário do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro.

Por volta de 1963, pouco depois de sua fundação, ingressou na "Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes". Fundou em 1965, junto com o seu Orientador Geral, Azamor Serrão, o seu órgão de divulgação doutrinária, "O Cristão Espírita", de distribuição gratuita, dirigindo-o até a sua desencarnação. Indalício Mendes foi também membro do Conselho Deliberativo da Casa desde a criação deste último, a 18 de novembro de 1967, exercendo essa função até o seu regresso à Pátria Espiritual.

Nos últimos anos de sua vida "O Cristão Espírita" já lhe custava extremado esforço.

As forças diminuía dia a dia, e não encontrava quem o pudesse substituir. Escrevia à mão, pois não conseguia mais usar a máquina de escrever. Muitas vezes pensava até em desistir, mas o estímulo de amigos levou-o a continuar.

Seu último e precioso trabalho foi sobre "O Corpo Fluídico de Jesus", que não chegou a ser publicado. Sua vivência no Espiritismo foi cercada de inúmeros obstáculos. Acordava às quatro horas da madrugada para poder estudar e escrever, inclusive "O Cristão Espírita".

Em 1974 o casal comemorou 50 anos de casados, "Bodas de Ouro".

Em 25 de agosto de 1984 desencarnou sua esposa Nadir. Ficou um grande vazio na vida de Indalício.

A 13 de maio de 1988, Indalício partiu para a espiritualidade. Frágil como uma luz de vela prestes a apagar, na Casa de Saúde Santa Lúcia, em Botafogo. Justo no dia 13 de maio, dia da libertação dos escravos, Indalício libertou-se do jugo carnal. A vibração na capela do São João Baptista, onde seus restos mortais repousavam, era amena, tranqüila. Sentia-se a presença de seu espírito.

Indalício Mendes deixou um rastro de luminosidade na Terra, pela intensidade e dignidade da vida que viveu. Por isso, nós o chamamos, também, "Sal da Terra"...

Irma de Castro - Meimei

Espírito altamente amoroso e culto, que se tem dedicado mais particularmente à assistência à infância, manifesta-se, quase sempre, inundando o ambiente em suave e delicioso aroma de flores, mais particularmente rosas. Seu nome, quando encarnada na terra, era Irma de Castro. Viveu de 22 de outubro de 1922 a 01 de outubro de 1946. Nasceu na cidade mineira de Mateus Leme e desencarnou em Belo Horizonte.

Manifestou precocemente acentuada inteligência, meiguice, modéstia e amor às letras. Era de beleza invulgar. Tinha quatro irmãos: Ruth, Alaíde, Danilo e Carmem e ficou órfã de pai (Adolfo Castro) com apenas 5 anos. Sua mãe era D. Mariana de Castro.

Apesar de seu enorme amor aos estudos, por motivos de saúde, teve de abandonar o Curso Normal no segundo ano (Escola Normal de Itaúna). Mais tarde, com sua irmã Alaíde, transferiu-se para Belo Horizonte para trabalhar e lá conheceu Arnaldo Rocha, com quem se casou aos 22 anos de idade. Apesar de muito querer um filhinho que lhe viesse abençoar o lar, isto não foi possível.

Tendo lido um romance, onde o personagem chinês tratava sua companheira pelo nome de Meimei (quer dizer "amor puro"), passou a tratar assim o marido e este também assim a tratava na intimidade. O problema que muitas vezes antes se manifestara nos rins (nefrite) irrompeu com muita força, a ponto de lhe cegar uma das vistas e ela desencarnou, dois anos após o enlace.

O esposo, bastante abatido, procurou a Francisco Cândido Xavier, e este, que morava na cidade de Pedro Leopoldo, recebeu uma mensagem dela em que assinava Meimei, fato que todos ignoravam, já que este nome carinhoso só era do conhecimento do

casal. Arnaldo tornou-se então um colaborador do Chico e fundou o Centro Espírita Meimei.

Muitos são os fatos narrados envolvendo a interferência amorosa de Meimei, que muitas vezes é vista pelos médiuns vestida de noiva, com a invulgar beleza, que lhe é peculiar.

Em 03/08/1977 Meimei psicografou pelo Chico 7 páginas apoiando a obra (ainda por editar) do espírito de Monteiro Lobato, recebida pela médium Marilusa, da qual carinhosamente se serviu para ditar o livro Retalho do Morro.

Dado seu carinho com a China, ainda dedicou a forma de ilustrar a obra - Retalho do Morro - com uso de sombras (arte milenar chinesa), e orientou quanto à utilização das figuras para avaliação do aprendizado das crianças. Existem muitos livros ditados por Meimei através de Chico Xavier. Entre outros: Pai Nosso, Amizade, Palavras do Coração, Cartilha do Bem, Evangelho em Casa, Deus Aguarda e Mãe.

Esse valoroso espírito também está entre nós na FEIG. Meimei abraçou a tarefa de mentora da Creche onde temos certeza vem zelando pelas crianças com muito amor. Que Jesus possa abençoá-la sempre para que ela continue seu maravilhoso trabalho

e que todos nós possamos continuar sendo merecedores de sua companhia e seus ensinamentos.

Marilusa Moreira Vasconcellos. Retalho do Morro

Irmãos Davenport

Ira Erastus Davenport e William Henry Davenport nasceram em Buffalo, no estado de New York, o primeiro a 17 de setembro de 1839 e o segundo a 1º de fevereiro de 1842. Seu pai, descendente dos primeiros colonos ingleses da América, ocupava posição no Departamento de Polícia de Buffalo. Sua mãe, nascida em Kent, na Inglaterra, veio criança para a América. Em 1846 a família foi perturbada alta noite por aquilo que descreveram como "batidas, socos, ruídos altos, rupturas e estalos". Isto foi dois anos antes das manifestações ocorridas com as irmãs Fox.

Os dois rapazes Davenport e a sua irmã Elizabeth, a mais moça dos três, experimentaram pôr as mãos sobre a mesa, na esperança de que alguma manifestação ocorresse. De pronto, ruídos fortes e violentos foram ouvidos e mensagens eram transmitidas. A notícia espalhou-se e, do mesmo modo que com as irmãs Fox, centenas de curiosos e de incrédulos se amontoavam na casa.

Ira desenvolveu a escrita automática e distribuiu entre os presentes mensagens escritas com extraordinária rapidez, contendo informações que ele não podia possuir. Logo se seguiu a levitação e o rapaz era suspenso no ar por cima das cabeças dos que se achavam na sala, a uma altura de nove pés do solo. Depois o irmão e a irmã foram igualmente influenciados e os 3 flutuaram no alto da sala. Centenas de cidadãos respeitáveis de Buffalo são citados como tendo presenciado esses fatos.

Uma vez, quando a família tomava a refeição, as facas, os garfos e os pratos dançaram e a mesa foi erguida no ar. Numa sessão, pouco depois disso, um lápis foi visto escrevendo a plena luz do dia, sem qualquer contato humano. Então as sessões passaram a ser feitas com regularidade, começaram a aparecer luzes, e instrumentos de música boiavam no ar e eram tocados acima das cabeças dos circunstantes. A voz direta e outras manifestações extraordinárias se seguiram muito numerosas.

Atendendo o pedido das inteligências comunicantes, os irmãos começaram programando os vários lugares onde seriam realizadas sessões públicas. Entre estranhos, insistiam pedidos de testes. A princípio os rapazes eram segurados por pessoas escolhidas entre os presentes, mas isso foi considerado insatisfatório, porque pensavam que aqueles que os seguravam eram comparsas. Então passaram a amarrá-los com cordas. A leitura da lista das

engenhosas maneiras de controle que eram propostas, sem que pudesse haver interferência, mostra como é impossível convencer céticos e presunçosos. Desde que um processo de controle dava resultado, outro era logo proposto para substituí-lo.

Certa feita, os professores da Universidade de Harvard examinaram os rapazes e os amarraram com 150 metros de cordas de maneira brutal, colocando-os em sala preparada com muitos buracos para observação. Todos os laços da corda foram amarrados com fios de linho e um deles, o prof. Pierce, isolou-se dentro do gabinete, entre os dois rapazes. Imediatamente mostrou-se a mão de um fantasma, moveram-se instrumentos, que eram notados pelo professor junto à sua cabeça ou ao seu rosto. A cada instante ele procurava os rapazes com as mãos, sempre constatando que eles estavam imobilizados. Por fim os operadores invisíveis libertaram os rapazes de suas amarras e quando o gabinete foi aberto, as cordas foram encontradas enroladas no pescoço do professor. Depois de tudo isso os professores não fizeram nenhum relatório. Não estavam preparados para o desfecho e certamente o teriam feito em cores berrantes se houvessem detectado o mínimo indício de fraude.

Passaram então os Davenport a viajar, fazendo grandes exposições à maneira de espetáculos circenses. Alugavam salões e desafiavam todo mundo a vir assistir aos fenômenos que ultrapassavam os limites das crenças ordinárias. Não era preciso ser arguto para

prever uma forte oposição: assim aconteceu. Mas eles atingiram os objetivos que certamente tinham em vista os dirigentes invisíveis.

Na Inglaterra, chamaram a atenção do público como nunca para tal assunto. Mas não se limitaram a atuar apenas neste país. Estiveram em Hamburgo e depois em Berlim, mas, como os esperavam uma guerra (desde que os guias a tinham previsto), a excursão não foi lucrativa. Gerentes de teatro lhes ofereceram elevadas somas para algumas exposições, mas, seguindo o conselho do seu sempre presente Espírito Monitor, que disse que as suas manifestações deviam ser conservadas acima do nível dos divertimentos teatrais, desde que eram supernaturais eles recusaram o convite.

Após serem visitados por membros da família real seguiram para a Bélgica onde alcançaram notável sucesso em Bruxelas, bem como nas principais cidades. A seguir foram à Rússia onde fizeram algumas sessões públicas em auditórios e residências famosas. Depois disso foram à Polônia e à Suécia retornando a Londres para novas apresentações.

Os Davenport, com seus estilos de divulgação dos fenômenos espíritas por espetáculos, contribuíram generosamente para o alargamento da compreensão e da curiosidade acerca do Espiritismo. Palhaços? Talvez haja quem o diga, mas dificilmente

deixar de envergonhar-se um dia por haver empregado tal qualificativo.

Irmãs Fox

Em dezembro de 1847 uma família metodista de nome Fox alugou uma casa em vilarejo típico de New York chamado Hydesville. Nessa família havia duas filhas de nome Margaret de 14 anos e Kate, de 11 anos. Em 1848 surgiram na casa ruídos, arranhões, batidas, sons semelhantes ao arrastar de móveis que não deixava as meninas dormir, a não ser no quarto de seus pais. Tão vibrantes eram esses sons que as camas tremiam e moviam-se. As irmãs Fox iniciaram o diálogo com o espírito batedor, fato este que passou a história do Espiritismo como o episódio de Hydesville.

Passado esse acontecimento no qual as meninas ficaram conhecidas, estas iniciaram sessões em New York e em outros lugares, triunfando em cada ensaio a que eram submetidas. Durante esses atos de mediunidade pública, em que provocavam indignação as moças entre pessoas que não tinham a menor idéia do significado religioso dessa nova revelação, entre aqueles cujo interesse estava na esperança de vantagens materiais, as irmãs estiveram expostas ás enervantes influências das sessões promíscuas de tal maneira que nenhum espírita conhecedor da problemática ousaria assim proceder. Na quela ocasião os perigos de tais práticas não eram tão notados quanto agora, nem ao povo

ocorria que não era possível que espíritos elevados baixassem à terra para dar conselhos acerca das ações das estradas de ferro ou soluções para os casos amorosos. Contra a sua formação moral das quais jamais houve qualquer suspeita, mas elas tinham enveredado por um caminho que conduz a degeneração da mente e do caráter, embora só muitos anos mais tarde tivessem manifestado os mais sérios efeitos.

Em 1852, o Dr. Elisha Kane, de origem puritana pois considerava a Bíblia como a última e definitiva palavra de inspiração divina, encontra Margaret e com ela veio a casar-se. Kane estava convencido de que a jovem estava envolvida em fraude e nas cartas que lhe enviava a acusava continuamente de viver em erro e hipocrisia. Kane estava convencido de que a irmã mais velha de Margaret, Leah, visando fins lucrativos estava explorando a fraude.

O casamento durou até 1857, ocasião em que a viúva, então se assinando Mrs. Fox-Kane, abjurou os fenômenos por algum tempo e foi recebida na Igreja Católica Romana. Em 1871, depois de mais de 20 anos de trabalho exaustivo, ainda as encontramos recebendo entusiástico apoio e admiração de muitos homens e senhoras importantes da época. Só depois de 40 anos de trabalhos públicos é que se manifestaram condições adversas em suas vidas. Foi em 1871 que, graças a generosidade de Mr. Charles Livermore, eminente banqueiro de New York, Kate Fox visitou a Inglaterra. Era

um sinal de gratidão do banqueiro pela consolação que havia recebido de sua força maravilhosa e um apoio para o progresso do Espiritismo. Ele proveu todas as suas necessidades e assim evitou que ela tivesse de recorrer ao trabalho remunerado.

A visita de Fox à Inglaterra evidentemente foi considerada como uma missão. A recém-chegada iniciou suas sessões logo depois do seu desembarque. Numa das primeiras, um representante de "The Times" esteve presente e publicou um relato da sessão, realizada em conjunto com D. D. Home, grande amigo da médium. Isto se lê num artigo sob o título "Espiritismo e Ciência" que ocupou 3 colunas e meia em tipo saliente. O representante de The Time diz que Miss Fox o levou até a porta da sala, convidou-o a ficar de pé a seu lado e segurou-lhe as mãos, o que ele fez, "quando foram ouvidos fortes golpes, que pareciam ser das paredes e como se fossem dadas com os punhos. Os golpes eram repetidos a pedido nosso, qualquer número de vezes".

A 14 de dezembro de 1872 Miss Fox casou-se com Mr. H. D. Jencken, um advogado londrino, autor de um "Compêndio de Direito Romano Moderno", e secretário geral honorário da Associação para a Reforma e Codificação do Direito Internacional. Foi ele um dos primeiros espíritas da Inglaterra. Assim relata Crookes, um encontro com Miss Fox, quando as únicas pessoas presentes era ele, sua senhora, uma parenta e a médium. "Eu

segurava ambas as mãos da médium numa das minhas mãos, enquanto seus pés estavam sobre os meus. Havia papel sobre a mesa em nossa frente e eu tinha um lápis na mão livre. Uma luminosa mão desceu do alto da sala e, depois de oscilar perto de mim durante alguns segundos, tomou o lápis de minha mão e escreveu rapidamente numa folha de papel, largou o lápis e ergueu-se sobre nossas cabeças, dissolvendo-se gradativamente na escuridão". Muitos outros observadores descrevem fenômenos similares com a mesma médium em várias ocasiões. Os detalhes das sessões poderiam encher um volume.

É opinião do Prof. Butlerof da Universidade de São Petersburgo que, depois de investigar os poderes da médium em Londres, escreveu em *The Spiritualist* em 1876: "De tudo quanto me foi possível observar em presença de Mrs. Fox, sou levado a conclusão de que os fenômenos peculiares a esse médium são de natureza fortemente objetiva e convincente e que, penso, seriam suficientes para levar o mais pronunciado cíptico, desde que honesto, a rejeitar a ventriloquia, a ação muscular e semelhantes explicações dos fenômenos".

Mr. Jencken morreu em 1881 deixando a viúva com duas filhas. Margaret tinha se juntado a irmã Kate em 1876 e permaneceram juntas por alguns anos, até que ocorreu o lamentável incidente envolvendo a família. Parece que houve uma discussão amarga

entre a irmã mais velha, Leah e as duas moças. É provável que Leah tivesse sabido que havia então uma tendência para o alcoolismo e tivesse feito uma intervenção com mais força do que tato... Alguns espíritas também interferiram e deixaram as 2 irmãs meio furiosas, pois tinha sido sugerido que os 2 filhos de Kate fossem separados dela. Procurando uma arma - uma arma qualquer - com a qual pudessem ferir aqueles a quem tanto odiavam, parece que lhes ocorreu - ou, de acordo com o seu depoimento posterior, que lhes foi sugerido sob promessa de vantagens pecuniárias - que se elas injuriassem todo o culto, confessando que fraudavam, iriam ferir a Leah e a todos os confrades no que tinham de mais sensível.

Ao paroxismo da excitação alcoólica e da raiva juntou-se o fanatismo religioso, pois Margaret tinha sido instruída por alguns dos principais espíritos da Igreja de Roma, e convencida - como também ocorreu com Home durante algum tempo - que suas próprias forças eram maléficas, no que ficou reduzida a um estado vizinho da loucura. Antes de deixar Londres, escreveu ao New York Herald denunciando o culto, mas sustentando numa frase que as batidas "eram a única parte dos fenômenos digna de registro". Chegando a New York, onde, conforme sua subsequente informação, deveria receber certa quantia pela sensacional declaração prometida ao jornal, teve uma verdadeira explosão de ódio contra sua irmã mais velha.

Posteriormente, um ano após o escândalo de Margaret, esta fez extensa entrevista à imprensa de New York denunciando a tentação do dinheiro e admitindo haver dito falsidades contra os Espíritos pelos mais baixos motivos. "Praza Deus" - disse ela com voz trêmula de intensa excitação - "que eu possa desfazer a injustiça que fiz à causa do Espiritismo quando, sob intensa influência psicológica de pessoas inimigas dele, fiz declarações que não se baseiam nos fatos". Mais adiante pergunta o entrevistador. "Havia alguma verdade nas acusações que a senhora fez ao Espiritismo?" - "Aqueles acusações eram falsas em todas as minúcias. Não hesito em dizê-lo... Não. Minha crença no Espiritismo não sofreu mudanças. Quando fiz aquelas terríveis declarações não era responsável por minhas palavras".

Tanto Kate quanto Margaret morreram no começo do último decênio do século e seu fim foi triste e obscuro. Todavia, as idéias espíritas dissimuladas através de seus feitos, ora através do cansativo alfabeto das batidas, ora por eventos espetaculares cuja causa era a mediunidade de ambas, prepararam o terreno para a codificação, que se seguiria sob a diretriz do Espírito da Verdade e a coordenação segura de Allan Kardec.

IRMÃ SCHEILLA

É um espírito esplendoroso pela luz que esparge, e sua presença é notada por ondas perfumadas que imprime ao local.

Segundo o Anuário Espírita, temos notícias apenas de duas existências de Scheilla ; uma na França e outra na Alemanha.

Na existência francesa, chamou-se Joana Francisca Frémiot, nascida em Dijon a 28/01/1572 e faleceu em Moulins, a 13/12/1641. Registros mostram que ela desenvolveu um grande trabalho assistencial.

Ao entrar para a história, ficou mais conhecida como Santa Joana de Chantal (canonizada em 1767).A outra existência conhecida de Scheilla, verificou-se na Alemanha.

Ela era enfermeira e trabalhava no socorro às vítimas da Segunda Guerra Mundial.

Sua morte aconteceu em decorrência do mais violento ataque aéreo em julho ou agosto de 1943, na cidade de Hamburgo.

Depois disso, o espírito de Scheilla vinculou-se a grupos espirituais que atuam em nome de Jesus.

A característica do seu trabalho é na área humana, assistindo aos doentes.

Livros de Irmã Scheilla:

"A mensagem do dia" - de Scheilla para você

autor Clayton B. Levy

"Novas mensagens" - de Scheilla para você

Autor : Clayton B. Levy

"Materializações Luminosas"

Autor : R. A. Ranieri

**Irthes Therezinha Lisboa de
Andrade**

Nascida em Ubá, Estado de Minas Gerais, no dia 21 de agosto de 1925, e desencarnada na mesma cidade aos 15 de julho de 1977.

Era filha de Virgílio Ferreira de Andrade e Maria do Carmo Lisboa de Andrade. Seu pai era conhecido tipógrafo daquela localidade, fundador de vários jornais, muito querido e acatado pelos seus conterrâneos.

Irthes Terezinha cursou as primeiras letras no Grupo Escolar Cel. Camilo Soares e fez o curso normal no “Sacre Coeur de Marie”, onde se diplomou professora primária. Logo após a sua formatura foi nomeada para lecionar no Ginásio Municipal Raul Soares, de cujo estabelecimento se tornou secretária até 1976, quando se afastou por motivo de grave enfermidade.

Na mais tenra idade começou a sentir uma série de anomalias, o que foi motivo de grandes preocupações para seus pais. Apesar dos constantes cuidados médicos, a Medicina não conseguiu diagnosticar a causa de seus males, que se manifestava por visões atormentadoras, suores noturnos e outras manifestações que lhe infundiam grande terror. Quando esgotados todos os recursos médicos, seu pai, que já era convicto das verdades contidas no Espiritismo, apesar dos protestos de sua mãe, que era de formação católica, levou-a a um médium, através do qual o benfeitor espiritual afirmou que ela era uma criança destinada a uma grande

tarefa na Terra. Nessa época, com sete anos de idade, ela experimentou sensível melhora.

Por influência de sua mãe, Irthes Terezinha criou-se muito apegada às tradições católicas, entretanto, não se conformava com alguns dogmas e ensinamentos dessa religião. No início de 1945, pediu ao seu confessor alguns esclarecimentos sobre a existência do inferno e dos demônios. Foram tão absurdas as respostas e explicações do sacerdote, que ela deliberou se afastar definitivamente do seio da Igreja.

Sua mãe também foi acometida de violenta perturbação espiritual, o que fez com que seu pai apelasse para o Espiritismo, através do qual ela teve cura total, pois a enfermidade regrediu imediatamente.

À vista desse fenômeno, quando a paz voltou ao seu lar, Irthes Terezinha interessou-se sobremaneira pela leitura de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, ali encontrando resposta para a sua perene indagação interior sobre as vidas sucessivas. Nesse repositório de ensinamentos consoladores ela encontrou explicação para suas dúvidas e conseguiu varrer da sua mente a sombra da dúvida que ali existia sobre a bondade incomensurável do Criador. A partir de junho de 1945 integrou-se no Centro Espírita Ismael, da cidade de Ubá. Ali se desenvolveram as suas faculdades mediúnicas,

principalmente da psicografia e psicofonia. Desde então dedicou-se de corpo e alma à tarefa de evangelização das crianças, o que fez durante 32 anos consecutivos.

Teve notável vocação para a música e poesia, entretanto, não conseguiu condições para o cultivo dessas artes. Após o desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, começou a psicografar versos muito imperfeitos, sem identificação dos autores espirituais. Em 1950, numa reunião particular na cidade de Leopoldina (MG), com a presença do médium Francisco Cândido Xavier, ela recebeu o primeiro soneto assinado. Após a reunião, o Chico Xavier informou que uma plêiade de poetas da espiritualidade desejava trabalhar por seu intermédio. Dessa data em diante começou a receber verdadeiro Parnaso do Além, assinado por grandes poetas, antigos e modernos, tais como Júlio Diniz, Antero de Quental, Auta de Souza, Valado Rosas, Azevedo Cruz, Casemiro Cunha, Maria Dolores, João de Deus e tantos outros, paralelamente com mensagens de incomparável beleza, recebidas do Espírito Bezerra de Menezes e muitos outros luminares da Espiritualidade. Muitas dessas mensagens foram publicadas em órgãos da imprensa espírita, inclusive na revista "Reformador", órgão da Federação Espírita Brasileira.

Graciosa, de palavra meiga e evangelizada, foi oradora de numerosas semanas e solenidades espíritas no Interior do Estado

de Minas Gerais e nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e outras. Foi oradora da primeira Semana Espírita de Bicas (MG), recebendo ali grande homenagem.. No momento de deixar a cidade, foi cumprimentada por um grupo de espíritas de renome, dentre eles o prof. Leopoldo Machado, Amadeu Santos, Jacques Aboab, Sebastião Lasneau e Germano dos Anjos.

Em sua biografia, escrita no dia 2 de abril de 1977, escreveu: “Terei eu cumprido o programa traçado pelo Alto? Terei eu correspondido às esperanças de Jesus? Senti o meu renascimento vero na data em que me tornei espírita! Aí está a minha vida. Uma vida sem notas singulares, igualzinha a todas as demais que não passaram da craveira comum ...” acrescentando ainda: “O Espiritismo é o meu Céu na Terra, meu farol, minha luz, meu refrigerio e tudo de bom que desejei na vida.”

LUCENA, Antônio de Souza e GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Ivon Costa

Nascido na Cidade de São Manuel - MG, hoje Eugenópolis, no dia 15 de julho de 1898 e desencarnado em Porto Alegre -RS, no dia 9 de janeiro de 1934, com apenas 35 anos de idade, Ivon Costa foi um dos mais notáveis conferencistas espíritas do Brasil, contribuindo

decisivamente com sua palavra abalizada e esclarecedora no sentido de dinamizar a difusão da Doutrina Espírita, o que fez com fibra inquebrantável e verdadeiro denodo.

Dotado de invejável dom de oratória e possuindo um magnetismo contagiante e uma voz privilegiada, arrebatava os auditórios com a força de sua argumentação.

Foi seminarista, entretanto, quando faltavam apenas dezenove dias para a sua ordenação sacerdotal, constatou-se que ele não possuía certidão de batismo. Em face da confusão estabelecida, Ivon desistiu de seguir a carreira eclesiástica.

Dirigiu-se, então, para o Rio de Janeiro onde estudou e se diplomou em Medicina. Era notável poliglota, falando perfeitamente o francês, o inglês, o alemão e o espanhol.

Atravessando, certa vez, uma fase difícil em sua vida, viu-se defronte de um centro espírita, onde se realizava uma reunião pública. Movido por estranho impulso adentrou a sede da instituição e ali ouviu os comentários sobre a Codificação Kardequiana. Ao retirar-se, estava transformado, pois havia encontrado a resposta a todas as suas indagações.

Tornou-se espírita e iniciou logo as tarefas de pregador. Possuindo sólida bagagem intelectual e médium que era, destacava-se com raro brilhantismo na tribuna, mantendo, além disso, diálogo com os assistentes, a fim de esclarecer melhor os argumentos empregados nas conferências.

Não existe cidade importante do Brasil - à época -, onde Ivon Costa não tenha efetuado palestras. Era um tribuno extraordinário, de largos recursos de lógica. Sabia abordar os temas com eloquência e brilho. Aceitava, freqüentemente discussões públicas, tendo mantido algumas cuja palma não coube ao adversário.

Percorreu também países da Europa, dentre eles Portugal, Espanha, França, Holanda, Bélgica e Luxemburgo.

Certa vez, ia falar em Maceió - AL, num teatro alugado, mas, pouco antes da conferência, o teatro foi fechado por ordem do bispo local. O público, inconformado com a atitude do clero, levou-o à praça, onde a palestra foi realizada. Em represália, os sinos da igreja repicaram e alguns fanáticos lhe atiraram pedras; porém, ele suportou tudo com estoicismo e verdadeiro espírito de renúncia.

Ivon Costa residiu dois anos na Alemanha. Em seguida mudou-se para Paris, onde exerceu a função de intérprete de cinema, na

Paramount. Em todos os lugares por onde passava, deixava as sementes da Doutrina dos Espíritos. Também participou do Congresso Internacional de Espiritismo, em Haia, Holanda.

Em 1932 Ivon Costa retornou definitivamente para o Brasil, passando a residir em Porto Alegre, onde clinicava gratuitamente.

Podemos afirmar que Ivon Costa foi o espírita que mais excursionou no propósito de propagar os ideais reencarnacionistas, sendo a sua tarefa muito semelhante àquela desempenhada pelo grande tribuno Vianna de Carvalho.

Da bibliografia de Ivon Costa, consta o livro "O Novo Clero", e da sua obra missionária resultou a fundação de elevado número de sociedades espíritas em todo o Brasil.

Fonte de consulta:

Livro Personagens do Espiritismo, de Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy - Edições FEESP

Ivon Costa – 100 anos de seu nascimento

Foi o primeiro grande tribuno espírita brasileiro que viajou à Europa para divulgar o Espiritismo. Dotado de invejável dom de oratória, belíssima voz, arrebatava os auditórios pelo seu conhecimento evangélico-doutrinário.

Ivon Costa nasceu no dia 15 de julho de 1898, na então cidade de São Manuel (hoje Eugenópolis), no Estado de Minas Gerais.

De família católica, foi seminarista. Às vésperas de sua ordenação sacerdotal, faltando apenas dezenove dias, foi constatado que ele não possuía certidão de batismo e, como tal, não poderia ser ordenado. Estabeleceu-se tamanha confusão, que ele desistiu de ser padre.

Transferiu-se para o Rio de Janeiro, ingressando na Faculdade de Medicina, onde se diplomou. Inteligente e culto, falava diversos idiomas como francês, inglês, alemão e espanhol, além do latim e do português.

Sua conversão ao Espiritismo se deu de uma forma muito simples. Atravessava uma rua, quando se viu em frente a um Centro Espírita.

Diversas pessoas penetravam no auditório, pois em pouco tempo haveria uma reunião pública. Estava numa fase difícil de sua vida e, por simples curiosidade, acompanhou aquela multidão que ali comparecia para ouvir o orador falar sobre a Codificação Kardequiana. À medida que o orador falava, ele prestava a maior atenção, a ponto de sentir sensível transformação, pois aquela palestra respondia a todas as suas indagações.

A partir desse dia, converteu-se ao Espiritismo e iniciou imediatamente sua tarefa de pregador. Leu bastante, especialmente os livros de Allan Kardec e os grandes clássicos do Espiritismo. Possuidor de sólida cultura e com o cabedal prático que trouxe do seminário, tudo foi muito fácil.

Desabrochou sua mediunidade, que muito o ajudou intuitivamente. Procurava diálogo com os seus ouvintes, afim de esclarecer melhor os argumentos abordados em sua conferências.

Contraiu matrimônio, no ano de 1927, com a jovem Honorina Kauer Costa. Tiveram uma filha única, Ceo Kauer Costa, que nasceu

quando o casal estava em Lisboa. Ela se formou em Direito e reside em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Ivon Costa percorreu todo o Brasil, fazendo palestras doutrinárias. Tribuno extraordinário, sabia abordar os temas com eloquência e raro brilhantismo. Polemista, manteve grandes discussões públicas, sendo sempre o grande vencedor, especialmente dos adversários do Espiritismo.

Excursionou também por vários países da Europa, como Portugal, França, Espanha, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e outros.

Ivon Costa residiu na Alemanha, depois em Paris, exercendo a função de intérprete do cinema americano, trabalhando para a Paramount. Em todos os lugares por onde passou deixou a semente da Doutrinas Espírita. Chegou a participar do Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em Haia, Holanda.

Em 1932, Ivon retornou definitivamente ao Brasil, passando a residir em Porto Alegre, onde clinicava gratuitamente aos pobres. Ali desencarnou, no dia 9 de janeiro de 1934, aos 35 anos de idade. O Espiritismo muito deve a Ivon Costa, pois foi o tribuno espírita que mais excursionou, sendo sua tarefa semelhante à de Vianna de Carvalho e de Divaldo Pereira Franco.

Do jornal Mundo Espírita de Julho/1998

Jacques Aboab

Nascido em Constantinopla (Istambul), capital da Turquia, no dia 15 de abril de 1889, desencarnou no Rio de Janeiro, a 5 de fevereiro de 1969. Judeu de nascimento, filho de Benedito Aboab e Clarisse Aboab, viveu toda sua infância na Argélia, ao norte da África. Em sua adolescência, transferiu sua residência para a França desde a Bretanha ao Midi e do Atlântico à Lorena, ganhando duramente a vida com o suor do seu rosto, nessa laboriosa tarefa de todos os dias. Aprendeu a falar corretamente o idioma francês.

Ainda como mascate, percorreu vários países da Europa e do Oriente próximo, principalmente a Grécia e o Egito. Posteriormente viajou para a América do Sul, percorrendo vários países. Por fim, fixou residência definitiva no Brasil, que, com o seu espírito nômade, percorreu todo, repetindo aqui a sua experiência adquirida na França, no constante labor pela sobrevivência. Com o seu baú de miudezas, ia de porta em porta, no contato com a nossa gente, amou profundamente a Pátria brasileira, adotando-a como sua. Em suas andanças conheceu a excelência da Doutrina Espírita, justamente em Recife, Pernambuco. A convite de amigos visitou a “Casa dos Espíritos de Pernambuco”, no bairro das Graças, o seu primeiro contato com a Doutrina, fazendo-se adepto sincero e

fervoroso. Como judeu, estava acima de quaisquer discriminações raciais, havendo aceito os Evangelhos de Jesus de todo o seu coração. Jesus, que fora o maior Profeta de sua raça, a expressão máxima de toda a Humanidade.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro em definitivo, aqui se iniciou no “Ide e pregai”, percorrendo os Centros Espíritas, levando sua palavra e a sua fé imorredoura nas promessas de Jesus, que amou com toda sua alma de crente. Em sua loja, na Rua Moncorvo Filho, fundou o Grupo Espírita “André Luiz”, hoje situado na Rua Jiquibar, na Praça da Bandeira, em sede própria.

Logo começou a ser solicitado para orador de Semanas Espíritas, confraternizações e outros acontecimentos. Viajou por vários Estados do Brasil, levando sua palavra evangelizada. Onde quer que se organizasse uma Semana Espírita, lá estava o Jacques, como ave canora, com sua ternura, seu amor e o desejo sincero de evangelizar as massas. Como espírita deixou uma folha enorme de serviços prestados. Fundou várias Instituições, trabalhou e cooperou eficientemente, na certeza absoluta da imortalidade da alma, dando tudo de si, como espírita, como amigo e como irmão. Como pregador, muito se destacou na Seara, pela sua maneira dócil e interpretativa dos textos e parábolas evangélicas, vivendo-as com sentimento e ternura sem igual, prendendo a atenção da assistência que acorria em massa para ouvi-lo.

O médium Peixotinho trabalhou por vários anos ao seu lado, no Grupo Espírita “André Luiz”, com sua mediunidade de efeitos físicos, produzindo fenômenos de materializações e de curas. Foi diretor da Maternidade “Casa da Mãe Pobre”, outra nobre e respeitável instituição, que mereceu todo o seu trabalho e dedicação. Foi grande na sua simplicidade, espírito liberal, seareiro da primeira hora, inteiramente convencido de que só o amor constrói para a vida. Sentia no âmago do coração, em todos os instantes, as sábias e eternas lições! Todos vibravam diante da mansidão e serenidade de seu verbo, emoldurado de expressões salutares.

Possuía liderança espírita e reconhecida humildade, seus atos e suas atitudes condiziam com os ensinamentos pregados e exemplificados por Jesus. Muitos o trataram por papai Jacques, tal o respeito e a admiração que sua figura veneranda infundia na alma de seus correligionários, principalmente da mocidade pela qual era por demais querido e estimado.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves de Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

James Hervey Hyslop

(1854-1920) Professor da Universidade de Columbia, New York, e autor de várias obras, dentre as quais citamos "A Ciência Psíquica e a Ressurreição" e "A Ciência e a Vida Futura". Foi membro da American Society for Psychical Research, fundada em 1888 e que em 1905 foi incorporada à English Society for Psychical Research.

Disse ele:

"Foi meu pai, foram meus tios e meus irmãos falecidos, com os quais me entretive em profundo contato, que me provaram que a morte não existe e que a alma é imortal"...

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Jean Baptiste Massillon

Sacerdote católico, nasceu em Hyères a 24 de junho de 1663.

Inicialmente foi encaminhado para a área do direito, revelando-se, contudo, sua vocação para o sacerdócio. Ordenou-se padre e como excelente orador, ensinou retórica em colégios do sul da França.

Foi em 1691 que se tornou famoso, após proceder a oração fúnebre do arcebispo de Vienne e dois anos depois do arcebispo de Lyon.

Foi para um mosteiro, objetivando ali viver. Mas, em 1696 foi chamado a Paris para dirigir o Seminário de Saint Magloire.

Foi pregador do Advento na corte em 1699 e das Quaresmas de 1701 e 1704, consolidando ainda mais sua fama de orador.

Em 1709 ele profere a oração fúnebre do príncipe de Conti, em 1711 a do Grande Delfim. Em 1714, a de Luís XIV.

Nomeado bispo de Clermont, em Auvergne, três anos depois, haveria de proferir célebres sermões perante Luís XV. Posteriormente, tais sermões seriam reunidos para compor a obra Pequena Quaresma.

Em 1719 a Academia Francesa o recebe. Daí, até o dia da sua morte, em Beauregard a 18 de setembro de 1742 ele não mais sairia de sua diocese.

Representante clássico do moralismo, seus sermões foram muito apreciados por Voltaire e outros iluministas, como modelos de estilo e pela ausência de religiosidade dogmática.

Em O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XXXI, item XXV , o Codificador inseriu uma comunicação de Massillon, assinalando-a como de caráter instrutivo e verdadeiramente sério.

Enciclopédia Mirador Internacional vol. 10; O livro dos médiuns, 2ª parte, cap. XXXI.

Jean-Jacques Rousseau

Seu nome é lembrado toda vez que ocorrem estudos biográficos do Codificador. Jean Henri Pestalozzi, o educador atento e homem íntegro, assimilou o pensamento de Rousseau, a partir do contato que teve com a sua obra capital: Émile ou de l'Éducation. E foi por intermédio de Yverdun e de Pestalozzi que Rivail abeberou-se na doutrina da natureza de Rousseau.

Esse homem estranho, que tem seu nome estreitamente ligado à área pedagógica, foi romancista, memorialista, teórico social e político e um ideólogo. Nascido em Genebra, na Suíça, a 28 de junho de 1712, até os seus 38 anos, era conhecido apenas como músico. Órfão de mãe ao nascer, com apenas 10 anos de idade foi

entregue aos cuidados de um pastor, em Bossey, retornando a sua cidade natal dois anos depois e ali, foi aprendiz de gravador.

Peregrinando entre a Suíça e a França, tornou-se professor de música em Lausanne e Chambéry, e aos 19 anos, deslumbrou-se com a capital parisiense. Conseguindo quem o amparasse, na qualidade de protetores, entre os quais Mme. de Warens, da cidade de Chambéry, chegou a acompanhar o embaixador da França a Veneza, na qualidade de secretário.

Dedicado à música, teve recusado seu projeto de uma nova notação musical, apresentado na Academia de Ciências, em Paris. O sucesso musical seria alcançado em 1750, quando foi premiado, pela Academia de Dijon, o seu ensaio, Discurso sobre as ciências e as artes. A partir daí, suas novas produções teatrais e musicais são melhor acolhidas. No Discurso premiado, Rousseau responde à pergunta proposta pela Academia de Dijon, em concurso: se o progresso das ciências e das letras concorreu para corromper ou depurar os costumes, onde afirma a primeira alternativa. Foi um contestador da sociedade tal como era organizada.

Quatro anos depois, no seu Discurso sobre a desigualdade entre os homens, afirmaria que a desigualdade e a injustiça eram os frutos de uma hierarquia mal constituída, que a organização social não corresponde à verdadeira natureza humana, corrompendo-a e

sufocando o seu potencial. No campo da música Rousseau escreveu a ópera-balé As musas galantes e a ópera cômica, O adivinho da aldeia.

Foi amigo dos enciclopedistas, entre os quais Diderot e Grimm, com os quais romperia mais tarde, tornando-se objeto de hostilidades tanto do governo como dos seus ex-amigos enciclopedistas, chegando a ter sua prisão decretada, o que o fez refugiar-se na Suíça, depois na Inglaterra.

Rousseau foi a mais profunda influência sobre o pré-romantismo, encontrando-se os traços dessa influência no romantismo francês de Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo, bem assim inspirou personagens de Goethe, de Foscolo, bem como personagens de Byron. Seu romance de amor, A nova Heloísa, publicado em 1761 teve um sucesso extraordinário. Ao mesmo tempo romance filosófico, exalta a pureza em luta contra uma ordem social corrompida e injusta. Descreve um amor irrealizado. Possivelmente o retrato do que ele mesmo viveu.

No ano seguinte, surgiram suas obras mais discutidas: Do contrato social e Emílio ou da Educação. Na primeira, Rousseau apresenta o Estado ideal como resultante de um acordo comum entre os seus membros. Para esse acordo, faz-se necessário se estabeleçam obrigações. Para se tornarem cidadãos, os indivíduos devem ceder

algumas de suas prerrogativas. A vontade geral, que é a da coletividade, é a que deve prevalecer. É um Estado que garante os direitos dos cidadãos.

Em Emílio, em forma romanesca, Rousseau imagina a educação de um jovem. É o processo da formação do indivíduo, que deveria ser ensinado a ver com "os próprios olhos". Afirmava ali, o pedagogo francês: "... a educação do homem começa no seu nascimento; antes de falar, antes de escutar, ele já se instrui. A experiência precede as lições; no momento em que ele conhece a sua ama de leite, ele já adquiriu muito."

Se considerarmos a idéia da pré-existência da alma e o Espírito reencarnante presente no processo gestatório, desde a fecundação, o pensamento de Rousseau ganha maior significado. Para ele, a educação é um processo espontâneo, natural, particularizando a necessidade do contato com a natureza. Mais do que conhecer, o ser necessita ser capaz de discernir.

A respeito de Deus, na última parte da obra, resume Rousseau: "Esse Ser que quer e que pode, esse Ser, ativo por si mesmo, esse Ser, enfim qualquer que seja, que move o universo e ordena todas as coisas, eu o chamo Deus. Acrescento a esse nome as idéias reunidas de inteligência, de poder, de vontade, e a de bondade, que é uma consequência necessária; apesar disto não conheço melhor o

Ser que assim classifico; ele se furta, tanto aos meus sentidos como ao meu entendimento; quanto mais penso nele, mais me confundo; sei com muita certeza que ele existe, e que existe por si mesmo; sei que minha existência é subordinada à sua, e que todas as coisas que conheço se encontram absolutamente no mesmo caso. Percebo Deus por toda parte em suas obras; sinto-o em mim, vejo-o à minha volta; mas tão logo quero contemplá-lo em si mesmo, tão logo quero procurar onde está, o que é, qual a sua substância, ele me escapa, e meu espírito perturbado não percebe mais nada."

A sua obra mais delicada e de emoção mais tranqüila, denomina-se Devaneios de um passeante solitário. Referir-se-ia porventura, o escritor à sua breve passagem pela Terra? Exatamente à transitoriedade da encarnação? Ao escrevê-lo já se encontra enfermo, mas ainda sensível à beleza natural da vida. Queixa-se da incompreensão de todos, afirma-se amigo da Humanidade desprezado pelos homens e dá uma imagem idílica da natureza. É seu testamento final. O dia 2 de julho de 1778 assinala o término da sua jornada terrena na personalidade de Jean-Jacques Rousseau. Contava 66 anos de idade.

Na Doutrina Espírita, que surgiria na Terra, quase 80 anos depois, Rousseau teria saciada sua fome e sede de justiça, igualdade e conhecimento. Eis como ele se expressa em mensagem inserida em O Livro dos Médiuns, pelo Codificador: "Penso que o Espiritismo é

um estudo todo filosófico das causas secretas dos movimentos interiores da alma, até agora nada ou pouco definidos.

Explica, mais do que desvenda, horizontes novos. A reencarnação e as provas, sofridas antes de atingir o Espírito a meta suprema, não são revelações, porém uma confirmação importante. Tocam-me ao vivo as verdades que por esse meio são postas em foco. Digo intencionalmente -meio -porquanto, a meu ver, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira.

Ressuscitando o espiritualismo, o Espiritismo restituirá à sociedade o surto, que a uns dará a dignidade interior, a outros a resignação, a todos a necessidade de se elevarem para o Ente supremo, olvidado e desconhecido pelas suas ingratas criaturas."

Allan Kardec:. O Livro dos Médiuns. FEB, 1986. pt. 2, cap. XXXI, item 3.

Joana d'Arc

A França era um país curvado ao poderio inglês. Não era propriamente um país como hoje é conhecido. Constituíam-se de vários feudos. E foi numa aldeia ignorada até então que, em 1412 nasceu uma criança que se tornaria célebre e célebre faria

Domremy. Filha de pobres lavradores, aprendeu a fiar a lã junto com sua mãe e guardava o rebanho de ovelhas. Teve três irmãos e uma irmã. Não aprendeu a ler, nem a escrever, pois cedo o trabalho lhe absorveu as horas.

A aldeia era bastante afastada e os rumores da guerra demoravam a chegar. Finalmente, um dia, Joana d'Arc tomou contato com os horrores da guerra, quando as tropas inglesas se aproximaram e toda a família precisou fugir e se esconder.

Aos 12 anos começou a ter visões. Era um dia de verão, ao meio-dia. Joana orava no jardim próximo à sua casa, quando escutou uma voz que lhe dizia para ter confiança no Senhor. A figura que ela divisou, identificou como sendo a do arcanjo São Miguel. As duas mensageiras espirituais que o acompanhavam, como Catarina e Margarida, santas conforme a Igreja que ela freqüentava.

Eles lhe falam da situação do país e lhe revelam a missão. Ela deve ir em socorro do Delfim e coroá-lo rei de França. Durante 4 anos, ela hesitou e a história de suas visões começou a se espalhar. Ao alvorecer de um dia de inverno, ela se levanta. Está decidida. Prepara uma ligeira bagagem, um embrulhozinho, um bastão de viagem, murmura adeus aos seus pais e parte. Nunca mais aquela aldeia da Lorena a verá. Igreja, de conviver com homens nos campos de batalha, de manejar a espada.

O objetivo era provar que Joana era uma enviada do demônio. Consequentemente, se desmoralizaria o rei Carlos VII. Afinal, que espécie de rei era aquele que se deixara enganar por uma bruxa ? Durante 6 meses ela é submetida a uma verdadeira tortura moral. Os interrogatórios são longos, cansativos. Finalmente, a execução se dá na praça central de Roenun, no dia 30 de maio de 1431.

Seu cabelo foi raspado e, por temerem a reação do povo, 120 homens armados a escoltam até o local. Ela é atada a um poste e a fogueira é acesa. Quando as chamas a envolvem e lhe mordem as carnes, ela exclama: "Sim, minhas vozes eram de Deus! Minhas vozes não me enganaram."

Era a prova inequívoca da mediunidade que lhe guiara a trajetória terrena. No capítulo XXXI de O livro dos médiuns, vindo a lume no ano de 1861, quando o Codificador reúne Dissertações Espíritas, confere à de Joana D'Arc o número 12, onde ela se dirige aos médiuns, em especial, concitando-os ao exercício do mediunato.

Recomenda-lhes, ainda, que confiem em seu anjo guardião e que lutem contra o escolho da mediunidade que é o orgulho. Conselhos que ela, em sua vida terrena , na qualidade de médium, muito bem seguira.

Joana D'Arc, médium - Léon Denis

Movida por uma fé inquebrantável, Joana d'Arc contribuiu de forma decisiva para mudar o rumo da guerra dos cem anos, entre a França e a Inglaterra.

Joana d'Arc nasceu em Domrémy, na região francesa do Barrois, em 6 de janeiro de 1412. Filha de camponeses, desde pequena distinguiu-se por sua índole piedosa e devota. Aos 13 anos, declarou que podia ouvir a voz de Deus, que a exortava a ser boa e a cumprir os deveres cristãos. A mesma voz ordenou-lhe depois que libertasse a cidade de Orléans do jugo inglês. Afirmou ainda ter visto o arcanjo São Miguel, além de Santa Catarina e Santa Margarida, cujas vozes ouvia.

Quando as lutas entre franceses e ingleses se aproximaram do Barrois, Joana d'Arc não retardou por mais tempo o cumprimento das ordens sobrenaturais. Partiu de sua aldeia e obteve de Robert de Baudricourt, capitão da guarnição de Vaucouleurs, uma escolta para guiá-la até Chinon, onde se achava o rei da França, Carlos VII, então escarnecido como "rei de Bourges" em alusão às reduzidas proporções de seus domínios.

O país estava quase todo em mãos dos ingleses. Os borgonheses, seus aliados, com a cumplicidade de Isabel da Baviera, entregaram a nação ao domínio britânico, pelo Tratado de Troyes. Inspirada por extraordinário patriotismo, Joana comunicou ao rei a insólita missão que recebera de Deus. Nesse encontro, em março de 1428, assombrou a todos pela segurança com que se dirigiu ao rei, que lhe entregou o comando de um pequeno exército para socorrer Orléans, então sitiada pelos ingleses. No caminho, a atitude heróica da humilde camponesa atraiu adesões para as tropas que comandava.

Chegando a Orléans, Joana intimou o inimigo a render-se. O entusiasmo dos combatentes franceses, fortalecido pela estranha figura da aldeã-soldado, fez com que os ingleses levantassem o sítio da cidade. O feito glorioso de Joana d'Arc, pelo qual foi cognominada a Virgem de Orléans, aumentou seu prestígio, mesmo entre os soldados inimigos, e alimentou a crença em seu poder sobrenatural. A coragem da heroína realizou efetivamente o milagre de erguer o espírito abatido da França. Um sopro cívico perpassou pela nação. Joana d'Arc, porém, ambicionava nova missão: levar o rei Carlos VII para ser sagrado na catedral de Reims, como era tradição na realeza francesa, o que ocorreu em 17 de julho de 1429. Na tentativa que se seguiu da retomada de Paris, a heroína foi ferida, o que contribuiu para aumentar o patriotismo de seus conterrâneos.

No ataque que empreendeu a Compiègne, em maio de 1430, Joana foi aprisionada pelos borgonheses. Em lugar de executá-la sumariamente, como poderiam ter feito, preferiram planejar uma forma de privá-la da auréola de santa por meio da condenação por um tribunal espiritual. No jogo de interesses políticos que envolveu sua figura de heroína, Joana d'Arc não encontrou apoio por parte do rei.

Em junho, o bispo Pierre Cauchon surgiu no acampamento de João de Luxemburgo, onde se encontrava a prisioneira, e conseguiu que ela fosse vendida aos ingleses. Ambicioso, desejando obter o bispado de Rouen, então vago, Cauchon faria tudo para agradar aos donos do poder. Sem direito a defensor, confinada numa prisão laica e guardada por carcereiros ingleses, Joana d'Arc foi submetida por Cauchon a um processo por heresia, mas enfrentou os juízes com grande serenidade, como revela o texto do processo.

Para transformar a pena de morte em prisão perpétua, assinou uma abjuração em que prometia, entre outras coisas, não mais vestir roupas masculinas, como forma de demonstrar sua subordinação à igreja. Dias depois, por vontade própria ou por imposição dos carcereiros ingleses, voltou a envergar roupas masculinas. Condenada à fogueira por heresia, foi supliciada publicamente na praça do Mercado Vermelho, em Rouen, em 30 de maio de 1431. Seu sacrifício despertou novas energias no povo francês, que

finalmente expulsou os ingleses de Calais. Joana d'Arc foi canonizada em 1920 pelo papa Bento V.

www.geocities.com/hollywood/chateau/6887/framedocument/biografias

Joana Francisca Soares da Costa

Nascida na cidade de Santos, São Paulo, no dia 12 de outubro de 1825 e desencarnada no Rio de Janeiro, no dia 27 de maio de 1927, com 101 anos.

Militou no Espiritismo entre os trabalhadores da primeira hora, fazendo parte do quadro associativo do Centro Espírita Beneficente “Antônio de Pádua”, uma das primeiras associações espíritas a ser fundada no Rio de Janeiro, freqüentada pelos grandes pioneiros do Espiritismo. O seu neto, General Flamarion Pinto de Campos, possui um Diploma a ela conferido, em 27 de dezembro de 1888, pelos seus bons serviços prestados àquela instituição. Médiun receitista e curador de excelentes qualidades, Joana Francisca foi o refúgio para uma multidão de aflitos que a procuraram em busca de lenitivo para suas dores físicas e morais, atendendo a todos com a mesma solicitude e carinho, sem qualquer restrição. Fez de sua residência, no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, um posto avançado da caridade cristã.

Joana Francisca Soares da Costa, mais conhecida por “Vovó Joanna”, nasceu em Santos, São Paulo, na Fortaleza da Barra – Bertioiga – onde o seu pai servia como militar. Era filha do Major Leonardo Luciano de Campos e de Maria Luíza de Campos. Casou-se no dia 20 de agosto de 1846 com o Capitão João Antônio da Costa, Oficial da Arma de Infantaria, que se tornou posteriormente, veterano da Guerra do Paraguai, deixando-a viúva no dia 28 de outubro de 1880. Seu filho único, João Antônio da Costa Campos, também participou da Guerra do Paraguai.

Joana Francisca teve muitas amigas no seio da família espírita no início de suas atividades no Rio de Janeiro. Dotada de diversas faculdades mediúnicas, fez parte do Centro Espírita Beneficente “Antônio de Pádua, um dos primeiros a aderir à Federação Espírita Brasileira (FEB). Manteve também permanente contato com os fundadores da FEB, freqüentando-a assiduamente e desfrutando da amizade de sua diretoria, como Elias da Silva, Major Ewerton Quadros, Bittencourt Sampaio e tantos outros, que naquela época praticavam o Espiritismo desassombradamente e sem reservas. Foi amiga e confidente do Dr. Dias da Cruz e do Dr. Bezerra de Menezes, que muito se serviram da sua mediunidade curadora. Freqüentou muito as Clínicas Homeopáticas desses inesquecíveis médicos, que deixaram nome no cenário político e espírita do Rio de Janeiro.

Como sua genitora, o filho João Antônio da Costa Campos, foi caloroso defensor da Doutrina Espírita, juntamente com a sua esposa Porciana Pinto de Campos, no mesmo ritmo de trabalho, praticando o Espiritismo com muito amor. Pai de dois filhos, que acompanharam a tradição da família. Allan Kardec Pinho de Campos, advogado, professor e jornalista, e Flamarion Pinto de Campos, que seguiu a carreira militar e é hoje General do Exército Brasileiro, já na reserva. Ambos militantes do Espiritismo e eméritos conferencistas, difusores da Doutrina sob todos os aspectos possuindo cada um bela folha de serviços prestados.

Allan Kardec Pinto de Campos desencarnou aos 29 anos de idade, na cidade de Alfenas, no Estado de Minas Gerais, como Presidente do Centro Espírita “Allan Kardec”, fundado por ele naquela cidade. O General Flamarion Pinto de Campos permanecia, ainda em 1976, nas lides espíritas do Rio de Janeiro, sendo um dos fundadores da Cruzada dos Militares Espíritas e da Casa de Recuperação e Benefícios “Bezerra de Menezes”. Qual verdadeira “Clã espírita”, os netos, bisnetos e tetranetos da “Vovó Joanna” professam o Espiritismo.

Assim a semente lançada pela nossa biografada caiu em terra fértil e dadivosa, pois medrou, floresceu e deu bons frutos, desvendando para sua família os horizontes espirituais, graças à sua persistência

no bem e à compreensão para com o próximo, cumprindo fielmente o mandamento maior – “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Quando ficou impossibilitada de se deslocar de casa para a Federação Espírita Brasileira e para outras instituições espíritas da cidade, organizou em sua própria residência um grupo de estudo da Doutrina, no qual mercê de Deus atendia aos doentes do corpo e da alma, aconselhando a vivência evangélica como o melhor remédio para todos os sofredores.

Tudo nos leva a crer que Joana Francisca Soares da Costa foi um desses espíritos missionários da equipe de Ismael, que reencarnou no Brasil com a tarefa de semear em solo brasileiro as sementes do Evangelho de Jesus, à luz da Terceira Revelação.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves de Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

João Batista Pereira

O Dr. João Batista Pereira foi notável advogado, nascido na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, Estado do Espírito Santo.

Exercendo a advocacia no foro de S. Paulo, ali desenvolveu intensa tarefa em favor da divulgação do Espiritismo, principalmente nos idos de 1935 a 1940, quando se salientou como figura de projeção em quase todas as realizações do movimento espírita.

Tribuno eloqüente e dotado de elevado conhecimento dos assuntos doutrinários, conseguiu empolgar grandes auditórios, o que fez com que seu nome se tornasse conhecido de todos os espíritas, principalmente no Estado de São Paulo.

Foi presidente do Conselho Deliberativo da extinta Sociedade Metapsíquica de S. Paulo (S.M.S.P.) e um dos mais assíduos colaboradores da famosa revista "Metapsíquica", que durante muitos anos circulou no Brasil. Em março de 1936, foi um dos animadores da realização da Semana Metapsíquica, que culminou com a sessão solene de encerramento, no Teatro Municipal de S. Paulo, com o comparecimento de representações dos Estados do Paraná, Espírito Santo, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e do antigo Distrito Federal. O seu esforço não se limitou à tribuna e imprensa espíritas, fez também publicar longos artigos de propaganda dos ideais espíritas na imprensa leiga. Na edição de 3 de outubro de 1936, do tradicional órgão da imprensa paulista "Correio Paulistano", fez publicar substancioso trabalho sobre a personalidade de Allan Kardec, o qual ocupou duas páginas.

O trabalho de divulgação do Espiritismo, encetado por João Batista Pereira foi dos mais relevantes. Várias cidades do Estado de S. Paulo e de outros Estados do Brasil foram percorridas por ele, em autênticas tarefas doutrinárias. No dia 30 de janeiro de 1937, inaugurou uma série de conferências na sede da União Espírita Mineira, sediada em Belo Horizonte. Em 11 de dezembro de 1938, teve posição de destaque na realização da Grande Concentração Espírita, levada a efeito no Teatro Municipal de Araraquara, Estado de S. Paulo, concluída inteiramente transmitido pela PRD-4 -- Rádio Cultura de Araraquara, emissora que até poucos meses antes vinha sendo invariavelmente utilizada por Caírbar Schutel, na difusão de suas memoráveis conferências.

Quando, na presidência do Conselho Deliberativo da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, se concretizou a integração dessa sociedade e da Associação Espírita S. Pedro e S. Paulo na Federação Espírita do Estado de S. Paulo, extinguindo-se as duas primeiras e permanecendo somente a última.

No dia 20 de novembro de 1938, com a renúncia do então presidente e de outros diretores dessa Federação, numa chapa da qual constava o nome do Prof. Américo Montagnini, para vice-presidente, e Flávio Antônio Paciello, para segundo tesoureiro, o Dr. João Batista Pereira foi eleito presidente, cargo que desempenhou com apreciável descortino até o dia 10 de dezembro de 1939,

quando resignou, passando a elevada investidura ao seu substituto legal.

À frente da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, desenvolveu ingente tarefa, dinamizando seus trabalhos, devendo-se a ele a ampliação da sede própria dessa instituição, na Rua Maria Paula, 158, cuja inauguração oficial ocorreu no dia 31 de maio de 1939. Sob a sua presidência, a Federação inaugurou nova fase de atividades, projetando-se como um dos mais laboriosos núcleos de ação em favor do movimento espírita.

Pouco sabemos da vida pública do Dr. João Batista Pereira. Entretanto, teve grande repercussão em S. Paulo, a sua nomeação, pelo governo federal, em outubro de 1939, para o elevado cargo de membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal em S. Paulo, função que exerceu com eficiência e dedicação.

João Fusco

João Fusco, mais conhecido por Jofus, nasceu na cidade de Araraquara, Estado de São Paulo, no dia 1 de junho de 1895, e desencarnou em São Paulo, com 50 anos de idade, a 6 de julho de 1945.

Filho de pais humildes e católicos, viveu a maior parte de sua infância e mocidade na cidade de Araraquara, casando-se no ano de 1910, com d. Regina Pavezi Fusco. Fez ainda nessa mesma cidade os cursos primário e de Contabilidade e, mais tarde, em S. Paulo, estudou Ciências Econômicas. Era profundo conhecedor de Direito e História. Possuía marcante inteligência e uma personalidade moral que causava assombro a todos que com ele conviviam.

João Fusco tornou-se espírita na cidade de Rio Preto, no longínquo ano de 1929, após ler alguns livros sobre Espiritismo. O que contribuiu decididamente para a sua conversão foi à cura, por seu intermédio, de uma senhora doente, após ter ela sido desenganada por médicos, padres, pastores e curandeiros.

A partir dessa época tornou-se profundo estudioso das obras da Codificação Kardequiana. O Centro Espírita "Allan Kardec", da cidade de S. José do Rio Preto, foi o marco inicial de uma nova era na vida de João Fusco, pois os dirigentes daquela instituição, vendo nele um homem culto, estudioso, enérgico e moralista, resolveram entregar-lhe a direção do Centro.

Jofus reorganizou vários Centros Espíritas do Estado de S. Paulo e do Triângulo Mineiro, instituindo a escrituração, elaboração de estatutos, quadro associativo, bibliotecas, venda e distribuição de livros, jornais e revistas espíritas. Instalou cursos de Evangelização

da Infância, de estudos de "O Livro dos Espíritos", de alfabetização de adultos e crianças, de oratória e de desenvolvimento mediúnico, tornando-se mesmo um pioneiro na implantação das escolas espíritas.

Encetou numerosas viagens pelos Estados de S. Paulo e Minas Gerais, proferindo palestras, distribuindo livros e folhetos de sua autoria, numa lídima campanha contra os conspurcadores da Doutrina Espírita. Em 1931 travou conhecimento pessoal com Caírbar Schutel, passando a manter estreito contacto com o apóstolo de Matão, em tudo aquilo que dizia respeito à difusão do Espiritismo, formando-se mesmo o eixo Matão - S. José do Rio Preto, na obra de esclarecimento e de combate aos pseudos cristãos.

Entre os escritos de João Fusco podemos destacar os folhetos "O Anticristo", "Os Violadores da Lei", "Desfazendo Calúnias do Clero Romano", "Advertências", "Falsos Profetas", "Contrastes", "Aviso aos Incautos", "Deus", "Os Centros e suas Denominações", "Escola Nova", "Os Mortos Vivos", e outros.

Em 1933 transferiu sua residência para S. Paulo e, nessa cidade, prosseguiu sua tarefa persistente em favor da disseminação do Espiritismo. Recebia diariamente volumosa correspondência vinda

de pessoas que demandavam o consolo espiritual, conselhos e orientação para a cura do corpo e da alma.

Jofus possuía várias faculdades mediúnicas, dentre as quais a vidência, audição, curas e transporte. Há uma enorme bagagem de feitos benéficos efetuados por intermédio desse saudoso companheiro, durante a sua permanência entre nós, notadamente no período de 1929 a 1945.

Espírito varonil, comunicativo, afável para com todos, a sua palavra consolava sobremaneira. Todos sentiam-se bem em sua presença. Situava a Doutrina dos Espíritos acima de tudo e era intransigente no cumprimento dos seus deveres cristãos.

Em 30 de janeiro de 1939 fundou no bairro do Itaim, na Capital do Estado de S. Paulo, o primeiro Centro Espírita a prestar homenagem ao apóstolo de Matão, dando-lhe o nome de Centro Espírita Caíbar Schutel. Foi ainda fundador de outras sociedades espíritas, dentre elas o Centro Espírita Ismael, em Vila Guarani, na mesma cidade, fato ocorrido no dia 30 de junho de 1940.

João Ghignone

Dia 8 de junho de 1978, às 23 horas, desencarnou em Curitiba (PR), o venerando confrade João Ghignone, Presidente da Federação Espírita do Paraná, por mais de 40 anos.

Nasceu no dia 11 de fevereiro de 1889, sendo natural de Serravalle Sesia, no Piemonte, Itália. Seus pais transferiram residência para o Brasil em 1894, quando ele contava 5 anos de idade.

Espírita desde a sua juventude, deu o melhor de seus esforços em benefício da propaganda da Doutrina. Como Presidente da Federação Espírita do Paraná, apoiou e participou de todos os eventos espíritas de seu Estado. Tomando parte em vários Congressos, Simpósios, Semanas Espíritas e tudo o mais que engrandecesse a Doutrina, como: o “III Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas”, o “Pacto Áureo”, do CFN da FEB, foi o anfitrião da “4ª Zonal” realizada pelo CFN no Paraná, juntamente com sua valorosa equipe de trabalhadores. Fundou várias instituições espíritas, como o Instituto Lins de Vasconcelos e sua cidade mirim, o Sanatório Bom Retiro, O Lar de Icléa e o Lar Infantil Mariinha. Apologista da Cultura Espírita, incentivou a publicação de livros espíritas, pela FEP, de vários autores, como: Deolindo Amorim, Victor Ribas Carneiro e tantos outros.

João Ghignone foi um homem bom, humilde e simples, a serviço da Cultura, do Bem e da Verdade, como bem disse de si, uma

reportagem de “O Estado do Paraná”, transcrita em “Mundo Espírita” de 28 de fevereiro de 1979. A esse gigante, o ilustre cidadão paranaense, que muito contribuiu para o desenvolvimento de sua cultura e outros ramos de atividades humanas, cristãs e espíritas, as nossas mais sinceras homenagens. Rogando a Deus e a Jesus muitas luzes no seu caminho no Plano Espiritual. Aos seus familiares e à família espírita do Paraná, a nossa solidariedade cristã.

Anuário Espírita – 79

João Huss

Sacerdote tcheco, João Huss (Jan Huss) nasceu em Husinec, Boêmia, em 1369 e desencarnou em Constância, em 6 de julho de 1415. Filho de camponeses, se formou em teologia e, dois anos após, em artes pela Universidade de Praga. Em 1401 assumiu a reitoria desta Universidade e, no ano seguinte, foi nomeado pároco da capela de Belém, em Praga.

Em 1410 foi excomungado em face de suas críticas ao clero, especialmente à venda das indulgências. Mas permaneceu em suas funções devido ao grande apoio do povo e do rei Venceslau, sendo festejado como herói nacional. Em 1412, novamente excomungado, teve que se afastar da capital.

Além de reformador religioso, Huss foi um defensor da nacionalidade tcheca. Como escritor, estabeleceu uma nova ortografia, reformando a língua tcheca, esforçando-se para banir as formas germânicas. Por isso, a boêmia considera-o fervoroso patriota e é venerado como um santo e mártir da fé.

“Huss, cuja obra teológica era mais transcrição de John Wycliffe, do que original, afirmava que a Igreja era composta de todos os predestinados – do passado, do presente e do futuro. Como Wycliffe, não aceitava a supremacia papal, mas apenas a pessoa de Cristo como chefe e cabeça da Igreja, considerando o Evangelho como única lei. Seu pensamento sobre a igreja era influenciado fortemente por Agostinho e tinha, a respeito do clero e sua relação com a propriedade, pontos de vista semelhantes aos dos valdenses (movimento dentro da Igreja Católica que pregava a rejeição das riquezas e das pretensões políticas).” (Enciclopédia Mirador Internacional).

Huss abriu caminho a Lutero (1483-1546), teólogo alemão, o maior vulto da reforma protestante.

Fonte: Anuário Espírita - 2002 – IDE

João Leão Pitta

Nascido no dia 11 de abril de 1875, na Ilha da Madeira, Portugal, e desencarnado no dia 11 de fevereiro de 1957, no Brasil.

João Leão Pitta fez os seus primeiros estudos em sua terra natal, cursando um colégio particular e alcançando um grau de instrução equivalente ao nosso curso secundário. Terminados esses estudos deliberou ir para o continente a fim de se aperfeiçoar e escolher uma carreira.

Nessa altura surgiu um imprevisto: seus pais alimentavam a ideia de fazer com que ele seguisse a carreira eclesiástica e se ordenasse padre católico. Entretanto, a sua propensão era norteadada no sentido de ser admitido na marinha portuguesa. Não conseguindo estudar o que aspirava, veio para o Brasil sem o consentimento de seus pais, aportando no Rio de Janeiro com apenas 16 anos de idade e com quatrocentos réis no bolso.

Não tendo conhecidos nem parentes, empregou-se numa padaria, onde, pelo menos, tinha acomodação e alimentação. Não se sentindo bem na antiga Capital Federal, deliberou transferir-se para a cidade de Piracicaba, no Estado de S. Paulo, onde se casou com Da. Maria Joaquina dos Reis, de cujo consórcio teve 12 filhos.

Posteriormente voltou para o Rio de Janeiro, onde se ocupou da profissão de tecelão, chegando a ser contramestre da fábrica.

Um acontecimento, no entanto, mudou o rumo de sua vida. Uma de suas filhas ficou bastante doente, e ele, sem recursos para sustentar sua numerosa prole e atender à enfermidade da filha, resolveu procurar um Centro Espírita. Não estava animado do propósito de haurir os benefícios doutrinários do Espiritismo, mas sim, de obter a cura de sua filha. Foi ali que conheceu um médium receitista.

Pitta tinha o hábito de discutir. Porém, o médium não admitia discussões com referência à Doutrina Espírita e deu-lhe alguns livros para que os lesse. Fez as primeiras leituras com manifesta má vontade, mas, aos poucos, foi tomando interesse e estudou as obras básicas da codificação kardequiana.

Com a desencarnação de três de suas filhas, vítimas de uma epidemia, sua esposa, cumulada de profundos desgostos, fez com que a família voltasse de novo para Piracicaba. Conhecedor do Espiritismo, não perdeu tempo e logo descobriu que, na cidade, as reuniões espíritas eram realizadas mais por curiosidade de que por apego aos estudos. Tomou então a deliberação de conclamar alguns amigos, demonstrando-lhes a responsabilidade moral de cada um, após o que conseguiu, em companhia de outros confrades, compenetrados do caráter sério e nobilitante da Doutrina dos

Espíritos, fundar, no ano de 1904, a "Igreja Espírita Fora da Caridade não há Salvação", a pioneira das instituições espíritas da cidade.

Logo após a fundação do Centro Espírita, o clero católico moveu-lhe acerba campanha e, como decorrência não conseguiu emprego na cidade e ficou sem crédito por mais de um ano. Todos lhe negavam serviço, apesar de ser homem honesto e trabalhador. Nesse período crítico de sua vida, sua esposa costurava para ganhar algum dinheiro, conseguindo assim amparar a família e superar a crise.

Logo após, conseguiu arranjar emprego numa loja de ferragens de propriedade de Pedro de Camargo, que mais tarde se tornou o famoso Vinícius. Nessa firma trabalhou durante 20 anos, chegando a ser sócio interessado, tal a sua operosidade e honestidade à toda prova.

Nos idos de 1926-29, como pretendesse melhorar sua situação econômico-financeira, a fim de propiciar melhor educação para seus filhos, instalou uma fábrica de bebidas. Tudo ia bem. Porém, como estivesse sempre pronto a atender aos amigos e aos necessitados, impulsionado pelo seu bom coração, acabou perdendo tudo, mais de duzentos contos de réis, verdadeira fortuna naquele tempo. Viu-se então face à dura contingência de hipotecar sua própria moradia, perdendo- a por excesso de amor ao próximo.

Em 1930, resolveu trabalhar na divulgação do Espiritismo, fazendo propaganda e angariando assinaturas para a "Revista Internacional de Espiritismo" e para o jornal "O Clarim". Deixou o convívio sossegado de seu lar, de seus filhos, para viajar pelo Brasil, percorrendo centenas de cidades, pregando o Evangelho e disseminando aquelas publicações e as obras espíritas do grande missionário que foi Caírbar Schutel.

Em todas as cidades por onde passava, fazia suas pregações doutrinárias. Profundo conhecedor dos textos evangélicos, esmiuçava-os com profundidade e com bastante clareza, tornando-os inteligíveis para todos. Quando falava, suas palavras eram cadenciadas e precisas. Nessa obra missionária viveu 21 anos ininterruptos, percorrendo vários Estados do Brasil, notadamente Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os transportes por ele utilizados eram dos mais precários. Muitas vezes fazia longas caminhadas a pé, a cavalo, de trem, de caminhão e de ônibus, alimentando-se e dormindo mal. Tinha imenso prazer em atender aos convites que lhe eram formulados e, sentindo-se sempre inspirado pelo Alto, levava o conhecimento de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" a milhares de pessoas e lares. Fez

milhares de conferências em Centros Espíritas, praças públicas e cinema.

Nessas extensas caminhadas, algumas de muitos quilômetros, auxiliava os mais necessitados com os recursos que ia amealhando. Socorria muitas pessoas, sem distinção de crença religiosa, dando-lhes dinheiro para consultar médicos, comprar óculos, adquirir mantimentos e para outros fins.

Era modesto no trajar. Possuía longas barbas brancas e a criançada o chamava de Papai Noel, pois também sabia brincar com as crianças e orientá-las. Sofria sempre calado, sem lamúrias, cômico de que os sofrimentos na Terra são oriundos de transgressões cometidas em vidas anteriores. Com a idade de 75 anos, foi acometido de pertinaz enfermidade e submetido a delicada intervenção cirúrgica, vindo a desencarnar 6 anos mais tarde.

João Leão Pitta deixou várias monografias inéditas.

**João Maria Vianney – O Cura
d’Ars**

João Maria Vianney nasceu em 8 de maio de 1786 em Dardilly, aldeia a dez quilômetros ao norte de Lyon. Foi o quarto filho do casal Mateus e Maria Vianney, que tiveram 7 filhos.

Desde os quatro anos, ele gostava de freqüentar a Igreja. Quando isso se tornou impossível, pelas perseguições que o Estado desencadeou, ele fazia suas orações habituais, todas as tardes, na casa dos pais.

Quando foi aberta uma escola, Vianney, adolescente a freqüentou durante dois invernos, porque ele trabalhava no campo sempre que o tempo permitia. Foi então que aprendeu a ler, escrever, contar e falar francês, pois em sua casa se falava um dialeto regional.

Foi na escola que se tornou amigo do padre Fournier, e aos poucos foi crescendo nele o desejo de se tornar sacerdote. Foi necessário muita insistência, pois o pai, de forma alguma, desejava dispensar braços fortes de que a terra necessitava.

Aos 20 anos ele seguiu para Écully, na casa de seu tio Humberto. Sabia ler, mas escrevia e falava francês muito mal. Além de aprimorar a língua pátria, precisou aprender latim, pois na época os estudos para o sacerdócio eram feitos em latim, bem assim toda a celebração litúrgica.

Em 28 de maio de 1811, com 25 anos de idade, na catedral Saint-Jean tornou-se clérigo de diocese. Por ter fama de ignorante perante os superiores, foi-lhe confiada a paróquia de Ars-en-Dombes, ou talvez porque lhe conhecessem a grandeza de alma. Em Ars, não havia pobres, só miseráveis.

João Maria Vianney chegou a Ars em uma sexta-feira, 13 de fevereiro de 1818. Veio em uma carroça trazendo alguns móveis e utensílios domésticos, alguns quadros piedosos e seu maior tesouro: sua biblioteca de cerca de trezentos volumes.

Conta-se que encontrou um pequeno pastor a quem pediu que lhe indicasse o caminho. A conversa foi difícil, pois o menino não falava francês e o dialeto de Ars diferia do de Écully. Mas acabaram por se compreenderem. A tradição narra que o novo pároco teria dito ao garoto: "Tu me mostraste o caminho de Ars: eu te mostrarei o caminho do céu." Um pequeno monumento de bronze à entrada da aldeia lembra esse encontro.

Ele mesmo preparava suas refeições. Apenas dois pratos: umas vezes, batatas, que punha para secar ao ar livre. Outras vezes, "mata-fomes", grandes bolos de farinha de trigo escura. Um pouco de pão e água. Era o suficiente. Comia pouco. Quando lhe davam

pão branco, trocava pelo escuro e distribuía o primeiro aos pobres. Dizia: "Tenho um bom físico. Depois de comer não importa o quê e de dormir duas horas, estou pronto para recomeçar."

O que mais ele valorizava era a caridade e a gentileza. Grandes somas ele dispndia auxiliando os seus paroquianos. Dinheiro que vinha da pequena herança de seu pai, que lhe enviara seu irmão Francisco e de doações de pessoas abastadas, a quem ele sensibilizava pela palavra e dedicação.

Por volta de 1830, era muito grande o afluxo de pessoas que se dirigia a Ars. Os peregrinos não tinham outro objetivo senão ver o pároco e, acima de tudo, poder confessar-se com ele. Para conseguir, esperavam horas...às vezes, a noite inteira. Esse pároco que dormia o mínimo para atender a todos, madrugada a dentro. Que vivia em extrema pobreza e austeridade, vendendo móveis , roupas e calçados seus para dar a outrem.

Comovia-se com a dor alheia. Quando se punha a ouvir os penitentes que o buscavam, mais de uma vez derramava lágrimas como se estivesse chorando por si próprio. Dizia: "Eu choro o que vocês não choram."

Tanto trabalho, pouca alimentação e repouso, foram cansando o velho Cura. Ele desejava deixar a paróquia para um pouco de descanso. Mas os homens e mulheres da aldeia fizeram tal coro ao seu redor, que ele resolveu permanecer.

Ele, que em sua juventude, fora ágil, agora andava arrastando os pés. Nos dias de inverno, sentia muito frio. Em 1859, numa quinta feira do mês de agosto, dia 4, às duas da madrugada, ele desencarnou tranqüilamente. Dois dias antes, já bastante debilitado fora visto a chorar. Perguntaram-lhe se estava muito cansado. "Oh, não", respondeu. "Choro pensando na grande bondade de Nosso Senhor em vir visitar-nos nos últimos momentos."

João Maria Vianney comparece na Codificação com uma mensagem em O Evangelho Segundo o Espiritismo, em seu capítulo VIII, item 20, intitulada "Bem-aventurados os que têm fechados os olhos", onde demonstra a humildade de que se revestia, o conceito que tinha das dores sobre a face da Terra e o profundo amor ao Senhor da Vida.

Joulin, Marc. João Maria Vianney, o cura d'Ars.

João Pedro Schleder

Nasceu em 1846, filho de Miguel Schleder e Marianna Pletz Schleder.. Foi fundador da Federação Espírita do Paraná e em 2/8/1908, passou a integrar a Comissão Central Permanente, primeiro Conselho Superior e Legislativo da nova entidade.

Em 30 do mesmo mês e ano foi eleito presidente, permanecendo no cargo até 11/4/1909. Em 10/7/1921, desencarnou em 22/6/1921, sendo na oportunidade o Conselheiro mais antigo.

Infelizmente não há nos registros da Federação melhores informes sobre as atividades desse confrade, que permaneceu por quase 20 anos como membro efetivo do órgão superior.

Esse fato, todavia, não desmerece seu valor como membro que foi da família federativa.

João Pinto de Souza

Nascido na cidade de Palmares(Pernambuco), no dia 8 de fevereiro de 1891, e desencarnado no dia 31 de julho de 1943, no Hospital Central do Exército, do Rio de Janeiro

João Pinto de Souza foi um dos pioneiros de programas espíritas radiofônicos, quando numa gloriosa noite de Quarta-feira às 21:00 horas, formada pela mais intensa emoção, anunciava ao microfone da PRE-6, “Rádio Sociedade Fluminense” – a Hora Espiritualista – o primeiro programa prolongado e permanente de Espiritismo pelo rádio. O pioneiro mesmo foi Caíbar Schutel um ano antes, em 1936, quando pela “Rádio Cultura de Araraquara ”PRD-4, irradiava palestras, que mais tarde reuniu num livro intitulado: “Palestras Radiofônicas”, com 206 páginas.

Antes dessas datas históricas, raras vezes, ouviram-se um ou outro confrade, a irradiação de uma comemoração solene, mais um fato social do que doutrinário, propriamente dito. A imprensa espírita de 1937 diz que João Pinto de Souza foi o pioneiro desses programas, no Brasil e no Mundo, porém, vamos fazer justiça ao grande Caíbar Schutel, que um ano antes irradiava semanalmente conferências pelo rádio. No programa inaugural na “Rádio Ipanema”, quando se transferiu de Niterói para o Rio de Janeiro compareceram eminentes figuras do Espiritismo, como Manoel Quintão, Dr. Guillon Ribeiro, Professor Leopoldo Machado, Dr. Leôncio Corrêa, Comandante João Torres, Carlos Imbassahy e muitos outros, conforme fotografia histórica pertencente ao Museu Espírita do Estado de Guanabara.

A Hora Espiritualista contou com integral apoio da Liga Espirita do Brasil, de cujo conselho João Pinto de Souza fazia parte. A inauguração do Programa na “Rádio Ipanema” causou tanta repercussão, que ao ato compareceram representantes de inúmeras Instituições Espíritas do Distrito Federal e do Estado do Rio de Janeiro, inclusive a Federação Espirita Brasileira. Graças ao dinamismo desse denodado companheiro, contamos hoje com a Fundação Cristã Espírita Cultural “Paulo de Tarso”, mantenedora da Rádio Rio de Janeiro, a Emissora dos Espíritas, dirigida pelo seu sucessor Geraldo de Aquino, que mantém o Programa até hoje com o nome de “Hora Espírita João Pinto de Souza”.

João Pinto de Souza era filho de família humilde, pobres de bens materiais, mas ricos de virtudes evangélicas na intimidade do lar. A situação financeira de seus pais não lhe permitiram receber instruções superior.

Fez o curso primário e trabalhou em algumas casas comerciais até atingir os 18 anos, quando se alistou no Exército como voluntário, sendo transferido para o 52.º Batalhão de Caçadores no Rio de Janeiro, onde fez os cursos de cabo e sargento. Posteriormente serviu na Fortaleza de São João e por merecimento foi lotado no Estado Maior do Exército, como sargento-escrevente. Estudando à noite, tentou por algumas vezes ingressar na Escola Militar, o que infelizmente não conseguiu. Serviu em alguns Estados da

Federação, inclusive no Forte de Óbidos, no Pará, onde se reformou em 1931, na graduação de 1.º Sargento, deixando bela folha de serviços. No Exército, foi um militar amante da disciplina, querido e respeitado por subordinados, colegas e superiores.

Não se sabe exatamente quando João Pinto de Souza aceitou a Doutrina. Na comunidade espírita era muito laborioso; de temperamento impulsivo e algumas vezes até explosivo, chegou a desagradar alguns confrades, porque em matéria de Espiritismo não admitia meio termo, era dinâmico, trabalhador e realizador, não compreendendo como certos confrades pudessem aceitar cargos e fugir dos encargos. Não ficava calado diante de coisas que lhe parecessem em desacordo com o espírito da Doutrina, extremamente sincero, desagradava aos acomodados, mas apesar de tudo, era fraterno e amigo e os companheiros compreendiam e toleravam os seus impulsos, sendo querido e admirado pelo seu constante e fecundo labor a bem da propaganda espírita e doutrinária.

Dotado de diversas faculdades mediúnicas, inclusive de efeitos físicos, serviu de instrumento para alguns pesquisadores nesse terreno. Essas sessões se realizavam na sua própria residência e eram dirigidas e controladas pelo saudoso confrade Sebastião Caramuru, com o máximo de cuidado para que não houvesse a mínima possibilidade de fraudes. Todos os assistentes e o próprio

médium eram amarrados e lacrados, para que no final das sessões se pudesse constatar que ninguém havia se levantado de seus lugares. Antes do início de cada sessão, fechava-se a porta que, além da fechadura, tinha trancas no seu interior e também ficava lacrada, com a assinatura de cada um dos presentes. Davam-se várias batidas no ambiente, investigando por todos os presentes, para que nem de leve pudesse duvidar da realidade dos fenômenos produzidos, na presença de respeitáveis personalidades.

Nessas sessões registraram-se os fenômenos de voz direta, através de uma corneta acústica, escrita direta em línguas estrangeiras em papel previamente rubricado por todos os presentes e colocados dentro de uma caixa de madeira fechada, embrulhada e lacrada em vários pontos. Um artigo publicado na “Revista Espírita do Brasil”, de autoria do confrade Daniel Cristóvão, em setembro de 1943, afirma o seguinte: “Dos fenômenos de escrita direta, através da mediunidade de João Pinto de Souza, sobreleva uma mensagem escrita em francês, que jamais conseguimos esquecer, a qual foi redigida em papel rubricado por todos e colocada dentro de uma caixa cuidadosamente lacrada, cujo texto dizia assim: Ao meu Castelo, neste momento, nada mais quero senão revê-lo. Que seria a vida sem a virtude”. Mensagem assinada por Babet, destinada ao confrade Coronel José de Castelo Branco. E nesse artigo Daniel Cristóvão descreve com riqueza de detalhes os vários fenômenos produzidos naquela sessão.

O nome de João Pinto de Souza aparece nos Anais do Congresso Espírita, realizado no Rio de Janeiro em 1925, o qual deu origem à Liga Espírita do Brasil, fundada em 31 de março de 1926, por um pugilo de valorosos defensores da pureza doutrinária, dentro do pensamento de Allan Kardec, revelado pelo Espírito da Verdade. Homens de incontestável valor moral e intelectual assinaram a ata de fundação da Liga, como o Desembargador Gustavo Farnese, Ângelo Torteroli, Dr. Xavier de Araújo, o escritor Coelho Neto e muitos outros expoentes da história do Espiritismo no Brasil. A Liga Espírita do Brasil tomou caráter federativo nacional, abrigando em seu seio instituições de vários Estados do Brasil, só abrindo mão dessa prerrogativa, quando da criação do Conselho Federativo Nacional, instituído pelo Pacto Áureo, em 5 de outubro de 1949, ao qual aderiu, passando a ser o Órgão Federativo no antigo Distrito Federal.

Essa casa tem sido um posto avançado, um celeiro de defensores da Doutrina Espírita em toda sua pureza, à luz da Terceira Revelação. A Egrégia Entidade permanece na mesma unidade de pensamento, defendendo os mesmos ideais de seus antepassados em cujo seio figurou o nome ilustre de João Pinto de Souza.

Por ocasião do I Congresso Brasileiro de Jornalismo Espíritas, em 1939, quando se inaugurava uma “Exposição de Revistas e Jornais Espíritas”, ele foi homenageado pela Diretoria do Congresso, por ser

o decano dos jornalistas espíritas presentes ao ato. No campo do jornalismo desenvolveu trabalhos notáveis, redigindo artigos para a imprensa espírita de todo o País. Era associado da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), onde atuou brilhantemente. Escreveu uma coluna espírita no jornal “A Pátria” e foi assíduo colaborador de “A Vanguarda”, jornais de grande tiragem naquela ocasião, ambos já extintos. Tinha muita facilidade para escrever e falar. Na tribuna espírita era vibrante a ponto de empolgar a assistência, sendo um dos conferencistas mais solicitados de sua época.

Tomou parte ativa em diversos movimentos espíritas, promoveu caravanas ao interior, visitas de confraternização e conferências públicas. Fundou e presidiu a União dos Centros Espíritas dos Subúrbios da Leopoldina, foi Presidente do Centro Espírita “Fé e Caridade”, tomou parte em inúmeras diretorias e assinou várias atas de fundações de instituições espíritas. Organizou grupos de Estudos nas Unidades Militares onde serviu, conforme publicou “Vanguarda” em suas reminiscências.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves de Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

João Urbano de Assis Rocha

Velho militante da Doutrina Espírita, pertencia ao Grupo Espírita do Serrito, antes da Fundação da Federação Espírita do Paraná. Nasceu em 1854 e desencarnou em Curitiba em 23/12/1941. Era filho de João Pedro da Rocha e Ana Pereira da Rocha.

Subscriber da ata de fundação, aos 2 de Agosto de 1902, foi eleito presidente no primeiro período social – Diretoria Provisória – De 31-08-1902 a 04-10-1903.

Deixou a presidência, mas continuou a prestar excelente colaboração à causa do Espiritismo, principalmente no setor doutrinário.

Esposo que fora da prestimosa e saudosa médium Josefina Rocha, trabalhou durante longos anos a seu lado na prestação dos mais assinalados serviços. A 11-07-920 foi eleito Sócio Benfeitor da Federação, como prêmio a sua dedicação.

A 13-01-924 foi eleito membro efetivo do Conselho Central Permanente e a 14 do mesmo mês e ano foi designado para as funções de Diretor do Núcleo Central , departamento que agremiava os associados à Federação e que respondia pela execução dos trabalhos que se realizavam em sua sede social.

Em 10-01-926 foi eleito 2º Vice-Presidente, cargo que deixou a 16-01-927. Deixou o cargo de Conselheiro, a pedido, em 14-10-928, em virtude de seu estado de saúde não lhe permitir oferecer a colaboração que sempre foi a grande característica de seu caráter.

Joaquim Carlos Travassos

Os Travassos existem de norte a sul do Brasil, acreditando-se serem descendentes longínquos de três irmãos portugueses que, perseguidos durante a dominação espanhola, se refugiaram em terras brasileiras. Um destes irmãos localizou-se na Ilha Grande (Estado do Rio de Janeiro), e possivelmente é ele o tronco do qual muito mais tarde, após várias gerações, surgiria, em 1839, Joaquim Carlos Travassos, que nasceu no município de Angra dos Reis, na Fazenda da Longa (Ilha Grande), de propriedade de seus pais, Cel. Pedro José Travassos e D. Emília Rita Travassos.

A família era composta de sete irmãos: quatro homens e três mulheres. Todos receberam boa educação, e Joaquim, ao término dos estudos preparatórios, ingressou na antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com cerca de dezessete anos. Estudou com afinco e dedicação as dezoito cadeiras do curso, e à 30 de Agosto de 1862 apresentava sua tese à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sustentando-a com brilhantismo.

Aos 27 de Novembro de 1862, na presença de Suas Majestades Imperiais, conferia-se o grau de doutor aos novos doutorandos, entre ele o Dr. Joaquim Carlos Travassos. Em 1862 ou 1863, contraía ele núpcias com Srta. Maria Antônia de Oliveira, que deu à luz duas filhas.

Aceitara as idéias espíritas numa época em que, de Kardec, só se achavam traduzidos para o português dois opúsculos: “O Espiritismo na sua expressão mais simples” e “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”. Os livros básicos da Codificação eram estudados no próprio francês de origem, língua, aliás, que todas as pessoas cultas obrigatoriamente deviam saber.

Antes de ser espírita, Travassos, de acordo naturalmente com a crença de seus pais, dizia-se católico. Entretanto, era, em verdade, um livre pensador, desprendido de dogmas e voltado para a Verdade, acrescentando que uma compreensão superior da vida o impedia de cair nas garras do fanatismo, seja religioso, científico ou político.

Não sabemos o motivo que o levara a ingressar no Espiritismo, mas foi pelo estudo ponderado das obras de Kardec e de outros autores, que ele, em pouco tempo, se tornou fervoroso adepto da Terceira Revelação. Tanto o francês quanto o inglês eram línguas que

Travassos lia e traduzia com perfeição, e isto muito lhe facilitou o conhecimento da Doutrina.

Uniu-se a outros estudiosos dos fenômenos espíritas, formando-se um grupo de criteriosos e cultos observadores, grupo que coexistia com outros espalhados pelo País. Não havia ainda, no Rio de Janeiro, uma associação central que orientasse a propaganda e estabelecesse a união entre os poucos espíritas existentes. Somente a 2 de Agosto de 1873 se erigiu uma sociedade nesses moldes, a segunda em todo o território nacional, tomando o nome de “ Grupo Espírita Confúcio “.

Sua primeira Diretoria, da qual o Dr. Joaquim Carlos Travassos fora secretário geral, ficou assim constituída : Dr. Siqueira Dias, presidente; Doutor da Silva Netto, vice-presidente; Sr. Eugênio Boulte, 2º secretário; Sr. Marcondes Pestana, 3º secretário Dr. Bittencourt Sampaio, Mme. Perret Collard e Mme. Rosa Molteno, membros do Conselho Fiscal.

Todos os adeptos cultos sentiam a necessidade urgente de serem traduzidos para o vernáculo as obras fundamentais de Kardec. O povo não conhecia o francês e a disseminação do Espiritismo encontrava, por isso mesmo, sérios embaraços. Além do mais, estavam surgindo vários grupos, onde os seus componentes mal

conheciam os princípios mais elementares da Doutrina, tudo isto por falta de obras espíritas na língua nacional.

Travassos examinou todo este estado de coisas, e resolveu empreender a árdua tarefa de traduzir do francês as obras capitais de Allan Kardec.

Portanto, é a Travassos que o Brasil espírita deveu a primeira tradução das principais obras do Codificador, ou sejam: O Livro dos Espíritos, com o pseudônimo de Fortúnio, traduzido da 20ª edição francesa, sem data de publicação; O Livro dos Médiuns, em 1875, traduzido da 12ª edição francesa, sem o nome do tradutor; O Céu e o Inferno, em 1875, traduzido da 4ª edição francesa, sem o nome do tradutor; O Evangelho segundo o Espiritismo, em 1876, traduzido da 16ª edição francesa, sem o nome do tradutor.

A modéstia e a simplicidade de Travassos, qualidades que nos foram confirmadas por ilustre pessoa que com ele privou, impediram que o seu nome aparecesse. Todas essas quatro obras foram dadas à luz por intermédio da Editora B. L. Garnier, que igualmente, pelo muito que fez a prol da propaganda do Espiritismo pelo livro, merece a nossa admiração e o nosso reconhecimento.

Não foi tão somente a tradução das obras kardequianas a magna e importantíssima contribuição que Joaquim Carlos Travassos trouxe ao Espiritismo nascente no Brasil. A ele deve-se, também, o Doutor Adolfo Bezerra de Menezes. Logo que “O Livro dos Espíritos” saiu do prelo, o Dr. Travassos ofereceu ao seu grande amigo Bezerra, a quem sinceramente admirava, um exemplar da obra. E foi esta que atraiu o então ilustre político para a Doutrina Espírita.

Com o advento da República, Travassos foi eleito senador na primeira Legislatura do Estado do Rio de Janeiro. Os Anais do Senado desse Estado (1891) registram os fatos ocorridos durante o curto período de existência dessa Casa Legislativa. A 1ª sessão preparatória realizou-se em 27 de Julho de 1891, e a sessão de instalação ocorreu a 4 de Agosto do mesmo ano, sob a presidência do Senador Demerval da Fonseca

Travassos, na falta do Presidente, assumiu a presidência nas sessões de 28 de Julho e de 15 de Setembro, e por várias vezes atuou como 1º e 2º secretário.

Na sessão ordinária de 28 de Agosto de 1891, o nosso ilustre biografado apresenta um projeto de lei regulamentando a colonização e a imigração no Brasil, já declarando, naquele tempo, num longo e belo discurso, que a imigração é necessária, urgente, mas que seja posta em prática “sem empirismo e com todo o

cuidado, a fim de que não venha a causar-nos maiores males futuros“. Entra numa bem argumentada exposição no que diz respeito à seleção do imigrante colonizador, e o seu verbo se desdobra em páginas cheias de vibração e sabedoria, nelas revelando o coração de um brasileiro que pulsa com força e carinho pelos problemas nacionais

Este bem elaborado trabalho recebeu elogios de um dos homens mais competente na matéria, naquela época: o Visconde de Taunay, então presidente da Sociedade de Imigração do Brasil.

Após a queda do marechal Deodoro da Fonseca, subiu à Presidência da República Floriano Peixoto, que depôs todos os governadores que aderiram ao golpe de 3 de Novembro de 1891. O governo Portella, do Estado do Rio, caiu e o Congresso fluminense foi extinto. Travassos, contrário ao procedimento do “Marechal de Ferro“, abandonou a política, retirando-se à vida privada. Desde então dedicou todas as suas energias, com sinceridade e entusiasmo, aos estudos de pecuária e de agricultura, relacionando-os à economia do País, por compreender que o desenvolvimento do Brasil depende em larga escala da boa solução desses problemas.

A última parte da vida de Travassos foi acidentada e cheia de percalços. Basta dizer que no Rio de Janeiro, em menos de quinze anos, residiu nas ruas de São Carlos, José Bonifácio, Frei Caneca,

Benjamim Constant (junto à Igreja Positivista), e cremos que na Praça Niterói . Em 1913 mudou-se para a rua Correia Dutra, onde, à 1 hora e 35 minutos da madrugada do dia 6 de Fevereiro de 1915, desencarnava com a idade de 76 anos, vitimado pela arteriosclerose.

Zêus Wantuil. Grandes Espíritos do Brasil. FEB, 1ª edição. RJ

Joaquim de Souza Ribeiro

Nascido em Caiteté, Estado da Bahia, no dia 9 de janeiro de 1884, e desencarnado em Campinas, Estado de São Paulo, no dia 18 de janeiro de 1956.

Transferindo sua residência para Campinas, no Estado de S. Paulo, ainda bastante jovem, fez ali os seus estudos de curso superior. No ano de 1907 formou-se pela Faculdade de Odontologia de São Paulo, e bem mais tarde cursou a Faculdade de Medicina Hahnemaniana, do Rio de Janeiro, colando grau na turma de 1920. Foi diretor-tesoureiro do prestigioso jornal campineiro “Correio Popular” e pertencia à diretoria do Sanatório Santa Isabel, onde desempenhou o cargo de vice-presidente e fazia parte do seu corpo clínico.

Espírita de convicções profundas, o Dr. Souza Ribeiro tornou-se um dos grandes propagandistas da Doutrina dos Espíritos, nos países da fala portuguesa. Desde a mocidade empolgou-se com os ensinamentos contidos nas obras de Allan Kardec e jamais esmoreceu no campo da divulgação, dedicando apreciável parcela de sua vida à difusão e vivência da Terceira Revelação.

Tornou-se abalizado conferencista e percorreu elevado número de cidades do Estado de São Paulo, onde fez vasta sementeira dos ensinamentos doutrinários. Na propaganda do Espiritismo através da imprensa, tornou-se também um paladino. Manteve acerbas polêmicas doutrinárias através de jornais do interior paulista e de outros Estados. A “Revista Internacional de Espiritismo”, “O Clarim”, “Reformador” e outros órgãos da imprensa espírita, acolheram, durante cerca de meio século, a colaboração ininterrupta do Dr. Souza Ribeiro, pois na realidade ele havia se tornado um dos mais animosos pregadores das verdades imorredouras da Doutrina dos Espíritos. Profundo conhecedor de toda a literatura espírita, ele sabia argumentar com clareza e elegância, demonstrando uma erudição inigualável.

Numerosos artigos de sua autoria, de índole filosófica, foram divulgados pelo “Correio Popular”, onde também fez publicar grande número de poesias, o mesmo aconteceu com a “Folha da Manhã”, de São Paulo. O seu nome tornou-se assaz conhecido em

todos os quadrantes de Campinas. É que, dentista e médico, jamais encarou essas profissões apenas como fonte de renda. Ele sabia praticar o bem, enquadrando-se dentro da orientação evangélica que prescreve a necessidade de a “mão esquerda não ver o que a direita faz.”

Souza Ribeiro foi um homem de caráter incorruptível. A sua formação moral era das mais rígidas, fazendo da franqueza e da coragem de atitudes os fundamentos de sua personalidade inconfundível. Jamais se amoldava a conveniências e preconceitos. Temperamento de luta, o seu pensamento era reproduzido sem reticências. Não tergiversava com a verdade e não aplicava eufemismos nas palavras que proferia ou que escrevia.

Embora eloqüente na defesa de suas idéias e pontos de vista, sabia no entanto, respeitar sempre o adversário, nunca guardando ódio ou ressentimentos. A sua linha de conduta era inquebrantável, a sua palavra era sempre respeitada, fazendo com que ele tornasse, de direito e de fato, um homem de índole efetiva, de caráter sem interstícios e, acima de tudo, de objetivos certos e determinados.

Quando do sepultamento do corpo do Caírbar Schutel, o apóstolo de Matão, no dia 31 de janeiro de 1938, o Dr. Souza Ribeiro foi um dos que proferiram discursos à beira do túmulo, enaltecendo a personalidade marcante daquele grande pioneiro espírita.

João Simples, conhecido jornalista campineiro, quando da desencarnação do Dr. Souza Ribeiro, publicou através do “Correio Popular” uma crônica, da qual extraímos os seguintes tópicos: “Mas quem foi, no final das contas, Souza Ribeiro? Uma potência do comércio, um magnata da indústria, um político de evidência e prestígio, para que o seu passamento fosse assim tão intensamente sentido em todos os cantos onde pulse um coração humano? Nada disso, Souza foi, simplesmente, um Apóstolo do Bem. E, como Apóstolo do Bem, um lutador incansável pela implantação, nas almas entorpecidas por preconceitos errôneos e rançosos, dos verdadeiros ensinamentos do Divino Mestre, tão claramente expostos nos Evangelhos e tão nefastamente deturpados pelos cegos que não querem ouvir. Sua única arma, nas pelejas memoráveis que travou com adversários poderosos, não foi o punhal da mistificação e da insídia: foi o escudo inquebrantável da Verdade do Cristo, assimiladas das páginas sagradas do Novo Testamento! Por isso venceu! Por isso nunca foi vencido. Ele foi realmente um predestinado”.

Souza Ribeiro escreveu: “A Estigmatizada de Campinas” e “A Questão Religiosa na Rússia”. Nos derradeiros anos de sua fértil existência terrena, escreveu numerosas poesias, a última delas no dia mesmo de sua desencarnação, a qual ele já havia antecipado e da qual tinha plena consciência.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves de Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Johan Carl Friedrich Zöllner

Astrônomo famoso e professor da Universidade de Leipzig, goza de grande reputação nos meios científicos. Após inúmeras experiências realizadas no campo da fenomenologia espírita, publicou os resultados dessas investigações no livro intitulado "Física Transcendental". "Adquiri a prova da existência de um mundo invisível que pode entrar em relação com a humanidade

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro.(1834 - 1882)

Zollner foi um jovem professor de Física e de Astronomia na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Muito cedo ele interessou-se pelos fenômenos mediúnicos, desenvolvendo a teoria da quarta dimensão, defendendo-a apoiado em posições teóricas e sobretudo em experiências práticas. Pela teoria do espaço quadridimensional, o universo teria, além das três dimensões euclidianas, uma quarta pela qual se explicam alguns fenômenos de ordem espírita. As dimensões suplementares no espaço seriam extensões da própria matéria invisível e imperceptível aos nossos sentidos físicos. Zollner exemplificava que "nós, seres de três dimensões, só poderemos

atar ou desatar um nó, movendo uma das extremidades, 360º num plano que ser "inclinado" para o que contiver a parte do nó de duas dimensões". Porém se, entre nós, houver alguém que por sua vontade possa efetuar movimentos de quatro dimensões, este poder atar e desatar os nós de um modo muito mais simples.

A respeito da teoria da 4ª dimensão, Schiaparelli, famoso astrônomo italiano, escreveu em carta dirigida a Camille Flammarion: é a mais engenhosa e provável que pode ser imaginada. De acordo com essa teoria, o fenômeno mediúnico pode perder sua característica mística e passaria ao domínio da Física e da Filosofia ordinárias.

Para melhor entendimento do que seja a 4ª dimensão na concepção física atual, admitamos que o espaço possa encurvar-se nas proximidades das grandes massas gravitacionais, o que só poder fazê-lo no sentido da 4ª dimensão. Suponhamos que alguém que nos observe da realidade quadridimensional, ou seja, um ser da 4ª dimensão com capacidade de intervir em nosso universo tridimensional, decida retirar uma pessoa de um determinado local e colocá-la em outro. Isso equivaleria ao brusco desaparecimento dessa pessoa do primitivo lugar por ela ocupado e o seu súbito aparecimento em meio a vários outros seres sem que eles pudessem dar conta de como surgiu ali, inesperadamente, seu semelhante. Pergunta-se: isso realmente pode ocorrer? Vejamos um

entre muitos casos misteriosos de desaparecimento de pessoas que teriam sido levadas a uma quarta dimensão.

"Em 25 de novembro de 1875, o embaixador britânico na corte de Viena, Benjamin Bathurst, dirigia-se para Londres. Pouco depois do meio dia chegara a Perleburg, pequena cidade alemã. A viatura estacionara diante de um albergue a fim de trocar os cavalos. O dia estava claro e ensolarado. O embaixador desceu da caleça e foi observar os animais. Contornou o palafrenero que atrelava os cavalos, passou atrás dos mesmos e ... desapareceu misteriosamente á frente de várias pessoas que ali se encontravam. Não havia árvores, buracos, moitas ou qualquer coisa que pudesse ocultar um homem. Buscas minuciosas foram feitas por todos que, exaustos, desistiram da procura por falta de um vestígio qualquer que os animasse a prosseguir. (Langelann, Georges-"Les faits maudits"). Ter-se-ia dado uma transferência do embaixador desse nosso espaço para um outro espaço paralelo, através da quarta dimensão? Não sabemos. Feito esse aparte que julgamos necessário para melhor compreensão do leitor sobre a 4ª dimensão, voltemos ao personagem biografado.

Para melhor confirmação de sua teoria, Zollner realizou inúmeras reuniões com médiuns e pesquisadores em sua própria residência. Em 1877, recepcionou pela primeira vez em Leipzig, o médium inglês Henry Slade. Este era protagonista de inúmeras

manifestações de efeitos físicos. Para analisar a mediunidade de Slade contou ocasionalmente com a participação de vários outros professores universitários, o que imprimiu maior entusiasmo em suas pesquisas. Com o trabalho levado a efeito com esse médium, Zollner fez várias publicações em forma de artigos, em revistas científicas e posteriormente livros versando sobre a física transcendental.

Zollner teve contactos com outros médiuns famosos do século XIX. Um destes foi a Madame D'Esperance, protagonista de fenômenos de aparição e de transporte de objetos. Ela esteve na Alemanha e procurou o prof. Zollner. Numa ocasião, de viagem para Breslau, ele sugeriu que ela procurasse seu amigo Dr. Friese. Este a recepcionou e acabou convencido das manifestações da médium. Ela própria relatava um fato pitoresco a respeito de uma visita que Zollner fez a ela e Dr. Friese em Breslau: "Durante a visita do prof. Zollner, a morada do Dr. Friese foi invadida por muitíssimas pessoas, que vinham com ansiedade informar-se dos últimos acontecimentos. Como um relâmpago, a notícia havia sido propalada entre os estudantes e as histórias mais extraordinárias estavam em circulação. Muitos imaginavam que o doutor tinha um batalhão de espíritos à sua disposição para fazer milagres e escamoteações, curar enfermos e dar informações sobre amigos desaparecidos ou qualquer outra coisa." - Que devo dizer a todas essas pessoas? - perguntava ele. Parecem ignorar que o Espiritismo não é sinônimo de feitiçaria e de magia negra".

Zollner através de seus livros atraiu a atenção do mundo filosófico para suas idéias originais registradas em sua obra "A Natureza dos Cometas" e em outras como: "Esboços de Fotometria Universal dos Céus Estrelados", "Natureza dos Corpos Celestes" e "Física Transcendental". Destacou-se como membro da Real Sociedade de Ciências, da Real Sociedade Astronômica de Londres e da Imperial Academia de Ciências Físicas e Naturais de Moscou. Foi também Membro Honorário da Associação de Ciências Físicas de Frankfurt e Membro da Sociedade Científica de Estudos Psíquicos de Paris onde sua atuação lúcida era respeitada por todos.

Em março de 1880, o Barão Von Hoffmann engajou o médium inglês William Egliton para participar de reuniões com Zollner. Foram ao todo 25 reuniões. Egliton era médium de efeitos físicos, principalmente materialização e escrita direta. Zollner mostrou-se muito satisfeito com os resultados e declarou que não havia nada de errado nas manifestações. Pretendia até publicar outro livro sobre suas experiências, porém, faleceu antes disto.

Zollner foi um grande batalhador da causa espírita notabilizando-se por suas experiências físicas onde a atuação dos espíritos não deixaram dúvidas nem incertezas. Sendo físico, utilizou esta ciência para demonstrar a imortalidade e divulgar a interferência dos desencarnados no cotidiano dos encarnados. Ao propor a teoria da

4ª dimensão para explicar os fenômenos observados antecipou-se aos físicos atuais e demonstrou como a Ciência pode auxiliar a religião e quanto a religião pode ser científica. Foi um cientista que ultrapassou os limites acanhados dos laboratórios terrenos para alçar-se aos altiplanos filosóficos da própria Ciência, tornando-se assim um caçador de verdades, verdades que alimentam os sonhos imortais dos homens.

José Augusto Faure da Rosa

Nascido em Leiria, Portugal, a 16 de novembro de 1873, e desencarnado a 8 de novembro de 1950.

O Coronel José Augusto Faure da Rosa foi um dos mais notáveis espíritas de Portugal. Coursou a Escola do Exército e foi promovido a Alferes em 1897. Além das suas atividades militares, foi professor do Liceu primeiramente em Leiria e depois em Lisboa. Nessa última cidade assumiu numerosos compromissos, tendo-se dedicado ao jornalismo e ao teatro. Traduziu do inglês, em parceria com Henrique Garland, 2 peças representadas no teatro do Ginásio, em 1905.

Nessa época, já com cinco filhas, deparando-se com a necessidade de ampliar os seus recursos econômicos, aceitou o convite de

embarcar para a Índia, onde prestou relevantes serviços durante 18 anos. Ali desempenhou vários cargos, dentre eles o de Governador de Damão, Chefe do estado-maior do Quartel General do Governo Geral da Índia, Administrador das matas de Goa, de Praganã e de Nagar-Avely e, nesses últimos territórios, Comandante Militar e Administrador Civil, atividades que exerceu com raro descortino e elevado senso de responsabilidade.

Efetou, com muito êxito, ensaios da cultura da borracha e outros importantes estudos que legou à posteridade através das monografias: “Memória da Cultura da Borracha em Goa” (1908) e “Memória da Ensilagem do Capim, em Goa “ (1909). Na campanha do Timor, em 1912, comandou a coluna de operação de Oeste. No desempenho de ação nessa campanha, foi elogiado pelo Comandante Geral Filomeno de Câmara, no seu “Relatório “, pois Faure da Rosa, contrariando ordens superiores se recusou a separar, entre os prisioneiros, as mulheres e filhos do seu chefe de família, revelando assim elevado espírito humanista.

Terminou a sua carreira no Estado da Índia em 1920, quando regressou a Portugal. Em 1922 é nomeado Secretário-Geral do Governo de Manica e Sofala e encarregado do governo do mesmo território, após o que, em 1925, regressou definitivamente à Metrópole.

Como publicista, as suas qualidades de estudioso invulgar revelaram-se no decorrer dos dois anos seguintes, publicando numerosos artigos sobre cooperativismo, principalmente no jornal “O Povo”. Possuía as medalhas de prata do Valor Militar (com palma), de ouro de Comportamento Exemplar e outras da Campanha do Timor. Era Grande Oficial da Ordem Militar de Aviz. Posteriormente a 1926 foi convidado para o cargo de Governador-Geral de Angola, que recusou.

A desencarnação de uma de suas filhas, em 1927, levou-o ao desespero, tendo abandonado toda a sua atividade criadora no campo do Cooperativismo, passando a dedicar-se exclusivamente ao estudo do Espiritismo, ao serviço do qual colocou toda a sua inteligência e dedicação excepcional.

Proferiu grande número de conferências sobre a Doutrina dos Espíritos, uma das quais em réplica a um conferencista belga que fez uma palestra no Teatro São Luís. Essa conferência de Faure da Rosa foi nomeada “Em Defesa do Espiritismo “e redundou numa apoteose, tendo sido realizada no Cinema Condes, com a casa completamente lotada de ilustres nomes da época, médicos, advogados, engenheiros, industriais, comerciantes, artista e outras pessoas de renome.

Sobre a personalidade do Coronel Faure da Rosa, escreveu Francisco de Melo e Noronha uma carta lida por ocasião da realização da homenagem póstuma que lhe foi prestada no transcurso do primeiro aniversário de sua desencarnação. “Justificadíssima é a homenagem rendida neste Centro, prestimoso e radiante, comemorando o primeiro aniversário da data em que desencarnou do corpo material o Espírito lúcido do nosso distinto confrade Coronel Faure da Rosa.

Tenho a consciência de poder defini-lo perfilhado as expressões de Pirro acerca de um romano exemplo: “Ille est Fabricius, qui difficilium ab honestate, quam sob a curou suo, avert potest “. De fato, digna assistência, mais facilmente o sol se desviaria do seu curso do que ele do caminho da honra. Abraçou a carreira militar, serviu a Pátria, na metrópole e no além ultramarino, e, imácula, envergou sempre a farda, sem quebranto respeitou sempre o seu juramento de soldado.

E assim exalou o derradeiro alento em sua existência contemporânea. Assim a sua alma, depurada, transpondo o véu, terá agora no mundo infável o galardão de bem merecida glória. Onde, porém, Faure da Rosa atingiu proporções peregrinas e vinculou o nome com prestígio indelével, foi entre nós, neste meio de estudo e ascese, nesta atmosfera de razão, experiência e fraternidade.

Em suas linhas fisiológicas transparecia a bondade que o seu trato não desmentia e neste revelava-se uma educação fina e esmerada, que logo no início de nossas relações pessoais me despertou aberta simpatia.

E quando, um dia, a empolgante convite de Sua Exa., então presidindo à Federação Espirita Portuguesa, ali realizei uma conferência, o saudoso Coronel informara-me, em carta prévia, que, para me evitar o relento da noite na travessia do Tejo, na margem esquerda do qual resido, marcara para mais cedo a hora habitual, fazendo, nestes termos, uma alteração de delicada gentileza, que registro muito grato.

Apóstolo preeminente do Espiritismo, que versava com desassombro, vasta erudição, lógica impecável e hermenêutica resistente, é incontestável que prestou à causa serviços de autêntica invulgaridade, sendo os seus discursos, alocações e conferências, preciosas lições e os seus labores impressos magnificas fontes de consulta.

Pode-se dizer, peremptoriamente, que Faure da Rosa nunca escreveu sobre o joelho ou falou em ciência e consciência. Chegou a

ser exaustivo até aos mínimos pormenores e também não foi omissivo de elegância no verbo de grafia e oral.

“Em certa maneira participou da índole e estrutura psíquica de Allan Kardec, sem se diminuir aliás no brilho anímico e no valor intrínseco de sua própria personalidade”. Faure da Rosa foi presidente da Federação Espírita Portuguesa, cargo que soube desempenhar com dignidade e de modo assaz eficiente.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves de Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

José de Freitas Nobre

José Freitas Nobre nasceu em 24 de março de 1921, em Fortaleza, Ceará. Aos 15 anos veio para São Paulo. Trazia consigo um livro editado sobre a revolução acreana "A Epopéia Acreana" e inúmeros artigos publicados em jornais. Assim que chega vira manchete do "Diário da Noite", com o título de "Garoto Prodígio escreve a história do Acre". O menino cearense surpreende a grande cidade com o seu brilho precoce. Era a primeira vez que São Paulo se rendia a inteligência de Freitas Nobre mas não seria a última. Mais tarde a cidade adotada o reconheceria como o seu legítimo representante, elegendo-o vereador, vice-prefeito e deputado federal.

Começava a sua carreira de jornalista. Trabalhou nos Diários Associados, Última Hora, Folha da Manhã e O Cruzeiro. Sua preocupação em defender os direitos da categoria levou-o à vida sindical. Por três vezes foi presidente do Sindicato dos Jornalistas e duas ocasiões presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (1950).

Advogado, formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, lecionou Direito da Informação e Legislação dos Meios de Comunicação na Escola de Comunicação de Arte, da USP e na Faculdade Gaspar Libero.

Além de vários livros de História e Direito editados no Brasil e no Exterior, publicou algumas obras doutrinárias: "O Transplante de órgãos à Luz do Espiritismo", "A Perseguição policial contra Eurípedes Barsanulfo", "O Crime, a psicografia e os transplantes" e também dirigiu, apresentou e organizou a coleção Bezerra de Menezes, publicados pelas Editoras O Clarim e Edicel.

Foi fundador e "durante 16 anos editou a FOLHA ESPÍRITA, o primeiro jornal doutrinário a ganhar as bancas de jornais do país, trazendo uma nova linguagem e um novo direcionamento para a

imprensa espírita (...)(Transcrito em parte da "Folha Espírita", São Paulo, SP; texto de Miriam Portela).

"Foi vice-prefeito de São Paulo de 1961 a 65, na gestão de Prestes Maia (PSB). Em 1968 filiou-se ao MDB, mantendo-se na liderança do mesmo na Câmara dos Deputados durante cinco anos. Teve quatro mandatos.

Como advogado e jornalista escreveu 22 livros, entre os quais: "Lei de Informação" (1968), "Le Droit de Repouse" (1970), "Imprensa e Liberdade", "Os Princípios Constitucionais e a Nova Legislação" (1987), "Anchieta, o Apóstolo do Novo Mundo".

"(...) Como Espírita, ocupou a tribuna de inúmeras entidades, levando a informação doutrinária em palestras, congressos e simpósios. Foi Autor de dois projetos na Câmara em favor do Esperanto: um, para a introdução do Esperanto nas Escolas; outro, visando a que o Esperanto fizesse parte das línguas optativas nos exames vestibulares, junto com o inglês e o francês (...) e deu apoio à fundação do Grupo de Esperanto dos alunos da USP." Foi ele quem abriu no plenário da Câmara dos Deputados o Congresso Mundial de Esperanto, realizado em Brasília em 1983.

"(...) Na época em que foi escolhido "como vice-prefeito, no segundo mandato de Prestes Maia conhece Chico Xavier e inicia-se uma longa amizade.

"Durante as reuniões públicas da Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba, Chico recebe uma mensagem de Emmanuel destinada à Freitas Nobre. Nela, Emmanuel falava de sua longa tarefa de pacificação do Brasil., E Chico acrescentou - "Dr. Nobre, Emmanuel está dizendo que o senhor será chamado a atuar em época muito difícil para o nosso país, quando haverá, inclusive perigo de derramamento de sangue. Primeiramente o Brasil caíra muito à esquerda, depois à direita e finalmente caminhará pelo centro, até encontrar seu verdadeiro destino. Haverá turbulência nesses períodos de mudança e o senhor atuará como pacificador, evitando confrontos e radicalizações.

"Era maio de 1962. O país ainda se refazia da renúncia de Jânio Quadros, Jango Goulart é deposto e os militares tomam o poder. Instala-se a Ditadura. As previsões de Emmanuel começam a se concretizar.

"Freitas afasta-se da política e vai para Paris (1964)(...) onde sob a orientação de Fernando Térrou, realiza na Sorbonne doutorado de Direito e Economia da Informação:

"Em 1968, já de volta ao Brasil, recebe novas mensagens, através da mediunidade de Chico Xavier. Desta vez o emissário é Bezerra de Menezes que lhe envia notícias, comunicando-lhe que seria reintegrado aos quadros políticos.

"Longe da política, assumiu as funções de advogado (...) e voltou a atuar em diversos órgãos de imprensa, como "Jornal da Tarde", "Diário do Grande ABC", revista "Imprensa" e TV Gazeta. Em 1972 foi incluído na lista de "Cassação branca" da Universidade de São Paulo, à qual retornou com o término do seu mandato de deputado federal, pelo empenho do reitor José Goldemberg e do Governador Franco Montoro. Reintegrou na USP por concurso, conquistando os graus de Livre Docente em 1968 e Professor Titular em 1990.

"Nestes 16 anos de atividade parlamentar, Freitas Nobre cumpriu a tarefa de pacificar a Nação (...) e pelo fim do arbítrio. Durante todo esse período, Bezerra de Menezes manteve, através de Chico Xavier, uma correspondência permanente com o deputado. São cartas, bilhetes, recados, estreitando ainda mais a amizade entre os três.

"Foi um dos parlamentares da luta pela anistia, pela legalização dos partidos de esquerda, pelo restabelecimento das eleições diretas,

pela Convocação da Assembléia Constituinte. (...) Depois de rápida passagem pelo PDT, ele participa da criação do PSDB.

(Transcrito em parte do "Correio Fraternal do ABC", São Bernardo do Campo, SP; texto de Altamirando Carneiro).

"Desencarnou no dia 19 de novembro de 1990, em São Paulo, de insuficiência respiratória aguda. Seu corpo foi velado na Câmara Municipal de São Paulo, onde políticos, jornalistas, amigos e parentes lhes prestaram a última homenagem. O Presidente do PMDB, Ulisses Guimarães lembrou que Freitas era o trabalhador incansável, sempre um dos primeiros a chegar e um dos últimos a sair nos trabalhos da Câmara.

"Estiveram presentes os companheiros de Doutrina e amigos da Federação Espírita do Estado de São Paulo, da USE, do Clarim, da Rádio Boa Nova, de Guarulhos (SP), da AMESP - Associação Médico Espírita de São Paulo, além de outros representantes de Grupos Espíritas.

"No dia 19, também os anônimos, os humildes, os injustiçados estiveram presentes ao salão da Câmara Municipal... Foram agradecer... Despedir-se do seu representante político".

José Freitas Nobre era casado com a Dra. Marlene Severino Nobre, e deixa quatro filhos Dra. Marlene é médica, profa da USP e diretora da Associação Médico Espírita de São Paulo - AMESP.

FOLHA ESPIRITA, São Paulo, SP. Tribuna Espírita – Abril/Junho de 1991

José Herculano Pires

Nasceu na antiga Província do Rio Novo, hoje Província de Avaré, Zona Sorocabana.

Filho do farmacêutico José Pires Corrêa e da pianista Bonina Amaral Simonetti Pires. Fez seus primeiros estudos em Avaré, Itaí e Cerqueira César. Revelou sua vocação literária desde que começou a escrever. Aos 9 anos fez o seu primeiro soneto, um decassílabo sobre o Largo São João, da cidade natal. Aos 16 anos publicou seu primeiro livro, *Sonhos Azuis* (contos) e aos 18 anos o segundo livro *Coração* (poemas livres e sonetos). Já possuía seis cadernos de poemas na gaveta, colaborava nos jornais e revistas da época, da província, de São Paulo e do Rio.

Teve vários contos publicados com ilustrações na Revista da Semana e No Malho. Com Américo de Carvalho, Elias Salomão Farah e Luiz Aguiar (C. César) Duílio Gambini, Djalma Noronha e

Raul Osuna Delgado (Avaré) Alfredo Nagib, Hilário Corrêa e Fuad Bunazar (Sorocaba) Benedito Almeida Júnior (Piracicaba) Cerqueira Leite, e Pedro José de Camargo (Itapetininga) fundou a União Artística do Interior, que promoveu dois concursos literários, um de poemas, pela sede da UAI em C. César, e outro de contos, pela Seção de Sorocaba.

Mário Graciotti o incluiu entre os colaboradores permanentes da seção literária de A Razão, em São Paulo, que publicava um poema de sua autoria todos os domingos. Nesse tempo já guardava três cadernos de contos e dois originais de romances em sua gaveta. Transformou (1928) o jornal político de seu pai em semanário literário e órgão da UAI.

Mudou-se para Marília em 1940 (com 26 anos) onde adquiriu o jornal Diário Paulista e o dirigiu durante seis anos. Com José Geraldo Vieira, Zoroastro Gouveia, Osório Alves de Castro, Nchmja Singal, Anathol Rosenfeld e outros promoveu, através do jornal, um movimento literário na cidade e publicou Estradas e Ruas (poemas) que Érico Veríssimo e Sérgio Milliet comentaram favoravelmente. Em 1946 mudou-se para São Paulo e lançou seu primeiro romance, O Caminho do Meio, que mereceu críticas elogiosas de Afonso Schmidt, Geraldo Vieira e Wilson Martins. Repórter, redator, secretário, cronista parlamentar e crítico literário dos Diários

Associados. Exerceu essas funções na Rua 7 de Abril por cerca de trinta anos.

Publicou cerca de quarenta livros de Filosofia, Ensaios, História, Psicologia, Parapsicologia e Espiritismo, vários de parceria com Chico Xavier, e está lançando agora a série de ensaios Pensamento da Era Cósmica e a série de romances e novelas Ficção Científica Paranormal. Alega sofrer de grafomania, escrevendo dia e noite. Não tem vocação acadêmica e não segue escolas literárias. Seu único objetivo é comunicar o que acha necessário, da melhor maneira possível. Graduado em Filosofia pela USP, publicou uma tese existencial: O Ser e a Serenidade.

José Lopes Neto

Nasceu em 1882 e era filho de Genésio Lopes e Clara Lopes. Foi um dos fundadores da Federação Espírita do Paraná. Elemento jovem, causou verdadeira admiração sua disposição pelo trabalho no Campo da Doutrina.

Muito moço ainda, Lopes Neto, tinha sobre seus ombros os encargos da casa e, na luta árdua pelo ganha pão de cada dia, sentia um entusiasmo inusitado pelas belezas da nova fé que abraçara com extrema convicção. Assim, em 11/11/1904, era conduzido ao cargo de 2º Secretário da Diretoria.

Foi o primeiro orador espírita a sair para o interior do Estado levando a palavra da nova Revelação, ainda não bem conhecida em nossos arraiais. Em 10/12/1905 foi eleito 1º Secretário da Federação e em 10/12/1906 eleito Vice-Presidente, em cujo cargo permaneceu até 13/1/1907.

Em 2/8/1908 foi eleito para a Comissão Central, órgão equivalente a um Conselho Soberano e, em 30/8/1908, eleito Secretário Geral. Em 10/4/1909 eleito Presidente, permaneceu até 3/1/1912. Em 3/3/1912 afastou-se até 12/1/1913 da Comissão Central. Retorna a Presidência em 11/1/1914 até 10/1/1915.

Sem se afastar de suas atividades nos trabalhos doutrinários, sobretudo com atuação de sua lúcida qualidade de médium. Ainda exerceu as funções de Procurador e Redator de “Monitor Espírita” nos anos de 1916 e 1917. Foi também Diretor do Albergue Noturno, interinamente, em 1917, ano em que, ainda jovem, em 8/10/1917 encerrou seu ciclo na presente existência, com apenas 35 anos, após tão assinalados serviços prestados à Federação Espírita do Paraná.

Moço modesto e sem os lauréis acadêmicos, revelou-se espírito grandemente amadurecido e quiçá escolhido pelo alto para o

exercício da tarefa. Teve como outros confrades de seu tempo uma atuação superior a 15 anos, com dedicação e verdadeiro amor à Doutrina.

José Luiz de Magalhães

Nascido no Rio de Janeiro a 6 de maio de 1875 e desencarnado na mesma cidade a 22 de novembro de 1949

Era filho de José de Magalhães Silva Júnior e D. Luíza Rodrigues Soares. Alma sensível, foi desde sua infância de caráter muito religioso. Educado no Colégio de Caraça, de padres católicos, entregava-se à contemplação com elevação de propósitos, chegando mesmo a auxiliar ofícios religiosos inerentes à sua igreja. Assim cresceu e constituiu família, casando-se no ano de 1898, com D. Julieta da Costa Magalhães, de cujo matrimônio nasceram-lhe sete filhos.

Ao deixar o Colégio, empregou-se no banco do Comércio, em 1892, ao qual serviu por 20 anos consecutivos, prestando ali, os mais relevantes serviços. Ótimo funcionário, assíduo e prestativo, conseguiu galgar postos de confiança e constituir família, dando-lhe relativo conforto e educação primorosa aos seus filhos.

Espírito bem formado, não podia ver ninguém sofrer, mesmo antes de conhecer a Doutrina Espírita já era a personificação da bondade, no trabalho, no lar, na rua, na sociedade, solidário na dor e na alegria, com quantos privassem com ele. Seu lema era aconselhar, ajudar e consolar, granjeando amigos, sem distinção de classe, cor ou nacionalidade; sua meta era servir, vendo em cada criatura sofredora, o companheiro que poderia ajudar a reerguer-se por todos meios e modos.

Um dia, sua filhinha Lídia, com poucos meses de idade adoeceu gravemente. Ele empregou então todos os meios para salvá-la, procurando os recursos médicos que foram inúteis. Triste e acabrunhado, já não sabia mais para o que apelar, foi quando ouviu falar do médium Ignácio Bittencourt. Na esperança de ver sua filhinha restabelecida, procurou-o e dele recebeu palavras de consolação e conforto, além de esclarecimentos em torno dos desígnios de Deus e da esperança na vida espiritual, que a vida não terminaria no túmulo, pois continuaria na espiritualidade e se ele perdesse a sua filhinha na Terra, ganharia uma amiga no Céu. O célebre seareiro falou-lhe sobre as belezas do Evangelho de Jesus e por fim o presenteou com um dos livros da Codificação Kardeciana, talvez o “Evangelho Segundo o Espiritismo”. Isso aconteceu no ano de 1904, quando ele converteu-se ao Espiritismo, tornando-se desde então valoroso propagador da Doutrina e assíduo freqüentador da Federação Espírita Brasileira, cuja sede nessa época era situada na rua do Rosário e na presidência estava o

dinâmico Leopoldo Cirne, um dos mais valorosos trabalhadores da Casa Mãter do Espiritismo no Brasil.

Nesse exato momento surgia mais um pioneiro do Espiritismo em nossa Pátria. Sua atuação inconfundível jamais sofreu solução de continuidade, sua alma cristã passou a desfrutar o Evangelho redivivo de Jesus à luz da Terceira Revelação; na sua humildade, sem querer jamais aparecer, entregava-se ao trabalho que se desenvolvia naquela Casa, dando tudo de si com muito amor, ao lado dos companheiros de lides doutrinárias, com base na fé raciocinada e reconhecendo que o primeiro passo para libertar-se espiritualmente seria sempre o trabalho.

Poeta nato, José Luiz de Magalhães, passou a colaborar desde então no “Reformador”, órgão de Federação Espírita Brasileira, com produção poética de sua lavra, dando asas ao seu estro, canta como ave canora as verdades evangélicas na revelação das revelações, o consolador prometido por Jesus: o Espiritismo. Na sua lira imortal, presta efusiva homenagem a Jesus, a Kardec e à Doutrina dos Espíritos. Dedicando muitos de seus versos a pioneiros ilustres, como Bittencourt Sampaio, Caíbar Schutel, Casimiro Cunha e ao seu querido mestre Ignácio Bittencourt, responsável pela sua conversão ao Espiritismo e por que nutria imorredoura gratidão.

Em 1906 foi eleito Diretor da Assistência aos Necessitados da Federação Espírita Brasileira, desenvolvendo corajoso programa de realizações, mantendo a infatigável visitação aos enfermos e necessitados de todos os matizes, num trabalho verdadeiramente apostolar, bem à altura de seus sentimentos humanitários. Nesse setor de grande relevância, começou o seu trabalho profícuo na Casa de Ismael. Em 1907, era eleito 2.º Secretário, cargo que exerceu até 1912, quando foi eleito, por unanimidade para o cargo de 1.º Secretário, sempre na presidência de Leopoldo Cirne, deixando ali traços indeléveis de sua passagem, notadamente nos trabalhos pertinentes à construção da nova sede na antiga rua do Sacramento, hoje Avenida Passos n.º 30. Às 14 horas do dia 10 de dezembro de 1911, com o comparecimento de figuras de todas as camadas sociais, entre eles o grande homem público que foi Quintino Bocaiúva proclamava, diante de mais de mil pessoas, a inauguração oficial da nova sede. Dentre os vários oradores, fez também uso da palavra o querido companheiro de todas as horas: José Luiz de Magalhães.

Ao lado do Ignácio Bittencourt, Ignácio Santos, Ernestina Ferreira dos Santos e um grupo de abnegados companheiros, ajudou na fundação do Abrigo “Teresa de Jesus”, dando também a sua parcela de serviço àquela Casa que honra a assistência à criança necessitada, modelo de trabalho e dignidade até o presente momento.

De sua lavra é o livro de poesias intitulado **Contemplações**, o mais belo e puro sentimento de sua alma sensível, no dizer de Indalício Mendes, um inspirado e o inspirado é quase sempre um médium, a mediunidade atributo de todos os poetas, quando suas almas viajam por mundos espirituais em busca de temas que chegam ao clímax da sublimação .

Produziu ainda ótimos versos, com **Prelúdio, Glórias, Quatro Flores, A Pastora** e outros. **Versos Antigos** é um livro dedicado à sua dedicada esposa. Traduziu também o **Fim de Satã**, de Victor Hugo, tradução que ratifica a sua cultura, o sentimento poético e a sua sensibilidade

Foi um espírita dedicado ao trabalho, durante toda sua vida, sempre aureolado pela simplicidade e pela modéstia, homem culto, porém, de certo modo tímido, deu sua vida à causa e à família, até a sua libertação do corpo carma, ocorrida no dia 22 de novembro de 1948. Nos seus escritos foi encontrado, posteriormente, um bilhete com os dizeres: “Á minha família: Desejo ser enterrado com a roupa que estiver vestido ou, se estiver de cama, amortalhado num lençol; sem anúncios, só avisando aos mais íntimos para o enterro, que deverá ser de terceira classe ou mais modesto ainda (ou da capela do cemitério), em jazigo provisório ou mesmo em cova rasa, fora do túmulo da família, sendo entregue o local ao cemitério findo o prazo, sem nenhuma exumação de ossos pela família. Dispensio

apresentações ou remessas de coroas fúnebres e peço, aos que quiserem, uma oração íntima por mim e pelos que sofrem. 2-2-1947 - ass. José Luiz Magalhães.”

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves de Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

José Nogueira dos Santos

O Professor José Nogueira dos Santos foi o sexto Presidente da Federação Espírita do Paraná e um dos seus mais atuantes membros contando mais de 20 anos como seu Diretor.

Nascido na cidade de Palmeira, Estado do Paraná, em 2 de Outubro de 1870, e desencarnado em Curitiba, em 24 de Julho de 1956, foi exemplo de homem em sua existência terrena de 85 anos.

Foi casado com D. Maria da Luz Pinto e de seu matrimônio houveram 9 filhos, dos quais cinco mulheres e quatro varões. O Professor Nogueira foi músico e inventor. De sua invenção existe um instrumento musical denominado “Politon” e um Manual de Estenografia. Foi também poeta, tendo produzido excelentes versos. Em 1951, publicou o livro “Vigílias” contendo mais de 120 poesias. Lecionou no Instituto Comercial do Paraná de 10 de Maio de 1910 até a data de 22 de Fevereiro de 1932.

Ingressou na Federação Espírita do Paraná em 13 de Julho de 1913, como Delegado do Centro Espírita “Paz e Luz” de Paranaguá. Em 10 de Janeiro de 1915 foi eleito Presidente da mesma entidade, tendo deixado o cargo a 9 de Janeiro de 1916. Grande amigo de Arthur Lins de Vasconcellos e de Flávio Ferreira da Luz, compôs com os mesmos os quadros direcionais da Federação por longos anos.

Seus 20 anos de atividades constantes nos quadros da Casa Mãter Espírita do Paraná, tiveram sua presença em vários cargos e funções, como um dos mais legítimos servidores; Presidente – de 10-01-915 a 916 e de 18-04-929 a 10-01-932. 1º Vice-Presidente – de 11-01-921 a 08-01-922; de 13-01-924 a 11-01-925; de 16-01-927 a 08-01-928; de 13-01-929 a 18-04-929 e de 11-01-933 a 935 – 2º Vice-Presidente – de 08-01-922 a 13-01-923 e de 01-01-928 a 13-01-929.

Em suas várias atividades foi Diretor do Núcleo Central e Membro das mais importantes Comissões. Exerceu a Direção das Escolas Elementares e das Escolas de Doutrina e bem assim a Presidência da Sociedade Publicadora Kardecista. No exercício da Presidência foi quem assinou a escritura de compra da área do terreno onde está construído o Sanatório “Bom Retiro”.

Em 12-01-936, deixou o Conselho Deliberativo, após mais de 20 anos e foi elevado a categoria de Sócio Benfeitor da Federação Espirita do Paraná e membro honorário do mesmo Conselho. Conhecedor dos ensinamentos doutrinários e sempre fiel à linha da Codificação, por muitas vezes usou da palavra em público para ensinar e deleitar aos que escutavam seu verbo sempre fluente e sua linguagem castiça.

José Pedro de Freitas (Arigó)

José Pedro de Freitas, mais conhecido pelo vulgo Arigó, nasceu a 18 de outubro de 1921, na Fazenda Faria, em Congonhas do Campo, e desencarnou em 12 de janeiro de 1971, em desastre de automóvel, quando se dirigia de Congonhas a Belo Horizonte.

Arigó era casado com Dona Arlete Soares, sua prima, de cujo consórcio nasceram seis filhos: José Tarcísio, Haroldo, Eri, Sidney, Leôncio, Antonio e Leonardo José.

Arigó, desde criança, entregou-se ao trabalho rude da enxada, na Fazenda Faria. Fez o curso primário no Grupo Escolar Barão de Congonhas. Foi proprietário de um pequeno bar naquela cidade, desistindo do comércio para trabalhar na picareta, nas minas da Siderúrgica Nacional. Mais tarde, foi nomeado servidor do IAPTC,

hoje INSS, onde trabalhou até os últimos dias de sua existência terrena.

Falar sobre as curas realizadas por esse grande médium não é nossa tarefa, pois, tratando do assunto, já foram publicadas várias obras de autoria de escritores nossos conhecidos. Entretanto, como se trata de um dos mais famosos médiuns que surgiram em nosso meio, não podemos deixar de fazer algumas referências sobre sua pessoa, notadamente no que diz respeito ao seu martírio.

Para este relato, valemo-nos da obra intitulada "Arigó, vida, mediunidade e martírio", de autoria do nosso confrade J. Herculano Pires, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

"Da primeira condenação, em 1958, ele ficou livre facilmente por ter sido indultado pelo então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Nesse tempo, Arigó ainda não sabia o que era um indulto e ficou muito satisfeito com a decisão do Presidente da República. Mas, já na segunda condenação, a 18 de novembro de 1964, Arigó tomou conhecimento do significado do indulto e quando lhe propuseram uma campanha nesse sentido ele a recusou, declarando firmemente: 'Não quero ser perdoado de crime que não pratiquei. Quero que a justiça reconheça a minha inocência. Não sou criminoso'. A tese do novo indulto permaneceu insistente, no

espírito de muitos amigos de Arigó, mas o médium não arredou o pé da sua posição corajosa".

Logo que o seu advogado, o prof. Jair Leonardo Lopes, livre docente de Direito Penal, da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, contratado pela família do médium, comunicou-lhe a sentença do juiz da Comarca de Congonhas, Dr. Márcio Aristeu Monteiro de Barros, condenando-o a um ano e quatro meses de detenção, Arigó prontificou-se a procurar o Magistrado e entregar-se à prisão. Do sítio de sua tia, em que se encontrava, seguiu diretamente para a presença da autoridade, em mangas de camisa, sem passar pela sua própria casa. Como o Juiz não dispusesse de viatura para conduzir o réu-sem-vítimas à prisão, o próprio Arigó ofereceu o veículo em que viera do sítio para ir à cadeia da vizinha cidade de Conselheiro Lafaiete, onde ficou detido. Verdadeira caravana de automóveis o acompanhou até lá. Era geral o ambiente de consternação em Congonhas. Os irmãos de Arigó, em sinal de pesar, prometeram deixar crescer a barba até que ele fosse libertado, o que realmente fizeram. De maneira que, na libertação posterior do médium, jornais e revistas publicaram curiosas fotografias em que indivíduos barbudos abraçavam Arigó, felizes pela sua volta a Congonhas.

A cadeia de Conselheiro Lafaiete (antiga Queluz), cidade maior que Congonhas e importante entroncamento ferroviário, é o que de

mais odioso se possa imaginar. Os infelizes que se recolhem àquele presídio perdem os mínimos direitos à condição humana. São trancafiados num xadrez exíguo e imundo e submetidos a regime animalesco. As autoridades, felizmente, compreenderam que não podiam tratar o médium Arigó como um criminoso vulgar. Deram-lhe algumas regalias, como cama, local à parte, direito de tomar banhos quentes e assim por diante.

Mas Arigó condeu-se da situação dos demais presos e declarava para todos os que, em número de milhares de pessoas, o visitavam na prisão: 'É uma pena o que fazem com esses meus colegas, gente boa que precisa ser melhor tratada para se corrigir'. Passou a conversar diariamente com os colegas, a interessar-se por todos eles, a distribuir com todos os presentes, frutas e doces que recebia, e pedir para eles a assistência de advogados e o amparo de autoridades que o visitavam. Conseguiu também, com auxílio dos seus parentes e amigos de Congonhas, que a imunda cadeia passasse por uma limpeza e pintura. Pediu que enviassem colchões aos presos e lutou para melhorar as instalações da prisão, com instalação de chuveiro e enceramento constante do piso.

Tudo isso, na verdade, era pouco. Mas era o que ele podia fazer. Verificou, depois, que ocorriam espancamentos e outras humilhações na prisão. Denunciou-os e conseguiu abertura de inquéritos. Certa vez, diante dos fatos absurdos que presenciou, foi

tomado de forte emoção e sofreu um enfarte que obrigou a sua remoção para um hospital. Seu sofrimento era intenso. Mas todos os que o visitavam saíam consolados com as suas palavras. 'Tudo o que Deus faz é bom, dizia ele constantemente.

Se Deus me permitiu vir para cá era porque eu tinha alguma coisa a fazer. E estou contente. Isto é um paraíso onde posso descansar, livre da trabalheira que tenho lá fora e de todos os que querem mandar em mim. Aqui estou livre'. Essas palavras iludiram a muitas pessoas que comodamente chegaram à conclusão de que Arigó estava melhor na prisão do que em Congonhas. Era uma boa desculpa para não se importarem com o caso e não precisarem lutar pela libertação do médium. Outras diziam: 'Médium é assim mesmo, tem de pagar algumas faltas do passado'. Arigó não as desmentia. Aceitava resignado a prisão, e chegou a marcar, na parede da cela, a data do final da sentença iníqua como a única em que seria libertado.

Conselheiro Lafaiete transformou-se num verdadeiro centro de romaria. Caravanas de todo o Brasil dirigiam-se àquela cidade para visitar Arigó na cadeia. Personalidades ilustres, civis e militares, fizeram questão de levar-lhe a sua solidariedade. E os doentes desenganados pela ciência humana continuaram a afluir a Congonhas e de lá se dirigiam a Lafaiete, à procura da mediunidade proibida."

Como se vê, não foram somente os médiuns do século passado que sofreram injusta perseguição. Por incrível que pareça, em pleno século XX as mesmas cenas se repetem. E um inocente, só porque desejava o bem a seus semelhantes, é encarcerado numa prisão imunda por denúncia daqueles que ainda vivem nas trevas da ignorância!

E, assim, concluímos mais este capítulo, no qual falamos sobre alguns médiuns famosos do passado, a fim de que os leitores tenham uma idéia, embora generalizada, a respeito desses abnegados trabalhadores da última hora, que não mediram esforços no sentido de provar, não só a imortalidade da alma, como também de minorar o sofrimento de seus semelhantes.

Devemos esclarecer, ainda, que não foram somente os médiuns enumerados que trabalharam nestes setores, mas muitos outros também se sacrificaram, grandemente, os quais deixamos de citar, porquanto, nosso trabalho, como o próprio título indica, visa tão somente dar ligeira noção sobre o Espiritismo, não permitindo, dessa forma, citação de todos os grandes missionários do Cristo, que deram o melhor de seus esforços, não só no campo de mediunidade, como também abrangendo outros aspectos da Doutrina Espírita.

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

José Florentino de Sena

Nascido no dia 2 de dezembro de 1866 e desencarnado a 25 de março de 1939.

Cabe a José Florentino de Sena, mais conhecido por José Petitinga, a glória de fazer Espiritismo organizado no Estado da Bahia, tornando-se um dos espíritas de maior projeção naquele Estado.

Consta que freqüentara e abandonara, em sua mocidade, por falta de recursos econômicos, um curso acadêmico. Era, no entanto, um homem dotado de sólida cultura geral, sendo notáveis suas lides jornalísticas, literárias e espíritas. Na qualidade de poeta, jornalista, contabilista e lingüista, era sobejamente estimado em sua época; como sertanista sabia recolher da Natureza virgem os grandes ensinamentos da vida. Grande conhecedor da nossa flora medicinal, jamais regateava a sua terapêutica de emergência a quantos dele se socorriam nas muitas viagens que fazia ao longo do Rio São Francisco.

Era zeloso cultor do vernáculo, ao ponto de merecer de César Zoma — político, latinista e orador baiano, a seguinte afirmação: "Não Bahia, em conhecimentos de latim, eu, e de português, o Petitinga".

Com 21 anos de idade leu "O Livro dos Espíritos", e ulteriores estudos e perquirições levaram-no a fundar, na cidade de Juazeiro, o "Grupo Espírita Caridade", onde foram recebidas, através do conceituado médium Floris de Campos Neto, belas e incentivadoras mensagens da entidade espiritual que assinava "Igotus".

Indo, em 1912, para a cidade do Salvador, Petitinga reviveu em sua residência, o "Grupo Espírita Caridade", aí reunindo companheiros realmente dedicados à Doutrina dos Espíritos e isentos do personalismo desagregador. Convidado, logo após, a participar do "Centro Espírita Religião e Ciência", que passava por uma fase de declínio, ele tudo fez para restaurá-lo. Mesmo com os poderes extraordinários que a Assembléia Geral lhe outorgou, tudo foi em vão.

Notando que a decadência daquela sociedade se devia em parte à falta de unidade doutrinária, à ausência de uma direção geral, Petitinga pensou, então, em fundar uma sociedade orientadora do movimento espírita no Estado, o que conseguiu materializar no dia 25 de dezembro de 1915, quando, em histórica reunião realizada na sede do "Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade", instalou a UNIÃO ESPÍRITA BAIANA, hoje transformada em Federação Espírita do Estado da Bahia.

No início a União Espírita Baiana não tinha sede em lugar definido, transferindo-se várias vezes de local, até que nasceu, cresceu e vingou a idéia da aquisição de sede própria, tão necessária à tranqüilidade dos dirigentes daquele movimento divulgador do Espiritismo. Em 4 de julho de 1920, a Diretoria recebia plenos poderes para trabalhar naquela direção e, em 3 de outubro do mesmo ano, foi solenemente inaugurada a sede própria situada no histórico Terreiro de S. Francisco (hoje Praça Padre Anchieta n.o. 8), onde funciona até o presente.

José Petitinga nasceu na fazenda denominada "Sítio da Pedra", margem direita do Rio Paraguaçu, termo de Monte Cruzeiro, Comarca de Amargosa, no Estado da Bahia, e desencarnou na cidade de Salvador. Era filho de Manoel Antônio de Sena e Maria Florentina de Sena.

Jornalista com brilhante atuação em diversas publicações da época, poeta elogiado por Sílvio Romero, Múcio Teixeira, Teotônio Freire e outros literatos de renome, orador fluente e ilustrado, José Petitinga se constituiu de direito e de fato, o centro de convergência do movimento espírita naquele Estado, que teve as primícias da propaganda doutrinária em nosso país. Sua figura, misto de humildade e austeridade, tornou-se popular naquela velha capital, infundindo respeito e consideração até aos próprios adversários da Doutrina Espírita.

São de sua autoria os livros de poesias "Harpejos Vespertinos", "Madressilvas" e "Tonadilhas", obras essas que mereceram grandes elogios de vários jornais importantes da época, inclusive do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro. O nome Petitinga foi usado como pseudônimo, nos primeiros artigos que escreveu, para fugir à censura paterna e de seus patrões, que não admitiam que um rapazola se metesse em lutas políticas, desafiando com sua preclara inteligência tradicionais políticos da época. Colaborou assiduamente em vários jornais e publicações de Nazaré, Amargosa, Juazeiro, Salvador e outras cidades.

Em face da popularidade do pseudônimo, pelo qual passou a ser conhecido em todo o mundo, resolveu adotá-lo como sobrenome, em substituição ao "Florentino de Sena", fazendo, para tanto, declaração pública através de Cartório.

José Petitinga, exemplo fiel de perseverança e trabalho, presidiu a União Espírita Baiana até a data da sua desencarnação, dando tudo de si — material e espiritualmente — para o engrandecimento daquela tradicional instituição e para a difusão do Espiritismo naquele grande Estado brasileiro.

Sir Joseph Oliver Lodge

Nasceu a 12 de junho de 1851, em Penkhull, Inglaterra. Educado no Grammar School de Newport e no University College de Londres, foi um dos mais reputados físicos da época.

Fez importantes investigações sobre a sede da força eletro-motiva na célula voltaica, sobre as ondas eletromagnéticas e a telegrafia sem fio. Ganhou fama mundial como inventor, tendo contribuído grandemente para o desenvolvimento da eletricidade.

Somente após os cinquenta anos de idade, é que Lodge voltou sua atenção para as manifestações psíquicas, tendo dado inestimável testemunho da sobrevivência e da comunicação dos Espíritos. Em sua obra "Porque eu Creio na Imortalidade Pessoal", declara ele:

"A prova da identidade pessoal está, assim, grandemente estabelecida, de maneira séria e sistemática, pelo exame crítico dos investigadores e, sobretudo, pelos esforços especiais e inteligentes dos comunicantes do além. Para mim, a evidência é virtualmente completa, e não tenho nenhuma dúvida da existência e da sobrevivência da personalidade, como não a teria sobre a dedução de qualquer experiência ordinária e normal."

Deixou escritas inúmeras obras, dentre as quais destacamos as seguintes: "Formatura do Homem", "Raimundo" e "Porque eu Creio na Imortalidade pessoal". ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

O nome de Sir Oliver Lodge constitui um dos mais altos ornamentos das ciências modernas. Cientista inglês nascido em Penkhull, Staffordshire em 12-06-1851 e desencarnado em Amesbury em 22-08-1940. Professor de física do Colégio Universitário de Liverpool no período de 1881-1900; diretor da Universidade de Birmingham em 1900 e professor em Oxford em 1903. Trouxe importantes contribuições às teorias da eletricidade de contato e eletrólise, da descarga oscilatória nas garrafas de Leyde, da produção de ondas eletromagnéticas no ar e introduziu melhoramentos do telégrafo sem fio.

Realizou experiência sobre diminuição de neblina por meio de dispersão elétrica. Autor de vários tratados científicos e obras entre as quais destacamos: "Manual de Mecânica Elementar", em 1877; "Pioneiros da Ciência", em 1893; "Vida e Matéria", 1905; "Elétrons ou a natureza e propriedades da eletricidade negativa", 1907; "Ciência e Mortalidade", 1908; "O éter no Espaço", 1909; "Além da Física ou a idealização do mecanismo", 1930.

A importância que o mundo deu à sua penetração pelo campo do espiritualismo e às experiências rigorosamente controladas com que estudou o caso post-mortem do seu filho Raymond, morto em uma trincheira de Flandres logo nos primeiros meses da primeira grande guerra, geraram fortes controvérsias. O desvio da rota da ciência acadêmica o tornou alvo de vigorosas agressões por partes de seus "colegas" de profissão.

Mas ele tinha plena consciência dos riscos que enfrentava. Marchou para o circo à maneira dos mártires cristãos. Mas foi sobretudo um mártir da ciência. Acusaram-no de ingênuo por aceitar afirmações do seu filho, dando conta da existência de bebidas, cigarros, árvores e casas na vida espiritual. Era apenas um pai desolado, que se entregava à dor natural da perda, diziam. No entanto, todos os que investigam os problemas do após a morte, sabem que nos planos inferiores do mundo espiritual a semelhança com o plano terreno é notória.

Oliver foi um exemplo vivo de coragem, ao dar testemunho de sua fé. Mas aquela fé consciente, racional e até mesmo exigente, ensinada por Kardec. Não a fé cega, proveniente da submissão medrosa e incondicional a princípios dogmáticos, mas fé que serve ao mesmo tempo de fundamento à religião e à ciência. Esse tipo superior de fé exclui a credice. Não é uma graça que vem do alto, mas conquista do homem através da evolução. Por isso mesmo não

é apenas divina, mas tem duas faces: é humana e divina ao mesmo tempo.

Os homens cultos, em geral, e particularmente os homens de ciência, fogem da fé religiosa, mas não podem escapar às garras lógicas da fé científica. Sir Oliver Lodge nos oferece um exemplo decisivo da conjugação desses dois aspectos da Fé, que assim, com inicial maiúscula, é uma só, como um rosto se compõe de duas faces. O personagem em pauta não foi somente um cientista de talento e pai amoroso, foi sobretudo um homem de visão plena e apurado senso crítico, ao desviar sua atenção para pesquisas espirituais, desempenhando o difícil papel de vanguardeiro de um tempo em que Ciência e Religião caminharão juntas pela mesma estrada da vida.

Judith Xavier Garuzi

Simple, honesta e humilde; modesta e sincera foi incansável divulgadora da Doutrina Espírita. Como Presidente da UDEB (União Distrital Espírita de Bangu), tudo fez para que as Casas Espíritas se comprometessem com o programa de Unificação, proposto pelo Pacto Áureo, em 1949, da Federação Espírita Brasileira.

Judith Xavier Garuzi nasceu no dia 28 de novembro de 1926, no Rio de Janeiro, filha de Francisco Garuzi e D. Nair Xavier Garuzi. Não chegou a terminar o Curso Primário; precisava ajudar a manutenção

da família. Quatorze irmãos, dos quais seis eram adotivos. Trabalhou na Fábrica de Bangu alguns anos, por sua inteira decisão, providencial, porém, naquela emergência familiar.

Aos cinco anos de idade foi matriculada na Escolinha de Moral Cristã do Centro Espírita "Jesus, Maria e José", sendo a sua evangelizadora a inesquecível 'Tia Zuzú', pois toda a família era espírita. Na juventude, o ardoroso confrade Francisco Garuzi, seu pai, foi eleito Presidente do Grêmio Espírita "Guias Celestes", no Realengo, onde ela participou da Mocidade Espírita, exercendo diversas tarefas, inclusive como professora de alfabetização de crianças e adultos.

Tomou parte ativa em diversos Congressos, inclusive no 1º congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, em julho de 1948. Participou de outros eventos, como Simpósios, Semanas Espíritas, Cursos etc..

Judith Garuzi resolveu transferir-se para Porto Alegre (RS), quando se agregou à Instituição Espírita "Amigo Germano", no setor assistencial a famílias carentes, onde trabalhou por um período de cinco anos. Retornado ao Rio de Janeiro, voltou ao "Jesus, Maria e José", onde desempenhou diversas atividades, inclusive de redatora do Jornal "Sol Nascente" ao lado de Wilson Longobucco. Interessou-se pelo Movimento de Unificação, participando da então Liga

Espírita do Estado do Rio de Janeiro, atual União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USERJ), quando foi eleita Presidente da UDEB "União Distrital Espírita de Bangu". A partir daí o seu trabalho foi ainda mais dinâmico.

O Movimento Espírita de Bangu ganhou nova vida. Depois de um dia de trabalho, chegando quase à exaustão, recolhia-se ao seu quarto para a leitura do Evangelho. Muito amparada pelos Amigos Espirituais, recebia o estímulo para continuar nas tarefas do Bem. Teve algumas visões do passado e compreendeu o porquê dos problemas do presente. Dedicou-se com muito carinho à Evangelização Infanto-Juvenil, incentivando o gosto artístico pelo canto, poesia, teatro, jornalismo, alcançando grande êxito.

Na década de 1970, aproximou-se da Ação Cristã "Vicente Moretti", sob a direção de Aurino Costa e D. Santa. Como se sabe, a ACVM, abriga crianças parálíticas e excepcionais. Em virtude das suas múltiplas tarefas, quase chegou à exaustão física, parou em pouco tempo. Em 1977, foi consultada sobre a possibilidade de evangelizar as crianças deficientes. Com o seu amor às crianças e prática na evangelização conseguiu grandes progressos em sua tarefa. Era emocionante, quando ela, Aurino e Otávio do Rosário, de mãos dadas, elevavam o pensamento em prece a Jesus, rogando abençoasse aqueles momentos.

Certa vez Judith Garuzi foi convidada a participar de uma Juventude Evangélica. A palavra Ihe foi oferecida e sua explanação emocionou a todos. Falando sobre um tema evangélico, sem tocar em religião, foi convidada a voltar sempre. O pastor agradeceu sua presença dizendo que a Igreja se sentia honrada em tê-la como convidada.

Judith Xavier Garuzi desencarnou no dia 13 de junho de 1979, vítima de um enfarte do miocárdio. Deixou imorredoura saudade no Movimento Espírita. Em 1992, pela mediunidade de Altivo Caríssimi Panphiro e de Lúcia Moreira, no Centro Espírita "Léon Denis", foi revelado que ela e o Aurino Costa estavam orientando a tarefa de Evangelização nas Instituições de Bangu.

Julian Ochorowicz

Exerceu a cátedra na Universidade de Lemberg.

Na Itália, teve oportunidade de constatar os extraordinários fenômenos produzidos por Eusápia Paladino. Declarou na "Gazeta Semanal Ilustrada", o seguinte:

"Quando me recordo de que, numa certa época, eu me admirava da coragem de William Crookes em sustentar a realidade dos fenômenos espíritas; quando reflito, sobretudo, que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava a fisionomia dos seus colegas,

ao simples enunciado destas coisas, eu coro de vergonha por mim próprio e pelos outros."

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Júlio Abreu Filho

Nascido na cidade de Quixadá, Estado do Ceará, a 10 de dezembro de 1893, e desencarnado em São Paulo, no dia 28 de setembro de 1971.

Fez os cursos preparatórios no Estado do Ceará, no Colégio S. José (Serra do Estêvão). Em 1911, ingressou na Escola Politécnica da Bahia, sediada em Salvador, não chegando a completar o curso. Em seguida transferiu-se para a cidade de Ilhéus, também no Estado da Bahia, onde passou a trabalhar na Delegacia de Terras, da Secretária da Agricultura. Foi funcionário da Prefeitura Municipal e da Estrada de Ferro Inglesa, participando ativamente da construção do trecho Ilhéus-Conquista, naquele mesmo Estado.

No ano de 1921, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar na companhia Light. Em 1929, ainda trabalhando nessa mesma empresa, foi transferido para São Paulo, participando da construção da usina hidroelétrica de Cubatão.

Nos idos de 1934- 35 dedicou- se ao magistério secundário, lecionando em vários colégios da Capital paulista. Em 1936, como funcionário da Secretária da Agricultura do Estado de S. Paulo, secção de engenharia rural, tomou parte saliente em vários e importantes projetos no interior do Estado.

No seio do Espiritismo exerceu numerosas atividades. Foi membro da diretoria da União Federativa Espírita Paulista. Participou ativamente da fundação da União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo, da qual foi conselheiro durante muitos anos. Teve marcante atuação no I Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, realizado em S. Paulo.

No ano de 1949, deu início a gigantesca tarefa de verter para o vernáculo a "Revue Spirite", revista espírita publicada por Allan Kardec durante doze anos consecutivos. Com esse propósito fundou a "Édipo - Edições Populares", lançando concomitantemente o jornal "Édipo" que teve vida efêmera. A divulgação da tradução da "Revue Spirite" foi mais tarde encetada pela "Edicel", de S. Paulo.

De sua bibliografia constam os livros "Erros Doutrinários", "Poeira da Estrada". Efetuou também a tradução para o português das

obras "O Evangelho Segundo o Espiritismo" e "Profecias de Daniel e o Apocalipse".

Júlio Abreu Filho colaborou assiduamente em muitos jornais e publicações espíritas. Era orador bastante requisitado, tendo ocupado a tribuna de numerosas instituições espíritas. Foi ainda representante no Brasil, de vários organismos espíritas do exterior.

Nos últimos anos de sua vida viveu paralítico, passando por sofrimentos que lhe causaram muitos dissabores.

Júlio Luz de Carvalho

Sempre foi considerado um confrade de equilíbrio e concórdia na Diretoria da Federação Espírita do Estado do Maranhão, e também um símbolo de humildade e solidariedade, sobretudo na luta pela Unificação, proposta pelo Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira.

Júlio Luz de Carvalho nasceu na cidade de Pindaré-Mirim, Município de Santa Inês, Maranhão, no dia 3 de junho de 1931. Filho de Garibaldi José de Carvalho e D. Maria da Luz Carvalho.

Realizou seus primeiros estudos em sua terra natal, o Curso Primário, e Secundário no Ateneu Teixeira Mendes, em São Luiz ingressando, posteriormente, na Faculdade de Farmácia e Odontologia, da Faculdade Federal do Maranhão, onde se formou, recebendo o diploma de Odontologia no dia 30 de dezembro de 1955. Exerceu a profissão com muita probidade por toda a sua vida.

Como jornalista, colaborou com a Imprensa do Maranhão, especialmente com "O Imparcial" e "O Estado do Maranhão". Foi funcionário público estadual, servindo em diferentes órgãos do Governo.

Casou-se com D. Laise Maria Souza de Carvalho; tiveram dois filhos, Berenice e Fábio, mas adotaram seis crianças, que criaram e educaram com muito carinho: Ana Paula, Ânderson, Camilla, Roberto, Anatália e Domingas.

De família católica, Júlio Luz de Carvalho tomou conhecimento do Espiritismo ainda jovem, com a leitura das obras de Allan Kardec. Impressionado com a lógica e o conteúdo literário, passou a freqüentar o Centro Espírita "Aluísio Farias", participando de todos os trabalhos, crescendo cada vez mais a sua fé e a sua confiança na Espiritualidade Maior. Participou da fundação da Instituição Espírita "Nosso Lar", da Sociedade de Estudos Espíritas "Ismael" e do Centro Espírita "Amigos dos Pobres". Trabalhou muito em favor de cada

uma dessas Instituições e foi Presidente da Sociedade de Estudos Espíritas "Ismael" e da Federação Espírita do Estado do Maranhão, prestando a ambas os mais relevantes serviços em todas as áreas.

Júlio Luz de Carvalho foi também expositor de grande projeção no Maranhão. Mesmo quando na Presidência da Federação não deixava de atender ao Movimento Espírita, aproveitando da oportunidade para divulgar o plano de Unificação, proposto pelo Pacto Áureo, em 1949.

Dedicou-se também à assistência aos necessitados, amparando idosos e mendigos. Criou a Sopa dos Pobres, que manteve por mais de 30 anos, até quando ocorreu a sua desencarnação. Hoje uma equipe que viveu o seu idealismo continua essa tarefa em sua memória. Amigo das crianças e dos jovens, Júlio incentivou a Evangelização Infanto-Juvenil, que considerava um processo educativo por um Mundo melhor.

Criou na Federação Espírita do Estado do Maranhão diversos Cursos, que julgava imprescindíveis para orientação dos que vinham egressos de outras religiões. Ao mesmo tempo abria novas frentes de trabalho; Cursos para Evangelizadores da Infância, de Divulgadores do Espiritismo, de Mediunidade e Doutrina etc. Adotou a música, apenas para as reuniões da Infância e Juventude e música selecionada para as reuniões mediúnicas.

Júlio Luz de Carvalho desencarnou no dia 21 de março de 1993, em São Luís, vítima de um enfarte do miocárdio. Estava na Presidência da Federação, cumprindo o seu terceiro mandato. Sua folha de serviço à Doutrina dos Espíritos foi muito grande, sobretudo pelos seus exemplos de humildade e também Amor ao Próximo.

Juvêncio de Araújo Figueiredo

Nascido a 27 de setembro de 1865, em Coqueiros, Florianópolis, Estado de Santa Catarina, e desencarnado a 6 de abril de 1927, na mesma cidade.

Juvêncio de Araújo Figueiredo foi um infatigável servidor da Doutrina Espírita, devendo-se a ele grande parte dos trabalhos de divulgação que foram realizados no Estado de S. Catarina.

Iniciou sua vida como tipógrafo, passando posteriormente a colaborar em vários jornais, tanto de sua terra como de outros pontos do país. Poeta mavioso, teve a honra de fazer parte de um grupo de beletristas, do qual faziam parte Cruz e Souza, Santos Lostada, Oscar Rosas, Virgílio Várzea, Horácio de Carvalho e outros. Em 1904, escreveu "Ascetérios". Logo após produziu alguns trabalhos inéditos, tais como "Praias" e "Novenas de Maio".

Foi companheiro e amigo predileto do genial Cruz e Souza, fazendo parte da Academia Catarinense de Letras, onde ocupava o número 17. No exercício de funções públicas, foi secretário da Municipalidade, em São José, naquele Estado, galgando posteriormente o elevado cargo de secretário da Assembléia Legislativa, em Florianópolis.

Araújo Figueiredo foi um dos mais notáveis médiuns espíritas, podendo-se mesmo dizer que foi uma das raras jóias da mediunidade, pois, além das incalculáveis possibilidades que os Espíritos do Senhor nele encontravam para suavizar as dores dos alquebrantados da alma e do corpo, era dotado de notável poder de análise e de discernimento. A sua mediunidade era das mais seguras, pois, como médium metuculoso e amante da verdade, tudo submetia ao crivo da razão e da lógica.

Correm por centenas os fatos produzidos por seu intermédio, principalmente as extraordinárias curas que conseguia realizar. Era também de se admirar as revelações que fazia a respeito daqueles que chegavam até a sua casa, atraídos meramente por curiosidade sobre os fenômenos que se produziam por seu intermédio.

Araújo Figueiredo viveu na Terra 62 anos, grande parte dos quais destinados à difusão do Espiritismo. Os que tiveram a oportunidade de conhecer ou conviver com esse grande seareiro, médium e conselheiro, puderam sentir o quanto vale um homem que tem dons de Espírito e que os coloca a serviço do seu próximo.

(Dados biográficos extraídos do "Boletim Espírita", de Florianópolis).

Lacordaire

Em junho de 1853, quando as mesas girantes e falantes agitavam os salões da Europa, depois de terem assombrado a América, em missiva a Mme. Swetchine, datada de Flavigny, ele escreveu: "Vistes girar e ouvistes falar das mesas? _ Desdenhei vê-las girar, como uma coisa muito simples, mas ouvi e fiz falar.

Elas me disseram coisas muito admiráveis sobre o passado e o presente. Por mais extraordinário que isto seja, é para um cristão que acredita nos Espíritos um fenômeno muito vulgar e muito pobre. Em todos os tempos houve modos mais ou menos bizarros para se comunicar com os Espíritos; apenas outrora se fazia mistério desses processos, como se fazia mistério da química; a justiça por meio de execuções terríveis, enterrava essas estranhas práticas na sombra.

Hoje, graças à liberdade dos cultos e à publicidade universal, o que era um segredo tornou-se uma fórmula popular. Talvez, também, por essa divulgação Deus queira proporcionar o desenvolvimento das forças espirituais ao desenvolvimento das forças materiais, para que o homem não esqueça, em presença das maravilhas da mecânica, que há dois mundos incluídos um no outro: o mundo dos corpos e o mundo dos espíritos."

O missivista era Jean-Baptiste-Henri Lacordaire, nascido em 12 de maio de 1802, numa cidade francesa perto de Dijon. A despeito de seus pais serem religiosos fervorosos, o jovem Lacordaire permaneceu ateu até que uma profunda experiência religiosa o levou a abraçar a carreira de advogado, na Teologia.

Completando os estudos no Seminário, na qualidade de professor pôde constatar o relativo descaso dos seus estudantes pela religião. No intuito de despertar a afeição pública para a Igreja, como colaborador do jornal L'Avenir, passou a lutar pela liberdade daquela da assistência e proteção do Estado.

Vigário da famosa Catedral de Notre-Dame, em Paris, a força da sua oratória atraía milhares de leigos para o culto. Em 1839 entrou para

a Ordem Dominicana na França, trabalhando pela sua restauração, desde que a Revolução Francesa a tinha largamente subvertido.

Discípulo de Lamennais, preocupou-se em afirmar que a união da liberdade e do Cristianismo seria a única possibilidade de salvação do futuro. Cristianismo, por poder dar à liberdade a sua real dimensão e a liberdade, por poder dar ao Cristianismo os meios de influência necessários para isto. Insistia que o Estado devia cercar seu controle sobre a educação, a imprensa, e trabalho de maneira a permitir ao Cristianismo florescer efetivamente dentro dessas áreas

Foi Membro da Academia Francesa e o Codificador inseriu artigo a seu respeito na Revista Espírita de fevereiro de 1867, seis anos após a sua desencarnação, que se deu em 21 de novembro de 1861. Nele, reproduz extrato da correspondência que inicia o presente artigo, comentando: "Sua opinião sobre a existência e a manifestação dos Espíritos é categórica. Ora, como ele é tido, geralmente, por todo o mundo, como uma das altas inteligências do século, parece difícil colocá-lo entre os loucos, depois de o haver aplaudido como homem de grande senso e progresso. Pode, pois, ter-se senso comum e crer nos Espíritos."

Em sessão realizada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 18 de janeiro daquele ano, o médium "escrevente habitual"

Morin, descreveu a presença do espírito do padre Lacordaire, como "um Espírito de grande reputação terrena, elevado na escala intelectual dos mundos (...) Espírita antes do Espiritismo (...)" e concluiu:

"Ele pede uma coisa, não por orgulho, por um interesse pessoal qualquer, mas no interesse de todos e para o bem da doutrina: a inserção na Revista do que escreveu há treze anos. Diz que se pede tal inserção é por dois motivos: o primeiro porque mostrareis ao mundo, como dizeis, que se pode não ser tolo e crer nos Espíritos. O segundo é que a publicação dessa primeira citação fará descobrir em seus escritos outras passagens que serão assinaladas, como concordes com os princípios do Espiritismo."

Mas ele mesmo, Lacordaire, retornou de Além-Túmulo, para emprestar à obra da Codificação a sua inestimável e talentosa contribuição.

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo encontramos 3 mensagens, ditadas no Havre e Constantina, todas datadas do ano de 1863, discorrendo sobre "O bem e mal sofrer" - cap. V, item 18; "O orgulho e a humildade" - cap. VII, item 11 e "Desprendimento dos bens terrenos" - cap. XVI, item 14.

Lamartine Palhano Júnior

Dedicado pesquisador da fenomenologia espírita, desencarnou em Vitória (ES), no dia 14 de novembro de 2000. Lamartine Palhano Júnior nasceu na cidade de Coronel Fabrício (MG), em 15 de dezembro de 1940. Criança ainda, seus genitores transferiram residência para Vitória.

Casou-se com Dona Rosane Lima Palhano e tiveram dois filhos: João Marcelo e Clarice. Graduou-se em Farmácia e realizou seu mestrado na área de bacteriologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutorando-se em ciências, desenvolvendo ainda intensa atividade acadêmica.

Lecionou microbiologia na Universidade do Estado do Espírito Santo e patologia na Universidade Federal do Espírito Santo. Contribuiu de forma marcante com o Movimento Espírita em várias áreas: pesquisas científicas no campo mediúnico, publicação de livros, realização de palestras e cursos diversos. Fundou a FESPE (Fundação Espírita Santense de Pesquisa Espírita) e logo depois o CIPES (Círculo de Pesquisa Espírita de Vitória). Participou de alguns seminários do Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB), no Rio de Janeiro e deu grande contribuição à Casa Espírita Cristã de Vila Velha (ES).

De sua extensa bibliografia constam: livros infantis, infanto-juvenis, de estudos bíblicos, biográficos (Mirabelli – um médico extraordinário, Dossiê Peixotinho e outros), dicionários (Léxico kardequiano e Dicionário de filosofia espírita) científicos (Experimentação mediúnica e outros), romances.

Fonte: Anuário Espírita 2002 – IDE

Lauro Schleder

Nasceu no dia 13 de junho de 1905, no distrito de Guarapuavinha, município de Guarapuava, e desencarnou, em Curitiba, no dia 22 de março de 1984, com a idade de 79 anos incompletos.

Lauro Schleder deixou, também, dois livros publicados: "Pioneirismo e Humildade" e "Em Prol da Civilização do Espírito", além de outros trabalhos esparsos. Foi conselheiro da Federação Espírita do Paraná, onde proferiu inúmeras exposições doutrinárias. Dirigiu, também, o periódico "Mundo Espírita", por mais de 20 anos consecutivos, deixando a direção desse órgão somente quando seu estado de saúde não mais permitia permanecer à frente, passando para nossa pessoa a direção do jornal.

Quando se realizou o IV Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas, em Curitiba, Lauro Schleder, um dos promotores do

conclave, assim se expressou: "A codificação kardequiana constitui-se na maior revolução espiritual que já envolveu o gênero humano, pois sem ela o próprio Cristianismo não se completaria. A posteridade, não tenhamos a menor dúvida, um dia isso reconhecerá, proclamando-o".

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Lázaro

Lázaro é a forma grega da abreviação hebraica lāzār _ Eleazar - "Deus ajuda". É apresentado como irmão de Marta e Maria, residentes todos em Betânia, distante cerca de uma hora de Jerusalém. Era uma aldeia singela, cercada "por imensos campos de cevada, pequenos bosques de olivedos e figueiras", no caminho de Jerusalém para Jericó.

A aldeia era um contraste à aspereza da Judéia, pelo verdor de que se revestia. Os declives eram cheios de folhagens, as casas brancas mostravam seus alpendres floridos e flores miúdas enfeitavam o tapete de relva verdejante. Lázaro, como suas irmãs, amava Jesus e o dizia abertamente. Jesus era como um membro da família e recebido sempre com alegria. Quando o Mestre se encontra nas proximidades, é ali, na casinha risonha e franca que é recebido à porta pelo amigo, com efusivo abraço e o ósculo no rosto.

Em Betânia teve Jesus uma segunda família, no ninho de afeições que lhe oferecem os amigos. O amigo dedicado, Lázaro, lá estava. Era o único lugar onde o Galileu podia gozar algumas horas de sossego, de intimidade familiar _ era como se estivesse em casa. Lázaro é o grande e devotado amigo de Jesus. É em Betânia, quando o Rabi narra ao amigo os últimos acontecimentos e explana sobre o futuro, enquanto a noite avança, que se deu o célebre episódio em que Jesus enfatiza a escolha da melhor parte, conforme narra Lucas no seu Evangelho, cap. 10:38-42.

Quando Lázaro adoeceu, no mês de shebat (fevereiro), Jesus se encontrava pregando na Peréia e as irmãs lhe remeteram um mensageiro. Foram dois dias de marcha e o recado foi breve: "Senhor, eis que está enfermo aquele que amas."

O profeta de Nazaré o sossega, despedindo-o com a certeza de que aquela enfermidade não levaria à morte, antes era para a glória de Deus. Passados dois dias, Jesus empreende a jornada de retorno à Betânia, portanto, ao chegar ao seu destino Lázaro estava com 4 dias de sepultura, pois morrera na mesma data em que o mensageiro de Marta e Maria transmitira a Jesus o recado.

Por ser uma família distinta e estimada, havia muitas visitas na chácara de Betânia, quando a notícia da presença de Jesus O precede. Marta vai ao Seu encontro e na encruzilhada, à beira da povoação, avistando-O, fala-lhe: "Senhor, se estiveras aqui não teria morrido meu irmão." Parece uma queixa e um velado pedido, que se reveste de leve esperança.

Não longe dali ficava o sepulcro de Lázaro, num rochedo da encosta. O acesso se dava por estreita escada rústica e uma escura galeria subterrânea, com um bloco de pedra, em forma de mó, tapando a boca do sepulcro. Jesus pede a Marta que chame sua irmã e, acompanhado ainda por todos os judeus que estavam na casa àquela hora e seguiram Maria, o Mestre se dirige ao local onde o corpo do amigo estava encerrado.

Narra o evangelista que Jesus chorou. Embora os judeus tenham comentado que aquela era a demonstração do quanto o Rabi amava Lázaro, as Suas lágrimas sentidas e sinceras se deviam à constatação da ignorância de que os homens ainda eram portadores e conseqüentemente, muitas seriam as dores que os avassalariam por largo tempo empós. Ao comando de Jesus, Marta manda abrir o túmulo. Um hálito pestífero se espalha pela vizinhança. Envolto em largas faixas embalsamadas de essências raras, o rosto coberto com um sudário, lá está o cadáver.

Ora o Mestre ao Pai e depois brada com voz vibrante: "Lázaro, vem para fora." Alguma coisa branca se move no fundo escuro da catacumba. Aproxima-se. Os contornos parecem mais nítidos. Caminha lentamente e, enrolado da cabeça aos pés nas faixas do embalsamamento, Lázaro responde a Jesus: "Eis-me aqui, Senhor!"

E quando a noite se fez, Lázaro é novamente o bom hospedeiro, andando, sorrindo, comendo do pão que todos comiam. Era o motivo de todas as alegrias. Ao mesmo tempo um motivo de terror. Para aquela gente, ele se tornou um enigma. Quais seriam suas recordações daqueles 4 dias em que estivera no Vale da Morte? Mas ninguém ousava lhe perguntar as aventuras da misteriosa viagem.

Pelo desconhecimento da letargia, nas semanas que se seguiram, quase que não se falava de outra coisa em Jerusalém e arredores. Jesus nem tocara no cadáver. Apenas ordenara e Lázaro agora estava no meio deles, em perfeita saúde. Muitos o procuravam e ele se tornou alvo de curiosidade geral. Depois de verem a Lázaro, os curiosos iam ter com Jesus, contemplando com um misto de admiração e medo aquele homem de Nazaré, que dava ordens à própria morte, e a morte lhe obedecia.

Quando, uma semana antes de Sua morte na cruz, Jesus retorna a Betânia, narram João, Marcos e Mateus que a localidade fervilhava

de peregrinos, por causa das celebrações da Páscoa judaica que se avizinhava. Jesus foi convidado a jantar em casa de um tal Simão, chamado leproso. Talvez um daqueles que Ele curara em algum momento da Sua jornada de luz pela Terra.

Lázaro foi convidado, naturalmente, para tomar lugar à mesa do festim. Personagem tão distinto não poderia faltar. Entretanto, desde que o Amigo Celeste o trouxera de retorno à vida física, despertando-o do sono letárgico, Lázaro não é mais o mesmo. Tudo ao seu redor, a paisagem risonha, a casa confortável, a delícia da vida, tudo se tornou uma coisa sem importância.

Lázaro entendera a mensagem de Jesus. Os homens o temem porque percebem que o sangue palpita nas suas veias, seu corpo é quente, seus olhos brilham, seus lábios sorriem. Ele retornou "do outro lado", mas dentro dele a vida canta "como esplende na paisagem colorida e na asa dos pássaros." (3)

Em Lázaro há uma intensa alegria pois reconhece a verdade nas palavras de Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim viverá, ainda que tenha morrido; e quem em vida crê em mim não morrerá eternamente."

E o amigo de Betânia se dispõe a trabalhar com Jesus, no cortejo de espíritos da equipe do Espírito de Verdade. As suas páginas, A afabilidade e a doçura, Obediência e resignação, A lei de amor, O dever se encontram em O evangelho segundo o espiritismo, no capítulo IX, itens 6 e 8, capítulo XI, item 8 e no de número XVII, item 7, ditadas todas no período de 1861 a 1863 em Paris.

Bem se revela Lázaro como aquele que muito amou a Jesus, elegendo-O à condição de amigo e seguindo-O, na qualidade de Guia e Modelo, quando afirma: "O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, visto que esse é o sentimento por excelência..."

"...A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais...Quando Jesus pronunciou a divina palavra _ amor, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo."(O evangelho segundo o espiritismo, cap. XI, item 8)

Divaldo P. Franco. As primícias do reino, Sabedoria, 1967. cap. 16

Lázaro Luiz Zamenhof

LÁZARO LUIZ ZAMENHOF nasceu em 15 de dezembro de 1859, na cidade de Bialystok, na Polônia, então anexada ao Império Russo.

Era filho de Rosália e Marcos Zamenhof, criterioso professor de geografia e línguas modernas.

Bialystok era uma pequena cidade que se constituía num palco de dolorosas lutas raciais, agravadas pela incompreensão lingüística entre os seus habitantes. A Polônia pertencia ao Império Moscovita, onde se falava cerca de duzentas (200) línguas diferentes. Só na pequena Bialystok falavam-se quatro (04) línguas oficiais: o Russo, o Alemão, o Polonês e o Ídiche.

Eram quatro nacionalidades distintas que tinham objetivos antagônicos, com línguas diferentes e crenças hostis umas às outras. O menino Lázaro, com apenas 06 anos de idade, já se constrangia e se indagava ao assistir a discussões e contendas que terminavam em lágrimas, sangue e até mesmo em mortes violentas. Essa impressão terrível não mais se apagaria de sua mente.

Desde menino era prudente, modesto, pensativo e estudioso e em sua mente de gênio já se apresentava a idéia de elaboração de uma única língua neutra internacional. Na escola mostrava talento e cultura invulgares para escrever e era admirado pelos professores e amigos. Possuía uma conduta tranqüila e maneiras gentis. Nunca se mostrava superior a quem quer que fosse, nem em casa nem na escola.

Na 5ª série primária começou a estudar o inglês e ainda muito jovem estudou o francês e o alemão. Iniciando o curso ginásial, passou a estudar fervorosamente as línguas latina e grega, examinando a possibilidade de uma delas se constituir em língua internacional. Todavia, até a língua latina era difícil e cheia de antigas e inúteis formas. Mais simples, mais conveniente para o uso atual deveria ser uma língua sonhada. Ela deveria ser de aprendizagem rápida e acessível também ao povo e não apenas aos letrados. O fundamento da língua sonhada deveria ser a simplicidade e a lógica.

Nesse ínterim, a família transferiu-se para Varsóvia. Quando cursava a última série ginásial, já havia concluído o seu projeto sobre a Língua Universal. No dia 05 de dezembro de 1878, ele e um grupo de 6 ou 7 colegas do ginásio festejaram, ao redor de um bolo preparado carinhosamente por sua mãe, o nascimento da Língua Internacional. Na verdade, o projeto naquele dia comemorado era apenas um forma embrionária do que mais tarde seria o ESPERANTO.

Terminado o ginásio, foi mandado para Moscou, onde iria estudar Medicina. Antes, porém, o jovem ZAMENHOF teve de prometer ao pai que abandonaria a idéia da língua universal, pelo menos

provisoriamente, até terminar o curso de Medicina, e teve de entregar-lhe, naquele dia, os cadernos que continham os originais.

Seus pais não puderam mantê-lo em Moscou e fizeram-no regressar a Varsóvia. Contava então 22 anos de idade. Durante o seu afastamento, seu pai, "prudente e rigoroso", por amor ao seu filho, temendo por seu futuro, queimou todos os manuscritos sobre a Língua Internacional.

Tão logo voltou à casa paterna, procurou por seus manuscritos e, não os encontrando, perguntou à mãe por eles. A resposta materna foram apenas lágrimas e silêncio. Lázaro Luiz adivinhou tudo. Procurou o pai e pediu-lhe para desfazer a promessa, pois queria dar continuidade ao seu grandioso trabalho. Tinha guardado na memória tudo o que continham os originais queimados. Fervorosamente refez tudo.

Só depois de experimentos exaustivos e comprovações minuciosas com os estudos da gramática e vocabulário intensamente vividos e testados foi que considerou pronta a sua obra. Estava nessa época com 28 anos de idade.

Mas restava um último detalhe: como publicá-la, sendo sua situação financeira bastante precária? De onde viriam os recursos?

Um auxílio surgiu de onde ele menos esperava. Seu futuro sogro, homem afeito à cultura, financiou totalmente a publicação da obra, e, a 26 de julho de 1887 saía da oficina gráfica o seu primeiro livro.

Era uma gramática com as instruções em russo e chamava-se "LINGVO INTERNACIA", de autoria de "DOKTORO ESPERANTO". Esse pseudônimo, que na nova língua significa "DOUTOR QUE TEM ESPERANÇA", com o decorrer do tempo, passou a ser usado por seus aprendizes, para denominar a própria língua: ESPERANTO. Pouco tempo depois eram lançadas as edições em polonês, francês, alemão , etc. Nesta ocasião Zamenhof teve que adotar outro pseudônimo, e optou pelo de "Unuel", o que revela a sua grande humildade. UNUEL é composto pelas palavras unu (um) e el (entre), pois Zamenhof considerava-se apenas um dentre os demais esperantistas, não aceitando que o chamassem de Mestre.

Sem deixar a profissão, já médico formado, ZAMENHOF trabalhou ardorosamente na divulgação da Língua Internacional. Tamanha importância deu à propagação de seu ideal que, só depois de concluída e editada sua obra, veio a casar-se com CLARA SILBERNIK, com quem teve 06 filhos.

As pessoas que aderiram à língua neutra ficaram encantados com a força unificadora do ESPERANTO, e renderam-se à autoridade irresistível do grande missionário ZAMENHOF, cujos talentos de

pensador profundo, intelectual vigoroso, artista inspirado e condutor nato sustentaram a causa com tal genialidade que nenhuma força, interna ou externa, pôde jamais destruí-la.

Toda a vida do DOUTOR ESPERANTO foi tecida de sacrifícios, abnegação e devotamento. Espírito verdadeiramente superior, era extremamente humanitário e solidário, cultivava a tolerância e era afável com todos, nunca perdendo uma oportunidade de ser caridoso. No exercício de sua profissão agia sob o impulso do desprendimento, não obstante haver permanecido sempre pobre. Dos camponeses jamais exigia honorários, chegando mesmo a dar-lhes dinheiro e a pedir a fazendeiros ricos auxílio para o socorro de sua clientela sem recurso.

Certa ocasião, após atender a crianças gravemente feridas num incêndio, inteirou-se de que o fogo havia destruído a propriedade de seus pais, reduzindo-os a absoluta miséria. ZAMENHOF deu-lhes todo o dinheiro que possuía, sem se preocupar em reservar algum para o regresso ao lar em longa viagem. Recorre para esse fim a um rico cliente das redondezas, para que lhe empreste o necessário para o seu regresso.

Um outro dia, no caminho que habitualmente percorre, encontra um carroceiro em prantos pela morte do seu cavalo, esgotado pelos esforços numa estrada coberta de lama. ZAMENHOF oferece-lhe 50

rublos para que o pobre homem tenha com o que comprar outro animal e assim assegurar o seu sustento.

De certa feita, após assistir uma agonizante idosa, juntamente com 4 outros colegas, recusa-se a receber da família polpudos honorários, considerando que a doença culminou com a morte da paciente. ZAMENHOF sempre se dedicou a seus clientes pobres, proporcionando-lhes até o fim de sua carreira dois dias da semana para consultas gratuitas, pedindo ao seu filho ADAM, igualmente médico, que continuasse essa prática.

Nos mínimos gestos e atitudes revelava-se a nobreza de seu caráter. Em Boulogne-sur-mer, França, por ocasião do 1º Congresso Universal de Esperanto, comparece, embora judeu, a uma missa do culto romano. A uma fervorosa Esperantista que lhe pede um autógrafa no recinto da Igreja ZAMENHOF sussurra: "Com muito prazer, minha senhora, mas eu lhe peço que seja em outro lugar - aqui é um lugar sagrado".

Os pequeninos, os sofredores e particularmente aqueles que atravessaram a prova da cegueira, dedicavam entranhada veneração pelo bondoso oftalmologista de Varsóvia, ramo da Medicina em que se especializou, e quando ZAMENHOF visita Cambridge, para os festejos do 3º Congresso Universal de ESPERANTO, encontra-se com muitos cegos esperantistas

provenientes de outros países, todos alojados numa mansão às expensas de outro grande pioneiro esperantista, THEÓFILE CART. Zamenhof cumprimentou cada um à parte, encorajou-os ao otimismo e de todos recebeu ardorosos agradecimentos pelo idioma que lhes proporcionava uma pequena claridade em seu mundo sem luz. Mas os cegos lhe pediram outro privilégio: queriam tocá-lo com as mãos, conhecer melhor aquele que nunca poderiam ver.

E suas mãos que, de forma tão extraordinária, traduzem pensamentos e emoções, tocavam respeitosamente o corpo pequeno e frágil, a barba, os óculos de lentes ovais, a larga calva do genial missionário polonês. Naquele momento, Zamenhof, profundamente emocionado, pensava nas crianças judias cujos olhos foram vazados durante um "progrom" na sua cidade natal de Bialystok. Traído por um companheiro de ideal esperantista, em quem depositava absoluta confiança, ZAMENHOF deu profundo exemplo de tolerância e amor cristão, chegando a ser criticado por outros adeptos por ter feito longa viagem ao encontro do seu ex-amigo, o traidor, só para perdoá-lo.

Um dos grandes ideais de Zamenhof era dar aos religiosos de todas as correntes um fundamento neutro concreto para que se aproximassem em nome do Bem da Humanidade. Seu desejo era que todos os livros sagrados de todas as religiões fossem vertidos

para o ESPERANTO. Ele próprio traduziu o Velho Testamento. Dizia que: "Se todos os fundadores de religiões pudessem encontrar-se pessoalmente, eles se apertariam as mãos reciprocamente, como amigos, porque todos tiveram um único objetivo: fazer com que os homens se tornassem bons e felizes".

O ideal Esperantista fê-lo pairar acima de sua própria identidade nacional e racial. Quando o convidaram para a festa de fundação da sociedade judaica internacional em Paris, respondeu: "Estou profundamente convencido de que todo nacionalismo representa tão-somente um grande prejuízo para a Humanidade, sendo de opinião de que o objetivo principal de todas as criaturas deveria ser a criação de uma Humanidade harmônica. É certo que o nacionalismo dos oprimidos - como reação natural de autodefesa - é muito mais desculpável do que o nacionalismo dos opressores. Mas, se o nacionalismo dos fortes é vil, o nacionalismo dos fracos é imprudentes, ambos se engendram e se sustentam reciprocamente, dando lugar a um círculo vicioso de infelicidades, do qual a Humanidade jamais sairá se cada um de nós, fazendo o sacrifício de seu amor-próprio grupal, não tentar o encontro num terreno absolutamente neutro. Eis porque, apesar dos pungentes sofrimentos de minha raça, não quero aderir a um nacionalismo judeu, preferindo trabalhar apenas para uma absoluta justiça entre os homens. Estou profundamente convencido de que assim proporciono a meus irmãos maior soma de bem do que se aderisse a um movimento nacionalista".

Mas, a mais expressiva homenagem, por nascer do coração de uma alma simples, foi a que lhe fez a velha criada da família Zamenhof. Ela era católica romana, mas durante toda a sua vida guardou em seu quarto, sob um crucifixo, uma fotografia de ZAMENHOF. Aos visitantes ela costumava mostrar esse retrato, dizendo: "Ele nunca pecou!" O nobre espírito de LÁZARO LUIZ ZAMENHOF legou à família humana o instrumento ideal para a comunicação entre seus membros, engolfados numa consternadora multiplicidade de línguas e dialetos a entravar-lhes a marcha do progresso.

Em outubro de 1889 apareceu a primeira lista de endereços, com 1000 nomes de pessoas de diversos países, simpatizantes do ESPERANTO. Foram fundados clubes, mensários e revistas dando força a um movimento internacional que veio crescendo, pouco a pouco, sem interrupção. Em 1905, já acontecia na França, na cidade de Bolonha do Mar, o 1º Congresso Mundial de ESPERANTO, onde se reuniram centenas de pessoas de vários países, comunicando-se em uma única língua.

Em 1910, foi realizado o VI CONGRESSO UNIVERSAL DE ESPERANTO, em Washington, Estados Unidos da América e o BRASIL nele se fez representar pelo Prof. JOÃO BATISTA DE MELO SOUZA, com apenas 21 anos de idade, que fez ver ao Dr. Zamenhof que não existia em sua gramática a palavra saudade. Zamenhof achou muito

interessante a idéia e tratou de incluí-la na língua internacional, que a incorporou com os vocábulos sopiro, sopirado, resopiro e sãudado (poético).

Em 1914 seria realizado o 10º Congresso, em Paris, mas tal não aconteceu devido à deflagração da Primeira Guerra Mundial. Já estavam inscritas 3.700 pessoas para esse Congresso, frustrado pela incompreensão dos homens. Em 14 de abril de 1917, sempre desejando a Paz, faleceu ZAMENHOF, na cidade de Varsóvia. Afastava-se esse grande homem, definitivamente, do convívio de seus familiares para retornar às suas atividades em favor da Humanidade, agora sem o fardo físico, que lhe serviu durante 57 anos.

O seu corpo repousa no cemitério israelita de Varsóvia, juntamente com o de CLARA, o amor de toda a sua vida e sua incansável colaboradora. Hoje lá podemos encontrar flores ofertadas por esperantistas de todo o mundo.

ZAMENHOF foi um homem iluminado, de moral superior, dotado de extraordinária força de vontade na divulgação de seu ideal humanístico. Foi um verdadeiro universalista, pacifista e pensador que lutou contra toda espécie de sectarismo. Todos os anos, no dia 15 de dezembro, realizam-se eventos esperantistas no mundo

inteiro, para comemorar o aniversário do criador da LÍNGUA ESPERANTO.

Leocádio José Correia

Leocádio José Correia, filho de Manoel José Correia e de Gertrudes Pereira Correia, nasceu em Paranaguá no 16 de fevereiro de 1848. Vencido o ensino das primeiras letras e os colégios de instrução secundária, Leocádio encaminhou-se para a vida eclesiástica no Seminário Episcopal de São Paulo, do qual desistiu às vésperas da primeira unção sacerdotal.

Assumi, então, outro apostolado que cumpriu, desta vez na Academia de Medicina do Rio de Janeiro. Como dedicado aluno de um dos maiores vultos da medicina nacional, o Doutor João Vicente Torres Homem (1837-1887), Leocádio encarregou-se de coletar minuciosos apontamentos sobre as preleções que ouvia, tarefa esta que garantiu subsídios para a publicação das lições do renomado catedrático sobre a febre amarela.

No dia 20 de dezembro de 1873, doutorou-se em Medicina após ter sustentado uma tese sobre a Litotricia (trituração dos cálculos vesicais para a eliminação pela urina), em 30 de agosto do mesmo ano. Ele foi um médico na verdadeira acepção da palavra, tendo

clinicado nos municípios de Paranaguá, Guaratuba, Guaraqueçaba, Antonina, Morretes, Curitiba, Ponta Grossa e Castro.

Em 29 de agosto de 1874 casou-se com sua prima-irmã Carmela Cysneiros Correia em sua cidade natal, com quem teve três filhos: Clara, Leocádio e Lucídio.

Foi inspetor da Santa Casa de Misericórdia, foi inspetor escolar, jornalista, orador, escritor e poeta. Filiando-se ao Partido Conservador foi eleito deputado provincial à Assembléia Legislativa onde, como democrata, assumiu a causa abolicionista. Como inspetor da instrução pública destacou-se no propósito de revisão dos planos escolares que causavam dano aos seus contemporâneos deixando, assim, as sementes da reforma escolar que sua curta existência não viu consolidada.

O teatro também mereceu sua atenção e estudo, tendo se utilizado do palco cênico como instrumento de sua campanha contra a escravidão negra junto ao núcleo de jovens que o acompanhava. A encenação de "Talento e ouro", de Leôncio Correia, sob sua direção, alcançou ruidoso sucesso no teatro Santa Calina, de Paranaguá. Entre os seus escritos teóricos destaca-se "Duas páginas sobre o drama da Redenção", publicado postumamente por seu filho Leocádio Cysneiros Correia.

Leocádio José Correia desencarnou no dia 18 de maio de 1886, vítima de febre perniciosa. Foi um fato enormemente pranteado, especialmente pelos mais pobres e necessitados, que Leocádio, em sua breve vida, visitava diariamente.

Poucos anos depois do seu desencarne, Leocádio José Correia começou a manifestar-se espiritualmente. Primeiro no litoral do estado de Santa Catarina; posteriormente, no Estado do Paraná, num trabalho fraterno de atendimento à pessoa humana e na divulgação da mensagem de Jesus Cristo, à luz da Doutrina dos Espíritos.

LÉON DENIS

A - León Denis nasceu na França, em 1º de Janeiro de 1846, numa localidade chamada Foug, na região da Alsácia Lorena, iniciando uma vida exemplar, na qual desde a mais tenra infância conheceu as dificuldades materiais, o trabalho árduo, mas também coisas belas, as quais soube apreciar e valorizar: o aconchego familiar, as belezas naturais e os tesouros da civilização de seu país, as maravilhosas revelações contidas nos livros que, embora de difícil acesso para o jovem operário, lhe traziam conhecimentos que o deslumbravam e lhe proporcionavam "viagens" pelo mundo, pelos

espaços infinitos, pelas riquezas inestimáveis do pensamento humano.

Aos 18 anos, conheceu, de Allan Kardec. Pouco tempo depois, assistiu a uma conferência proferida pelo codificador da Doutrina Espírita em Tours, cidade na qual viveu, dos 16 anos até o fim de sua vida. Ali, de pé no jardim onde se realizou a conferência, sob a luz das estrelas, Denis bebeu as palavras de Kardec, que falava sobre a obsessão...e, desde então, entregou-se com todas as potências de sua alma, à causa do estudo e da divulgação da Doutrina Espírita.

E é nesse espírito de total entrega que ele atravessa, imperturbável, todas as tormentas da existência: guerras (inclusive a Primeira Guerra Mundial), cegueira, críticas, perda de entes queridos, etc, sempre firme em seu posto, escrevendo livros e artigos, fazendo palestras, presidindo Congressos, sempre esclarecendo, consolando, animando. "Sempre para o mais alto!" É o lema que seu guia espiritual Jerônimo de Praga lhe dá para pautar a sua vida. É o exemplo que colhe da vida de sua amada "sorella", a heroína Joanna d'Arc. É o lema que ele nos dá a todos. Sua vida absolutamente coerente com a sua obra lhe vale o título de "Apóstolo do Espiritismo".

A hora de partir para o plano espiritual, de onde continua sua missão, vem encontrar o trabalhador, já ancião, com 81 anos, em plena atividade. Apressa-se em concluir o livro "O Gênio Céltico e o Mundo invisível", para entregá-lo a seus editores. Não chegaria a vê-lo publicado.

Dita para a sua secretária, Claire Baumard, o prefácio prometido a Henri Sauce, que irá publicar uma biografia de Kardec. Que trabalho seria mais digno de encerrar a carreira de Denis?

Manhã chuvosa de 12 de abril de 1927...no quarto de Denis amigos fiéis acompanham seus últimos instantes. Gaston Luce e sua esposa estão entre eles. "Mademoiselle" Baumard tem nas suas as mãos do agonizante, que não cessa de lhe dar recomendações...pelo futuro da Doutrina Espírita. "Chamado ao espaço", Denis parte, vitorioso, e, de lá, continua nos esclarecendo, consolando e animando:

B - Léon Denis nasceu numa aldeia chamada Foug, situada nos arredores de Tours, em França, a 1º de Janeiro de 1846, numa família humilde. Cedo conheceu, por necessidade, os trabalhos manuais e os pesados encargos da família. Desde os seus primeiros passos neste mundo, sentiu que os amigos invisíveis o auxiliavam. Ao invés de participar em brincadeiras próprias da juventude, procurava instruir-se o mais possível. Lia obras sérias, conseguindo assim, com esforço próprio desenvolvera sua inteligência. Tomou-se um autodidata sério e competente.

Aos 18 anos tomou-se representante comercial da empresa onde trabalhava, fato que o obrigava a viagens constantes, situação que se manteve até à sua reforma e manteve ainda depois por mais algum tempo. Adorava a música e sempre que podia assistia a uma

ópera ou concerto. Gostava de dedilhar, ao piano, árias conhecidas e de tirar acordes para seu próprio devaneio. Não fumava, era quase exclusivamente vegetariano e não fazia uso de bebidas fermentadas. Encontrava na água a sua bebida ideal.

Era seu hábito olhar com interesse, para os livros expostos nas livrarias. Um dia, ainda com 18 anos, o chamado acaso fez com que a sua atenção fosse despertada para uma obra de título inusitado. Esse livro era "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec. Dispondo do dinheiro necessário, comprou-o e, recolhendo-se imediatamente ao lar entregou-se com avidez à leitura. O próprio Denis disse: "Nele encontrei a solução clara, completa e lógica, acerca do problema universal. A minha convicção tornou-se firme. A teoria espírita dissipou a minha indiferença e as minhas dúvidas".

O ano de 1882 marca, em realidade, o início do apostolado de Léon Denis, durante o qual teve que enfrentar sucessivos obstáculos: o materialismo e o positivismo que olham para o Espiritismo com ironia e risadas e os crentes das demais correntes religiosas, que não hesitam em aliar-se aos ateus, para o ridicularizar e enfraquecer Léon Denis porém, como bom paladino, enfrenta a tempestade. Os companheiros invisíveis colocam-se ao seu lado para o encorajar e exortá-lo à luta. "Coragem, amigo" - diz-lhe o espírito de Jeanne - "estaremos sempre contigo para te sustentar e inspirar. Jamais estarás só. Meios ser-te-ão dados, em tempo, para

bem cumprires a tua obra". A 2 de Novembro de 1882, dia de Finados, um evento de capital importância produziu-se na sua vida: a manifestação, pela primeira vez, daquele Espírito que, durante meio século, havia de ser o seu guia, o seu melhor amigo, o seu pai espiritual - Jerônimo de Praga - que lhe disse: "Vai meu filho. Pela estrada aberta diante de ti. Caminharei atrás de ti para te sustentar".

A partir de 1910, a visão de Léon Denis foi, dia a dia, enfraquecendo. A operação a que se submetera, dois anos antes, não lhe proporcionara nenhuma melhora, mas suportava, com calma e resignação, a marcha implacável desse mal que o castigava desde a juventude. Aceitava tudo com estoicismo e resignação. Jamais o viram queixar-se. Todavia, bem podemos avaliar quão grande devia ser o seu sofrimento. Apesar deste, mantinha volumosa correspondência. Jamais se aborrecia; amava a juventude e possuía a alegria da alma. Era inimigo da tristeza. O mal físico, para ele, devia ser bem menor do que a angústia que experimentava pelo fato de não mais poder manejar a pena. Secretárias ocasionais substituíam-no nesse ofício. No entanto, a grande dificuldade para Denis, consistia em rever e corrigir as novas edições dos seus livros e dos seus escritos. Graças, porém, ao seu espírito de ordem e à sua incomparável memória, superava todos esses contratemplos, sem molestar ou importunar os amigos.

Após a 1ª. Grande Guerra, aprendeu braille, o que lhe permitiu fixar no papel os elementos de capítulos ou artigos que lhe vinham ao espírito, pois, nesta época da sua vida, estava, por assim dizer, quase cego. Em Março de 1927, com 81 anos de idade, terminara o manuscrito que intitulou de "O Gênio Céltico e o Mundo Invisível". Neste mesmo mês a "Revue Spirite" publicava o seu derradeiro artigo.

Terça-feira, 12 de Março de 1927 pelas 13 horas, respirava Denis com grande dificuldade. A pneumonia atacava-o novamente. A vida parecia abandoná-lo, mas o seu estado de lucidez era perfeito. As suas últimas palavras, pronunciadas com extraordinária calma, apesar da muita dificuldade, foram dirigidas à sua empregada Georgette: "É preciso terminar, resumir e... concluir". Fazia alusão ao prefácio da nova edição biográfica de Kardec.

NASCIMENTO: 01/01/1846

MORTE: 12/04/1927

VIVEU: 81 ANOS 3 MESES E 11 DIAS.

Neste preciso momento, faltaram-lhe completamente as forças, para que pudesse articular outras palavras. Às 21:00 horas o seu espírito alou-se. O seu semblante parecia ainda em êxtase.

As cerimônias fúnebres realizaram-se a 16 de Abril. A seu pedido, o enterro foi modesto e sem o ofício de qualquer Igreja confessional. Está sepultado no cemitério de La Salle, em Tours.

Dentre os grandes apóstolos do Espiritismo, afigura exponencial de Léon Denis merece referência toda especial, principalmente em vista de ter sido o continuador lógico da obra de Allan Kardec. Podemos afixar mesmo que constitui tarefa sumamente difícil tentar biografar essa grande vida, dada a magnitude de sua missão terrena, na qual não sabemos o que mais salientar: a sua personalidade contagiante, o bom senso de que era dotado, a operosidade no trabalho, a dedicação ímpar aos seus semelhantes e o acendrado amor que devotava aos ideais que esposava.

Léon Denis foi o consolidador do Espiritismo. Não foi apenas o substituto e continuador de Allan Kardec, como geralmente se pensa. Denis tinha unia missão quase tão grandiosa quanto à do Codificador Cabia-lhe desenvolver os estudos doutrinários, continuaras pesquisas mediúnicas, impulsionar o movimento espírita na França e no Mundo, aprofundar o aspecto moral da Doutrina e sobretudo consolidá-la nas primeiras décadas do Século. Nessa nova Bíblia (o Espiritismo) o papel de Kardec é o sábio e o papel de Denis é o de filósofo. Léon Denis foi cognominado o APÓSTOLO DO ESPIRITISMO e pela magnífica atuação desenvolvida, pela palavra escrita e falada, em favor da nova Doutrina foi,

também, o seu Consolidador O "filósofo do Espiritismo", de acentuadas qualidades morais, dedicou toda a sua longa vida à defesa dos postulados que Kardec transmitira nos livros do pentateuco espírita, O aspecto moral (religioso) da Doutrina, os princípios superiores da Vida, a instrução, a família, mereceram dele cuidados extremos e, por isso mesmo, sua vida de provas, exemplo de trabalho, perseverança e fé, é um roteiro de luz para os espíritas, diremos mais, para os homens de bem de todos os tempos. Em palavras de confiança e fé, ele mesmo resumiu assim a missão que viera desempenhar em favor de uma nobre causa: "Consagrei esta existência ao serviço de uma grande causa, o Espiritismo ou Espiritualismo moderno, que será certamente a crença universal, a religião do futuro".

A sua bibliografia é bastante vasta e composta de obras monumentais que enriquecem as bibliotecas espíritas. Deve-se a ele a oportunidade ímpar que os espíritas tiveram de ver ampliados novos ângulos do aspecto filosófico da Doutrina Espírita, pois, as suas obras de um modo geral focalizam numerosos problemas que assolam os homens, e também a sempre momentosa questão da sobrevivência da alma humana em seu laborioso processo evolutivo. Léon Denis imortalizou-se na gigantesca tarefa de dissecar problemas atinentes às aflições que acometem os seres encarnados, fornecendo valiosos subsídios no sentido de lançar novas luzes sobre a problemática das tribulações terrenas, deixou de lado os conceitos até então prevalentes para apresentá-la

aureolada de ensinamentos altamente consoladores, hauridos nas fontes inesgotáveis da Doutrina dos Espíritos.

Dedicando-se ao estudo aprofundado do Espiritismo, em seu tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião, demorou-se com maior persistência na abordagem do seu aspecto filosófico. Concomitantemente com os seus profundos estudos nesse campo, também deu a sua contribuição, valiosa na abordagem e estudo de assuntos históricos, fornecendo importantes subsídios no sentido de esclareceras origens celtas da França e no tocante ao dramático episódio do martírio de Joana D'Arc, a grande médium francesa. Seus estudos não pararam aí; ele preocupou-se sobremaneira com as origens do Cristianismo e o seu processo evolutivo através dos tempos.

Dentre as suas múltiplas ocupações, foi presidente de honra da União Espírita Francesa, membro honorário da Federação Espírita Internacional, presidente do Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris, no ano de 1925. Teve também a oportunidade de dirigir durante longos anos, um grupo experimental de Espiritismo, na cidade francesa de Tours.

A sua atuação no seio do Espiritismo foi bastante diversa daquela desenvolvida por Allan Kardec. Enquanto o Codificador exerceu suas nobilitantes atividades na própria capital francesa, Léon Denis

desempenhou a sua dignificante tarefa na província. A sua inusitada capacidade intelectual e o descortino que tinha das coisas transcendentais, fizeram com que o movimento espírita francês, e mesmo mundial, gravitasse em torno da cidade de Tours. Após a desencarnação de Allan Kardec, essa cidade tornou-se o ponto de convergência de todos os que desejavam tomar contato com o Espiritismo, recebendo as luzes do conhecimento, pois, inegavelmente, a plêiade de Espíritos que tinha por incumbência o êxito de processo de revelação do Espiritismo, levou ao grande apóstolo toda a sustentação necessária a fim de que a nova doutrina se firmasse de forma ampla e irrestrita.

Enquanto Kardec se destacou como uma personalidade de formação universitária, que firmou seu nome nas letras e nas ciências, antes de se dedicar às pesquisas espíritas e codificar o Espiritismo, Léon Denis foi um autodidata que se preparou em silêncio, na obscuridade e na pobreza material, para surgir subitamente no cenário intelectual e impor-se com conferencista o escritor de renome, tornando-se figura exponencial no campo da divulgação doutrinária do Espiritismo. Denis possuía uma inteligência robusta, era um Espírito preclaro, grande orador e escritor, desfrutando de apreciável grau de intuição. Referindo-se a ele, escreveu o seu contemporâneo Gabriel Gobron: "Ele conheceu verdadeiros triunfos e aqueles que tiveram a rara felicidade de ouvi-lo falar a uma assistência de duas ou três mil pessoas, sabem perfeitamente quão encantadora e convincente era a sua oratória."

Denis jamais cursou uma academia oficial, entretanto, formou-se na escola prática da vida, na qual a dor própria e alheia, o trabalho mal retribuído, as privações heróicas ensinam a verdadeira sabedoria, por isso dizia sempre: "Os que não conhecem dessas lições, ignoram sempre um dos mais comovedores lados da vida." Com o concurso de sua inteligência invulgar furtar-se-ia à pobreza, mas ele preferiu viver nela, pois em sua opinião era difícil acumular egoisticamente para si, aquilo que ele recebia para repartir com os seus semelhantes.

Com idade bastante avançada, cego e com uma constituição física relativamente fraca, vivia ainda cheio de tribulações. Nada disso, entretanto, mudava o seu modo de proceder apesar de todas essas condições adversas, a todos ele recebia obsequioso. Desde as primeiras horas da manhã ditava volumosa correspondência, respondendo aos apelos das inúmeras sociedades que fundara ou de que era presidente honorário. Onde quer que comparecesse, ali davam-lhe sempre o lugar de maior destaque, lugar conquistado ao preço de profunda dedicação, perseverança e incansável operosidade no bem.

Leôncio Correia

Registrou-se no Rio de Janeiro, no dia 19 de Junho de 1950, a desencarnação do venerando confrade Dr. Leôncio Correia, que fora

presidente da Liga Espírita do Brasil, posteriormente Liga Espírita do Estado da Guanabara.

A imprensa diária tratou largamente da vida pública e literária do eminente brasileiro e primoroso poeta, cuja existência tanto engrandeceu as letras nacionais. Republicano histórico, tendo tomado parte na campanha abolicionista, começou a sua vida pública muito moço, no Paraná, seu Estado natal, onde se bateu pela implantação da República. Leôncio Correia era um dos poucos republicanos de 1889, por ocasião de sua morte. Foi deputado estadual no Paraná, de 1892 a 1897, deputado federal, diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro, diretor do Colégio Pedro II (Internato), diretor da Imprensa Nacional. Durante muito tempo lecionou História Universal na Escola Normal (hoje Instituto de Educação do Rio de Janeiro), da qual foi, mais tarde, Diretor. Na política, na imprensa e na tribuna, foi sempre um defensor das liberdades públicas. Era formado em Direito, mas não abraçou a advocacia nem a magistratura. Ao lado de Machado de Assis, Olavo Bilac, Paula Ney e outras brilhantes figuras das letras, desenvolveu grande atividades literárias.

Inegavelmente, sua carreira literária é uma das mais fulgurantes e fecundas do Brasil. Era membro da Academia Paranaense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, da Academia Carioca de Letras, da Federação das Academias de Letras, no

Instituto Brasileiro de Cultura, e outras instituições literárias. Deixou diversos livros publicados, dentre os quais estes: “Barão do Serro Azul”, “A Boêmia do Meu Tempo” (crônica), “Brasiliada” (poema), “Evocações” (crônicas), “Fruta de Outono” (poesia), “Panóplias” (crônicas), “Perfis” (sonetos), “A Verdade Histórica sobre o 15 de Novembro”, “Meu Paraná” (crônicas e versos), “Vultos e Fatos do Império e da República” (ensaio), “Parlendas e Palestras” (discursos), etc.

Foi pioneiro do Dia da Bandeira, pois em 1907, quando diretor da Instrução Pública, tornou obrigatório, nas escolas primárias, a Festa da Bandeira.

Como parte das comemorações do 1º Centenário do Estado do Paraná, o Governador Bento Munhoz da Rocha mandou editar as “Obras Completas” de Leôncio Correia, prefaciadas por nomes ilustres da nossa literatura, como Rodrigo Otávio Filho, Andrade Muricy, Othon Costa, etc, todos a enaltecerem, sob vários aspectos, a fecunda existência daquele paranaense inesquecível.

Tendo nascido em Paranaguá, Estado do Paraná, em 1º de Setembro de 1865, desencarnou pouco antes de completar 85 anos de idade. Em sua homenagem, fundou-se na rua Jardim Botânico o Instituto Leôncio Correia, conceituado estabelecimento de ensino primário e admissão.

Cabe-nos, agora, tratar de Leôncio Correia como espírita. Em 1922 tomou parte no Congresso Espírita realizado no Rio de Janeiro. Pertenceu ao Conselho da Associação Espírita Obreiros do Bem, foi presidente da Liga Espírita do Brasil (atual Liga Espírita do Estado da Guanabara) no triênio 1939-1942. No dia 15 de Novembro de 1939, na Associação Brasileira de Imprensa, quando se comemorou o cinquentenário da República Brasileira, Leôncio Correia ocupou a presidência de honra do 1º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas.

Por ocasião do 90º aniversário do poeta, Deolindo Amorim revelou, do homem espírita, esta página do passado:

“Estávamos no período crepuscular da ditadura. Não havia liberdade de imprensa, liberdade crítica, nem mesmo liberdade religiosa, porque as sociedades espíritas estavam sob fiscalização policial. Leôncio Correia era o presidente da então Liga Espírita do Brasil, enquanto éramos, como ainda hoje, o secretário-geral. Os diretores das sociedades espíritas eram obrigados a comparecer à Polícia Central para serem fichados, porque o regime era de arrocho, todas as formas de liberdade do pensamento estavam abafadas pela censura.

Pois bem, Leôncio Correia, já velho, com sua expressão respeitável, não faltou ao cumprimento do dever, foi à repartição policial, e lá deixou as suas impressões digitais, na qualidade de presidente da Liga Espírita. O funcionário da Polícia, um tanto espantado, exclamou, com certo ar de estranheza: “Dr. Leôncio, por aqui? ! ... E Leôncio Correia, sem perder a sua serenidade imperturbável, respondeu humildemente: Que vou fazer, meu amigo? São ordens ...”

Além das fronteiras da Morte o poeta continua, vez por outra, a nos deleitar com suas magníficas produções. Uma delas está publicada no “Parnaso de Além-Túmulo “, obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier. Não vamos transcrevê-las todas. Para encerrarmos esta singela biografia do saudoso companheiro, cujo centenário de nascimento foi festivamente lembrado, inclusive com a emissão, pelo D.C.T., de um selo comemorativo, --- Permita-nos o leitor reproduzir apenas um soneto do Espírito de Leôncio Correia, psicografado pelo referido médium e que foi estampado, em 1955, nas páginas do “Reformador“:

Leopoldo Cirne

Leopoldo Cirne exerceu o cargo de Presidente da Federação Espírita Brasileira durante o período de 1900 a 1914. Nasceu em 31 de Abril de 1870, na Paraíba do Norte, criando-se, porém, na cidade do

Recife. Desencarnou no Rio de Janeiro, na manhã de 31 de Julho de 1941. Desde cedo, nele se revelou acentuado pendor pelos estudos e, favorecido por viva inteligência, avançava, com real proveito, em seu curso de humanidades.

Dificuldades financeiras obrigaram-no a abandonar os estudos e a ingressar no comércio, quando contava onze anos de idade. Os comerciários atualmente desfrutam regalias e liberdades que aos de seu tempo não eram concedidas. Mal despontava a aurora, até às caladas da noite, estava o empregado no serviço ativo. Só uma pequena parte do Domingo podia o comerciário de então respirar mais livremente e dispor da sua vontade. Quis, porém, o destino que o nosso biografado, apenas de ter a alma cheia de belos sonhos, se visse na contingência de enfrentar, ainda menino, as lutas e a rude disciplina comercial, sacrificando, assim, seus mais caros ideais de formação intelectual !

Ignoramos se em aqui chegando, pelo ano de 1891, trazia já sua crença firmada na Terceira Revelação. O certo, porém, é que em pleno desabrochar da sua juventude, pois contava mais ou menos vinte e dois anos de idade, já ao lado do inolvidável Bezerra de Menezes trabalhava tão sincera e entusiasticamente a prol do Espiritismo, que desde logo granjeou a confiança de seus confrades que lhe sufragaram, em 1895, o nome para Vice-Presidente da Federação Espírita Brasileira.

Despontava o dia 11 de Abril de 1900 e a família espírita brasileira, os pobres, os pequeninos, os ignorados que o espírito de Adolfo Bezerra de Menezes, o grande Presidente da Federação Espírita Brasileira, partira para as regiões sublimes do Além!

Foi, pois, a uma personalidade dessas que coube a Leopoldo Cirne substituir na suprema direção da Casa de Ismael. E a sua atuação nesse alto posto foi tão marcante que, por cerca de catorze anos, o exerceu com verdadeiro amor evangélico e dentro daquele espírito de sincera humildade de que o Cristo nos deu edificante exemplo. Em começo dissemos que se vira ele obrigado a interromper seu curso de humanidades; todavia, com esforço próprio conseguiu Leopoldo Cirne ser um dos mais puros vernaculistas, deixando-nos artigos e obras que até hoje deixando-nos artigos e obras que até hoje merecem a nossa admiração.

Á sua perseverante força de vontade e de confiança na misericórdia do Alto, deve a Federação Espírita Brasileira a sede na Avenida Passos, inaugurada no dia 10 de Dezembro de 1911.

Consagrou-se no campo da literatura filosófico-religiosa como um dos grandes pensadores do Movimento Espírita do País, sendo mesmo cognominado - o Léon Denis brasileiro.

Conhecia profundamente a Bíblia e tinha de cor muitos trechos da Imitação do Cristo. As melhores obras de religião, filosofia, ciência, arte e literatura em geral lhe eram familiares.

Traduziu vários livros para o nosso idioma, entre eles “No Invisível” e “Cristianismo e Espiritismo”, ambos de Léon Denis, e organizou, em 1904, o opúsculo “Memória Histórica do Espiritismo”.

Zêus WANTUIL. Grandes Espíritos do Brasil. FEB.

Leopoldo Machado Barbosa

Nasceu no Arraial de Cepa Forte, hoje Jandaíra - BA, a 30 de setembro de 1891.

Leopoldo Machado, como era conhecido, iniciou-se na Doutrina Espírita pelas mãos abençoadas do inolvidável José Petitinga, no ano de 1915, tornando-se arauto da fé e do trabalho. Espírito de liderança, foi impulsionado às tarefas do bem e da verdade, vivendo a Doutrina Espírita em toda a sua pujança.

Após seu casamento com Dona Marília Ferraz de Almeida radicou-se na cidade de Nova Iguaçu - RJ, onde iniciou grandes tarefas. Ele e

a esposa tomaram a iniciativa de construir o Albergue Noturno Allan Kardec e o Lar de Jesus para meninas órfãs.

Educador pedagógico, inaugurou o Colégio Leopoldo, tradicional estabelecimento de ensino, considerado uma das melhores organizações educacionais da baixada fluminense.

Jornalista, professor, escritor, poeta, compositor, pregador e polemista, difundiu a Doutrina Espírita por todos os meios e formas, merecendo o respeito dos adversários da Doutrina e a admiração dos confrades.

Leopoldo Machado incentivou as novas gerações a pegar no arado com a criação das Mocidades Espíritas e das Escolas Espíritas de Evangelização para Infância. Impulsionou as Semanas Espíritas, as Tardes Fraternas, os Simpósios, as Mesas Redondas e os Congressos Espíritas. Realizou o "milagre" de estar presente em quase todos os movimentos espíritas confraternativos, percorrendo todo o Brasil, exaltando o Evangelho de Jesus e a Doutrina dos Espíritos, como sendo a volta do Cristianismo Redivivo, no seu sentido mais puro, como era pregado na Casa do Caminho.

Dentre vários eventos, destaca-se o 1 Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, de 17 a 23 de julho de 1948, tendo frente Leopoldo

Machado Lins de Vasconcelos. Foi da mais belas e mais proveitosa realizações espíritas de todos o tempos, de onde, até hoje colhem-se frutos.

Nesse mesmo ano Leopoldo Machado tomava parte ativa no Congresso Brasileiro de Unificação, realizado de 31 de outubro a 05 de novembro. Em 1949 era convocado ao 11 Congresso Pan-americano realizado no Rio de Janeiro e também o Pacto Áureo. Após, esteve presente, juntamente com Lins de Vasconcelos, Carlos Jordão da Silva, Francisco Spinelli, Ary Casadio e Luiz Burgos na "Caravana da Fraternidade", que teve como coroamento o Pacto Áureo, incentivo unificador na formação do Conselho Federativo Nacional, sob os auspícios da Federação Espírita Brasileira.

Realizou também a Primeira Festa Nacional do Livro Espírita, em homenagem ao "18 de abril".

Escritor de vários livros espíritas, como Pigmeus Contra Gigantes, Caravana da Fraternidade, Ide e Pregai e muitos outros, além de crônicas, peças teatrais, biografias, roteiros, teses, além de compor inúmeras melodias para a mocidade a infância.

Leopoldo Machado acreditou na força dos moços, como mola propulsora para renovação de valores ao movimento espírita;

acreditou nos Congressos, nas Semanas Espíritas e nas Confraternizações.

Lutou tenazmente para desencastelar muitos espíritas, que só pensavam em termos de suas Instituições, porque acreditava que Espiritismo é Luz, é Sol que no futuro próximo iluminará a Humanidade.

Lutou pela renovação de valores e de conceitos, sem fugir aos ditames da Codificação Kardequiana.

Franco, leal, sincero e audaz. Essa foi a figura personalíssima de Leopoldo Machado.

Desencarnou na cidade de Nova Iguaçu - RJ, aos 22 de agosto de 1957.

Livro Personagens do Espiritismo, de Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy - Edições FEESP

Linda Gazzera

Linda Gazzera, 26/08/1890 - 14/06/1910, O nome de Linda Gazzera é conhecido em toda a parte pelos curiosos e pesquisadores dos fenômenos paranormais. Esse nome figura nos trabalhos de Lombroso, Richet, Imoda e Mme. Bisson, como uma das mais poderosas médiuns de efeitos físicos e materialização.

O Dr. Enrique Imoda, médico italiano e infatigável pesquisador dos fenômenos supranormais, estudou pacientemente durante dois anos, a mediunidade de Linda Gazzera, tendo conseguido, após inúmeras experiências, reunir material de grande valor documental, em que figuram produções teleplásticas e corporificações notáveis, fotografadas durante a série de sessões, realizadas em Turim, nas residências da princesa de Ruspoli e da senhora Coggiola, com um reduzido grupo que ele organizou.

A valiosa documentação desse experimentador italiano foi, depois de sua desencarnação, em 1912, impressa pela editorial Fratelli Bocca, com o título de "Fotografie di Fantasmi", trazendo um belo e substancial prefácio de Richet.

O livro de Imoda é hoje uma preciosidade. Ele contém a mais famosa documentação iconográfica dos fenômenos metapsíquicos da época com a mediunidade de Linda Gazzera. Foi em maio de 1908 que Linda Gazzera passou a trabalhar com o Dr. Imoda. Acontecimento este notável na vida deste experimentador. O único

fito de Imoda em seus estudos era o de conseguir fotografar as produções materializadas.

Com paciência incomparável, esse pesquisador extraordinário levou 2 anos, sem esmorecer sequer um só instante, entre os mais desanimadores fracassos, para poder ver coroadas de êxito as suas provas reais da objetividade dos fenômenos de teleplastia e corporificações.

Linda Gazzera nessa época tinha 22 anos de idade. Imoda descrevendo a constituição e a personalidade de sua médium diz o seguinte: "é de estatura normal e abundantes, negríssimas e amontoadas sobrancelhas; um tanto pálida; olhos grandes, escuros, vivos, escrutadores, mas se os encara com fixidez, apresenta desfalecimento característico como os de uma pessoa que se deixa facilmente hipnotizar.

"É de caráter impulsivo, habitualmente alegre; ri à vontade, mas passa com facilidade de um para outro estado de ânimo; facilmente se entristece, facilmente se controla. Tem tendência à Infantilidade; gosta muito de brincar com crianças. É singular nos seus hábitos; aprecia dormir durante o dia e velar à noite. "Durante à noite, lê, cose ou confecciona suas roupas. Escreve novelas e historietas sentimentais e as envia aos jornais populares. Tem discreta cultura

literária; aprecia o estudo das línguas estrangeiras e mostra acentuada tendência para o desenho".

Falando das características do transe de Linda Gazzera diz Imoda: "o seu transe, ou o seu sono mediúnico, apresenta duas prerrogativas preciosas: a médium adormece com uma extraordinária facilidade e rapidez; em poucos minutos passa para a fase de lúcido sonambulismo mediúnico e no fim da sessão, com a mesma rapidez, com um simples e ligeiro sopro nos olhos e a uma chamada pelo nome à voz baixa, desperta repentinamente, recuperando incontinenti completa lucidez".

"Durante o transe, Linda Gazzera apresenta, na sua segunda condição fisiológica e psíquica, um comportamento muito diferente.

"Na sua melhor condição o "transe" é tranqüilo: a médium é contente, alegre sem exagero, cortês, amável. Mas, se na hora precedente à sessão ela se aborrece, se encoleriza ou se amedronta; ou se ainda na sessão se apresenta uma pessoa a ela antipática; ou finalmente se no seu sono o subconsciente é tomado de alguma paixão; se o seu estômago se encontra ainda em atividade digestiva, então o caráter da médium e a fisionomia da sessão mudam completamente.

"Nesse caso a força mediúnica é ainda mais enérgica fisicamente. Golpes tremendos que espatifam os móveis são dados, assemelhando-se aos de um malho. A médium transpira, bufa, agita-se, debate-se, contorce-se; a personalidade mediúnica muda o seu caráter e assume conduta violenta, brutal."

Imoda descreve duas personalidades mediúnicas que orientavam os trabalhos nas sessões de Linda Gazzera. Uma se dizia chamar "Vicenzo", ex-oficial de cavalaria. O caráter fundamental dessa personalidade era o de conservar absoluta autonomia. A segunda personalidade dizia-se chamar "Carlotta". Apresentava-se à sessão com uma fisionomia físico-psíquica muito diferente da de "Vicenzo". Era amável, cortês, delicada de modos e de expressões.

São estas as considerações resumidas do notável trabalho de Imoda sobre Linda Gazzera no período áureo do desenvolvimento de sua mediunidade. Como já dissemos atrás, dois anos duraram as experiências de Imoda com esta médium.

Tendo sido apresentada a Richet por esse investigador italiano, Linda Gazzera em fins de 1909 vai a Paris, no círculo de Richet, pode-se bem avaliar pelas inúmeras cartas relatos que este endereçou a Imoda. Transcreveremos apenas trechos de uma delas e outra na

íntegra.do livro de Imoda, para se poder bem apreciar a intensidade dos fenômenos produzidos em Paris pela mediunidade de Linda Gazzera.

As sessões tiveram lugar na residência de Richet, com as assistências do Prof. Richet, Mme. Richet, Carlos Richet Filho e o sr. Fontenay. Já na segunda sessão (domingo, 17 de abril de 1909) escrevia Richet a Imoda:

"Caro amigo: Como você já deve saber pelo meu telegrama, tivemos ontem à noite uma experiência com admirável sucesso. Graças a Fontenay, que é um excelente fotógrafo e tem ótimos aparelhos, obtivemos três boas chapas que mostram um antebraço e uma mão. O resto da sessão correu interessante: contactos, movimentos diversos, transportes de objetos. "Linda está em boas condições de saúde. Charles Richet."

Todo o tempo que Linda Gazzera permaneceu em Paris, a sua mediunidade se desdobrou de uma maneira notável. E Richet não perdia tempo; as sessões se sucediam quase que diariamente. Vejamos mais uma de suas entusiastas cartas:

"Quarta-feira, 21 de abril de 1909. Caro amigo: Acabamos de realizar uma belíssima sessão. Aqui está o relatório sumário;

guarde-o porque não escrevi outro. Presentes Mme. Ch. Richet, Ch. Richet, Fontenay, Argentine. Eu à direita, Fontenay à esquerda. Sessão de 9:30 às 10:50 horas. Durante todo o tempo, sem interrupção, sem uma só interrupção, segurei solidamente, admiravelmente, resolutamente a mão direita, e talvez trinta ou quarenta vezes constatei, colocando a mão sobre a outra mão de Linda, que Fontenay segurava perfeitamente, a mão esquerda. Durante a sessão, mesmo no começo, antes que se declarasse o transe de Linda, já havia movimentos de objetos. A música tinha recomeçado: um cachimbo colocado atrás de Linda apareceu em plena escuridão e foi posto na minha boca. Pouco depois este cachimbo foi arrebatado (obscuridade absoluta) e jogado com força no meio da sala. Enquanto prendia as duas mãos de Linda, uma força resistente, atuando sobre mim, deu-me violentos golpes sobre o dorso da mão.

Uma vez senti como a pressão de uma mão se agitando atrás da cortina. Golpes violentos foram dados sobre a mesa, (enquanto segurava as duas mãos) como um murro (com um objeto ou sem ele) desfechado sobre a mesa em minha frente. Logo, a materialização de uma coisa forte, grossa, batendo com vigor (Fontenay que se achava à esquerda, foi seguidamente com muito mais violência tocado do que eu, enquanto tinha solidamente segura a mão esquerda) não se poderia duvidar. "Vicenzo" falou de "louco e de manicômio" (?)

Foi tirada uma fotografia que parece boa, nos disse "Vicenzo". Porém, infelizmente, ele nos fez crer que não obteríamos outras. A segunda fotografia foi revelada: ela é muito bonita. A mão ficou bem materializada. Vêm-se a unha e todas as falanges. Quatro dedos. Está envolta por uma fita, de um tecido que Linda não tem. Curioso é que um fio que parece branco, uma espécie de haste será um radius em formação? - Sai atrás da cabeça de Linda.

Envie-me a prova em diapositivo da nossa última experiência de Turim. "Não lhe envio ainda as figuras (formidáveis) das nossas três experiências de Paris, porque Fontenay só tem tempo para realizar as experiências. Como você vê, não perdemos tempo. Charies Richet"

Assim, como se verifica, o entusiasmo do sábio francês pelas produções dos fenômenos supranormais realizados através da mediunidade de Linda Gazzera foi grande. Doze sessões coroadas com pleno êxito no pequeno círculo familiar, privado, do prof. Richet. Em seguida, Linda Gazzera voltou a Turim para continuar as pesquisas de Imoda. No dia 13 de setembro de 1909 realizou a última sessão com esse investigador. Imoda adoeceu de cama para nunca mais se levantar. Entretanto as suas sessões continuaram sob a direção do sr. Damaison.

Foi nessa época que começaram a surgir os primeiros fenômenos luminosos. Assim "na sessão de 4 de outubro de 1909, antes de a médium cair em transe, um corpo esferoidal, vem para a mesa completamente envolvido na cortina. A médium inteiramente acordada, podia tocá-lo e dizer que tinha consistência muscular. Apresentava uma superfície de cerca de quatro centímetros quadrados, completamente fosforescente.

Quando a médium tocava esta parte, a fosforescência passava para ela por alguns segundos. Verificou-se que este corpo não tinha extensão para dentro da cortina, mas era completamente isolado. Logo que a médium caiu em transe, Vincenzo disse que era a sua cabeça que não se tinha materializado bem, por falta de força necessária". E assim, esse novo fenômeno de luminosidade foi-se produzindo com mais intensidade nas sessões seguintes.

Revista O Semeador – Abril de 1981

Louis Alphonse Cahagnet

Louis Alphonse Cahagnet, (1809 - 1885), Cahagnet nasceu em Caen, na França. Embora descendente de uma família pobre, e tendo trabalhado sucessivamente, para poder viver como relojoeiro, torneiro de cadeiras, caixeiro de comércio, fotógrafo, conseguiu, com sua poderosa força de vontade, seu dinamismo extraordinário

e sua honestidade, adquirir posição de destaque, sendo respeitado e admirado por todos quantos com ele privaram, mesmo os inimigos.

Além das citadas habilidades, Cahagnet desenvolveu mais uma que torná-lo-ia célebre - a de magnetizador. Foi desse modo que manteve relações com os entes do além túmulo, por intermédio de vários pacientes em estado sonambúlico ou de êxtase. Desse intercâmbio surgiu, em 1847, o primeiro tomo de "Arcanos da Vida Futura Revelados". Anotando as palestras do maravilhoso intercâmbio com os espíritos, Cahagnet edificou a portentosa obra com cerca de mil páginas, que formaram o tomo I dos "Arcanos". Na bela introdução desse monumental trabalho adverte o autor: "Sede prudente, não admitais nem rejeiteis nada sem um exame maduro; aquilo que não puderdes compreender, jamais digais que não é!". Ao tomo I seguiram-se os tomos II e III.

Em 1848, Cahagnet reunia em Argenteuil um grupo de pessoas que havia testemunhado os fatos obtidos através da sonâmbula Adèle Maginot, e criou a primeira "Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas", por sugestão do espírito Swedenborg. Três anos depois, essa sociedade continuou seus estudos sob a denominação de "Sociedade dos Estudantes Swedenborgianos", aproximando-se mais tarde do Espiritismo codificado por Allan Kardec.

Sob os auspícios da "Sociedade" funda o jornal "O Magnetizador Espiritualista", no qual são registrados todos os fatos maravilhosos das relações com o Além obtidos por ele e pelos magnetistas de todo o mundo que o quisessem fazer. Seguiram-se ainda muitas outras obras:

850 - "Santuário do Espiritismo", ou o estudo da alma humana e de suas relações com o Universo, segundo o sonambulismo e o êxtase. 1851 - "Luz dos Mortos" ou estudos magnéticos, filosóficos e espiritualistas.- "Tratamentos das Enfermidades", obra que engloba um estudo das propriedades medicinais de 150 plantas que a extática Adèle Maginot transmitira e diversos métodos de magnetização.

1853 - "Cartas Ódicas-magnéticas do Cavaleiro de Reichenbach, traduzido do alemão. 1856 - "Revelações do Além-túmulo", pelos espíritos de Galileu, Hipócrates, Franklin e outros, onde se estuda Deus, a preexistência das almas, a criação da Terra, vários problemas da Física, da Botânica, da Matemática, da Medicina, a análise da existência do Cristo e do mundo espiritual.

1857 - "Magia Magnética", que trata dos fenômenos de transporte, de suspensão, das possessões, das convulsões, etc.. 1858 - "Estudo sobre o Homem", onde tece profundas considerações sobre o homem e sobre todas as faculdades da alma humana.

1861 - "Enciclopédia Magnética Espiritualista" (1854 -1861). 1869 - "Estudo sobre o Materialismo e o Espiritualismo". 1880 - "Estudo sobre a Alma e o Livre Arbítrio". 1883 - "Terapêutica do Magnetismo e do Sonambulismo".

As datas acima mostram que a obra de Cahagnet antecedeu a de Kardec, e também a sucedeu. Sucedeu-o ainda na luta pela verdade espírita, suportando sem nunca desanimar os ataques inflingidos à doutrina "Tudo o que a ignorância, o fanatismo, a tolice reeditaram posteriormente contra a nossa doutrina foi despejada sobre o pobre magnetizador" - diz Gabriel Delanne. Qual ocorreu com as obras de Kardec, as de Cahagnet também foram batizadas pelo fogo.

A leitura dos Arcanos foi proibida em todos os países, por decisão da Igreja Católica. Cahagnet, porém, jamais esmoreceu. Interrogando os mortos, ele obteve respostas interessantes e reveladoras sobre diversos assuntos: noções de magnetismo, as propriedades da alma, a oração como meio de evitar os maus pensamentos, o modo por que deve ela ser proferida, as punições reservadas no mundo

espiritual aos criminosos, as ocupações dos espíritos, as sociedades formadas pelos espíritos, as obsessões, a separação entre a alma e o corpo no momento da morte, formas diversas que os espíritos podem tomar, o inferno dos católicos (o que é), o fenômeno dos transportes, reunião dos familiares e afins no Espaço, noções sobre a loucura, suas causas, suas conseqüências no mundo espiritual, alucinações causadas pelos maus espíritos, o suicídio no além-túmulo, etc, etc..

A 10 de abril de 1885, com 76 anos, desencarnava, em Argenteuil, o velho batalhador Cahagnet, a cujo enterro compareceram inúmeros amigos e espiritistas. A esposa, meses depois, o acompanhava. Menino pobre, torneiro, relojoeiro, caixeiro, haveria de tornar-se, mercê da vontade, da inteligência e da perseverança, um erudito e profundo metafísico, merecedor do reconhecimento de sumidades científicas e literárias de todos os países, e do respeito e eterna gratidão dos espíritos do mundo inteiro.

Louis Braille

Louis Braille, 04/01/1809-06/01/1852

O Século XIX que viu Allan Kardec, que viu Zamenhof, viu também Louis Braille. Nasceu ele em Coupvrais - na França, em 4 de janeiro de 1809, cinco anos depois da vinda do Codificador do Espiritismo.

Seu pai trabalhava com couro. Aos dois anos e meio Braille brincava com um dos instrumentos de trabalho de seu pai, uma sabela, que, ao saltar-lhe das mãos, vazou um dos seus olhos.

Dados os poucos recursos da época não foi possível evitar que o olho sofresse infecção e que esta se transmitisse ao outro olho, deixando o menino totalmente cego.

Em 1819 é ele matriculado no Instituto Nacional dos jovens Cegos de Paris. Ali, estuda pelo método de Valetim Aüi, que consistia nas letras comuns em alto relevo. Tal método, no entanto, possuía sérios inconvenientes: o relevo das letras não durava e o sistema exigia grande quantidade de papel.

Logo no início de sua juventude o missionário Louis Braille saiu em campo na pesquisa de um novo método de escrita e leitura para cegos.

Nada acontece por acaso, já o sabemos. Assim, o oficial francês Charles Barbier oferece ao governo de seu país para uso dos cegos - um método que havia criado por ocasião das guerras napoleônicas. Graças ao seu invento, os soldados, mesmo em plena escuridão, podiam ler suas mensagens pelo tato. Estudando o método de Barbier, Louis Braille construiu seu próprio sistema.

Com apenas seis pontos em sessenta e três combinações diferentes o Sistema Braille permite aos cegos o acesso às letras e conseqüentemente ao mercado de trabalho e à sociedade.

Há aqui uma circunstância digna de nota: o mesmo instrumento que trouxe a cegueira a Louis Braille é hoje o "ponsão" utilizado pelos cegos para escrever. A Providência Divina dialeticamente sabe extrair o Bem do próprio mal.

Em 6 de janeiro de 1852, vítima de tuberculose, regressa Louis Braille à Espiritualidade. Certamente ele, que além de professor foi emérito organista, há de estar ouvindo até hoje a eterna música da gratidão entoada em silêncio por aqueles a quem ele redimiu intelectual e socialmente. Por certo, ao lado de Zamenhof e de Allan Kardec, Braille pontifica entre aqueles que estão na vanguarda da Humanidade, guiando-a, conduzindo-a para seus gloriosos destinos.

Alavanca – Junho de 2000.

Louis Braille nasceu na pequena aldeia francesa de Coupvray, no distrito de Seine-et-Marne, a cerca de 45 km. de Paris, no dia 4 de Janeiro de 1809. O pai, homem de certo prestígio na região, era seleiro ou correeiro. Aos três anos, quando brincava na oficina de

trabalho do pai, ao tentar perfurar um pedaço de couro com uma sabela, aproximou-a do rosto, acabando por ferir o olho esquerdo. A infecção produzida pelo acidente expandiu-se e atingiu o outro olho. O menino ficou completamente cego.

Contando com o amor e fiel apoio dos pais, Louis acostumou-se logo à nova situação. Com o auxílio de uma bengalinha, ia à escola, onde demonstrou em pouco tempo inteligência superior aos meninos da sua idade, pois decorava e recitava as lições que ouvia, espantando os professores com a sua inteligência brilhante.

Aos sete anos consegue ingressar na instituição de Valentin Haüy, um homem culto e de nobre coração, que, em 1784, fundara em Paris uma escola para instruir os cegos e prepará-los para a vida. Haüy, apologista das filosofias sensistas - defensoras de que tudo depende dos sentidos -, adapta o alfabeto vulgar, traçado em relevo, a fim de que as letras fossem perceptíveis pelos dedos dos destinatários.

Também, por essa época, Charles Barbier de la Serre, um capitão de artilharia, aperfeiçoava um código através de pontos, que podia ler-se com os dedos e que era usado para velar os segredos das mensagens militares e diplomáticas, a que chamou "escrita noturna" ou "sonografia".

Um encontro com Teresa von Paradise, concertista cega, foi decisivo na sua vida. Teresa idealizara um engenhoso aparelho para ler e compor ao piano, que fascinou Braille. Aprendendo música com ela, tornou-se rapidamente organista e violoncelista. Aos quinze anos foi admitido como organista da Igreja de Santa Ana, em Paris.

Nessa altura seus pais já tinham morrido, assim como o seu grande amigo Haüy, director do Instituto que se transformara no seu lar. Como dedicasse grande parte do seu tempo à educação dos novos alunos, aceitaram-no como professor do Instituto.

Rapaz educado e agradável, era recebido nos melhores salões da época. E foi num desses salões que Braille conheceu Alphonse Thibaud, então conselheiro comercial do governo francês. No meio de uma conversa Thibaud perguntou-lhe porque não tentava criar um método que possibilitasse aos cegos não apenas ler, mas também escrever.

A princípio, Braille irritou-se com a sugestão, pois achava que a tarefa devia caber aos que viam e não a ele. Reconsiderando, começou a admitir a possibilidade de realizá-la, mesmo sendo cego.

Foi então que começou a trabalhar no código de Barbier. Após três anos, o jovem estudioso conseguiu o que queria: o sistema dos pontos em relevo representando letras. A ponta de uma sovela, o mesmo instrumento que lhe tirara a visão, passara a ser o seu instrumento de trabalho.

Geralmente, aponta-se 1825 como o momento em que o jovem aluno inventa o sistema (que mais tarde veio a ter o seu nome).

Todavia, apenas em 1829 publica a primeira edição do trabalho, intitulado "Processo para escrever as palavras, a música e o canto-chão, por meio de pontos, para uso dos cegos e dispostos para eles". Deu-lhe forma definitiva na segunda edição, vinda a lume em 1837.

Este sistema é constituído por seis pontos, em duas filas verticais de três, num total de 63 sinais.

Este processo de leitura e escrita através de pontos em relevo é usado, atualmente, em todo o mundo. Trata-se de um modelo de lógica, de simplicidade e de polivalência, que se adapta a todas as necessidades dos utilizadores, quer nas línguas e em toda a espécie de grafias, quer na música, matemática, física, etc.

Uma desilusão o aguardava: dificilmente o seu sistema seria aceite. O capital empregado pelas escolas nos enormes livros para cegos não permitia que lhes fossem deixados de lado de uma hora para a outra.

Braille, então com vinte anos, começou a ser procurado pelos alunos do Instituto que lhe pediam lições do novo sistema. Estas aulas tinham que ser realizadas às escondidas, mas serviram - pensava ele - para difundir o método e provar a sua funcionalidade. Braille tentava, ao mesmo tempo, exhibir o sistema nos lugares que freqüentava. O máximo que conseguiu foi um ofício, no qual o governo francês agradecia a sua contribuição à Ciência.

De entre os alunos a quem ensinava música havia uma pequena cega, Teresa von Kleinert. O seu talento ao piano era extraordinário, o que animou Braille a ensinar-lhe o seu sistema de pontinhos. Em pouco tempo, Teresa tornou-se concertista de sucesso. Recebida com agrado nos salões da Europa, Teresa difundia, a cada apresentação, o sistema Braille e pela primeira vez os jornais falavam no seu nome, até então desconhecido.

A 6 de Janeiro de 1852 Braille morreu, sem chegar a ver reconhecido o seu trabalho. Só dois anos após a sua morte o sistema foi reconhecido oficialmente na França, depois que Teresa se exibiu na Exposição Internacional de Paris. Ao piano, pôde

mostrar ao mundo como é que um cego podia aprender a ler e a escrever. Isso tudo, graças a um sistema criado por outro cego.

Louis Pasteur

A família mudou-se para Arbois quando Pasteur tinha de três a cinco anos de idade. Ele foi uma criança normal sem prenúncios de vir a ser um grande e respeitado cientista. Além dos estudos, ocupava-se, também, com pinturas e desenhos para as quais demonstrava ter grande habilidade. No colégio Real Besançon completa sua educação secundária. Em seguida foi estudar em Paris, no famoso "Liceu Saint-Louis" e também assistir as famosas palestras proferidas por Monsieur Dumas na Universidade de Sorbonne.

Em 1842 é admitido na Escola Superior de Paris e em 1843 na "École Normale" onde iniciou seus estudos sobre os cristais. Em 1847 completa o curso de doutorado e no ano seguinte divulga as primeiras descobertas sobre a assimetria dos cristais, recebendo mais tarde um prêmio de 1.500 francos pela síntese do ácido racêmico. Em 1848 desencarna Jeanne Etiennette, sua mãe.

Em 1849 é nomeado Conferencista de Química da Universidade de Estrasburgo e casa-se com Marie Laurent. Em 1850 nasce sua primeira filha Jeanne, em 1851 seu filho Jean-Baptiste e em 1853

sua filha Cecile. Em 1854 foi nomeado Prof. e Diretor da Faculdade de Ciências de Lille. Nessa cidade começa estudos sobre a fermentação Láctea e os problemas que envolviam a fabricação do álcool, do vinho e do vinagre.

Em 1857 foi nomeado Administrador e Diretor dos Estudos Científicos da "École Normale", manteve o cargo até 1867. Em 1858 nasceu sua filha Marie Louise. Montou seu primeiro laboratório na "École Normale". A bondade intrínseca de Pasteur. Sua crença no Infinito. Os ataques dos antagonistas. A cooperação da esposa.

No ano seguinte inicia estudos sobre a geração espontânea e descobre a vida anaeróbia. Em 1862 é eleito membro da Academia de Ciências de Paris. No ano seguinte nasce sua filha Camille. Pasteur perdeu três dos cinco filhos nascidos. Continua estudos sobre os vinhos, pasteurização e sobre a doença do bicho-da-seda. Jean Joseph, seu pai, o seu melhor amigo, desencarna em 1865. Divulga " Estudos sobre os Vinhos". Em 1867 é indicado como Professor de Química da Sorbonne. Invenção da Pasteurização. Em 1868 sofre um derrame cerebral. Continua estudos sobre os bicho-da-seda. Em 1871 inicia estudos sobre os problemas da cerveja. Dois anos depois é eleito para a Academia de Medicina. Os microorganismos, os micróbios e as doenças específicas. As descobertas de Robert Koch. Outros cientistas. Princípios da soroterapia.

Em 1877 Pasteur divulga os primeiros trabalhos sobre o antraz. Em 1878 realiza estudos sobre a gangrena, septicemia e febre puerperal. Publica sua Teoria dos Germes e suas aplicações na medicina e na cirurgia. Em 1879 estuda a cólera das galinhas. Descoberta das culturas atenuadas. O incansável cientista no ano de 1880 inicia seus estudos sobre a raiva, um dos mais difíceis para ele e sua equipe.

Pasteur começa a colher os frutos dos seus esforços, dos seus trabalhos. As vacinas atenuadas são grande vitória. Em 1881 é eleito membro da Academia Francesa. "Ser um dos quarenta parecia-lhe honra excessiva". Vigia-se para não se deixa empolgar pelas vitórias. Sessão solene para a recepção de Pasteur na Academia Francesa no dia 27 de abril de 1882. Dia de emoção. Experiência na fazenda Pouilly-le-Fort com a vacina contra o antraz. Vacinação contra a cólera das galinhas e a febre esplênica. Continua estudos sobre a raiva. Pasteur no Congresso de Medicina em Londres onde é ovacionado.

Continua os estudos sobre a cólera e as experiências sobre a vacinação anti-rábica nos anos de 1883 e 1884. Em 1885 vacina o menino Joseph Meister, de 9 anos e Jean Baptiste Jupille o jovem herói que lutou e matou um cão com a raiva, que o atacara. Foram os primeiros seres humanos vacinados contra a raiva. Vitória de

Pasteur, os dois foram salvos. Em 1886 trata de dezesseis russos mordidos por um lobo com a raiva.. Todos foram salvos.

Em 1887 Pasteur sofre um segundo derrame. Em 1888 foi inaugurado o Instituto Pasteur de Paris. Em 1889 a nova Sorbonne é inaugurada.

Sem nunca ter parado de trabalhar Pasteur chega aos seus 70 anos. Jubileu comemorado na Sorbonne. Joseph Lister, cirurgião inglês, o homenageia. Presidente da França, Sadi Carnot, presente. O discurso do homenageado. Elogios, aplausos, discursos, presentes.

Em 1894 nos laboratórios do Instituto Pasteur é descoberta a vacina contra a difteria.

Desencarnação de Pasteur, em Villeneuve l'Etang, no dia 28 de setembro de 1895, com 72 anos de idade. Seu corpo repousa na "Chapelle Funéraire" do Instituto Pasteur de Paris.

Pasteur retorna à Pátria Espiritual. Partiu da sua querida França em busca das recompensas celestes e de novos trabalhos, de novos afazeres. A estatura espiritual de Pasteur. Mensagem do "Irmão Humilde". A chegada do Espírito Pasteur à Federação Espírita do

Estado de São Paulo - FEESP. A implantação dos Trabalhos a partir de 1936.

Todos os trabalhos fundamentados nos ensinamentos de Cristo Jesus.

As Escolas da FEESP. Bezerra de Menezes, na Espiritualidade prepara os trabalhadores espirituais para os avanços da medicina, que estavam por chegar. Como Patrono da CASA, é responsável pelo seu bom andamento de modo geral e com a ajuda de MARIA, sua grande protetora vem alcançando os seus mais importantes objetivos. É o Grande Mentor das Escolas da Federação. Edgar Armond, o grande colaborador.

Em 1940 são criados os Trabalhos Especializados denominados PASTEUR. Esses trabalhos cobrem com a Assistência Espiritual uma gama imensa de necessidades. A especificação de cada um deles.

As necessidades humanas. A importância de aprender com Jesus e o respeito às Diretrizes Divinas. Os trabalhos do DEPOE e do DEPASSE. O amparo de Jesus. Manancial de Recursos e o trabalho de Pasteur. Uma vida dedicada aos semelhantes.

"O Mestre Luis Pasteur" da autora Neyde Prado Zühlke (Edições FEESP - 2002)

Luís da Costa Porto Carreiro Neto

Às 10 horas da manhã de 21 de julho de 1964, desencarnou repentinamente, vítima de espasmo cerebral, o nosso culto e operoso irmão Professor Dr. Luís da Costa Porto Carreiro Neto.

Os leitores de Reformador, conhecem o médium psicógrafo que sempre aparece em nossas colunas como mediador de poetas do Grande invisível; muitos lhe terão lido o interessante livro Ciência Divina, do Espírito de Jaime Braga. Não poucos hão de ter notado que Porto Carreiro Neto foi continuador da obra iniciada por Francisco Valdomiro Lorenz, pois que prosseguiu em Reformador, a seção de versos doutrinários recebidos diretamente em Esperanto, seção essa criada pelos nossos Maiores da Espiritualidade, em julho de 1943, pela mão do médium Francisco Valdomiro Lorenz.

Pôrto Carreiro Neto nasceu no Recife, Pernambuco, aos 7 de janeiro de 1895.

Foi criado por uma tia e madrinha, pois que sua genitora faleceu, deixando-o em tenra infância.

Casou-se em 7 de janeiro de 1920, data de seu vigésimo quinto aniversário, enviuvando a 13 de junho de 1958, sem ter deixado descendentes.

Era filho do Professor Carlos Pôrto Carreiro, grande filósofo, lingüista e poeta, a quem devemos excelente gramática portuguesa e obras de arte imortais, como a sua tradução da obra prima de Edmond Rostand, CYRANO DE BERGERAC, tradução em lindos versos, reputados pela crítica como mais belos que os originais. Em seu tempo, a língua francesa tinha grande internacionalidade e para ela Carlos Pôrto Carreiro traduzia primores da literatura brasileira, como vemos desta tradução de Mal Secreto, do nosso grande vate Raimundo Correia:

Mal Secreto

Si la haine bave et la douleur tenace

Qui nous prend, Qui détruit chaque rêve moqueur,

Si tout chagrin poignant, Qui ronge plus d'un coeur,

Du fond de notre moi montait à la surface;

Si, rien qu'en enlevant le masque d'une face,

On y voyait l'esprit qui pleure son malheur,

Combien de gens dont nous envions le bonheur

Nous faisaient-ils plutôt pitié sous leur grimace!

Et combien il en est Qui cachent dans leur sein

Helas! Un ennemi secret, affreux, malsain,

Comme un chancreux dérobe au jour sa plaie immonde!

Que de drames hagards sous des regards joyeux!

Que de gens, ici-bas, ne sont peut-être heureux

qu'en ce qu'ils font semblant de l'être aux yeux du monde!

Juin 1926, tradução de Carlos Porto Carreiro.

Aqui nossa modesta homenagem ao espírito superior que, se houvesse nascido uns decênios mais tarde, teria sido, como o filho, um cultor do Esperanto.

Carlos porto Carreiro era proprietário e diretor de um ginásio em sua cidade natal, Recife. Luís começou a lecionar no colégio do pai aos catorze anos de idade. Mais tarde a família se transferiu para o Rio de Janeiro, onde Luís fez com brilhantismo diversos cursos na Escola nacional de Engenharia, a saber: de engenheiro civil, de engenheiro mecânico e eletricista, de engenheiro industrial, tornando-se a partir de 1925, livre docente, por concurso, da cadeira de Química Industrial da mesma Escola.

Concorrendo à vaga para professor catedrático de Química Inorgânica e Análise Qualitativa, na Escola nacional de Química, saiu vencedor, sendo nomeado em 1933, e ficando em disponibilidade na cadeira que até então ocupava na Escola Nacional de

Engenharia. Posteriormente, foi empossado nas funções de Diretor da Escola nacional de Química, dando mostras de grande atividade administrativa e elevado senso de responsabilidade.

Somente há poucos anos é que o Professor porto Carreiro se aposentou, deixando naquela Escola da Universidade do Brasil uma soma inestimável de serviços prestados à coletividade estudantil.

Como professor e examinador, seja nos cursos universitários, seja nos cursos elementares ou superiores de Esperanto, era sempre muito rigoroso para com os alunos, exigindo o máximo de aproveitamento, como era rigoroso para consigo mesmo.

Profundo conhecedor das ciências físicas, químicas e matemáticas, por vezes se insurgia calorosamente contra erros que os livros de ensino deixavam escapar, chegando mesmo a escrever aos seus autores, delicadamente solicitando destes as necessárias corrigendas para as futuras edições.

Como esperantista dos mais cultos do mundo, foi durante decênios membro da lingva Kimitato e, depois da Akademio de Esperanto. Secretário geral da Liga Brasileira de Esperanto, vice presidente do Brazila Klubo Esperanto, vice chefe delegado da Universala Esperanto Asocio, seu nome tornou-se internacional, sendo

incluído, com uma bibliografia, na conhecida enciclopédia de Esperanto, publicada em Budapeste, 1933 1934.

Poeta, prosador e tradutor, preparou livros realmente magistrais em e sobre Esperanto. Traduziu para essa língua dois romances brasileiros: A Viuvinha de José de Alencar, que foi publicado, e Bugrinha de Afrânio Peixoto, inédito.

Juntamente com os Drs. A. Couto Fernandes e Carlos Domingues, elaborou o Dicionário Português Esperanto, dado a lume em 1936. Nesses últimos anos, o nosso caro confrade vinha exaustivamente trabalhando na organização de um novo e grande Dicionário Esperanto Português, sempre ampliado a cada dia. Esta obra de gigante, que ele deixou terminada está inédita. Editá-la constitui uma necessidade e um dever.

Em conjunto com o professor Ismael Gomes Braga, a este ligado por laços idealísticos profundos, refundiu totalmente, ampliando-a bastante, a obra Esperanto sem Mestre, de autoria de Francisco Valdomiro Lorenz, obra que já conta com seis edições impressas pelo Departamento Editorial da FEB.

A pureza, a fluência e a correção do seu Esperanto granjearam-lhe justos e merecidos elogios das entidades, dos órgãos de imprensa e

dos homens mais representativos do mundo esperantista, comparando-se-lhe muitas vezes o estilo com o de Zamenhof. Colaborou em vários jornais e revistas esperantistas do Brasil e do estrangeiro, quer em prosa, quer em verso, sempre admirado pela sua cultura e saber.

Conhecia diversas outras línguas, entre elas o alemão, o Inglês, o francês, o castelhano, o grego e o latim. Conferiu-lhe o presidente do Instituto Brasileiro de Cultura Alemã o diploma de sócio efetivo, e a Sociedade Brasileira de Geografia recebeu-o como sócio honorário.

Apesar de sua vida de intenso trabalho e profícuas realizações, o Professor Porto Carreiro Neto ainda encontrou tempo para aprender e aprofundar em outra ciência: o xadrez, chegando a ser campeão internacional, com seu nome estampado na imprensa de além fronteiras. É, todavia, no âmbito esperantista que sua existência se imortalizou, cobrindo-se de glórias imorredouras.

Pelo Departamento Editorial da FEB, publicou as seguintes traduções, todas enaltecidas pela crítica daqui e de além mar: La libro de la Spiritoj, La Libro de la mediumoj, em colaboração com I.G. B., Antau du mil jaro. . ., Em Ombro Kaj em Lumo, Nia Hejmo, Ago Kaj Reago. Deixou traduzido, para ser futuramente publicado pela FEB, e o será nos primeiros meses de 1965, a grandiosa obra

mediúnica Paulo e Estevam, e estava traduzindo Quçest-ce que le Spiritisme, de Allan Kardec, quando Átropos lhe cortou o fio da existência terrena. Não chegou ao meio do volume.

Como espírita, foi membro vitalício da FEB e membro do conselho Federativo Nacional, representando Pernambuco. Médiun de incorporação e psicógrafo, recebeu, como já mencionamos acima, um livro do Espírito de Jaime Braga, com o título Ciência Divina, muitos sonetos em português e poematos em Esperanto.

Espírito de alto nível moral, de vasta cultura e muita capacidade de trabalho, não se dobrava ao cansaço, nem ao desânimo.

Sua missão como esperantista e médiun se achava sempre harmoniosamente enquadrada no programa de trabalho da FEB. Foi um trabalhador de Jesus na preparação do Brasil para sua anunciada missão histórica. Todos os nossos livros em e sobre Esperanto foram cuidadosamente revistos por ele e entregues a FEB para futuras edições.

Não dizemos que perdemos um grande trabalhador, porque ele ficará nos livros, ensinando as futuras gerações, e certamente saberá inspirar sucessores para seus ideais na superfície da terra. Depois de escrevermos isto, eis que a 23 do mês de julho, dois dias

após a sua desencarnação, como que a confirmar nossas esperanças, se manifesta no Grupo Ismael, através do médium Giffoni, o nosso Porto Carreiro Neto, a transmitir-nos mensagem alentadora, da qual extraímos estas exortações:

“Estamos de pé, com os olhos voltados para a nossa tarefa. Não a interrompemos, e vocês também não. Eu, por um pouco, dizem-me estarei ausente, mas retornarei. Enquanto isto, os amigos continuarão a obra, porque não é nossa, é do Cristo, é da Humanidade”.

Congratulamo-nos com o bom servidor por haver aproveitado bem sua recente reencarnação e suplicamos do Senhor bênçãos de luz para seu Espírito, que, liberto das sombras da matéria, rapidamente se amoldou a nova situação, vindo nos afirmar, conforme suas próprias palavras, na comunicação mediúnica acima referida, que tudo continua em laboro construtivo.

Anuário Espírita – 1965

Luís IX

"O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade.(...)"

Assim inicia a resposta à última questão de O Livro dos Espíritos e que, à semelhança de várias outras, são atribuídas ao espírito São Luís. Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, ele responde a questões que se encontram no cap. IV, itens 24 e 25; cap. V, itens 28 a 31; cap. X, itens 19 a 21; cap. XIII, item 20; cap. XVI, item 15, bem assim derrama a sua sabedoria em vários itens de O Livro dos Médiuns, lecionando conceitos acerca do: "Laboratório do Mundo Invisível" e "Das manifestações físicas espontâneas".

São Luís foi canonizado pela Igreja Católica, no ano de 1297, pelo papa Bonifácio VIII. Adquiriu renome como soberano imparcial. Filho de Branca de Castela, foi coroado rei de França, em Reims, em novembro de 1226, com apenas 12 anos de idade. Durante 10 anos, até seu casamento com Margarida de Provença, foi sua mãe que exerceu a Regência, embora somente em 1242 ele tenha assumido pessoalmente o poder, tomando o nome de Luís IX.

Sob a orientação de sua mãe, tornou-se um soberano piedoso e altruísta. Seus súditos o admiravam pela sua imparcialidade e algumas gravuras o mostram ministrando justiça sob um carvalho, numa floresta perto de Paris, recordando exatamente a qualidade que o caracterizava.

Aumentou, durante o seu reinado, o poder real à custa dos nobres , que, mesmo assim o respeitavam pela sua justiça. Ele organizou um sistema de controle para evitar abusos administrativos e, desta forma, fortalecer o poder central. Instituiu assembléias judiciárias que, posteriormente viriam dar origem aos parlamentos.

Católico fervoroso, ele fez construir, em 1245/1248, a Sainte Chapelle, em Paris e organizou a sétima Cruzada contra o Egito, sendo capturado pelos muçulmanos em 1250. Resgatado, após o pagamento de elevado resgate, ele passou os 4 anos seguintes na Síria, fortificando as posições ditas cristãs. De volta a França, estabeleceu algumas medidas como a proibição do duelo judiciário, proibição do jogo e a instituição de penalidades para a blasfêmia.

É de sua iniciativa a construção da Sorbonne, que tantas personalidades ilustres formaria para a Humanidade, bem assim construiu o Hospício dos Quinze-Vingts. Em 1270, empreendeu nova Cruzada. Ao desembarcar em Cartago, seu exército e ele próprio são vitimados pela peste.

Chamado de o "bom rei Luís" , referência que lhe faz , inclusive o Espírito perturbador da rua des Noyers (O Livro dos Médiuns, item 95), foi considerado um soberano ideal, admirado mesmo por seus inimigos pela sua integridade.

Nada menos que cinco mensagens se permitiu inserir o Codificador no cap. XXXI de O Livro dos Médiuns, da autoria de Luís IX, que assina São Luís e exorta os espíritas nos seguintes termos: "(...) Quanto mais modestos fordes, tanto mais conseguireis tornar-vos apreciados. Nenhum móvel pessoal vos faça agir e encontrareis nas vossas consciências uma força de atração que só o bem proporciona.

Por ordem de Deus, os Espíritos trabalham pelo progresso de todos, sem exceção. Fazei o mesmo, vós outros, espíritas." (item VI) Enciclopédia Mirador Internacional, vol. 13, verbete: Luís IX.

É o incomparável São Luís, quadragésimo Rei da França desde o início da monarquia, e o nono da terceira raça, da qual Hugo Capeto foi o tronco.

Seu pai foi Luís VIII, filho de Filipe Augusto, e sua mãe a princesa Branca, de quem os historiadores atribuem a glória de haver sido filha, sobrinha, esposa, irmã e tia de reis. Com efeito, seu pai foi Afonso IX, Rei de Castela, que infligiu aos mouros sério revés na batalha de Navas de Tolosa, quando mais de duzentos mil infiéis pereceram no campo de batalha; era sobrinha dos reis Ricardo e João, da Inglaterra; esposa de Luís VIII, Rei da França; irmã de

Henrique, Rei de Castela; mãe de São Luís IX e de Carlos, Rei de Nápoles e da Sicília; e tia, através de suas irmãs Urraca e Berengüela, de Sanches, Rei de Portugal, e de São Fernando III, Rei de Leão.

Nasceu São Luís no Castelo de Poissy, a 30 quilômetros de Paris, no dia 25 de abril de 1215, quando em toda a Cristandade procissões solenes comemoravam o dia de São Marcos. Vivia ainda seu avô, Filipe Augusto, o qual acabava de ganhar a célebre batalha de Bouvines, oito anos antes de lhe suceder seu filho, o futuro Luís VIII.

A infância de São Luís foi um espelho de honestidade e sabedoria. Seu pai, que unia virtude e zelo pela religião a uma bravura marcial que lhe valeu o nome de Leão, foi particularmente zeloso na sua educação. Deu-lhe bons preceptores e um sábio governante: Mateus II de Montmorency, primeiro barão cristão; Guilherme des Barres, Conde de Rochefort; e Clemente de Metz, marechal-da-França, que lhe inspiraram os sentimentos que deve ter um rei cristianíssimo e um filho primogênito da Igreja.

Sua mãe, Branca, não poupou esforços para torná-lo um grande rei e um grande Santo, sobretudo após a morte de seu filho primogênito, Filipe. Ela lhe repetia com freqüência estas palavras, dignas de serem imitadas por toda mãe verdadeiramente católica:

"Meu filho, eu gostaria muito mais ver-te na sepultura, do que maculado por um só pecado mortal".

Com a morte prematura do Rei aos 40 anos, em 1226, na cidade de Montpellier, quando voltava da guerra contra os hereges albigenses, nosso Santo subiu ao trono, sob a tutela da mãe, tendo sido sagrado na Catedral de Reims em 30 de novembro daquele mesmo ano.

Sua minoridade foi pródiga em guerras intestinas, causadas pela ambição e orgulho de senhores feudais do reino, que desejavam valer-se da pouca idade do soberano para impor as suas pretensões. Mas Deus dissipou todas as facções por uma proteção visível sobre a pessoa sagrada desse jovem Monarca.

Uma minoridade tão conturbada serviu de ocasião para fazer reluzir a prudência, o valor e a bondade daquele que se tornaria um protótipo do Rei Católico.

No dia 27 de maio de 1235, pouco depois de completar 20 anos, casou-se com Margarida, filha mais velha de Raimundo Béranger, Conde de Provence e de Forcalquier, e de Beatriz de Sabóia. Era uma princesa que a graça e a natureza haviam dotado de toda sorte de perfeições, e que lhe daria, ao longo de uma santa e harmoniosa

existência, 10 filhos, cinco homens e cinco mulheres. Acompanhou ela o jovem esposo na sua primeira expedição além-mar, e após a morte deste, retirou-se no Mosteiro de Santa Clara, onde terminou seus dias em 20 de dezembro de 1285. Seu corpo, precedido e seguido por pobres, que a chamavam de mãe, foi enterrado em Saint-Denis.

Luís IX procurava acima de tudo tributar a Deus o serviço e a honra que Lhe eram devidos. Este Lhe retribuía assistindo-o em todas as necessidades, aconselhando-o nos empreendimentos, protegendo-o dos inimigos e conduzindo a bom termo todas as suas iniciativas.

O segundo de seus filhos varões foi Filipe III, que Lhe sucedeu no trono, e cujos filhos foram, por sua vez, Reis, até Henrique III. O caçula de São Luís foi Roberto de Bourbon, cuja descendência subiu ao trono francês durante nove gerações. Das filhas, com exceção de uma, falecida prematuramente, todas foram esposas de Reis.

Ao contrário de outros Monarcas, que negligenciam a educação dos filhos, ou os deixam, sem maior preocupação, aos cuidados de governantes, São Luís chamava pessoalmente a si o cuidado de os instruir, imprimindo-lhes na alma o desprezo pelos prazeres e vaidades do mundo e o amor pelo soberano Criador. Ele os exercitava normalmente à noite, após as horas Completas, quando os fazia vir a seu quarto a fim de ouvir as suas piedosas exortações.

Ensinava-lhes, além disso, a rezar diariamente o Pequeno Ofício de Nossa Senhora, obrigava-os a assistir às Missas de preceito, e inculcava-lhes a necessidade da mortificação e da penitência. Às sextas-feiras, por exemplo, não permitia que portassem qualquer ornamento na cabeça, porque foi o dia da coroação de espinhos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ainda hoje existem os manuscritos das instruções por ele deixadas à sua filha Isabel, Rainha da Navarra: são tão santas e cheias do espírito de Nosso Senhor, que nenhum diretor espiritual, por mais esclarecido que seja, seria capaz de apresentar outras mais excelentes.

Se São Luís soube educar tão bem os filhos, foi entretanto ainda mais admirável em governar os negócios públicos. Nunca a França experimentou tanta paz e prosperidade como em sua época. Enquanto as outras nações, em todas as latitudes, estavam em convulsão, os franceses por ele governados gozavam de uma feliz tranquilidade, assegurada pela sabedoria do Monarca. Ele soube banir do Estado, através de sábias leis, todos os desregramentos então existentes. O primeiro deles foi a blasfêmia e os juramentos ímpios e execráveis. Foram tão rigorosas as punições contra eles estipuladas, que o Papa Clemente IV julgou dever atenuá-las.

Outros desregramentos que se esforçou em exterminar foram os duelos, os jogos de azar e a freqüentação a lugares de tolerância. Antes de São Luís, nenhum Rei havia proibido os duelos: toleravam-no, e às vezes o ordenavam, a fim de se conhecer o direito das partes; o que importava meio enganoso e contrário aos preceitos da justiça.

Modelo em tudo para os homens públicos de todos os tempos e sobretudo de nossos dias, Luís IX o era de modo especial no tocante à boa administração dos bens do Estado e ao exímio cumprimento da lei. Assim, por exemplo, quando enviava juizes, oficiais e outros emissários às províncias para ali exercerem durante algum tempo Justiça, proibia-lhes de adquirir bens e empregar seus filhos, com receio de que isso pudesse ensejar a que viessem cometer injustiças.

Nomeava, acima deles, juizes extraordinários para examinar sua conduta e rever seus julgamentos, a exemplo de Deus, que assegura que julgará a Justiça. E se por acaso encontrava que em algo haviam agido mal, impunha-se primeiramente a si mesmo uma severa penitência, como se tivesse sido o culpado pelo excesso praticado por eles, e em seguida ministrava-lhes severa punição, obrigando-os a restituir o que haviam tomado do povo, se fosse esse o caso, ou a reparar aqueles que haviam sido condenados injustamente. Pelo contrário, quando tomava conhecimento de que haviam cumprido

dignamente os seus deveres, recompensava-os regamente e os fazia ascender a funções mais honrosas.

Além de administrar Justiça, não negligenciava o Santo Monarca o cuidado dos pobres.

Se foi notório seu zelo em extirpar a libertinagem no reino de França, o que dizer de seu empenho em relação ao extermínio da heresia e ao estabelecimento da Fé e da disciplina cristã? Para isso tomou-se de grande afeição pelos religiosos de São Domingos e de São Francisco, a quem ele via como instrumentos sagrados dos quais a Providência queria se servir para a salvação de uma infinidade de almas resgatadas pelo precioso Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele os convidava com certa freqüência para jantar, sobretudo São Tomás de Aquino e São Boaventura, dois luzeiros a iluminar o firmamento da Santa Igreja a partir da Idade Média.

Um dos traços em que a religiosidade desse grande Monarca mais se manifestou foi a aquisição, junto a Balduino II, Imperador de Constantinopla, da Coroa de Espinhos de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a qual mandou edificar essa verdadeira maravilha da arquitetura gótica que é a Sainte-Chapelle, no coração de Paris.

Deus, quando suscita numa alma um grande desejo, fá-la não raro passar por uma grande provação antes de atendê-la. Foi o que sucedeu com São Luís, que em 1245 caiu gravemente enfermo, a ponto de alguns terem como certa sua morte. Nessa contingência os franceses, que o amavam como a um pai, fizeram violência ao Céu, organizando vigílias, procissões e outros atos de piedade pela sua convalescença. O Monarca fez então um voto: caso sobrevivesse, partiria para libertar o Santo Sepulcro.

Cumpriu-o três anos depois, ao partir para Lyon, onde se encontrou com o Papa Inocente IV, de quem recebeu a bênção apostólica. Dirigiu-se em seguida para Aigues-Mortes, onde o aguardavam as embarcações que deveriam conduzi-lo com os cruzados ao Oriente. Era o dia 25 de agosto de 1248, data em que se iniciava a VI Cruzada da História.

As naus tocaram inicialmente a Ilha de Chipre, onde o Monarca se viu obrigado a permanecer durante o inverno, devido a uma peste que arrebatou a sexta parte de seu exército. Sua demora e essas perdas foram contudo de algum modo recompensadas pela conquista do Rei de Chipre, a quem São Luís conseguiu convencer de juntar-se à expedição.

Reencetou o Santo Cruzado a sua expedição no dia 13 de maio de 1249, à frente de uma formidável armada de 1800 embarcações,

grandes e pequenas. Entretanto, devido às tempestades, mais da metade delas desviou-se da rota. De sorte que, ao passar em revista suas tropas, encontrou apenas 700 cavaleiros, dos 2800 de que se compunha seu exército.

De batalha em batalha; vitorioso numas e com reveses em outras; passando por humilhações pelos pecados de seus soldados ou por honrarias em pleno cativo (os emires do Egito quiseram elegê-lo Sultão!); sendo informado do nascimento de um dos filhos em Damiette, em plena época de negociação com os algozes, e do falecimento de sua bondosa mãe, a Rainha Branca, na França; enfrentando pestes e naufrágios, retomou o Rei-Cruzado, em 25 de abril de 1254, festa de São Marcos, o caminho da doce França, onde aportou no dia 19 de julho do mesmo ano. Em 5 de setembro encontrava-se no Castelo de Vincennes, e no dia seguinte entrava solenemente em Paris.

Seu regresso foi acolhido com eloqüentes manifestações de dileção do Papa Clemente IV e de Henrique III, Rei da Inglaterra. Decidiu então o Santo lançar uma VII Cruzada, a última da História, para a qual se apresentaram seus filhos e Ricardo, Rei da Inglaterra, além de numerosos príncipes e senhores. Após terem sido tomadas todas as providências, partiram em direção a Túnis, no dia 4 de julho de 1270.

Mais uma vez no mar, e eis que outra grande tempestade dispersa as embarcações, fazendo com que muitas sejam impedidas de partir. São entretanto reparadas e chegam todas a Túnis. Mas o rei daquelas terras, bárbaro, traidor e infiel, que havia chamado São Luís à África dizendo que queria tornar-se cristão, sequer permitiu que sua armada descesse. O embate começou então ali mesmo, com os franceses assediando vários pontos nevrálgicos dos infiéis e a própria capital. Como esta resistisse, decidiram dominá-la cortando os víveres.

Mas a decomposição da cidade atingiu o exército francês, que foi logo empestado por todos os lados, ceifando inúmeras vidas. São Luís viu morrer seu filho Jean Tristan, nascido por ocasião do seu cativeiro no Egito, e pouco depois ele mesmo entregaria serena e santamente sua bela alma a Deus, o que se deu no dia 25 de agosto de 1270, precisamente 22 anos após sua partida para a VI Cruzada.

As relíquias de São Luís foram levadas para a França por seu filho Filipe, com exceção das entranhas, destinadas à Abadia de Montréal, na Sicília, a pedido do Rei Carlos, irmão do Santo Monarca. O resto de seu corpo repousa na Abadia de Saint-Denis. Seu culto foi juridicamente examinado e aprovado pelo Papa Bonifácio VIII, que o canonizou em 1297.

Les Petits Bollandistes, Vie des Saints, Typographie des Célestins, ancienne Maison L. Guérin, 1874, t. V, p. 192 a 217, Bar-le-Duc.

Luiz di Cristoforo Postiglioni

Nascido na República Argentina, a 29 de novembro de 1909, e desencarnado no mesmo país, a 10 de fevereiro de 1979.

Luiz di Cristóforo Postiglioni foi um dos mais destacados espíritas argentinos dos últimos tempos. Sua atuação foi das mais intensas e os cargos por ele desempenhados foram dos mais relevantes.

O emérito companheiro foi presidente da Federação Espírita Internacional (1972-19778), tendo, nessa qualidade efetuado visitas a numerosos países, dentre elas a Inglaterra, França, Itália, Grécia, África do Sul e numerosas nações da América Latina, notadamente o Brasil.

Teve extraordinária atuação na Sociedade Constância, de Buenos Aires, inclusive no cargo de vice-presidente. Foi ainda secretário do conhecido periódico portenho Constancia. Dentre as instituições onde militou podemos destacar o Grupo de Estudos Camille Flammarion, do qual foi fundador; Colégio Argentino de Estudos Psíquicos, do qual foi secretário; Confederação Espírita Panamericana, atuando como secretário em seu primeiro período, e

como seu delegado junto ao 2º Congresso Espírita Panamericano, realizado no Rio de Janeiro, em 1949.

Postiglioni foi decano do Instituto Neo-Pitagórico da Argentina; secretário-geral e em seguida presidente da Confederação Espírita Argentina, a qual representou nos Congressos Internacionais da Federação Espírita Internacional, realizados em Copenhage (1966) e Glasgow (1969); delegado ao 1º Congresso Mundial de Biologia e Medicina Nuclear (1964).

Quando da sua desencarnação exercia a presidência da Sociedade Perdo-te, de La Plata e pertencia ao Movimento do Serviço do Espiritismo, em sua pátria. O renomado seareiro era conferencista brilhante, tendo defendido teses e monografias várias. Deu sempre sua colaboração incondicional às revistas La Idea e Constância.

Em parceria com o Engenheiro José S. Fernandes, o Dr. Postiglioni apresentou, no 2º Congresso Internacional para estudos da reencarnação, o trabalho Fundamentos científico-filosóficos da reencarnação, além de Raiz e destino de Kardec, A ciência e a alma, e A reencarnação em Glasgow.

Na qualidade de presidente da Confederação Espírita Argentina, visitou o Paraguai e também representou-a em Santiago do Chile,

na 2ª Conferência Regional da Confederação Espírita Panamericana. Era figura bastante conhecida entre os espíritas brasileiros e acompanhava de perto o movimento espírita de nosso país.

Homem de grande talento, era dotado de infatigável disposição para o trabalho. Para isso bastava ver a intensidade dos seus escritos, nos mais importantes periódicos da vizinha República, sua atuação como conferencista e sua luta em favor da implantação dos ideais contidos na Doutrina Espírita, uma vez que defendia incondicionalmente a codificação kardequiana e o postulado da reencarnação sempre que se lhe deparava oportunidade.

A sua partida representou duro golpe para os espíritas argentinos, acostumados a vê-lo presente em todos os movimentos que se realizavam quer na grande república platina, quer em numerosos outros países.

Personagens do Espiritismo

Luiz Olimpio Guillon Ribeiro

Muito devemos ao incansável trabalho deste seareiro de primeira grandeza, embora não tanto conhecido do grande público. Podemos mesmo dizer que poucos espíritas devem haver que

jamais tenham lido um livro dentre os tantos que passaram pelas criteriosas mãos de Luiz Olimpio Guillon Ribeiro. Porque Guillon Ribeiro traduziu quase todos os livros do Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec: "O Evangelho Segundo O Espiritismo", "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "A Genese", "O Que É O Espiritismo" e "Obras Póstumas" - só não traduziu "O Céu e o Inferno", que coube a Manuel Quintão.

A lista de livros traduzidos por Guillon Ribeiro é impressionante! Inclui livros de Pietro Ubaldi, Léon Denis, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Arthur Conan Doyle, entre muitos outros. Nessa vasta lista destacam-se os livros "A Grande Síntese"(de Pietro Ubaldi), "Joanna d'Arc, Médium" e "O Além e a Sobrevivência do Ser" (ambos de Léon Denis) e "A Crise da Morte", "Animismo e Espiritismo", "Xenoglossia" e "Psicologia e Espiritismo (todos os quatro de Ernesto Bozzano).

Além de todo esse trabalho, Guillon Ribeiro ainda escreveu seus próprios livros: "Jesus, Nem Deus Nem Homem", "Espiritismo e Política", "A Mulher", "A Federação Espírita Brasileira". Outros trabalhos seus são as seguintes compilações: "Trabalhos no Grupo Ismael" (3 volumes), "Ensinamentos do Além", e "Advertência do Aquém". Também foram publicadas diversas matérias suas no "Reformador" e na Imprensa Espírita.

A vida de Guillon Ribeiro é tão impressionante quanto a sua obra em benefício do Espiritismo. Pois, tendo nascido no Estado do Maranhão, a 17 de janeiro de 1875 (três dias depois de o "Jornal do Comércio" anunciar o lançamento da primeira tradução para o português de "O Livro dos Espíritos", por Fortunio, pseudônimo do Dr. Joaquim Carlos Travassos), filho de pais pobres, passando privações, órfão de pai aos 7 anos, acabou por chegar ao Senado Federal, desempenhando naquela Casa um trabalho tão importante, que mereceu inclusive um discurso elogioso de Rui Barbosa.

Nessa Casa chegou ao cargo de Diretor Geral da Secretaria do Senado. Foi Presidente da Federação Espírita Brasileira e Diretor dessa entidade durante vinte e seis anos consecutivos, tendo exercido quase todos os cargos. Por todo o seu incessante trabalho na divulgação do Espiritismo, Guillon Ribeiro, esse valioso seareiro é o SAL DA TERRA. Fonte Internet Página Casa de Recuperação e Benefícios Dr. Bezerra de Menezes Luiz Olimpio Guillon Ribeiro Muito devemos ao incansável trabalho deste seareiro de primeira grandeza, embora não tanto conhecido do grande público.

Podemos mesmo dizer que poucos espíritas devem haver que jamais tenham lido um livro dentre os tantos que passaram pelas criteriosas mãos de Luiz Olimpio Guillon Ribeiro. Porque Guillon Ribeiro traduziu quase todos os livros do Codificador da Doutrina

Espírita, Allan Kardec: "O Evangelho Segundo O Espiritismo", "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "A Genese", "O Que É O Espiritismo" e "Obras Póstumas" - só não traduziu "O Céu e o Inferno", que coube a Manuel Quintão. A lista de livros traduzidos por Guillon Ribeiro é impressionante! Inclui livros de Pietro Ubaldi, Léon Denis, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Arthur Conan Doyle, entre muitos outros.

Nessa vasta lista destacam-se os livros "A Grande Síntese"(de Pietro Ubaldi), "Joanna d'Arc, Médiun" e "O Além e a Sobrevivência do Ser" (ambos de Léon Denis) e "A Crise da Morte", "Animismo e Espiritismo", "Xenoglossia" e "Psicologia e Espiritismo (todos os quatro de Ernesto Bozzano). Além de todo esse trabalho, Guillon Ribeiro ainda escreveu seus próprios livros: "Jesus, Nem Deus Nem Homem", "Espiritismo e Política", "A Mulher", "A Federação Espírita Brasileira". Outros trabalhos seus são as seguintes compilações: "Trabalhos no Grupo Ismael" (3 volumes), "Ensinamentos do Além", e "Advertência do Aquém". Também foram publicadas diversas matérias suas no "Reformador" e na Imprensa Espírita. A vida de Guillon Ribeiro é tão impressionante quanto a sua obra em benefício do Espiritismo.

Pois, tendo nascido no Estado do Maranhão, a 17 de janeiro de 1875 (três dias depois de o "Jornal do Comércio" anunciar o lançamento da primeira tradução para o português de "O Livro dos

Espíritos", por Fortunio, pseudônimo do Dr. Joaquim Carlos Travassos), filho de pais pobres, passando privações, órfão de pai aos 7 anos, acabou por chegar ao Senado Federal, desempenhando naquela Casa um trabalho tão importante, que mereceu inclusive um discurso elogioso de Rui Barbosa.

Nessa Casa chegou ao cargo de Diretor Geral da Secretaria do Senado. Foi Presidente da Federação Espírita Brasileira e Diretor dessa entidade durante vinte e seis anos consecutivos, tendo exercido quase todos os cargos. Por todo o seu incessante trabalho na divulgação do Espiritismo, Guillon Ribeiro, esse valioso seareiro é o SAL DA TERRA.

Casa de Recuperação e Benefícios Dr. Bezerra de Menezes

Luiz Olimpio Teles de Menezes

O dia 16 de março assinala o aniversário de desencarnação de Luiz Olimpio Teles de Menezes considerado o pioneiro do Espiritismo aqui no Brasil. Com efeito, Teles de Menezes considerado o pioneiro do Espiritismo aqui no Brasil. Com efeito, Teles de Menezes fundou no dia 17 de setembro de 1865 em Salvador (BA), o Grupo Familiar do Espiritismo, primeira agremiação doutrinária em terras brasileiras.

Essa sua atitude foi um verdadeiro ato de heroísmo, pois naquela época o ambiente era totalmente hostil à prática da nova doutrina, mesmo porque o Estado tinha o Catolicismo como sua religião oficial. Na primeira reunião desse Grupo, no dia mesmo da fundação, um espírito que se denominou “Anjo de Deus”, enviou psicograficamente uma mensagem, cujo teor deixou muito felizes os membros do Grupo recém fundado.

O JORNALISTA Além de ter sido o pioneiro na constituição de um “Centro Espírita”, Teles de Menezes detém igualmente a primazia de constituir a imprensa espírita no Brasil. Alguma experiência como jornalista talvez lhe tenha facilitado essa tarefa, pois em 1849 ingressou como redator do jornal “Época Literária”, tendo mais tarde passado a diretor. Em 8 de março de 1869, Luiz Olímpio Teles de Menezes anunciou, através de um discurso proferido no Grêmio dos Estudos Espiríticos da Bahia, o aparecimento do jornal “O ECO D’ALÉM TÚMULO – monitor do Espiritismo no Brasil”.

Eis um trecho do seu discurso: “A nós, que nos achamos hoje reunidos, constituindo, naturalmente, o Grêmio dos Estudos Espiríticos na Bahia, e a quem uma certa vocação do Alto cometeu o empenho desta árdua missão, árdua e até espinhosa, sim, mas irradiante de bem fundadas esperanças, incumbe, pelos meios que de mister é serem empregados, propagar essa crença regeneradora e cristã, fazendo-a chegar indistintamente a todos os homens; e o

meio material que a Providência sabiamente nos oferece para levar rapidamente a palavra da verdade à inteligência e ao coração de todos os homens, é a Imprensa”.

Defensor, intransigente dos princípios espíritas, Teles de Menezes escreveu uma carta aberta (duas edições do mesmo ano) ao Metropolitano e Primaz do Brasil, D. Manoel Joaquim da Silveira, refutando a pastoral que este publicou; com o título “Erros perniciosos do Espiritismo”. Essa carta parece ter sido a primeira obra espírita, de brasileiro, publicada no Brasil. Também foi o primeiro presidente da Associação Espírita Brasileira, que visava “ao desenvolvimento moral e intelectual do homem nas largas bases que cria a filosofia espírita , e a exemplificação do sublime e celestial preceito da caridade cristã”.

Considerando sua missão cumprida na Bahia, Luiz Olimpio Teles de Menezes transferiu-se para o Rio de Janeiro. Aí, na rua Barão de São Félix, com 65 anos de idade, desencarnou no dia 16 de março de 1893, há 79 anos portanto. Dois acontecimentos se verificam com o intuito de homenagear o pioneiro do Espiritismo no Brasil. Por proposta da Federação Espírita Brasileira, o então Departamento de Correios e Telégrafos autorizou a utilização de um carimbo postal, no dia 17 de setembro de 1965 – exatamente 100 anos após a fundação do “Grupo Familiar”do Espiritismo -, que foi aplicado nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro.

E a 4 de dezembro de 1966, foi inaugurada em Salvador a Rua Professor Teles de Menezes, em cumprimento a decisão da Câmara Municipal daquela cidade. A Teles de Menezes, ao ensejo de mais um aniversário de desencarnação, nossas preces de gratidão pelo seu trabalho incondicional em favor do Espiritismo.

O CLARIM - Março/72

Luiz Picinin

Abriu-se uma lacuna nas fileiras do Espiritismo no Paraná: no último dia 21 de julho desencarnou Luiz Picinin, o Obreiro do Senhor. Picinin foi um trabalhador incansável e não apenas mais um que passou por aqui, tendo sido e continuado a ser alguém que se projetou pelo muito que realizou.

Nos idos de 40, Luiz Picinin morava em Cambé, tendo sido empresário no setor cafeeiro, mais especificamente tendo trabalhado com máquina de benefício de café. Tendo adentrado as lides espíritas, como um bom seareiro, agiu como os discípulos de Jesus que, a convite do Mestre, abandonaram as redes, deixando os peixes para pescarem almas.

Luiz Picinin, espírito abnegado, pensou em seu semelhante e iniciou um grande trabalho, tendo sido o fundador do Lar Infantil Marília Barbosa, de Cambé, onde foi edificado anos antes, por esforços seus, o Albergue Noturno Jesus, que funcionou 27 anos. No lugar do Albergue funciona hoje a Gráfica do Lar Infantil Marília Barbosa.

Há quase 47 anos - precisamente em dezembro de 1953 - surgiu, também às suas expensas, o jornal O Imortal e por sua iniciativa esteve no ar por muitos anos o programa radiofônico espírita “Eco do Além”, que, havendo ficado fora do ar algum tempo, ressurgiu depois com o nome “Além da Vida”, que vai ao ar todos os domingos, das 8h30 às 9h30, através da Rádio Londrina.

A vida e a obra de Luiz Picinin dariam para escrever um grande livro, porque Picinin foi um grande vulto que por aqui passou, trabalhou, produziu, e foi uma luz no nosso caminho, que brilhou, continua brilhado e jamais se apagará. Caro amigo Picinin, companheiro amigo, ao fundar O Imortal você escolheu uma belíssima frase de Marília Barbosa que diz: “A vida é imortal, não existe a morte: não adianta morrer, nem descansar, porque ninguém descansa nem morre”. Ao voltar ao mundo espiritual, os grandes vultos da Doutrina, principalmente aqueles que lidaram com você no Norte do Paraná, estavam por certo a esperá-lo para ampará-lo com braços afetuosos como a um verdadeiro

Manoel Fernandes Figueira

Manoel Fernandes Figueira Espírita e médium atuante no séc. XIX e começo do XX, foi um dos fundadores da Federação Espírita Brasileira. No Natal de 1.883, quando juntamente com outros companheiros como Augusto Elias da Silva, Francisco R. Quadros, Xavier Pinheiro, Silveira Pinto, Romualdo Nunes e Pedro da Nóbrega, deliberaram fundar uma sociedade destinada a federar todos os grupos por um programa equilibrado e misto.

Esses amigos costumavam reunir-se em casa de Augusto Elias, à rua da Carioca nº 120, às terças-feiras para confraternização espiritual e resolveram transformar esse grupo íntimo numa entidade jurídica de vastos horizontes. Na reunião seguinte de 1º de janeiro de 1.884, aprovaram o plano duma FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. O médium Manoel Fernandes Figueira leu um interessante "acróstico" de "federação espírita brasileira", escrito na véspera, em cujos dois últimos versos se pôde ver a verdadeira finalidade da agremiação: "Reunindo em um forte, indissolúvel laço, A crente comunhão espírita brasileira."

No dia 02 de janeiro de 1.884, aclamariam-se o primeiro diretório da F.E.B., (Quadros, Manoel Fernandes Figueira, Silveira Pinto, Xavier Pinheiro e Augusto Elias). Manoel Fernandes Figueira nasceu à 19 de dezembro de 1.837 na praia de Guaratiba, estado do Rio de Janeiro e desencarnou em 26 de novembro de 1.918 em sua

residência, uma chácara no bairro do Rocha na cidade do Rio de Janeiro. Em 12 de dezembro de 1.888 fundou o "Centro de Estudos Espíritos", que funcionou na sede da F.E.B., desde a data de sua fundação até janeiro de 1.916, sob sua presidência. Quando a Federação atravessava em 1.895, uma tremenda crise, Manoel Fernandes Figueira, estava entre os que se decidiram pelo convite à "Dr. Bezerra de Menezes" para que assumisse a presidência da F.E.B.

Os outros eram Dias da Cruz, Elias da Silva e Alfredo Pereira. Em 1.916 no mês de janeiro, passa o Centro de Estudos Espíritos a funcionar no bairro do Méier, na União Espírita Suburbana, o Méier, na União Espírita Suburbana.. Em 02 de dezembro de 1.929, foi sugerida a mudança da denominação da instituição para "Centro Espírita Fernandes Figueira". Em 06/02/1931 efetua-se o registro do estatuto do "C.E. Fernandes Figueira" no Registro do 3º Ofício de Títulos e Documentos. Quarenta e nove anos depois o "C.E. Fernandes Figueira" passa a denominar-se "União Espírita Fernandes Figueira e Bezerra de Menezes" em virtude de sua fusão com o Grupo Espírita Bezerra de Menezes, fundado em 26/12/1962, sendo que funciona no bairro do Méier, RJ., até hoje, um dos mais antigos do Brasil com 114 anos de existência.

Foi funcionário da antiga Central do Brasil, e como tinha de viajar constantemente, em virtude de sua profissão, aproveitava para

divulgar a Doutrina Espírita pelo Brasil afora. Em 10/12/1.911, quando era inaugurado o prédio definitivo da Federação, na Av. Passos nº 30 (hoje sede seccional do Rio de Janeiro), proferiu a última alocução do programa festivo daquele evento. Nesta palestra descreveu como foi o surgimento da F.E.B., bem como o advento do Espiritismo no Planeta Terra desde seus primórdios, com muita propriedade, conhecimento e inspiração.

Num dos trechos da sua alocução proferiu: "Espiritismo, ciência divina, laço complacente do plano incomparável da criação, que nos faz prelibar as venturas de uma perfectibilidade desconhecida, a ti meu profundo reconhecimento, admiração e amor ! Seu neto Sylvio Fernandes Figueira vive atualmente em Mogi das Cruzes, SP., bem como vários bisnetos e tataranetos.

Federação Espírita Brasileira (Seccional Rio de Janeiro) Amélia Rocha D'Abreu (bisneta) Livro "Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho" Francisco C.Xavier ,espírito de Humberto de Campos.

Manoel José da Costa e Cunha

O primeiro propagandista do Espiritismo no Paraná, ali pelo ano de 1870, foi o conceituado cidadão Manoel José da Costa e Cunha, nascido a 15 de dezembro de 1852, na Freguesia de Merelin (S. Pedro), Conselho e Distrito de Braga, Portugal. Alma aberta ao

progresso e às novidades e conquistas do espírito humano em sua ascensão, tendo tomado contato com os primeiros livros espíritas em uma das muitas viagens comerciais que fizera ao Rio de Janeiro, onde lhe fora dado assistir a um espetáculo de magia e prestidigitação, durante o qual ouviu referências ao Espiritismo, Manoel Cunha, como abreviadamente o chamavam, após o estudo das obras fundamentais deixadas por Allan Kardec, a começar pelo “O Livro dos Espíritos”, entrou a fazer reuniões íntimas, de estudo e preces, no curso das quais realizava experiências metódicas de tipologia (mesa redonda de três pés, pequena), obedecendo escrupulosamente a todas as recomendações constantes da Doutrina Espírita.

Com a constância que lhe era peculiar, a bondade congênita e a elevação espiritual com que apreciava o empolgante assunto da comprovação da Verdade imortalista, Manoel Cunha obteve, progressivamente, excelentes resultados de tais experiências, o que o animou a reunir crescente número de pessoas de suas relações comerciais, sociais e familiares interessadas no assunto, culminando, por fim, com a fundação do Centro Espírita de Curitiba. Determinado a tornar conhecido o Espiritismo em todas as camadas sociais e desfrutando de largo prestígio moral no comércio e na sociedade paranaense, o grande pioneiro soube medir suas responsabilidades e seus passos na senda que tomara, desde o início, não malbaratando as suas reuniões, nem permitindo nelas nada que destoasse das altas finalidades morais que tinha em mira.

Daí a sua atitude serena e bondosa, mas intransigente, não admitindo nem levando ninguém às sessões mediúnicas sem obter primeiro, do candidato a elas, provas robustas de sua sinceridade e de ter lido o indispensável. A última formalidade por ele adotada, e com bons resultados, era a consulta ao guia espiritual do Centro, sem cuja autorização nenhum neófito penetrava naquele recinto sagrado. À proporção que crescia o número de crentes, Manoel Cunha ia aumentando seu esforço espiritual e intelectual, sem abandonar as suas atividades cotidianas do comércio, e, ao mesmo tempo, procurando exemplificar o Evangelho do Cristo, iluminado pelo Espiritismo, em sua feição primacial que é a solidariedade e o amor para com todos os seus semelhantes.

Com esse objetivo fundou a primeira ASSISTÊNCIA AOS NECESSITADOS em terras do Brasil, iniciando e mantendo, durante dezenas de anos, constante distribuição de gêneros, roupas e dinheiro aos pobres de Curitiba, no que veio a ser ajudado por outro filho de Portugal, o benquisto comerciante Pacífico Guimarães, que foi investido nas funções de tesoureiro e conquistou a simpatia e o apoio de grande parte da sociedade paranaense. Tal como estamos historiando parece que tudo isso se desenvolveu num verdadeiro mar de rosas. Que o homem chegou, viu e venceu, sem obstáculos, coberto de flores. . .

Puro engano, porque, se por um lado encontrou pessoas de boa vontade dispostas a compreender as coisas e assimilar as verdades novas ou, melhor, revividas em termos modernos por outro lado teve de enfrentar o farisaísmo e a incompreensão, a má vontade e o ridículo, quando não a ameaça, a intimidação e a violência para deter e afugentar as novas idéias, esterilizando os crentes. Imperturbavelmente, por entre prós de um lado e contras de outro, o Espiritismo era, todavia, uma Verdade em marcha no Estado do Paraná; uma consolação suavizadora para muitas angústias e uma divina esperança na terrível desolação das almas crestadas pelos vendavais das desditas incoercíveis. Realizando sessões, distribuindo livros, amparando os pobres do corpo e do espírito, Manoel Cunha, como figura central.

A Assistência aos Necessitados os supria, mas o volume aumentava. Que fazer? Montar uma farmácia homeopática. Para explorar o povo? Não, que isso seria incorreto. Para dar remédio gratuitamente. E não hesitou. Designou o seu sobrinho Domingos Duarte Veloso, moço entusiasta, adepto do Espiritismo e conhecedor da homeopatia para cuidar do empreendimento. Distendeu com a montagem cerca de quatorze contos de réis

(quatorze mil cruzeiros) e a Assistência Farmacêutica passou a aviar receitas homeopáticas, de graça, para todos os que a ela recorriam, sem exceções nem restrições quaisquer. Domingos Veloso era auxiliado pelo seu irmão, também espírita e português, Antonio Duarte Veloso. Ambiente de ação, como se vê.

O círculo dos convertidos aumentava, dia a dia, e era notável o entusiasmo com que comentavam, em todos os meios e relações que estabeleciam, as comunicações que obtinham, as curas que os Espíritos prodigalizavam aos que a eles recorriam, muitos dos quais até desenganados pelos mestres da medicina. Tudo isso intrigava, suscitava comentários, uns sérios, outros ridículos, não cessando o apodo, a chacota, variando de intensidade segundo o meio social em que os crentes exerciam as suas atividades cotidianas. A cada golpe ferino, o adepto visado nunca se mostrava revoltado. Falava com alegria dos princípios da Doutrina e buscava demonstrar o seu grande amor à causa que abraçava.

Os já numerosos companheiros de Ideal, em sua generalidade, eram homens de poucos recursos econômicos, embora gozassem de bom conceito público por serem virtuosos e visceralmente honestos. Madame Sauvé, que dirigia um Centro onde chegaram a obter versos atribuídos ao espírito de Victor Hugo e que foram publicados em livro sob o título “Les Verités Eterneles”; Benedito Eulampio Viana (médiun); Dr. Sebastião Paraná, professor do

Ginásio e Escola Normal e que teve bela atuação posterior, como teremos ensejo de apreciar futuramente, na história dos pioneiros espíritas ora em preparação; Manoel Pacheco de Carvalho, João Álvaro de Aguiar, Augusto Correia Pinto, Alfredo Alves da Silva, Jesuíno da Silva Pereira Ribas, João Pedro Schleder, João Huy, jornalista e historiador Vicente Duarte Veloso, Antonio Duarte Veloso, Antonio Leodoro da Silva, Teodorico Lassala Freire, tenente Alcebíades Cesar Plaisant, Major Júlio Ribeiro de Campos, Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, Virgílio Correia, Vítor Antonio Vieira, Raimundo Aires, José Lopes Neto, Domingos Greca, dona Francisca de Jesus Araújo, José Lorusso e esposa, Lúcio Pereira e outros que serão mencionados no curso dos fatos que serão apreciados no histórico do seu cinquentenário que a Federação Espírita do Paraná vai comemorar no dia 24 de agosto de 1952.

Rememorando esses acontecimentos, exatamente no dia em que transcorre o 99º aniversário do nascimento de Manoel Cunha, por quem sempre tive uma profunda admiração, deixo consignado aqui, a minha homenagem ao grande pioneiro do Espiritismo na gloriosa terra dos pinheirais, onde ele desencarnou, em 15 de outubro de 1910, na cidade de Paranaguá. Que Jesus aumente as possibilidades do querido companheiro que continua a lutar pela Causa comum no Plano Invisível. Lins de Vasconcellos (extraído do jornal Mundo Espírita).

Manoel Justiniano de Freitas Quintão

Em 16 de dezembro de 1955, em sua residência, à Rua Martin Lage, no Méier, desencarnou Manuel Justiniano de Freitas Quintão. Foi sócio da Federação Espírita Brasileira durante 44 anos e ocupou-lhe a presidência em 1915, 1918, 1919 e 1929. Publicou vários trabalhos, entre os quais “O Cristo de Deus”. Em 1939 escreveu a sua própria biografia e deixou-a em envelope fechado, a fim de que fosse publicada em “Reformador”, quando da sua desencarnação.. Ei-la: “Nasci na Estação de Quirino, da E.F. União Valenciana, aos 28 de maio de 1874.

Foram meus pais Antonio Gomes de Freitas Quintão (português) e Maria Amélia Justiniano Quintão. Logo após meu nascimento, meu pai transferiu-se para a Corte (Rio de Janeiro), onde, estabelecido no comércio de secos e molhados, em grosso, veio a perder a maior parte de seus haveres, o que o levou a regressar ao interior da Província. Em Santa Isabel do Rio Preto, adquiriu o sítio de lavoura, denominado “Sossego, que lhe havia de ser, por confirmar a regra, fonte perene de tribulações e fracassos, culminantes na abolição do regime servil.

Aí, nesse arraial primitivo, fiz os meus estudos primários na escola pública, a única que conheci nesta vida de relação. Meu sonho dourado era a Marinha ... O espadim de aspirante era-me uma

preocupação obsidente. Acompanhava nos jornais os exames da Escola Naval, sabia o nome dos seus alunos mais distintos e devorava toda a literatura peculiar, que me caía nas mãos. Batalha do Riachuelo, Passagem de Humaitá e feitos outros, de lamentável campanha do Paraguai, tinha-os de memória e sobre eles discorria, com minuciosidade e viveza, como se neles houvera tido parte.

Aos 14 anos, desatadas com o golpe da Abolição, as últimas amarras do meu sonho de "Nelson incipiente", tive de optar pelo comércio, única porta que se me abria em penumbras. Meu pai, que no comércio estreara aos nove anos e subira de menino de vassoura a guarda-livros conceituado, punha no projeto o melhor da sua confiança e do seu empenho, tanto que me consignou a um seu irmão, estabelecido em Belém do Pará, e cujo nome ainda hoje (1939) lá se ostenta na "Chapelaria Quintão" Minha saúde, agravada pela nostalgia do lar, não se compadeceu com os rigores do clima amazônico. Dentro de seis meses já eu revia, enamorado, as plagas sempre risonhas da Guanabara, e nelas refloriu o áureo sonho.

Meu pai chegou a interessar-se por uma possibilidade de matrícula na Escola Naval, mediante um curso prévio de admissão. Estava escrito, porém, no livro grande dos Destinos, que os golpes políticos haveriam de ser a barreira sempre insuperável das minhas áureas aspirações. A queda do trono, subvertendo e revolvendo todos os

valores político-sociais, inutilizou-me as últimas esperanças de almirantado. A aurora do 15 de novembro de 1889 foi o crepúsculo do meu ideal embrionário, e já em começos de 1890 estava eu definitivamente “frigorificado” num escritório comercial. Os livros comerciais nunca me foram amigos diletos e eu, ingrato e revel nos meus entusiasmos de moço, sempre os preteri por outros, que, em me não proporcionarem o pão do corpo, deleitavam-me o espírito, curioso e ávido de saber. Fui, assim de tropel, um autodidata, levado na flutuação das correntes, ao sabor das circunstâncias, sem plano determinado. Mas lia tudo, devorava tudo.

No comércio predominava o elemento estrangeiro, sobretudo o português, em sua quase totalidade ignorante e hostil ao elemento nacional. Casas havia, que se ufanavam de nunca haver admitido empregados brasileiros... E as que o faziam, por conveniências econômicas ou familiares, era para – como se dizia – encher tempo e marcar passo. Qualquer mostra de intelectualidade, qualquer prurido de autonomia mental, e eram havidos como estigma. A poesia, então, era sintoma de psicose e a música apanágio de mandriice. Sabe Deus os desgostos que me deu uma velha flauta, que ainda hoje conservo como recordação dos lares da minha adolescência.

O que experimentei, a dentro dessa muralha chinesa de competições econômicas e materialíssimas, para abrir caminho e

tomar pé na sociedade, daria um romance de largo fôlego e profundos ensinamentos, que eu desejei mas não pude escrever. Em 1895, perdi meu pai e, não obstante haver atingido o posto culminante da carreira – pois era guarda-livros e chefe de escritório aos 20 anos – em tempo que os cabelos brancos ainda eram documento, tive de arcar com as maiores vicissitudes, assumindo os encargos da família – único e melhor legado que recebi dele, além do nome impoluto. Em matéria de religião, nada me sobrava do que escassamente recebera no lar e na sacristia lá da aldeia. Guardava, sim, nos refolhos da alma os cânticos suaves do mês mariano, e a tonalidade forte das ladainhas do vigário Cabral. Haeckel e Buchner, Voltaire e Renan, Rousseau, Zola, Junqueiro eram meus ídolos.

Foi nessa altura que, maltratado da sorte, envenenado de corpo e alma, comecei a derramar na imprensa a vasa de minhas idéias. Artur Azevedo, nunca o esqueceria, foi, sem o saber, o meu animador. Mantendo ele no “O País” uma seção equivalente a esses programas de calouros, que aí vicejam na radiofonia atual, foi dele que me vieram, lourejantes de alegria, os primeiros estímulos cuidadosamente envolvidos no anonimato. Passei, depois, a freqüentar a Caixa de “O Malho”, a “Revista da Semana” e até o “Rio Nu”.

Nessa altura, gravemente enfermo e desenganado pela medicina oficial, depois de esgotar todos os recursos e a pique de cair na

indigência é que fui levado a tentar a terapêutica mediúnico-espiritista. Este episódio contei-o na conferência que, em 1921, pronunciei a propósito das materializações assistidas pouco antes, no Pará, publicada sob o título de “Fenômenos de Materialização”. A minha cura foi tão rápida quanto eficaz e maravilhosa, e o monista irreduzível, já candidato ao suicídio, tornou-se espiritista confesso e professo.. Em Vassouras, aonde levava a família, por imperativos econômicos e de saúde, foi que, ao alvorecer do século XX, comecei a assinar as minhas produções literárias.

Ali casei-me, pobre e até desempregado, com uma moça também pobre e digna – Alzira Capute – hoje companheira fiel e dedicada de 38 anos e mãe de 11 filhos, pois que foi isso, precisamente, em 1901. Nessa época colaborei efetivamente em “O Município”, órgão de grande projeção no cenáculo do jornalismo fluminense e tive encômios de Quintino Bocaiúva e Nilo Peçanha, que poderiam facilitar-me o trânsito para a burocracia administrativa. A política, porém, sempre me repugnou e uma das coisas poucas de que me ufano é de nunca Ter sido eleitor, nesta minha longa e acidentada vida de relação. Transferindo-me novamente para o Rio, filiei-me então à Federação Espírita Brasileira. Contudo, a idiossincrasia da política não me esmorecia o gosto dos problemas sociais e muitos dos que hoje aí se proclamam inadiáveis, quais o de artesanato, da policultura, da colonização, do ruralismo, da viação, da marinha de guerra, podem ler-se, por mim versados em “O Município”, antes que o fizera Alberto Torres. Não o digo senão para reiterar que o

fazia sem plano preconcebido e sem estudos especializados, mas de jato e por ser médium, já então inconsciente.

Nem a outra circunstância posso atribuir a minha lavra literária, n Doutrina e fora dela. Também por isso, imaginei muitos livros, sem jamais poder escrevê-los. Toda a minha obra doutrinária ou profana, é ocasional, intermitente, fragmentária, havendo mesmo quem a tenha julgado, com justiça, incôgrua no estilo. Na Federação, onde milito desde 1903, sem embargo do premente labor comercial, sempre mantive, com integridade de consciência evangélica, o exercício da mediunidade curadora. Combatendo, em princípio, o personalismo humano e o partidarismo dissolvente no campo doutrinário, não me pude ferrar de grandes mágoas e maiores decepções. Não sobrariam elas, contudo, para arrefecer-me o ânimo cristão, convicto de que aí na Casa de Ismael, em que pesem falhas humanas, está definitivamente traçado o roteiro da Humanidade futura.

Assim, aos 65 anos de minha idade, se amanhã deixar a carcaça que já vai pesando, deixo aos meus companheiros de ideal estas notas de escantilhão, para que possam, jamais, atribuir-me merecimentos que não tive, não tenho nem poderia reivindicar. O que me diz a consciência, é que mais poderia Ter feito e que no pouco que fiz, se algo fiz, cumpri apenas estrito dever, tudo recebendo por misericórdia e de acréscimo. Aliás, da minha passagem ao Além,

nascido na obscuridade e na obscuridade transitando, não desejo mais do que um eco suficiente para atrair uma prece, um pensamento de paz, uma rajada de luz dos meus irmãos que ficam.
Rio de Janeiro, 16 de maio de 1939.

Manuel Quintão”. (Extraído de “O Reformador”, janeiro de 1955
Manoel Justiniano de Freitas Quintão Em 16 de dezembro de 1955, em sua residência, à Rua Martin Lage, no Méier, desencarnou Manuel Justiniano de Freitas Quintão. Foi sócio da Federação Espírita Brasileira durante 44 anos e ocupou-lhe a presidência em 1915, 1918, 1919 e 1929. Publicou vários trabalhos, entre os quais “O Cristo de Deus”. Em 1939 escreveu a sua própria biografia e deixou-a em envelope fechado, a fim de que fosse publicada em “Reformador”, quando da sua desencarnação.. Ei-la: “Nasci na Estação de Quirino, da E.F. União Valenciana, aos 28 de maio de 1874. Foram meus pais Antonio Gomes de Freitas Quintão (português) e Maria Amélia Justiniano Quintão. Logo após meu nascimento, meu pai transferiu-se para a Corte (Rio de Janeiro), onde, estabelecido no comércio de secos e molhados, em grosso, veio a perder a maior parte de seus haveres, o que o levou a regressar ao interior da Província.

Em Santa Isabel do Rio Preto, adquiriu o sítio de lavoura, denominado “Sossego, que lhe havia de ser, por confirmar a regra, fonte perene de tribulações e fracassos, culminantes na abolição do

regime servil. Aí, nesse arraial primitivo, fiz os meus estudos primários na escola pública, a única que conheci nesta vida de relação. Meu sonho dourado era a Marinha ... O espadim de aspirante era-me uma preocupação obsidente. Acompanhava nos jornais os exames da Escola Naval, sabia o nome dos seus alunos mais distintos e devorava toda a literatura peculiar, que me caía nas mãos. Batalha do Riachuelo, Passagem de Humaitá e feitos outros, de lamentável campanha do Paraguai, tinha-os de memória e sobre eles discorria, com minuciosidade e viveza, como se neles houvera tido parte. Aos 14 anos, desatadas com o golpe da Abolição, as últimas amarras do meu sonho de "Nelson incipiente", tive de optar pelo comércio, única porta que se me abria em penumbras.

Meu pai, que no comércio estreara aos nove anos e subira de menino de vassoura a guarda-livros conceituado, punha no projeto o melhor da sua confiança e do seu empenho, tanto que me consignou a um seu irmão, estabelecido em Belém do Pará, e cujo nome ainda hoje (1939) lá se ostenta na "Chapelaria Quintão" Minha saúde, agravada pela nostalgia do lar, não se compadeceu com os rigores do clima amazônico. Dentro de seis meses já eu revia, enamorado, as plagas sempre risonhas da Guanabara, e nelas refloriu o áureo sonho. Meu pai chegou a interessar-se por uma possibilidade de matrícula na Escola Naval, mediante um curso prévio de admissão. Estava escrito, porém, no livro grande dos Destinos, que os golpes políticos haveriam de ser a barreira sempre insuperável das minhas áureas aspirações. A queda do trono,

subvertendo e revolvendo todos os valores político-sociais, inutilizou-me as últimas esperanças de almirantado. A aurora do 15 de novembro de 1889 foi o crepúsculo do meu ideal embrionário, e já em começos de 1890 estava eu definitivamente “frigorificado” num escritório comercial.

Os livros comerciais nunca me foram amigos diletos e eu, ingrato e revel nos meus entusiasmos de moço, sempre os preteri por outros, que, em me não proporcionarem o pão do corpo, deleitavam-me o espírito, curioso e ávido de saber. Fui, assim de tropel, um autodidata, levado na flutuação das correntes, ao sabor das circunstâncias, sem plano determinado. Mas lia tudo, devorava tudo. No comércio predominava o elemento estrangeiro, sobretudo o português, em sua quase totalidade ignorante e hostil ao elemento nacional. Casas havia, que se ufanavam de nunca haver admitido empregados brasileiros... E as que o faziam, por conveniências econômicas ou familiares, era para – como se dizia – encher tempo e marcar passo. Qualquer mostra de intelectualidade, qualquer prurido de autonomia mental, e eram havidos como estigma. A poesia, então, era sintoma de psicose e a música apanágio de mandriice. Sabe Deus os desgostos que me deu uma velha flauta, que ainda hoje conservo como recordação dos luars da minha adolescência.

O que experimentei, a dentro dessa muralha chinesa de competições econômicas e materialíssimas, para abrir caminho e tomar pé na sociedade, daria um romance de largo fôlego e profundos ensinamentos, que eu desejei mas não pude escrever. Em 1895, perdi meu pai e, não obstante haver atingido o posto culminante da carreira – pois era guarda-livros e chefe de escritório aos 20 anos – em tempo que os cabelos brancos ainda eram documento, tive de arcar com as maiores vicissitudes, assumindo os encargos da família – único e melhor legado que recebi dele, além do nome impoluto. Em matéria de religião, nada me sobrava do que escassamente recebera no lar e na sacristia lá da aldeia. Guardava, sim, nos refolhos da alma os cânticos suaves do mês mariano, e a tonalidade forte das ladainhas do vigário Cabral. Haeckel e Buchner, Voltaire e Renan, Rousseau, Zola, Junqueiro eram meus ídolos. Foi nessa altura que, maltratado da sorte, envenenado de corpo e alma, comecei a derramar na imprensa a vasa de minhas idéias. Artur Azevedo, nunca o esqueceria, foi, sem o saber, o meu animador. Mantendo ele no “O País” uma seção equivalente a esses programas de calouros, que aí vicejam na radiofonia atual, foi dele que me vieram, lourejantes de alegria, os primeiros estímulos cuidadosamente envolvidos no anonimato. Passei, depois, a freqüentar a Caixa de “O Malho”, a “Revista da Semana” e até o “Rio Nu”. Nessa altura, gravemente enfermo e desenganado pela medicina oficial, depois de esgotar todos os recursos e a pique de cair na indigência é que fui levado a tentar a terapêutica mediúnico-espiritista. Este episódio contei-o na conferência que, em 1921,

pronunciei a propósito das materializações assistidas pouco antes, no Pará, publicada sob o título de “Fenômenos de Materialização”.

A minha cura foi tão rápida quanto eficaz e maravilhosa, e o monista irreduzível, já candidato ao suicídio, tornou-se espiritista confesso e professo.. Em Vassouras, aonde levava a família, por imperativos econômicos e de saúde, foi que, ao alvorecer do século XX, comecei a assinar as minhas produções literárias. Ali casei-me, pobre e até desempregado, com uma moça também pobre e digna – Alzira Capute – hoje companheira fiel e dedicada de 38 anos e mãe de 11 filhos, pois que foi isso, precisamente, em 1901. Nessa época colaborei efetivamente em “O Município”, órgão de grande projeção no cenáculo do jornalismo fluminense e tive encômios de Quintino Bocaiúva e Nilo Peçanha, que poderiam facilitar-me o trânsito para a burocracia administrativa. A política, porém, sempre me repugnou e uma das coisas poucas de que me ufano é de nunca Ter sido eleitor, nesta minha longa e acidentada vida de relação. Transferindo-me novamente para o Rio, filiei-me então à Federação Espírita Brasileira.

Contudo, a idiosincrasia da política não me esmorecia o gosto dos problemas sociais e muitos dos que hoje aí se proclamam inadiáveis, quais o de artesanato, da policultura, da colonização, do ruralismo, da viação, da marinha de guerra, podem ler-se, por mim versados em “O Município”, antes que o fizera Alberto Torres. Não

o digo senão para reiterar que o fazia sem plano preconcebido e sem estudos especializados, mas de jato e por ser médium, já então inconsciente. Nem a outra circunstância posso atribuir a minha lavra literária, n Doutrina e fora dela. Também por isso, imaginei muitos livros, sem jamais poder escrevê-los. Toda a minha obra doutrinária ou profana, é ocasional, intermitente, fragmentária, havendo mesmo quem a tenha julgado, com justiça, incôgrua no estilo.

Na Federação, onde milito desde 1903, sem embargo do premente labor comercial, sempre mantive, com integridade de consciência evangélica, o exercício da mediunidade curadora. Combatendo, em princípio, o personalismo humano e o partidarismo dissolvente no campo doutrinário, não me pude ferrar de grandes mágoas e maiores decepções. Não sobrariam elas, contudo, para arrefecer-me o ânimo cristão, convicto de que aí na Casa de Ismael, em que pesem falhas humanas, está definitivamente traçado o roteiro da Humanidade futura. Assim, aos 65 anos de minha idade, se amanhã deixar a carcaça que já vai pesando, deixo aos meus companheiros de ideal estas notas de escantilhão, para que possam, jamais, atribuir-me merecimentos que não tive, não tenho nem poderia reivindicar.

O que me diz a consciência, é que mais poderia Ter feito e que no pouco que fiz, se algo fiz, cumpri apenas estrito dever, tudo

recebendo por misericórdia e de acréscimo. Aliás, da minha passagem ao Além, nascido na obscuridade e na obscuridade transitando, não desejo mais do que um eco suficiente para atrair uma prece, um pensamento de paz, uma rajada de luz dos meus irmãos que ficam. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1939. Manuel Quintão". (Extraído de "O Reformador", janeiro de 1955)

Manoel Philomeno de Miranda

Nossa homenagem a esse honorável benfeitor, quando lembramos o dia do seu nascimento: 14 de novembro de 1876. Há 121 anos nascia, em Jangada, município do Conde, Estado da Bahia, o discípulo fiel da seara de Jesus, Manoel Philomeno de Miranda. Conheceu o Espiritismo através do médium Saturnino Favila, em 1914. Por essa época conheceu José Petitinga, estabelecendo relações com ele, ao mesmo tempo em que começava a freqüentar as sessões da União Espírita Baiana que havia sido recentemente fundada, em 1915. Discípulo de José Petitinga, tinha a mesma maneira especial de tratar e doutrinar os assistentes das sessões da "União", sempre baseadas num magistral versículo evangélico.

Desde 1918 Miranda participava assiduamente das sessões, interessado superiormente nos assuntos doutrinários do Espiritismo e um dos mais firmes adeptos dos seus ensinamentos. Fez parte da diretoria da União Espírita Baiana desde 1921 até o dia da sua desencarnação, em 14 de julho de 1942. Também presidia as

sessões mediúnicas e trabalhos do Grupo Fraternidade. Durante esse longo período Miranda foi um baluarte do Espiritismo. Onde estivesse, aí estaria a doutrina e sua propaganda exercida com proficiência de um douto, um abnegado. Delicado no trato, mas heróico na luta. Publicou, sem o seu nome, as obras “Resenha do Espiritismo na Bahia” e “Excertos que justificam o Espiritismo”, além do opúsculo “Porque sou Espírita” em resposta ao Pe. Huberto Rohden.

Sofrendo do coração, subia as escadas a fim de não faltar às sessões, sorrindo e sempre animado. Queria extinguir-se no seu cumprimento. Sentia imensa alegria em dar os seus dias ao serviço do Cristo. Sobre as suas últimas palavras, assim escreve A M. Cardoso e Silva: “Agora sim! Não vou porque não posso mais. Estou satisfeito porque cumpri o meu dever. Fiz o que pude... o que me foi possível. Tome conta dos trabalhos, conforme já determinei.” Era antevéspera da sua desencarnação. Querido de quantos o conheceram - porque quem o conhecia não podia deixar de amá-lo - , até o último instante demonstrou a firmeza da tranqüilidade dos justos, proclamando e testemunhando a grandeza imortal da Doutrina Espírita.

Divaldo Pereira Franco nos conta como iniciou seu relacionamento com o amoroso Benfeitor, conforme relato no livro Semeador de Estrelas, da escritora e médium Suely Caldas Schubert: “No ano de

1950 Chico Xavier psicografou para mim uma mensagem ditada pelo Espírito José Petitinga e no próximo encontro uma outra ditada pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. (...) “No ano de 1970 apareceu-me o Espírito Manoel Philomeno de Miranda, dizendo que, na Terra, havia trabalhado na União Espírita Baiana, tendo exercido vários cargos, dedicando-se, especialmente à tarefa do estudo da mediunidade e da desobsessão. “Quando chegou ao Mundo Espiritual foi estudar em mais profundidade as alienações por obsessão e as técnicas correspondentes da desobsessão. (...) “Convidado por Joanna de Ângelis, para trazer o seu contributo em torno da mediunidade, da obsessão e desobsessão, ele ficou quase trinta anos realizando estudos e pesquisas e elaborando trabalhos que mais tarde iria enfeixar em livros. “Ao me aparecer, então, pela primeira vez, disse-me que gostaria de escrever por meu intermédio. “Levou-me a uma reunião, no Mundo Espiritual, onde reside, e ali, mostrou-me como eram realizadas as experiências de prolongamento da vida física através da transfusão de energia utilizando-se do perispírito.

“Depois de uma convivência de mais de um mês, aparecendo-me diariamente, para facilitar o intercâmbio psíquico entre ele e mim, começou a escrever “Nos Bastidores da Obsessão”, que são relatos, em torno da vida espiritual, das técnicas obsessivas e de desobsessão. (...) “Na visita que Manoel Philomeno me permitiu fazer à Colônia em que ele se hospedava, levou-me a uma curiosa biblioteca. Mostrou-me como são arquivados os trabalhos gráficos

que se fazem na Terra. Disse-me que, quando um escritor ou um médium, seja quem for, escreve algo que beneficia a Humanidade - no caso do escritor - é um profissional, mas, o que ele produz é edificante, nessa biblioteca fica inscrito, com um tipo de letra bem característico, traduzindo a nobreza do seu conteúdo. À medida que a mente, aqui, no planeta, vai elaborando, simultaneamente vai plasmando lá, nesses fichários muito sensíveis, que captam a onda mental e tudo imprimem. “Quando a pessoa escreve por ideal e não é remunerado, ao se abrirem esses livros, as letras adquirem relevo e são de uma forma muito agradável à vista, tendo uma peculiar luminosidade.

Se a pessoa, porém, o faz por ideal e estando num momento difícil, sofrido, mas ainda assim escreve com beleza, esquecendo-se de si mesma, para ajudar a sociedade, a criatura humana, ao abrir-se o livro, as letras adquirem uma vibração musical e se transformam em verdadeiros cantos, em que a pessoa ouve, vê e capta os registros psíquicos de quando o autor estava elaborando a tese. “O oposto também é verdadeiro. (...) “Eis porque vale a pena, quando estamos desalentados e sofridos, não desanimarmos e continuarmos as nossas tarefas, o que lhes dá um valor muito maior. Porque o trabalho diletante, o desportivo, o do prazer, já tem, na própria ação, a sua gratificação, enquanto o de sacrifício e de sofrimento exige a abnegação da pessoa, o esforço, a renúncia e, acima de tudo, a tenacidade, para tornar real algo que gostaria que acontecesse, embora o esteja realizando por entre dores e lágrimas.

” Fonte :“Projeto Manoel P. de Miranda - Reuniões Mediúnicas” - Dados Biográficos e “O Semeador de Estrelas”, de Suely Caldas Schubert, cap. 12 - ambos da Editora LEAL. Manoel Philomeno de Miranda Nossa homenagem a esse honorável benfeitor, quando lembramos o dia do seu nascimento: 14 de novembro de 1876. Há 121 anos nascia, em Jangada, município do Conde, Estado da Bahia, o discípulo fiel da seara de Jesus, Manoel Philomeno de Miranda. Conheceu o Espiritismo através do médium Saturnino Favila, em 1914. Por essa época conheceu José Petitinga, estabelecendo relações com ele, ao mesmo tempo em que começava a freqüentar as sessões da União Espírita Baiana que havia sido recentemente fundada, em 1915. Discípulo de José Petitinga, tinha a mesma maneira especial de tratar e doutrinar os assistentes das sessões da “União”, sempre baseadas num magistral versículo evangélico. Desde 1918 Miranda participava assiduamente das sessões, interessado superiormente nos assuntos doutrinários do Espiritismo e um dos mais firmes adeptos dos seus ensinamentos. Fez parte da diretoria da União Espírita Baiana desde 1921 até o dia da sua desencarnação, em 14 de julho de 1942.

Também presidia as sessões mediúnicas e trabalhos do Grupo Fraternidade. Durante esse longo período Miranda foi um baluarte do Espiritismo. Onde estivesse, aí estaria a doutrina e sua propaganda exercida com proficiência de um douto, um abnegado. Delicado no trato, mas heróico na luta. Publicou, sem o seu nome,

as obras “Resenha do Espiritismo na Bahia” e “Excertos que justificam o Espiritismo”, além do opúsculo “Porque sou Espírita” em resposta ao Pe. Huberto Rohden. Sofrendo do coração, subia as escadas a fim de não faltar às sessões, sorrindo e sempre animado. Queria extinguir-se no seu cumprimento. Sentia imensa alegria em dar os seus dias ao serviço do Cristo. Sobre as suas últimas palavras, assim escreve A M. Cardoso e Silva: “Agora sim! Não vou porque não posso mais.

Estou satisfeito porque cumpri o meu dever. Fiz o que pude... o que me foi possível. Tome conta dos trabalhos, conforme já determinei.” Era antevéspera da sua desencarnação. Querido de quantos o conheceram - porque quem o conhecia não podia deixar de amá-lo -, até o último instante demonstrou a firmeza da tranqüilidade dos justos, proclamando e testemunhando a grandeza imortal da Doutrina Espírita. Divaldo Pereira Franco nos conta como iniciou seu relacionamento com o amoroso Benfeitor, conforme relato no livro Semeador de Estrelas, da escritora e médium Suely Caldas Schubert: “No ano de 1950 Chico Xavier psicografou para mim uma mensagem ditada pelo Espírito José Petitinga e no próximo encontro uma outra ditada pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. (...)

“No ano de 1970 apareceu-me o Espírito Manoel Philomeno de Miranda, dizendo que, na Terra, havia trabalhado na União Espírita

Baiana, tendo exercido vários cargos, dedicando-se, especialmente à tarefa do estudo da mediunidade e da desobsessão. “Quando chegou ao Mundo Espiritual foi estudar em mais profundidade as alienações por obsessão e as técnicas correspondentes da desobsessão. (...) “Convidado por Joanna de Ângelis, para trazer o seu contributo em torno da mediunidade, da obsessão e desobsessão, ele ficou quase trinta anos realizando estudos e pesquisas e elaborando trabalhos que mais tarde iria enfeixar em livros. “Ao me aparecer, então, pela primeira vez, disse-me que gostaria de escrever por meu intermédio. “Levou-me a uma reunião, no Mundo Espiritual, onde reside, e ali, mostrou-me como eram realizadas as experiências de prolongamento da vida física através da transfusão de energia utilizando-se do perispírito.

“Depois de uma convivência de mais de um mês, aparecendo-me diariamente, para facilitar o intercâmbio psíquico entre ele e mim, começou a escrever “Nos Bastidores da Obsessão”, que são relatos, em torno da vida espiritual, das técnicas obsessivas e de desobsessão. (...) “Na visita que Manoel Philomeno me permitiu fazer à Colônia em que ele se hospedava, levou-me a uma curiosa biblioteca. Mostrou-me como são arquivados os trabalhos gráficos que se fazem na Terra. Disse-me que, quando um escritor ou um médium, seja quem for, escreve algo que beneficia a Humanidade - no caso do escritor - é um profissional, mas, o que ele produz é edificante, nessa biblioteca fica inscrito, com um tipo de letra bem característico, traduzindo a nobreza do seu conteúdo. À medida que

a mente, aqui, no planeta, vai elaborando, simultaneamente vai plasmando lá, nesses fichários muito sensíveis, que captam a onda mental e tudo imprimem.

“Quando a pessoa escreve por ideal e não é remunerado, ao se abrirem esses livros, as letras adquirem relevo e são de uma forma muito agradável à vista, tendo uma peculiar luminosidade. Se a pessoa, porém, o faz por ideal e estando num momento difícil, sofrido, mas ainda assim escreve com beleza, esquecendo-se de si mesma, para ajudar a sociedade, a criatura humana, ao abrir-se o livro, as letras adquirem uma vibração musical e se transformam em verdadeiros cantos, em que a pessoa ouve, vê e capta os registros psíquicos de quando o autor estava elaborando a tese. “O oposto também é verdadeiro. (...) “Eis porque vale a pena, quando estamos desalentados e sofridos, não desanimarmos e continuarmos as nossas tarefas, o que lhes dá um valor muito maior.

Porque o trabalho diletante, o desportivo, o do prazer, já tem, na própria ação, a sua gratificação, enquanto o de sacrifício e de sofrimento exige a abnegação da pessoa, o esforço, a renúncia e, acima de tudo, a tenacidade, para tornar real algo que gostaria que acontecesse, embora o esteja realizando por entre dores e lágrimas.” “Projeto Manoel P. de Miranda - Reuniões Mediúnicas” -

“O Semeador de Estrelas”, de Suely Caldas Schubert, cap. 12 - ambos da Editora LEAL.

Manuel Vianna de Carvalho

Nascido na cidade de Icó, Estado do Ceará, aos 10 de dezembro de 1874, era filho do professor Tomás Antônio de Carvalho e de D. Josefa Viana de Carvalho. Desencarnou a bordo do navio "Íris", sendo o seu corpo sepultado na Bahia, aparentemente em Salvador. Era o dia 13 de outubro de 1926. Numa época quando a divulgação da Doutrina Espírita ensaiava os seus primeiros passos e encontrava pela frente a mais obstinada oposição, o Major Dr. Manuel Vianna de Carvalho, com pulso firme e animado do mais vivo idealismo, desbravava o terreno para nele lançar a semente generosa da propaganda.

Como espírita foi dos mais animosos. O seu nome representou verdadeira bandeira no campo da disseminação do Espiritismo. O que ele fez, em vários anos de luta e de atividades intensíssimas, é algo que ainda não se pode colocar em dados estatísticos, tal o gigantismo da tarefa por ele desenvolvida em todo o país. A sua palavra era atraente e arrebatadora, conseguindo, entre os espíritas uma penetração inusitada e inconfundível. Como conferencista era dos mais requisitados; como polemista, um dos mais salientes. Seu verbo inspirado, sua voz harmoniosa, sua animação, assumiam, às vezes, tonalidades e aspectos impressionantes. Foi na realidade um

mágico da palavra, esteta do sentimento. Viana de Carvalho fez os primeiros estudos de Humanidades no Liceu de Fortaleza. Posteriormente, em 1891, matriculou-se na extinta Escola Militar do Ceará, onde mereceu classificação de destaque pelo seu comportamento e merecimentos intelectuais.

Embora desde 1891 tivesse dado início à sua gigantesca tarefa de divulgação do Espiritismo, ela somente tomou vulto após ter-se matriculado no curso superior da antiga Escola Militar da Praia Vermelha, em 11 de fevereiro de 1895. Nessa época funcionava no Rio de Janeiro o "Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil". Integrando-se nesse grupo, Viana de Carvalho passou a proferir conferências que conseguiam atrair compactos auditórios de mais de 500 pessoas. No ano de 1896 foi transferido para Porto Alegre, como aluno da Escola Militar que ali funcionava. Naquela capital sulina o Espiritismo já era difundido por alguns pioneiros, dentre eles Joaquim Xavier Carneiro, dirigente do Grupo Espírita Allan Kardec, que dada a sua austeridade de costumes e práticas humanitárias exercia enorme influência.

De posse de uma lista com nome e endereço de simpatizantes do Espiritismo, Viana de Carvalho conseguiu reunir todos numa casa abandonada, desprovida de mesas e cadeiras. De pé, os freqüentadores das reuniões ouviam, com verdadeiro enlevo, o seu verbo inflamado. Posteriormente conseguiu formar um núcleo de

estudos que passou a funcionar no andar térreo de uma casa no centro da cidade. (A foto acima consta do acervo da FEP em quadro de 40x60cm, tirada possivelmente quando residiu em Curitiba, em 1911, onde freqüentou e participou de reuniões e proferiu conferências. Na oportunidade estaria com 36 anos) Em 1898 publicou a sua primeira produção literária "Facetas", contos e fantasias.

Em seguida publicou "Coloridos e Modulações". Nesse mesmo ano foi transferido para o Rio de Janeiro, onde recomeçou as preleções no Centro da União Espírita e em outros grupos, participando de um congresso e encetando numerosas viagens ao interior do Estado do Rio de Janeiro. Transferido para Cuiabá, Mato Grosso, ali fundou o Centro Espírita Cuiabano. Em 1907, regressou ao Rio de Janeiro a fim de matricular-se no curso de engenharia da Escola do Realengo, tornando-se o orador oficial da Federação Espírita Brasileira, realizando ainda viagens aos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Foi ainda colaborador assíduo da revista "Reformador".

Após concluir o curso de engenharia militar, rumou para Fortaleza, Estado do Ceará, em abril de 1910. Ali iniciou uma série de conferências espíritas na Loja Maçônica e, no dia 10 de junho, fundou o Centro Espírita Cearense. Não satisfeito com as atividades desenvolvidas, criou ainda os jornais "Combate" e "Lábaro", o

primeiro destinado a contestar os argumentos do clero católico, que nessa época desencadeava uma campanha difamatória contra o Espiritismo, através do órgão "Cruzeiro do Sul"; a segunda publicação destinada a difundir o Espiritismo. Através dos jornais "O Unitário", "A República" e "Jornal do Ceará", manteve vivas polêmicas, refutando argumentos infundados sobre o Espiritismo. Suas atividades em Fortaleza perduraram até novembro de 1911, quando, por imposição do serviço militar foi transferido para Curitiba, no Paraná, onde sustentou o mesmo nível de atividades, publicando artigos diários no "Diário da Manhã".

De volta ao Rio de Janeiro, em 1912, deu início a um persistente trabalho de unificação dos grupos espíritas, do qual resultou a fundação posterior da "União Espírita Suburbana", sob a presidência de Manuel Fernandes Figueira. Em princípios de 1913, foi servir em Maceió, onde proferiu numerosas conferências e encetou verdadeira jornada no sentido de reorganizar os grupos espíritas dispersos ou com falta de orientação. Pouco depois era transferido para Recife, Pernambuco, onde deu prosseguimento à sua tarefa de divulgação, publicando numerosos trabalhos, fazendo conferências e mantendo polêmicas que abalaram os meios religiosos da cidade.

Regressando ao Rio de Janeiro, Viana de Carvalho retomou a pregação da Doutrina Espírita nos subúrbios, o que fez de 1914 a

1916, quando foi transferido para Santa Maria da Boca do Monte, no Estado do Rio Grande do Sul. Ali também teve a oportunidade de reorganizar e fundar vários grupos espíritas e de realizar conferências que foram publicadas no "Diário do Interior", e posteriormente em outros órgãos da imprensa gaúcha. Em 1917, de novo no Rio de Janeiro, ali desenvolveu intensa campanha contra as fraudes e trapanças dos pseudos-espíritas. No ano seguinte voltou para Santa Maria da Boca do Monte, em comissão do Governo Federal, junto à 9a. Brigada de Infantaria, desenvolvendo durante quinze meses intensa difusão do Espiritismo.

Em 1919, novamente em Maceió, foi surpreendido com as atividades dos detratores do Espiritismo, os quais tentaram proibir-lhe as palestras e até mesmo expulsá-lo. Sem esmorecimentos travou intensos debates pela imprensa e pela tribuna, sustentando acirradas polêmicas, tendo, nessa altura, os seus opositores pleiteado, no Rio de Janeiro, a sua transferência, tendo ele sido removido para o Estado do Paraná, em meados desse mesmo ano. Em Curitiba realizou conferências no Teatro Alemão, na sede da Federação Espírita do Paraná e em outras instituições.

Através do "Diário da Tarde" publicou uma série de artigos doutrinários que tiveram muita penetração. Da capital paranaense veio para S. Paulo, onde proferiu várias palestras, muitas delas com o comparecimento de mais de mil pessoas. Em 1920 voltou

novamente ao Rio de Janeiro, de onde partia para proferir conferências em cidades vizinhas. Em 1923, seguiu para Recife, reorganizando os Centros Espíritas ali existentes, mantendo novas polêmicas com detratores do Espiritismo. Posteriormente rumou para o Ceará e daí para Sergipe, onde fora designado para o comando do 28.o. B.C., em 1924.

Nesse Estado as suas atividades também foram amplas. Em 1926, adoeceu gravemente, ficando decidido o seu recolhimento ao Hospital de S. Sebastião, em Salvador. Suas forças estavam periclitantes. Conduzido ao navio "Íris", por colegas oficiais e soldados, não conseguiu entretanto chegar ao destino, pois, na altura de Amaralina, desencarnou a bordo, sendo seu corpo dado à sepultura na Bahia. **Grandes Vultos do Espiritismo**

Marcolino José Monteiro

Nascido na cidade da Lapa-PR, em 05-08-865, foi casado com D. Coletinha de Faria Monteiro. Por longos anos foi funcionário da Rede Viação Paraná-Santa Catarina. Em 14-01-912 ingressou, pela primeira vez nos quadros federativos como membro da Comissão Central, deixando-a em 12-01-913.

Em 25-11-917 assume a direção do Albergue Noturno, tendo deixado em 21-11-919. Em 08-01-922 é designado para Secretário

do Núcleo Central e a 08-04-923 foi eleito para o Conselho Central Permanente.

A 08-01-928 eleito Presidente e em 12-01-929 assume a 2ª Vice-Presidência. Em 11-10-931 deixa o Conselho, após servir à causa por mais de 15 anos. Em 08-07-948 desencarnou com aproximadamente 84 anos.

Maria Dolores

Maria Dolores, nasceu na cidade de Bonfim da Feira, estado da Bahia, aos 10 de setembro de 1901. Dedicou-se à poesia e ao jornalismo. Em Salvador assinou a página feminina do Jornal O Imparcial durante 13 anos, época em que também lecionava humanidades. Receando a apreciação da crítica especializada, guardou para si sua obra poética durante muito tempo, segundo confessa no prefácio do livro Ciranda da Vida.

Sua primeira obra publicada foi em benefício da instituição Lar das Meninas Sem Lar, fato esse que propiciou sua entrada no mundo literário. Dedicou-se ao amparo das crianças assistidas pela citada instituição, estendeu sua obra benemérita abrigando em seu próprio lar crianças desvalidas, orientando-as e assistindo-as.

A Casa de Juvenal Galeno, no estado do Ceará, também recebeu o carinho e a ternura de Maria Dolores. Em 27 de julho de 1958 veio a desencarnar. No ano de 1971, através do médium Francisco Cândido Xavier, sua obra poética continua, presenteando-nos com a ternura dos seus ensinamentos transbordantes de amor e fé.

Desde então envia, pelas mãos abençoadas do médium mineiro, suas páginas normalmente em forma de poesia e rimas, sendo muito comum enviar as tradicionais mensagens das mães e do Natal, por ocasião destas comemorações. Foi o espírito encarregado de enviar a mensagem Dádivas de Amor em vista da desencarnação do Sr. José Gonçalves Pereira. Dados extraídos do livro "A Vida Conta "

Mário Travassos

O Marechal Mário Travassos foi o primeiro Presidente da Sociedade Pró-Livro-Espírita Em Braille "SPLEB". Convidado pelos dois outros fundadores – os Professores cegos Luiz Antônio Millecco Filho e Marcus Vinícius Telles – dirigiu a entidade, com firmeza na busca de seus objetivos estatutários e tirocínio, que lhe eram apanágio do espírito, de 30 de junho de 1953 a 20 de julho de 1973, quando desencarnou.

Como militar, participou da Força Expedicionária Brasileira “FEB”, construiu e foi o primeiro Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras “AMAN” e participou da Comissão que demarcou o local em que está localizado o “Plano Piloto”, origem da capital brasileira. Como espírita, participou da Cruzada dos Militares Espíritas.

Não tendo antecedentes anteriores sobre a problemática da pessoa cega, ao desencarnar deixou duas fortes marcas de sua presença: 1ª)- não tendo a “SPLEB” sequer sua sede própria e mesmo maquinaria propícia à impressão de obras em Braille, fez inserir no Artigo 1º do Estatuto que a divulgação doutrinária se faria dentro e fora do País, demonstrando sua confiança no futuro, o que, de fato, ocorre, hoje, quando os livros da “SPLEB” já alcançam todo o Brasil, países da América Latina, Portugal e povos de língua portuguesa; 2ª)- discutiam os especialistas da área da Educação Especial da Pessoa Cega se esta deveria ser educada em “escola especializada”, própria à sua deficiência, ou em “escola inclusiva”, isto é, uma escola integrada, em que iria conviver com colegas de visão física, o que, de fato, ocorrerá pela vida afora, o contacto “cego” e “vidente”.

Pois bem: não tendo conhecimentos anteriores da problemática, como se disse, pinou que as “as escolas especializada e inclusiva

não se excluem,; elas se completam”, que é a tese aceita nos dias atuais. Isso, antes de falecer, em julho de 1973...

Maria Ruth Junqueira

Nasceu na cidade de Ponta Grossa, em 26 de novembro de 1903. Filha de José Roth e Margarida Stremmel Roth, modestos imigrantes russo-alemães, que viviam das lides agrícolas. Concluindo o curso primário, prosseguiu os seus estudos na Escola Intermediária Prof. João Cândido, sob a orientação da extraordinária Prof. Judith Macedo Silveira e diplomou-se como professora-normalista pela primeira turma da Escola Normal Primária de Ponta Grossa.

Muito jovem, iniciou-se na carreira do magistério no Liceu dos Campos. Durante muitos anos lecionou no tradicional Grupo Escolar Senador Correia, na Escola de Aplicação e na Escola Normal Primária de Ponta Grossa. Ministrou aulas também nas Escolas de Trabalhadores Rurais “Augusto Ribas” (Castro).

Foi Diretora do Grupo Escolar Dr. Vicente Machado em Castro. Posteriormente, lecionou no Grupo Escolar do Bacacheri e na Escola de Aplicação anexa ao Instituto de Educação, então Escola de Professores de Curitiba. Em 1945, já contando com 28 anos de magistério, passou a prestar serviços junto à Associação de

Assistência à Criança do Paraná. Esta nova atividade, mais relacionada com assistência social, requeria para seu desempenho um preparo especializado, o que levou-a a realizar cursos de aperfeiçoamento no Departamento Nacional da Criança, no Rio de Janeiro, então Capital Federal.

A professora Maria Ruth Junqueira passou em 1947 para a Secretaria de Saúde e Assistência Social, no Departamento Estadual da Criança, organizou o Serviço de Colocação Familiar que encaminhava as crianças órfãs, abandonadas, recém-nascidas e já só na Terra, para lares previamente analisados em todos os aspectos, onde casais sem filhos, mas com suficientes recursos materiais e comprovados valores éticos, tinham como ambição suprema um pequenino ser a completar suas vidas.

Lembramos também seus trabalhos na Legião Brasileira de Assistência e junto ao Hospital das Crianças de Curitiba; a contribuição trouxe, isso de longa data, às atividades da Federação Espírita do Paraná, é outro ramalhete a enfeitar o vasto jardim de suas realizações mais puras.

Casou-se a 14 de janeiro de 1928 com Antonio Lisboa Junqueira, então integrante do Exército Brasileiro e que posteriormente, com dedicação e muito esforço formou-se engenheiro agrônomo, em 1939. Tiveram um filho: Antonio Neuzar Junqueira.

Miguel Vives y Vives

Nascido na Espanha e ali desencarnado, na cidade de Tarrasa, no dia 23 de janeiro de 1906.

A Espanha foi o berço dos grandes Congressos Espíritas, tendo os espanhóis exercido verdadeiro pioneirismo nesse campo, bastando citar o Congresso Espírita Internacional de 1888, levado a efeito em Barcelona. Em congressos realizados posteriormente, principalmente no de 1934, a delegação espanhola desenvolveu ingente tarefa em favor da tese reencarnacionista.

Anteriormente à guerra civil de 1936-39, a Espanha se destacava, de forma inusitada, na divulgação do Espiritismo, bastando dizer-se que já em 1873 havia sido proposto no Parlamento Espanhol o ensino da Doutrina Espírita.

Miguel Vives y Vives foi um dos mais destacados vultos do Espiritismo naquele país. Seu nome teve projeção mundial e sua ação foi das mais notórias. Quando um homem consegue cumprir fecunda tarefa na defesa e difusão do ideal que sustenta, fazendo dele um culto e predispondo-se a lutar de forma ininterrupta em seu favor, podemos, na realidade, qualificá-lo de apóstolo.

Vives y Vives foi o Apóstolo do Espiritismo na Espanha e, pela população de Tarrasa, era denominado Apóstolo do Bem.

Foi um exemplo vivo de abnegação. Evangelizou pela palavra escrita e falada -- através da tribuna, do livro e da imprensa. Toda a sua obra se apoiou sobre a força moral da exemplificação e vivência dos ideais espíritas e cristãos.

Fundou a "Federação Espírita de Vallés", da qual surgiu a "Federação Espírita da Catalunha", entidade que teve vida efêmera. Em Tarrasa fundou o "Centro Espírita Fraternidade Humana" e lançou a famosa obra "Guia Prático do Espírita", há muitos anos vertida para o português, em edição da Federação Espírita Brasileira. Mais recentemente, a "Edicel", de S. Paulo, lançou, no vernáculo, a sua obra também famosa "O Tesouro dos Espíritas".

Foi também fundador da revista "União", órgão esse que se incorporou à revista "La Luz del Porvenir", de marcante atividade na difusão dos ideais reencarnacionistas. Foi presidente do "Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos".

Sua esplendorosa mediunidade fez com que se desenvolvesse, em Tarrasa, verdadeira obra em favor dos necessitados do corpo e da alma, socorrendo os desajustados, os enfermos e os humildes, ao

ponto de, ao desencarnar, causar profundo golpe à população daquela cidade espanhola. As fábricas paralisaram suas atividades, o comércio cerrou suas portas à hora do sepultamento do seu corpo, a fim de permitir aos seus empregados o acompanhamento do esquife ao cemitério. Durante o trajeto, verdadeira muralha humana se formou ao longo das ruas e na necrópole, no propósito de atender aos pedidos de todos que desejavam vê-lo, o ataúde permaneceu aberto durante uma hora e aproximadamente 5.000 pessoas desfilaram diante dele.

Ele não era político, não cortejava a popularidade e, no entanto, graças ao seu exemplo de abnegação, recebeu uma das maiores consagrações públicas de sua terra, apesar de viver num país de profundas tradições católicas, onde homens e livros foram queimados no decorrer de muitos séculos.

Miguel Vives foi notável espírita. Foi um homem que se dignificou pela prática das boas obras e pelo desempenho de verdadeira missão de tolerância e de amor.

Num dos seus escritos, publicados na revista "A Doutrina" órgão da "Federação Espírita do Paraná", de cuja instituição era sócio honorário, escreveu em 1906: "Os Centros Espíritas devem ser a cátedra do Espírito de Verdade, porque a não ter o Espírito de luz a sua cátedra, teria sua influência o Espírito do erro e infelizes desses

Espíritos que se acham sob a influência do Espírito das trevas, porque pouco, muito pouco se adiantam na senda do progresso.

MIRAMEZ

Fernando Miramez de Olivídeo era filho de casal nobre do norte da Espanha. Sua mãe nascera na França e seu pai era de origem portuguesa. Assim, em suas veias misturava-se o sangue de duas nobrezas, aquecido pelo clima da Espanha, seu berço natal.

Moço inteligente e estudioso, aprofundava-se na história dos povos e nações da Terra. Deteve-se com interesse na descoberta das Américas, em cujo evento destacaram-se Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, apaixonando-se, ainda que sem conhecê-las fisicamente, pelas Terras de Santa Cruz. Tal era o seu interesse por elas, que por várias vezes visualizava-se desembarcando em portos da terra que já sentia ser abençoada.

Tinha notícias dos silvícolas, habitantes dessa nação nova, e da escravidão em desenvolvimento, imposta pelos estrangeiros conquistadores, não aceita pelos primeiros, que se revoltavam.

Acompanhou interessadamente a implantação do trabalho escravo do homem de raça negra, levado à força do continente africano, que, por sua característica passiva, aceitava o grilhão e o açoite,

servindo aos interesses daqueles que avidamente se apossaram das terras.

Colocava-se sempre, em pensamento, no meio do povo humilde, regozijando-se com a bravura dos índios, embora no fundo soubesse que acabariam dominados pelos estrangeiros, que dispunham dos meios para submetê-los. Contudo, nesta luta onde os fracos pediam socorro aos homens de bem, os céus jamais ficariam em silêncio, nem deixariam sem resposta os clamores dos oprimidos, apesar do carma coletivo dos povos e nações.

Fernando era íntimo de Filipe IV, rei de Espanha, que conhecia seus princípios de integridade e os dotes de elevada moral de que era portador. Para o rei, Fernando tinha algumas deficiências que necessitavam ser corrigidas: era avesso às guerras, repudiava a violência e propugnava pelo direito dos povos e, principalmente, dos indivíduos.

Como tinha planos relativos a ele, durante uma entrevista que lhe concedera, em caráter íntimo, Filipe dá início à execução dos mesmos, falando-lhe convincente:

"Caro amigo, conheço vossos dotes e vos considero pessoa grata da Família Real, que conta com eles para defender seus interesses,

bem como os de nossa Espanha. Reconheço em vós predicados e valores que se aproximam da perfeição, contudo, compete a mim, por quem sois, recomendar-vos que junto com a virtude, deveis cultivar a bravura e a tenacidade; o orgulho pela nossa nobreza e pela tradição e honra da Espanha; a luta pelas nossas posses de além-mar, aumentando nossas riquezas e o nosso poder. Nossa nação tem a gloriosa destinação de dominar o mundo. Deus está conosco e Cristo a escolheu como seu trono para, através dela, reinar sobre tudo.

Sabemos que Portugal começa a se levantar de novo e a sua ganância por ouro, prata e pedras preciosas é desmedida. Entende que ninguém tem direitos sobre as terras que, por acaso, um de seus navegadores descobriu. A Escola de Sagres somente prepara os homens, enviando-os em expedição por todos os quadrantes, abrindo caminhos marítimos em busca de poder e riquezas, esquecendo-se de suas obrigações para com Deus, Cristo e a Santa Madre Igreja. Por isso, resolvi constituir-vos meu representante, disse o rei entre dois goles de vinho, dando à sua fala um tom misto de intimidade e cumplicidade.

"Ide, pois, meu filho, para a terra adornada pela cruz formada por cintilantes estrelas. Sereis os ouvidos do Rei e a boca de Espanha. Sereis dotado das instruções do que deveis fazer, bem como das credenciais que vos darão poderes de Chefe de Estado. Depois de

tudo consumado, tereis a vossa glória: sereis imortalizado pela história e tereis o reconhecimento de toda a Espanha. Em nome dela, eu vos abençôo."

Sorrindo, Filipe sorveu mais um gole do puro vinho, satisfeito consigo mesmo, pela maneira com que convencera a Fernando.

Miramez, a tudo ouvia pacientemente, atento às intenções ocultas de Filipe, que ele bem identificava. Contrariava-o conviver com interesses da ordem que ele tanto subestimava, mas sua intuição o prevenia da oportunidade de realizar as suas íntimas aspirações e anseios, que eram conhecer e viver nas Terras de Santa Cruz, a fim de participar de sua preparação como Pátria do Evangelho.

Enquanto o rei sorvia o saboroso vinho, seu cérebro funcionava celeremente, esforçando-se para não deixar transparecer suas reais e elevadas intenções.

O íntimo do seu ser era de total alegria, quando respondeu ao monarca:

"Majestade, em vossas mãos estão as rédeas deste vigoroso corcel que é a Espanha. Que Deus vos abençoe para que conduçais esta

nação que tanto amamos nas melhores condições de trabalho e honestidade. Vamos obedecer à vossa real vontade, para alcançarmos a vitória. Conheço vosso ideal em relação à Espanha e rogo a Deus para vos ajudar a formar nobres idéias em benefício do povo."

la prosseguir, mas notou que o soberano já estava ficando confuso pelo que ouviu e pela quantidade de vinho ingerido. Por isso, apenas pensou, de si para consigo: "Sei perfeitamente o que Vossa Majestade deseja para si mesma. "E, abrandando mais a voz, disse para terminar: "Eu vos agradeço de coração e serei eternamente grato pela oportunidade que ora me ofereceis de conhecer novas terras, as quais já admiro mesmo antes de vê-las. Garanto a Vossa Majestade que vamos fazer lá muitas coisas agradáveis a Deus. "E curvando-se respeitosamente ante o soberano que o despedira entusiasticamente, retirou-se.

O rei passaria uma noite mal dormida, rememorando as palavras de Fernando, sem conseguir entender o seu sábio e elevado sentido, sem, contudo, deixar de confiar no nobre súdito. Além disso, tinha interesse em sua saída da Espanha.

Miramez, porém, naquela noite inesquecível em que viu começar a se materializar sua mais íntima aspiração, 'teve um sono tranqüilo, fazendo uma viagem astral, parcialmente consciente, às terras

aonde em breve haveria de aportar. Acordara no dia seguinte cantarolando, envolvido por estranha alegria, como sói acontecer com aqueles que pensam, vivem e agem em prol da humanidade.

Assim, em um dia do ano de 1649, em que reinava em Roma Inocêncio X, ou João Batista Panfili, desembarcava no litoral do Brasil, secretamente, na condição de turista, o enviado do rei da Espanha. Amável e convivente, já no barco que o transportava para a praia, relacionara-se com os remadores escravos.

Desceu Miramez pela primeira vez em corpo físico, nas terras com as quais sempre sonhara. Como que agindo segundo os ditames do coração, descalçou as botas e pisou a terra, sentindo-a sob seus pés, como se identificando com ela, recebendo-lhe o calor. Ao mesmo tempo, lágrimas que marejavam seus olhos caíam no solo generoso que as recebia, umedecendo-se com elas, ocorrendo desse modo uma permuta de valores, cujo resultados benéficos seriam constatados através dos tempos.

Acontecimento notável em sua chegada, foi o fato de vários índios que se encontravam na praia virem ao seu encontro como que para recepcioná-lo, ao tempo em que o feiticeiro da tribo a ele se dirigia e, apontando para o seu lado direito, exclamava: "Babagi! Babagi!"

Babagi era uma divindade indígena, tida pelos estranhos como uma lenda, que curava os enfermos através dos curandeiros das tribos. Era, na realidade, uma entidade espiritual e vinha ao lado de Fernando, ajudando-o a andar na areia onde seus pés deslizavam. Este, logo sentiu-se cercado pelos novos amigos, que nele sentiam condições de proporcionar alívio aos sofrimentos e perseguições por que vinham passando, ante o domínio dos invasores estrangeiros.

Apesar de ainda não falar seu idioma, entendia-os pelos gestos e por intuição, o que denotava a afinidade existente. Assim, tendo se misturado com os nativos, ninguém suspeitava de sua condição de súdito espanhol a serviço secreto do rei.

Em curto espaço de tempo, Fernando já assimilara os diversos dialetos indígenas e africanos, movimentando-se com desenvoltura entre os humildes. O clima da região influenciou em seus traços e poucos conseguiam distingui-lo do povo local.

Em 1653, desceu no Maranhão, onde se encontrava Fernando, o temido político e pregador, representante de Roma e de Portugal - Pe. Antônio Vieira - que em seus famosos sermões acionava forças desconhecidas e dominava com facilidade aqueles que o ouviam. Era esse homem que Filipe IV, rei da Espanha, temia retornasse ao Brasil.

Em cumprimento à missão de que estava incumbido, comunicava ao seu soberano os acontecimentos que poderiam ser benéficos ao Brasil, omitindo notícias que poderiam prejudicar os povos que nele já lançavam raízes.

Com o passar do tempo e por impositivo do progresso, tudo foi mudando, e assim acontecia com os conceitos e interesses. Isso agradava sobretudo ao nosso personagem, que já tinha nos índios e nos escravos a sua própria família.

Certa noite, quando contemplava as estrelas, sobreveio forte lembrança da pátria distante, onde dispunha de inúmeros e valiosos bens, entre propriedades e terras abundantes. Enquanto meditava se deveria regressar à Espanha, sentiu uma voz suave, como se nascesse dentro de sua consciência, recomendando-lhe: "Vai, vende todos os teus bens, distribui-os entre os pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me." Surpreso, sentia que aquela voz era sua conhecida; mas, de onde? Parecia-lhe que já a escutara antes, mas, quando? Achava-se perdido no oceano dos séculos. Contudo, a voz fêz-se ouvir novamente. "Fernando," - disse a voz, "podes vender todas as tuas posses na Espanha e distribuir o dinheiro entre os necessitados de tua pátria. Os daqui, necessitando passar pelos processos renovadores, precisam mais da tua riqueza

mental, do resultado de tuas mãos operosas, do tesouro armazenado em teu coração e da tua presença confortadora."

Miramez, então, resolveu enviar procuração a amigos de sua confiança, autorizando-os a dispor dos seus bens e distribuir o resultado entre os carentes e sofredores da Península Ibérica.

Não chegou a ficar sabendo o que foi feito de suas riquezas materiais, porém, passou a viver um estado de consciência tranquila, única riqueza que acompanha seus portadores eternidade a fora.

Após aquelas providências, sua vida em muito mudou. Aquele homem culto e fascinante foi descoberto pelos catequizadores entre os índios e os escravos africanos, como pastor de dois rebanhos. Alguns índios e negros não se davam bem, hostilizando-se mutuamente. Trabalhando arduamente pela aproximação e convivência das duas raças, em pouco tempo seus esforços eram coroados de êxito, quando índios e negros festejavam juntos suas tradições, unidos pelos laços da amizade e do sofrimento.

Miramez, então, passou a frequentar o grupo de catequizadores por encontrar ali campo propício à prática dos seus ideais. Como

resultado de seu trabalho e esforço conjunto, mais tarde foi promulgada, em 1680, a lei de proteção aos índios.

Antes de terminar este relato, procurando mostrar como ocorreu a chegada de Miramez ao Brasil e a sua participação junto aos espíritos simples e sofredores que prepararam o campo que favoreceria a implantação do Evangelho nas terras do Cruzeiro, queremos relatar um fato ocorrido com ele em um pequeno arraial destinado a receber os velhos escravos, onde passavam os últimos dias de suas vidas.

Junto com jovens escravos, que vez por outra recebiam permissão de seus senhores para visitarem seus pais e avós, Miramez, certa manhã, buscou os casebres para rever seus tutelados, levando-lhes o conforto de sua palavra fraterna e confortadora. Todos o tinham como o "Pai Branco", "Filho do Sol" ou "Homem Que Veio da Luz".

Ao levantar a cabeça, fixando o olhar nas nuvens, como costumava fazer, punha o coração ao alto e a mente em sintonia com o Todo Poderoso. O ambiente se asserenava, envolvendo em suaves vibrações aqueles que o cercavam.

Ao regressar, passeando à beira de murmurante regato de águas cristalinas, acompanhado, como de costume, por uma velha preta,

ao passar beirando um barranco onde a vegetação se adensava, foi atacado por perigosa e venenosa jararacussu, cuja picada comumente resulta mortal, sendo atingido na perna, abaixo do joelho.

A preta velha viu o réptil dando o bote e a água do riacho tingir-se de sangue. Saiu a correr para o povoado em busca da velha benzedeira Pari, que nos seus noventa anos a muitos salvara pelos seus dons de curar várias enfermidades. Ao ser localizada e informada do ocorrido, a velha Pari, já acostumada a essas emergências, apanhou alguns apetrechos e saiu pressurosa em socorro ao Pai Branco.

Mas Miramez, já com muitas experiências vividas entre índios e negros, também tomara seus cuidados: lembrando-se de um cordão com vários nós intercalados que carregava em seu bernal, tomou-o e com ele amarrou a perna ofendida, na altura do joelho, impedindo a circulação. Tal cordão ele recebera de sua mãe querida, nos minutos finais de sua vida na terra, explicando-lhe sua origem. Pertencera a um bondoso pároco português que se dedicava à cura. "Meu filho", disse ela nos seus últimos momentos, "quando o velho padre me passou este cordão, de seus dedos desprendiam-se pequenos raios de luz que eram absorvidos pelos nós do cordão. Carreguei - o comigo por vários anos e muitas vezes utilizei-o em favor do alívio das pessoas. Agora, passo-o a você,

para que seja usado em seus momentos de dificuldade e de aflições." Abençoando-o, desfalecera e regressara à pátria espiritual.

A negra Pari, chegando, fez com que Miramez se assentasse num lajedo, levantasse os olhos e, como se conversasse com alguém invisível, pronunciava palavras ininteligíveis. Em dado momento, colocou os lábios sobre o ferimento e sugou por várias vezes o sangue já enegrecido, cuspiendo-o para o lado. A seguir, colocou algumas ervas na boca, mastigou-as e tornou a cuspir, lavando-a nas águas do riacho. Torna a repetir a operação, colocando as ervas maceradas sobre o ferimento, que logo parou de doer.

Com um suspiro profundo e se recompondo, a boa escrava retirou o cordão benfazejo da perna de Miramez, ajudou-o a caminhar em demanda a seu casebre, onde o fez ingerir uma bebida. Antes disso, a velha Pari, acalmado a revolta dos velhos escravos, não deixou que matassem a cobra; foi sozinha ao local, gritou com o perigoso réptil, expulsou-o e ordenou que não voltasse mais ali. Miramez sentia cada vez mais gratidão e amor por aquela gente simples, filha de Deus, que, dentro do possível, tudo fazia em seu benefício.

E naquela noite chorou de reconhecimento, orando ao Criador em benefício daquela gente simples e sofredora.

PERFIL DE MIRAMEZ

O nosso diretor espiritual era, quando encarnado, alto, de porte esbelto e nobre, cabelos encaracolados da cor do ouro velho, os quais trazia amarrados para trás. Tinha testa ampla, denotando inteligência, tez bronzeada pelo tórrido sol do norte, olhos verdes que lembravam os canaviais; os dois incisivos da frente eram ligeiramente separados.

Seus lábios eram pouco salientes e o nariz, grande e levemente achatado na ponta, não chegava a tirar-lhe a formosura do rosto. Apesar do constante sorriso nos lábios, seu semblante era grave; algumas rugas já demonstravam as consequências do desconforto físico e dos trabalhos em favor dos humildes.

Sua morte ocorreu num quadro de elevada suavidade. Os negros e os índios catequizados formavam extensa fila para beijar-lhe as mãos, que tanto os ajudaram a viver. Enquanto esteve lúcido, Miramez abençoava-os, um por um.

Nos momentos derradeiros, Fernando Miramez de Olivídeo percebeu a presença da mãe extremosa, bem como de sublimada

entidade que ele prefere não identificar, por julgar não merecer tamanha honra.

Com lágrimas nos olhos, Miramez desprendeu-se do vaso físico e, já fora dele, chorou de felicidade e agradecimento, por ter ingressado no Brasil pelas portas do amor e da caridade, que lhe foram abertas por Jesus.

Esta biografia foi extraída do livro INICIAÇÃO, psicografado pelo médium João Nunes Maia, ditada pelo espírito LANCELLIN.

Olímpia Belém

Nasceu na cidade de São Paulo de Muriaré, Estado de Minas Gerais, no dia 20 de julho de 1880, e desencarnou no Rio de Janeiro, a 26 de agosto de 1969. Era filha de Herculano Gomes de Souza e D. Olímpia Júdice Gomes de Souza. Aos 12 anos de idade concluiu o seu curso primário, ingressando no famoso Colégio Americano Metodista, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Foi aluna exemplar, muito querida por suas colegas e mestras, dedicada extremamente aos estudos e à observância dos preceitos da Igreja Luterana, a religião de seus pais. No ano de 1896, concluiu o seu curso.

No dia 7 de maio de 1897 contraiu matrimônio com o jovem Olindo Belém, artista arrojado e pioneiro de numerosas iniciativas, sendo por isso citado nas crônicas de muitos jornais da época ... Seu esposo era também da mesma religião e, quando aluno do Colégio Grambery, chegou a fazer pregações ao lado de famosos pastores protestantes. De seu casamento tiveram 15 filhos, 12 dos quais criaram-se e constituíram famílias, todos vindo, mais tarde a se tornar espíritas. O seu matrimônio trouxe-lhe alegrias e vicissitudes. Passou a viver em várias cidades, dentre elas Belo Horizonte, Sabará, Cristais e Campo Belo.

Investida da responsabilidade de acompanhar o esposo, via-se freqüentemente na necessidade de emigrar para outras regiões. Em 1921, estabeleceram-se definitivamente na cidade do Rio de Janeiro, onde as circunstâncias contrariaram frontalmente o estilo de vida do esposo, provinciano e sertanejo. Na antiga Capital Federal ele aquietou-se, vivendo de recordações do passado e dos dias de glórias vividos entre os mais preeminentes intelectuais e políticos do Estado de Minas Gerais. O contrário sucedeu com Olímpia Belém, que se transformou em mulher resoluta e dinâmica, tanto no lar, como no seio da sociedade.

Procurou o Centro Espírita Cristófilo, no bairro do Catete, onde o famoso médium cego Porfírio Bezerra desenvolvia um trabalho doutrinário invulgar e também ministrava receitas de

medicamentos, orientadas por Espíritos benfeitores. Nessa instituição ela sentiu sua verdadeira inclinação para o Espiritismo, do qual se tornou adepta convicta. Portadora de mediunidade excepcional, dedicou-se com afinco à tarefa de amparar doentes e necessitados. A sua residência tornou-se, dentro em pouco, em verdadeiro refúgio para a pobreza do bairro, que ali ia em busca de remédios, de palavras de conforto, de roupas usadas, de agasalhos; todos passaram a procurar o concurso e a assistência de Dona Nena, como passaram a chamá-la carinhosamente na intimidade.

O seu trabalho de assistência social, impulsionou-a para uma situação de relevo, tornando-se grande benfeitora da infância desvalida e da pobreza envergonhada, verdadeira missionária colocada a serviço de Jesus Cristo. O seu trabalho, entretanto, expandiu-se sobremodo, de forma que era requisitada para proferir palestras e conferências em muitos Centros Espíritas do antigo Distrito Federal. Passou a escrever para numerosos órgãos da imprensa espírita brasileira. Muitos dos seus artigos foram publicados nos tradicionais órgãos “Aurora”, “Mundo Espírita”, “A Centelha” e outros. Poetisa, produziu elevado número de poesias e sonetos, publicando-os na imprensa espírita.

Deixou ainda quatro livros publicados, dentre eles dois romances mediúnicos: “Jerusa” e “Dolória”, além de dois livros inéditos, um de poesias e outro de mensagens espirituais. Passando a residir no

bairro da Tijuca, ali fundou o Centro Espírita Discípulos de Jesus, pelo qual passaram numerosos espíritas preeminentes, como João Torres, Arthur Machado, Daniel Cristóvão, De Paula Machado, Ruth Santana (diretora da Casa de Lázara), Aurino Barbosa Souto, Esmeralda Bittencourt e muitos outros.

De lá saíram também outras instituições, tais como a União dos Discípulos de Jesus, sociedade que alcançou grande projeção quando foi dirigida por Néelson Batista de Azevedo. Em 18 de janeiro de 1937, fundou a obra assistencial de amparo à menina órfã e abandonada, a cuja tarefa Olímpia Belém dedicou toda a sua vida, tendo por lá passado, desde a sua fundação mais de 1000 jovens. Prevendo a sua desencarnação, Olímpia Gomes de Souza Belém, escreveu e guardou dentro de um Evangelho, uma folha de papel encontrada posteriormente por sua filha Omariza Belém, hoje a substituta na direção da Casa, as seguintes palavras: “Ao morrer, meu corpo ficará as horas de praxe em humilde caixão, sobre a mesa do Centro dos meus trabalhos, pelos quais a tudo renunciei, exposto à visitação dos que se lembrarem de oferecer-me uma prece. Meu Espírito, por certo, estará bem longe, só Deus o sabe.

A minha família e minhas filhas adotivas não deverão prantear-me, mas glorificar a Jesus, pela sua Divina Obra de Amor e Caridade, que permitiu à mais humilde criatura concretizar, em realidade, a grande e colossal obra de fraternidade, da qual fui idealizadora e

para a qual renunciei à vida, com amor e devotamento”. Alguns dias antes de desencarnar escreveu suas últimas quadrinhas: “Ao mundo vim para sofrer Só vivo carpindo a dor, Mas me valerá morrer, Em pura missão de amor! Amor, que me santifica, Embora a outros contriste, A dor que me purifica, Para muitos não existe.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves de Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Olympio Alves Lisboa

Nascido em 01 de Setembro de 1873 em Guarapuava-PR.

Foi por longo tempo industrial e comerciante, tendo chegado por vezes ao exercício de funções públicas.

Ingressou nos quadros federativos como membro do Conselho Permanente em 13-01-918.

Exerceu a Presidência de 11-01-920 a 09-01-921 e de 08-01-922 a 14-01-923.

Foi incansável trabalhador e sempre pautou sua vida dentro dos preceitos cristãos.

Desencarnou em 16-12-941, na cidade de Curitiba, após duras lutas enfrentadas, face às vicissitudes que a existência lhe reservou.

Oswaldo Ferreira de Mello

Oswaldo Ferreira de Mello nasceu na ilha de Santa Catarina, Florianópolis, em 1893 e desencarnou nessa última cidade, no dia 25 de julho de 1970. Era filho de tradicional família catarinense chefiada pelo casal João Adolfo F. de Mello e Da. Zélia Caldeira Souto de Mello.

Desde muito cedo concluiu seus estudos no colégio Catarinense, dedicou-se ao serviço público e ao jornalismo, tendo naquela atividade assumido importantes funções, salientando-se as de Diretor-Geral da Assembléia Legislativa do Estado, cargo em que se aposentou em 1959.

Homem de largos recursos sentimentais e humanitários, dedicou-se aos trabalhos da imprensa, inclusive da imprensa espírita. Foi redator e diretor de vários jornais de Florianópolis, e assíduo freqüentador das páginas de revistas e jornais espíritas que se editam no País.

Participou de numerosas atividades culturais, tendo sido o primeiro membro a ser recebido na Academia Catarinense de Letras.

Espírita convicto e, mais que isso, um grande trabalhador na seara, foi secretário e representante do Estado de Sta. Catarina quando das realizações das gestões que culminaram com a assinatura do Pacto Áureo de Unificação, no Rio de Janeiro , em 5 de outubro de 1949, do qual resultou a fundação do Conselho Federativo Nacional.

Publicou as seguintes obras: "Heroísmo e Humildade" (novela), "Epístola aos Espíritos" (obra de inspiração mediúnica" e "Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos" (relato de suas investigações e experiências no campo da metapsíquica). Presidiu durante muitos anos o Centro Espírita Amor e Humildade do apóstolo, onde exerceu com raro amor e abnegação a mediunidade curadora. Plasmando a consciência espírita de sua terra, em abril de 1945, fundava a Federação Espírita Catarinense, construindo sua sede à Av. Mauro Ramos, 305, em Florianópolis, tendo sido seu presidente até 1968, quando, por motivo de saúde passou o cargo ao Dr. José Antônio S. Thiago. Todavia, a família espírita catarinense o manteve como Presidente de Honra da Casa Mãe do Espiritismo naquele importante Estado sulino.

JORNAL UNIFICAÇÃO outubro de 1974

Paul Gibier

Discípulo de Pasteur, foi naturalista do Museu de História Natural da França.

Sobre os fenômenos espíritos, por ele observados, diz em sua obra "Análise das Coisas" que "podemos ter provas materiais da existência da alma.

Este fato não deixa dúvida alguma no meu Espírito: a ciência poderá estudar d'ora em diante, quando quiser, o terceiro elemento constitutivo do Macrocosmo, como estuda outros dois elementos, que ela compreende então muito melhor, isto é, a matéria e a energia".

Publicou ainda: "Anais das Ciências Psíquicas", "O Espiritismo, Faquirismo Ocidental" e "Psicologia Experimental".

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Paulo, o apóstolo

Foi em Tarso, na Cilícia, um importante centro mercantil e intelectual do mundo romano que nasceu entre os anos 5 e 10 da Era Cristã, uma criança que, no momento da circuncisão recebeu o nome de Saulo. Seus pais, embora judeus, gozavam dos privilégios da cidadania romana. Privilégios que podiam ser conseguidos pelos habitantes das províncias de duas formas: como recompensa por serviços prestados ou pelo desembolso de vultuosa quantia.

Nos primeiros anos, ele freqüentou a Sinagoga onde aprendeu nos textos sagrados até a aritmética. Um escravo o acompanhava todos os dias, carregando-lhe a pasta com os utensílios escolares. Sentado ao chão, com as pernas cruzadas, o menino Saulo ensaiou as primeiras letras, gravando-as com um estilete de ferro sobre uma tabuinha coberta com uma camada de cera. Como a tradição prescrevia ensinar um trabalho útil às crianças, Saulo aprendeu a tecer pano de barraca, usando uma fazenda áspera e durável, entremeado com pelos de cabra.

Adolescente ainda seguiu para Jerusalém, onde se tornou discípulo do grande Gamaliel, no Templo de Salomão, preparando-se para ser um devoto rabino. Ele mesmo na Epístola aos Gálatas afirma: "... e me avantajava no judaísmo sobre muitos da minha idade e linhagem , pelo extremo zelo às tradições de meus pais."

Ardoroso defensor de Moisés, Saulo desencadeou séria perseguição aos homens do Caminho. E considerou seu primeiro grande triunfo contra o Nazareno a lapidação do jovem Estêvão. Emmanuel descreve na obra "Paulo e Estêvão", em detalhes, toda sua dor e vergonha, ao se dar conta que Estêvão não era outro senão o irmão da sua amada noiva Abigail, que viria a morrer 8 meses depois.

É, no entanto, a caminho de Damasco, na Síria, levando cartas que lhe autorizavam a prender outros tantos seguidores de Jesus, que Saulo foi surpreendido, em pleno meio-dia, pela luz imensa daquele a quem perseguia.

"Saulo, Saulo, por que me persegues? ", diz-lhe a voz. Nas entrelinhas, pode-se ler: "Por que, Saulo, se és o vaso escolhido para levar a minha palavra a todas as gentes?"

Tendo vislumbrado a luz, ele se ergue da areia, onde tombara, sem visão. Seguindo a orientação dada pelo Mestre, entrou na cidade e aguardou. Ananias , em nome de Jesus, o vem retirar da sua noite de sombras.

Começou para Saulo a jornada de trabalho e o calvário das dores. Após o exílio de 3 anos, no deserto de Dan, ele retornou para pregar

a Boa Nova. Aquele Jesus a quem tanto perseguira na pessoa dos seus seguidores, tornou-se seu Senhor. Quando empreendeu a viagem a Damasco ele era o orgulhoso Saulo, cujo nome significa aquele a quem se pede, solicita algo, orgulhoso. Ao se erguer, após a queda do cavalo e a visão extraordinária do Cristo, ele se ergueu transformado. Era o escravo. "Que queres que eu faça, Senhor?", é o que roga. Por isso mesmo, haveria de trocar seu nome para Paulo, posteriormente, que significa modesto, pequeno, humilde.

Pode-se dividir o seu apostolado em três grandes viagens. Na primeira, partindo de Antioquia com Barnabé e Marcos, foi à ilha de Chipre, depois à Panfília e à Pisídia. Deixou núcleos implantados em Perge, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derme, retornando a Jerusalém.

Na segunda grande viagem, em companhia de Silas e Timóteo, atravessou a pé toda a Ásia menor, e , com Lucas chegou até a Macedônia. As pequenas igrejas foram se formando em Filipes, Tessalônica, Beréia. Ele chegou até a Grécia. Na primavera de 53, saiu de Corinto, voltou a Jerusalém e Antioquia.

Na terceira viagem percorreu a Frígia e a Galácia. Permaneceu dois anos em Éfeso, depois regressou à Macedônia e Corinto. Retornando a Jerusalém foi preso, remetido a Cesaréia e, apelando para César, chegou a Roma, depois de um naufrágio na ilha de

Malta. Estima-se que ele tenha percorrido em sua longa marcha nada menos de 20.000 km a pé, ou seja, metade do comprimento da linha do Equador.

Sob a inspiração de Jesus, tendo a servir de intermediário o próprio Estêvão, na espiritualidade, Paulo escreveu as epístolas, cartas cheias de ternura aos companheiros das comunidades nascentes, também carregadas de orientações:

duas aos Tessalonicenses , em Corinto, em 52-54; 1ª aos Coríntios , de Éfeso, em 57; 2ª aos Coríntios, de Filipos, em 57; aos Gálatas e aos Romanos, de Corinto, em 57; aos Filipenses, aos Efésios, aos Colossenses e a Filémon, de Roma, em 62; aos Hebreus, em 63 ou 64, da Itália; 1ª a Timóteo, em 64 ou 65, a Tito em 64 ou 65, e a 2ª a Timóteo, em 66, de Roma.

Mais de uma vez foi apedrejado, açoitado, maltratado. Padeceu fome, frio, privações. Por amor a Jesus, ele tudo aceitou e afirmou portar no corpo "as marcas do Cristo".

Decapitado, fora dos muros de Roma, no ano de 67, por ordem do Imperador Nero, ele adentrou a espiritualidade. Quando a Terceira Revelação se apresentou na Terra, ei-lo participando da equipe do Espírito de Verdade, deixando seus palavras em O Evangelho

segundo o espiritismo, nos capítulos X, item 15 (sobre o perdão , em Lyon, em 1861) e capítulo XV, item 10 (Fora da caridade não há salvação, em Paris, em 1860). Igualmente, respondendo a questão de número 1009 de O livro dos espíritos, a respeito da eternidade das penas, junto a dissertações de Santo Agostinho, Lamennais e Platão.

Paulo e Estêvão, romance de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier

Grandes personagens da história universal, vol. 1.

PAULO DE TARSO

Paulo de Tarso não é apenas uma das figuras mais importantes do Cristianismo,

mas surge no centro de mensagens e discussões importantes do Espiritismo,

especialmente por meio das mensagens de Emmanuel, psicografadas por

Chico Xavier.

Por Rosana Felipozzi

Saulo era o nome hebreu de Paulo de Tarso, nascido no ano 5 da era cristã na cidade de Tarso, capital da Cilícia, na Ásia Menor, atualmente sul da Turquia, bem próxima da Síria.

Era filho de pais israelitas e, apesar de poucas referências que se têm sobre sua família, sabe-se que seu pai se chamava Isaac e foi um humilde tecelão. Além disso, nos Atos dos Apóstolos, Lucas menciona que Dalila era irmã de Paulo e residia em Jerusalém,

Dados biográficos como esses bem como uma profunda análise da trajetória de vida de Paulo de Tarso podem ser encontrados no livro Paulo - O Predestinado (Lúmen Editorial). O autor, João Duarte de Castro, jornalista e escritor já falecido, foi também presidente da UNIMES (União Intermunicipal Espírita de Santos). Com a publicação dessa obra presta uma homenagem aos "50 anos de Paulo e Estevão", romance elaborado pelo autor espiritual Emmanuel e psicografado por Chico Xavier.

Inicialmente, João Duarte apresenta um painel histórico da região de Tarso que, por ser portuária, recebia muitas influências externas. Contava com terras férteis e um comércio florescente, sendo considerada um importante centro cultural da época; possuía escolas e uma das três universidades existentes no mundo, sendo as outras localizadas respectivamente em Atenas e Alexandria.

Durante o grande período de domínio do Império Romano, todo cidadão tarsense nascido livre tinha o privilégio da cidadania romana, por decreto de Pompeu e Júlio César. Sendo assim, explica Duarte, além de hebreu. Saulo era um cidadão romano, o que lhe permitiu livre trânsito pelo império - em muitas situações difíceis de sua vida esse privilégio o beneficiou.

Referindo-se à idade de Saulo, Paulo, Duarte afirma que o nascimento de Jesus, tomado como ponto de partida para os relatos dos evangelistas, deveria corresponder ao Ano I de nossa Era, mas por um erro inicial de cálculo cometido pelo monge Dionísio - o primeiro a introduzir o nascimento de Jesus no cômputo das datas - o acontecimento deve ser situado cinco anos antes.

Conforme consta nos livros de Mateus e de Lucas, Jesus nasceu antes da morte de Herodes, O Grande, fato que pode ter ocorrido no ano 4 a.C .. Sendo assim, Paulo era cerca de dez anos mais jovem que Jesus. Em seu estudo, Duarte confirma que, durante todo o período da vida pública de Jesus, Paulo não esteve em Jerusalém e, portanto, não o conheceu pessoalmente.

Quanto à sua formação, sabe-se que foi educado na mais completa rigidez de princípios, pois pertencia à casta dos fariseus que, entre

os judeus, formavam uma espécie de elite religiosa, sendo extremamente austeros, intolerantes e fanáticos. A lei mosaica e os preceitos de Jeová eram seguidos à risca por eles, e por Paulo, até seus 30 anos de idade. Profundo conhecedor das antigas escrituras, Paulo as dominava em dois idiomas: hebraico (no original) e grego (versão).

PARA HUBERTO ROHDEN, outro conhecido escritor e também biógrafo de Paulo de Tarso, sua vida era a de um homem incomum, que pode ser dividida em dois períodos distintos e de duração quase idêntica, mas de características diametralmente opostas. Ou melhor, ele viveu duas vidas em uma, ou dois homens viveram em um só: 30 anos como Saulo nos desvãos do orgulho e do ódio desenfreado aos cristãos, vividos desde Tarso até Damasco; e os outros 30 anos, de Damasco a Roma, do renascimento à morte pela espada como o incomparável Paulo, Apóstolo dos Gentios,

Uma outra visão, e das mais destacadas no meio espírita, é a do mentor espiritual Emmanuel. Nas primeiras páginas do romance Paulo e Estevão podemos verificar o que motivou esse espírito de luz a dedicar um romance a Paulo de Tarso: "Não são poucos os trabalhos que correm mundo relativamente à tarefa gloriosa do 'apóstolo dos gentios'. É justo pois esperarmos a interrogativa: Por que mais um livro sobre Paulo de Tarso? Homenagem ao grande

trabalhador do Evangelho ou informações mais detalhadas de sua vida?"

"Quanto à primeira hipótese, somos dos primeiros a reconhecer que o convertido de Damasco não necessita de nossas mesquinhas homenagens e, quanto à segunda, responderemos afirmativamente, para atingir os fins que nos propomos, transferindo ao papel humano, com os recursos possíveis, alguma coisa das tradições do plano espiritual acerca dos trabalhos confiados ao grande amigo dos gentios".

"Nosso melhor e mais sincero desejo é recordar as lutas acerbadas e os ásperos testemunhos de um coração extraordinário que se levantou das lutas humanas para seguir os passos do mestre num esforço incessante (..)"

"Queremos recordar que Paulo recebeu a dádiva santa da visão gloriosa do mestre, às portas de Damasco, mas não podemos esquecer a declaração de Jesus relativa ao sofrimento que o aguardava, por amor ao seu nome (...)"

"Paulo recebeu o apelo direto, mas na verdade todos os homens menos rudes têm a sua convocação pessoal ao serviço do Cristo".

"As formas podem variar, mas a essência ao apelo é sempre a mesma. O convite ao ministério chega, às vezes, de maneira sutil, inesperadamente; a maioria porém resiste ao chamado generoso do Senhor (..)"

"Paulo de Tarso foi um homem intrépido e sincero, caminhando entre as sombras do mundo, ao encontro do mestre que se fizera ouvir nas encruzilhadas da sua vida. Foi muito mais que um predestinado; foi um realizador que trabalhou diariamente para a luz (..)"

"O apóstolo não poderia chegar a essa possibilidade em ação isolada no mundo (..)" "Sem Estevão não teríamos Paulo de Tarso (..)"

"A vida de ambos está entrelaçada com misteriosa beleza. A contribuição de Estevão e de outras personagens dessa história real vêm confirmar a necessidade e a universalidade da lei de cooperação (...) Sem cooperação não poderia existir amor, e o amor é a força de Deus, que equilibra o Universo (...)"

PAULO E ESTEVÃO é leitura recomendada a todos os que desejam ter uma clareza de como se desenrolaram as diversas histórias e fatos que deram início ao cristianismo. Todo estudante que já se

encontra nos últimos estágios do aprendizado evangélico espírita, nos mais diversos centros e grandes instituições, obrigatoriamente desenvolve um estudo dessa obra.

Para que pudéssemos conhecer melhor o que é transmitido aos alunos sobre Paulo de Tarso, participamos de uma palestra oferecida aos alunos do 5º ano do curso A Gênese, na Sociedade Espírita Assistencial Dr. João Prado, no bairro Vila Mariana, em São Paulo. O convite feito pela diretora, Neuza Auzira C. Azevedo, possibilitou a gravação na íntegra da palestra Paulo e Estevão com exclusividade para a revista Espiritismo & Ciência. As duas expositoras foram Selma Corsione C. Bertante e Creusa Garcia da Cruz Uzum.

Logo no início da explanação, ambas aprofundam a questão da atuação de Estevão na vida de Paulo de Tarso. Afirmam que o primeiro foi instrumento de transformação para o segundo, porém a fé motivou-os até o despertar em Cristo.

Jeziel (ou Estevão) era judeu e vivia em Corinto, no ano 34, com sua irmã Abigail e seu pai Jochedeb. Na época, o chefe romano era Licínio Minúcio, perseguidor e confiscador de bens dos judeus, que promoveu uma ação violenta e humilhante contra a família. Os três foram presos e julgados. Jochedeb foi chicoteado e morto; Abigail

foi libertada e fugiu para a Palestina e Jeziel foi condenado ao trabalho perpétuo nas galeras.

Tanto Abigail quanto Jeziel (Estevão) eram extremamente religiosos, seguiam as antigas escrituras, e demonstravam uma elevada espiritualidade, aceitando resignadamente suas sentenças, ao contrário de seu pai falecido.

Após algum tempo nas galeras, um passageiro romano ilustre, Sérgio Paulo, ficou doente, e Jeziel foi convocado a cuidar dele. Consegue ajudá-lo, porém também contrai a doença. O romano intercedeu e salvou a vida de Jeziel, que foi desembarcado na cidade de Jope, próxima a Jerusalém. Posteriormente, foi levado à Casa do Caminho, em Jerusalém, onde recebeu assistência de Simão Pedro, o apóstolo que dirigia a casa com João e Tiago.

Curado, tornou-se amigo de Pedro e, a partir dessa amizade, conheceu os pergaminhos de Levi (Mateus). Converteu-se à nova doutrina e recebeu de Pedro o nome de Estevão.

É nesse momento que se processa a reforma íntima de Estevão.

Começou uma nova vida para Estevão, trabalhando com os outros apóstolos e fazendo discursos inflamados sobre as novas idéias que passou a admirar. Emmanuel menciona que Estevão, toda vez em que ia proferir um discurso, era imbuído do Espírito Santo, o que na verdade equivale a dizer que sua mediunidade estava aflorada. Ocorria com Estevão o mesmo mecanismo que ocorre com qualquer médium hoje.

No ano 35, ocorreu o encontro entre Paulo e Estevão. Aos 30 anos de idade, Paulo vivia em Jerusalém e almejava se eleger como grande líder da nova geração de rabis, cargo de prestígio no Sinédrio (Instituição Sacerdotal dos Judeus).

As notícias que se espalhavam sobre a nova doutrina incomodavam enormemente os judeus e, para um fariseu como Paulo, pareciam um insulto às tradições milenares. Antevendo a oportunidade de conquistar a liderança desejada, transformou-se no comandante de uma ação de combate a essa nova ideologia.

Sua primeira atitude foi conhecer a Casa do Caminho, onde então se encontrava Estevão, discursando e apresentando Cristo como sucessor de Moisés. Paulo questionou Estevão, que não se intimidou. Os apóstolos temeram por Estevão, mas a questão foi levada ao Sinédrio, que, num primeiro momento, não o quis condenar. Após uma trama bem montada por Paulo, Estevão foi

convocado ao Sinédrio, onde foi humilhado, preso e condenado à lapidação.

O momento da lapidação de Estevão foi marcante na vida de uma outra personagem dessa história: Abigail. Ela havia perdido totalmente o contato com o irmão e não mais imaginava vê-lo. Estava noiva de Paulo e, a pedido do noivo, foi assistir ao acontecimento, reencontrando o irmão.

A revolta tomou conta de Paulo, que culpou o Cristo e seus discípulos pela reviravolta que se processou em sua vida, principalmente pelo afastamento de Abigail. Tentou reconquistá-la, mas a encontrou doente e convertida, como o irmão. Antes de morrer, prometeu a Paulo que iria auxiliá-lo de onde estivesse. Paulo seguiu para Damasco, pretendendo encontrar Ananias, que iniciou Abigail na nova doutrina, para puni-lo.

Após três dias de caminhada e já bem próximo de Damasco, Paulo sentiu-se envolver por uma luz forte. Somente ele viu surgir a figura de um homem vindo ao seu encontro, que lhe disse: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" Paulo então perguntou: "Quem sois vós?". A voz lhe respondeu: "Eu sou Jesus!" Nesse momento, o orgulhoso doutor da lei se curvou de joelhos e, aturdido porém lúcido, se conscientizou da existência do Messias que Estevão e os apóstolos

do caminho tanto afirmavam existir. Com essa visão, fica cego e entra em Damasco auxiliado pelo companheiro Jacob.

O restante da caravana retornou a Jerusalém a pedido de Paulo, com a solicitação de que informassem aos seus superiores a visão que lhe havia ocorrido do homem nazareno. Foi deixado por três dias numa pensão, até que Ananias, a quem tanto procurava, foi ao seu encontro e lhe disse:

"O senhor enviou-me a esta casa para que tornes a ver (..)".

Desse momento em diante, Saulo, o hebreu, se torna definitivamente Paulo de Tarso, o mais novo discípulo, convertido em Damasco pelo próprio Cristo a quem tanto insultou e perseguiu.

Em Damasco havia um núcleo, que ainda não podia ser chamado de igreja, mas que contava com muitos irmãos do caminho que se reuniam para orar. Foi nesse lugar que Paulo pôde perceber pela primeira vez a dimensão do que seria sua nova tarefa. Ele partiu para o deserto de Dan, na companhia do casal Áquila e Prisca, e permaneceu com os novos companheiros durante três anos, exercendo o ofício de tecelão, ensinado por seu pai.

Ao retornar a Damasco, foi preso na sinagoga, mas fugiu num cesto de vime. Humilhado, decidiu ir a Jerusalém rever o local de suas perseguições, Pregou em frente ao templo de Jerusalém, mas foi ameaçado; fugiu para Cesaréia e depois voltou a Tarso, onde permaneceu aguardando que Jesus o convocasse para o cumprimento de sua nova tarefa.

Certa noite, ao se deitar, sentiu a presença dos espíritos de Abigail e Estevão, que procuraram confortá-lo. Somente três anos depois Barnabé o procurou, pedindo-lhe ajuda na igreja de Antioquia. Prontamente, Paulo se tornou um humilde ajudante nessa igreja, onde recebeu a visita do médico Lucas, de quem se tornou amigo inseparável.

A mudança do nome, de "caminheiros" para "cristãos", sugerida por Lucas, foi aceita e bem-vinda.

Após uma visita a Jerusalém, Paulo e Barnabé perceberam a radicalização de Tiago e retornaram a Antioquia, decidindo-se então pela evangelização, começando pela igreja de Antioquia. Em seguida, partiram para as viagens: a primeira para Chipre, Panfília, Pisídia e outros locais; a segunda para a Macedônia, até a Grécia; a terceira para a Galácia, Frigia, Éfeso (onde o culto à deusa Diana já estava enfraquecido), Troade, Filipes, Corinto, Cesaréia, até Jerusalém.

Em Jerusalém, Paulo foi preso e transferido para uma prisão em Cesaréia, aguardando julgamento do Sinédrio. Permaneceu dois anos recluso e, nesse período, escreveu inúmeras mensagens.

Num segundo julgamento, Paulo surpreendeu a todos negando-se a ser julgado pelos judeus e apelando a César. A acusação era a de ter promovido muitas lutas nas camadas populares, em desacordo à unidade da fé. Com isso, Paulo de Tarso foi enviado a Roma sob escolta, e sua partida foi acompanhada por grande multidão. O cenário na época não era dos mais propícios, pois Roma se encontrava sob a tirania de Nero, que perseguia os cristãos e os mandava sofrer nos espetáculos da arena.

Lá chegando, Paulo ficou preso em regime aberto, devido aos seus títulos, mas sob a vigília de um policial. Continuou seu trabalho de pregação e evangelização, curando e ajudando a todos que o procuravam.

Paulo foi julgado e absolvido e, em seguida, iniciou uma viagem à Espanha, com Lucas, Timóteo e Demas.

Enquanto isso, em Roma, Pedro liderava os cristãos, pregando nas catacumbas. De volta a Roma, Paulo procurou personalidades

romanas que tivessem influência com Nero, conseguindo a libertação de João, que pôde então retornar a Éfeso.

Mas em julho do ano 64, um violento incêndio tomou conta de Roma durante uma semana, destruindo a cidade e causando o êxodo de milhares de pessoas. Com o acontecimento, mais uma vez os cristãos foram acusados e perseguidos.

Dois meses depois, Paulo foi preso e levado a julgamento, na presença de Nero. Em brilhante discurso, Paulo intercedeu pelos cristãos e, de forma prudente, Nero lhe concedeu a liberdade, tramando sua morte de uma outra forma.

Algumas semanas depois, Paulo foi preso e conduzido à prisão, encaminhado a uma cela escura de onde saíria apenas para o sacrifício final.

Foi morto por um golpe de espada que lhe fendeu a garganta, seccionando quase inteiramente a cabeça.

Paulo de Tarso se tornou o mentor espiritual de todas as igrejas cristãs. Parte de seu legado foram as Epístolas - importantíssimas

no Novo Testamento - cujo conteúdo teve a participação de seu mentor espiritual, Estevão.

Rosana Felipozzi - Revista Espiritismo e Ciência

Paulo Alves Godoy

Companheiro de grandes atividades no Movimento Espírita, especialmente no terreno jornalístico e como escritor.....

Paulo Alves Godoy nasceu na cidade de São Paulo SP, no dia 22 de setembro de 1914. Foram seus pais José Alves, português, e D. Cesarina Alves Godoy, brasileira. Residiu por algum tempo em Araguari (MG), onde iniciou os seus estudos primários, concluindo o o curso ginasial em São Paulo. Trabalhou durante 33 anos no Frigorífico Armour do Brasil S/A e, posteriormente no Frigorífico Bourbon, onde exerceu diversos cargos, inclusive o de chefia geral. Colaborou em diversos órgãos da imprensa paulistana..

Seus pais eram espíritas e o encaminharam ao Espiritismo desde sua infância, porém considerou-se praticante a partir de 1938, quando foi eleito pela primeira vez como secretário do Centro Espírita Bezerra de Menezes no bairro da Lapa, São Paulo. Exerceu

cargo de diretoria em diversas instituições: União Federativa Espírita Paulista, delegado da Confederação Espírita Panamericana, em São Paulo, membro do conselho deliberativo da FEESP e conselheiro da USE e da Liga Espírita do Estado de São Paulo.

Em 1940, juntamente com Francisco Arcari e Antônio Alves Pereira, lançou o boletim O Semeador (já extinto) no Centro Espírita Bezerra de Menezes. Em 1947 dirigiu a revista O Revelador, e no ano seguinte fundou o jornal Unificação, órgão da USE, sendo responsável pela edição. Em fevereiro de 1966, fundou o jornal O Semeador, órgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo, onde permaneceu até sua desencarnação. Paulo Alves Godoy viajou por todo o Estado de São Paulo e também Estados do sul do Brasil a serviço da Doutrina Espírita, como palestrante. Colaborou com inúmeros órgãos da Imprensa Espírita em quase todos os Estados e no exterior, especialmente Argentina e Portugal.

Constam de sua bibliografia os seguintes livros: Personagens do Espiritismo, de parceria com Antônio Lucena; Crônicas Evangélicas; O Evangelho pede licença; Grandes vultos do Espiritismo; As maravilhosas parábolas de Jesus; Momentos de prece; Os padrões evangélicos; Quando Jesus teria sido maior?; Os quatro sermões de Jesus; O evangelho por dentro; Jesus Cristo, a luz do mundo; Evangelho de redenção; Os casos controvertidos do Evangelho e Evangelho misericordioso.

Foi casado com D. Olga Santos Alves, que lhe precedeu na Vida Espiritual, há pouco tempo. Deixou três filhos: Jeane, Míriam e Wagner, que lhe deram diversos netos.

No dia 19 de abril de 2001, em sua terra natal, regressou à Pátria Espiritual, tranqüilo e sereno, na certeza de que bem cumpriu o seu mandato, como seguidor de Jesus.

Antonio de Souza Lucena. Anuário Espírita 2002 – IDE

Paulo Tereziano Barros

Paulo Tereziano Barros nasceu na cidade de Alta Paulista em 20 de setembro de 1916. Ficou órfão de mãe aos nove anos de idade, quando foi morar com a tia que o ameaçava constantemente com o “fogo do inferno”. Foi, por influência dela, “coroinha” na Igreja Católica. Quando jovem não suportando mais a pressão em casa se fez andarilho, até que em 2 de janeiro de 1946 casou-se com MARIA ESTRADA em Paranavaí (então Fazenda Brasileira), local em que fixou sua residência definitiva.

Autodidata, de tudo sabia um pouco. Tinha muita curiosidade em saber, quando encontrou “guarida” na Doutrina Espírita, ao ler o livro “O CEU E O INFERNO”. Assim, tornou-se um grande estudioso desde 1954. Fez parte do primeiro Centro Espírita da cidade (CEFAC) – Centro Espírita Fé, Amor e Caridade e, permaneceu na defesa da integridade da doutrinação enquanto viveu.

Com os demais companheiros ajudou na implantação da Santa Casa, do Albergue Noturno, da Casa da Criança, do Asilo de Velhos, do Ginásio Humberto de Campos, do Conservatório de Música João Ghignone e da Escolinha de Evangelização no CEFAC.

Quando surgiu o movimento regional da Federação Espírita do Paraná (8a. União Regional Espírita com sede em Paranavaí) atirou-se de corpo e alma na defesa e propagação da idéia, sacrificando muitas vezes a família em prol do movimento.

Junto com André Fernandes e Narciso D’ Avis não media esforços para que o ideal se firmasse. Foram os “tratores” abrindo as “picadas” que se tornaram as estradas de comunicação que hoje existem.

Pai de 10 filhos, sobrevivia de serviço braçal (encanador) mas fez questão que todos estudassem – essa seria sua herança. Defensor

máximo da evangelização infantil “obrigava” os filhos a participarem do movimento infanto-juvenil. Hoje a Escola de Evangelização do CEFAC traz o seu nome em justa homenagem.

De seus dez filhos (hoje, uma desencarnada) apenas um segue outra linha evangélica, sendo que os demais, inclusive netos (21) seguem praticamente a Doutrina Espírita, semeando-a por onde passam com destemor e seriedade, com confiança e alegria – a maioria de seus filhos são atualmente funcionários do Banco do Brasil.

Três dos seus filhos já foram e são diretores de Uniões Regionais Espíritas, nas várias regiões onde residem – Umuarama e Cascavel. Cinco dos seus filhos divulgam a doutrina com consciência e fidelidade. Sua esposa participava também das reuniões do CEFAC.

Relação de seus filhos: Cícero Tereziano Barros, Judith Tereziano Barros Mendes, Ana Tereziano Barros, João Tereziano Barros, Tomaz Tereziano Barros, José Tereziano Barros, Alice Barros Cerezuela, Luiz Carlos Terezianho Barros, Odir Tereziano Barros e Odenir Tereziano Barros

Paulo Tereziano de Barros desencarnou em 14 de setembro de 1990. .

Judith Tereziano Barros Mendes.

Pedro de Camargo - Vinícius

Nascido no dia 7 de maio de 1878, na cidade de Piracicaba, Estado de São Paulo, e desencarnado no dia 11 de outubro de 1966, na cidade de São Paulo.

Não se pode fazer o esboço histórico do Espiritismo no Estado de S. Paulo, na primeira metade do presente século, sem levar em consideração a personalidade inconfundível de Pedro de Camargo, mais conhecido pelo pseudônimo de Vinícius.

Os seus primeiros anos de escolaridade foram feitos no Colégio Piracicabano, educandário de orientação metodista, de fundação norte-americana. A diretora do estabelecimento era então a missionária Martha H. Watts, de quem Pedro de Camargo guardou sempre as mais caras recordações e grande admiração.

São dele as seguintes palavras extraídas de um artigo que escreveu por ocasião da desencarnação daquela missionária, ocorrida nos Estados Unidos: "Sempre que se oferecia ensejo de inocular princípios de virtude e regras de moral, era quando se mostrava admirável, comprovando a rara e excepcional competência de que fora dotada para exercer tão sublime missão".

Eu bem me lembro que perto de Miss Watts ninguém era capaz de mentir ou dissimular; as traquinadas e travessuras, escondidas cautelosamente, eram-lhe fielmente narradas quando nos interpelava, tal o império que sobre nós sabia exercer, sem jamais usar para isso de outro meio que não a força do bem e o devotamento com que praticava seu sagrado sacerdócio.

Muito lhe deve a sociedade piracicabana; muito lhe devem seus ex-alunos; muito lhe devo eu.

Os princípios salutareos de moral que me ministrou, assim como os conselhos elevados que me dispensou com tanto carinho e solicitude durante minha infância, repercutem-me ainda na alma como uma voz amiga que me dirige os passos, e por isso, ao saber que ela já não mais vive na Terra, rendo-lhe este preito de homenagem, simples e singelo, porém sincero e verdadeiro, como que desfolhando sobre a campa da querida mestra umas pétalas humildes que em seguida o vento arrebatará, mas cujo tênue perfume chegará até ela, levando-lhe o penhor de minha gratidão pelo muito que de suas benfazejas mãos recebi".

Pedro Franco Barbosa

Retornou à Espiritualidade, na tarde do dia 4 de junho, o confrade Pedro Franco Barbosa, em sua residência no Rio de Janeiro. Depois de um longo período, de mais de dois anos, de grave enfermidade. O Enterro do seu corpo ocorreu às 14 horas, do dia imediato, no Cemitério de São João Batista, em Botafogo, com grande acompanhamento. Antes da saída do féretro sua filha Maria Regina falou sobre o pai com muito carinho, lendo, inclusive, juntamente com os irmãos Maria Helena e Pedro Paulo, algumas poesias do seu livro: "Espiritismo e Matéria". Dr. Lauro de Oliveira S. Thiago falou em nome da Federação Espírita Brasileira.

À beira do túmulo, Dr. Américo de Oliveira Borges, que fora o seu companheiro da ABRAJEE, discursou exaltando as qualidades de grande trabalhador e defensor da Doutrina dos Espíritos. Pedro Franco Barbosa nasceu no dia 29 de junho de 1906, em Vassouras - RJ. Filho de Cristiano Alves Barbosa e D. Eurides Franco Barbosa. Fez os seus primeiros estudos em sua terra natal. Matriculando-se na UFI - Universidade Federal Fluminense, em Niterói, recebeu o diploma em Direito em 1940.

Casou-se com D. América Martins Barbosa, em 1939, e da união nasceram os seguintes filhos: Maria Helena, Maria Regina, Pedro Paulo e Maria Luiza (a caçula, que desencarnou recentemente de um mal súbito). Deixou dez netos e um desencarnado, Luiz Alberto Angeiras, filho de Maria Regina, barbaramente assassinado em

fevereiro de 1994, juntamente com o amigo que o hospedava, num final de semana, em São Pedro da Aldeia, por guardas do condomínio que o hospedava.

Era aposentado do Ministério da Fazenda, como funcionário público federal, no cargo de Procurador, em 1977.

Fez-se adepto do Espiritismo quando foi lecionar no "Colégio Leopoldo", em Nova Iguaçu, na vivência com o Professor Leopoldo Machado, exatamente no ano em que se formou, 1940. Passou a freqüentar a Cruzada dos Militares Espíritas, quando na Rua do Lavradio, no Centro da cidade. Iniciou um programa de estudo das Obras de Allan Kardec e assumiu a tarefa de expositor, na própria Cruzada. Depois foi convidado pelo Dr. José Mariano para a Sociedade de Espiritismo, Homeopatia e Obras Sociais, prestando à instituição relevantes serviços.

A convite de Deolindo Amorim, integrou o quadro de professores do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, por muitos anos. Participou da fundação da ABRAJEE - Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas, no VI COMBRAJEE em Brasília, de 15 a 18 de abril de 1976, apresentando a Tese: "Há uma Literatura Espírita". Colaborou da melhor forma e foi eleito Secretário e depois Vice-Presidente. Participou efetivamente do V ao IX COMBRAJEE. Levou a sua palavra abalizada sobre o Espiritismo em

todo o Rio de Janeiro e em outros Estados. Em 1980 viajou à Europa e pronunciou conferências na Federação Espírita Portuguesa.

Na qualidade de jornalista, colaborou em quase todos os jornais e revistas espíritas no Brasil e alguns do estrangeiro. Deixou dois livros publicados: "Espiritismo e Matéria" (versos) e "Espiritismo Básico" (Doutrina).

Aposentado do Ministério da Fazenda, em 1977, deu maior contribuição à Doutrina Espírita, nas tarefas de escrever e da oratória, quando teve oportunidade de viajar a diversos Estados.

Dr. Pedro Franco Barbosa, uma personalidade bondosa, calma, comedida. De temperamento profundamente espírita e cristão, foi humilde em todos os seus trabalhos. Deixa imorredoura saudade no Movimento Espírita, que abraçou de alma e coração.

Pedro Richard

Foi uma das mais fortes e atraentes personalidades do Movimento Espírita. Sua vida foi de testemunho em favor do Evangelho deixado pelo Divino Mestre Jesus.

Pedro Richard nasceu, no dia 09 de setembro de 1853, na cidade de Macaé (RJ), filho de Pedro Richard e Dona Felismina Richard. Família modesta, mas de honorabilidade a toda prova. Órfão de pai aos nove anos de idade, tornou-se arrimo de sua mãe e de seus irmãos menores. Tinha adoração por sua genitora, que era de costumes austeros e de sentimentos elevados; era, aliás, carinhoso para a família.

Quando seu pai desencarnou, estava fazendo o Curso Primário, tendo que interromper os estudos para trabalhar numa casa comercial. Depois foi admitido como funcionário da Alfândega, melhorando assim seus rendimentos. Sério, consciente de suas responsabilidades, adquirira o hábito salutar de nada realizar sem muita reflexão. Seguiu a risca os conselhos do seu genitor.

Pedro Richard contraiu núpcias com D. Mariana Campos Richard, natural de Angra dos Reis (RJ), e tiveram uma prole de seis filhos: Mário (desencarnado aos dois anos), Felismina, Pedro, Mário (2º), Izaura e Marta. Houve uma época em que D. Mariana teve que costurar para fora, e ajudar na manutenção do lar. Foram dias de muitas preocupações, porém não perderam a esperança de melhores dias. Isso não impediu de adotar uma criança necessitada: Francisco Antônio de Carvalho, que era parente longe de D. Mariana. Mais tarde o garoto foi motivo de muitas alegrias. Estudioso, aplicado, entrou para Escola Militar e se formou como

Engenheiro Militar, honrando a dedicação dos pais adotivos. Chegou ao posto de Coronel do Exército e o que é mais importante, tornou-se o "patriarca" da família.

A desencarnação de Mário, o seu primogênito, levou-o ao Espiritismo. O casal não compreendia como, diante da bondade imensurável de Deus, uma criança pudesse sofrer tanto. Nesse tempo, conheceu um homem chamado Nascimento, pessoa caridosa e simples, médium. Por seu intermédio recebeu noções de como age a Justiça Divina, através da reencarnação, dando-nos oportunidade de quitar faltas passadas.

A vida de Pedro Richard foi de permanentes realizações. Era capacitado, inteligente, trabalhador, ativo e empreendedor. Formou uma firma de construções, com oficina de carpintaria, porém, para obter o registro de construtor era necessário apresentar declaração de um engenheiro civil, de que ele possuía capacidade para as funções.

Embora extremamente capacitado, faltava-lhe o título oficial para poder trabalhar. Recorreu a um velho amigo da Federação Espírita Brasileira, Abel Ferreira de Mattos, engenheiro civil de prestígio, que veio em seu auxílio. Venceu uma concorrência para executar obras do Exército. Esse trabalho lhe deu melhores condições de manter a família.

Indalício Mendes chamou-o de "Peregrino do Evangelho". Sua admiração por Dr. Bezerra de Menezes, "O Kardec Brasileiro", era ilimitada. Fê-lo fervoroso adepto do Evangelho, onde encontrava a bússola para os caminhos a palmilhar na Terra.

Pedro Richard tinha na prece o seu maior ponto de apoio. Desenvolveu sua mediunidade de cura, que fez dele instrumento dos Espíritos Superiores, no labor incansável na Seara do Cristo, para socorrer sofredores.

Foi considerado emissário para despertar criaturas que precisavam apenas de uma palavra para se melhorarem espiritualmente. Através de seus atos, de sua conduta e superioridade moral, tomaram-no como exemplo e renasceram para uma nova vida.

Era companheiro de Bezerra de Menezes, dos irmãos Sayão, de Maia de Lacerda, Leopoldo Cirne e outros. Foi um dos fundadores do "Grupo Ismael". Sua fé em Deus, Jesus e Maria Santíssima não tinha limites, e sua palavra tinha o poder de deixar na lembrança daqueles que o ouviam o alento da fé. Era a transmissão simples da mensagem encorajadora, com a seiva da verdade cristã. Foi um Semeador.

Pedro Richard regressou à Espiritualidade no dia 25 de outubro de 1918, no Rio de Janeiro, tendo deixado a Terra com a consciência tranqüila do dever cumprido. No dia 12 de junho de 1936, no "Grupo Ismael" deu a seguinte mensagem:

- "Senhor!... Desdobra sobre meu eu Espiritual a luz da Tua misericórdia e deixa, Senhor, que desabroche, ainda agora, no meu coração de pecador, as açucenas perfumadas do Teu perdão e da Tua piedade paternal, para que eu seja incorporado às falanges riosas que operam na Tua Casa, exibindo com meu esforço de espírito a mais clara e a mais sublime de todas as profissões de fé".

Antonio Lucena

Pedro Richard – Peregrino do Evangelho Indalício Mendes

“É necessário haja equilíbrio entre a inteligência e a humildade, porquanto o que desvaira o Espírito é o julgar-se possuidor de alguma coisa.” — Bezerra de Menezes.

“O iniciado na Doutrina Espírita precisa conhecê-la e interpretar-lhe os preceitos, aplicando-os a si mesmo para se constituir depois um

evangelizador da palavra e recolher do seu esforço cem por um, segundo a promessa do Cristo de Deus.” - Bittencourt Sampaio.

“O Evangelho é um compêndio de Leis Divinas, interpretadas pelos homens segundo a evolução intelectual e moral das gerações.” — Pedro Richard.

Predispusemo-nos a enfocar, nas linhas que se seguem, sem preocupação cronológica, uma das mais fortes e atraentes personalidades do Espiritismo Cristão, cuja vida foi permanente testemunho de respeito e obediência aos preceitos evangélicos deixados por Jesus para o bem da Humanidade: Pedro Richard. Descrever-lhe a vida, quase sempre referta de preocupações e dificuldades, não constitui fácil tarefa. Foi um justo. Com esta frase poderíamos resumir toda uma longa história de devotamento exemplar ao Cristo de Deus, através do Espiritismo, que ele amou profundamente, sem, contudo, abeirar-se do fanatismo, ou do dogmatismo que denigre, via de regra, as melhores intenções.

O espírita realmente identificado com a Doutrina e o Evangelho procura desligar-se, tanto quanto sua condição humana o permita, das glórias terrenas. Convicto, pela fé, pelo conhecimento prático e pelo estudo da palavra do Nazareno, da realidade indestrutível da Terceira Revelação, concentra sua atividade nos princípios éticos da Doutrina que espontaneamente aceitou, e intenta percorrer o

caminho que o levará à Luz, com o coração a pulsar de amor puro pelo objetivo colimado, ainda que sinta a alma dolorida e os pés ensanguinhados pelas provações depuradoras, sem dúvida destinadas à redenção. Pedro Richard foi um homem seguro de si em suas convicções, sublimadas pelo sentimento cristão; externamente, a própria imagem da simplicidade, da brandura e do comprazimento. Jamais admitiu atitudes estudadas, nem deixou nunca de chamar a verdade ao testemunho, em situações que considerasse equivocadas ou incompatíveis com a retidão determinada pela Doutrina, fosse qual fosse a eventualidade. Evitou sempre valorizar-se aos olhos de alguém, e jamais procurou ser outra coisa além do que realmente era: discípulo humilde, intransigentemente fiel ao Mestre de Nazaré.

Ocorrem-nos, neste passo, as palavras do valoroso Espírito Bittencourt Sampaio, a mera evocação da personalidade austera de Pedro Richard:

“As almas, pelo seu procedimento moral, devem ser como espelho, em que todos os seus atos se reflitam, O homem honesto, ainda que não professe crença alguma, deve sempre estar pronto à devassa da sua alma, devassa que a sua própria consciência, melhor do que ninguém, pode fazer.”

Pedro Richard nasceu no dia 9 de setembro de 1853, na cidade de Macaé, Estado do Rio de Janeiro, filho de Pedro Richard e D. Felismina Richard, de família modesta, mas de grandes virtudes e, por isso mesmo, honorabilíssima. Órfão de pai aos nove anos de idade, teve de iniciar-se muito cedo no trabalho diário, tornando-se o amparo de sua mãe e de irmãos menores. Tinha enorme veneração por sua genitora, mulher de costumes austeros e de sentimentos elevados, dotada de tolerância e piedade.

Quando, ainda cedo, foi compelido ao trabalho, achava-se no curso primário de uma escola local. Teve, assim, de interromper os estudos, engajando-se numa casa comercial, a fim de ajudar a família, que era açoitada por enormes e compreensíveis dificuldades, com a desencarnação do chefe. Mais tarde, o jovem Pedro Richard tornou-se funcionário da Alfândega, melhorando, embora muito pouco, a sua situação econômica. Estava já no torvelinho da vida terrena, encarando muito a sério suas responsabilidades e habituando-se a praticar, no dia-a-dia das lutas, as virtudes que os pais lhe haviam transmitido, como parte fundamental de sua educação. Adquirira o hábito salutar de nada fazer sem refletir, assim como a não se beneficiar em suas justas pretensões de progredir, se isso pudesse importar em sacrifício, direto ou indireto, de alguém. A proibição foi a herança que o pai amado lhe deixou ao desencarnar, e ele porfiava, como, de resto, toda a família, em não esquecer os exemplos daquele que fora

exemplar chefe do grupo familiar, exemplos que, por sua vez, transmitiu a seus descendentes.

Casou-se com D. Mariana Campos Richard, nascida em Angra dos Reis, Estado do Rio, dela tendo seis filhos; Mário, Felismina, Pedro, Mário, Isaura e Marta, todos também já desencarnados; os dois Mários e Marta quando ainda crianças. Defrontando sérios embaraços econômicos, não pôde ele evitar a ajuda dedicada da esposa, que costurava para fora. Dias terríveis foram aqueles, mas Pedro Richard e D. Mariana não perderam o ânimo e mantiveram a fé em que melhores dias viriam, por certo.

A luz da revelação

A morte do primogênito Mário, aos dois anos, após longo sofrimento, foi a bem dizer a porta que se abriu a Pedro Richard para o encontro com o Espiritismo. Não compreendia como, diante da bondade incomensurável de Deus, era permitido o sacrifício doloroso de uma criança, toda inocência, durante dias e noites de dores lancinantes, para o desfecho fatal, que tanto acabrunhara a todos. Buscava explicação para o que supunha tratar-se de uma incoerência. E essa explicação estava a caminho. Havendo conhecido um homem de nome Nascimento, pessoa caridosa e simples, veio Pedro Richard a saber tratar-se de um médium, isto é, de uma pessoa que tinha o dom de comunicar-se com Espíritos e de

servir de instrumento às almas desencarnadas para praticar o bem. Depois de conversar com Nascimento, ele se sentiu bastante aliviado. Recebera a consolação de que precisava e, mais do que isso, uma explanação clara e objetiva do que é a Justiça Divina, que tem como elemento de purgação e progresso a reencarnação. Saiu da casa do médium com a face iluminada. Banhara-o a luz da revelação espírita! Começara a aprender o “porquê” da vida e da morte, da dor moral e do sofrimento físico. E ao desespero que amargurava o casal sucedeu a tranqüilidade dos que compreendem e, por compreenderem, crêem.

Por essa época, vivia dominado por preocupações crescentes com a manutenção da família. Dedicava-se a trabalhos incertos e pouco rendo-sos, mas trabalhava. Fosse o que fosse que surgisse, ele, resoluto e esperançoso, aceitava, não medindo esforços para atenuar a precária situação de sua vida. Sempre acreditara em Deus sempre reconhecera em Jesus a fonte de água pura, que mata a sede e reanima os desanimados e tinha Maria Santíssima como lenitivo para to-das as ocasiões amargurantes. Se a sua vida dependesse de fé, pensava consigo mesmo, haveria de transpor todas as barreiras que surgiam à sua frente. A pobreza não impediu que ele e a esposa adotassem uma criança necessitada, de nome. Francisco Antônio de Carvalho, que tinha distante parentesco com D. Mariana. Era o Chico.

É bem certo o ditado; “Quem semeia flores não colhe pedras.” Esse menino desamparado acolhido como filho igual aos outros no lar de Pedro e Mariana, provaria, anos e anos mais tarde, que era também bom fruto de boa árvore. Já mais esqueceu o que fora feito por ele amorosamente e desencarnou quando desfrutava do posto de coronel do nosso Exército, com excelente folha de serviços. Mas, não nos precipitemos.

Com grande dificuldade, pois o dinheiro que conseguiam mal dava para o sustento da família Pedro e Mariana tratavam Francisco em pé de igualdade com os demais cinco (Mário havia desencarnado, lembremo-nos). Dessa forma, encaminharam-no, um dia, para a Escola Militar, de onde ele saiu como Engenheiro Militar, honrando dessa forma, a dedicação e o amor de seus pai adotivos.

O Chico, como era tratado na intimidade Francisco Antônio de Carvalho, permaneceu solteiro. Estava sempre atento às necessidades do pais adotivos. Pedro Richard e Mariana dedicavam-lhe grande amor. Seguindo os passos do velho Richard, foi ele, durante anos, Diretor da Federação Espírita Brasileira, pois comungava na mesma crença que se tornara comum naquela família exemplar. Depois da desencarnação de Pedro Richard, Francisco tornou-se o verdadeiro “patriarca” da família, seu conselheiro e amigo incondicional, até desencarnar.

Temos diante de nós, no instante em que escrevemos o que aqui fica, uma fotografia de Pedro Richard, o olhar firme e sereno, que nos foi cedida por seu neto, Pedro Richard, coronel do Exército e espírita militante, sobre a qual, em letra clara, se lê esta dedicatória simples e admiravelmente expressiva: “Ao meu bom filho e amigo Chico, 9-9-1914.”

A caridade era virtude inata em Pedro Richard e D.Mariana. Daremos mais um exemplo. Sabendo de uma criança parda, de um ano de idade que se achava em péssimas condições orgânicas acolheram-na com o maior carinho, dispensando-lhe os cuidados indispensáveis.

O pai dessa menina, ébrio contumaz, esmolava, carregando--a dentro de um saco. O infeliz, por certo, no lamentável estado em que ficava, nenhuma noção tinha do que fazia. Uma pretinha de tenra idade, encontrada doente, em deploráveis condições de higiene e em completo abandono, foi por eles recolhida e tratada com desvelo. Os anos passaram-se e aquela criancinha, filha do desditoso ébrio, cresceu e acompanhou a primeira filha do casal quando esta se casou, e, também, mais tarde, consorciou-se sob os auspícios da jovem patroa. A pretinha ficou boa, cresceu, revelando sempre muita dedicação a seus benfeitores e descendentes, até desencarnar, quando ainda vivia em casa de uma das filhas de Richard.

Vê-se que, desprovido de fortuna material, possuía o velho Richard aquela riqueza de que nos falam os Evangelhos, que a traça não corrói, nem excita a cobiça dos ladrões: a riqueza de sentimentos, distribuída generosamente com os desventurados.

Quem semeia o bem, colhe bênçãos.

Duma feita, possivelmente inspirado, traçou este “Pai Nosso”, belo e simples: “Pai Nosso, que estais no Infinito, santificado seja o Vosso Nome. Venha a nós o Vosso Reino de Amor e Caridade, seja feita a Vossa Vontade, na Terra, no Espaço e em todos os mundos habitados. Dai-nos o pão da alma e do corpo, Senhor. Perdoai as nossas ofensas e dai-nos a graça de perdoar àqueles que nos ofenderem. Livrai-nos das tentações dos maus Espíritos e enviai-nos os bons para nos esclarecerem. Amo-vos, meu Deus, de toda a minh’alma e quero amar os meus semelhantes que, por Vosso Amor, são todos meus irmãos.”

Atravessava Pedro Richard uma fase de dolorosas provações, com a coragem e resignação que lhe eram comuns. Não se queixava. Notava-se-lhe a fisionomia serena, mas sombreada de preocupações. O fato não constituía ensejo a que diminuíssem o seu carinho, a sua atenção e a sua solicitude àqueles que, também

experimentando dores físicas e morais, buscavam na sua palavra algum lenitivo. Sufocava suas amarguras e transformava-as em bálsamo para as amarguras alheias.

O fato deve ter, muito sutilmente, chegado ao conhecimento do companheiro José Luiz de Magalhães, dedicado servidor do Cristo e samaritano de alma sempre aberta à cooperação. Tanto assim é que ele, José Luiz, poeta nato, compôs este poema, partilhando dos sentimentos do amigo:

Richard e os descendentes

É preciso ainda enfatizar a noção de igualdade e amor com que Richard tratou os filhos todos. Dissemos, linhas atrás, algo sobre Chico, acolhido pela família de forma fidalga. Seria injusto se esquecêssemos de fazer uma referência, mesmo superficial, a Pedro Richard Filho, homônimo do venerando ancião de que nos estamos ocupando. Foi um digno seguidor do “velho”, dando exemplos de devotamento e amor à Casa de Ismael. Cirurgião-dentista competente, prestou grandes serviços aos irmãos destituídos de recursos que se socorriam da Assistência aos Necessitados.

Não lhe mencionamos o nome, agora, somente por haver sido filho de Pedro Richard, mas por um dever de justiça, por isso que,

seguindo os exemplos do pai, deu à Casa de Ismael seus melhores esforços, sem outro interesse além daqueles da solidariedade humana e da caridade pura e simples. Aliás, pormenor digno de nota os descendentes de Pedro Richard ainda hoje lhe honram a tradição moral e procuram viver seus exemplos, como espíritas militantes, no “Lar Pedro Richard”: Pedro Richard Neto e Mário Richard. Há poucos meses desencarnou um outro de seus netos, também dedicado ao labor kardequiano: Jorge Richard, vítima de um atropelamento.

Reformador – maio, 1977

Pierre-Gaëtan Leymarie

Nasceu em Tulle, França, em 02 de maio de 1827.

Pierre-Gaëtan Leymarie foi um dos mais destacados continuadores da obra de Allan Kardec. Foi um homem notável, que sempre se interessou pelos ideais nobres.

Integrado às fileiras espíritas, empolgou-se com seus nobilitantes ideais e, quando Allan Kardec iniciou a publicação da Revue Spirite e das obras fundamentais do espiritismo, dando início às sessões de

estudos e experimentações, contou com o incondicional apoio de Leymarie, o qual se tornou um dos seus mais assíduos assessores.

Pouco antes da sua desencarnação, Allan Kardec lançou as bases de uma Sociedade Anônima, à qual legaria os seus bens, com objetivo de assegurar a difusão do Espiritismo. Leymarie foi um dos primeiros a integrar-se na Sociedade, da qual se tornou administrador. Também passou a exercer os cargos de redator-chefe e diretor da Revue Spirite.

Durante trinta anos, no atribulado período que se seguiu ao decesso de Kardec, quando o Espiritismo era encarado com reservas, sendo alvo de zombarias e inconcebíveis ataques, Leymarie manteve-se em luta constante, proclamando bem alto os nobres ideais da Terceira Revelação, através das páginas da Revue Spirite e da palavra falada.

A Revue Spirite se tornou órgão de divulgação de todos os ideais nobres de cunho humanitário, moral e espiritualista. Os trabalhos encetados na Inglaterra por William Crookes tiveram na revista a melhor acolhida e o próprio Leymarie fez experiências com um médium fotógrafo, obtendo uma série de fotos que foi publicada em suas páginas.

Nessa época foi vítima de detratores do Espiritismo, quando o fotógrafo Buguet, fazendo uso dos meios fraudulentos na obtenção de fotografias de Espíritos, é processado pelo Ministério Público. Em 16 de junho de 1875, Leymarie e Firman foram também envolvidos no processo, em vista dos laços de amizade que mantinham com Buguet, e desta forma, julgados coniventes na fraude. Devido a depoimentos inverídicos de Buguet, os três foram condenados. Buguet e Firman conseguiram a liberdade. Leymarie não. Elaborou notável Memória à Corte Suprema, atestando, perante sua consciência e de seus filhos, a sua inocência, mostrando-se confiante na decisão final daquele tribunal.

Com sentimento de remorso, Buguet escreve ao Ministro da Justiça dando testemunho sobre a inocência de Leymarie, acrescentando que, embora muitas das fotos fossem verdadeiras, devido ao desconhecimento que tinha da Doutrina Espírita, praticava a fraude, quando não as conseguia com sua mediunidade. Em sua carta ele afirmou: “Lastimo, pois, haver dito, na minha fraqueza, o contrário da pura verdade, renunciando eu à minha mediunidade e pedindo perdão a Deus por esse ato que deploro, pois, que ele serviu para incriminar um homem probo, cuja boa fé se tornou suspeita em face das minhas afirmações.”

Amèlie Boudet, viúva de Allan Kardec, apesar de sua avançada idade, atuou no processo como testemunha. Cartas de

solidariedade de todo o mundo foram enviadas a Leymarie. A “Sociedade para Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec” recebeu manifestações de simpatia de vários países, inclusive do Brasil, partindo elas tanto dos encarnados como dos desencarnados.

Apesar de todo o empenho e de tantas declarações e testemunhos abonadores, Leymarie foi condenado a um ano de prisão celular. Um pouco mais tarde, anulada a sentença condenatória, o infatigável discípulo de Kardec voltou às atividades, retomando a direção da Sociedade e da Revue Spirite.

Graças à ação de Leymarie as obras de Allan Kardec foram traduzidas para vários idiomas. Também realizou várias viagens à Bélgica, Espanha e Itália, difundindo os consoladores ensinamentos da Doutrina dos Espíritos.

Participou como delegado do I Congresso de Bruxelas. Em 1888 foi eleito a ocupar uma das presidências do Congresso Espírita de Barcelona. Nessa ocasião, foi lida a comovente moção de gratidão enviada da prisão de Tarragona, por um grupo de condenados a trabalhos forçados, convertidos à fé espírita.

Em 1889 Leymarie organizou o I Congresso Espírita da França. Leymarie foi assim, fervoroso propagandista da Doutrina. Orador e escritor, conseguiu, pela firmeza de seus ideais, atrair a simpatia e a admiração de muitos pensadores da época. Foi homem sensível e profundamente honesto.

Sua esposa, Marina, deu-lhe sempre a máxima cooperação. Quando Leymarie foi processado, ela escreveu a admirável memória "Procés des Spirites", que se tornou precioso documento para a história do Espiritismo.

Leymarie desencarnou no dia 10 de abril de 1901, na cidade de Paris.

Livro Personagens do Espiritismo, de Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy.

Platão

É pelos frutos que se conhece a árvore. Toda ação deve ser qualificada pelo que produz: qualificá-la de má, quando dela provenha mal; de boa, quando dê origem ao bem."

Estas palavras bem podem soar, para quem já leu o Evangelho, como palavras textuais do Senhor Jesus. Contudo, foram anotadas e dadas ao mundo séculos antes de Jesus, por Platão, filósofo grego, discípulo de Sócrates. Seu nascimento data do ano 428 ou 427 a C, na cidade de Atenas, na Grécia.

Pertencente à alta aristocracia, em torno dos seus 20 anos, conheceu e tornou-se amigo do filósofo Sócrates, a quem acompanhou até os seus últimos dias e de quem anotou os ensinamentos, graças ao que nos chegaram aos dias atuais.

Empreendeu viagem ao Egito e à Itália meridional. Na Sicília freqüentou a corte de um tirano de Siracusa de nome Dionísio. Desejando influir na política da cidade, terminou por se incompatibilizar com Dionísio, que o mandou vender como escravo, na ilha de Egina, que se achava em guerra com Atenas. Resgatado, retornou para sua cidade natal onde, em torno dos seus quarenta anos, fundou a Academia, na qual ensinou até o final dos seus dias terrenos.

Fácil de se entender porque ele e Sócrates são considerados precursores da idéia cristã e do Espiritismo, bastando se leiam alguns dos seus escritos. A obra kardequiana O evangelho segundo o Espiritismo apresenta pequenos trechos que se referem ao conceito dos dois filósofos gregos a respeito da alma, seu progresso,

a reencarnação, o mundo espiritual e seus habitantes, bem assim a respeito das mais excelsas virtudes, exatamente traçando um paralelo entre aquelas idéias, as do Cristo e, por consequência, os princípios fundamentais do Espiritismo.

Considerado um dos filósofos mais influentes de todos os tempos, pois que seu pensamento dominou a filosofia cristã antiga e medieval, seus escritos nos legaram o pensamento socrático, bem assim os relatos comoventes dos últimos dias de seu mestre. Criador pessoal ainda do diálogo filosófico, espécie de drama de idéias.

Sua obra O Banquete é considerada uma das maiores da literatura antiga. Como poeta, seu estilo é o ponto mais alto da prosa grega e o demonstra nos seus poemas em prosa do mito da Caverna, da Atlântida e de Eros.

Escreveu ele "O amor está por toda parte em a Natureza, que nos convida ao exercício da nossa inteligência; até no movimento dos astros o encontramos. É o amor que orna a Natureza de seus ricos tapetes; ele se enfeita e fixa morada onde se lhe deparem flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos ventos e sono à dor."

As obras de Platão discorrem sobre a mentira, a natureza do homem, a piedade, o dever, o belo, a sabedoria, a justiça, a coragem, a amizade, a virtude. No livro VII da República, ele apresenta o célebre mito da caverna: acorrentados no interior de um cárcere subterrâneo e de costas voltadas para a entrada por onde penetra a luz, os que estão ali presos somente podem ver dos homens, dos animais e de tudo o mais que se encontre no exterior da caverna, as sombras que se projetam no fundo dela.

Um homem que consegue se libertar, ofusca-se com a luz do sol no exterior e descobre que tudo o que vira até então era a irrealidade. Ali estava o mundo real. No entanto, se retornar ao interior e desejar transmitir aos demais, ainda prisioneiros, o que viu, sente que corre o risco de ser maltratado e até morto. Esta, segundo Platão, é exatamente a missão do filósofo.

Tendo desencarnado, pleno de lucidez e força criadora, aos 80 anos de idade, da espiritualidade, unindo-se a tantos outros espíritos de envergadura intelecto-moral, Platão continua na sua missão, revelando as nuances do mundo espiritual, o mundo do sol ofuscante, o mundo real, verdadeiro.

Seu nome é citado em Prolegômenos de O livro dos espíritos, bem assim assina um dos trechos da resposta à questão 1009 da mesma obra, onde falando a respeito da inexistência das penas eternas

bem recorda as exortações de Sócrates, quando ao seu tempo, apresentou a alma migrando através de múltiplas existências, em seguida a mais ou menos longos períodos de erraticidade.

E conclui: "Humanidade! não mergulhes mais os teus tristes olhares nas profundezas da Terra, procurando aí os castigos. Chora, espera, expia e refugia-te na idéia de um Deus intrinsecamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo."

Allan Kardec. O livro dos espíritos. Rio de Janeiro, 1974. perg. 1009.

Rabindranath Tagore

Rabindranath Tagore, 1861 - 1941. Poeta, contista, dramaturgo e crítico de arte hindu; nascido em Calcutá.

Seu pensamento abriu novos caminhos para a interpretação do misticismo, procurando atualizar as antigas doutrinas religiosas nacionais; recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1913; principais obras poéticas : O Jardineiro, O Carteiro do Rei, e Pássaros Perdidos.

Tagore nasceu no dia 7 de Maio de 1861 em Calcutá. Ele foi o maior poeta moderno da Índia e o gênio mais criativo da renascença indiana.

Além de poesia, Tagore escreveu canções (letras e melodias), contos, novelas, peças de teatro (em prosa e verso), ensaios sobre diversos temas incluindo críticas literárias, textos polêmicos, narrativas de viagens, memórias e histórias infantis. Grande parte de sua obra está escrita em Bengali. Gitanjali (1912), uma tradução e interpretação de uma obra poética em Bengali do original Gitanjali de 1910 fez com que Tagore ganhasse o Prêmio Nobel de Literatura em 1913.

Colaborou em revistas americanas, tendo obras publicadas em francês, inglês e espanhol. Realizou conferências no Uruguai, Argentina, França, Estados Unidos. Recebeu o título de "Doutor Honoris Causa e Membro Honoris Causa" de universidades e associações do Brasil e outros países, e de Oficial da Legião de Honra da França e da Ordem do Leão Branco da Tcheco-Eslováquia.

Tagore morreu em 7 de agosto de 1941 na casa onde nasceu, em Calcutá.

Músico, poeta, contista, teatrólogo e filósofo, publicou muitas obras de cunho místico e profundamente humano. Filho de uma família de reformadores religiosos e sociais, que a todo custo procurou libertar a Índia dos preconceitos milenares que esmagavam o povo.

Tagore é uma ocidentalização do nome que em sânscrito quer dizer "homem nobre", "senhor". Em casa era chamado de Rabi que no idioma dos seus quer dizer "o Sol".

Bem cedo se revelou artista profundamente identificado com a natureza, apaixonado pelo povo e, sobretudo aberto para o INFINITO. Com 8 anos de idade já fazia versos, aos 12 teve a satisfação de ver a sua poesia aprovada pelo seu venerando pai que exclamou: "Se o rei conhecesse a língua da nossa terra e pudesse apreciar-lhe a literatura, recompensaria por certo o poeta".

Com 15 anos foi para a Inglaterra estudar Direito, 3 anos após regressou à pátria a chamado da família. Ao regressar recebeu do pai a incumbência de administrar a propriedade da família.

Casou-se aos 23 anos. E, nesta época, já havia publicado 2 livros de poemas: Canções da Noite e Canções da manhã, com destaque para o poema O Despertar de uma Fonte. Bem como a novela para

crianças **O Sábio Real**, que mais tarde serviu de tema à peça intitulada **O Sacrifício**..

Em 1901, com a venda de uma casa e das jóias da esposa, fundou uma escola superior de filosofia em Santiniketan, que depois foi transformada em Universidade, em 1921.

Recebeu o Prêmio Nobel de literatura em 1913 e tornou-se mundialmente famoso graças ao seu livro de poemas **Gitanjali (Oferecida Lírica)**. Aclamado por Gandhi como "o grande mestre" e reconhecido por todos os indianos como "o sol da Índia".

Nasceu em Calcutá, 1861, e faleceu em Santiniketan, Bengala, 1941.

Ramiro Gama

Nascido no dia 27 de dezembro de 1898, em Tristão da Câmara, distrito de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, e desencarnado no dia 20 de maio de 1981, na cidade do Rio de Janeiro.

Ramiro Gama nasceu filho de José Rodrigues de Araújo Gama e Gertrudes Pereira de Souza Gama. Era casado com Maria José Costa de Oliveira Gama, de cujo casamento nasceram três filhos: José Vicente (desencarnado), Ramiro, oficial da Aeronáutica, e Djalma, advogado, deixa também 9 netos e uma filha adotiva, Sônia. Era

aposentado da Estrada de Ferro Central do Brasil, no cargo de professor.

Jornalista, escritor, poeta, conferencista e espírita dos mais atuantes. Participou de inúmeros Congressos e outros eventos espíritas, foi o criador das Semanas Espíritas, em 1939, na cidade de Três Rios, juntamente com a inesquecível Rita Cerqueira (Mãe Ritinha) e outros companheiros. A primeira Semana Espírita de que se tem notícia, com a participação de Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy, Manoel Quintão, Jacques Aboab, Sebastião Lasneau e tantos outros.

Deixou vinte livros publicados: “Estuário”, “Augusto dos Anjos”, “História de um Coração”, “Português em 20 lições”, “O meu fanal”, “Lindos casos de Chico Xavier”, “O Bom Pastor”, “De irmão para irmão”, “Lindos casos de Bezerra de Menezes”, “Teatro Espírita”(dois volumes), “Evangelho e Educação”, “Viagem ao Norte e Nordeste Espírita”, “Lindos casos do Evangelho”, “O amor de nossas vidas”, Seareiros da Primeira Hora”, “Irmãos do bom combate”, “Os mortos estão de pé”, Lindos casos de mediunidade gloriosa”, “Faz isso e viverás”. Deixou mais de 10 livros inéditos. Colaborou com quase toda a Imprensa Espírita do País e várias do Estrangeiro. Participou de inúmeros programas de Rádio e fundou o jornal “O Nosso Guia”, já extinto,. Viajou por quase todo o Brasil a serviço do Espiritismo.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Rita Cerqueira

Nasceu a 29 de abril de 1888, em Augustura, Distrito de São José, Além-Paraíba, Estado de Minas Gerais, e desencarnou em Três Rios, Estado do Rio de Janeiro, a 6 de abril de 1951.

Desempenhou uma multiplicidade de cargos e encargos, como diretora do “Lar Manoel Pessoa de Campos”, e do “Grupo Espírita Fé e Esperança”, na qualidade de diretora de assistência aos necessitados. Foi também orientadora da “Mocidade Espírita Bezerra de Menezes”, arregimentando os moços para o trabalho de caridade, incentivando-os para o conhecimento doutrinário-evangélico. Era procurada diariamente por uma multidão de aflitos cujos problemas procurava solucionar satisfatoriamente, através de suas palavras evangelizadas e persuasivas. Ao seu espírito perseverante e realizador devem-se grandes empreendimentos na cidade de Três Rios, em vários setores de atividade.

Era descendente do Almirante Saldanha Marinho, que foi advogado de renome, deputado estadual por várias legislaturas, grande político do século passado, escritor e grão-mestre da Maçonaria, desencarnado em 1895.

Ficou órfã de pai aos nove anos de idade, passando a viver sob a tutela de sua avó materna, D. Raquel Saldanha Marinho, grande educadora, austera e boa, que exercia o magistério em Além Paraíba. Sua avó desenvolveu na menina Ritinha sentimentos elevados, o amor aos semelhantes e a fé inabalável em Deus.

Bem menina ainda, conheceu o jovem Francisco Ferreira de Cerqueira, com ele contraindo matrimônio aos 18 anos de idade. Em 1910, transferiram-se para a cidade de Três Rios, radicando-se ali, jamais pensando em residir em outra parte. Seu esposo, alma pura e simples, amava-a de coração e uniram-se no trabalho dignificante, ajudando-se mutuamente, nas tarefas do bem. Foi exemplar servidor da Central do Brasil, estimado e considerado por seus chefes e colegas. Verdadeiro chefe de família, como esposo e pai, soube cumprir os deveres do verdadeiro espírito, integrado nos postulados cristãos.

Tiveram sete filhos, dos quais um desencarnou com um ano de idade, criando-se os restantes, todos dentro dos princípios da Doutrina Espírita.

D. Rita Cerqueira enviuvou em 1928, ficando com todos os seus filhos menores de idade. José Ferreira de Cerqueira, o mais velho, já um rapazinho, foi o esteio da família. A fé inabalável de D. Ritinha e o comportamento e união dos filhos fizeram com que fossem vencidas todas as dificuldades e em pouco tempo tudo se tornasse paz e tranqüilidade naquele abençoado lar cristão. Sua vida como espírita não foi menos grandiosa:

Por volta de 1918, foi acometida de uma enfermidade para qual a medicina não encontrou solução, chegando a ser desenganada por junta médica. Toda a sua família ficou desesperada e inconsolável, somente ela não perdia a esperança, recomendando fé em Deus, porque em breve haveria de sarar. Nessa altura, teve conhecimento da existência de um médium espírita em Porto Novo da Cunha. Cheia de fé e animada da certeza que Deus haveria de curá-la, pediu ao esposo fosse consultá-lo, naturalmente inspirada pelos amigos espirituais, Francisco Cerqueira, com o coração partido de dor, já desesperado pelos resultados médicos, foi buscar a receita. De volta, trouxe consigo remédios homeopáticos, ervas e recomendação para eu lhe fossem ministrados passes, pois a sua doença, segundo o guia espiritual do médium, era de origem espiritual. Confiantes, seguiram à risca todas as instruções recebidas e as melhoras não se fizeram esperar, ficando boa em poucos dias.

Dessa data em diante ocorreram os primeiros fenômenos mediúnicos, com aquela que seria mais tarde grande médium, consagrando toda sua vida aos menos afortunados, não só no exercício da mediunidade, como em outros meios facultados pela Doutrina. Certo dia sentiu-se inopinadamente fora do corpo físico; vê, conversa com todos, porém não se apercebe de seu próprio corpo. Após momentos de ansiedade, compreendeu que seu espírito se exteriorizara e era preciso regressar ao envoltório carnal. Nesse momento rogou a Deus com todas as forças de que dispunha que a fizesse regressar ao corpo, porque tinha uma missão a cumprir, além daquela de esposa e mãe, e no mesmo instante voltou ao normal.

No dia seguinte, procurou o Centro Espírita, presidido pelo professor Alexandre José Lacerda, desenvolvendo-se de forma bastante rápida o Dom da mediunidade, comunicando-se por seu intermédio um amigo espiritual de grande elevação, que cientificou a todos da grande tarefa que ela tinha pela frente. Rita Cerqueira, exuberante de alegria, regressou ao lar, certa de que dali por diante poderia ser muito mais útil aos seus semelhantes.

Nessa mesma noite, foi provada a sua fé. Foi chamada para socorrer uma enferma em grande sofrimento e aflição. Não se recusou, confiante em Jesus e, à beira da cabeceira do doente, impôs suas

mãos e o seu pensamento em prece, recebeu a ajuda do Alto. Quando dali saiu, deixou em paz aquele lar onde até então reinava desespero e apreensão. Daí por diante, sua mediunidade desabrochou ostensivamente no campo da cura sendo intermediária entre a Terra e o Céu. Muito estudiosa, tomou conhecimento das obras doutrinárias, principalmente de Kardec, em companhia dos companheiros do Centro, como professor Alexandre J. Lacerda, Marcelina Chaves, Eliezer Fonseca, Manoel Gonçalves e Manoel Pessoa de Campos, incansáveis trabalhadores que deixaram seus nomes registrados de modo indelével naquela cidade.

Com seu esposo foi o amparo de multidões de aflitos e deserdados da sorte, que tiveram em seu coração, o remédio, o amparo e a consolação. Fez parte das diretorias de duas instituições C.E. “João Baptista” e C.E. “Fé e Esperança”, em cuja diretoria ficou integrada até o final de sua romagem terrena.

Em 1930, funda-se o “Lar Manoel Pessoa de Campos”, instituição de amparo a crianças do sexo feminino, cuja primeira diretora foi Helena Chaves Arneiro. Em 1940, motivado por um período de licença da referida diretora, Dona Ritinha a substituiu no cargo, ocupando-o com grande eficiência, dedicação e carinho. Em 1927, o Dr. Walter Gomes Franklin, médico parteiro residente naquela cidade, solicitou à diretora do C.E. “Fé e Esperança”, autorização

para instalar dois leitos para parturientes, em uma de suas salas. Obtida a autorização, ficou ali funcionando, de forma precária, até o ano de 1935, quando foi oficialmente fundada uma Maternidade, com instalações mais adequadas. Com a desencarnação do Dr. Walter Franklin, em 7 de novembro de 1953, o seu nome foi dado àquele estabelecimento.

A palavra de Rita Cerqueira era eloqüente e esclarecedora, pois ela possuía notável poder persuasivo, sendo por isso muito apreciada por todos os espíritas. A sua predileção pendia para temas evangélicos, conseguindo dar interpretações claras às parábolas de Jesus Cristo. Em sua oratória fazia salientar a necessidade da prática ao amor ao próximo, dando também muita ênfase a temas que versassem sobre a fé, a esperança, a bondade e, sobretudo, a caridade. O seu exemplo maravilhoso levou muita gente para o Espiritismo. Os seus conselhos eram acatados por todos, pois era dotada de elevado senso de responsabilidade e sabia, com raro tirocínio, fazer restabelecer a paz nos lares, serenar os ânimos e reatar a amizade entre pessoas que se consideravam desafetas.

Quando de sua desencarnação, por decreto municipal, foi declarado luto oficial por três dias “por motivo do falecimento da ilustre dama trirriense e grande benfeitora da infância desamparada, ocorrido no dia 6 de abril de 1951, nesta cidade”. O seu nome foi dado a uma das ruas centrais de Três Rios.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Robert Dale Owen

Estadista americano e membro da Convenção Constitucional de Indiana.

Dedicou-se ao estudo do Espiritismo visando provar a seu pai o grave erro em que ele incorria ao se interessar pelos fenômenos supranormais. E o resultado de suas investigações foi render-se à evidência dos fatos por ele verificados.

Publicou várias obras nas quais declara sua convicção na sobrevivência do Espírito.

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Roberto Pedro Michelena

O último dos signatários do Pacto Áureo, desencarnou no dia 5 de fevereiro de 2001, seis meses antes de completar 100 anos de

idade. Nasceu no dia 4 de agosto de 1901, em Porto Alegre, onde ocorreu o óbito. Foi casado com D. Maria Michelena (D. Ceci), que lhe precedeu à Espiritualidade. Tiveram 3 filhos: Maria Tereza, Paulo e Isolda, esta última já desencarnada.

Roberto Michelena foi destacado seareiro espírita. Em 1930, ainda no posto de Primeiro Tenente, cursava o Instituto Militar, no Rio de Janeiro, quando conheceu Manoel Quintão, vice-presidente da FEB, nascendo entre ambos uma grande amizade. Retornando a Porto Alegre, filiou-se à Sociedade Espírita Allan Kardec.

Em 1937, pela portaria governamental, foi fechada a Federação Espírita Brasileira. A mediunidade, os passes e as consultas mediúnicas estavam proibidos. Uma plêiade de grandes nomes do Espiritismo saíram a campo em defesa da causa. Diversos diretores da FEB, entre eles o presidente Dr. Guillon Ribeiro e Manoel Quintão, aproveitaram a estada do então Capitão Roberto Michelena no Rio de Janeiro, delegando-lhe a missão de procurar o chefe de Polícia, juntamente com Rocha Garcia. Quatro dias depois a FEB estava liberada.

Fez brilhante carreira militar até 1952, quando foi transferido para a Reserva, no posto de General de Divisão. Como espírita, prestou os mais edificantes serviços: foi presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, de 1941 a 1947; grande trabalhador na Cruzada

dos Militares Espíritas de Porto Alegre; e por muitos anos, Presidente da Sociedade Espírita Allan Kardec, uma das mais antigas do Estado.

Em 1967, ele prestou valioso depoimento sobre a atividade mediúnica de Francisco C. Xavier, publicado no jornal Correio do Povo (Porto Alegre, RS, 13/6/1967), que foi transcrito, posteriormente, no livro Presença de Chico Xavier (Elias Barbosa, Ed. IDE, cap. 8).

Antonio de Souza Lucena. Anuário Espírita 2002 – IDE

Rolando **Mário** **Romacciotti**

Nascido em Bauru, Estado de São Paulo, a 17 de novembro de 1913 e desencarnado em São Paulo, no dia 13 de dezembro de 1979.

Rolando Mário Ramacciotti foi valoroso obreiro espírita, grande divulgador do livro, destacando-se sempre por sua extrema dedicação e fidelidade ao famoso médium Francisco Cândido Xavier. Homem de atitudes corajosas e firmes, o que fazia quando se tratava da defesa do livro espírita e da divulgação da obra

daquele medianeiro. Em seu idealismo promoveu numerosas e magníficas tardes-noites de autógrafos, todas elas perfeitamente organizadas, com resultados que superaram quaisquer expectativas.

Foi fundador do GEEM – Grupo Espírita Emmanuel Sociedade Civil Editora, sediada em São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo, onde foram publicadas obras que primam não somente pelo admirável aspecto gráfico e bom gosto, mas também pela acessibilidade do preço, com o que conseguia promover eficiente divulgação da literatura psicografada por aquele médium mineiro.

No ano de 1976 fundou, nas proximidades do GEEM, o Centro Espírita Maria João de Deus, homenageando assim o espírito da genitora de Francisco Cândido Xavier, instituição essa que vem, desde então, prestando inestimável serviço à divulgação do Espiritismo. A obra de propaganda espírita desenvolvida por Ramacciotti, abrange cerca de 500.000 exemplares. O livro “Calma”, do espírito Emmanuel, é, inegavelmente, um dos mais belos trabalhos psicografados por aquele sensitivo em 1979.

Rolando Mário Ramacciotti fundou e dirigiu até o seu falecimento duas instituições irmãs: o GEEM – Grupo Espírita Emmanuel Sociedade Civil Editora e o “Nosso Lar”- instituição filantrópica de amparo à criança, sediadas em São Bernardo do Campo. A elas

dedicou sua vida em tempo integral, com o sacrifício absoluto do lazer e dos gratos momentos de convivência com os familiares – esposa, filhos, genros, noras e netos – pequena grande comunidade que amou e serviu com carinho e nobreza.

Renunciando a si mesmo, em dedicação total à causa de Nosso Senhor Jesus Cristo, amparou crianças órfãs, mães viúvas, famílias carentes, enfermos de toda a sorte, enfim, de companheiros necessitados que nele encontraram o benfeitor de todas as horas, em mais de quatro décadas de identificação plena com a Doutrina Espírita.

No campo da divulgação, com o lançamento do primeiro livro editado pela GEEM – “Mais Luz”, deu nova roupagem ao livro espírita, abrindo-lhe novos mercados e definindo-lhe novos padrões de comercialização.

Durante os últimos vinte anos, imprimiu milhares e milhares de mensagens psicografadas por Chico Xavier, veiculadas nos derradeiros treze anos, através de revista “Comunicação”, adrede fundada. De “Mais Luz” até “Sinais de Rumo”, editou GEEM vinte e um livros de Francisco Cândido Xavier. Seu amor e dedicação à divulgação do Espiritismo são sobejamente reconhecidos por todos quantos puderam sentir-lhe mais de perto a grandeza da alma generosa e boa.

Administrador austero, de larga visão, sua obra, seja no campo assistencial, seja na área da divulgação espírita, ombreia com o trabalho dos grandes apóstolos de nossa Doutrina em terras brasileiras.

Desapareceu aos 66 anos de nosso convívio mais direto. Pai generoso, esposo amigo, levou consigo entre tantas conquistas, a certeza do dever cumprido, certamente a sua maior alegria: foi amigo incondicional de Chico Xavier. Ramacciotti foi, pois, um lídimo seareiro da Doutrina dos Espíritos, uma vez que é pelo fruto que se conhece a árvore.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Rubens Costa Romanelli

Nasceu aos 17 de setembro de 1913, na cidade de Divinópolis, Estado de Minas Gerais. Foi o quinto dentre seis filhos do primeiro casamento de Osório Viana Romanelli com Livia Costa Romanelli. De família medianamente numerosa, teve cinco irmãos: Laura, Iracy, Jandira, Oswaldo e Djalma.

Seu pai casa-se pela segunda vez com Dona Elisa e dá-lhe mais quatro irmãos: José, Osório, Marta e Beatriz. Rubens C. Romanelli casa-se em 1943 com Dona Alda, de quem lhe nasceram três filhas: Lívia, Lilavate e Liliane. Em 1968, celebra núpcias com Otaíza, que lhe deu duas filhas: Juliana e Elisa.

Órfão de mãe, ainda muito criança, e em virtude das constantes mudanças de domicílio de seu pai, não pôde concluir o curso primário iniciado em Belo Horizonte. Aos 11 anos de idade começou a trabalhar em Ibiá (M.G.), nas oficinas da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas e três anos mais tarde, transfere-se com seus familiares para Araxá (M.G.), onde foi trabalhar como ajudante de carpinteiro e de marceneiro.

Aos dezessete anos, passou a trabalhar como contínuo nos escritórios daquela ferrovia. Após aprender datilografia, passou para o cargo de Auxiliar de Escrita. Aos vinte e um anos de idade foi transferido para os escritórios centrais da Estrada de Ferro, em Belo Horizonte.

Aos 22 anos, fez em 6 meses, o curso de madureza (o então artigo 91) e, submetendo-se a exames, foi aprovado para a 4a. série ginásial e, no ano seguinte, para a 5a. série. A essa altura, já lecionava Português e Matemática no estabelecimento de ensino onde iniciara seus estudos. Conclui, aos 26 anos, o curso

secundário, e verificada sua acentuada vocação para o magistério, matricula-se após os exames vestibulares no Curso de Letras da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, onde, durante dois anos, foi Monitor de Língua Grega. Pela mesma Faculdade, diplomou-se como Bacharel em Letras Clássicas e, um ano mais tarde, como Licenciado.

Desde 1944, foi professor de Latim e Português, em vários educandários de Belo Horizonte, entre os quais o Colégio Estadual e o Instituto de Educação de Minas Gerais. Neste último foi Titular, por concurso, da Cadeira de Língua Latina. Em 1963 obteve, através de defesa de tese, de concurso público de provas e de títulos, o grau de Doutor em Letras e o de Livre Docente da Cadeira de Língua Latina da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Por indicação de seus colegas foi nomeado Diretor do Instituto de Humanidades da Faculdade de Filosofia, dessa Universidade.

Enumeram-se pelo menos 13 Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento feitos em França (Paris), no período de 1966 a 1975, seja na "École des Hautes Études" (Sorbonne) com os Professores Emile Benveniste, Jacques André, Françoise Bader, Michel Lejeune; seja no Collège de France (Paris) com o Prof. Emmanuel Laroche.

Os Cursos enumerados, a seguir, demonstram a aguçada curiosidade do Mestre Romanelli, no que concerne às letras indo-européias: Curso de Gramática Comparada das Línguas Indo-Européias; Cursos de Filologia Latina (Lexiologia Latina, Crítica de Textos, Questions de Vocabulaire e Critique Textuelle et Questions Pratiques d'Édition);

Cursos de Gramática Comparada das Línguas Indo-Européias (Problème de Morphologie et de Syntaxe Verbales en Indo-Européen, Problème de Dérivation et Composition Nominales en Grec, Morphologie du Verbe Italique, Linguistique Italique, Mycénologie-Grego Micênio). Cursos de Língua e Civilização da Ásia Menor (De la Dérivation Nominale en Indo-Européen de l'Anatolie - Hitita e Luvita, Recherches sur l'Histoire et la Langue Lyciennes).

Incluem-se, também, Cursos de Extensão Universitária, a saber: Semana de Estudos Bilaquianos e Euclidianos, em 1966; Problèmes et Méthodes Actuelles de la Stylistique, ministrado pelo Prof. Pierre Guiraud, da Sorbonne, na Faculdade de Letras da UFMG, em 1966; 1º Seminário de Lingüística, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, em 1967; II Semana da Pesquisa na UFMG, promovida pelos Conselhos de Pesquisa e Extensão da mesma Universidade, em 1971.

Dentre as atividades extracurriculares releva registrar que fez várias conferências de interesse universitário como "O Sânscrito no Quadro das Línguas Indo-Européias", proferida na Faculdade de Letras da UFMG, no dia 25/09/69, durante a 1ª Semana de Estudos Hindus. Na qualidade de Delegado da Faculdade de Filosofia da UFMG, participou do 1º Congresso de Cultura Greco-Latina, realizado em São Paulo, em 1958.

Viajou pela Europa, pronunciando inúmeras conferências, a convite, acerca de temas filosóficos, científicos e religiosos. Não só honrou as letras européias, mas também as brasileiras. Peregrinou por quase todas as capitais do Brasil e por incontáveis cidades do interior do País. Ninguém há de duvidar de que vasta é sua obra. Sobejam-lhe publicações em livros, opúsculos, jornais e revistas. Veja os "abstracts" de sua OBRA LITERÁRIA.

Rubens Costa Romanelli exerceu nada menos que 22 cargos e funções, a saber: Presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de MG, de 1942/43; Membro Efetivo do Conselho Estadual de Educação da Campanha Nacional dos Educandários da Comunidade (CNEC), de 1963/68; Diretor do Instituto de Humanidades da Faculdade de Filosofia da UFMG, de 1964/68;

Revisor da redação do "Diagnóstico da Economia Mineira", obra em 5 volumes elaborada pelos técnicos do Banco do Desenvolvimento

de Minas Gerais, para ser apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República, em 1967;

Diretor Executivo do Conselho de Extensão da UFMG, de jan. de 1969/jan. 1972; Membro Efetivo da Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG, de jan. de 1969/jan. de 1972; Membro do Júri para julgamento das obras de erudição concorrentes ao prêmio "Cidade de Belo Horizonte", instituído pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em 1972;

Presidente da Comissão para implantação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFMG, de março de 1972/março de 1973; Membro da Comissão Verificadora, para efeito de reconhecimento, da Faculdade de Ciências e Letras "Teresa Martin", com sede em São Paulo; da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Formiga (MG) e do Instituto Granbery de Juiz de Fora;

Diretor Geral do VI e VII Festivais de Inverno, promoção cultural da UFMG, realizada em Ouro Preto e outras cidades históricas de Minas Gerais, de 1º a 31 de julho de 1972, respectivamente; Membro Efetivo do Conselho de Graduação da UFMG, de nov. de 1972/1973; Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFMG, de abril a outubro de 1973;

Presidente da Associação de Estudos Clássicos do Brasil (Secção de Belo Horizonte); Membro Efetivo do Conselho Curador do Palácio das Artes, nomeado de uma lista tríplice apresentada ao Exmo. Governador do Estado de Minas Gerais, pelo Magnífico Reitor da UFMG, a partir de 1970;

Chefe do Setor de Língua Latina do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFMG, a partir de março de 1972; Diretor da Revista PHASIS, da Faculdade de Letras da UFMG; Membro do Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG;

Vice-Presidente da Fundação de Educação Artística de Minas Gerais, a partir de 1975; Membro da Associação de Estudos Clássicos do Brasil, filiada à Fédération International des Études Classiques, com sede em Paris; Membro Efetivo da Associação Brasileira de Lingüística, com sede no Rio de Janeiro.

Dentre os Títulos Honoríficos, Rubens Costa Romanelli fez juz a quatro Prêmios, a uma Condecoração e a três Distinções e Honrarias, perfazendo um total de oito títulos honrosos, a saber: Prêmio de Filologia "João Ribeiro", conferido pela Academia Brasileira de Letras, em 1964;

Acadêmico Austregésilo de Athayde (1898-1993) cumprimentando o Prof. Romanelli. Prêmio de Erudição "Cidade de Belo Horizonte", outorgado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em 1964; Dois Prêmios de Erudição "Pandiá Calógeras", conferidos pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, em 1965 e 1966, respectivamente;

"Medalha de Honra da Inconfidência", concedida pelo Governo do Estado de Minas Gerais, em Ouro Preto, nas solenidades de 21 de abril de 1972; Troféu "Professor do Ano" (1964), concedido por motivo de concurso feito entre universitários da capital sobre "Os dez mais da Cultura", por iniciativa do Jornal "Correio de Minas"; Focalizado, por efeito de pesquisa pública, no programa da TV-ITACOLOMI - "Esta é a sua Vida", no ano de 1961;

"Pergaminho do Mérito", título outorgado pela Reitoria da UFMG, em virtude de ter sido eleito "Professor Padrão" da Faculdade de Letras, em eleição realizada entre seus pares, na referida Faculdade, em outubro de 1972. Conheça um pouco sobre seus últimos dias, nesta dimensão da vida, em CRÔNICA.

Excertos do livro: "O Primado do Espírito" de Rubens C. Romanelli, 3a. edição ampliada, 1965, Editora Síntese Ltda., Divinópolis - MG, e, de CRÔNICA: "Rubens Costa Romanelli, sábio e virtuoso" de autoria de Fidélis Chamone Jorge, In: "Ensaio de Literatura e

Filologia" No. 4, Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (1983/1984).

Biografia elaborada por Fidélis Chamone Jorge: Nasceu aos 17 de setembro, na cidade de Divinópolis, Estado de Minas Gerais. Foi o quinto dentre seis filhos do primeiro casamento de Osório Viana Romanelli com Lívia Costa Romanelli. De família medianamente numerosa, teve cinco irmãos: Laura, Iracy, Jandira, Oswaldo e Djalma.

Seu pai casa-se pela segunda vez com Dona Elisa e dá-lhe mais quatro irmãos: José, Osório, Marta e Beatriz. Rubens C. Romanelli casa-se em 1943 com Dona Alda, de quem lhe nasceram três filhas: Lívia, Lilavate e Liliane. Em 1968, celebra núpcias com Otaíza, que lhe deu duas filhas: Juliana e Elisa. Órfão de mãe, ainda muito criança, e em virtude das constantes mudanças de domicílio de seu pai, não pôde concluir o curso primário iniciado em Belo Horizonte.

Aos 11 anos de idade começou a trabalhar em Ibiá (M.G.), nas oficinas da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas e três anos mais tarde, transfere-se com seus familiares para Araxá (M.G.), onde foi trabalhar como ajudante de carpinteiro e de marceneiro.

Aos dezessete anos, passou a trabalhar como contínuo nos escritórios daquela ferrovia. Após aprender datilografia, passou para o cargo de Auxiliar de Escrita. Aos vinte e um anos de idade foi transferido para os escritórios centrais da Estrada de Ferro, em Belo Horizonte.

Aos 22 anos, fez em 6 meses, o curso de madureza (o então artigo 91) e, submetendo-se a exames, foi aprovado para a 4a. série ginásial e, no ano seguinte, para a 5a. série. A essa altura, já lecionava Português e Matemática no estabelecimento de ensino onde iniciara seus estudos. Conclui, aos 26 anos, o curso secundário, e verificada sua acentuada vocação para o magistério, matricula-se após os exames vestibulares no Curso de Letras da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, onde, durante dois anos, foi Monitor de Língua Grega. Pela mesma Faculdade, diplomou-se como Bacharel em Letras Clássicas e, um ano mais tarde, como Licenciado.

Desde 1944, foi professor de Latim e Português, em vários educandários de Belo Horizonte, entre os quais o Colégio Estadual e o Instituto de Educação de Minas Gerais. Neste último foi Titular, por concurso, da Cadeira de Língua Latina. Em 1963 obteve, através de defesa de tese, de concurso público de provas e de títulos, o grau de Doutor em Letras e o de Livre Docente da Cadeira de Língua Latina da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.

Por indicação de seus colegas foi nomeado Diretor do Instituto de Humanidades da Faculdade de Filosofia, dessa Universidade.

Enumeram-se pelo menos 13 Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento feitos em França (Paris), no período de 1966 a 1975, seja na "École des Hautes Études" (Sorbonne) com os Professores Emile Benveniste, Jacques André, Françoise Bader, Michel Lejeune; seja no Collège de France (Paris) com o Prof. Emmanuel Laroche.

Os Cursos enumerados, a seguir, demonstram a aguçada curiosidade do Mestre Romanelli, no que concerne às letras indo-européias: Curso de Gramática Comparada das Línguas Indo-Européias; Cursos de Filologia Latina (Lexiologia Latina, Crítica de Textos, Questions de Vocabulaire e Critique Textuelle et Questions Pratiques d'Édition);

Cursos de Gramática Comparada das Línguas Indo-Européias (Problème de Morphologie et de Syntaxe Verbales en Indo-Européen, Problème de Dérivation et Composition Nominales en Grec, Morphologie du Verbe Italique, Linguistique Italique, Mycénologie-Grego Micênio). Cursos de Língua e Civilização da Ásia Menor (De la Dérivation Nominale en Indo-Européen de l'Anatolie - Hitita e Luvita, Recherches sur l'Histoire et la Langue Lyciennes).

Incluem-se, também, Cursos de Extensão Universitária, a saber: Semana de Estudos Bilaquianos e Euclidianos, em 1966; Problèmes et Méthodes Actuelles de la Stylistique, ministrado pelo Prof. Pierre Guiraud, da Sorbonne, na Faculdade de Letras da UFMG, em 1966; 1º Seminário de Lingüística, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, em 1967; II Semana da Pesquisa na UFMG, promovida pelos Conselhos de Pesquisa e Extensão da mesma Universidade, em 1971.

Dentre as atividades extracurriculares releva registrar que fez várias conferências de interesse universitário como "O Sânscrito no Quadro das Línguas Indo-Européias", proferida na Faculdade de Letras da UFMG, no dia 25/09/69, durante a 1ª Semana de Estudos Hindus. Na qualidade de Delegado da Faculdade de Filosofia da UFMG, participou do 1º Congresso de Cultura Greco-Latina, realizado em São Paulo, em 1958.

Viajou pela Europa, pronunciando inúmeras conferências, a convite, acerca de temas filosóficos, científicos e religiosos. Não só honrou as letras européias, mas também as brasileiras. Peregrinou por quase todas as capitais do Brasil e por incontáveis cidades do interior do País. Ninguém há de duvidar de que vasta é sua obra. Sobejam-lhe publicações em livros, opúsculos, jornais e revistas.

Veja os "abstracts" de sua OBRA LITERÁRIA. Rubens Costa Romanelli exerceu nada menos que 22 cargos e funções, a saber: Presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de MG, de 1942/43; Membro Efetivo do Conselho Estadual de Educação da Campanha Nacional dos Educandários da Comunidade (CNEC), de 1963/68; Diretor do Instituto de Humanidades da Faculdade de Filosofia da UFMG, de 1964/68;

Revisor da redação do "Diagnóstico da Economia Mineira", obra em 5 volumes elaborada pelos técnicos do Banco do Desenvolvimento de Minas Gerais, para ser apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República, em 1967; Diretor Executivo do Conselho de Extensão da UFMG, de jan. de 1969/jan. 1972; Membro Efetivo da Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG, de jan. de 1969/jan. de 1972;

Membro do Júri para julgamento das obras de erudição concorrentes ao prêmio "Cidade de Belo Horizonte", instituído pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em 1972; Presidente da Comissão para implantação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFMG, de março de 1972/março de 1973; Membro da Comissão Verificadora, para efeito de reconhecimento, da Faculdade de Ciências e Letras "Teresa Martin", com sede em São Paulo; da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Formiga (MG) e do Instituto Granbery de Juiz de Fora;

Diretor Geral do VI e VII Festivais de Inverno, promoção cultural da UFMG, realizada em Ouro Preto e outras cidades históricas de Minas Gerais, de 1º a 31 de julho de 1972, respectivamente; Membro Efetivo do Conselho de Graduação da UFMG, de nov. de 1972/1973; Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFMG, de abril a outubro de 1973; Presidente da Associação de Estudos Clássicos do Brasil (Secção de Belo Horizonte);

Membro Efetivo do Conselho Curador do Palácio das Artes, nomeado de uma lista tríplice apresentada ao Exmo. Governador do Estado de Minas Gerais, pelo Magnífico Reitor da UFMG, a partir de 1970; Chefe do Setor de Língua Latina do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFMG, a partir de março de 1972; Diretor da Revista PHASIS, da Faculdade de Letras da UFMG;

Membro do Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG; Vice-Presidente da Fundação de Educação Artística de Minas Gerais, a partir de 1975; Membro da Associação de Estudos Clássicos do Brasil, filiada à Fédération International des Études Classiques, com sede em Paris;

Membro Efetivo da Associação Brasileira de Lingüística, com sede no Rio de Janeiro. Dentre os Títulos Honoríficos, Rubens Costa Romanelli fez juz a quatro Prêmios, a uma Condecoração e a três Distinções e Honrarias, perfazendo um total de oito títulos

honrosos, a saber: Prêmio de Filologia "João Ribeiro", conferido pela Academia Brasileira de Letras, em 1964;

Acadêmico Austregésilo de Athayde (1898-1993) cumprimentando o Prof. Romanelli. Prêmio de Erudição "Cidade de Belo Horizonte", outorgado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em 1964; Dois Prêmios de Erudição "Pandiá Calógeras", conferidos pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, em 1965 e 1966, respectivamente;

"Medalha de Honra da Inconfidência", concedida pelo Governo do Estado de Minas Gerais, em Ouro Preto, nas solenidades de 21 de abril de 1972; Troféu "Professor do Ano" (1964), concedido por motivo de concurso feito entre universitários da capital sobre "Os dez mais da Cultura", por iniciativa do Jornal "Correio de Minas"; Focalizado, por efeito de pesquisa pública, no programa da TV-ITACOLOMI - "Esta é a sua Vida", no ano de 1961;

"Pergaminho do Mérito", título outorgado pela Reitoria da UFMG, em virtude de ter sido eleito "Professor Padrão" da Faculdade de Letras, em eleição realizada entre seus pares, na referida Faculdade, em outubro de 1972.

Conheça um pouco sobre seus últimos dias, nesta dimensão da vida, em CRÔNICA.

Excertos do livro: "O Primado do Espírito" de Rubens C. Romanelli, 3a. edição ampliada, 1965, Editora Síntese Ltda., Divinópolis - MG, e, de CRÔNICA: "Rubens Costa Romanelli, sábio e virtuoso" de autoria de Fidélis Chamone Jorge, In: "Ensaio de Literatura e Filologia" No. 4, Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (1983/1984).

Ruy Holzmann

Nasceu no dia 4 de janeiro de 1910, na cidade de Ponta Grossa, Paraná, e desencarnou em Curitiba, no dia 24 de dezembro de 1971.

Médium curador, receitista, psicógrafo e notável tribuno de grandes recursos, comentava o Evangelho de Jesus de forma admirável. Estudioso e profundo conhecedor da obra de Kardec, colaborou, também, em vários órgãos espíritas, notadamente em "Mundo Espírita", que se edita em Curitiba. Era funcionário do Banco do Brasil, lotado em Ponta Grossa, onde se aposentou, transferindo-se

para Curitiba em 1971, onde veio a desencarnar, em pleno vigor físico.

Ruy Holzmann foi, também, escritor, tendo publicado "Contos de Lá e de Cá", obra mediúnica recebida do Espírito Irmão X.

Em artigo publicado em "Mundo Espírita", de janeiro de 1985, sobre a obra de Ruy, disse Deolindo Amorim: "Quando li, página por página, a série de "Contos de Lá e de Cá", como que senti a presença de Ruy Holzmann pela vibração, firme em seu posto de serviço espiritual. Certamente, a esta altura, o espírito de Ruy deverá estar sentindo a alegria de ter deixado uma obra honesta, um livro que vai fazer bem a muitas consciências necessitadas de um conselho prudente. Trabalhador digno de seu salário".

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Ruy Kremer

Ruy Kremer (01/04/1924 - 30/05/2002) .

Desencarnou no dia 30/05/2002 o Coronel Professor Ruy Kremer Presidente da Cruzada dos Militares Espiritas, com sede na Rua São Valentim, nº 142, Praça da Bandeira, Rio de Janeiro.

O coronel Ruy Kremer, foi desses trabalhadores que ao se ausentarem do convívio material entre nós, deixa muita saudade em face do seu extraordinário dinamismo e profundo conhecimento da Doutrina Espírita, cujos ensinamentos soube transmitir, a todos nós, com muita propriedade.

Um grande estudioso da vida e obra de Paulo de Tarso, manteve na Rádio Rio de Janeiro um programa, onde dissecou a vida do grande Paulo, que em breve, sob a forma de livro, será lançada pelo Instituto de Cultura Espírita do Brasil, que o editou.

As suas atividades não pararam por aí: Foi Presidente do Abrigo Teresa de Jesus, com sede na Rua Ibituruna; Conselheiro da FUNTARSO Fundação Cristã Espírita Cultural Paulo de Tarso, mantenedora da Radio Rio de Janeiro; Sócio Efetivo da CAPEMI Caixa de Pecúlio e Pensões-Beneficente; LFC, Lar Fabiano de Cristo e CAVADI, Casa do Velho Assistencial e Divulgadora; Conselheiro e expositor do ICEB, Instituto de Cultura Espírita do Brasil.

No exercício de suas atividades como Presidente da Cruzada dos Militares Espíritas, desde 1985, dedicou-se , de maneira invulgar, objetivando manter, viva a chama do Espiritismo no âmbito das Forças Armadas, tarefa bastante difícil em face das reações naturais dos opositores aos princípios da Doutrina Libertadora prometida por Jesus.

Certamente, muito breve, estará , junto com os companheiros que o antecederam na Presidência da Cruzada e que, provavelmente ainda se encontram na erraticidade, continuando a abençoada tarefa de divulgação do Espiritismo junto aos companheiros militares de todos os rincões de nosso Brasil e, quem sabe, de todo o Mundo.

Samuel Hahnemann

Christian Friedrich Samuel Hahnemann nasceu em 10 de abril de 1755, em Meissen, na Saxônia. Seus pais lhe deram o nome de Christian, seguidor de Cristo ; Friedrich, protegido do rei; Samuel, Deus me escutou, em sinal de reconhecimento a Deus.

Seu pai era pintor de porcelana e ele mesmo foi preparado para seguir a carreira paterna. Desta forma, aprendeu na Escola várias línguas estrangeiras: inglês, francês, espanhol, latim, árabe, grego,

hebreu e caldeu, além da língua nacional. O objetivo era poder, no futuro, comercializar em outros países a porcelana.

Mas, o seu destino seria outro. Foi estudar Medicina em Leipzig e Viena. Por ser pobre, sustentava-se fazendo traduções, e assim entrando em contato com obras sobre doutrinas existenciais.

Em 1812, era docente da Universidade de Leipzig. Contudo, na carreira médica se mostrava inquieto por não conseguir bons resultados na cura dos enfermos que tratava. Seus amigos diziam que ele sonhava, que tudo que almejava era utopia." O homem é limitado mesmo, limitados também seus conhecimentos."

Finalmente, aos 36 anos, após a morte de um amigo que cuidava clinicamente, resolve abandonar a medicina. Adentra o seu consultório e avisa a seus pacientes que não mais os atenderá. Se os não pode curar, de que vale a sua ciência! E despede a todos.

Está profundamente desanimado. Para sobreviver e sustentar a família, trabalha em traduções, mais especialmente na área da química e da farmacologia.

Fazendo a tradução de uma obra de um médico escocês William Cullen, no ano de 1790, surpreende-se com a descrição das propriedades do quinino. Chama-lhe a atenção, em especial, o fato de que a intoxicação pelo quinino tinha sintomas semelhantes aos da enfermidade natural da febre intermitente.

Ele próprio passou a ingerir doses de quinino, comprovando que os resultados eram semelhantes à febre combatida por aquele produto.

Repetiu a experiência com outras drogas, como o mercúrio, a beladona, a digital, sempre no homem sadio, concluindo por elaborar a doutrina homeopática, resumida na expressão : "similia similibus curantur", ou seja, sintomas semelhantes são curados por remédios semelhantes.

Já no ano de 1796, suas observações foram divulgadas. Observações que passariam a compor sua mais importante obra: O Organon, publicado em 1810, onde explica seu sistema e cria a Homeopatia. Depois, publicaria Ciência Médica Pura e Teoria e tratamento homeopático das doenças crônicas.

Nos princípios homeopáticos estabelece-se que toda substância que, em dose ponderável, é capaz de provocar no indivíduo são um

quadro sintomático, também tem capacidade de o fazer desaparecer, com administração em pequenas doses. Também que a preparação dos medicamentos requer diluições infinitesimais, pois que elas teriam a capacidade de desenvolver as virtudes medicinais dinâmicas das substâncias grosseiras.

Desde os primeiros momentos, Hahnemann sofreu acirrada campanha contrária ao que expunha, em especial dos farmacêuticos, pelo que muito padeceu.

Somente em 1835, já com seus 80 anos, viúvo, foi procurado por uma jovem que o buscou em sua cidade como último recurso médico e foi por ele curada. Eles se consorciaram e ela o leva para Paris, onde finalmente obtém geral reconhecimento.

Foi em Paris que ele desencarnou a 2 de julho do ano de 1843, 14 anos antes de vir a lume O livro dos espíritos e nascer, portanto, a Doutrina Espírita.

Compondo a equipe espiritual responsável pela Codificação, deu seu contributo particularmente em O evangelho segundo o espiritismo, cap. IX, Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos, onde assina a mensagem do item 10, tratando das

virtudes e dos vícios que são inerentes ao Espírito. A mensagem foi dada em Paris, no ano de 1863.

À guisa de curiosidade somente, no mesmo ano, a 13 de março, na Sociedade Espírita de Paris, tendo como médium a sra. Costel, Hahnemann dissertou a respeito do estado da ciência à época, em resposta a um médico homeopata estrangeiro, presente à sessão. Dita dissertação se encontra no volume sexto da Revista Espírita.

Enciclopédia Mirador Internacional, vol 11, verbetes: Hahnemann e Homeopatia.

<p>O VELHO HAHNEMANN</p>

Além de ter sido o responsável pelo surgimento da Homeopatia, Samuel Hahnemann também é considerado uma das figuras fundamentais para a implantação da Doutrina Espírita.

O velho Samuel Hahnemann não consegue conciliar o sono. São quatro horas da manhã. Resolve ir até o seu escritório, deixa a esposa dormindo. Senta-se à escrivaninha. Olha mais uma vez para uma autobiografia escrita por Paracelso; observa o seu retrato na capa. Pensa: "Nossa! Como somos parecidos! Meu amigo, que vida dura que você teve! Mas quanta coragem! Você foi muito avançado para sua época. Foi mais um incompreendido, como muitos.

Também já passei por tudo isso. Meu Deus! Como isso se repete na história da humanidade. Somente depois de um bom tempo somos reconhecidos. Como você foi perseguido! Não parava em lugar nenhum. Nós dois sofremos. Há semelhanças em nossas vidas. Preciso recomeçar a escrever também minha autobiografia. Sinto que não viverei muito. Você era solitário; eu tenho o consolo de uma esposa que muito me entende, muito me ajuda. Paracelso! Se você tivesse vivido mais, talvez chegasse às mesmas conclusões a que eu cheguei: você chegaria à homeopatia. Faltou pouco. Onde estará você? Onde estará também o nosso amigo Hipócrates?"

Hahnemann abre o livro de Paracelso, relê alguns trechos. Pára e medita. Quando o médico suíço nasceu, em 1493, já fazia um ano que Colombo havia descoberto a América. Em 1517, surgiu a Reforma, com Lutero. Que séculos, o 15 e o 16! O mundo e as dores do crescimento. Gutemberg, Erasmo, Rafael, Michelângelo. O mundo estava acordando da sonolência da Idade Média, estavam aparecendo as luzes do Renascimento.

Quando jovem, ele buscara as ciências ocultas, queria entender os mistérios profundos da vida. Estudou a Alquimia, a Astronomia e a Cabala. Que risco! Só havia, então, uma autoridade: o Papa e sua Igreja. Paracelso! Quantas viagens, hein? Itália, Áustria, Portugal, Espanha, Inglaterra ... Tomou contato com as idéias de Abelardo, com as idéias dos cátaros, que aceitavam a reencarnação. Na Espanha, estudou as traduções dos grandes sábios árabes. Conheceu Erasmo. Que vida rica! Ele encontrou os escritos de Hipócrates, que certa vez disse: a[...] nada no Universo perece inteiramente nem se cria de novo.

São apenas misturas distintas e variadas. Os seres morrem mais para alcançarem o meio de se renovar". Hahnemann se indaga: "Meu Deus! Quanto tempo terei mais de vida?"

Terei tempo de escrever minha autobiografia? Já estou com oitenta e oito anos."

E continua: "Os homens não conseguiram entender a metodologia de Paracelso, médico, que fabricava seus próprios remédios. Não podiam aceitar isso. Então, você tinha simpatia pela Reforma, hein? Você chegou a pensar que a medicina fosse uma ciência incerta, mas mudou de idéia ao ler o Evangelho, ao ler a observação de Jesus de que viera ao mundo para os doentes e não para os sãos. Eis sua maravilhosa conclusão: 'O homem não é senão uma partícula de um universo estupendo.

Se fosse possível identificar as forças autogeneradoras do universo, então seria fácil curar as mazelas humanas'. É, meu amigo, a Homeopatia, eu tenho de reconhecer, começou com você. Eu só completei o seu trabalho. É interessante como em toda sua obra se vê a tríade humana: espírito, alma e matéria. Você chegou a escrever que '[...] o pensamento não é criado no cérebro, mas atua por meio dele'. Que maravilha! Que avançado que foi para sua época! Paracelso, então você chegou a dizer: '[...] os semelhantes curam os semelhantes, o escorpião cura o escorpião, o mercúrio, o mercúrio'. Mordedura de cobra se cura com veneno de cobra. Você é, mesmo, o criador da Homeopatia. Tenho de reconhecer isso.

Quanta injustiça fizeram com você, quantas acusações: feitiçaria. Quanta agressão moral e física. Foi acusado de charlatão, impostor. Mandados de prisão e deportação foram expedidos contra você. Meu amigo, eu também passei por tudo isso. Ainda bem que encontramos proteção nos nobres. Tudo por causa da cura, que sempre acontecia. Olhe que maravilha você escreveu: 'Hipocrisia não é santidade, pretensão não é poder, artifício não é sabedoria. A arte de discutir, sofismar, perverter e deformar as verdades pode se aprender nas escolas, mas o poder de

reconhecer e de seguir a verdade não poderia ser conferida por meio de títulos acadêmicos, a não ser que venham de Deus'. A não ser que venham de Deus!"

O velho Hahnemann passa a destra pelo queixo, fica pensativo. Levanta-se, vai até a janela, contempla a paisagem lá fora. Está um bonito dia. Consulta o relógio; falta pouco para as cinco horas da manhã. Fala baixinho: "Estou sabendo que você morreu misteriosamente em 1541. Estava na miséria, meu Deus! Foi mais uma vítima da intolerância. Da odiosa intolerância."

Nesse momento, sente uma dor forte no peito e começa a tossir. Não vem se sentindo bem por causa da bronquite. Deita-se num sofá próximo à escrivaninha. Fecha os olhos e vê toda a sua vida passar à sua frente, numa visão panorâmica, como num filme.

Vê seu pai, o pintor, escritor, o apaixonado por Rousseau. Quando criança, o universo inteiro interessava ao pequeno Hahnemann; interessava às suas especulações. Lembra-se do seu amor pelo estudo dos idiomas. Ao quatorze anos já estava apto a substituir o professor de grego. Como adorava consultar os livros.

Enquanto esperava os exames para ser médico, lecionou grego, latim, inglês, hebraico, italiano, sirio, árabe, espanhol e alemão. Tinha também algum conhecimento do caldaico. Isso tudo com apenas vinte e quatro anos de idade. E pensar que, mais tarde, ele foi chamado de alemão ignorante e fanático.

Recorda seu casamento com Johanna, uma menina de dezessete anos. Os filhos. Ah, os filhos! Onze. Johanna o entendeu. Entendeu e respeitou quando se recolhia a um mundo silencioso, de meditação, de estudo.

Nessa visão panorâmica aparecem suas experiências. Quantas vezes não experimentou em si mesmo as drogas naturais. Lembra-se da descoberta do princípio universal da cura pelos semelhantes: "Para curar radicalmente certas afecções crônicas, é preciso procurar medicamentos que ordinariamente provoquem no organismo humano moléstia análoga, e a mais análoga possível".

Ele debelou epidemias e doenças que a Medicina oficial dos colegas não conseguia contornar. Vieram contra ele ciúmes, ódios, paixões desvairadas, perseguições, mudanças contínuas de cidades. A família passando fome, dificuldades. Alguns filhos morreram jovens; as moças se casaram mal, separaram-se. Perseguições e mais perseguições. Porém, nada o desanimava. Acreditava em sua verdade porque ela passara por um teste importante: o teste da experimentação. Sempre pensava:

"É preciso destruir os preconceitos seculares, para construir uma nova abordagem ao problema do sofrimento humano. Não importam as conseqüências que desabem sobre mim". E seguia em frente, inabalável, confiante, seguro.

Em março de 1830, a dedicada Johanna morre, com sessenta e sete anos. Em 18 de janeiro de 1835, já com oitenta anos, casa-se com uma jovem francesa de trinta e cinco anos, Marie Mélanie. Um ano antes, ela se vestira de homem e se apresentara a ele como cliente.

Na tela mental aparece Guizot, em discurso na Academia Francesa:

"Hahnemann é um sábio de grande mérito. A ciência deve ser para todos. Se a homeopatia é uma quimera ou um sistema sem valor próprio, cairá por si própria. Se ela é, ao contrário, um progresso, expandir-se-á, apesar de nossas

medidas proibitivas, e a Academia deve lembrar-se, antes de tudo, que tem a missão de fazer progredir a ciência e de encorajar as descobertas".

Lembra-se, nessa visão panorâmica, dos seus livros, dos discípulos, seguidores das alegrias. Recordar-se de uma das clientes, quando ordenara que fosse transferida para um cômodo espaçoso, ordenara que se abrissem portas e janelas para que entrassem ar e luz abundantes. Pedira para mudar-lhe roupas e travesseiros, dar-lhe tanta água para beber quanto desejasse. Curou a moça, ganhou de presente um bonito quadro, uma obra-prima, aquele mesmo que está dependurado em seu escritório. Hahnemann escreveu sob o retrato:

"Deus a abençoou e a salvou". Vem-lhe o seguinte pensamento: "O médico não é mesmo mais do que um instrumento".

São cinco horas da manhã do dia 2 de julho de 1843. O pai da Homeopatia, o velho Samuel Hahnemann, desencarna, com oitenta e oito anos de idade.

Fabiano Possebon - Revista Espiritismo e Ciência

Nota

Ao subscrever mensagem transmitida pela mediunidade de Madame W. Krell. em março de 1875, o criador da Homeopatia assinou assim: Hahnemann, outrora Paracelso. Assim, o próprio espírito declara ter sido Paracelso em reencarnação anterior. Este meu monólogo é uma ficção, porém, baseado em fatos reais da vida dos dois gigantes da Medicina. Ignoro se Paracelso escreveu alguma autobiografia. Como informação adicional, digo que Hahnemann fez parte da equipe que implantou nossa

querida Doutrina Espírita entre os homens. Há uma hipótese levantada por Hermínio Miranda, no livro supracitado (O Apóstolo da Medicina), ainda não confirmada, de que Hahnemann teria sido Hipócrates numa outra encarnação.

Sanson

Sanson, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris eis a forma como o espírito se identifica, assinando a mensagem Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras (O evangelho segundo o espiritismo, cap. V, item 21), bem assim a que se encontra inserida no cap. XI, item 10 da mesma obra, e que disserta a respeito de A lei de amor, ambas datadas do ano 1863.

Sanson era membro da Sociedade Espírita de Paris e desencarnou no dia 21 de abril de 1862, "após mais de um ano de sofrimentos cruéis", conforme nos informa o Codificador na Revista Espírita do mês de maio do mesmo ano. Quase dois anos antes, o sr. Sanson dirigira a Kardec, na qualidade de Presidente da dita Sociedade, uma carta onde solicitava que, após a sua morte, fosse evocado e o mais imediatamente possível. Isto fazia, reafirmando um desejo que expressara "há cerca de um ano". O seu era o propósito de, através "dessa espécie de autópsia espiritual" servir no além-túmulo, "dando-lhe os meios de estudar fase por fase, nessas

evocações, as diversas circunstâncias que se seguem ao que o vulgo chama a morte".

Recomendando-se às preces dos companheiros da Sociedade Espírita de Paris, discorre ainda, na mesma missiva, sobre sua preocupação com respeito à escolha e oportuno momento de sua próxima reencarnação.

Allan Kardec compareceu, com alguns membros da Sociedade. ao local onde se encontrava o corpo do sr. Sanson e ali, uma hora antes do enterro, deu-se a sua primeira comunicação, onde demonstrou plena ciência de sua situação, afirmando que após 8 horas de sua morte, recobrou a lucidez das suas idéias. O médium que serviu de intermediário foi o sr. Leymarie, que jamais tinha visto o sr. Sanson e desconhecia o seu caráter, os seus hábitos e muito menos sabia se ele tinha filhos, o que na mensagem é mencionado, provando a sua autenticidade, onde o espírito "se revela pelo seu lápis".

À beira do túmulo, Allan Kardec discursa, apresentando o sr. Sanson como um homem de bem em toda a extensão do vocábulo. Diz ainda que ele era dotado de uma inteligência incomum, desenvolvida por uma instrução variada e profunda. Simples nos seus modos de vida, aplicava a sua atividade intelectual em

pesquisas e invenções muito engenhosas que, no entanto, não lhe trouxeram resultados.

"Era um desses homens que jamais se aborrecem, porque sempre estão pensando em algo de sério. Conquanto sua posição o tivesse privado daquilo que faz a doçura da vida, seu bom humor jamais se alterava."

A crença espírita o ajudou a suportar os "longos e cruéis padecimentos com uma paciência e uma resignação muito cristãs. Não há um só dentre nós", prossegue o Codificador, "que o tendo visto em seu leito de dor não se tenha edificado com a sua calma e a sua inalterável serenidade. Desde muito tempo ele previa o seu fim; mas, longe de se apavorar, o esperava como a hora da libertação. Ah! é que a fé espírita dá, nesses momentos supremos, uma força da qual só se dá conta quem a possui. E o sr. Sanson a possuía em grau supremo."

Nos dias 25 de abril e a 2 de maio do mesmo ano de 1862, outras duas palestras ocorrem, em que, ainda servindo como médium o sr. Leymarie, o espírito Sanson responde as questões mais delicadas da situação do espírito após a morte física, dizendo-se "muito feliz por me tornar útil aos meus antigos colegas e ao seu digno presidente".

Nas observações do mestre lionês, as palestras propiciam "um elevado ensino na descrição que ele faz do próprio instante da transição" e salienta "que nem todos os Espíritos seriam aptos a descrever esse fenômeno com tanta lucidez quanto ele. O sr. Sanson viu na sua morte o seu próprio renascimento, circunstância pouco comum e que devia à elevação de seu Espírito."

Allan Kardec. O evangelho segundo o espiritismo, FEB, 1987

Allan Kardec. Revista espírita, EDICEL. Maio e Junho de 1862.

Santo Agostinho

Agostinho nasceu a 13 de novembro de 354, em Tagaste, pequena cidade da atual Argélia. Na cidade natal transcorreram sua infância e juventude, um ambiente limitado de um povoado perdido entre montanhas.

Talhado para a oratória, ele lê e decora trechos de poetas e prosadores latinos. Aprende elementos de música, física e matemática. Em Cartago fez seus estudos superiores e ali também entrou em contato com a alegria e esplendor das cerimônias em honras aos deuses protetores do Império.

Embora seja descrito como um jovem ponderado, dedicado aos livros, ele confessa que “amar e ser amado era uma coisa deliciosa”. Ele passou a viver com uma mulher a quem foi fiel, tendo se tornado pai em 373, com apenas 19 anos. Seu filho, de nome Adeodato, morreria aos 17 anos.

Desejava se destacar na eloquência, confessa, por orgulho. Desejava ser o melhor. Um livro de Cícero o alerta que “a verdadeira felicidade reside na busca da sabedoria.”

Retorna à sua cidade natal e se dedica ao ensino, por treze anos, depois ensina em Cartago e Roma. Dedicou-se ao estudo das Escrituras, contudo, achou seu estilo tão simples que se desiluiu e o abandonou.

Em Milão parecia ser um homem feliz: pago pelo Estado, personagem quase oficial (ocupava a cátedra da eloquência), respeitado como professor. No entanto, ele se mostra inquieto. Busca a verdadeira alegria e não a encontra.

Afeiçoou-se ao maniqueísmo, doutrina do profeta persa Mani. Após 12 anos, insatisfeito com as respostas que a doutrina não lhe dava, recomeça a ler os Evangelhos e assistir os sermões do bispo Ambrósio, que o recebeu como um pai.

Uma canção infantil, na voz cristalina de uma criança que insiste “Toma, lê”, faz com que ele procure o livro a respeito de São Paulo e retorne em definitivo ao cristianismo.

Sua vida daquele momento em diante seria meditar, escrever livros, discursar. Em 391, é chamado a Hipona, um grande centro comercial de cerca de 30.000 habitantes. Cinco anos depois seria sagrado bispo auxiliar de Hipona.

Grande era a luta, à época contra as chamadas heresias. Agostinho, sempre orador oficial, nos sínodos e concílios em Cartago nunca esquece que “mais valioso que a palavra é o amor fraterno... Os olhos dos doentes queimam, por isso são tratados com delicadeza... Os médicos são delicados até com os doentes mais intolerantes: suportam o insulto, dão o remédio, não revidam as ofensas.”

As palavras que mais aparecem em seus escritos são amor e caridade. Por vezes, desenvolvendo uma idéia interrompe seu raciocínio para deixar escapar gritos de amor a Deus: “Ó Senhor, amo-Te. Tu estremeceste meu coração com a palavra e fizeste nascer o amor por Ti. Tarde Te amei, ó Beleza tão amiga e tão nova, tarde Te amei... Tocaste-me, e ardo de desejo de alcançar a Tua paz.”

Duas vezes por semana falava na Igreja da Paz. Certa vez, discorrendo a respeito de São João se entusiasmou de tal forma que pregou durante cinco dias consecutivos, sempre aplaudido.

Mas, dizia: “Vossos louvores são folhas de árvores; gostaria de ver os frutos.” Tal era a admiração que tinham por Agostinho, que chegaram a acreditar que ele fosse capaz de produzir curas e lhe levavam doentes.

“Se eu tivesse poder para curar”, dizia, “curaria a mim mesmo”. A doença que o tomou durou poucos dias. Percebendo que se avizinhava a morte, pediu que o deixassem a sós, para orar. Morreu na noite de 28 para 29 de agosto de 430, aos 76 anos. Não deixou testamento, mesmo porque não tinha bens.

Os pintores medievais o retratam com o livro na mão e o coração em chamas. O livro simboliza a ciência, o coração inflamado, o amor. Sabedoria e amor foram os seus dons inseparáveis. Interessante anotar que embora seja sempre retratado com muita pompa e luxo, mesmo como bispo ele se recusava a usar o anel e a mitra.

Esse espírito foi convidado a participar da equipe do Espírito da Verdade e suas ponderações podem ser encontradas em vários momentos da Obra Kardeciana, entre eles em O livro dos espíritos (prolegômenos, resposta às questões 495, 919 e 1009), O evangelho segundo o espiritismo (cap. III, itens 13 e 19; cap. V, item 19; cap. XII, itens 12 e 15; cap. XIV, item 9; cap. XXVII, item 23), O livro dos médius (cap. XXXI, dissertações de número 1 e XVI - Acerca do espiritismo / Sobre as sociedades espíritas).

Grandes personagens da História Universal, vol. 1 (Abril Cultural); O livro dos espíritos.

Sarah Morais

Nascida no dia 13 de julho de 1888, na cidade de Uruguaiana, estado do Rio Grande do Sul e desencarnou em 11 de julho de 1932.

Foram seus pais Godofredo Velloso da Silveira e D. Bernardina Silveira. Consoiciou-se com Josefino da Silva Morais, cujo matrimônio durou 28 anos e do qual tiveram filhos.

Para os seus irmãos, em número de oito, sempre dispensou carinho, amparo e sustentação, visto ser a irmã mais idosa da família. Esposa, filha, irmã e amiga, sua dedicação era uma perene demonstração do elevado grau de espiritualidade assumido, a tudo

atendendo com a máxima solicitude e altruísmo. Em todos os seus atos, mesmo nos mais singelos, deixava transparecer a grandeza de sua alma de escol, não permitindo que seus gestos de abnegação fossem enaltecidos ou mesmo percebidos por aqueles a quem servia, pois se considerava obrigada a dar de si, sem que lhe devessem gratidão ou reconhecimento.

Tornando-se espírita, encontrou dentro da Doutrina as mais belas e elevadas oportunidades de servir ao próximo, servindo dessa forma ao nosso Pai Celestial.

Fundando a Instituição Legionárias de Maria, na cidade do Rio de Janeiro a 5 de janeiro de 1928, sociedade de socorro à pobreza envergonhada, ela se tornou, para seus companheiros de lides espíricas, o exemplo vivo do maior objetivo que o ser humano pode realizar na Terra: servir ao próximo, procurando despertá-lo para os surtos do progresso espiritual, não só através de palavras, mas com o exemplo nobilitante de atos de superioridade moral – amando muito, perdoando sempre, auxiliando o seu semelhante no lar, na comunidade espírita e em muitas e variadas fases da vida no mundo. Envolvia a todos que dela se aproximavam na aura radiante de sua fé inquebrantável, incutindo-lhes a certeza da imortalidade da alma e da existência de um Pai que preside a todas as coisas, fazendo-o através de palavras penetrantes e esclarecedoras, fundamentadas no exemplo que sabia tão bem propiciar.

Apesar de bastante enferma e com o corpo minado por insidiosa moléstia que a consumia, subia religiosamente, todas as semanas, a ladeira de um hospital em Cascadura, para levar alento, conforto, esperança e fé a uma multidão de criaturas abandonadas, que jaziam no isolamento daquele nosocômio, prestes a abandonar a vida terrena. Suas palavras, impregnadas de sinceridade e com base nos ensinamentos evangélicos, envolviam a todos os seres carentes de sustentação espiritual na hora da desencarnação. Quantas cenas edificantes e maravilhosas se passaram naquele ambiente de dor, esquecido pela maioria dos homens! Só Deus poderá julgar e avaliar o trabalho extraordinário dessa extraordinária mulher.

Desejosa sempre de ver o progresso do seu semelhante, incentivava muitas pessoas a comparecerem às explicações doutrinárias nas sessões de estudos do Centro Espírita “Fernandes Figueira”, em Todos os Santos, sob cujos auspícios foi criada a Instituição “Legionárias de Maria”, quando na sua presidência estava o confrade José Manoel Teixeira, já desencarnado.

Sarah Moraes, via em cada ser que socorria, em especial nas assistidas da Instituição, criaturas ligadas ao seu coração pelos laços espirituais e com imenso carinho dirige-as ao rebanho do Divino Pastor.

Possuía múltiplos dons mediúnicos, principalmente a psicografia, conseguindo receber quantidade apreciável de sonetos, poesias, quadras e mensagens que a todos enlevavam pelo cunho evangélico e espiritual que continham.

Nos últimos anos de sua existência terrena, esqueceu-se totalmente de si, consagrando-se devotadamente ao serviço de amparo ao próximo. Incompreendida, como acontece a todos os que tem algo de superior a realizar na Terra, foi objeto de censuras e críticas por parte daqueles que não podiam alcançar a sublimidade da missão que lhe coubera por partilha, em sua jornada terrena. Jamais se queixava das dores físicas ou morais pelas quais passava, respondendo sempre quando inquirida: “Vou melhor do que mereço”. Desta forma passou por este mundo sem jamais dar qualquer demonstração de fraqueza, pois, mesmo em seu leito de dor ainda conseguia dispensar conselhos e orientação para todos aqueles que buscavam soluções para seus problemas íntimos.

No dia 11 de julho de 1932, desencarnou essa denodada seareira espírita deixando por escrito várias disposições que deveriam ser tomadas, dentre elas: não velarem o seu corpo que deveria ser costurado num lençol e sair do próprio quarto onde desencarnasse para o túmulo; não desejava preces pagas nem flores compradas, preferia que oferecessem os valores das mesmas para os pobres; que ninguém usasse luto, pois tinha a certeza plena de que uma

nova vida a aguardava, onde poderia continuar as tarefas iniciadas na Terra, quando poderia concretizar seu sonho no infinito campo da caridade cristã.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Sebastião Lasneau

Nascido em Barra de Piraí, Estado do Rio de Janeiro, no dia 12 de novembro de 1900 e desencarnado na mesma cidade, no dia 30 de março de 1969.

Sebastião Lasneau era poeta, repentista e trocadilhista, fazia versos de improviso e qualquer motivo lhe sugeria um tema. As “Semanas Espíritas” de várias cidades dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e outros, não estavam completas sem a sua presença. Dava expansão à rima e ao ritmo, registrando sempre a presença dos confrades espíritas em quadrinhas que recitava com muita verve.

Seus pais foram Evilásio Antônio Lasneau e Etelvina Santos Lasneau. Iniciou sua vida profissional trabalhando em algumas empresas existentes nas cidades de Paracambi e Mendes (Estado do Rio de

Janeiro), passando posteriormente a trabalhar na Estrada de Ferro Central do Brasil, onde permaneceu durante cerca de vinte anos, aposentando-se por invalidez. Nessa ocasião exercia às funções de cabineiro na Estação de Sant Ana da Barra.

Lasneau casou-se em primeiras núpcias com Augusta Dias Lasneau e com ela conviveu durante cerca de sete anos, quando inesperadamente ficou viúvo, com dois filhos em tenra idade. Algum tempo depois, casou-se, em segundas núpcias, com Olívia Lasneau, que se tornou mãe carinhosa para seus filhos e esposa dedicada durante trinta e seis anos.

Nenhum de seus biógrafos registrou o motivo pelo qual ele se tornou adepto do Espiritismo. Consta que, em 1944, ingressou no quadro social do Grêmio Espírita de Beneficência de Barra do Pirai, a cuja instituição dedicou a maior parte de sua vida. Foi eleito seu presidente na gestão de 1954, e vice-presidente em 1955, tendo cedido à causa espírita, todo o tempo que tinha disponível.

Passou por uma expiação difícilíssima: atacado de glaucoma, perdeu completamente a visão. Era diabético e sofria horrivelmente do fígado. Teve polinevrite com dores lancinantes causadas pelo glaucoma. Acometido de todas essas enfermidades, jamais lamentava-se, rogando sempre a Deus para que lhe concedesse forças para lutar por um mundo melhor. Lançou mãos de todos os

recursos que a Medicina da época lhe facultava, sem qualquer resultado positivo. Por fim, a conselho de amigos, foi a Caratinga (Minas Gerais), e, na Fazenda Eureka, de propriedade de confrades, submeteu-se a uma intervenção mediúnica, realizada por Espíritos materializados. Não conseguiu recuperar a visão, porém desapareceram todas as dores que sofria no globo ocular.

Além de poeta, foi excelente expositor de temas doutrinários do Espiritismo, tendo realizado apreciável tarefa no campo da divulgação doutrinária. Proferiu grande número de palestras em instituições espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Aproveitava sempre o trajeto de suas viagens para elaborar quadrinhas primorosas, com temas evangélicos e doutrinários, a fim de brindar o público ouvinte.

Teve sempre a melhor boa vontade para com os novos poetas, a todos ensinando, corrigindo e incentivando. Escreveu o jornalista Dr. Agnelo Morato, da cidade de Franca (SP), numa crônica estampada no jornal "A Nova Era": "Foi extraordinário animador do movimento moço nas fileiras espíritas e seus versos representavam incontido estímulo e incentivo ao bom ânimo de todos os sofredores. Conhecia a matemática do tempo; na sua marcha milenar, vai pondo os dias sobre os dias, anos sobre anos, vida sobre vida, na sua eterna conta de somar. Todo ele se expande em ritmos e sonoridade, revelando fé raciocinada, consolações que

obteve ao abeberar-se na fonte de sabedoria espírita, um dos nossos melhores poetas e prosadores”.

Com enorme dificuldade, conseguiu editar alguns livros de sua autoria, os quais tiveram os seguintes títulos: “Pôr do Sol”, “Versos para Eva Musa”, “Versos para a Mocidade”, “Poemas de Barra do Piraí”, “Espiritismo em Três-Rios”, “Cancioneiros da Fraternidade”, “Almas que Cantam” e “Quadras a Completar”. Deixou ainda alguns livros inéditos, intitulados: “Roseiral de Luz”, “Eterna Canção”, “Poemas da Origens”, “Amizade Inter-Planos” e mais um sem-número de trabalhos, os quais, se colecionados, formariam outros tantos livros.

Sebastião Lasneau dedicou-se também no jornalismo. Foi redator de vários jornais, inclusive do “Jornal do Povo”, de Barra do Piraí. Escrevia crônicas e poesias, conforme se pode ver nas edições do jornal, referente ao ano de 1941. Musicou alguns de seus versos e fez várias paródias espiritualizadas de músicas famosa da época, as quais eram muito cantadas nos movimentos de mocidade. Foi autor do “Hino do Cinqüentenário de Barra do Piraí”. Foi patrono do Ginásio Estadual “São José”. Recebeu o título de cidadão Guaraniense, na cidade de Guarani (Minas Gerais). Foi juiz de vários concursos de poesias, inclusive da 1ª CONJEB (I Confraternização de Mocidades Espíritas do Brasil), realizadas em Marília (Estado de S. Paulo), certame levado a efeito no ano de 1965.

Após a sua desencarnação, como homenagem póstuma, foi eleito Patrono do “Circulo dos Missivistas Amigos”, um movimento fraterno que promove a correspondência entre pessoas livres e encarceradas, em todo o Brasil. Participou também de vários concursos, em jogos florais, realizados na cidade de Taubaté (SP), Nova Friburgo (RJ) e outras cidades, ganhando inúmeros certificados.

Sebastião Lasneau foi, portanto, um dos grandes vultos espíritas, cuja obra teve por cenário numerosas cidades do Estado do Rio de Janeiro e de outros Estados da região Centro-Sul do Brasil, fazendo-o através de uma participação efetiva e constante, em todas as grandes realizações que eram efetuadas em prol da divulgação da Doutrina dos Espíritos, tornando-se, por isso, uma personalidade querida e requisitada por todos.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Sebastião Paraná

Nasceu em Curitiba-PR, em 19-11-864, e desencarnou em 08-03-938. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, muito contribuiu para enriquecer as letras

e a cultura do Paraná. Foi educador emérito e nesse campo de trabalho exerceu grande influência na formação da juventude estudiosa.

Lente catedrático de Geografia Geral e do Brasil do antigo Ginásio Paranaense e da Escola Normal de Curitiba, hoje Instituto de Educação, dois grandes estabelecimentos de ensino de nossa terra, dos quais também foi Diretor, Atingiu, no magistério público, cargo de Diretor Geral de Ensino do Paraná, equivalente ao de Secretário de Educação. Em 1901, fez parte do Poder Legislativo Estadual, como Deputado.

Como jornalista, foi Diretor do Jornal “A Tribuna” e redator de “O Município” e d’”A República”.

Teve publicadas várias obras de sua lavra, inclusive “História do Paraná”.

Sua vida Espírita foi bastante intensa com reais serviços prestados à causa do Espiritismo.

Fundador da Federação e eleito seu primeiro presidente após a aprovação dos estatutos sociais em 04-10-903, cargo em que

permaneceu por reeleição até 13-01-907. Membro da Comissão Central de 02-08-908 à 18-07-909 e de 13-01-918 à 1919. Foi Diretor do Núcleo Central; Diretor da Caixa Escolar e de Estudos Doutrinários. Autor do livro “Vade-mecum” (Preces e ensinamentos espíritas) editado pela Federação em 1929-30.

Era filho de Ignacio de Sá Sottomayor (este desencarnado em 05/02/1906). Casado em 19/12/1905 com Elvira Faria Paraná.

Sinval Reis

Nasceu no dia 13 de abril de 1909, na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Niteroi, Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1945.

Antes do seu ingresso na Magistratura no Estado do Paraná, serviu nas Forças Armadas do Brasil, como militar da arma de infantaria, tendo servido no período de 28 anos, no Estado de Minas Gerais, tendo sido Sargento responsável pelos Tiros de Guerras nas cidades de Ubá, Pará de Minas, Uberlândia, Ouro Fino, Dolores do Idaiá e no Quartel General de Belo Horizonte. Nesse período, sempre se destacou pela dedicação e determinação em seus propósitos de solidariedade, bem como, conquistou a liderança e o respeito entre os seus subordinados

Posteriormente, prestou Concurso de Títulos e Provas para o ingresso na Magistratura Paranaense, tendo sido nomeado Juiz de Direito substituto da Seção Judiciária de Apucarana, em março de 1951. Nessa ocasião permaneceu nessa cidade por dois anos e meio, tendo sido Juiz substituto nas Comarcas de Campo Mourão, Mandaguari e Araçongas.

No ano de 1953 foi nomeado como juiz titular para responder pela Comarca de Pitanga e, logo em seguida, foi removido para a Comarca de Rebouças. Em março de 1954 foi promovido para a Comarca de Paranavaí, aonde permaneceu na ativa até o ano de 1961. Aposentou-se em Paranavaí, então Comarca de 4ª entrância, com proventos equivalentes ao de Juiz de Direito de entrância Especial, em março de 1961.

No período em que residiu com sua família na Comarca de Paranavaí, foi o instituidor e fundador de inúmeras obras filantrópicas e, dentre elas, se destacam as seguintes: CASA DA CRIANÇA DE PARANAVAÍ, posteriormente denominadas de LAR ESCOLA DAS MENINAS DE PARANAVAI E ALDEIA ESCOLA DOS MENINOS DE PARANAVAÍ (instituição que chegou a abrigar mais de 150 crianças órfãs e abandonadas da região do Norte e Noroeste do Paraná); DA SANTA CASA DE MISERCÓRDIA DE PARANAVAÍ, instituição destinada ao atendimento de indigentes no meio

hospitalar da cidade de Paranaíba e região Noroeste do Paraná, representando na atualidade um dos hospitais mais bem estruturados e aparelhados do Noroeste do Paraná; DO ASILO DE VELHOS LINS DE VASCONCELOS DE PARANAÍ, instituição que durante décadas atendeu e continua atendendo pessoas idosas menos favorecidas pela sorte, na região Noroeste do Paraná; DO ALBERGUE NOTURNO DE PARANAÍ, entidade de caráter filantrópico que sempre atendeu aos desabrigados da cidade e região;

Além dessas entidades filantrópicas fundou e instituiu O GINÁSIO HUMBERTO DE CAMPOS destinado a atender alunos do ensino fundamental nas 1a. a 8a. série na ocasião, bem como, a ESCOLA NORMAL MARIA RUTH JUNQUEIRA, destinada ao atendimento dos alunos do ensino fundamental correspondente ao segundo grau e, O CONSERVATÓRIO DE MUSICA JOÃO GHIGNONE – sendo que essas entidades educacionais se encontravam ligadas à ALDEIA E LAR ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DE PARANAÍ, cujos rendimentos eram destinados às instituições filantrópicas, bem como, atendiam igualmente os menores acolhidos no LAR ESCOLA E NA ALDEIA ESCOLA DE PARANAÍ;

SINVAL REIS, participou e contribuiu ativamente para a criação do GINÁSIO ESTADUAL DE PARANAÍ, posteriormente, COLÉGIO ESTADUAL DE PARANAÍ e, da FACULDADE DE FILOSOFIA

CIÊNCIAS E LETRAS DE PARANAÍ, atualmente, FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE PARANAÍ;

Em homenagem às obras filantrópicas e outras realizadas em Paranaí, a comunidade local, através da Câmara Municipal, outorgou-lhe o título Pós-Mortem de CIDADÃO HONORÁRIO DE PARANAÍ, recebido pela sua esposa em nome da família REIS, bem como, conferiu o nome SINVAL REIS à principal praça da cidade de Paranaí, aonde foi erigido um busto em homenagem ao seu benfeitor. Em Janeiro de 1980, foi inaugurado o novo Forum da Comarca de Paranaí, quando então o Tribunal de Justiça do Paraná, homenageou o ex-magistrado e primeiro juiz da Comarca, conferindo à sede do Poder Judiciário local o nome de FORUM DR. SINVAL REIS.

O ideal espírita de Sinval Reis se materializou em suas obras e benfeitorias, bem como, o apoio que sempre conferiu ao movimento espírita na cidade de Paranaí, em face da sua contribuição e apoio à criação e construção dos vários centros existentes nesta cidade. O nome emprestado ao Conservatório de Música do Lar e da Aldeia – João Ghignone – então Presidente da Federação Espírita do Paraná, era o testemunho vivo da homenagem que o benfeitor prestava à causa Espírita no Paraná e, ao grande e inesquecível presidente do movimento espírita no Estado do Paraná.

SINVAL REIS faleceu na cidade de Paranavaí no dia 17 de setembro de 1963, aonde se encontra sepultado em seu Cemitério Municipal – as flores que freqüentemente se encontram em seu túmulo é o testemunho do carinho e respeito que a população – especialmente a mais humilde – ainda nutre pelo seu benfeitor.

Silvino Canuto Abreu

Silvino Canuto Abreu nasceu em Taubaté, Estado de São Paulo, no dia 19 de janeiro de 1892. Formou-se em Farmácia aos 17 anos de idade, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual também concluiu, em 1923, o curso de Medicina. Bacharelou-se, ainda, em Direito da Universidade do Rio de Janeiro.

Dr. Canuto logo cedo acostumou-se aos fenômenos mediúnicos, encarando-os como fatos normais em sua vida já que, segundo ele, toda a família era constituída de médiuns. Entretanto, foi levado definitivamente ao Espiritismo pelos fenômenos provocados, em sua própria casa, pelo espírito Afonso Moreira, com o concurso da médium Maria Leopoldina Barros, conhecida como Mariquita. Afonso Moreira fora antigo amigo de seu pai e manifestava-se assobiando, conversando baixinho (fenômeno de voz direta), provocada batidas nas portas e janelas, além de aumentar ou diminuir a luz do lampião de gás de xisto betuminoso, comum nas

casas daquela época. Tais fenômenos duram aproximadamente cinco meses, após o que o Espírito Afonso Moreira despediu-se, informando que ia ser levado para um lugar que desconhecia. Entretanto, ainda uma vez manifestou-se, abrindo a porteira do curral e libertando o gado que lá estava, em virtude de ter ficado bastante zangado com a irmã do Dr. Canuto que, ouvindo-o bater na porta não a abriu, embora sabendo que se trata dele.

Dr. Canuto Abreu possuía vasta cultura e sua biblioteca, especializada em metapsíquica, parapsicologia e assuntos correlatos, composta por mais de 10.000 volumes, é o atestado veemente da sua cultura.

Na esfera teológica, empreendeu entre outros trabalhos, a versão direta dos Evangelhos gregos, tomando por base o mais antigo manuscrito do Novo Testamento. Pesquisou nas bibliotecas do Museu Britânico, do Vaticano e na Biblioteca Nacional de Paris. Profundo conhecedor do Espiritismo no Brasil e no mundo, escreveu, quando ainda circulava a revista "Metapsíquica", vários artigos abordando fatos ocorridos no Brasil, detendo-se com profundidade de detalhes na atuação do Dr. Bezerra de Menezes.

Em 1957, quando da comemoração do primeiro centenário de "O Livro dos Espíritos", o Dr. Canuto Abreu fez publicar, em edição bilíngüe, referida obra, tal qual foi lançada pelo Codificador. O

Espiritismo muito lhe deve pelo muito que fez em favor da divulgação dos seus postulados e pelo incomparável esforço em favor das pesquisas que formam sua parte histórica. Dr. Silvino Canuto Abreu desencarnou na cidade de São Paulo, no dia 2 de maio de 1980.

“Seu desencarne representa uma lacuna nas fileiras do Espiritismo, difícil de ser preenchida, a não ser com a profunda saudade que ele deixou no coração de seus familiares e amigos”.

Anuário Espírita 1981. Folha Espírita – Julho de 1980

Dr. Hernani Guimarães

Nascido em Taubaté, Estado de São Paulo, no dia 19 de Janeiro de 1892 e desencarnado em São Paulo, no dia 2 e maio de 1980.

Formou-se em Farmácia aos 17 anos de idade, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual também concluiu, em 1923, o curso de Medicina. Bacharelou-se em Direito pela antiga Escola de Ciências Jurídicas e Sociais, depois Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, no ano de 1916.

No campo jurídico, começou a advogar aos 22 anos de idade, no contencioso do Banco Hipotecário do Brasil e da “Caisse Commerciale et Industrielle de Paris”. Especializou-se em Direito Comercial, Assuntos Bancários e Econômicos, trabalhando no Banco do Brasil e outros até 1932. Desempenhou vários encargos particulares do Governo Federal. Esteve no Extremo Oriente cerca de um ano, estudando in loco assuntos pertinentes à imigração oriental para o Brasil. Foi autor do projeto do Banco do Brasil “Comissão do Açúcar”, mais tarde transformada no “Instituto do Açúcar”.

No campo da Medicina, cuja ciência sempre estudou e amou, escreveu inúmeros artigos publicados entre 1925 e 1930, emitindo idéias com referência à Medicina Social. Foi fundador e presidente da Associação Paulista de Homeopatia. Como clínico, jamais aceitou qualquer retribuição direta ou indireta de seus serviços médicos.

Foi membro de várias entidades assistenciais e vicentinas, dedicou-se com afinco ao trabalho em prol da criança abandonada. Fundou no Rio de Janeiro, com outros beneméritos, alguns orfanatos. Tornou-se colaborador a partir de 1934, quando passou a residir em São Paulo, da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, uma das mais antigas instituições de assistência à infância em nosso Estado (fundada em 1901 por Anália Franco). Juntamente com a Diretoria Geral, Cleo Duarte, empreendeu reformas e construções

importantes, fazendo dos internatos, Anália Franco para meninos e Eleonora Cintra para meninas, dois estabelecimentos únicos com capacidade para mais de 300 crianças

Na vida econômica se fez por si. Foi sempre progressista, orientado pelo idealismo de bem servir à coletividade. Em São Paulo, associou-se a José Baptista Duarte, nas Indústrias J.B. Duarte, sendo seu presidente.

Na esfera teológica, empolgado desde os 18 anos pelos estudos bíblicos, empreendeu entre outros trabalhos, a versão direta dos Evangelhos gregos, tomando por base o mais antigo manuscrito do Novo Testamento, até a época. Pesquisou nas Bibliotecas do Museu Britânico, Biblioteca do Vaticano, Biblioteca Nacional de Paris. Profundo conhecedor da História do Espiritismo no Brasil e no mundo, escreveu, em 1936, quando ainda circulava a revista “Metapsíquica”, órgão da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, vários artigos abordando fatos ocorridos no Brasil até o ano de 1895, detendo-se com profundidade de detalhes na atuação do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes à frente do movimento espírita em nosso país. Estes artigos foram publicados, em 1950, em forma de opúsculo, por ocasião da realização do 2.º Congresso Espírita do Estado de São Paulo.

As “Edições FEESP” lançaram estes escritos em forma de livro, em agosto de 1981, quando se comemorou o sesquicentenário de nascimento do Dr. Bezerra de Menezes.

No ano de 1953, deu início, pelas colunas do jornal "Unificação", órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, à publicação de uma série de artigos sob o título “O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária”, o que fez até junho de 1954. Estes artigos, de suma importância, deveriam ser publicados em livro, o qual não chegou a sair a lume. Em abril de 1957, no evento das comemorações do I Centenário de lançamento de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, o Dr. Canuto Abreu, que fazia parte da comissão organizadora das festividades do centenário, fez publicar, em edição bilíngüe, nos idiomas francês e português, o “Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec”, reproduzido o famoso na forma em que foi lançado pelo Codificador, no dia 18 de abril de 1857, traduzindo-o também para o vernáculo. Como se sabe, aquela obra básica do Espiritismo foi sensivelmente refundida pelo próprio autor, quando da publicação da sua Segunda edição, em 18 de março de 1860, a qual se tornou definitiva.

O Dr. Canuto foi Diretor Geral da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, entidade que posteriormente se fundiu na Federação Espírita do Estado de São Paulo. Foi expositor da Primeira Turma da Escola

de Aprendizes do Evangelho, da mesma Federação, tendo tomado parte na elaboração de alguns dos livros usados naqueles cursos.

Ao longo de sua vida laboriosa e de suas numerosas viagens ao Exterior conseguiu amearhar livros e documentos raros, formando imensa biblioteca. Durante a II Grande Guerra Mundial, quando os exércitos alemães invadiram a França, tornou-se depositário de alguns documentos históricos que estavam em poder da sociedade que dirigia os destinos do Espiritismo naquela importante nação européia.

O Dr. Canuto passou seus últimos anos de vida entre seus livros e documentos, sempre ativo e interessado em tudo. O Espiritismo muito lhe deve, pelo muito que fez em favor da divulgação dos seus postulados e pelo incomparável esforço em favor das pesquisas que formam parte da doutrina, no Brasil e no mundo.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Sócrates

Seu nome em grego é Sócrates. Sua cidade natal foi Atenas, no ano de 469 a . C., tendo nascido filho de um escultor, de nome Sofronisco e de uma parteira, Fenarete.

Fisicamente, era considerado feio, com seu nariz achatado, olhos esbugalhados, uma calva enorme, rosto pequeno, estômago saliente e uma longa barba crespa. Casou-se com Xantipa e teve três filhos mas dizem que trabalhava apenas o necessário para que a família não viesse a perecer à fome.

Tendo sido proclamado pelo oráculo de Delfos, como o mais sábio dos homens, Sócrates passou a se incumbir de converter os seus concidadãos à sabedoria e à virtude. Considerava-se protegido por um "daimon" , gênio, demônio, espírito, cuja voz, afirmava, desde a infância, o aconselhava a se afastar do mal.

Não tinha propriamente uma escola, mas um círculo de familiares, discípulos com os quais se encontrava, de preferência , no ginásio do Liceu. Em verdade, onde quer que se encontrasse, na casa de amigos, no ginásio, na praça pública, interrogava os seus interlocutores a respeito das coisas que, por hipótese, deveriam saber, fossem eles um adolescente, um escravo, um futuro político, um militar, uma cortesã ou sofistas.

Desta forma, conclue que eles não sabem o que julgam saber e, o que é mais grave, não sabem que não sabem. Por sua vez, ele, Sócrates, não sabe mas sabe que não sabe. Era considerado um homem corajoso e de muita resistência física. Todos se recordavam de como ele, sozinho, enfrentara a histeria coletiva que se seguira à batalha naval de Arginusas, quando dez generais foram condenados à morte por não terem salvo soldados que estavam a se afogar.

Ele ensinava que a boa conduta era aquela controlada pelo espírito e que as virtudes consistiam na predominância da razão sobre os sentimentos. Introduziu a idéia de definir os termos, pois, "antes de se começar a falar, era preciso saber sobre o que é que se estava falando."

Para Sócrates, a virtude supõe o conhecimento racional do bem. Para fazer o bem, basta, portanto, conhecê-lo. Todos os homens procuram a felicidade, quer dizer, o bem, e o vício não passa de ignorância, pois ninguém pode fazer o mal voluntariamente.

Foi denunciado como subversivo , por não acreditar nos deuses da cidade, e também corruptor da mocidade. Não se sabe exatamente o que os seus acusadores pretendiam dizer, mas o certo é que os moços o amavam e o seguiam. O convite a pensar por si mesmos atraía os jovens e talvez fosse isso que temessem pais e políticos. Ocorreu também que um dos seus discípulos, de nome Alcibíades,

durante a guerra com Esparta tinha se passado para o lado do inimigo. Embora a culpa não fosse de Sócrates, pois a decisão fora pessoal, Atenas buscava culpados.

Foi julgado por um tribunal popular de 501 cidadãos e condenado à morte. Poderia ter recorrido da sentença e, com certeza, receber uma pena mais branda. Entretanto, racional como era, afirmou aos discípulos que o visitaram na prisão:

"Uma das coisas em que acredito é no reinado da lei. Bom cidadão, como eu tantas vezes vos tenho dito, é aquele que obedece às leis de sua cidade. As leis de Atenas condenaram-me à morte, e a inferência lógica é que, como bom cidadão, eu deva morrer."

É Platão quem descreve a morte do seu mestre, no diálogo Fédon. Sócrates passou esta noite a discutir filosofia com seus jovens amigos. O tema, "Haverá uma outra vida depois da morte?"

Embora fosse morrer em poucas horas, discutiu sem paixão sobre as probabilidades de uma vida futura, ouvindo mesmo as objeções dos discípulos que eram contrários à sua própria opinião. Quando o carcereiro lhe apresentou a taça de veneno, em tom calmo e prático, Sócrates lhe disse: "Agora, você que entende dessas coisas, diga-me o que fazer."

"Beba a cicuta, depois levante-se e passeie até sentir as pernas pesadas, respondeu o carcereiro. Então, deite-se, e o torpor subirá para o coração."

Sócrates a tudo obedeceu. Como os amigos chorassem e soluçassem muito, ele os censurou. Seu último pensamento foi de uma pequena dívida que havia esquecido. Afastou a coberta que lhe haviam colocado sobre o rosto e pediu:

"Crito, devo um galo a Esculápio...Providencie para que a dívida seja paga." Fechou os olhos e cobriu novamente o rosto. Quando Crito tornou a lhe indagar se tinha outras recomendações a fazer, ele não mais respondeu. Havia penetrado o mundo dos espíritos. Era o ano 399 a .C.

Sócrates nada escreveu e sua doutrina somente nos chegou pelos escritos de seu discípulo Platão. Ambos, mestre e discípulo, são considerados precursores da idéia cristã e do espiritismo, tendo o Codificador dedicado as páginas da introdução de O Evangelho segundo o Espiritismo para esse detalhamento.

O nome de Sócrates se encontra especialmente em Prolegômenos de O livro dos espíritos, logo após o de O espírito da verdade, seguido de Platão. Ainda encontramos seus comentários aos itens

197 e 198 de O livro dos médiuns, no capítulo que trata dos médiuns especiais, demonstrando que o trabalhador verdadeiro não cessa suas atividades, embora a morte do corpo físico e de que, afinal, somos verdadeiramente uma só e única família universal: espíritos e homens , envidando esforços para o atingimento da Perfeição.

Enciclopédia Mirador Internacional, vol. 19; Grandes vidas, grandes obras , Seleções do Reader's Digest, 1968.

Umberto Brussolo

Nascido em Veneza, Itália, no dia 30 de junho de 1877, veio para o Brasil em 1889. Sua desencarnação ocorreu em São Paulo, no dia 8 de setembro de 1938.

Numerosos seareiros espíritas das primeiras horas, embora tivessem desempenhado tarefas relevantes, tiveram seus nomes esquecidos pelos homens, entretanto, é indubitável que nos planos espirituais, as missões que desenvolveram na Terra fossem registradas de forma indelével.

Dentre esses missionários houve um que, durante mais de um quarto de século, desenvolveu em São Paulo, missão de grande

envergadura, fazendo com que seu nome se projetasse e se impusesse ao respeito e à admiração de todos. Ele foi amigo e companheiro de luta de velhos propagadores e eminentes vultos do Espiritismo, dentre outros Caírbar Schutel, Militão Pacheco, Lameira de Andrade, Jacques Motolá e Pedro de Camargo (Vinícius).

Referimo-nos a Umberto Brussolo, um italiano que escolheu o Brasil como sua segunda pátria e que aqui se integrou resolutamente, de corpo e alma, dando o testemunho de sua fé inquebrantável na elevada destinação do nosso país, como Coração do Mundo e Pátria do Evangelho.

Umberto Brussolo casou-se no ano de 1897 com D. Maria Peruchi, tendo dessa união seis filhos. Ele encarava a arte como eficiente meio de divulgação do Espiritismo e, por isso, tornou-se, artista teatral que era, um entusiasta do Teatro Espírita, escrevendo peças, orientando e preparando atores e dirigindo as apresentações. Ele próprio idealizava os cenários, levando avante as várias peças teatrais, projetando seu nome nesse campo de atividade. Muitas sociedades que realizavam festivais de fundo teatral, procuravam Brussolo para que lhes recomendasse o gênero de peça mais adequado para a finalidade.

Não satisfeito em militar nesse campo, também contribuiu para melhor divulgação da imprensa espírita, principalmente através da

difusão de "O Clarim" e da "Revista Internacional de Espiritismo", ambos fundados por Caírbar Schutel. Nesses órgãos, além de ensaiar a publicação de vários artigos doutrinários, promovia também a divulgação dos mesmos, levando-os a numerosos lares da Capital paulista, os quais, devido à sua insistência e idealismo, passavam a interessar-se pela Doutrina dos Espíritos. Através do seu esforço inaudito, grande número de pessoas passou a frequentar Centros e Sociedades Espíritas.

Sua iniciação no Espiritismo remonta ao ano de 1910, quando iniciou os estudos de várias obras doutrinárias existentes na época. A fim de poder dedicar-se com mais eficiência à divulgação do Espiritismo e à sua própria família, abandonou a carreira de artista teatral.

Em 1917 fundou o "Centro Espírita Luz e Caridade", instituição essa que existe até os dias presentes, sendo sucessivamente dirigida pelos seus descendentes. Trabalhou e lutou bastante, foi na realidade um grande e dedicado servidor da Terceira Revelação, numa época quando ela era bastante incompreendida e vista por muitos com grande reserva.

Como representante dos órgãos espíritas de Matão, enchia sua pasta de jornais, revistas e livros doutrinários e percorria os bairros

da Capital paulista e cidades circunvizinhas, fazendo persistente campanha de difusão da doutrina reencarnacionista.

Como dramaturgo, escreveu diversas peças de fundo nitidamente espírita, muitas delas levadas à cena para fins beneficentes. Ele mesmo preparava os personagens das peças. Destacaram-se, dentre outros, os seguintes dramas: "Ressurgir de uma Alma", "Os Mortos Falam", "Maria das Dores" e "Quinze Minutos de Prece". Uma quantidade apreciável de peças de sua autoria foi encenada em S. Paulo e Moji das Cruzes.

Diligente, honesto e espírito dedicado, Umberto Brussolo conseguiu formar vasto círculo de amizade sincera e de admiradores de sua obra. Possuindo notável capacidade de comunicação, tornou-se amigo de todos e a sua presença era requisitada em muitos Centros Espíritas, onde tinha a oportunidade de difundir o Espiritismo, fazendo conferências e sobretudo incentivando a arte, através de um sadio Teatro Espírita.

Urbano de Assis Xavier

Nascido na cidade de Esplanada, Estado da Bahia, aos 28 de agosto de 1912, e desencarnado na cidade de Marília Estado de São Paulo, no dia 31 de outubro de 1959.

Urbano de Assis Xavier era filho de Francisco Xavier de Souza e Francisca Assis Xavier.

Formou-se em Odontologia em Salvador, Bahia, vindo para São Paulo em 1934, tendo começado sua vida profissional em Santa Ernestina, pequena cidade da zona araraquarense, situada neste mesmo Estado.

Contraiu matrimônio na própria cidade em que se estabeleceu, no dia 9 de janeiro de 1935, com Dona Albertina Ferreira, natural da mesma. Nessa época o casal era católico praticante; ele era congregado mariano e ela filha de Maria. Logo após o casamento começaram a surgir fatos estranhos em sua própria residência, os quais, mais tarde, quando devidamente analisados, foram comprovados como sendo fenômenos psíquicos.

O desenvolvimento de sua mediunidade foi espontâneo, tendo nessa época deixado a pequena cidade, surpreendendo os seus companheiros de congregação. Tratava-se de mediunidade psicofônica inconsciente, ou seja, dos que não guardam lembrança das comunicações dadas por seu intermédio. Transformava-se o seu semblante de tal maneira ao receber o espírito comunicante, que este era facilmente reconhecido pelas pessoas presentes, sem

necessidade de o espírito declinar seu nome. Muitas vezes se transfigurava a tal ponto que refletia os mínimos traços do espírito comunicante.

Nos últimos anos, teve desenvolvida a mediunidade de voz direta, caindo em transe enquanto os espíritos falavam diretamente com os presentes, vibrando a voz em pleno ar. Muitas pessoas tiveram a oportunidade de palestrar com seus entes queridos através desse maravilhoso fenômeno, em sessões realizadas em Marília.

Possuía, também, em alto grau, a mediunidade curadora, tendo realizado curas espantosas, como foram atestadas por muitas pessoas. Ele seguia com rigor as recomendações de Jesus Cristo, no sentido de “dar de graça o que de graça se recebe”, por isso estava sempre pronto para atender aos necessitados, mesmo que isso fosse em sacrifício dos seus interesses pessoais ou profissionais.

Urbano de Assis Xavier foi discípulo de Caírbar Schutel – o apóstolo de Matão. Recebeu desse seareiro bastante auxílio e incentivos para prosseguir na nova fase de sua vida. Tanto ele como sua esposa Dona Albertina tornaram-se espíritas devido à intensidade e autenticidade dos fenômenos produzidos, e, dali por diante jamais se afastaram dos princípios contidos na Codificação Kardequiana.

Era portador de vários ramos mediúnicos, notadamente: audição, psicografia, psicofonia, cura, voz direta e materialização. Por seu intermédio vários espíritos de médicos se comunicavam e faziam trabalhos de cura, de relevante importância.

Foi também conhecido como abalizado conferencista espírita, tendo proferido palestra em várias instituições doutrinárias.

Vítima de um derrame cerebral, ficou durante três anos parcialmente imobilizado, porém soube suportar com resignação e estoicismo essa enfermidade, o que fez até o dia 31 de outubro de 1959, quando desencarnou.

Urbano de Assis foi, pois, um dos grandes valores do Espiritismo. Foi pai extremoso, esposo exemplar, um homem dotado de elevado senso de responsabilidade e de moral inatacável. Seus filhos foram: Edna, Célia, Sóstenes, Guttemberg, Alcione, Demóstenes e Walter.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

Valentim Lorenzetti

Valentim Lorenzetti, (1938 - 1990), O fundador da LVBA Comunicação é, até os dias de hoje, uma referência quando o assunto é integridade e ética. Foi um homem que se destacou não somente como profissional mas, sobretudo, como ser humano.

Filho de imigrantes italianos, passou a infância e a adolescência no interior do estado de São Paulo. Nasceu e viveu, até concluir o primeiro grau, em Ribeirão Bonito. Foi para Araraquara a fim de concluir seus estudos e cursar o segundo grau.

Aos 18 anos veio para São Paulo em busca de um sonho: estudar Medicina. E, para isso, era preciso ter recursos, pois se tratava de um curso caro. Como sempre se destacou no estudo da língua portuguesa, assim que chegou em São Paulo, em 1957, conseguiu o emprego como revisor no jornal Folha de S. Paulo.

Logo nesta época, percebeu que sua real vocação era o Jornalismo. Só saiu da Folha de S. Paulo em 1968 quando respondia, há praticamente dois anos, pela Chefia de Reportagem.

Era apaixonado pelo Jornalismo e muito crítico com relação à postura - muitas vezes fria - da maior parte dos colegas. Tinha um carinho especial pelas histórias humanas. Adorava os personagens que entravam na redação durante os plantões de finais de semana

para contar histórias, chorar ou, simplesmente, compartilhar alegrias.

Abrir mão do Jornalismo, só mesmo por um novo desafio. E foi assim que Valentim saiu da Folha de São Paulo e foi conhecer uma nova profissão. Em 1968, aceitou o convite para fazer parte do departamento de Relações Públicas da J. Walter Thompson, com o cargo de assistente de redação. Da JWT desligou-se em 1976, quando então respondia pela direção do departamento de Relações Públicas, para fundar sua própria empresa - a LVBA Comunicação e Propaganda Ltda.

O Jornalismo ele nunca abandonou e, contrário à maioria de seus amigos, sua aposentadoria seria na máquina de escrever. Para que isso fosse possível ele sabia era necessário profissionalizar a gestão da LVBA.

Contrariando o que o mercado praticava naquele momento, em 1986, durante as comemorações dos dez anos da LVBA, Valentim anunciou a criação do cargo de Diretor Executivo e nomeou Flavio Valsani, profissional que estava na LVBA já há nove anos. Desta forma, Valentim delegou a Flavio a função de principal executivo para que ele, com o tempo, pudesse se dedicar mais à consultoria e à redação.

Mais tarde, em 1990, satisfeito com o rumo da profissionalização que conduziu, novamente inovou. Em reconhecimento à dedicação e ao empenho de Flavio Valsani e de João Aliotti, Diretor Administrativo-Financeiro desde o nascimento da LVBA, transformou-os em seus sócios. Os laços de Valentim com o Jornalismo sempre foram muito fortes. Manteve, de 1970 a 1984, uma coluna sobre Espiritismo no jornal Folha da Tarde.

Ser espírita, naquela época, era muito diferente do que é hoje. Havia muita confusão sobre o que é espiritismo e o que são as outras religiões, muitas vezes fruto do sincretismo religioso. Além disso havia um certo preconceito em se assumir publicamente como praticante dessa religião.

Valentim nunca se preocupou com isso. Muito pelo contrário. Além de pregar a liberdade de credo e de expressão, acreditava que tinha a obrigação de usar seu talento na difusão dos verdadeiros conceitos sobre o espiritismo. Em 1982, fez uma coletânea das crônicas publicadas até aquele ano e editou o livro Caminhos de Libertação.

Ainda no campo pessoal, foi um iniciadores do CVV - Centro de Valorização da Vida, entidade que trabalha na prevenção do

suicídio e foi, durante muitos anos, responsável pela difusão e comunicação desta entidade.

Além da LVBA, da religião, do CVV, da Clínica Psiquiátrica mantida pelo CVV em São José dos Campos, ele sempre trabalhou ativamente em entidades da área de Comunicação. Foi da diretoria do CONRERP (Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas) e da APP (na época, Associação Paulista de Propaganda). Seu último cargo foi como presidente do CONFERP - Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas.

Na área de Relações Públicas, certamente uma das mais importantes ações do Valentim foi a criação e fundação da ABERP - Associação Brasileira das Empresas de Relações Públicas, em 1983. Trata-se do maior avanço pelo qual passou o mercado de empresarial de Relações Públicas no país, já que a entidade foi responsável pela definição de parâmetros que permitiram que a boa conduta profissional deixasse de ser um atributo subjetivo.

Esta iniciativa foi reconhecida pelo mercado e, em dezembro de 1983, ele recebeu, do Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas de São Paulo, o Prêmio Opinião Pública, na categoria Prêmio Especial - categoria especialmente instituída para homenageá-lo pela criação da ABERP. Em 1990, vítima de câncer, Valentim Lorenzetti morreu. Não sem antes registrar a sua visão,

inovadora e ousada. Em 1989 , enviou a toda a equipe da LVBA um memorando que se tornou uma das principais marcas da empresa:

"Se todos os sonhos se transformarem em realidade é sinal que você parou de crescer. Que haja sempre lugar para um sonho a mais em seu coração. Obrigado pelos sonhos que movem a LVBA" - Valentim Lorenzetti

Vicente de Paulo

A aldeia se situa no sul da França, quase na divisa com a Espanha. Chama-se Pouy, e a família leva o sobrenome De Paulo. Vicente é o terceiro entre os seis filhos do casal João de Paulo e Bertranda de Moras. O ano é 1581.

A família possui terras e um rebanho de vacas, ovelhas e porcos. Vicente é encarregado de levar o rebanho a pastar e, seu olhar se perde na contemplação da natureza. Cedo, nele se manifestam a inteligência aguda, o olhar observador, o espírito vivo, o coração generoso e sincera devoção a Maria, o que motiva que os pais o encaminhem aos estudos eclesiásticos, ordenando-se sacerdote aos 19 anos.

Para poder freqüentar os estudos, o jovem estudante dá aulas particulares aos filhos de um juiz em Pouy, o sr. Commet, pois que seu pai não tem condições para ajudá-lo. Mais tarde, em Tolosa, leciona aos filhos de algumas famílias da nobreza, a fim de manter os seus estudos de Teologia e a estadia, merecendo o título de bacharel, pela Universidade, no ano de 1604.

No ano 1610, a rainha Margarida, ex-esposa do rei Henrique IV, admite Vicente entre seus esmoleres, ou seja, encarrega-o de distribuir as esmolas. Afetuoso, visita os doentes, abranda as desavenças, dissipa as dúvidas, instrui na fé os empregados e a todos presta incontáveis serviços.

Contudo, Vicente vive no mundo dos grandes e dos ricos. Esmoler da rainha Margarida e protegido da senhora De Gondi, até o dia que opta por se dedicar à instrução e ao serviço dos camponeses, sendo-lhe designada a paróquia de Châtillon, uma das mais problemáticas e desleixadas da região.

Num domingo, ele recebe as notícias de uma família miserável que está a morrer. Estão todos doentes. Instados pelo seu sermão, os paroquianos se dirigem à casa da família e prestam auxílio. O cérebro de Vicente fervilha: "Eis aqui uma grande caridade," pensa, "mas está mal organizada."

Idealiza, portanto, a criação de uma Associação, e, no dia 20 de agosto de 1617, com sua iniciativa nasce uma associação de mulheres, com o objetivo de visitar, alimentar e prestar aos enfermos todos os cuidados indispensáveis: a Confraria da Caridade. As pessoas que a compõem chamam-se Servas dos Pobres ou Damas da Caridade. Em 1620, Vicente institui a Caridade dos Homens. As mulheres se dedicam aos doentes, os homens devem se dedicar aos velhos, viúvas, órfãos, prisioneiros.

Homem de visão, Vicente de Paulo orienta as Confrarias , incentivando a organização de cooperativas agrícolas, ensinando novos métodos de cultivo da terra, implantando, nas cidades, pequenas manufaturas para produzirem objetos de uso na região e, finalmente, criando centros de aprendizagem onde as crianças indigentes possam receber educação cristã e aprender uma profissão, a fim de tirá-las à miséria.

Tendo estabelecido diretrizes à assistência aos camponeses, um novo campo se lhe abre. Ele é convidado a trabalhar junto aos condenados às galés. São criminosos e delinqüentes, que vivem amontoados em calabouços infectos, acorrentados pelo pescoço e pelos pés, cheios de vermes, revolta e desesperança.

Como poderia Vicente lhes falar das coisas espirituais? Necessário é lhes melhorar as condições, pois apodrecem vivos. O alimento é pão preto, a água é semipoluída e os golpes de chicote são constantes. Interfere Vicente junto ao general das galeras, Manuel de Gondi e consegue realizar sensíveis mudanças. Oferece-lhes cuidados corporais, distribui alimento entre eles, consola-os, fala-lhes de Cristo e do Evangelho, chama-os de "meus filhinhos".

Vicente ama. Por isso, mostra-se incansável na descoberta das misérias humanas de ordem material e espiritual, estendendo socorro pessoalmente e ou enviando as Damas da Caridade a hospitais, prisões, asilos, escolas, às ruas. Amigo de Francisco de Sales, bispo de Genebra (Suíça), decide fundar uma Companhia que tenha por herança os pobres e que se dê inteiramente aos pobres, o que se concretiza em 1625.

Vicente é mestre na arte de conquistar corações. Consegue apoio de muitos nobres e ricos para atender os seus pobres. Tem amigos como a rainha Ana da Áustria que lhe manda ajuda material durante o longo período da guerra, que assolou a França, sustenta a obra das crianças expostas (abandonadas) ; Maria, duquesa de Aiguillon, que o auxilia em todas as suas obras caritativas; o rei Luís XIII, que visita e assiste os doentes, apoia e incentiva com bens materiais inúmeras obras vicentinas; Luísa de Marillac, que se torna

excepcional trabalhadora, visitando e coordenando as diversas Confrarias da Caridade espalhadas ao redor de Paris.

Desde os 35 anos de idade, Vicente conhece o trabalho da doença em sua própria carne. As pernas e pés incham. Chegará um tempo, 1645, em que já sente dificuldade para se manter a cavalo, para a realização das suas viagens.

Aos 74 anos necessita ficar encerrado por longos dias em seu quarto, enquanto a febre se instala em seu corpo. Com dificuldade e o auxílio de uma bengala, consegue dar alguns passos. Contudo, dotado de indomável energia, ele profere palestra, todas as manhãs aos seus discípulos, demonstrando serenidade e lucidez, apesar das dores atrozes que o atormentam.

Diante da morte iminente, brinca: "Em breve enterrarão o miserável corpo deste velho, e se transformará em cinzas e o pisarão com os pés."

Então, em 27 de setembro de 1660, antes que o sol se levante, sentado numa poltrona, perto do fogo, Vicente desencarna. Era um pouco antes das cinco horas da manhã, hora em que habitualmente Vicente se punha em oração. Os pobres, mais do que ninguém, lastimam a morte do seu benfeitor e amigo, seu pai.

Referindo-se a ele, o espírito de Francisco de Paula Vítor, pela psicografia de Raul Teixeira, escreve: "Verdadeira luz a brilhar, no seio do séc. XVII, seus exemplos de dedicação e fidelidade ao Mestre Jesus contagiam inumeráveis corações que, depois dele, investem tempo e vida aos serviços portentosos em prol da instalação do reino dos céus na Terra."

E esta figura ímpar, se faz presente como um colaborador do Consolador Prometido, assinando as respostas às questões de número 888, 888 a em O livro dos espíritos, onde igualmente assina, junto com outros espíritos eminentes, Prolegômenos; nas mensagens de nº XX e XXVI do cap. XXXI de O Livro dos Médiuns e o item 12 , do cap. XIII de O evangelho segundo o espiritismo. Nesta mensagem, especialmente, é que derrama o perfume do seu coração, externando: "A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora de salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador (...)"

Luiz Miguel Duarte. Vicente de Paulo, servidor dos pobres. Ed. Paulinas.

Victor Ribas Carneiro

Guararema, Município de Castro, viu nascer Victor Ribas Carneiro, no dia 14 de maio de 1915, filho do casal João Brasileiro Carneiro e Maria de Jesus Carneiro. Os seus primeiros passos profissionais já indicavam sua vinculação com a palavra educativa. Em 1931 foi nomeado professor de escola isolada de sua terra natal, cargo que exerceu por mais de dez anos consecutivos.

Em 1949 concluiu o curso secundário no ginásio Regente Feijó, da cidade de Ponta Grossa, PR, na qual, desde 1944, vinha trabalhando como auxiliar de engenheiro do quadro do funcionalismo público estadual. Nesta cidade, fundou o jornal espírita "Voz da Espiritualidade", que circulou por cerca de cinco anos.

Em 1950, em decorrência do emprego que exercia, foi transferido para Curitiba, Capital do Estado, ocasião em que aproveitou para matricular-se no Curso Técnico de Contabilidade, concluindo-o em 1953. De 1954 a 1957, exerceu a função de redator do matutino "O Dia", deixando, neste ano, o jornal para ingressar na Faculdade de Direito de Curitiba, onde concluiu o curso em 1962. Dois anos após, isto é, em 1964, foi nomeado Procurador do Estado.

Em 1966, aposentou-se por haver completado o tempo de serviço regularmente, e, logo em seguida, dinâmico como sempre e sem perder o rumo da sua vinculação com a palavra educativa, cursou o magistério, registrando-se no Ministério da Educação e Cultura e

passando a ministrar aulas no reconhecido Colégio Novo Ateneu, o que se deu por cerca de um ano, vindo a afastar-se da função por motivo de saúde.

Exerceu a direção do jornal "Mundo Espírita" um dos mais tradicionais periódicos do movimento espírita brasileiro por mais de 12 anos consecutivos, mantendo estreita relação com as atividades gerais da Federação Espírita do Paraná, através da qual publicou três livros: ABC do Espiritismo, já com 5 edições, o Espiritismo em Páginas Simples e Mensagens Versificadas. A propósito, em Mensagens Versificadas o autor relata as peripécias de sua transição do Catolicismo ao Protestantismo e, depois, para o Espiritismo.

Colaborou assiduamente, ainda, como articulista, em diversos jornais do País. Publicou também, alguns opúsculos espíritas, como o Espiritismo e Mediunismo. Como a querer demarcar o seu compromisso com a fidelidade doutrinária, Victor desencarnou no dia 18 de abril de 1991, data maior do Espiritismo.

William Crookes

William Crookes nasceu em Londres, Inglaterra, no dia 17 de junho de 1832. Foi o maior químico da Inglaterra, segundo afirmativa de

“Sir” Arthur Conan Doyle, o que ficou constatado pela trajetória gloriosa que esse ilustre homem de ciência desenvolveu no campo científico. Mencionado como sendo um dos mais persistentes e corajosos pesquisadores dos fenômenos supranormais, desenvolveu importante trabalho na área da fenomenologia espírita.

No ano de 1855, Willian Crookes assumiu a cadeira de química na Universidade de Chester. Como consequência de prolongados estudos, no ano de 1861 descobriu os raios catódicos e isolou o Tálcio, determinando rigorosamente suas propriedades físicas. Após persistentes estudos em torno do espectro solar, descobriu, em 1872, a aparente ação repulsiva dos raios luminosos, o que o levou à construção do Radiômetro, em 1874. No ano seguinte descobriu um novo tratamento para o ouro. No entanto, a coroação do seu trabalho científico foi a descoberta do quarto estado da matéria, o estado radiante, no ano de 1879. Foram-lhe outorgadas várias medalhas pelas relevantes descobertas no campo da física e da química.

A rainha Vitória, da Inglaterra, nomeou-o com o mais alto título daquele país: “Cavalheiro”. A par de todas as atividades, ocupou a presidência da Sociedade de Química, da Sociedade Britânica, da Sociedade de Investigações Psíquicas e do Instituto de Engenheiros Eletricistas.

Dotado de invejável fibra de investigador, acabou por pesquisar os fenômenos mediúnicos, a princípio, com o fim de demonstrar o erro em que incidiam os ditos “médiuns” e todos aqueles que acreditavam piamente em suas mediunidades.

Em 1869, os médiuns J.J.Morse e Sra. Marshall serviram de instrumento para que Crookes realizasse as suas primeiras investigações. As mais notáveis experiências mediúnicas, levadas a efeito por esse ilustre cientista, foram realizadas através da médium Florence Cook, quando obteve as materializações do Espírito que dava o nome de Katie King, fato que abalou o mundo científico da época.

A jovem Florence Cook tinha apenas 15 anos de idade quando se apresentou a Sir Willian Crookes, a fim de servir de medianeira para as pesquisas científicas que vinha realizando. São dela as seguintes palavras: “Fui à casa do Senhor Crookes, sem prevenir a meus pais e nem a meus amigos. Ofereci-me em sacrifício voluntário sobre o altar de sua incredulidade.” Ela pediu a proteção da Sra. Crookes e submeteu-se a toda sorte de experimentações, objetivando comprovar a sua mediunidade, pois que um cavalheiro, de nome Volckmann, havia lhe imputado suspeitas de fraude.

No dia 22 de abril de 1872, aconteceu, pela primeira vez, a materialização do Espírito Katie King, estando presente na sessão, a genitora, alguns irmãos da médium e a criada.

Após várias sessões, nas quais o Espírito Katie King se manifestava com incrível regularidade, a Srta. Florence afirmou a Willian Crookes que estava decidida a submeter-se a todo o gênero de investigações. Na sua obra “Fatos Espíritas”, faz completo relato de todas as experiências realizadas com o Espírito materializado de Katie King, que não deixa dúvida quanto ao poder extraordinário que possui o Espírito de dar a forma desejada, utilizando a matéria física.

Numerosos cientistas de renome, mesmo diante dos fatos mais convincentes, hesitaram em proclamar a verdade, com receio das conseqüências que isso poderia acarretar aos olhos do povo. Crookes, porém, não agiu assim. Ele penetrou o campo das investigações com o intuito de desmascarar, de encontrar fraudes, entretanto, quando constatou que os casos eram verídicos, insofismáveis, ele rendeu-se à evidência, curvou-se diante da verdade, tornou-se espírita convicto e afirmou: - “Não digo que isto é possível; digo: isto é real!”

Willian Crookes desencarnou em 04 de abril de 1919, em Londres, Inglaterra.

ABC do Espiritismo, de Victor Ribas Carneiro.

William Eller Channing

"Qual a instituição humana, ou mesmo divina, que não encontrou obstáculos a vencer, cismas contra que lutar? Se apenas tivésseis uma existência triste e lânguida, ninguém vos atacaria, sabendo perfeitamente que havíeis de sucumbir de um momento para outro. Mas, como a vossa vitalidade é forte e ativa, como a árvore espírita tem fortes raízes, admitem que ela poderá viver longo tempo e tentam golpeá-la a machado. Que conseguirão esses invejosos? Quando muito, deceparão alguns galhos, que renascerão com seiva nova e serão mais robustos do que nunca."

Assim se expressa, em O Livro dos Médiuns, cap. XXXI, dissertação de nº 7, o espírito Channing, bem traduzindo o que foi em encarnação como pastor nos Estados Unidos. Convocando os espíritas à luta, recordava, com certeza, as próprias que enfrentara a seu tempo, em nome do estabelecimento das verdades espirituais.

Nascido em 7 de abril de 1780, em Newport, ficou conhecido como o "apóstolo do Unitarismo", seita protestante datada do século XVI,

que negava o dogma da trindade divina, reconhecendo Deus como Uno.

Organizou, nos Estados Unidos, a tentativa para a eliminação da escravidão, a embriaguez, a indigência e a guerra. Tendo estudado Teologia em Newport e Harvard, tornou-se a curto prazo um pregador de sucesso, em várias Igrejas na área da cidade de Boston. Em Boston, foi Ministro da Federal Street Church no largo período de 39 anos.

Preferindo evitar pontos complexos da Doutrina, ele pregava a moralidade, a caridade e a responsabilidade cristã. Na qualidade de pregador, alcançava grandes audiências e como escritor colocou várias defesas da sua posição, descrevendo a sua luta como "um sistema racional e amável contra o não entendimento dos homens da caridade ou piedade".

Chegou a ser simpatizante da crença do Movimento de Reforma Social e Educacional, mas não acreditava que a sociedade pudesse ser melhorada por ações coletivas. Recusava a idéia de que o governo poderia ajudar no avanço da moral e sensibilidade da raça humana, acreditando que o governo pudesse somente intervir nas questões essenciais para manter a ordem pública.

Sua obra escrita (ensaios e revisões), cuja maioria foi destruída pelo fogo, foi classificada por um seu contemporâneo como um "Tratado da Doutrina Cristã", enquanto o biógrafo de Napoleão I, Sir Walter Scott teve oportunidade de o cognominar de grande agitador social.

Comparecendo ao palco da Codificação e tendo inseridas em O Livro dos Médiuns três mensagens de sua lavra no capítulo 31, além de uma contribuição valiosa, discorrendo a respeito da ubiqüidade, no capítulo 25, pergunta de número 30 do item 282, convida o homem a escutar a voz interior, do seu anjo guardião, assim se expressando: "Nem todos sabem agir de acordo com os conselhos da razão, não dessa razão que antes se arrasta e rasteja do que caminha, dessa razão que se perde no emaranhado dos interesses materiais e grosseiros, mas dessa razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta a regiões desconhecidas, chama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que exalça o filósofo, arroubo que arrebatava os indivíduos e povos, razão que o vulgo não pode compreender, porém que ergue o homem e o aproxima de Deus, mais que nenhuma outra criatura, entendimento que o conduz do conhecido ao desconhecido e lhe faz executar as coisas mais sublimes."

Channing desencarnou em Bennington, Estados Unidos, em 2 de outubro de 1842. Seis anos depois, o grande Movimento que redundaria no posterior surgimento da Doutrina Espírita,

despertaria os homens para o estudo mais aprofundado do Mundo Invisível.

William Fletcher Barret

Nasce em 10/02/1845 (1926), na ilha da Jamaica, Sir William Fletcher Barret.

Físico estudioso dos fenômenos psíquicos, foi presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres. Professor de Física do "Royal College of Science for Dublin" e fundador da "Society for Psychical Researches", de Londres.

No seu livro "Nos Umbrais do Invisível" declarou:

"Estou absolutamente convencido de que a ciência psíquica provou experimentalmente a existência de uma entidade transcendental e imaterial do homem: a alma."

Sir William Barret estudou os fenômenos espíritos por longos anos, afirmando que as conclusões a que chegou não foram frutos de um exame rápido e superficial e sim de um estudo realizado durante quarenta anos

ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

William James

Reitor da Universidade de Harvard e filósofo mundialmente conhecido, nasceu a 11 de janeiro de 1842 em New York e faleceu a 26 de agosto de 1910 em Chocorua.

Colou grau de doutor em medicina na Lawrence Scientific School, em Harvard. Acompanhou Agassiz em sua expedição ao Amazonas, seguindo logo depois para a Alemanha, a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos médicos. Sua primeira grande obra data de 1890: Princípios de Psicologia. Em 1898, na Universidade da Califórnia, formulou a teoria do pragmatismo.

Suas obras principais são:"Imortalidade Humana", "As variedades de Experiência Religiosa", "Universo Pluralístico", " O Significado da Verdade", "Ensaio sobre o Empirismo Radical".

Publicou ainda a obra "Etudes et Reflexions d'un Psychiste", na qual afirma que, na Inglaterra, cerca de um adulto sobre dez vê fantasmas.

Nessa mesma obra, diz ele:

"Quando uma teoria vem, sem cessar, à discussão, todas as vezes que a crítica ortodoxa a enterra, ela reaparece cada vez mais sólida

e mais dura de acutilar, e podereis estar certo de que nela há uma parte de verdade..."

"Muitas vezes a ciência matou os Espíritos, como uma das muitas superstições populares e, entretanto, nunca nos falaram deles com tanta abundância nem com tão grande aparência de autenticidade."

Fontes: ABC do Espiritismo de Victor Ribas Carneiro

Dicionário Prático de Biografias - Editora Amazonas Ltda.

William Stainton Moses

Nascido a 5 de novembro de 1839, em Domington, Lincolnshire, Inglaterra, e desencarnado a 5 de setembro de 1892.

Seu pai, William Moses, era reitor da Escola de Gramática, e sua mãe era filha de Thomas Stainton d'Alford. O jovem William Stainton Moses iniciou os seus estudos sob a direção de seu pai e foi em seguida confiado a um professor particular que, maravilhado pelas suas aptidões, se empenhou fervorosamente com seu genitor para que enviasse o filho a uma escola pública. Em 1855, ingressou na Escola de Gramática de Bedford, onde estudou durante três anos, merecendo dos mestres os mais francos elogios, pois a par da

sua dedicação aos estudos revelava acendrado sentimento do dever. Após receber numerosos prêmios deixou essa escola.

De Bedford, Stainton Moses entrou para o "Exeter College", de Oxford, no ano de 1858. A sua vida de estudante foi digna dos maiores encômios, tendo mesmo adoecido gravemente devido ao demasiado apego às matérias escolares.

A fim de convalescer da enfermidade, viajou durante um ano pelo continente europeu e, na volta, passou seis meses no velho mosteiro grego do Monte Athos. A curiosidade e sobretudo uma grande necessidade de meditação e de isolamento o obrigaram a permanecer todo esse tempo no convento. Alguns anos após o seu mentor espiritual, conhecido por Imperator, explicou-lhe que desde essa época ele vinha sendo influenciado por entidades espirituais, interessadas em ajudar a sua educação espiritual...

Com 23 anos de idade, Stainton Moses voltou para Oxford. Ali, recebendo o diploma, deixou a Universidade em 1863. Embora estivesse desfrutando de melhor saúde, a necessidade de viver uma vida no campo, levou-o a aceitar um curato em Maughold, perto de Ramsay, Ilha de Man, permanecendo ali durante cinco anos, substituindo o reitor que, devido à sua idade avançada, não podia mais exercer essas funções. Isso levou Moses a exercer tarefa dupla.

Uma epidemia de varíola, que se manifestou nessa região, pôs em relevo a sua dedicação e intrepidez. Como não havia médico no lugar, o jovem, que tinha alguns conhecimentos de medicina, tratou dos corpos e das almas dos habitantes da região. Dia e noite ele se desdobrava, porém a epidemia progredia lentamente, fazendo com que ele além de pastor religioso se transformasse no médico e no coveiro daquele núcleo populacional. A sua extrema dedicação fez com que se tornasse ainda mais querido por parte dos seus paroquianos.

Entretanto, a sua saúde, que não podia suportar as obrigações impostas pela administração de duas paróquias, obrigou-o a procurar uma nova residência. Apesar de uma petição que lhe foi dirigida pelos habitantes do local, Stainton Moses retirou-se pesaroso, para ocupar em 1868, o curato de Saint- Georges, Douglas, Ilha de Man, onde caiu gravemente enfermo, sendo tratado pelo Dr. Stanhope Speers, que residia em Douglas com sua esposa, e que já não exercia a sua profissão.

Em setembro de 1869, abandonou o curato, deixando ali profunda impressão pela prédica e caridade praticadas. Decorridos alguns meses, nos quais exerceu funções eclesiásticas em Langton, e em um curato da diocese de Salisbury, uma moléstia da garganta obrigou-o a renunciar ao ministério.

Ao findar-se o ano de 1870, Stainton obteve um lugar de professor de inglês na University College School, cargo que ocupou até 1889. Em 1870 sua atenção foi atraída para o Espiritismo durante o Tempo em que residiu na casa do Dr. Speers em Londres. A esposa desse médico permaneceu enferma durante três semanas e, para distrair-se, lia o livro "Debatable Land" (Região em Litígio entre este mundo e o outro), de autoria de Dale Owen. Interessando-se intensamente por esse livro, logo que ela conseguiu reassumir o lugar na reunião de família, pediu a Stainton Moses para ler e procurar descobrir o que poderia haver de verdadeiro nos fatos que o autor narrava.

O Dr. Speers e Stainton Moses discutiam reiteradamente alguns pontos doutrinários da religião que professava, e como não estivessem muito satisfeitos com as doutrinas existentes, o Dr. Speers havia se tornado um materialista intransigente.

Em 1872, Stainton Moses começou a estudar o Espiritismo, a fim de cumprir a promessa formulada à Sra. Speers, tendo para tanto assistido a algumas sessões espíritas, principalmente uma que tinha como médium Lottie Towler. Numa sessão realizada na residência do casal Speers, tendo Stainton Moses como médium, todos se tornaram convictos da realidade da existência de Espíritos

comunicantes, consolidando assim a crença na imortalidade da alma.

Nessa época começou a desabrochar a mediunidade de Moses, que era dotado de um poder extraordinário. Nunca se produziram menos de dez espécies diferentes de manifestações no decurso das sessões realizadas por seu intermédio. Quando as condições eram favoráveis, as manifestações multiplicavam-se, as pancadas tornavam-se mais freqüentes, as luzes mais brilhantes e os sons musicais mais distintos.

Fenômenos maravilhosos produziram-se por seu intermédio: sons musicais, pancadas, clarões, balsamização do ambiente com perfumes diversos, passos pesados produzidos por um Espírito que se denominava "Rector", os quais estremeciam o ambiente, tilintar de campainhas, levitação de corpos pesados: mesas, cadeiras; transposição da matéria, fenômenos de voz-direta, além de uma variedade indescritível de fenômenos dos mais variados matizes.

Durante o período ativo da sua mediunidade, Stainton Moses ocupou-se assiduamente da formação de sociedades com o fim de estudar o Espiritismo. Contribuiu para a fundação da Associação Nacional Britânica dos Espiritualistas, em 1873, da Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha, em abril de 1875, da qual foi um dos primeiros membros do conselho; da Sociedade de Pesquisas

Psíquicas, em 1882 e finalmente da Aliança Espiritualista de Londres, da qual foi o primeiro presidente, cargo que exerceu até a sua desencarnação.

Além dessas atividades, dirigiu a revista Light, periódico de fundo espírita. Embora a sua faculdade mediúnica decrescesse de intensidade, ele conservou sempre a faculdade de psicografia.

Desde 1889, a sua saúde ficou bastante combalida, ataques sucessivos de influenza, minaram-lhe a constituição, que nunca fora robusta, causando a sua desencarnação.

A sua obra "Ensinos Espiritualistas" foi vertida para o português por Oscar D'Argonnel. Trata-se de uma obra que encerra uma série de ensinamentos ministrados pelo Espírito Imperator, e que Stainton Moses, que também usava o pseudônimo de A. Oxon, publicou, e que a Aliança Espiritualista de Londres, através do seu Conselho, fez publicar em edição comemorativa, prestando efusiva homenagem ao seu inolvidável fundador.

Em sua vida de relação, Stainton Moses era um homem cordato, justo, que sempre exercia julgamentos retos, modesto, sem vaidade, que jamais dirigia palavras ásperas aos seus detratores e

que, em resumo, possuía um conjunto de qualidades raras entre os homens.

William Thomas Stead

Nascido em Embleton, Nothumberland, Inglaterra, no dia 5 de julho de 1849, e desencarnado tragicamente na catástrofe ocorrida com o transatlântico “Titanic”, na noite de 14 para 15 de abril de 1912.

No início da década de 1910, nada era feito no sentido de fazer reportagens por ocasião dos grandes acontecimentos. Um notável jornalista, William Thomas Stead, teve a feliz idéia de começar esse gênero de publicidade, o que alcançou grande repercussão na Inglaterra. Por ocasião do lançamento do “Titanic”, o maior navio do mundo, o qual era reputado por insubmersível, tais as inovações nele introduzidas, e o sistema construtivo, esse famoso homem de imprensa foi convidado para fazer a reportagem de sua viagem inaugural, dando cobertura jornalística a tudo quanto acontecesse a bordo.

Sucedeu, no entanto que o navio bateu em cheio em enormes geleiras e, numa tentativa de resgate, ordenada pelo comandante, enorme rasgo abriu-se em seu casco, ocasionando o seu naufrágio na noite de 14 para 15 de abril de 1912. Entre as 1503 vítimas

estava William Thomas Stead. O infausto acontecimento encheu o mundo de consternação e o Espiritismo ficou privado do concurso valioso de um destacado homem de imprensa, homem esse que estava vivamente empenhado em divulgar as grandes verdades que havia constatado em seus trabalhos de pesquisa no campo da fenomenologia mediúnica.

Notável jornalista, escritor e publicista inglês, William Thomas Stead dedicou-se muito jovem a essa carreira. No ano de 1871, dirigiu o “Norhern Echo”, da cidade de Darlington, e nos anos de 1883 a 1889, dirigiu o “Pall Mall Gazette”. No ano de 1890, fundou a “Review of Rewies” e, em 1893 e 1894 lançou numerosas revistas do mesmo gênero, nos Estados Unidos e na Austrália. De 1893 a 1897, dirigiu o órgão espiritualista “Borderland”.

No ano de 1898 encetou uma visita à Rússia, onde foi recebido pelo Czar, dando então início à intensa luta em favor do pacifismo mundial, ideal que passou a defender, com todo o entusiasmo, através da palavra escrita e falada. No decurso da Conferência de Paz, realizada em Haia, no ano de 1899, Stead teve a oportunidade de visitar aquela cidade, dando início, logo após, na Inglaterra, a acirradas campanhas contra a guerra sul-africana, tendo em decorrência contraído muitas inimizades.

Trabalhou árdua e valorosamente no sentido de se estabelecer um tratado entre a Alemanha e a Inglaterra, propugnando para a concretização de uma Segunda conferência de paz, realizada posteriormente em Haia, na Holanda, onde, na qualidade de correspondente, publicou o “Correio da Conferência de Paz”.

Era notável a facilidade com que escrevia seus artigos, os quais invariavelmente portavam cunho sensacionalista. Nos seguintes livros, de sua autoria, podem ser observados a vivacidade e o empenho com que tratava os temas que desejava abordar: “A verdade sobre a Rússia” (1888) , “O Cristo viesse a Chicago” (1893), “A Guerra do Trabalho nos Estados Unidos” (1894), “O mundo invisível de Satã” (1897) , “Os Estados Unidos da Europa” (1899), “Estudos sobre Mrs. Booth” (1900), “A Americanização do Mundo” (1902), além de muitos outros.

O “Rei dos jornalistas”, e mais do que isso – o “Imperador”, esse foi o título elogioso que recebeu do “Cri de Paris”, em janeiro de 1907, quatro meses antes da realização da famosa Conferência de Haia.

Quando estava no apogeu de sua carreira de escritor e jornalista, alguns anos antes de sua desencarnação, deixou cheios de admiração a Inglaterra e o mundo científico, com a sua confissão de que estava plenamente convicto da existência do mundo dos espíritos, isso pelo fato de ter recebido, através de sua própria

mediunidade, uma série de comunicações espíritas, atribuídas ao espírito de Júlia, as quais foram posteriormente publicadas num livro que alcançou grande repercussão, denominado “Cartas de Júlia”. Dizia ele então: “Todas as “Cartas de Júlia”, foram recebidas por mim mesmo. Estando sozinho, sentado e com ânimo tranqüilo, colocava conscientemente minha mão direita, na qual tinha uma caneta, à disposição de Júlia e observava com vivo interesse tudo quanto ela escrevia. Posso admitir, conforme afirmam meus detratores, que as “Cartas de Júlia” tenham sido simplesmente escritas pelo meu “eu” subconsciente, isso não rebaixaria em nada a verdade, nem diminuiria a força dessa eloqüente e comovedora prova em favor da vida superior. Quanto desejaria que o meu “eu” consciente pudesse escrever tão bem!”

No ano de 1895, respondendo a uma indagação do “Morning Advertiser”, de Nova Iorque, que lhe perguntava por que acreditava na imortalidade, ele assim respondeu: “Só o Eterno pode afirmar ou negar a imortalidade. Se vos compreendo bem, não se trata aqui da imortalidade da alma, mas sim da persistência da entidade individual, após a dissolução do corpo por cujo intermédio essa entidade se manifestava durante a sua vida terrena. Aí está uma questão muito mais simples, a que posso responder sem hesitar e sem receio.

Eu não seria verdadeiro, se dissesse que creio na persistência do indivíduo após a morte, por ter observado fenômenos ditos espíritas; muito tempo antes eu aceitava esse fato. Submeti, depois, a minha crença à prova de uma demonstração experimental. E se outrora dizia: eu creio, hoje digo, eu sei. Não há uma grande diferença?”

William Thomas Stead foi grande amigo do nosso grande Ruy Barbosa. Consta que, na noite do naufrágio do “Titanic”, os familiares desse grande político brasileiro, estando reunidos numa sessão de experimentação mediúnica em Poços de Caldas, receberam a informação de que o famoso jornalista havia desencarnado, notícia que Ruy recebeu com surpresa e com bastante naturalidade, quando um dos membros de sua família lhe comunicou. O velho político reconheceu na mensagem, de forma surpreendente, o estilo de Stead.

Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy. Personagens do Espiritismo. Edições FEESP.

**Yvonne do Amaral
Pereira**

Yvonne do Amaral Pereira nasceu na antiga Vila de Santa Tereza de Valença (Nasceu no Rio de Janeiro em 24-12-1900, desencarnou no Rio de Janeiro em 09-03-1984), hoje Rio das Flores, sul do estado do Rio de Janeiro, às 6 horas da manhã. O pai, um pequeno negociante, Manoel José Pereira Filho e a mãe Elizabeth do Amaral Pereira. Teve 5 irmãos mais moços e um mais velho, filho do primeiro casamento da mãe.

Aos 29 dias de nascida, depois de um acesso de tosse, sobreveio uma sufocação que a deixou como morta (catalepsia ou morte aparente). O fenômeno foi fruto dos muitos complexos que carregava no espírito, já que, na última existência terrestre, morrera afogada por suicídio. Durante 6 horas permaneceu nesse estado. O médico e o farmacêutico atestaram morte por sufocação. O velório foi preparado. A suposta defunta foi vestida com grinalda e vestido branco e azul. O caixãozinho branco foi encomendado. A mãe se retirou a um aposento, onde fez uma sincera e fervorosa prece a Maria de Nazaré, pedindo para que a situação fosse definida, pois, não acreditava que a filha estivesse morta. Instantes depois, a criança acorda aos prantos. Todos os preparativos foram desfeitos. O funeral foi cancelado e a vida seguiu seu curso normal.

O pai, generoso de coração, desinteressado dos bens materiais, entrou em falência por três vezes, pois favorecia os fregueses em prejuízo próprio. Mais tarde, tornou-se funcionário público, cargo

que ocupou até sua desencarnação, em 1935. O lar sempre foi pobre o modesto, conheceu dificuldades inerentes ao seu estado social, o que, segundo ela, a beneficiou muito, pois bem cedo alheou-se das vaidades mundanas e compreendeu as necessidades do próximo. O exemplo de conduta dos pais teve influência capital no futuro comportamento da médium. Era comum albergar na casa pessoas necessitadas e mendigos.

Aos 4 anos já se comunicava audio-visualmente com os espíritos, aos quais considerava pessoas normais encarnadas. Duas entidades eram particularmente caras: O espírito Charles, a quem considerava pai terreno real, devido a lembranças vivas de uma encarnação passada, em que este espírito fora seu pai carnal. Charles, o espírito elevado, foi seu orientador durante toda a sua vida e atividade mediúnica. O espírito Roberto de Canalejas, que foi médico espanhol em meados do século XIX era a outra entidade pela qual nutria um profundo afeto e com a qual tinha ligações espirituais de longa data e dívidas a saldar. Mais tarde, na vida adulta, manteria contatos mediúnicos regulares com outras entidades não menos evoluídas, como o Dr. Bezerra de Menezes, Camilo Castelo Branco, Frederic Chopin e outras.

Aos 8 anos repetiu-se o fenômeno de catalepsia, associado a desprendimento parcial. Aconteceu à noite e a visão que teve, a marcou pelo resto da vida. Em espírito, foi parar ante uma imagem

do “Senhor dos Passos”, na igreja que freqüentava. Pedia socorro, pois sofria muito. A imagem, então, cobrando vida, lhe dirigiu as seguintes palavras: “Vem comigo minha filha, será o único recurso que terás para suportar os sofrimentos que te esperam”, aceitou a mão que lhe era estendida, subiu os degraus e não lembra de mais nada.

De fato, Yvonne Pereira foi uma criança infeliz. Vivia acoçada por uma imensa saudade do ambiente familiar que tivera na sua última encarnação na Espanha e que lembrava com extraordinária clareza. Considerava seus familiares, principalmente seu pai e irmãos, como estranhos. A casa, a cidade onde morava, eram totalmente estranhas. Para ela, o pai verdadeiro era o espírito Charles e a casa, a da Espanha. Esses sentimentos desencontrados e o afloramento das faculdades mediúnicas, faziam com que tivesse comportamento considerado anormal por seus familiares. Por esse motivo, até os dez anos, passou a maior parte do tempo na casa da avó paterna.

O seu lar era espírita. Aos 8 anos teve o primeiro contato com um livro espírita. Aos 12, o pai deu-lhe de presente “O Evangelho segundo o Espiritismo” e o “Livro dos Espíritos”, que a acompanharam pelo resto da vida, sendo a sua leitura repetida, um bálsamo nas horas difíceis. Aos 13 anos começou a freqüentar as sessões práticas de Espiritismo, que muito a encantavam, pois via os espíritos comunicantes. Teve como instrução escolar o curso

primário. Não pode, por motivos econômicos, fazer outros cursos, o que representou uma grande provação para ela, pois amava o estudo e a leitura. Desde cedo teve que trabalhar para o seu próprio sustento, e o fez com a costura, bordado, rendas, flores, etc... A educação patriarcal que recebeu, fez com que vivesse afastada do mundo. Isto, por um lado, favoreceu o desenvolvimento e recolhimento mediúnico, mas por outro, a tornou excessivamente tímida e triste.

Como já vimos, a mediunidade apresentou-se nos primeiros dias de vida terrena, através do fenômeno de catalepsia, vindo a ser este, um fenômeno comum na sua vida a partir dos 16 anos. A maior parte das reportagens de além-túmulo, dos romances, das crônicas e contos relatados por Yvonne Pereira, foram coletados no mundo espiritual através deste processo, na hora do sono reparador. A sua mediunidade, porém, foi diversificada. Foi médium psicógrafo e receitista (Homeopatia) assistida por entidades de grande elevação, como Bezerra de Menezes, Charles, Roberto de Canalejas, Bittencourt Sampaio. Praticou a mediunidade de incorporação e passista. Possuía mediunidade de efeitos físicos, chegando a realizar algumas sessões de materialização, mas nunca sentiu atração por esta modalidade mediúnica.

Os trabalhos, no campo da mediunidade, que mais gostava de fazer eram os de desdobramento, incorporação e receituário. Como foi

dito, através do desdobramento noturno que Yvonne Pereira navegava através do mundo espiritual, amparada por seus orientadores, coletando as crônicas, contos e romances com os quais hoje nos deleitamos. Como médium psicofônico, pode entrar em contato com obsessores, obsidiados, e suicidas, aos quais, devotava um carinho especial, sendo que muitos deles tornaram-se espíritos amigos. No receituário homeopático trabalhou em diversos centros espíritas de várias cidades em que morou durante os 54 anos de atividade. Foi uma médium independente, que não se submetia aos entraves burocráticos que alguns centros exercem sobre seus trabalhadores, seguia sempre a “Igreja do Alto” e com ela exercia a caridade a qualquer hora e a qualquer dia em que fosse procurada pelos sofredores.

Foi uma esperantista convicta e trabalhou arduamente na sua propaganda e difusão, através de correspondência que mantinha com outros esperantistas, tanto no Brasil, quanto no exterior. Desde muito pequena cultivou o estudo e a boa leitura. Aos 16 anos já tinha lido obras dos grandes autores como Goethe, Bernardo Guimarães, José de Alencar, Alexandre Herculano, Arthur Conan Doyle e outros. Escreveu muitos artigos publicados em jornais populares. Todos foram perdidos. A obra mediúnica de Yvonne Pereira consta de 20 livros.

Jornal Macaé Espírita - Nº 289/290 - Janeiro e Fevereiro de 2000

Zilda Gama

Zilda Gama foi uma das mais celebradas médiuns do Brasil. Nasceu em 11 de março de 1878, em Três Ilhas, Município de Juiz de Fora - MG, e desencarnou em 10 de janeiro de 1969, no Rio de Janeiro - RJ. Zilda Gama viveu quase 91 anos, tornando-se paradigma para todos os que encaram a mediunidade como sacerdócio lídimo e autêntico.

Incontestavelmente, os grandes medianeiros que têm servido de ponte entre os mundos material e espiritual, no trabalho meritório de descortinar novos horizontes para a conturbada humanidade terrena, foram missionários, podendo-se mesmo afiançar que na constelação dos médiuns que brilharam na Terra, prodigalizando aos homens novos conhecimentos e preparando o terreno para a implantação da verdade, Zilda Gama brilhou de modo fulgurante, cabendo-lhe uma posição das mais proeminentes.

Ainda jovem, com apenas 24 anos, ficou órfã dos pais, tendo que assumir a direção da casa, cuidando de cinco irmãos menores e posteriormente de outros cinco sobrinhos órfãos. Foi professora e diretora de escola, sendo agraciada em concursos promovidos pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. Em 1931, quando no Brasil houve intenso movimento em prol dos direitos femininos, Zilda

Gama foi autora da tese sobre o voto feminino, no Congresso. Essa tese foi aprovada oficialmente.

Escreveu contos e poesias para vários jornais, destacando-se o "Jornal do Brasil", a "Gazeta de Notícias" e a "Revista da Semana", todos da antiga capital federal. Ainda jovem, Zilda Gama começou a perceber a presença dos Espíritos. Recebeu mediunicamente mensagens de seu pai e de sua irmã, já desencarnados, que a aconselhavam e a consolavam nos momentos de provações difíceis pelos quais estava passando.

Em 1912 recebeu interessante mensagem assinada por Allan Kardec. Após essa manifestação, o Codificador propiciou-lhe outros ensinamentos, os quais foram impressos no livro "Diário dos Invisíveis", publicado em 1929.

Em 1916 os Benfeitores informaram-lhe que passaria a psicografar uma novela, fato que a deixou bastante perplexa. O Espírito Victor Hugo passou, então a escrever por seu intermédio. Dentro de pouco tempo, a primeira obra "Na Sombra e na Luz" estava completa. Posteriormente, sob a tutela do mesmo Espírito, vieram os livros "Do Calvário ao Infinito", "Redenção", "Dor Suprema" e "Almas Crucificadas", todas publicadas pela FEB.

Os livros mediúnicos de Zilda Gama fizeram época na literatura espírita, além de terem o mérito de suavizar muitas dores e estancar muitas lágrimas. Foi a pioneira, no Brasil, a receber tão vasta literatura do mundo espiritual.

Outras publicações foram produzidas pela sua mediunidade: "Solar de Apolo", "Na Seara Bendita", "Na Cruzada do Mestre" e "Elegias Douradas". Didata por excelência, organizou os seguintes livros: "O Livro das Crianças", "Os Garotinhos", "O Manual das Professoras" e "O Pensamento". Não obstante as grandes lutas morais que teve que sustentar, Zilda Gama se constituiu na orientadora de muitas criaturas.

Em 1959, após sofrer derrame cerebral, viveu numa cadeira de rodas, assistida pelo sobrinho Mário Ângelo de Pinho, que lhe fazia companhia. Zilda Gama, alma de escol, dedicou toda sua longa existência ao propósito de difundir no Brasil a Consoladora Doutrina dos Espíritos.

Livro Personagens do Espiritismo, de Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy .